HAVIEN

ÁLVARO NASCIMENTO VIEIRA

Amplitudo.com.br

AGRADECIMENTOS

Ralph Waldo Emerson disse, certa vez: "Todo homem que encontro é superior a mim em alguma coisa. E nesse particular eu aprendo com ele.".

Agradeço, portanto, a todos os que cruzaram o meu caminho, sem qualquer exceção.

Esse livro apoia o Amplitudo (amplitudo.com.br).

Esse livro é apoiado pelo Amplitudo.

E a razão dessa repetição é fazer com que você queira acessar o site.

:-)

AVISO

GUIA DE PRONÚNCIA

(em ordem narrativa)

HAVIEN	Hêi-vien
KEDDER	Ké-der
ANTHGON	Énth-gon
SORIOM	Só-riom
BORGHUS	Bór-gus
MADDAGHI	Ma-dá-gui
SAKHRIS	Sá-kris
DOMMIN	Dô-min
FRIDAH	Frí-da
FIRGHAN	Fír-gan
HOSHORN	Hôus-horn
KAHLZANG	Kal-zâng
KHALI	Ká-li
DRAHAK	Dra-ák
YAVOG	Ia-vóg
YUTI	I-ú-ti
UDDA	U-dá

UDDAGARY	U-da-gá-ri
SAMYA	Sa-mía
KAJIVA	Ka-jí-va
ARKAH	Ár-ka
KAMAHKAM	Ká-ma-kam
SARINA	Sa-rí-na
SINDAGARY	Sin-da-gá-ri
UNUTS	Ú-nuts
LEYNAH	Lí-na
MAILYAH	Mai-lí-a
AYTILLA	Ai-tí-la
TCHI-TAH	Tchí-ta
HERIÁTOLES	E-ri-á-to-les
ABH-RUGHA	Ab-rú-ga
KOPFAH	Kóp-fa
IGNUSS	Íg-nus
SOLLUM	Só-lum
BRETH	Breth
NAUTIAH	Nó-sha
HAKKAH DOSH	Á-ka Dosh
LOTAKAM	Ló-ta-kam

SUMÁRIO

01 - FIM....7
02 - ESCASSEZ DE ALIMENTOS....8
03 - QUESTIONAMENTOS DO PRÍNCIPE....10
04 - VIAGEM....12
05 - MADDAGHI....18
06 - DOMMIN....33
07 - MONTANHAS E VALES....54
08 - CONHECENDO OS YAVOGS....66
09 - A FESTA....77
10 - GAYA....87
11 - PÂNTANOS E DESERTOS....102
12 - PROBLEMAS EM UDDA....120
13 - MORTE....133
14 - A PROFECIA....145
15 - UMA HISTÓRIA DE AMOR....146
16 - O CASAMENTO DE BORGHUS....152
17 - O MASCATE....160
18 - SORIOM E ANTHGON....167
19 - CURIOSO ENCONTRO....175
20 - SUCESSÃO REAL....179
21 - SEGREDOS....187
22 - A ASCENSÃO DE AYTILLA....195
23 - HAVIEN....208
24 - AINDA É POUCO....209
25 - ANTHGON ENDURECE....217
26 - O NASCIMENTO DE KEDDER....231
27 - O PRATO FRIO....241
28 - KAMAHKAM....247
29 - ALVOROÇO NA CORTE....266
30 - SONHOS SE REALIZAM....274
31 - A VÉSPERA....281
32 - O GRANDE DIA....292
33 - INÍCIO....311

– Você precisa aceitar, Kedder. Já conversamos sobre isto. Você é um aprendiz ainda e aceitar a sua condição é uma das coisas que deve aprender. Já sabe de suas obrigações. É preciso seguir a tradição.

– Mas tem que haver um outro jeito – lamentou o príncipe – e eu preciso encontrá-lo. Temos que colocar um fim nisto!

– Kedder, já chega! – disse Anthgon, impaciente – Você sabe que não há outro jeito. Não sou eu quem diz isso, é a tradição. Você precisa matar o seu pai.

01

- FIM -

02

- ESCASSEZ DE ALIMENTOS -

O reino da Sindávia enfrentava uma forte crise que, como nunca antes, trouxe períodos marcados por intensas alterações climáticas, doenças e escassez de alimentos. As razões não passavam de suposições para a maioria, mas, para aqueles que possuíam um maior conhecimento acerca de importantes fatos do passado, esta crise era o sinal de grandes transformações. Soriom, o rei, era um destes. Anthgon, seu cavaleiro e comandante do exército, também. Todos aqueles que conheciam o antigo documento sabiam que, mais cedo ou mais tarde, teriam de enfrentar uma grande guerra. E se a longa crise parecia difícil de suportar, mais terrível era pensar no que traria o seu fim. Assim dizia o texto: “O agente da revolução destrói um reinado para edificar outro.”. Os sinais indicavam que o tempo estava próximo. Poderia acontecer a qualquer dia, a qualquer momento e o exército se mantinha preparado para a constante ameaça. Por vezes, o excessivo treinamento era motivo de discórdias, afinal, os homens treinavam para combater um inimigo que ainda não existia. Era uma situação delicada. Anthgon, como chefe do exército, defendia a manutenção dessa postura. O rei, apesar de concordar com ele, não podia deixar de perceber o quanto isto onerava as contas do castelo e, em um período de crise, tudo é sempre revisto.

Algumas providências, entretanto, pareciam ter surtido efeito equilibrador. Não por coincidência chamava-se Lei do Equilíbrio uma determinação que, apesar de dura, visava proteger os que possuíam esperanças de sobreviver à crise. Além disso, um grande hospital fora construído no intuito de recuperar os que se mostravam improdutivos devido a alguma moléstia ou deficiência. Essas duas medidas pareciam ter sido a grande salvação da Sindávia. Desta

forma, a escassez era, se não revertida, ao menos amenizada e os habitantes do castelo, de fato, apenas eles não sentiam perturbações. E se quem está no poder não se ressente, o sofrimento dos outros tem diminuta importância. Isto quando consegue ser percebido.

* * *

– Não sei. Penso que este momento já passou...

– Ei, você sempre foi meu companheiro. Não pretende desistir agora, pretende?

– Você não pensa que estamos muito velhos?

– Se estamos velhos? Não sei dizer. O que sei é que não estamos mortos. Esta é a maior oportunidade que já tivemos. O príncipe fraco não é só fraco. Ele é uma besta! Um frouxo! Quando Soriom estiver morto, Kedder será uma presa fácil. Mesmo os que hoje apoiam o rei também não acreditam que o príncipe conseguirá governar com essas ideias.

– Bem, isto é verdade. Ele não parece ter aliados.

– Não parece porque não tem! E essa é a nossa vantagem. Mas não agora! Ah, agora não... Soriom poderia atrapalhar. Vamos aguardar até a sucessão.

03

- QUESTIONAMENTOS DO PRÍNCIPE -

Como se já não fossem muitos os problemas que assolavam o reino, Soriom ainda enfrentava outro desafio. Seu filho, o príncipe Kedder, recusava-se a seguir uma antiga tradição e isso, na opinião de muitos, poderia agravar a situação da Sindávia. O próprio rei já experimentara o amargo sabor destinado àqueles que tentam contrariar as regras. A postura de Kedder era compreensível, mas estava se prolongando demais. Todos os príncipes começavam por questionar a tradição, mas, ao final, acabavam por segui-la. Kedder, entretanto, mantinha-se questionador. Não aceitava ter que matar o próprio pai para assumir o trono. E a urgência de uma resolução, neste caso, residia em dois fatores. Soriom tivera seu filho tardiamente. Como consequência, era um rei velho desejoso de logo transferir seu trono para o príncipe. Havia também o problema da idade de Kedder. Usualmente, a posse ocorria quando o príncipe completasse vinte e cinco anos. Kedder, já com vinte e seis, não demonstrava sequer sinais de que mudaria de opinião. Vez por outra, vinha ele, reclamando:

– Pai, estava falando com tio Anthgon. Ele insiste em discutir comigo...

– Bem, isso é porque você insiste em discutir com ele – respondeu Soriom – E, se estou certo sobre o assunto, nem preciso dizer que ele tem razão, preciso? Certamente, você falava sobre a sucessão.

– Eu não entendo – indignou-se Kedder – Anthgon é como se fosse um irmão para você. Você mesmo diz isso, sempre falando tão bem dele. Mas e ele?

– O que tem ele, Kedder?

– Se ele realmente se preocupasse com você, tentaria encontrar um jeito de mudar isso...

– Filho, entenda. Certas coisas estão acima de nossas vontades. Anthgon sempre foi um grande aliado, desde que éramos crianças e brincávamos juntos. Há muito da história que você não conhece, mas sabe que sempre pude contar com ele para tudo. Nem sei dizer se teríamos chegado até aqui, em meio a toda esta crise, não fosse pelo auxílio dele.

– Mas é por isso que ele deveria...

– Kedder, o que você não entende – continuou Soriom – é que Anthgon não deseja o meu mal. Nem ele, nem ninguém. Bem, assim eu espero. O que você está pensando como um desejo particular não o é. Não se trata de pessoas querendo que o rei Soriom seja morto, mas, sim, que a tradição seja mantida e que o príncipe Kedder seja coroado. A morte de um rei para a posse de outro é algo mais que comum. É esperado pelas pessoas e, por isso, deve ser respeitado.

– Entendo o que você quer dizer, pai, mas pense comigo desta maneira. E se a tradição estiver errada? E se tudo o que vem sendo feito até agora for a causa da crise, e não a solução para ela?

Soriom se lembrou de quando era ele quem estava no lugar do filho. As indagações eram as mesmas. Ele havia se eximido da responsabilidade de matar seu pai, mas, por acreditar que esta fora a grande causa dos problemas pelos quais passavam, tentava corrigir o erro pelas mãos do filho. O rei se perguntava se não seria o momento de revelar o segredo de sua coroação.

– Sua reação é natural, Kedder. Todos temos nossos momentos de dúvida. Você está tendo as mesmas atitudes que eu tive na sua idade.

– Bem, então você não pode me culpar – contrapôs o príncipe.

– Culpar, não, mas posso aconselhá-lo. Eu já passei por tudo isso, tenho mais idade e mais experiência. Sei que você é bastante inteligente, Kedder, mas se deseja ser um verdadeiro mestre algum dia, deve aprender com os que vieram antes. Você deverá seguir a tradição ou os problemas da Sindávia jamais se resolverão.

– Por quê?

– Kedder, são muitos motivos. Comecemos pelo povo. Existe uma multidão lá fora que aguarda uma demonstração de força. Lembre-se de que as pessoas já o consideram um pr...

– Sim, um príncipe fraco – completou Kedder – Já o ouvi pelos corredores. Sou fraco porque penso, não é, pai? Porque questiono... Se eles querem um príncipe forte, por que não sugerem um lenhador Yavog para ocupar o trono?

– Não é a essa força que se referem, Kedder, mas à coragem, à resolução do príncipe. Analise sua situação. Com sua idade, qualquer outro antes de você já era rei há um ano. Você insiste em questionar a tradição, mas, enquanto isso, o tempo está passando. Eu estou velho, como pode ver. As pessoas desejam um príncipe decidido e, enquanto não virem isso em você, continuarão falando...

Anthgon entrou na sala.

– E se perguntássemos a eles? – sugeriu Kedder.

– Perguntássemos o quê? – indagou Soriom.

– Ora, perguntássemos a respeito de tudo isso. É possível que a ideia que temos de nosso povo também esteja errada. Podemos estar supondo que eles desejam isto ou aquilo, mas, na verdade, se conversássemos com as pessoas...

– Kedder! – interrompeu Anthgon – Suas ideias! Como são férteis e numerosas! Tenha em mente, no entanto, que, se elas são

muitas, você é apenas um, meu jovem monarca. E, quando for rei, também será um só. Não há a menor possibilidade de você dialogar com uma turba de ignorantes e convencê-los. Sendo um só, você precisa manter o controle sobre eles e, por isso, deve lhes dizer não o que você acredita ser correto, mas o que sabe que eles desejam ouvir. Assim, você evita problemas. O povo pode ser traiçoeiro. Mesmo que você conseguisse este impossível que está pretendendo hoje, basta alguma coisa aborrecer seus queridos súditos para que eles se voltem contra você amanhã.

O príncipe não respondeu. Apenas olhou para seu pai, que, levantando as sobrancelhas e inclinando levemente a cabeça para o lado, pareceu concordar. De fato, na opinião de Kedder, Anthgon parecia ter alguma razão. Suas palavras eram sensatas, aliás, como sempre, e faziam muito sentido. O que incomodava o príncipe, e isto fortemente, é que a demonstração de força precisasse ser algo tão agressivo quanto matar o próprio pai. Para não prolongar a discussão ainda mais, Kedder pareceu resignar-se, dando um suspiro e deixando a sala como que vencido pelos argumentos de Soriom e Anthgon.

– Você acredita que ele vai conseguir? – perguntou o rei a Anthgon.

– Estou certo que sim, Soriom. Ele só está passando pela fase crítica da dúvida. Lembre-se de que...

Anthgon se deteve para verificar se estava sozinho com o rei. Foi até a porta e a fechou.

– Lembre-se de que você mesmo passou por isso, Soriom, e suas medidas foram ainda mais ousadas.

– Sim, e é disso que tenho medo. Já me sinto muito responsável pelo que aconteceu à Sindávia durante todo este tempo. Não queria que Kedder carregasse essa responsabilidade mais adiante.

– Ei, não pense nisso! – advertiu Anthgon – Em primeiro lugar, estou aqui para ajudá-lo. Durante os vinte e seis anos desse seu menino, e mesmo antes dele nascer, sempre arranjamos um jeito, não foi? Não se lembra?

– Sim, graças a você, amigo.

– Não, graças a nós dois, Soriom! Ora, graças a nós dois! Você é o rei! E, em segundo lugar, sei que Kedder vai conseguir. Ele só está precisando de um tempo a mais para organizar suas ideias.

– Acredito que não. Já houve tempo suficiente. O que ele precisa é de uma forte compreensão de sua responsabilidade. Ele precisa ver as coisas como elas são na realidade. Já sei o que vou fazer.

Anthgon ouviu o plano de Soriom para o príncipe.

– Diga-me, Anthgon, qual a sua opinião?

– Eu não havia pensado nisto, Soriom, mas não tenho como criticar sua ideia. Parece-me algo bom. Vai atrasar em mais um ano, porém, a sucessão.

– Não me importo. Se Kedder ficar aqui, vai continuar indeciso, talvez por tempo ainda maior. Façamos assim. Vamos fixar uma data para a sucessão e mandá-lo à viagem. Só quero que retorne quando a data estiver próxima. Quero que volte renovado, encorajado. Ele precisa conhecer os problemas de perto para perceber que seus interesses não podem estar acima dos interesses da Sindávia.

– Se é a sua decisão, majestade – gracejou Anthgon, simulando um desnecessário cumprimento cerimonioso.

– Sim, é minha decisão. Agora, tratarei de convencê-lo. Talvez a história de Borghus possa ajudar a impressioná-lo.

04

- VIAGEM -

– Êxule! É isso o que você será se continuar com essas ideias! Você será um príncipe exilado, Kedder, se tiver sorte de não morrer antes disso – disse Soriom a seu filho, firmemente.

O príncipe insistia que algo diferente poderia ser feito. Soriom continuou:

– Você nunca ouviu falar sobre o que já aconteceu no passado quando um príncipe insistiu em contrariar a tradição? O rei precisou nomear outro herdeiro, um sobrinho, por exemplo, para que a cerimônia fosse repetida um ano depois. Nessas circunstâncias, o príncipe era, normalmente, morto pela população enfurecida, quando não por alguém da corte. Imagine! Alguém de dentro do castelo!

– Pai, já falamos sobre isso e eu não quero discutir de novo – disse Kedder, impaciente, ameaçando levantar-se para deixar o quarto.

– Não se trata de discussão, Kedder. Muito já falamos sobre esse assunto e você já me deixou clara a sua opinião. Não o chamei aqui para ouvi-la outra vez.

– Então para quê? – perguntou o príncipe.

– Para mostrar que, independente de concordar ou não, você terá que proceder no dia da solenidade de posse como rege a tradição. E antes que pense em argumentar, ouça com atenção, pois o que revelarei agora é muito importante. Trata-se de um segredo, o segredo que melhor guardei durante toda a minha vida, e do qual ela mesmo dependia, assim como dependia a sua e a de toda a nossa família.

Kedder se sentou em uma cadeira próxima à cama de seu pai.

– Muitas vezes você me perguntou como eu tive coragem de matar meu pai quando da minha vez de assumir o trono. Você se lembra? – perguntou o rei.

– Sim, eu me lembro. Você disse que a responsabilidade de um rei era a maior de todo o reino e que, fosse qual fosse o desafio, os interesses do reino sempre deveriam estar acima dos interesses particulares do rei.

– Exato. Acima, inclusive, do interesse do rei em preservar sua própria vida. É por isso que um rei precisa ir às batalhas, pois quem luta prioriza o interesse do reino, enquanto o que procura se salvar prioriza apenas o seu próprio interesse.

Kedder acenou com a cabeça, concordando.

– O rei – prosseguiu Soriom – também precisa mostrar ao seu povo que é capaz de colocar o reino acima de sua própria família e, por isso, para um verdadeiro rei não deve ser difícil matar seu próprio p...

– Perdoe-me, pai – interrompeu o príncipe – mas não estamos tendo a mesma conversa novamente? Sei que, chegado o momento, esta é uma atribuição do príncipe que deseja se tornar rei. Sei que é a suprema demonstração da dedicação do rei ao povo. Sei de tudo isso e também sei que o senhor conseguiu cumprir com essa obrigação. Mas eu não me vejo capaz.

– Não, meu filho, eu não consegui – admitiu o rei – e esse é o segredo que eu desejo lhe contar.

O príncipe arregalou os olhos e, por alguns instantes, nada disse.

– Foi tudo uma farsa, filho, o maior erro que cometi. Coloquei meu próprio interesse acima dos interesses do reino. E estou certo de que muitos problemas que hoje vivemos têm como causa essa minha atitude impensada e egoísta.

Kedder se ajeitou na cadeira, preparando-se para ouvir uma longa história. Porém, mais do que extensa, seria uma história que o convenceria, finalmente, de seu importante papel como rei.

– Certa vez, quando ainda seu avô era rei, um homem tentou se passar por ele para ordenar a transferência de determinadas terras distantes. Uma transferência simples, de um dono para outro. Mas isso só era possível através de herança ou da determinação real. Houve falsificação de documentos e a transferência chegou a ser oficializada. Não sei como essas coisas são possíveis, mas o desgraçado era idêntico ao seu avô! Mesmo assim, descobriram a farsa. Um habitante de um vilarejo próximo à região tinha ouvido dizer que, no mesmo dia em que o rei estivera ali para promover a transferência das terras, uma outra cerimônia, esta dentro do castelo, também teria sido realizada, na mesma tarde, pelo rei, o verdadeiro, o rei Borghus, seu avô.

– E o que aconteceu? – perguntou Kedder, visivelmente espantado.

– Este homem, o morador do vilarejo, contou o que tinha descoberto a um cavaleiro da guarda. O cavaleiro, a princípio, não lhe deu ouvidos, mas depois pensou que, caso a denúncia do homem fosse verdadeira, alguma vantagem poderia advir dali. Você sabe que um cavaleiro que descobre algum crime contra o rei ganha prestígio, quando não uma promoção. E a promoção de um cavaleiro sempre está associada a algumas moedas a mais. Assim, ele combinou com o morador que contaria a história como se ele mesmo a tivesse descoberto. O dinheiro, então, seria repartido entre os dois.

– O rei precisa priorizar os interesses de seu povo frente aos seus próprios – interrompeu o príncipe – Em contrapartida, o povo... Não deveríamos esperar que, por lealdade ao rei, qualquer um dos dois, morador ou cavaleiro, ao se inteirar da situação, deveria

imediatamente se apressar em comunicar o ocorrido em vez de ficar tramando meios de ganhar dinheiro com a farsa alheia?

– Ah, filho... Enquanto houver algo sobre o que se possa dizer "Isto é meu!", o dinheiro será a mais alta voz na maioria dos diálogos – concluiu, tristemente, o rei Soriom.

– Mas ainda não entendo a relação entre a farsa deste homem e a do senhor.

Soriom baixou a cabeça. Sentia-se envergonhado por sua fraqueza e, a partir daquele momento, teria alguém além de si mesmo para cobrá-lo por sua atitude.

– Perdoe-me, pai – retratou-se o príncipe – eu não quis...

– Ofender-me? Não se preocupe, meu filho, você não me ofende. A minha covardia é quem me ofende. Você pode chamar de farsa porque foi exatamente o que ocorreu. E eu não posso negar, apesar de me envergonhar.

Kedder nada disse e, respeitosamente, aguardou que seu pai continuasse.

– Você sabe que crimes contra o rei são sempre punidos com a morte e o homem que autorizou a transferência das terras, após capturado, foi imediatamente enviado para a masmorra do castelo até que seu dia chegasse.

– Eu conheço essa parte. Tio Anthgon me contou uma vez. No primeiro dia como rei da Sindávia, o senhor libertou esse prisioneiro! Ninguém conseguiu compreender essa atitude, mas o argumento, apesar de inusitado, não teve como ser refutado. Como o crime havia sido cometido contra um rei que não existia mais, aquele homem não era mais um inimigo do rei.

– Aquele homem – ressaltou Soriom – jamais fora um inimigo do rei. E eu mataria a mim mesmo dez vezes antes de atentar contra aquela vida.

Kedder pôs as duas mãos sobre os olhos e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. Começava a entender.

– O senhor trocou os dois...

– Na véspera da solenidade de posse – concluiu Soriom.

– Então – Kedder perguntou – meu avô está vivo?

– Não, meu filho. E essa foi a grande lição que pude tirar de tudo isso. As leis existem por uma determinada razão e não é com uma demonstração de fraqueza que conseguimos alterá-las.

– Não entendo. O senhor conseguiu se tornar rei sem matar o seu pai. Isso não foi uma vitória? – inquiriu o príncipe.

– Foi uma vitória baseada em uma mentira, Kedder, e estas são mais terríveis que as derrotas! A derrota começa vagarosamente a abandoná-lo no instante seguinte à sua ocorrência. É possível até mesmo desaparecer por completo um dia. Mas a vitória baseada em uma mentira o persegue por toda a vida, meu filho. Por toda a vida!

– Mas o que aconteceu com meu avô?

– Seu avô havia me prevenido de que essa atitude seria o princípio de uma série de problemas para o reino. Se eu não fosse capaz de demonstrar força nesse momento, não o seria nunca mais e, dessa forma, tornaria o reino vulnerável. Isso seria uma ameaça para a paz na Sindávia, pois faria nascer no seio do povo a ideia de derrubar o fraco rei Soriom e tomar o poder.

– Mas isto não aconteceu – replicou o príncipe.

– Porque tive uma grande sorte em minha vida, Kedder e essa sorte se deu no dia em que conheci Anthgon. Vi que ele poderia ser de grande utilidade em meu reinado e fiz dele meu maior aliado. Creio jamais ter tido uma atitude tão certa em toda a minha vida.

– Tio Anthgon?

– Sim. Você é capaz de avaliar o valor que Anthgon tem para a manutenção da paz em nosso reino, Kedder?

– Sim, ele é o Chefe do Exército.

– Não apenas isso, meu filho. Anthgon é também o Líder do Conselho e, em verdade, possui função ativa em todos os assuntos do reino. Isso apenas não é admitido oficialmente. Além de muito inteligente, Anthgon é a força que eu não pude ser. Por isso ele está ao meu lado para tomarmos as decisões. Por isso eu o escolhi para ser o preceptor de meu único filho. Não queria que você se tornasse um rei fraco como eu.

Nesse momento, Soriom baixou a cabeça. Seus olhos marejaram enquanto ele se lembrava dos últimos instantes com seu pai.

– Seu avô, liberto da prisão, foi morar em um grupo de cavernas não muito distante do castelo. Embora próximas, as cavernas ficavam na direção das montanhas intransponíveis e o difícil acesso faria com que ninguém aparecesse por lá. Apesar da semelhança com o farsante preso, cedo ou tarde alguém poderia descobrir o que havíamos feito e o isolamento nos pareceu a atitude mais adequada.

– E, assim, o senhor pôde manter contato com ele?

– Sim, mas não por muito tempo. Eu sabia que ele não se sentia bem pela troca que fiz com o prisioneiro, mas jamais imaginei que seria capaz de...

Soriom parou por um momento. Kedder permaneceu atento.

– Eu o visitava regularmente e com ele conversava sobre as questões do reino – continuou o rei – Tão logo comecei a governar, problemas surgiam em todas as partes e eu não sabia o que fazer. As coisas pioravam a cada dia. Quando contávamos exatos três anos da solenidade de posse, após um dia de caça com alguns barões da corte, saí novamente para visitar meu pai...

Soriom se levantou da cama e foi até um armário próximo à janela. De uma das gavetas retirou uma caixa. Abriu-a e, de dentro, retirou um saco de pano que continha uma carta.

– Tome – disse ele ao príncipe, estendendo-lhe a mão com a carta. – Leia.

O príncipe, hesitante, abriu vagarosamente o laço que fechava a carta e leu:

"Acredito que os problemas que afligem nossa terra são fruto da quebra de nossa tradição. O que fiz foi errado. O rei deve colocar os interesses do seu reino acima dos seus próprios e jamais poderíamos ter condenado a Sindávia a passar por tantas dificuldades por um capricho familiar. Preciso desfazer este mal e creio ter encontrado, finalmente, a solução. Fui capaz de compreender uma atitude errada do passado e espero que seja possível a compreensão de minha atitude agora. Farei a mais corajosa viagem de minha vida e pedirei aos deuses que iluminem nosso reino."

– Então, meu avô...

– Quando cheguei – explicou Soriom – o corpo dele, ainda quente, estava logo à entrada da caverna. Segurava uma faca que ele próprio enfiara em sua barriga. Vestia seus trajes reais completos e segurava a carta nas mãos. Seu avô morreu como deveria tê-lo feito, Kedder, como um rei digno, preocupando-se, até o fim, com o reino que ele tanto amava e pelo qual tantas vezes lutou. E, dessa forma, acreditou estar desfazendo os males que minha covardia causara ao reino da Sindávia.

O príncipe refletiu por alguns instantes. Ele sabia que o reino enfrentava dificuldades ainda piores que na época da coroação de Soriom.

– Mas, pai, não consigo perceber melhora na situação de nosso povo após todo esse tempo.

– Porque não houve nenhuma, filho. Ao contrário, tudo só piorou. A intenção de seu avô era anular o efeito da minha atitude, mas a morte dele por suas próprias mãos, se satisfazia a condição de estar morto o antigo rei, em nada alterava a minha falha. O que se seguiu foi uma série de decisões inadequadas e o reino, hoje, vive o que você pode ver. E o pouco que ainda conseguimos acertar, devemos a Anthgon.

– Por isso o senhor insiste tanto para que eu siga a tradição, para que possa ser restabelecido o governo por um rei forte – concluiu Kedder.

– Este é meu maior desejo, filho.

– Mas eu sou o "príncipe fraco", não se lembra? É assim que ouço aqui e ali, pelos corredores do castelo. Como acredita ser possível?

– A sua força é enorme, Kedder. Você apenas não a conhece ainda. Você tem bom coração e isso é necessário a um bom rei. Mas a bondade é uma virtude que lhe escapará das mãos se não houver sabedoria. E é por isso que vou mandá-lo a uma longa viagem por um ano.

– Um ano? – exclamou o príncipe – Não é um tempo demasiado longo?

– Você percorrerá todo o reino e conhecerá muitos lugares e muitas pessoas. Não terá companhia da guarda e enfrentará dificuldades com seus próprios recursos. Ao final da viagem, retornará mais forte para assumir o meu lugar e desempenhar seu papel na solenidade de posse. A data de sua coroação está marcada. Daqui a um ano, exatamente.

– Daqui a um ano? – assustou-se Kedder – Não seria pouco tempo?

– Há instantes, você acreditava ser um tempo demasiado longo – respondeu Soriom, sorridente.

– Mas posso aprender todas essas coisas com o tio Anthgon – disse Kedder – Se o senhor diz que ele é tão inteligente, talvez não haja a necessidade dessa viagem. Ele pode me ensinar tudo!

– Não, Kedder, não pode. Você já aprendeu muitas coisas com ele e ainda não está pronto. Além disso, Anthgon não pode ensinar o que não sabe, e você deverá ser ainda melhor que ele se quiser ser rei daqui a um ano. Precisa estar preparado para...

Kedder estava assustado. Pela primeira vez sentia a responsabilidade de um rei como um manto de ferro sobre seus ombros.

– A profecia? – perguntou o príncipe.

– O texto ao qual se refere foi escrito há muito tempo por um sábio, um mestre secreto. Seus pequenos presságios o fizeram famoso em sua época, sendo este o único que ele registrou. Segundo suas palavras, uma revolução acontecerá e destruirá aquele que estiver governando. Você precisa estar preparado para a possibilidade dessa revolução acontecer no seu reinado.

O príncipe se mostrou preocupado. Levantou-se e devolveu a carta a Soriom, que a guardou de volta na caixa.

– Espero que tenha compreendido a magnitude de suas obrigações, Kedder. Você deverá partir amanhã mesmo – disse o rei.

– Sim, pai, eu compreendo. Vou preparar meu cavalo. Alguma última recomendação?

– Apenas esteja pronto quando voltar – finalizou Soriom.

– Estarei. Sei agora o que se espera de um rei e amanhã partirei em minha viagem – disse o príncipe, altivamente, saindo do quarto.

05

- MADDAGHI -

Ecoavam na cabeça de Kedder as palavras de seu pai. Há vários dias, o príncipe deixara sua casa, perambulando de um lugar a outro em busca de conhecer cada canto da Sindávia. Cavalgava lentamente, observando com tranquilidade as atividades cotidianas das pessoas. Estas, porém, logo que viam o príncipe, alteravam seus semblantes e se embaraçavam, por vezes deixando coisas caírem ao chão. Alguns interrompiam o que estavam fazendo e se retiravam para suas casas. O príncipe sabia que, em virtude da crise, o governo de Soriom estava ampliando o rigor no cumprimento das leis para evitar desperdícios e punir os ladrões. Algo, porém, parecia estar errado.

Apesar de concordar com o pai sobre a necessidade da viagem, Kedder não conseguia perceber exatamente o que deveria obter dela. Conhecer o reino e seus súditos... Conhecer as montanhas e os vales, os pântanos e os desertos. Kedder se perguntava de que maneira aquilo tudo faria dele um melhor rei. Um coletor real, talvez, pudesse se beneficiar mais de conhecer o território em tanta profundidade, pois seu trabalho é coletar impostos e, para não os pagar, as pessoas muitas vezes se escondiam. Saber dos muitos lugares onde elas podem se esconder seria útil para o coletor. Mas para o rei? O príncipe não percebia como isso o ajudaria a tomar melhores decisões e seguia em frente sem saber, ao certo, por que caminhos prosseguir.

Após cruzar o fértil vale das plantações, Kedder chegou a Maddaghi. O príncipe não sabia, mas todo o sentido que buscava para sua viagem começaria a ser revelado a partir daquele dia.

O cavalo não deixava dúvida. Ainda que Kedder viajasse com trajes comuns no intuito de não aparentar realeza, os cavalos

reais eram muito diferentes dos outros, principalmente pelo vigor e pelo porte que apresentavam. Logo que contornou as primeiras casas do vilarejo, as pessoas já sabiam se tratar do príncipe Kedder, futuro rei da Sindávia. Reverenciavam à sua passagem e mantinham a cabeça baixa até que o príncipe passasse.

Kedder não gostava do que via. O que seu pai lhe contara era verdade. Todo o reino passava por uma grande crise. Cada olhar era cheio de incerteza. Jamais recusavam hospedagem ao príncipe quando este a solicitava para passar uma ou quantas noites fossem, mas as pessoas não pareciam ser cordiais por respeito. Havia um medo, um incrível medo. A Lei do Equilíbrio transformara as pessoas. A situação se tornava ainda mais angustiante quando, envergonhadas, elas não tinham alimentos a oferecer ao seu príncipe. Mesmo sem ter sofrido qualquer ameaça, os moradores pareciam suplicar por suas vidas com seus olhares amedrontados. Todos sentiam receio da presença de qualquer membro da corte.

No centro do vilarejo havia uma praça rodeada de árvores, muitas delas frutíferas e de diversas espécies. Nenhuma, entretanto, apresentava qualquer fruto maduro. Nem ao chão se encontravam frutos caídos e, em algumas árvores, nem frutos verdes. A razão era uma só: fome.

Maddaghi não era muito grande, mas concentrava quase toda a produção de alimentos destinada ao castelo. E, no período em que a crise mais se acentuava, o local por onde circulavam os alimentos era também o que mais trazia problemas. Cargas eram ocultadas e roubadas. Homens brigavam, muitas vezes até a morte, por carregamentos de frutas e grãos. Com o aumento da vigilância e da severidade das leis, boa parte dos problemas havia diminuído. Kedder, mais tarde, descobriria que os problemas, na verdade, só aumentaram. Mesmo com a Lei do Equilíbrio, a carência de alimentos ainda era grande.

Após deixar a praça e passar por diversos mercadores, Kedder conduziu seu cavalo por uma estreita rua com várias casas. Eram residências típicas de produtores, com estruturas de madeira e telhados de palha entrelaçada.

– Você – disse o príncipe dirigindo-se a um morador – pode me dar hospedagem por esta noite?

– Sim, alteza. Será uma honra.

O homem não parecia sincero. A mão que segurava uma pesada ferramenta estava firme, mas a outra, livre, tremia. Kedder agradeceu pela hospedagem e perguntou por um lugar onde poderia deixar seu cavalo durante a noite. Outro homem, que morava próximo e dispunha de uma pequena área coberta ao lado de sua casa, ofereceu-a ao príncipe.

– Cuide você do meu cavalo, então, até amanhã, pela manhã. Você mora muito longe daqui?

– Não, senhor. Moro naquela pequena casa – e apontou – onde tenho uma oficina de ferramentas. É lá que o cavalo vai ficar.

– Pode trazê-lo para mim amanhã, ao primeiro raio de sol?

– Estará aqui, alteza, bem em frente a esta porta, como o senhor deseja – respondeu prontamente o homem.

Observando seu cavalo ser cuidadosamente conduzido, o príncipe voltou-se ao primeiro morador, que lhe ofertara a casa para o pernoite.

– Ainda é cedo para nos recolhermos, mas não pretendo andar pela vila com todas essas coisas – disse Kedder, referindo-se aos seus pertences – Gostaria de deixá-las em sua casa.

– Sim, alteza, pode deixá-las. Estarão bem guardadas.

O homem, então, fez um sinal para que o príncipe entrasse. Kedder passou pela soleira da porta e viu, de um só olhar, toda a extensão da minúscula casa.

– Prepararei um quarto para o senhor. Não é grande, mas creio que servirá. Infelizmente, hoje tenho pouco pão para todos, mas o senhor pode ficar com o que tenho.

– Quantas pessoas há na sua família?

– São quatro, senhor. Aqueles dois são meus filhos – disse o homem indicando dois meninos sentados no canto de um dos dois quartos da casa – O senhor pode ficar tranquilo porque eles estão sempre de olho no que eu faço e poderão trabalhar em breve. Assim que o mais velho atingir oito anos já começa a ir comigo para o campo.

O príncipe não se demorou dentro da casa. Ansiava por conhecer seu reino e aproveitou a tarde para ver de perto a vida no vilarejo.

Ao passar novamente por algumas pessoas na praça, Kedder notou certa estranheza no olhar de um velho homem que se recostava sobre um amontoado de palha. Uma moça ameaçou correr em direção ao príncipe, mas foi contida por alguém. Kedder se aproximou e viu que o homem não tinha uma perna.

– Perdoe-me, alteza, por favor – disse o homem com a voz trêmula – Eu posso ajudar em muitas coisas, eu posso! Eu tenho os braços fortes! Tenha misericórdia, alteza...

Temendo pela iminente morte de seu pai, a mulher se pôs a chorar. Ela morava em uma casa de moças solteiras que haviam perdido suas famílias e, em virtude do problema com a perna de seu pai, precisava mantê-lo escondido em um estábulo durante boa parte do tempo. Aquele momento, porém, escapara aos seus cuidados.

O príncipe nada dizia. Apenas se lembrava das importantes palavras de seu pai sobre como o rei precisa colocar os interesses do reino acima de qualquer coisa. Aquele homem era um aleijado e, segundo a lei, todo aquele que não tivesse plena capacidade produtiva, deveria morrer em benefício dos capacitados, únicos dignos de consumir o pouco alimento existente.

– O que um coletor real deveria fazer se o encontrasse? – perguntou o príncipe ao homem.

– Não, por favor, senhor. Não sobrou ninguém mais... Minha filha, senhor... Eu posso trabalhar! Tenha piedade – repetia o homem, frente a seus últimos instantes de vida.

O príncipe desembainhou sua espada e, aproximando-se do velho, reforçou:

– Eu perguntei ao senhor o que um coletor real faria se o visse assim. O senhor não me respondeu.

– Perdão, senhor, perdão – implorava o homem – não me mate! Não faça como os outros. Toda a minha família, todos eles...

– Eu me pareço com um coletor real? – perguntou o príncipe.

– Não, não, meu senhor. De que maneira? O senhor é o príncipe, nosso futuro rei – disse o homem, hesitante.

– Pois lembre-se de que existem funções que não são minhas – disse Kedder dando um passo atrás e embainhando sua espada.

Da pequena aglomeração de produtores que assistia ao impasse, surgiu uma mulher. Com cerca de cinquenta anos, tinha os cabelos castanhos, muito claros, lisos e longos. Se sua aparência denotava um pouco menos idade, seu olhar sereno remetia à sabedoria de uma anciã.

– Príncipe Kedder! – chamou ela, olhando diretamente nos olhos do príncipe.

Era um comportamento singular. Kedder se impressionou com a confiança daquela mulher. Parecia não ter medo como os outros. O príncipe se aproximou.

– Alteza, o que faz aqui?

Kedder nem sabia como reagir a uma pergunta tão direta. A mulher falava ao príncipe como falaria a qualquer morador de seu vilarejo.

– Estou em viagem, senhora, para conhecer meu futuro reino. Serei coroado em um ano.

– Venha comigo – disse a mulher, virando-se e caminhando até entrar em uma pequena cabana.

O príncipe não se continha em seus pensamentos. Perguntava-se quem seria aquela mulher e por que não agia como os outros. Ele, o futuro rei, fora chamado a entrar em uma cabana com tal pessoa, uma desconhecida que falava a ele com tanta segurança. Pensou sobre as possíveis ameaças às quais uma pessoa da corte está sujeita. Não era prudente aceitar aquele convite, mas tamanha era a candura da mulher que todas essas reflexões vieram à mente de Kedder enquanto ele já se encontrava dentro da cabana, sentado, respeitosamente ao aguardo de que ela lhe dissesse ou mostrasse algo.

– Perdoe-me por ter sido tão incisiva, alteza, mas o Eremita me disse que eu não sentiria medo algum quando o momento chegasse. E eu não senti.

Do jeito que estava, Kedder permaneceu. Nada compreendia.

– A Lei do Equilíbrio... – continuou a mulher – Aquele homem sem a perna... Vi quando o senhor falou com ele... Há mais de trinta anos eu tive um filho, e ele nasceu com uma deficiência. Eu imaginei que poderia cuidar dele, mas, então, houve a lei. Eles iriam matar o meu filho, príncipe.

– E ele não foi morto? – perguntou Kedder.

– Não, mas por muito pouco. Um grupo de soldados veio a Maddaghi e eu tive poucos dias para arranjar uma fuga.

– Uma fuga? – espantou-se o príncipe – A senhora faz ideia da gravidade do que está me contando? Senhora... Senhora...

– Sakhris. Meu nome é Sakhris. Desculpe-me por não ter me apresentado.

– Senhora Sakhris, a senhora não está pensando que só porque não matei aquele homem lá fora poderá contar comigo para transgredir as leis do meu próprio reino, está? Aquilo era tarefa de outro homem...

Sakhris fitou o príncipe com um olhar indescritível. O príncipe sentiu como se ela pudesse enxergar dentro de sua alma.

– Perdão, alteza, mas o senhor concorda com essa lei?

– Basta! – exaltou-se o príncipe, levantando-se de súbito e sacando de sua espada – O que você quer?

– Quero que vossa alteza se mantenha de espada em punho e, se o seu coração acreditar que eu disse algo sem propriedade, poderá atravessar o meu – disse Sakhris, ajoelhando-se diante do príncipe.

– Como sugerir a violação da lei? – censurou o príncipe.

– Não. Não sugeri violar a lei. Apenas perguntei se o senhor concordava com ela. Insisto que, se eu disser qualquer coisa que o príncipe não aprove, poderá realmente...

– Estou ouvindo – interrompeu o príncipe em tom severo.

– O príncipe tem uma difícil tarefa pela frente, que é governar a Sindávia. O príncipe tem medo e não concorda com muitas coisas, mas não quer comprometer o futuro do reino com suas crenças particulares e, por isso, vive um dilema. Não concorda, por exemplo, com a necessidade de matar seu pai para assumir o trono, como reza a tradição. Não concorda com a Lei do Equilíbrio e

por isso não matou aquele velho. A justificativa de não possuir a função foi apenas uma maneira de se eximir e não transmitir fraqueza aos seus súditos. O príncipe acredita que precisa haver outra maneira e, até retornar de sua viagem, espera ansiosamente encontrá-la.

Lentamente, Kedder recolocou sua espada na bainha.

– Temo não poder discordar do que disse, senhora.

– Não tema, assim como eu também não temo. Não mais. O Eremita me disse que eu não temeria.

– Eremita?

– Não havia lugar seguro em Maddaghi onde pudesse deixar meu filho. Os soldados entravam em todas as casas da vila. Até os campos de plantação foram escarafunchados e os coitados eram tão truculentos que conseguiam, muitas vezes, comprometer parte da colheita. O único lugar seguro era a montanha de Dommin, um lugar onde ninguém mora e que, de tão alta, chega a ficar coberta de neve em algumas épocas do ano, mesmo quando o vale aqui embaixo está produzindo bons frutos. Ó, príncipe... Um dia saberá o que é ter um filho. Minha aflição era tão grande que simplesmente iniciei a subida mesmo sem saber se chegaria a qualquer lugar.

Kedder ouvia com atenção.

– Quando meu corpo já não suportava mais – continuou a mulher – parei e me deitei sobre uma rocha. Havien, meu filho, parecia estar com muito frio e eu o abracei...

– Mas os soldados não conseguiram alcançá-la? – perguntou o príncipe.

– Não. Já havia subido o bastante para não ser alcançada. Acredito que nem mesmo sabiam onde eu estava. No entanto, minhas forças se esvaíam e eu sabia que aquilo era o máximo que eu poderia conseguir...

Sakhris parou por um instante, rememorando o dia em que viu seu filho pela última vez.

– Então, apareceu um homem muito velho. Ele me disse que se eu tentasse fugir com meu filho, acabaríamos mortos. Mas se eu o entregasse a ele, apesar de separados, ficaríamos bem.

– E por que nunca mais viu seu filho? – perguntou o príncipe.

– Este homem, que eu passei a chamar simplesmente de Eremita, me fez prometer duas coisas. Uma foi que eu jamais contaria essa história a qualquer pessoa e, a outra, que, se eu quisesse ver o meu filho novamente, jamais deveria procurá-lo, sob a possibilidade de colocar em risco a vida dele. Foi o que fiz. Meu vigor se esgotava e tudo o que pude ver foi a imagem daquele homem conduzindo meu filho montanha acima...

– Mas como você teve certeza de que podia confiar nele?

– A verdadeira confiança se estabelece muito antes do raciocínio, príncipe Kedder, e, naquele momento, pareceu-me a coisa mais sensata deixar meu filho ir embora com aquele velho. Mesmo assim, não há um só dia que eu não deseje subir aquela montanha. Mas preferi, durante todos esses anos, não descumprir o que prometi ao Eremita.

– E não se arrependeu? Não sabe nem se seu filho ainda está vivo...

– Ah, príncipe. Depois de hoje, não há como ter dúvidas de que aquele velho homem estava certo. Ele me disse que o dia chegaria. Disse que eu deveria contar toda a história a um homem e que eu o reconheceria como aquele que não mataria outro homem mesmo que tivesse o direito de fazê-lo. Esse homem é o senhor, alteza.

Kedder refletia sobre aquelas revelações.

– O eremita disse ainda uma última coisa, príncipe. Disse que o homem subiria sozinho a montanha Dommin. Vossa alteza está acompanhada de guardas?

– Não, viajo sozinho.

Sakhris olhou para o príncipe e sorriu. Sentia que sua longa espera não fora sem propósito, pois o dia havia chegado e aquele à sua frente era o homem de quem falara o eremita.

– Bem, alteza, isto é tudo. O senhor foi muito gentil em me ouvir e sou muito grata. Logo começa a anoitecer e acredito que queira descansar.

– Sim, é prudente. Amanhã levantarei cedo para seguir viagem – disse o príncipe, fazendo uma pequena menção com a cabeça e saindo da cabana.

Apesar de compreender o que Sakhris lhe dissera, Kedder não parecia demonstrar grande interesse em acatar sua sugestão. Talvez a recomendação explícita de que ele deveria subir a montanha sozinho fora um erro e a Sakhris só restaria aguardar. O príncipe, naquele momento, poderia estar desconfiando da possibilidade de uma emboscada e possivelmente chamaria guardas para acompanhá-lo. Confuso com toda aquela história, Kedder estava receoso de seguir viagem pelo caminho indicado. Voltar pelo vale das plantações era uma alternativa que lhe parecia mais segura. Mas, então, algo o fez reconsiderar sua decisão.

Logo ao sair da cabana, Kedder viu várias pessoas paradas, como que na expectativa de ver em que resultaria aquela situação tão inusitada. As pessoas, surpresas pela súbita saída do príncipe, procuraram disfarçar seus olhares. Kedder percebeu que havia se exposto e não desejava perder sua autoridade.

– Lembrem-se: os que são capazes, mas se mostram desocupados, também não agradam ao rei! – disse alto, para que ouvissem mesmo os que estavam a uma maior distância.

Imediatamente todos procuraram simular atividade pegando em ferramentas e desaparecendo dos olhos do príncipe. Não queriam sofrer punições. Para quem está acostumado a temer por sua vida todos os dias, não há garantia e as atitudes seguem sempre o instinto de sobrevivência. Assim, rapidamente, todos se dispersaram como que engolidos pelas vielas.

Kedder notou, em meio aos demais, uma moça com um pequeno adorno de madeira pendendo de seu pescoço. Parecia ser feito de uma semente e era igual ao que ele vira preso na saia de Sakhris momentos antes, dentro da cabana. O príncipe decidiu interromper o caminho da moça, segurando-a pelo braço.

– Você pode me dizer o que é isso?

– Ó, alteza, isso é uma espécie de amuleto. É uma semente de pau-pedra e estou usando para que as colheitas sejam boas. O pau-pedra é a árvore que produz a madeira mais dura de toda a Sindávia. Sua semente é símbolo de força. Quando passamos por dificuldades na plantação, eu a carrego junto de mim, pedindo aos deuses que a colheita produza bastante.

– E todos aqui em Maddaghi têm esse costume? Porque, se assim é, creio não ser muito útil. Há anos as colheitas vêm sendo insuficientes para abastecer o reino.

A moça baixou a cabeça. Sentia-se envergonhada por revelar ao príncipe sua tão ingênua crença.

– Não, alteza – respondeu, por fim – é possível que apenas eu acredite nessas coisas.

Vendo que o dia caminhava para o fim, a moça procurou se esquivar das perguntas de Kedder:

– Alteza, está escurecendo e, se me permitir...

– Não minta para mim! – interrompeu o príncipe, energicamente – O que sabe sobre essa senhora, de nome Sakhris, que conversava comigo na cabana? Ela também usa essa semente pendurada. Você tem alguma relação com ela?

Kedder estava impaciente. A moça, hesitante, explicou que, após ter perdido toda a sua família em uma grande briga com oficiais do reino, Sakhris a criara como sua filha.

– Perdoe-me, alteza, não sabia o que dizer. Vivem vindo aqui, fazendo perguntas...

– Quem? – perguntou Kedder.

– Os coletores reais. Sempre que algum morador de Maddaghi ou de qualquer outro vilarejo cria problemas para um coletor, em pouco tempo aparecem guardas e prendem a pessoa. Aí, muitos adoecem na prisão, e dizem que se as pessoas ficam doentes na prisão, são levadas embora...

– Sim, mas são levadas para serem tratadas. Temos um grande hospital e bons médicos que não fazem outra coisa senão zelar pela saúde das pessoas.

Houve silêncio. Kedder pediu à moça que continuasse, o que ela fez com certo receio.

– Essa senhora, Sakhris, perdeu o seu filho em um dia que os guardas vieram inspecionar o vilarejo. Era por causa da lei. Eles inspecionavam todas as casas, sempre. Eu era apenas um bebê e não me lembro de nada. Foi Sakhris quem me contou a história.

– E que história foi essa? – inquiriu o príncipe.

– Naquele dia eles apareceram bem de manhã – continuou a moça – Quando chegaram, estavam especialmente à procura de quem não fosse produtivo, pois a lei diz que essas pessoas devem ser mortas. O único filho de Sakhris tinha problemas na visão e os guardas o mataram dormindo em sua cama. Nós morávamos em casas vizinhas. Na minha casa foi pior. Meu pai havia se acidentado na plantação e a perna dele estava muito inchada, vermelha, e doendo muito. Minha mãe disse aos guardas que estava cuidando dele e que aquele problema na perna passaria. Mas eles não acreditaram e quiseram levá-lo. Em desespero, ela se atirou por cima de um dos guardas e, com um só golpe, foi morta ali mesmo. Nem perderam tempo em levar o meu pai para lugar algum e o mesmo fizeram com ele. Mataram também um de meus irmãos. Quando eles foram embora, Sakhris veio até minha casa e encontrou todos mortos, exceto meu outro irmão, que havia desaparecido, e eu, que estava enrolada em um pano dentro do armário. Diz ela que eles levaram o meu irmão, mas eu nunca mais soube dele. Sakhris, então, me criou como se eu fosse filha dela.

O príncipe estava surpreso. Uma das duas estaria mentindo, pois eram duas histórias diferentes. Sakhris havia lhe dito que o filho escapara e subira a montanha com um eremita... Já aquela moça dissera que a própria Sakhris lhe descrevera o dia da morte do seu filho. Kedder ficou ainda mais desconfiado de que o relato de Sakhris na cabana não passava de um plano para surpreender o príncipe sozinho em um lugar desconhecido.

– O que sabe sobre esta montanha? – perguntou Kedder à moça.

– Dommin? Ah, é um lugar desabitado. Na verdade, dizem que um velho vivia la há muito tempo, mas eu nunca vi ninguém. Aliás, qualquer pessoa que já pensou em subir a montanha desistiu. E as que não desistiram, também não voltaram. Acontece que essa montanha é muito alta e um homem não consegue chegar ao seu topo em apenas um dia. Somente alguns garotos se aventuram por

uma pequena parte da trilha e depois retornam correndo, antes de escurecer.

– E Sakhris, certamente, também nunca subiu – arriscou o príncipe.

– É certo que não. Sempre disse que só um louco se arriscaria a fazer tal coisa. Acho que nem os soldados reais têm coragem! – finalizou a moça.

O príncipe decidiu interromper a conversa. Aquela jovem não poderia ajudar muito, pois conhecia os fatos apenas através do que Sakhris lhe contara. E, a cada instante, Kedder estava mais certo de que Sakhris lhe faltara com a verdade naquela cabana. Ele precisaria de alguém com mais idade para lhe fornecer informações mais precisas. Lembrou-se, então, do velho homem sem a perna.

– Onde fica a casa das moças solteiras, aquelas que perderam os seus familiares? – perguntou o príncipe.

– Ah, alteza, sei exatamente onde é. Levarei o senhor até lá, se me permitir.

Os dois seguiram até chegar a um sobrado. Kedder, após dispensar a companhia da moça, bateu à porta. Lá dentro, uma voz impaciente acompanhava os passos duros que se faziam cada vez mais próximos. A porta se abriu.

– O que é? – disse a senhora, rispidamente, logo se abrandando ao ver a imagem do príncipe – Ó, alteza, perdoe-me. É que esses rapazes... Não respeitam a casa de uma senhora e vivem importunando.

– Aqui não é a casa das moças solteiras? – perguntou o príncipe.

– Sim. E por que o senhor acha que eles ficam importunando? É coisa de dez, vinte vezes no dia que eu venho abrir essa porta. E o que eu encontro? Aquela cara de curioso que nem olha para mim, mas fica tentando ver por sobre meus ombros o interior da casa. No mínimo, quer ver se consegue fisgar alguma das moças. Mas eu não deixo passar dessa soleira aqui, ó! Esses safados!

– Senhora, eu apenas queria...

– Isso aqui não é casa de mulher fácil, o senhor compreende? Esses moleques pensam que eu sou o quê? – dizia a senhora, aumentando o volume de sua voz – Eu tenho mais o que fazer, tenho que cuidar dessa casa, tenho que zelar pelo futuro das moças, tenho que fazer um monte de coisas. Só para limpar isso tudo aqui, e lavar a roupa, e tenho que fazer a comida e, quando vê, já é de noite, aí no dia seguinte começa tudo outra vez, e abre a porta um monte de vezes, e são os moleques de novo e...

– Senhora! – interrompeu o príncipe, com firmeza – Por favor, se a senhora puder parar de falar por um instante, eu gostaria de lhe pedir algo.

– Ah, sim, alteza, queira me desculpar. Peça o que o senhor quiser.

– Eu preciso ver uma das moças que mora aqui, mas não sei o nome dela.

A senhora da casa ficou olhando para o príncipe à espera de alguma definição.

– Gostaria que a senhora chamasse todas as moças que moram aqui para que eu possa vê-las.

Como já era de noite, algumas moças se preparavam para dormir. A senhora tentou convencer o príncipe de que poderiam ser chamadas pela manhã, no dia seguinte, mas ele não quis, insistindo para que as moças fossem chamadas naquele instante.

– Eu aguardo – disse ele – mas que não demorem. Mande descer todas. Eu só quero falar com uma. As outras poderão voltar aos seus quartos.

A senhora, então, pediu ao príncipe que entrasse e esperasse. Algumas das moças que se encontravam logo no primeiro pavimento ouviram parte da conversa do príncipe e se aproximaram. Outras, no andar superior, começaram a descer. Por fim, duas últimas que já estavam dormindo também desceram após se trocarem.

– Não a vejo aqui – disse o príncipe.

– Quem? – perguntou a senhora.

– A moça que procuro. Estão todas aqui?

– Sim – respondeu a senhora, olhando novamente para a fila de moças – Ah, não... Quer dizer, só se for a Fridah. Mas o senhor não ia querer a Fridah...

– Por que diz isso?

– É que ela não é muito bonita...

– E que diabos isso importa? – perguntou o príncipe, impaciente – Depois a senhora não sabe por que os homens vêm lhe importunar! O que a senhora pensa que eu quero?

– Ah, bem, não sei. O príncipe chega aqui de noite, perguntando pelas mulheres...

Neste momento, Fridah chegou e, ao ver o príncipe, ameaçou fugir.

– Fridah! – disse o príncipe com severidade.

A moça paralisou. Estava preocupada. O príncipe viera procurá-la após ter poupado a vida de seu pai durante a tarde.

– Senhora – disse o príncipe – pode dispensar as outras moças. É com Fridah que desejo falar.

Houve surpresa nos rostos. Fridah não era, realmente, bonita. Certas moças ficaram inconformadas e começaram a resmungar entre si. Foi então que uma delas, desejosa de cair nas graças do príncipe, disse, como quem apenas comenta com as amigas, porém alto o suficiente para que ele a escutasse:

– Mas, gente, é a filha do aleijado!

Silêncio. A senhora da casa, desolada, fitou a moça em sinal de desaprovação. Por causa da constante ameaça da Lei do Equilíbrio, haviam combinado, entre todas elas, jamais comentar o fato. O príncipe, furioso, caminhou rapidamente, sacando de sua espada e encostando-a no pescoço da delatora. A ponta, afiadíssima, pressionava a garganta da moça até o limite de perfurá-la. Houve certa gritaria inicial, imediatamente contida por um comando da senhora da casa.

– Escute bem, moça. O que eu quero com Fridah não é do seu interesse.

A moça permanecia imóvel e começava a suar. Seus olhos estavam tão arregalados que, mesmo com vontade de chorar, não conseguia. O príncipe aliviou a pressão de sua espada contra a garganta da moça, o que lhe permitiu engolir uma saliva extremamente amarga. E, então, voltou a pressionar a espada até o limite.

– Espero que você já esteja morta quando eu assumir o trono, pois quando eu for rei, não haverá lugar na Sindávia para traidores.

Kedder recolheu sua espada e se voltou a Fridah.

– Quero falar com você. Quanto a vocês – dirigindo-se às outras – podem sumir daqui imediatamente.

Mal o príncipe acabara de falar, todas já corriam para os seus quartos. Apenas a moça que, por sorte, ainda estava com vida, precisou ser auxiliada pela senhora da casa, pois não se movia mesmo após o príncipe já se encontrar do outro lado da sala.

– Alteza...

– Fridah, espere. Foi o suficiente para o dia de hoje. Permita-me dizer o que quero.

Fridah assentiu baixando os olhos e, levemente, a cabeça. Kedder, então, prosseguiu.

– Pretendia lhe perguntar a respeito do velho homem de hoje à tarde e, ao que me parece, sua amiga estava muito interessada em contribuir com informações. Bem, certamente eu não a deveria considerar sua amiga, depois do que ela disse...

Fridah se sentiu segura pelo modo como o príncipe iniciava a conversa e pensou que poderia falar ser receios.

– Sabe, alteza, ela não é uma pessoa má. Mas tem esse jeito. Ela não se conforma em morar aqui. Queria ser rica, nobre. Sei que ela só disse isso pensando que agradaria o senhor e que o senhor a levaria para o castelo com ela.

– Mesmo sabendo que isso implicaria a morte do seu pai?

– Creio que isso não faça diferença para ela. Meu pai já é velho e, do jeito que está, cedo ou tarde... Bem, acredito que ela já o considera morto.

– Pois saiba que se é assim que ela pensa, nobre é a última coisa que ela será nessa vida. Mas, voltando ao seu pai...

– O senhor vai levá-lo, não vai? Por favor, alteza, não o lev...

– Não! – respondeu o príncipe – Estou em viagem, uma viagem longa. Ainda que quisesse, não poderia. Entretanto, desejo perguntar uma coisa a ele. Não saberia como encontrá-lo e pensei que seria mais fácil se viesse até você.

Fridah hesitou por alguns momentos.

– O senhor não vai matá-lo? – perguntou.

– Eu preciso de uma informação e acredito que seu pai possa me ajudar. Será bem melhor se ele estiver vivo para falar, não concorda? – ironizou Kedder, esboçando um sorriso.

Em resposta, Fridah também se mostrou menos preocupada e, por fim, decidiu-se.

– Certo, alteza, eu o levarei até meu pai. Não fica longe daqui.

Os dois saíram da casa e começaram a andar pelas ruas. Todo o vilarejo parecia dormir sob o intenso frio que, como o negrume da noite, se deitava sobre os telhados de cada casa. Fridah e Kedder andaram por algum tempo até alcançarem um local mais ermo, próximo aos grandes campos de plantação. Passaram por um trecho onde o calçamento de pedra terminava, ao contrário da rua, que prosseguia, porém mais estreita e sinuosa. Ao final, em meio a vários montes de feno, surgia algo como um celeiro, ou um estábulo. Era uma grande construção de madeira, muito escura. Aquela visão aliada aos sons da noite chegava a ser assustadora.

Fridah entrou primeiro, seguida pelo príncipe. Ouviram um leve ruído de um cavalo entre vários outros que lá ficavam até o amanhecer, quando seriam utilizados nos campos. Estavam separados uns dos outros por divisões de madeira. A última baia, encostada à parede, escondia um fundo falso que dava acesso a uma câmara. Lá, abrigado em meio a alguns trapos de pano, dormia, todas as noites, o pai de Fridah.

– Papai!

– Fridah? – perguntou o homem, que acordara assustado – Há alguém aí com você?

O velho escutara passos de mais de uma pessoa. Fridah só costumava vê-lo sozinha.

– Papai, não tenha medo. É o príncipe Kedder que está aqui comigo. Ele disse que não fará mal ao senhor.

Sem alternativa, o velho Firghan abriu a portinhola de seu esconderijo e, com dificuldade, saiu. Via o rosto do príncipe pela segunda vez naquele dia e, ao que lhe parecia, Kedder novamente não faria valer a Lei do Equilíbrio.

– Senhor Firghan, podemos conversar? – questionou o príncipe.

– Sim, alteza, como o senhor quiser...

Kedder pediu que Fridah se retirasse e deixasse os dois a sós, o que ela não atendeu de imediato. Ainda temia pela vida de seu pai. Entreolharam-se, pai e filha, e, percebendo a indecisão dos dois, o príncipe interferiu:

– O que temem que aconteça se Fridah sair também poderia acontecer se ela aqui permanecesse; e também poderia já ter acontecido à tarde. Não aconteceu antes, não vai acontecer agora. Portanto, Fridah, por favor, saia.

Um pouco confiante, um pouco sem escolha, a moça deixou o estábulo.

– Senhor Firghan – perguntou o príncipe – o senhor vive há muito tempo aqui em Maddaghi? Deve conhecer bastante da história da vila e das pessoas daqui.

– Alteza, vivo aqui desde que nasci, e isso já faz um longo tempo... Se eu sei histórias dessa vila? Sou um perfeito mestre em contar histórias sobre esse lugar! – disse animado o velho Firghan, esperando ter alguma utilidade para o príncipe.

– Você conhece uma mulher de nome Sakhris?

– Sim, conheço. Ela trabalha conosco nas plantações. Quer dizer, não nas plantações. Ela auxilia no tratamento e no processamento da colheita. Ela sempre fez isso. O marido dela sabia construir bons carros para os bois puxarem, boas ferramentas, até móveis. Ela sempre o ajudou em todas essas atividades. E mesmo depois que o marido dela morreu, continuou trabalhando e ajudando os produtores. Ela é muito produtiva, alteza!

– Senhor, por favor – disse o príncipe, ligeiramente impaciente – Será que eu poderei conversar com alguma pessoa nesta vila que não queira me convencer de que todos são produtivos?

– Ah, perdão, alteza – respondeu Firghan.

– Se eu não fosse o príncipe – continuou Kedder – se eu fosse uma pessoa comum, aqui de Maddaghi ou de outra vila qualquer, e pedisse para me dizer coisas sobre esta mulher, era isso que iria me dizer? O fato de ela ser produtiva é a coisa mais interessante para se contar a alguém? O que ela tem que a diferencia dos outros? Como foi seu passado? Conte-me fatos, senhor Firghan, não o que todos já sabem ou querem que os outros saibam.

– Alteza, permita-me dizer uma coisa... Mas, por favor, não quero que considere falta de respeito.

Firghan aguardou aprovação de Kedder para continuar, pois estava prestes a se colocar em uma delicada situação. O príncipe assentiu com a cabeça, indicando ao velho que continuasse.

– Eu acredito que o senhor seja diferente dos outros. Qualquer um teria me matado hoje à tarde, mas o senhor não o fez. Acho que o senhor realmente está querendo apenas conhecer o seu reino para governá-lo bem. As pessoas dizem que o senhor é o "príncipe fraco", mas eu penso que é somente porque o senhor não é como os outros. Sempre que se é diferente de alguma maneira, as pessoas falam mal de você. E eu posso dizer sem que me tirem a razão – finalizou o velho, aludindo à sua própria condição.

– Senhor Firghan, não considero falta de respeito o que me falou, mas prefiro que continue falando da mulher, e não de mim.

– Ah, certamente, alteza. Bem, o que dizer dela? O senhor sabe que ela teve um filho cego?

– Eu ouvi dizer. E do jeito que essas pessoas sentem medo de tudo por aqui, creio que só me contaram porque ele já está morto. Ele está morto, não está, Firghan?

– Ah, sim, senhor, há muito tempo. Houve um episódio horrível aqui em Maddaghi logo que a Lei do Equilíbrio foi implementada. O senhor deve saber, foi há bastante... quantos anos vossa alteza possui?

– Vinte e seis.

– O senhor tem a idade da lei! – exclamou Firghan – Mas, então, talvez não saiba...

– É certo que não me recordo, mas já ouvi diversas histórias. E se o senhor quiser continuar com a sua, será bastante produtivo – disse Kedder com ironia.

– Sim, alteza. Perdão. Bem, como era de costume, os homens chegaram procurando por aqueles que não tinham condições de trabalhar. Aqueles que estavam doentes seriam enviados para o hospital que, na época, tinha acabado de ser construído. Mas os que não tinham jeito deveriam ser sacrificados. Essa era a palavra que os guardas usavam: "sacrificar". Diziam que o sacrifício era necessário para que os outros vivessem. Aí, quando viram o filho de Sakhris...

– Mas o senhor viu os guardas o matarem? – interrompeu Kedder, ansioso por uma comprovação – Ou, pelo menos, viu o garoto morto?

– Não, eu não vi. Aliás, ninguém deve ter visto, porque essa mulher, Sakhris, chorava tanto a morte do filho que não deixava ninguém entrar na casa. Passou uma semana inteira trancada dentro de casa e, um dia, por fim, no meio da madrugada, enterrou ela mesma o garoto, amanhecendo no outro dia como se nada tivesse acontecido. Nunca falou sobre isso com ninguém. Alguns acreditam que ela possa ter ficado meio louca e, por isso, também não perguntam nada. Vai saber do que ela é capaz...

A história do velho era a mesma que a filha de Sakhris contara, mas ainda assim restava o fato de ninguém ter visto o garoto ser morto pelos guardas. Kedder não sabia o que pensar e, então, decidiu por ignorar tudo aquilo, recolher-se e, no dia seguinte, simplesmente seguir viagem. Optaria pelo mais fácil: esqueceria tudo e continuaria.

– Senhor – disse o príncipe – já é tarde e creio ser melhor ir embora. Agradeço pelas informações e desejo ao senhor uma boa noite.

– Mas alteza, tem mais coisas...

– Não. Agradeço pelo que me contou. Era o que eu precisava saber. Aliás, começo a entender as pessoas por pensarem o que pensam a respeito dessa mulher. O senhor fique aí em sua... casa... que eu vou embora. Preciso continuar minha viagem – disse o príncipe, levantando e saindo do estábulo.

Lá fora estava Fridah, ansiosa, prestes a entrar a qualquer momento. Só não o fazia porque continuava ouvindo a voz dos dois conversando. Quando viu o príncipe saindo apressado sem nada dizer, olhou rapidamente para dentro procurando por seu pai. Ao vê-lo bem, voltou-se novamente para fora.

– Alteza? – chamou ela.

– Ah, sim, é... Fridah... – respondeu o príncipe, cujo pensamento vagava – Obrigado. Eu já estou indo.

– Não precisa que o conduza de volta, alteza? – disse a moça, reforçando ligeiramente a voz, pois o rápido passo do príncipe já estabelecia alguma distância entre eles.

– Não há necessidade. Sei o caminho de volta – respondeu Kedder, de onde estava, sem se virar.

Firghan esforçou-se para alcançar a porta do estábulo, de onde viu a imagem do príncipe se perder na escura noite.

– O que vocês falavam, papai? – perguntou Fridah.

– O príncipe me perguntou coisas sobre a Sakhris, aquela senhora estranha lá, sabe? Mas, de repente, levantou e disse que ia embora! Nem cheguei a comentar sobre aquela história da luz. Nem deu tempo...

– Que história? Aquela do nascimento dela? Ah, papai, por que falar essas coisas? O príncipe vai pensar que louco é o senhor!

– Ora, foi ele quem disse para eu contar o que sabia dela! Ah... Como eu poderia ter certeza de que ele não se arrependeria do que fez à tarde? Para mim, o pedido do príncipe é uma ordem! – terminou Firghan, enchendo o peito como um soldado ao reverenciar o reino pelo qual luta.

* * *

A noite já avançava quando Kedder retornou à casa onde dormiria. Todos já haviam se recolhido, exceto pelo dono, que aguardava sua alteza na porta da frente.

– Alteza, o senhor está bem? Precisa de algo? – perguntou o homem.

– Nada além do que combinamos, senhor. Ficarei bem aqui em sua casa.

– O senhor não vai comer?

Kedder olhou para a mesa. Havia mais comida do que ele esperava.

– Onde conseguiu essa comida, senhor?

– Ah, alteza, eu pedi a uns colegas e eles me adiantaram essa comida.

– Adiantaram?

– É... Eu não queria que o senhor comesse apenas aquele pão. Não é digno de um príncipe. Pedi a uns amigos e eles me deram sem eu ter que pagar. Quando eu tiver dinheiro, pago a eles.

– Do jeito que as coisas estão, o senhor não terá o seu dinheiro e as pessoas também não terão os alimentos de volta – disse o príncipe.

O homem demonstrou sinais de preocupação.

– Isso paga pela sua comida? – perguntou Kedder, retirando duas moedas do bolso.

– Como, alteza? São duas moedas de ouro?

– Sim. Quero que pague seus colegas e me dê para comer o pão que tinha sobre a mesa quando cheguei. Amanhã, quando sua família acordar, ofereça esta mesa a eles e deixe-os comer à vontade.

O homem ficou sem reação por alguns momentos. Nunca pegara em duas moedas de ouro. Kedder se dirigiu ao seu quarto e procurou descansar. Nos seus planos, o dia seguinte começaria cedo. Na realidade, o dia já havia começado, pois o príncipe logo percebeu que a opção pelo mais fácil nem sempre oferece uma tranquilidade duradoura.

Após inúmeras tentativas de pegar no sono, Kedder se sentou sobre a cama. Não conseguia parar de pensar no que ouvira. Em um ímpeto, levantou-se, vestiu-se e saiu pelas ruas de Maddaghi no meio da madrugada. Iria até a casa de Sakhris e não iria embora de lá sem uma explicação convincente para toda aquela mentira. O príncipe mal começara a viajar e já se via em grande dúvida. Se todas as situações terminassem como aquela, Kedder temia que a viagem só servisse para ampliar ainda mais sua insegurança e, dessa forma, receava decepcionar seu pai em suas expectativas.

Ao chegar à cabana de Sakhris, o príncipe viu a porta aberta. Entrando, encontrou-a acordada e silenciosamente sentada ao chão, no centro de sua pequena sala. Sakhris tinha a habitual expressão serena e Kedder, tendo ensaiado algumas coisas para dizer ao longo do caminho, foi tomado por uma estranha sensação e nada disse. Através de um sinal que fez com as mãos, Sakhris convidou o príncipe a se sentar junto dela.

Estavam um de frente para o outro quando Sakhris, estendendo seu braço, mostrou sua semente de pau-pedra a Kedder, que não ousava interromper o silêncio.

– Sabe o que é isso, príncipe?

– Uma semente de pau-pedra – respondeu Kedder – Vocês acreditam que esta pedra dá sorte na colheita.

Sakhris esboçou um leve sorriso.

– Ela lhe disse isso? – perguntou Sakhris, olhando para um quarto onde sua filha de criação dormia.

Kedder concordou com a cabeça.

– Alteza, esta semente é da árvore que produz a mais dura madeira encontrada em toda a Sindávia. Ela simboliza resistência e força e, como as plantações precisam resistir ao mau tempo e às pragas, algumas pessoas usam essa semente como amuleto para que a colheita seja boa.

Num gesto suave, Sakhris ofereceu a semente ao príncipe para que a segurasse. Kedder tomou a semente em suas mãos.

– Esta semente transmite força a quem a segura, mas entenderei se vossa alteza não acreditar também nisso. Afinal, o que faz vossa alteza em minha casa tão tarde da noite?

Por aquela afirmação, Kedder percebeu que Sakhris já tinha conhecimento de sua dúvida. Provavelmente havia escutado a arguição do príncipe fora da cabana, ou teria ela mesma conversado com a filha a respeito.

– Senhora Sakhris, a senhora deve entender que eu parti em viagem para melhor conhecer meu reino e, até agora, tudo o que vi e ouvi só me deixou ainda mais confuso.

– Não há nada novo a ser conhecido que não nos deixe um pouco confusos, príncipe Kedder – disse Sakhris, docemente.

– Senhora, a história que me contou... – continuou o príncipe – Falei com essa... sua filha, depois falei com um senhor... Eles disseram que seu filho morreu! Parece que a senhora mesma o enterrou! Como pode dizer que subiu a montanha com ele?

– Vossa alteza deve se lembrar do que o eremita me pediu. Pediu que eu não contasse a ninguém antes que o momento chegasse. Essas pessoas não sabem da verdade porque não pude contá-la, príncipe. Eu mesma enterrei o meu filho? Foi isso que disseram? Sim, é verdade – disse Sakhris em tom um pouco mais alto, para se fazer ouvir caso a filha estivesse acordada.

Kedder aguardava.

– Quem foi sepultado por mim, com terra e com lágrimas, foi o irmão dela – disse Sakhris, sussurrando e apontando na direção do quarto – Eu já havia levado meu filho. Quando voltei da montanha, vi os guardas saindo da casa dela. O que encontrei não preciso contar em detalhes: todos mortos, pai, mãe e um dos irmãos. Ouvi o choro de uma criança e encontrei essa menina. Trouxe-a imediatamente para minha casa, onde encontrei o outro irmão, morto, deitado na cama de Havien! Os dois costumavam brincar juntos e viviam entrando e saindo da casa por lugares que até hoje eu não conheço. Não poderia imaginar que aquele menino estaria na minha casa, muito menos morto na cama de meu filho. Talvez tenha vindo para brincar e, esperando, cansou-se e adormeceu.

Kedder ouviu um ruído e, sem dizer nada, levantou as sobrancelhas olhando na direção do quarto da moça, sugerindo a possibilidade de ela ter acordado. Sakhris, após rápida verificação, fez um sinal negativo com a cabeça e continuou.

– Por isso as pessoas acreditam que enterrei meu filho quando, na verdade, foi o irmão dela. Tive que dizer a esta moça que o irmão havia desaparecido. Ela perdeu toda a família quando ainda era um bebê. Tenho certeza de que ela nem se lembra do rosto dele, mas creio que a esperança de um dia reencontrá-lo seja o que a tenha mantido viva por todo esse tempo. Ela sofreu bastante.

– Não há garantia de que seja verdade o que me conta – disse o príncipe – mas sua história faz mais sentido para mim agora. Apenas ainda não compreendo o que espera de mim.

Sakhris percebeu que o príncipe já não mais segurava a semente.

– Um príncipe fraco talvez não compreendesse, Kedder, mas você há de conseguir – disse Sakhris, recolocando a semente de pau-pedra na mão do príncipe e fechando sua mão por cima da dele com uma força muito superior à que ela poderia ter.

Neste momento, Kedder foi invadido por uma sensação incomum. Aquela delicada mulher havia se tornado, por alguns instantes, o mais forte dos seres. Mesmo sem conseguir explicar o que experimentava, o príncipe sentia que era real. Após ela ter afastado suas mãos, ele ainda sentia a pressão que, somente aos poucos, permitiu que sua mão se abrisse, lentamente.

– O que foi isso? – perguntou.

– Isso foi um pouco do infinito, príncipe.

Um pouco do infinito... Em breve, Kedder voltaria a senti-lo.

06

- DOMMIN -

Sakhris proporcionara ao príncipe fraco uma grande demonstração de força. Não imaginava de onde ela teria vindo, mas, até o fim de sua viagem, desejava descobrir. Aquele que pretende ser rei precisa conhecer as forças presentes em seu reino para melhor se aproveitar delas e prevenir possíveis ameaças à sua segurança e à de seu povo.

Ao acordar pela manhã, Kedder se lembrava com muita clareza da experiência da noite anterior na cabana de Sakhris. Na verdade, quase não dormiu, dominado pela excitação nascida daquele mistério. Aquela mulher, definitivamente, tinha algo de especial. Sua serenidade inspirava confiança e o príncipe, por fim, decidiu aceitar a sugestão de subir a montanha.

Nasciam os primeiros raios de sol quando Kedder reuniu suas coisas para partir. O homem que lhe concedera o quarto se encontrava do lado de fora da casa. Ele estava à espera do outro homem, que guardara o cavalo e que ainda não havia chegado até aquele momento. Sua apreensão cedeu quando avistou o homem e o cavalo ao final da rua.

– Vamos! – disse o homem quase sem falar, mas agitando os braços sugerindo velocidade – O príncipe!

– Não se preocupe, senhor – disse Kedder, que chegava nesse instante à porta de entrada da casa – Ele veio no tempo combinado.

– Ah, sim, alteza. Ah, alteza, o senhor leve o pão na sua viagem. Este pão é um pouco duro, mas não se estragará durante vários dias. Pode lhe ser útil caso o senhor se demore no caminho.

– Seguirei daqui descendo o vale e chego ao vilarejo Hoshorn ainda hoje – disse o príncipe, procurando manter em segredo seu real destino – Mesmo assim, aceitarei sua oferta, senhor.

O cavalo estava muito limpo e escovado. O príncipe, com um sinal de cabeça, mostrou ao homem apreciação pelo cuidado que tivera. Montando o animal, Kedder se despediu e retomou sua viagem.

– Aonde o príncipe pretende ir? – perguntou o homem que cuidara do cavalo.

– Disse que iria a Hoshorn – respondeu o outro.

– Hoshorn? Hoshorn não é para lá? – e apontou com o braço na direção oposta.

O outro homem deu de ombros. O príncipe já havia desaparecido no horizonte quando o sol, timidamente, começava a lançar seu calor sobre Maddaghi.

* * *

Após contornar algumas estreitas ruas, Kedder deixou o vilarejo rumo à montanha. Os pequenos bosques daquela região tornavam o início da viagem muito aprazível. Algumas clareiras convidavam a uma passagem mais demorada e, em uma delas, o príncipe viu, entalhado no tronco de uma árvore, um coração com duas letras. Aquele poderia mesmo ser um bom local para casais enamorados que desejassem contemplar a bela paisagem. Kedder se permitiu alguns momentos a mais por ali e, depois, prosseguiu.

Apesar do imenso porte da montanha, o príncipe percebeu que sua base ainda se encontrava distante. Um viajante precisaria seguir por sucessivas elevações de solo pedregoso que ganhavam altitude a cada passo. Kedder percorreu as primeiras elevações durante boa parte do dia até parar para que seu cavalo pudesse beber da fria e cristalina água de um ribeirão. O príncipe aproveitou para reabastecer seu cantil. Foi então que olhou para trás pela primeira vez, podendo ver boa parte da vila, já distante. Espantou-se com a altura em que se encontrava. Já não era possível perceber os movimentos das pessoas. Apenas uma ou outra carroça que se movia próxima às plantações era denunciada pelo rastro de poeira que levantava. A cidade parecia dormir em plena luz do dia. O príncipe não ouvia um ruído, nem vindo da cidade, nem dos arredores de onde estava. Apesar do frio, o sol insistente ao longo de todo o trajeto fazia o príncipe suar.

Na segunda metade do dia, a caminhada adquiriu novas feições. A paisagem se alterava conforme Kedder se aproximava da montanha. Apareciam algumas plantas de folhas mais largas e ele já podia ver alguns insetos. Não tardou também para que percebesse alguns buracos sob as pedras, típicos ninhos de cobras ou roedores, embora não visse os animais. Algumas aves de grande porte silenciosamente sobrevoavam a paisagem ao alto e, aos poucos, outras menores também apareciam. Mais e mais árvores surgiam e, por fim, a mata se fechou totalmente. Kedder havia atingido a base da montanha, mas parecia não haver uma trilha. Olhando para o cume nevado de Dommin, pensou seriamente se deveria prosseguir com aquela ideia, afinal, ele não sabia nem mesmo aonde ia. Mas o momento pedia uma decisão. Kedder cavalgara um dia inteiro e estava muito distante de Maddaghi. Mais distante ainda lhe parecia o alto da montanha e, como o dia já se encaminhava para o fim, a resolução mais apropriada foi organizar o local da melhor maneira possível para, ali, passar a noite. O frio se intensificava rapidamente. Às portas da entrada na mata, Kedder localizou uma pequena gruta. O príncipe julgou ser um bom lugar para passar a noite. Usou de algumas largas folhas encontradas pelo caminho para improvisar uma extensa malha que, suportada por alguns galhos, cobria satisfatoriamente boa parte da entrada da gruta. Assim, protegido do

frio, Kedder se manteria bem por toda a noite. Seu cavalo teria que ser ainda mais resistente, pois o espaço interno era muito pequeno para acomodar o animal e não havia tempo nem luz para buscar uma alternativa. O príncipe se lembrou do pão que recebera e comeu um pedaço. Cansado da tumultuada noite anterior, deitou e, rapidamente, adormeceu.

* * *

O dia seguinte amanheceu com muitas nuvens. A claridade era pouca e dentro da pequena gruta a luz penetrava com dificuldade. As nuvens, porém, não demoraram a se dissipar, permitindo ao sol brilhar mais intensamente ao avanço da manhã. O príncipe acordou ao ouvir o barulho que seu cavalo, impaciente, fazia do lado de fora. Quando saiu, nada viu de especial, mas, de repente, um ruído na mata lhe chamou a atenção. Kedder virou-se rapidamente e sacou de sua espada. Parecia ter visto alguém. Seus olhos tinham dificuldade para se acostumar à luz e ele não conseguia precisar o que via. Protegendo os olhos com uma das mãos, a espada na outra, Kedder caminhou na direção do ruído. Abrindo caminho com a espada por entre a densa folhagem, embrenhou-se na mata e, devido à luminosidade mais branda, pôde ver um pouco mais nitidamente. Foi quando, através de uma grande rama de planta trepadeira, avistou a nítida imagem de um menino do outro lado. Ao ser notado pelo príncipe, o garoto desapareceu.

Kedder se lembrou dos moleques que, segundo a filha adotiva de Sakhris, brincavam nas trilhas a caminho da montanha. Era, contudo, uma distância muito grande. O garoto precisaria ter percorrido todo o caminho pelo qual o príncipe passara, e precisaria tê-lo feito à noite para que tão cedo já estivesse ali. Kedder começava até mesmo a duvidar do que acabara de ver. Afinal, dormira sozinho no meio de uma floresta depois de um longo e cansativo dia sobre seu cavalo. Além disso, estava com a cabeça cheia de histórias e dúvidas. Não pensava ser impossível uma alucinação naquelas condições.

Qual não foi sua surpresa quando começou a desbastar aquela intrincada rama de trepadeira na intenção de abrir caminho para o outro lado, onde vira o garoto. No terceiro ou quarto golpe com a espada, toda a rama caiu à sua frente e, junto dela, uma complexa estrutura de madeira, uma espécie de treliça. Certamente não era obra da natureza. Alguém havia colocado aquilo ali e, ao atentar um pouco mais para o que havia do outro lado, Kedder logo descobriu a razão. Aquilo era um bloqueio. Havia uma trilha parcialmente aberta do outro lado. O príncipe voltou a pensar no garoto, desta vez não mais como um devaneio, mas como uma real possibilidade. Na tentativa de vê-lo novamente, avançou através da trilha, mas, após andar por um pequeno trecho, preferiu retornar ao local onde dormira e recolher seus pertences. A trilha parecia ser larga o suficiente para Kedder prosseguir com seu cavalo. Procuraria o garoto em seguida.

O caminho não fora curto. Kedder andou com seu cavalo por toda a manhã sem chegar a lugar algum. A cada novo passo, a trilha se renovava mais um pouco à frente. E assim prosseguia, como que eternamente. Tendo deixado há muito o local onde dormira e seguindo pela trilha imersa em mata fechada durante todo o tempo, o príncipe não possuía qualquer referência visual. Sentia que marchava em subida, mas não podia determinar a direção. Sua segurança era a própria trilha, única e clara à sua frente. Mas essa segurança acabou ao começarem as bifurcações. E foram muitas durante todo o dia. Kedder estava desorientado e temeroso de não poder voltar com

facilidade. Alguns pequenos objetos foram deixados como marcações nas primeiras bifurcações, mas, ao ver que estas se repetiam indefinidamente, o príncipe teve que desistir de tal ideia, ou ficaria sem nada.

Percebendo a crescente inclinação do sol e cercado de árvores e bifurcações por todos os lados, Kedder decidiu que seria o momento de parar antes que a total escuridão da floresta dificultasse ainda mais a construção de um novo abrigo. E um fator agravava a situação. Apesar de encontrar água com frequência no caminho, seus suprimentos de comida já se haviam reduzido à metade. Teria que dar início a um racionamento, por precaução. Abocanhou apenas um pedaço de seu pão, que estava rígido como uma pedra, e guardou-o novamente. Aproveitando-se de uma área onde a trilha se alargava um pouco, Kedder amarrou seu cavalo e preparou o local para passar a noite. Mais intenso que na noite anterior, o frio começava a se instalar na floresta. Com pouca comida e cansado, suportar aquele frio era quase impossível. O príncipe se aproximava cada vez mais de nunca retornar da montanha. Na impossibilidade de fazer fogo em meio àquela temperatura e à umidade da floresta, Kedder se mantinha aquecido apenas com uma espessa manta na qual estava enrolado. Não havia gruta desta vez, apenas um recôndito entre arbustos de pequena estatura.

* * *

O dia seguinte chegou e, bem depois dos primeiros raios de sol, Kedder ainda se encontrava imóvel. Seu cavalo, também enfraquecido, mas ainda de pé, tocava com o focinho o corpo do príncipe. Nada. Nem um movimento.

O bicho, então, levantou a cabeça e olhou na direção da trilha. Escutava um barulho cada vez mais próximo. Impaciente, o cavalo tentava se libertar da amarra, mas a corda e a árvore eram muito fortes. Começou a resmungar intermitentemente, e depois, dando vazão à sua angústia, relinchou uma vez. O príncipe esboçou um leve movimento. O ruído na trilha, mais próximo, denunciava um iminente contato. Quando o príncipe conseguiu, pela primeira vez, abrir os olhos, deparou-se com o mesmo garoto do dia anterior, parado de pé à sua frente. Assustado, Kedder ganhou força para sentar-se, mas ainda estava confuso e sentia-se muito fraco. O menino, que segurava duas frutas nas mãos, aproximou-se e ofereceu uma delas ao príncipe. Kedder não conseguia sequer se levantar e, ainda que aquelas frutas pudessem lhe fazer algum mal, pouca escolha havia. Naquelas condições, mesmo em um combate de espada ele seria capaz de perder para o garoto. O controle de toda a situação estava nas mãos do menino e o príncipe, então, tomando a primeira fruta, comeu-a sofregamente.

Com os ânimos um pouco recobrados, Kedder se sentou com mais firmeza. Antes de entregar a segunda fruta, o garoto aproximou-a de sua própria boca e, como quem demonstra um procedimento, inclinou pescoço e cabeça para trás. O príncipe percebeu, então, que aquilo era uma espécie de coco, e que deveria tomar o líquido contido no seu interior. Assim o fez.

Não demorou muito para Kedder ser tomado de um intenso calor. O líquido extremamente amargo revigorou seu corpo. Seus membros, ligeiramente adormecidos, voltaram a ter firmeza e ele conseguiu, por fim, se levantar e encarar o garoto, que nada dizia.

– Quem é você e o que faz aqui? – perguntou o príncipe.

O garoto não respondeu. Tinha em seu rosto um ar de indignação. Kedder olhou para os lados, depois para o garoto e deu

de ombros. O menino, apontando para o príncipe, fez um gesto de quem sente frio, tremendo e esfregando as mãos sobre os braços e os ombros. Em seguida, apontou para si próprio e para o tal coco com a bebida que o príncipe acabara de ingerir. Kedder, por fim, compreendeu.

– Creio que devo lhe agradecer pelo que fez, certo? Obrigado.

– Bem melhor assim! – disse o garoto, esboçando um sorriso.

– Agora me responda quem é você e o que faz aqui – insistiu o príncipe.

– O senhor deve ir por ali e chegará em três dias – apontou o garoto em direção a uma bifurcação. Então, virou-se e saiu correndo em outra direção.

– Espere! – gritou Kedder – Eu preciso encontrar uma pessoa! Seu nome é Havien. Você sabe onde ele mora?

– Já respondi isso! – gritou de volta o garoto, distante na trilha.

Se antes Kedder se questionara sobre sua segurança, naquele momento não imaginava razão para dúvidas. Chegou a pensar em correr e tentar alcançar o garoto, mas desistiu. O pequeno lhe salvara a vida e seguir sua recomendação dificilmente traria qualquer problema. Ao contrário, poderia, enfim, fazê-lo alcançar seu destino. O príncipe recolheu suas coisas e amarrou-as ao cavalo. Foi quando se lembrou do coco, do qual não tomara completamente o conteúdo. Pegou-o junto ao chão e deu um pouco ao cavalo, na tentativa de também lhe recuperar as forças. Foi quando a montanha ouviu um grande relincho. O cavalo cuspiu o líquido, batendo os beiços um contra o outro na tentativa de se livrar do amargo sabor que experimentara. Certamente, para ele, o frio era menos incômodo.

Kedder prosseguiu pela trilha indicada pelo garoto, montanha acima, por uma interminável e íngreme subida. Havia momentos em que a vegetação se raleava e era possível ver, muito abaixo e ao longe, o caminho pedregoso outrora percorrido. A luz do sol refletia nas pedras e o chão parecia coberto de espelhos. Não era possível avistar Maddaghi, que ficara encoberta pelas escarpas. Mas, bloqueando com as mãos parte da luz que ofuscava seus olhos, o príncipe teve uma impressionante visão de sua casa, o castelo real, perdido distante no horizonte azulado. Por um momento, sentiu vontade de estar lá novamente, no conforto de seu quarto, alimentando-se de deliciosos assados e divertindo-se com seus jogos prediletos. Sentiu vontade de nunca ter saído de casa naquela viagem que, devido às privações apresentadas logo de início, seria, certamente, muito longa.

Mas o príncipe se lembrou de um conselho que seu pai, certa vez, havia lhe dado: “Quem, diante de uma tarefa longa e árdua, desiste ao primeiro sinal de cansaço ou tédio, não merece o que o futuro pode lhe proporcionar. Assim, o melhor que tem a fazer é mesmo desistir, pois isso abre caminho a outros de maior determinação – e são estes os que desfrutarão dos benefícios.”

Kedder também se lembrou de como estavam todas as coisas. Lembrou-se de que a grande causa dos problemas foi a covardia de Soriom para seguir a tradição. “A um rei é preciso coragem!” – pensou o príncipe, enchendo o peito de ar e adotando uma nobre postura. Kedder estava decidido a continuar e enfrentar o que fosse necessário para resgatar os tempos de fartura e felicidade. Encerrando a contemplação da paisagem, virou-se e tornou a subir.

Poucos passos deu à frente quando uma clareira começou a se abrir. As árvores, apesar de presentes em grande quantidade, já não mais se alternavam com arbustos baixos. Era possível ver

melhor através delas e, ao atentar para a profundidade da floresta, Kedder avistou, ao longe, uma cabana. A trilha, entretanto, tomava outra direção, virando-se para a direita abruptamente e iniciando uma leve descida. O príncipe parou por um momento. Pensou que teria chegado ao local desejado, mas o estado de abandono da cabana o fez desconsiderar a ideia. Ali ninguém moraria, certamente. E também a trilha virava... E o garoto... Não fazia muito tempo que estava caminhando e o garoto o avisou que ele chegaria em três dias. Não era possível ter coberto uma distância de três dias tão rapidamente, montanha acima. Induzido pela brusca mudança de direção da trilha, Kedder decidiu não abandoná-la e prosseguiu pelo caminho já aberto. Pensou que a trilha contornaria aquela seção da montanha e continuaria subindo mais à frente.

Mas pensou errado. A partir daquele ponto, a trilha começava a serpentear montanha abaixo. E assim continuou pelo resto do dia. A noite ameaçava chegar e Kedder teve que parar novamente. Seria a segunda noite que dormiria no coração da floresta e ele se arrependeu de não ter guardado aquele coco com o que restara do líquido. Um vento fraco, porém constante, cortava as folhas das árvores e ampliava ainda mais o frio. Devido à progressiva e acelerada diminuição da luminosidade, Kedder precisava se instalar rapidamente ou aquela noite seria pior que a anterior.

Por sorte, pouco depois, o príncipe avistou uma grande massa verde, de pouca altura, mas de folhagem muito densa. Aproximando-se, encontrou uma estrutura parecida com a treliça que vira ao entrar na floresta, só que, em vez de apenas um único plano, era circular e, ao dobrar-se sobre si mesma na vertical, formava um abrigo feito de galhos e folhas. Era um trabalho de paciência e, acima de tudo, de muita competência. O ambiente dentro desse envoltório não sentia sequer a presença do vento. Toda a trama de folhas era muito firme. Seu cavalo, receoso de ter que experimentar qualquer outra substância esquisita, parecia muito confortável com a ideia de dormir do lado de fora. Ao entrar, Kedder se deparou com um ambiente ainda mais escuro. A única coisa que conseguiu ver, para a sua surpresa e contentamento, foi algo não mais desconhecido, além de muito útil: um coco. O príncipe, com cuidado, começou a tatear pelo chão, que se mostrava plano, porém nada mais encontrou. Percebeu um forte cheiro, um tanto desagradável, sem, contudo, identificar a causa. O odor parecia estar em toda a cabana. “O cheiro há de ser melhor companhia que o frio” – pensou, bebendo parte do líquido do coco, que rapidamente o aqueceu. Um pouco melhor instalado que na véspera, o príncipe, por fim, dormiu.

* * *

Na manhã seguinte, Kedder acordou com um sobressalto. Durante a noite, um porco selvagem invadira o abrigo e se aninhara junto aos pertences do príncipe. O animal não era nada pequeno. Dormindo, até que não parecia muito ameaçador, mas a um pequeno ruído do príncipe o bicho acordou e, assustado, colocou-se de pé e começou a guinchar ininterruptamente. A cena era apavorante. Um bicho daquele tamanho a apenas alguns palmos de distância colocaria medo em qualquer pessoa. O cavalo, também assustado, relinchava sem saber o que acontecia. Kedder aproximou a mão vagarosamente de sua cintura. Hesitava. Mesmo um golpe de espada não pararia um porco daquele tamanho imediatamente e, se o príncipe não fosse certeiro, mesmo ferido, o animal o faria em pedaços. E, então, algo inimaginável aconteceu.

Um grito acabou com tudo. Parada de pé, na entrada do abrigo, uma pequena menina de não mais que quatro anos, disse um

“não” com tamanha potência, e com uma voz tão aguda, que o príncipe, recém-acordado, chegou a ficar desorientado. O porco parou com seu grunhido. A menina olhava para o príncipe com olhos de severa desaprovação. Caminhou em direção a ele, semblante inabalável, tornou-se para o porco e segurou em uma pequena corda que envolvia o pescoço do animal. Deu uma última olhada para o príncipe, virou de costas e foi embora, puxando pela “coleira” um bicho com vinte vezes o seu peso. Alguns momentos se passaram até que Kedder decidiu sair do abrigo. Foi surpreendido, então, por um homem que se aproximara de seu cavalo. Aquela situação era diferente. Não era um garoto ou uma pequena menina, mas um homem; um homem que poderia significar uma ameaça. Kedder, naturalmente, sacou de sua espada. Mal sabia que aquele homem poderia significar qualquer coisa, menos uma ameaça.

– O que faz aqui? Quem é você? – perguntou o príncipe, nervoso.

– Eu moro aqui, isso é o que eu faço aqui – respondeu o homem, com palavras lentas e entrecortadas, de um jeito abobado – Por que está bravo?

Kedder não sabia responder àquela pergunta. Na verdade, não sabia por que estava nervoso. Talvez por causa do episódio com o porco.

– O senhor é o príncipe – continuou o homem, em um tom de voz tão monótono que não permitia perceber se se tratava de uma pergunta ou de uma afirmação.

– Sim, sou eu – respondeu Kedder.

– Sim, eu sei – tornou a falar o homem, demonstrando ser uma afirmação sua frase anterior.

– O senhor quer subir a montanha para encontrar Havien...

Uma pergunta? Uma afirmação? Kedder aguardou.

– O senhor quer subir a montanha para encontrar Havien...

– Sim, sim, eu quero!

Desta vez era uma pergunta.

– O senhor está errado, vá por ali – e apontou na direção de um desvio no meio da trilha.

– E aquela menina com o porco? – perguntou Kedder.

– É uma porca. É fêmea – divagou o homem, com visível dificuldade para falar.

– Sim, homem, mas quem é aquela menina?

– Ela é minha filha menor...

– Mas e aquela porca?

– Ah, a porca não... – respondeu o homem enquanto ria aos soluços, indo embora na mesma direção da garota.

Kedder entrou no abrigo e pegou suas coisas. Sentiu o cheiro. Agora ele sabia de onde vinha. Aquela porca devia dormir por ali algumas vezes. Ao sair, percebeu que um grande e espesso pano, que recobria o homem como uma capa, estava ao chão. Kedder pensou em devolvê-lo, mas, preferindo não se arriscar a encontrar novamente a porca enfurecida, apenas recolheu o pano, juntou às suas coisas e tomou o desvio que lhe fora indicado.

Na média, a trilha não subia nem descia. Havia alguns pequenos aclives, que logo eram compensados por longas descidas de desnível quase nulo. Kedder andou durante todo o dia, fazendo pequenas paradas. A dificuldade maior era seu cavalo, pois aquela trilha não era larga como as outras e, por inúmeras vezes, os pertences do príncipe sobre o cavalo agarravam em galhos que, por sua vez, retesados, soltavam-se bruscamente e, não raro, batiam na anca do cavalo, que se agitava e dava início a uma curta disparada, quase atropelando o príncipe. Por várias vezes, alguns itens despencavam do cavalo obrigando Kedder a parar para recolhê-los.

O dia transcorreu através de uma caminhada lenta e cheia desses pequenos percalços. E, de repente, no meio do nada, sem tomar direção à direita ou à esquerda, a trilha acabou.

Parado de pé, com seu cavalo tentando se apertar ao seu lado, no meio da densa floresta, Kedder só tinha um caminho: voltar. Um sentimento de cólera tomou conta de seus pensamentos. Sentiu-se enganado por aquele tolo homem. Aquele insano lhe indicara um caminho que, ao final do dia, acabaria em coisa nenhuma. O príncipe não sabia o que fazer. Não era possível prosseguir, mas ele se recusava a voltar. Não, não voltaria. Aquilo tudo era demais. Tomado de raiva, pegou sua espada e, como não havia por perto o pescoço de um tolo homem, Kedder extravasou sua raiva rasgando caminho por entre as folhagens. Golpes verticais e horizontais, todos com muita força. Um ou outro cipó se agarrava à lâmina e o príncipe se enfurecia ainda mais. Eram golpes e mais golpes até que sua espada atingiu uma pedra. Uma pedra, solitária, à altura de sua cabeça, em cima de uma árvore. "Uma pedra em cima de uma árvore?" – estranhou. A sensação foi igual à que teve quando, ao entrar na floresta no começo de sua viagem, encontrou aquela treliça de madeira com folhas amarradas. Aquela pedra não estava ali naturalmente.

Naquele local, a mata não era tão fechada. Não havia trilha definida, mas era possível um homem caminhar por aquele lugar sem dificuldades. Até o seu cavalo estava se esgueirando por ali, acessando o lugar pelas vagas que a espada do príncipe acabara de abrir na mata.

Kedder, um pouco mais sereno, seguiu em frente para, pouco tempo depois, perceber nova ocorrência de trilha. E o que ele pensava ser uma solução para sua falta de direção, na verdade, agravou o problema, pois a trilha encontrada era muito familiar. De forma a não restar qualquer dúvida, à margem do caminho jazia, um pouco deteriorado, o miolo com a semente da fruta que o garoto lhe dera.

– Mas que diabos! – exclamou o príncipe em voz alta.

Kedder voltara ao mesmo lugar onde dormira dois dias antes. Sua frustração era imensa e não havia o que pudesse ser feito naquele momento. Ao menos, o príncipe já sabia onde dormir: no abrigo que ele mesmo construíra. E, no dia seguinte, sabia exatamente o que faria.

* * *

A noite decorrera bem e, estando o céu claro ao amanhecer, o sol rapidamente se lançou pelos pequenos espaços entre as folhas das árvores, pintando o chão com esparsos flocos de luz. O príncipe acordou. Tão rápido decidira o que fazer na noite anterior que nem mesmo se preocupou em comer qualquer coisa antes de continuar. Rapidamente partiu, retomando a mesma trilha do primeiro dia. Pensava na cabana. Andando mais rápido que da primeira vez, chegou ainda pela manhã ao ponto onde a trilha se virava bruscamente para a direita, caminho que ele havia tomado anteriormente. Afastando-se da trilha, Kedder avistou a cabana por entre as árvores. Conforme seguia, ela se tornava cada vez mais nítida. E cada vez mais habitada.

Quando as árvores deram lugar a uma área plana e limpa, Kedder observou mais do que apenas as madeiras de uma cabana abandonada. Viu uma horta cuidadosamente conservada, com algumas plantas de folhas e algumas de frutos. Mais à frente, abaixado próximo a uma outra fileira de plantas, estava um homem. Vestia uma espécie de hábito, uma capa escura como um tronco de

árvore que lhe cobria todo o corpo, desde a cabeça, sob um capuz, até quase os tornozelos. O homem parecia replantar em terra definitiva algumas pequenas mudas retiradas de uma caixa de madeira. De costas, não podia ver a lenta aproximação do príncipe.

– Eu o congratulo, Príncipe Kedder da Sindávia, por ter chegado até aqui – disse o homem, sem se virar – Seja bem-vindo à minha casa que, agora, é sua também.

Kedder se sentiu um pouco inseguro. Levou a mão ao cabo de sua espada.

– Ah, sim, sua espada será útil para cortarmos algumas verduras de nossa horta. Vê como elas estão bonitas? – disse o homem, ainda abaixado, na mesma posição.

– Senhor, por favor, levante-se – disse Kedder – Estou procurando um homem de nome Havien.

– Se esta é a sua procura – interrompeu o homem – então, ela terminou. Meu nome é Havien.

Havien levantou-se e virou-se para o príncipe, mostrando que seus olhos eram cobertos por uma faixa de pano amarrada atrás da cabeça. Kedder, depois de tantas informações confusas, não estava certo se deveria acreditar na identidade daquele homem. Além disso, ele não poderia ser cego se conseguia perceber tão claramente os movimentos de outra pessoa.

– Se você sabe quem eu sou, deve saber também que estive com sua mãe em Maddaghi... Ou não? – arriscou Kedder.

Havien fez silêncio por alguns instantes e curvou levemente a cabeça para baixo.

– Ah, sim, minha mãe... Sinto saudades dela. Ela deve lhe ter recomendado subir a montanha para me encontrar. Foram instruções de Kahlzang.

– Kahlzang seria...

– O "Eremita". É assim que minha mãe o conhece, pois em seu único encontro com Kahlzang, ele não revelou seu nome.

– Isso foi no dia em que ela subiu a montanha com você?

– Sim.

– E nunca mais se encontraram desde então?

– Não, e nem poderíamos. Kahlzang disse a ela que jamais deveria vir a Dommin outra vez. Também não deveria contar a história a ninguém, exceto quando tivesse certeza de que o momento chegara. Quanto a mim, também fui instruído a permanecer aqui ao aguardo daquele que minha mãe enviasse. Assim disse o eremita. Somente dessa forma era certo de que nos veríamos novamente.

– Fico tentando compreender como sua mãe pôde seguir por tantos anos a recomendação de uma pessoa desconhecida com quem ela falou em circunstâncias tão duvidosas.

– O príncipe está aqui porque seguiu a recomendação de uma pessoa desconhecida com quem falou em circunstâncias bastante duvidosas – notou Havien.

Kedder não teve resposta. Lembrou de como se sentiu ao ouvir a história de Sakhris e de como teve a inexplicável certeza de que deveria seguir suas instruções, mesmo que aos olhos de qualquer outra pessoa aquilo parecesse muito arriscado.

– Kahlzang me ensinou muitas coisas e me ajudou a sobreviver neste local. Moramos nesta cabana até o dia em que ele deixou de morar aqui. Isso já faz alguns anos.

– E desde esse dia você mora aqui sozinho?

– A resposta mais satisfatória, dentro do seu conceito de sozinho, é sim.

– Mas você não é...

Kedder parou subitamente. Não sabia se deveria se referir à deficiência do homem de forma tão direta.

– Você quis dizer “cego”? – continuou Havien.

– Eu...

– A mim não causam mal suas palavras, príncipe, e pode dizê-las, pois cego é o que sou. Mas compreendo e aprecio sua intenção. Suavizar o problema alheio é atitude meritória e deve ser sempre cultivada, pois um homem nada conquista quando a um outro ofende.

– Eu realmente não quis ofendê-lo.

– Como já disse, a mim não ofendeu – finalizou Havien, dirigindo-se para o interior de sua casa e convidando o príncipe a fazer o mesmo.

Ao entrar na cabana, Kedder viu instalações que destoavam do aspecto externo. Tudo era muito organizado e a casa parecia funcionar em perfeita ordem. Para uma pessoa cega e sozinha, aquilo estava acima do esperado, acima mesmo do possível. O príncipe evitou, porém, voltar ao desagradável assunto sobre a cegueira.

– Não entendo. Encontrei algumas pessoas no caminho... Aliás, todas bastante singulares. Pareceu-me que elas sabiam do propósito de minha vinda a Dommin, mas as indicações que me davam... Passei por esta casa e acabei não entrando porque ninguém conseguia me oferecer uma instrução correta. As indicações eram tão confusas que não foi possível perceber que este era o local que eu buscava.

– É o que ocorre quando você se baseia apenas nas opiniões dos outros. Diga-me, príncipe, em nenhum momento você imaginou que esta seria a casa que procurava? – perguntou Havien.

– Na verdade, sim. Eu imaginei que poderia ser aqui, mas...

– Mas não entrou.

– Não.

– E por quê?

– Preferi me certificar antes.

– Você mal viu a casa e fez um julgamento, ó, aprendiz de príncipe. Além disso, como qualquer pessoa, você não gosta de errar, e isto ficou ainda mais evidente quando se preocupou em colocar a culpa do seu insucesso em fatores externos. E esses, coitados, foram os meus colegas que, segundo o príncipe, ofereceram indicações confusas.

Kedder não gostou da maneira como fora acusado.

– Desculpe-me, mas o senhor acredita que as indicações foram claras?

– Claras o suficiente, uma vez que o príncipe está aqui.

– Sim, aqui estou, mas poderia ter sido mais rápido, mais eficiente.

– Seria tão rápido quanto ineficiente.

– Como? Não posso aceitar isso! – disse Kedder, impaciente com as enigmáticas respostas do homem – Estou aqui depois de três dias de procura. Se tivesse chegado logo ao primeiro dia... Não seria a mesma coisa, só que melhor?

– Melhor por quê?

– Porque teríamos mais tempo.

– Mais tempo... – repetiu Havien – Você não sabe aonde vai, príncipe. O que faz com o tempo um viajante que não sabe aonde deve ir?

Kedder hesitou. Parecia não encontrar uma resposta adequada.

– Uma boa ideia seria usar o tempo para tentar descobrir aonde ir... – respondeu, por fim, o príncipe.

– Muito bom – exclamou Havien com um suave sorriso – Porém, se você não estiver satisfeito com o tempo que passou

pensando nisso, pode voltar à floresta e pensar por mais três dias, porque, definitivamente, o príncipe não sabe aonde precisa ir.

Kedder ficou furioso. Sentiu que aquele homem debochava dele. E não havia nem mesmo certeza de que ele era quem dizia ser.

– Estou em viagem para melhor conhecer meu reino, senhor, e, assim, me tornar um bom rei. Se é verdade que não sei ao certo aonde devo ir, é verdade também que continuar neste lugar ouvindo pessoas estranhas dizendo coisas estranhas não vai me ajudar em nada.

– Pessoas estranhas, príncipe? Dê-me um exemplo de alguém que você considere perfeitamente normal.

Kedder não respondeu.

– O normal será sempre estranho aos olhos daquele que não está preparado – disse Havien.

– Creio que minha vinda aqui foi um engano e é melhor prosseguir com minha viagem... – disse Kedder, intencionando deixar a cabana.

– Prosseguir com sua viagem? Sim, é necessário. Mas ir embora tão cedo não é necessário. E também não é devido. Sua vinda aqui não foi um engano, aprendiz de príncipe, mas você ainda não consegue perceber isso. Pois que vá embora, se assim pensa ser melhor.

Kedder esperava que o homem insistisse por sua permanência e essa última postura o deixou ainda mais irritado.

– Pois é isso que farei! – bradou o príncipe, dirigindo-se para a porta.

– Uma última coisa, dessas que o príncipe chama de estranhas, gostaria de ouvir?

Kedder não respondeu, mas se manteve parado de pé.

– Em seu caminho de volta – alertou Havien – tenha cuidado, após o riacho, com a árvore que se projeta horizontalmente sobre a trilha.

O príncipe se virou e deu início à descida pelo mesmo caminho que o levara à cabana. Poderia, no mesmo dia, atingir o abrigo onde passara a noite anterior e, dali, seguiria de volta para Maddaghi, deixando Dommin para trás. Conforme descia, tinha em mente a recomendação de Havien. Era mais uma das estranhas recomendações que recebera, mas parecia sensato observar o caminho com cuidado independente de qualquer conselho.

Não muito tempo depois, chegou ao riacho e viu a árvore mencionada por Havien. Um enorme galho se estendia por cima da trilha e o príncipe se espantou por não tê-lo percebido na subida. Examinando bem a árvore e tomando o devido cuidado, Kedder abaixou a cabeça e passou. Seu cavalo, com um pouco mais de dificuldade, porém auxiliado pelo príncipe, fez o mesmo.

Quando ambos se colocaram novamente em curso de descida, um tropeço de Kedder em uma raiz o fez cair subitamente para fora da trilha. Seu cavalo, guiado pelo príncipe por uma corda, se desequilibrou e caiu também. O animal, no entanto, muito mais pesado, deslizou velozmente morro abaixo por sobre a úmida vegetação, debatendo-se na tentativa de interromper o movimento. Por fim, parou. O príncipe, apreensivo, desceu em socorro ao bicho e o ajudou a retomar a trilha. Apesar de poder andar, o cavalo não o fazia com firmeza. Não parecia um problema com qualquer uma das pernas, mas o animal estava excessivamente desorientado e mostrava um ferimento no alto da cabeça. Kedder se preocupou. Seria muito longo o caminho de volta a Maddaghi, onde poderia obter algum auxílio. Temendo pelo quanto a situação ainda poderia piorar se não agisse rapidamente, Kedder teve que deixar seu ego junto ao riacho e

subir em direção à cabana de Havien. Esperava que o homem o recebesse com ironias, mas estava disposto a suportá-las.

Ao contrário da expectativa do príncipe, Havien se mostrou bastante consternado e imediatamente se prontificou a ajudar assim que Kedder ressurgiu com seu cavalo.

– Príncipe, eu vejo com as mãos e com os ouvidos, mas temo não poder tocar o ferimento de seu cavalo neste momento. Pode descrevê-lo para mim?

– Entre os dois olhos há um ponto – disse Kedder, tentando ser o mais preciso possível em sua descrição – Seguindo por uma linha reta em direção ao alto da cabeça, o ferimento está a um palmo de distância deste ponto. Está sangrando.

– A ferida é profunda?

– Não consigo ver direito... O sangue preenche todo o ferimento... Parece grande...

– Lá dentro, perto daquela mesa que você observava há pouco, existe um pote com um pó acinzentado. Pegue-o e traga-o aqui, por favor.

O príncipe se apressou, voltando rapidamente.

– A partir de agora, príncipe, eu preciso que confie em mim ou não ousarei continuar – disse Havien.

Kedder não respondeu. Não raciocinava com clareza e, naquelas condições, pensou que não faria diferença confiar ou não no homem. Temia pelo pior.

– Príncipe Kedder? – insistiu Havien.

– Sim, o senhor tem minha confiança – assentiu Kedder.

– Seu cavalo está muito inquieto e isso não é bom quando há um ferimento profundo na cabeça. Ele não vai sobreviver, consegue aceitar isso?

Kedder tentava simular frieza ao receber a notícia.

– Mas isso é para quê? – perguntou, erguendo à frente o pote como se o homem pudesse ver.

– Esse pó fará com que o processo não se prolongue de forma dolorosa e indefinida.

– Está dizendo que vamos matar o meu cavalo?

– Não, príncipe. O ferimento vai matá-lo. Nós vamos aliviar o seu sofrimento. Você vai aplicar este pó sobre o ferimento e o animal deverá deitar quieto. Façamos isso ali, onde há uma cobertura – disse Havien, apontando na direção de um anexo à cabana.

Kedder conduziu o cavalo até o local. A cabeça do bicho baixava e o sangue não parava de sair.

– Agora você vai encher sua mão com o pó cinza e derramá-lo sobre todo o ferimento, cobrindo-o totalmente – continuou Havien – Está pronto?

– Sim.

– Então faça.

O príncipe viu Havien segurar fortemente uma semente de pau-pedra na mão esquerda. Secretamente, Kedder levou sua mão esquerda ao bolso onde se encontrava a semente que Sakhris lhe dera. Derramou o pó sobre o ferimento do cavalo e viu quando ele fechou os olhos, vagarosamente.

– Venha, príncipe, descanse um pouco – disse Havien – Os últimos dias cansaram muito seu corpo e sua mente. Repouse enquanto prepararei um chá para nós.

Kedder não se sentia bem. Não fazia muitos dias que começara sua viagem, e muito longe se encontrava de qualquer progresso. Perdera o seu cavalo e hospedara-se em uma cabana no meio da montanha sem saber sequer se poderia voltar por aquele emaranhado de trilhas. Visivelmente abatido, o príncipe mal dirigia a palavra a Havien. Recostou-se sobre uma espécie de sofá – um

amontoado de tecidos e almofadas no canto da sala – fixando o olhar em um ponto da parede e assim ficando, a olhar o nada, pensativo. Havien podia sentir a angústia do príncipe.

– Não há nada novo a ser conhecido que não nos deixe um pouco confusos, príncipe Kedder – disse Havien.

Kedder esboçou um leve sorriso e disse, em tom de confidência:

– Você deve ser, realmente, o filho dela. Parecia ela, agora, falando...

– A primeira e única vez que ouvi esta frase foi no dia em que subimos a montanha. Eu insistia em saber o que estava acontecendo e ela não queria me explicar. Lembro-me de ter ficado mais calmo quando ouvi isso. Hoje, sei do que ela procurava me proteger e agradeço pelo seu corajoso gesto. Um dia, como disse Kahlzang, veremos um ao outro novamente. E, com sua vinda até minha casa, príncipe, sinto que esse dia não tardará a chegar.

– Há problemas se eu dormir aqui, do jeito que estou? – perguntou Kedder, acomodando-se.

– Na minha casa eu durmo onde me dá vontade. E o príncipe, na casa dele?

– Sim, eu também – respondeu.

– E esta casa, de quem é?

– É nossa – respondeu Kedder, com um leve sorriso, lembrando-se das primeiras palavras de Havien ao recebê-lo na horta.

– Sendo assim, esteja o príncipe onde ele desejar.

Tendo dito isso, Havien se recolheu. O dia seguinte seria renovador.

* * *

Quando Kedder abriu os olhos, a claridade da manhã atingia cada canto da casa. Demorou alguns instantes até perceber onde passara a noite. Por alguns momentos, permaneceu na mesma posição observando Havien que, já acordado, arrumava algumas frutas e folhas à mesa. Na terceira vez que o viu carregando mais frutas em uma cesta, Kedder não se conteve.

– Não é comida demais para duas pessoas?

Havien nada disse. Apenas mostrou três dedos da mão direita. Kedder, em um salto, levantou-se do sofá e correu para fora da casa. Não disfarçou sua alegria quando viu seu cavalo de pé, respondendo ao seu chamado com um moderado, mas firme relincho. Havien vinha logo atrás ao encontro dos dois.

– O que aconteceu? – perguntou o príncipe a Havien.

– Você confiou e, dessa forma, agiu acertadamente. O cavalo estava doente do corpo. Doenças do corpo são fáceis de curar. Difíceis são as doenças da alma.

Kedder não compreendia. O bicho estava vivo. Mal conseguia ficar de pé na tarde anterior.

– Ele perdia muito sangue ontem – explicou Havien – e a maneira como andava cambaleando era devido à fraqueza, e não ao impacto na cabeça. Acredite, a cabeça dele é mais dura que a sua, ó, aprendiz de príncipe.

– Mas e aquele pó cinza? Para que servia?

– Aquele pó é feito de semente de pau-pedra moída. Quando aplicado sobre ferimentos, cria uma proteção rígida que estanca totalmente o sangramento. Chega mesmo a colar nos ossos e, se não for incômodo, creio que seu cavalo ficará com essa protuberância na testa para o resto da vida. Você realmente encheu sua mão de pó, príncipe...

Kedder se sentiu agraciado e, dessa vez, não esperou que a fisionomia de Havien lhe sugerisse alguma conduta, a exemplo do garoto na floresta.

– Obrigado pelo que fez, senhor.

– Aproveito para perguntar-lhe o porquê desse "senhor"...

– Não sei... É que... Bem, na verdade, não sei como chamá-lo.

– Eu sei, é simples. Chame-me de Havien. Este é o meu nome. Com o tempo, você vai aprender a não complicar as coisas simples e, assim, viverá muito melhor.

– Bem, está certo. Obrigado, Havien.

– Agora venha. Vamos comer e conversar um pouco – disse Havien, entrando na cabana.

À mesa farta de folhas e frutos, sentaram-se os dois. Kedder experimentou algumas coisas e tudo lhe pareceu muito bom. Segundo Havien, o que não era produzido em sua horta, facilmente era encontrado nas imediações da casa. Kedder evitava voltar ao problema com os olhos de Havien, mas ficava, constantemente, intrigado. Perguntava-se como ele conseguia encontrar frutas na floresta se não as via. A conversa, tomando outro rumo, trouxe de volta o sentimento de gratidão que o príncipe acabara de experimentar.

– É necessário que me desculpe por ontem, Havien, pelo meu comportamento. Creio não ter sido paciente para verificar o que de bom poderia obter de minha visita à sua casa e apenas fiquei reclamando dos problemas que havia enfrentado para chegar até aqui.

– A paciência é uma estrela distante, príncipe. Mas não se preocupe. Eu não costumo guardar coisas ruins. Elas ocupam muito espaço. Nem sei se me recordo de que você reclamava...

– Das indicações confusas e do tempo desnecessário que fiquei na floresta podendo ter chegado aqui antes – esclareceu Kedder – Ainda que certo em minha opinião, ao menos não precisava ter me exaltado ao expô-la.

– Ah sim, principalmente em se tratando de tão errada opinião, não é mesmo, aprendiz de príncipe?

Kedder olhou para Havien com semblante curioso e comentou:

– Bem, vejo que, neste caso, ainda discordamos se foi bom ou não esperar três dias para chegar a um lugar que poderia ter sido alcançado em um.

– Não, príncipe, não discordamos. Você concorda comigo, só que ainda não sabe que concorda.

– Não posso aceitar isso.

– É normal negar o que não se compreende.

– Estou tentando compreender – justificou o príncipe.

– Vou ajudá-lo. Você já viu o que acontece com uma plantação onde há ervas daninhas, príncipe?

– Sim, elas crescem de forma muito rápida e tomam conta da plantação. Acabam por sufocar as outras plantas.

– Exato. E se só houver um único exemplar de planta daninha no meio de uma grande plantação de bons frutos?

– Eu diria que o efeito seria menor a princípio, mas, com o tempo, teríamos a mesma situação. Essas invasoras são danadas!

– Que belo pensamento. Voltamos a falar do tempo. Qual a razão do tempo ser favorável à erva daninha e não à plantação, príncipe?

O príncipe contraiu a testa em busca de uma resposta, mas nada passava por sua mente. Havien continuou:

– Visto que temos muito a aprender com todas as coisas da natureza, percebe que estamos aprendendo com as ervas daninhas?

– Percebo que deveríamos estar, mas ainda não consegui entender. O tempo e as ervas daninhas... Sei que elas vão tomar conta da plantação porque são mais fortes e resistentes.

– Sim. E são mais fortes e resistentes porque crescem sozinhas, sem ninguém as plantar. O mesmo acontece com as convicções, príncipe. A mais forte é a que brota sozinha, sem ninguém plantar. Você precisava passar todo esse tempo sozinho com seus próprios pensamentos e com as indicações dos outros para perceber o valor que cada coisa tem. E, quando se sentiu convicto para tomar uma atitude, foi porque a certeza veio de dentro, e não de fora. Quando a certeza vem de dentro, nada pode desviá-lo de seu objetivo.

– E, por isso, foi bom ficar sozinho todo esse tempo? – perguntou Kedder, desejando concordar com a questão.

– Quem não desfruta de alguns períodos de solidão toma decisões tão boas quanto as de um louco. Sábio é aquele que busca sempre colher na serenidade as respostas aos seus questionamentos. Conselhos existem muitos, príncipe. Pessoas capazes de fornecer bons conselhos existem poucas.

Kedder pensou por breves momentos e, por fim, consentiu:

– Sim, creio que concordávamos desde o início, como você disse, mas só agora consigo perceber. Acredita que haverá muitas situações como esta? Onde eu não terei conhecimento suficiente para julgar se algo é bom ou ruim para mim?

– Você não deve julgar se é bom ou ruim – respondeu Havien – Você precisa entender que as coisas que acontecem com você, todas elas, são apenas necessárias.

– Necessárias a quê?

– Ao seu crescimento. Se hoje você é uma pessoa melhor que ontem, é porque aprendeu coisas e, para aprendê-las, teve que usar seu tempo para estudá-las e vivenciá-las. Muitas delas serão desagradáveis a um primeiro julgamento e você passará por privações e sofrimentos para aprender. Porém, o que lhe faz sofrer pela manhã, à noite já não o incomoda devido ao conhecimento que adquiriu.

– Mas não seria uma contradição? Sofrer para aprender e, assim, não sofrer? Ao final, não seria sofrer para não sofrer?

– O sofrimento é temporário, príncipe. Dissipa-se no tempo. O conhecimento permanece eternamente. A troca que sugeriu não se dá entre coisas iguais. Sofrer o aprendizado é sempre menos doloroso que sofrer a falta do conhecimento.

Kedder relembrava momentos de sua vida onde a falta de conhecimento lhe custara caro. Não houvera muitos, mas, analisando a vida que vivia no castelo, percebeu que Havien estava certo. Todo o esforço para aprender algo era menor que o esforço para contornar um problema causado pela falta de conhecimento.

– Uma vez que concordo com isso, Havien, a dúvida, então, passa a ser outra. Onde buscar o conhecimento?

– Você perceberá, príncipe Kedder, que o conhecimento é algo curioso. Se você pudesse não saber de nada, não saberia nem mesmo da existência de coisas para conhecer. Sua vida estaria muito bem resolvida. Mas o Príncipe Kedder, neste caso, seria uma pedra, não um príncipe. Entretanto, quando você se decide pelo conhecimento, a mais interessante coisa que conhece é a vontade de conhecer as coisas. E, a partir daí, sua vida estará, para sempre, comprometida com o conhecimento. Onde buscar conhecimento? – disse Havien, repetindo a pergunta de Kedder – Isto é fácil. Em todo

lugar há conhecimento. O que precisa ser feito é desejá-lo. O que precisa ser feito é querer cruzar a barreira entre a pedra e o homem.

– Está querendo dizer que, até aqui, minha existência mais se assemelhou à de uma pedra? Creio que isto seja um exagero. Está claro para mim que eu sou bem diferente de uma pedra.

– Tão claro como uma noite sem lua – disse Havien.

– Gostaria muito de ouvir sua explicação, pois, desta vez, não vejo como você possa me convencer de que eu sou igual a uma pedra.

– Ah, não, isso não mesmo. Você é bem pior que a pedra.

– O quê?! – perguntou o príncipe, surpreso.

– Ó, aprendiz de príncipe... Você se compara a uma pedra como um adulto compara a sua inteligência à de um recém-nascido. Essa comparação é imprópria porque não leva em consideração o tempo. Concorda comigo que só poderemos comparar a inteligência do adulto com a do bebê quando o bebê crescer e tiver a mesma idade do adulto?

– Sim – respondeu Kedder prontamente.

– De forma que, para anularmos a injusta interferência do tempo em nossa análise, o que precisamos fazer é elevar o tempo à sua condição máxima, ou seja, o tempo eterno.

– O infinito?

– Sim. O tempo infinito. Agora compare você a uma pedra da parede do seu castelo pensando no tempo infinito. O que me diz?

– Hum... Não sei. Não consigo pensar em mim em relação ao infinito, pois um dia eu vou morrer...

– E a pedra?

Kedder teve uma iluminação súbita.

– A pedra não morre! – respondeu, entusiasmado – E, assim, sustenta a sua utilidade.

– A verdadeira importância de sua vida, ó, aprendiz de príncipe, é a imortal contribuição que ela pode fornecer ao mundo. Você morre. Sua contribuição não.

– E a busca pelo conhecimento me auxilia com a minha contribuição?

– Príncipe Kedder da Sindávia aprende rápido. É bom, porque não tem muito tempo. Daqui a um ano será rei...

Kedder ficou um pouco apreensivo com aquele lembrete. Dali a menos de um ano, estaria de volta para a difícil tarefa de cumprir com a tradição e assumir o trono.

– Não me sinto preparado, Havien – confessou.

– Se você trilhar o caminho correto, jamais se sentirá, príncipe.

– Como assim?

– Há homens que nunca se sentem preparados o suficiente para um desafio. Esses homens quase sempre vencem, pois estão, incessantemente, em busca do próprio aperfeiçoamento. Há, por outro lado, aqueles que se sentem preparados para qualquer desafio. Esses homens quase sempre perdem. O excesso de confiança é um inimigo anterior à batalha.

– E qual o caminho correto a trilhar?

– O caminho do conhecimento, sempre. E cultivar a observação como principal ferramenta será de extrema importância na aquisição desse conhecimento, pois a um mestre pode faltar tudo, menos curiosidade.

Uma imagem contraditória veio à cabeça do príncipe, pois ele ouvia uma pessoa cega falar sobre a observação como uma ferramenta.

– Havien, preciso perguntar uma coisa.

– Não é necessário. A observação à qual me refiro é toda a capacidade de assimilar os ensinamentos do mundo. E devido à minha condição, eu, mais do que qualquer um, posso garantir a você que muitas são as maneiras de se assimilar esses ensinamentos. Amanhã farei um teste com você.

– Amanhã? Por que não pode ser hoje? – perguntou Kedder, animado.

– Estava apenas querendo ouvir isso – disse Havien, contente – Por favor, vamos lá fora. Mas, antes, pegue uma venda para os seus olhos.

Kedder olhou na direção que Havien lhe indicara. Em cima de uma pequena mesa sob a janela havia algumas vendas. Aproximou-se, pegou uma delas e se dirigiu ao exterior da cabana.

De costas para a pequena horta de Havien, Kedder se posicionou. Havien, a certa distância, pediu ao príncipe que colocasse a venda. Kedder hesitou.

– Sei que seus sentidos lhe dão segurança, príncipe; por isso sua indecisão em vendar os olhos. Seus sentidos delimitam suas fronteiras e tudo o que questiona a fronteira representa uma ameaça à segurança à qual sua mente está acostumada.

– Como assim?

– O melhor seria lhe mostrar através de um exemplo, mas não consigo fazê-lo agora. Onde estamos, aqui na floresta, não há um horizonte definido para que eu possa lhe mostrar.

– E o que mostraria? – perguntou Kedder.

– Quando estivermos em local mais amplo, experimente bloquear a visão da linha do horizonte e perceberá como é desconfortável a sensação de não ter fronteiras bem definidas. Mas agora não é o momento para isso. Agora é o momento de colocar a venda.

Kedder acatou. Havien se aproximou muito do príncipe.

– Agora, dê-me a sua espada! – disse Havien, vigorosamente.

Imediatamente, Kedder tirou a venda dos olhos e levou a mão ao punho da espada. Surpreendeu-se ao ver Havien no mesmo local onde antes se encontrava.

– Ah, aprendiz de príncipe... Mesmo que você seja hábil com ela, precisa parar de tentar resolver todos os problemas com sua espada.

Kedder estava confuso. A voz de Havien parecia estar tão próxima quando solicitou a espada, mas o homem estava distante.

– Eu não saí de onde estou, se essa é a sua dúvida – antecipou Havien.

– E como fez isso? – indagou Kedder.

– Eu não fiz nada, príncipe. Talvez você tenha feito algo, porque aprendeu a confiar em seus olhos há muito tempo, mas em mim apenas há pouco tempo.

– Bem, acabo de conhecê-lo – defendeu-se Kedder.

– Mas quantas vezes seus olhos o enganaram e quantas vezes eu?

– De qualquer forma, não estou entendendo o que pretende com esse teste.

– Aprendiz de príncipe tem pouca paciência. Antes mesmo do teste já pôde perceber o quão dependente é de sua visão. Alguns instantes sem ela e o príncipe fica todo atrapalhado. Precisa desenvolver outras habilidades. Visão, espada, visão, espada... Aprendiz de príncipe está muito limitado.

– Você quer dizer desenvolver os outros sentidos?

– Desenvolver e descobrir outros sentidos – completou Havien.

– De que modo?

– Existem sentidos que o príncipe possui, mas que ainda não conhece. Ou pensa que o universo inteiro se limitaria aos sentidos que o príncipe já conhece?

Mais uma pergunta sem resposta.

– Se o príncipe consente, vamos continuar. Mas sem reações súbitas desta vez. Se não se importar, pode me dar a espada antes de voltar a vendar os olhos.

– Por que precisa da espada? – perguntou Kedder, receoso.

– Eu não preciso da espada. Você é que precisa estar sem ela.

– Mas, se é só por isso, posso deixá-la ali, ao lado da porta.

– De certo que pode. Mas se faz isso por medo, continuará com medo. Se os dois estão vendados, Havien alcança a espada muito antes do príncipe, onde quer que ela esteja.

Kedder, apesar de concordar com o argumento, nada disse. Havien continuou:

– O príncipe tem medo que eu o mate com um golpe de espada? Bem, essa é uma possibilidade. A outra é viajar durante um ano por seu reino, sentir fome, sede, frio e dor para, então, tornar-se rei matando o próprio pai, passando a viver todos os dias como um alvo e experimentando todo o tipo de amizades que visam somente o lucro e o poder. No tempo que lhe sobrar, deverá governar uma enorme quantidade de pessoas insatisfeitas, sendo o responsável por provê-las de tudo o que desejam. Isso todos os dias, para o resto da vida. A morte pela espada já não lhe parece tão ruim, parece?

Kedder, contrariado, desembainhou lentamente sua espada e postou-se diante de Havien.

– O senhor está falando com um príncipe, senhor Havien, a quem deve dedicação e respeito.

– De acordo, alteza – respondeu Havien.

– E está falando nada além da verdade, o que entendo como uma manifestação de dedicação e respeito – concluiu Kedder, segurando a mão do homem e entregando-lhe a espada.

– O estágio onde se encontra é bastante rudimentar, príncipe, mas sua evolução é rápida. Agora, volte ao seu lugar e vende seus olhos. Perceba o mundo.

Kedder voltou a ficar parado, próximo à horta, procurando ouvir os ruídos da floresta. Uma fração do sol o atingiu no rosto por entre as folhas. A sensação era agradável, pois, apesar do fim do inverno, o frio da manhã no alto da montanha era invencível. De repente, uma fruta lhe atingiu o peito. Kedder se assustou.

– Não se assuste, fui eu que joguei – advertiu Havien – É uma fruta deliciosa.

– Agradeço pela manifestação de dedicação e respeito! – disse Kedder, com ironia.

– Bem menos respeitoso seria, em vez de uma fruta, uma flecha – rebateu Havien.

Kedder se abaixou e, tateando, encontrou a fruta. Era, em verdade, uma fruta deliciosa e ele descreveu, a pedido de Havien, suas sensações.

– Muito bom. Você ouviu os sons da floresta e, depois, tateou e saboreou essa deliciosa fruta. Estes são sentidos que você já conhece. Ao treiná-los, poderá desenvolvê-los. Agora vamos a um que você não conhece – disse Havien, jogando novamente uma fruta na direção de Kedder.

O príncipe se abaixou e pegou a fruta. Cheirou-a, acreditando ser igual à primeira. E teve certeza ao mordê-la.

– Mas é a mesma fruta?

– Sim, qual o problema?

– Você disse que eu experimentaria um outro sentido que não conhecia ainda!

– Sim. E como pensa que eu sabia que você queria mais uma fruta?

– Ora... Não sei. Você sabia que eu queria mais uma fruta? Como assim?

– Você não queria? – perguntou Havien.

Kedder ficou impressionado. Enquanto degustava a primeira fruta, realmente desejou comer mais uma, tal era o sabor agradável e doce que sentira.

– Sim, eu queria – admitiu o príncipe – Mas isso é um outro sentido?

– Querer outra fruta? Ah, não. Mas saber que você queria outra fruta, sim.

– Ah, mas, neste caso, o outro sentido é seu, e não meu – concluiu o príncipe, um pouco frustrado.

Havien assentiu com um leve sorriso.

– Você sorriu? – perguntou Kedder.

– Você tirou a venda? – perguntou Havien.

– Não! – respondeu Kedder, enfaticamente, como um aluno surpreendido pelo mestre – Apenas tive a sensação de que você tivesse sorrido.

– Então, se é assim, o outro sentido não é uma exclusividade minha como o príncipe acreditou por um breve momento. Somos feitos da mesma matéria, príncipe Kedder. Só não tivemos o mesmo treinamento.

– E como faço para desenvolver estas outras habilidades? – perguntou Kedder, entusiasmado.

– O pensamento e a realidade mantêm uma forte relação entre si. O pensamento cria a realidade. Portanto, para buscar o novo você primeiro precisa pensar o novo. Enquanto pensar ideias antigas, continuará construindo a mesma realidade.

– Mas como pensar o novo? – inquiriu Kedder – Penso através de minhas próprias ideias, e, se elas já são minhas, não são novas.

– Altere a realidade! – respondeu Havien – O pensamento cria a realidade, mas a realidade também cria o pensamento. É uma magnífica relação.

– Por isso a espada? E a venda?

– Sem a espada e com a venda você estava em uma realidade muito diferente da habitual, príncipe Kedder. Nessa situação, seus pensamentos foram forçados a buscar o novo. Você precisa perceber que, em vez de diminuir, seu poder aumenta quando um recurso lhe é retirado. E aprendendo a lidar com a escassez, você reinará na abundância.

Kedder concordou. Começava a pensar que sua subida a Dommin não fora em vão.

– Pode tirar sua venda agora. Vamos entrar.

Kedder retirou a venda e, para a sua surpresa, a espada se encontrava ao seu lado.

– Havien? – chamou Kedder, empunhando lentamente a espada à frente.

– Sim? – disse Havien, já próximo à entrada da casa.

– Por que não divide uma dessas frutas comigo?

– Aceito uma divisão justa – disse Havien, pegando uma fruta e atirando-a em direção ao príncipe.

Kedder, num golpe mais que veloz, atingiu com sua espada a fruta ainda no ar, cortando-a em duas metades idênticas.

* * *

Passaram-se alguns dias e o príncipe teve a oportunidade de compartilhar várias de suas histórias com Havien. Certa vez, sentados à mesa, preparavam-se para jantar. Foi inevitável falarem sobre a escassez de alimentos que assolava a Sindávia.

– Vi a vida das pessoas, e não é boa. A escassez de comida... – divagava Kedder.

– Houve quem dissesse, uma vez, que chegaríamos ao ponto de não termos comida para todos devido à crescente quantidade de pessoas – comentou Havien.

– Pelo jeito, é o que acontece.

– Não, não é, príncipe. A falta de comida se dá não pela crescente quantidade de pessoas, mas pelo crescente egoísmo delas. É possível haver comida para todos, acredite, mas não é mudando a comida. É mudando o homem.

Kedder comentou um outro aspecto do problema.

– Não é só a comida. As pessoas parecem viver com um eterno medo.

– Você se refere ao episódio do velho aleijado de Maddaghi? – perguntou Havien.

– Como sabe? – espantou-se o príncipe.

– Aquele dia fora singular. A notícia subiu a montanha antes da lua subir ao céu.

Kedder ainda estranhava as coisas ditas por Havien, mas conformava-se em não entender algumas delas.

– Não imaginava que a escassez de comida estivesse tão intensa – prosseguiu Kedder.

– Você vive em um castelo, Kedder. Muros de pedra são piores que vendas de pano.

– Por isso meu pai insistia na viagem – murmurou o príncipe.

– E ele estava certo. Você precisa conhecer o mundo como ele realmente é. A vida no castelo não lhe permitia isso, mesmo com o melhor dos treinamentos. A teoria serve para lhe preparar para a prática. A prática serve a si própria. Viver é estar lá fora, não aqui dentro.

– Aqui dentro? – perguntou o príncipe, confuso.

– Não cometamos o mesmo erro. O seu reino não é a montanha Dommin. Sua viagem deve prosseguir.

– Por que o sentimento é sempre angustiante? – confessou o príncipe.

– Porque lá fora está o desconhecido e a insegurança. Não que sejam coisas ruins, como já discutimos.

– Apenas necessárias – lembrou Kedder – Necessárias ao meu crescimento.

– Exatamente.

– Como necessárias serão algumas atitudes para resolver o problema da escassez de comida. Quando for rei, resolverei esse problema e melhorarei a vida das pessoas – disse Kedder, com um ar triunfante e idealista.

– Elas vivem escassez de perspectivas, príncipe, o que é muito pior, porque não mata. Se uma pessoa não come por algum tempo, simplesmente morrerá. Sem perspectivas, viverá de forma miserável durante muitos e muitos anos.

Kedder apresentava um semblante consternado. Parecia ser impossível chegar a uma solução.

– Não desanime, príncipe Kedder da Sindávia. Ainda há muito o que ver e, se pensa que sua viagem lhe trouxe surpresas até aqui, espero que não se espante com o porvir.

Encheu-se de coragem e de esperança a alma do jovem rapaz.

– Não desanimarei! Meu prazo não me permite desanimar! – bradou Kedder, levantando-se da cadeira.

– Percebe como a realidade cria o pensamento? – perguntou Havien.

Kedder se lembrou da magnífica relação, tal como Havien a qualificara. Nada disse, porém. Apenas pensava. O silêncio se prolongou por mais um pouco até que Havien se manifestou.

– Será um prazer acompanhá-lo em sua viagem, príncipe, se assim deseja.

– ... e o pensamento cria a realidade! – completou Kedder.

07

- MONTANHAS E VALES -

– Tremo de tanto frio, Havien. Precisávamos sair tão cedo? – perguntou Kedder, caminhando a passos claudicantes.

– Para chegarmos a Maddaghi ainda pela manhã, sim – respondeu Havien – Pense pelo lado bom, príncipe. Lá embaixo o rigor do inverno já deve estar cedendo lugar a uma temperatura mais primaveril.

– Como pensa em chegar a Maddaghi ainda pela manhã? – perguntou Kedder, incrédulo.

– Andando.

– Andando? – riu-se Kedder com a resposta – Bem, isso eu sei, visto que estamos andando. Refiro-me ao tempo. Na subida, levei um dia inteiro só para chegar à base da montanha, e mais um dia inteiro dentro da floresta. Depois, imaginando que tivesse tomado o rumo certo, seria mais uma metade de dia até sua casa. São dois dias e meio!

– Ó, aprendiz de príncipe... Seus cálculos são bons, mas seu conhecimento é pequeno.

– O que quer dizer?

– Onde estamos, príncipe?

– Ora, onde estamos... Estamos descendo a montanha Dommin em direção a Maddaghi. Não é isso?

– Ah, sim, isso eu disse. Fica fácil quando alguém diz, não é? Quero saber se você sabe exatamente onde estamos.

Kedder interrompeu o passo. Olhou em volta. A única coisa que via era mato por todos os lados.

– Não, eu não sei – respondeu – Nós não estamos voltando pela mesma trilha por onde subi. Não faço ideia de onde estamos, Havien.

– Ah, então é bom parar de rir dos outros se não sabe nem mesmo onde está.

Kedder procurou se redimir de sua reação:

– Peço desculpas pela minha risada, Havien. É que fiquei imaginando... Para chegar até lá tão rápido... Talvez, se encontrássemos algum bruxo que nos desse uma poção mágica para, num piscar de olhos, aparecermos em Maddaghi. Ou se voássemos nas costas de águias gigantes... Desculpe, mas depois do que já vi em um mês de viagem, não me surpreenderia.

– Ao seu raciocínio eu preciso fornecer algum auxílio, príncipe, mas à sua imaginação, nada mais é necessário. Ela se desenvolveu a um nível insuperável...

– Ah, como você mesmo sugeriu a mim, não desanime! – ironizou Kedder – Eu gostaria de entender se você puder me explicar.

– Penso que seria muito difícil.

– Por quê? É tão complicado assim?

– Não, é muito simples. O aprendiz de príncipe é que gosta de complicar as coisas. Aí, não entende as coisas simples.

– Mas estou tentando! – defendeu-se o príncipe, aguardando uma explicação.

– Você subiu a montanha através de curvas, príncipe. Só isso.

Kedder parou novamente. Olhou ao redor e não conseguia perceber nada de diferente no caminho que estavam fazendo.

– Mas não há nada de diferente no caminho que estamos fazendo!

– A partir de agora, há – disse Havien, instruindo o príncipe a se adiantar na trilha.

Kedder não acreditava no que via.

– Escadas?!

– Você subiu a montanha em curvas. Nós a desceremos em retas.

Os dois começaram a descer por degraus escavados no próprio solo, alguns deles sustentados por tábuas de madeira na vertical. Os passos eram curtos, pois a escada descia a montanha sempre no seu ângulo mais inclinado. O objetivo daquele desconhecido atalho era ser o menor caminho possível, o que possibilitava um rápido acesso ao vilarejo.

– Você mantém contato com as outras regiões através das informações que recebe, certo? Se nunca saiu da montanha...

– Enquanto você subia a montanha pelo norte, a notícia da sua subida subia pelo sul. Dois dias mais rápido que você.

– Mas quem poderia ter... – questionou-se Kedder, imediatamente se lembrando do garoto do coco – As crianças?

– Ninguém costuma dar a devida atenção às crianças, príncipe. Já percebeu? Para os adultos, elas estão apenas brincando...

– É verdade – concluiu o príncipe – Se alguém me contasse, eu simplesmente não acreditaria.

– É necessária muita atenção às crianças – alertou Havien.

– Estou descobrindo coisas que certamente nem meu pai conhece! – exclamou o príncipe com orgulho, admirando a extensa sequência de degraus à sua frente.

Apesar de perceber um firme corrimão que ladeava os degraus, Kedder julgou ser tarefa arriscada para Havien e ofereceu ajuda para conduzi-lo.

– Aceito sua ajuda, príncipe. Afinal, é a primeira vez que estou atravessando estes caminhos.

– Não se preocupe. Eu carregarei suas cois... Bem, não há muito o que carregar...

Kedder, espantado, percebeu só naquele momento que Havien não levava consigo quase nenhum utensílio, apenas uma sacola de pano que amarrara às costas por dois cordões. Ali dentro deviam estar seus pertences.

– Sou feliz porque são poucas as minhas coisas – enfatizou Havien – Permita-me carregá-las eu mesmo. Peço apenas que desça à minha frente para me alertar sobre algum problema no caminho.

– Certamente! – disse Kedder, prestativo, iniciando a descida – Aliás, agora entendo por que me pediu que deixasse o cavalo na sua casa. Ele jamais conseguiria andar por essas escadas.

– O príncipe é forte e carrega muitas coisas. O príncipe poderia carregar também as minhas coisas. Mas é certo que não poderia carregar o cavalo.

Apesar da solicitação de Havien, Kedder percebia que ele não tinha dificuldades em seguir o caminho, caminhando quase como um homem cujos olhos funcionam normalmente. Era admirável a destreza com que ele seguia sempre dentro da trilha apesar de sua deficiência e da espessa venda de pano que recobria seus olhos.

A manhã transcorreu através de uma descida ininterrupta até o terreno se aplanar. Não demoraria muito daquele ponto até Maddaghi, mas Havien preferiu tomar outra direção.

– Não vamos a Maddaghi? – questionou Kedder, surpreso – Você não vai ver a sua mãe?

– Kahlzang disse que eu não deveria buscá-la, mesmo quando o dia de descer a montanha chegasse. Além disso, minhas circunstâncias alarmariam os guardas do reino antes que eu pudesse encontrá-la. Minha vida correria perigo.

– Mas nós iremos juntos! – afirmou Kedder.

– Aí é a sua vida que correria perigo, aprendiz de príncipe. Qual seria seu argumento para defender-me? Melhor seguirmos com sua viagem.

– E para onde?

– Vamos em direção ao povo Yavog.

– Yavog? – perguntou o príncipe, com a voz temerosa.

– Não deseja conhecer seu reino? – perguntou Havien – Não se esqueça de que, se você será rei, esse é o seu povo. Governe-o desde já.

– Sim, mas... Os Yavogs... São ladrões, não são? – hesitou o príncipe – Não são perigosos? Estamos sozinhos...

– Você se alimenta todos os dias de comida roubada, príncipe, roubada das pessoas que a produzem com suor e esforço e que nem têm o direito de ficar com uma justa parte dela. Gostaria de ser considerado um ladrão?

Kedder não respondeu. Pensava no que acabara de ouvir.

– Há pessoas que roubam por ambição, príncipe, e outras, por necessidade. Estamos lidando com ladrões em ambos os casos, mas não estamos lidando com problemas de caráter em ambos os casos. Temos que buscar a diferença entre os dois tipos.

– Você quer dizer que os Yavogs não têm culpa?

– Eu não disse isso. Disse que é necessário diferenciar os dois tipos. Você não sabe o que vai encontrar em meio àquele povo. Conhecer antes. Atribuir qualidades depois.

– E em quanto tempo acredita que chegaremos lá?

– Não sei – respondeu Havien – Você conhece bem a malha de rios da Sindávia?

– Um pouco. O castelo real fica entre dois conjuntos de nascentes distintas. Eu só conheço um deles, o que passa por

Maddaghi. Acredito que algumas dessas nascentes venham de Dommin.

– Sim. Água cristalina de degelo. Elas se unem aos córregos do plano onde se situa o vilarejo de Maddaghi.

– Por isso tornam o solo fértil para a produção de alimentos – concluiu príncipe.

– Exato. Esses córregos, ao se juntarem, formam o rio Kahli. Você pode ouvi-lo daqui, se ficar quieto por um momento.

Havien se referia a um pequeno desnível que o rio sofria. Apurando os ouvidos, Kedder percebeu o ruído do desenrolar das águas sobre as pedras.

– O outro conjunto de nascentes – continuou o príncipe, desejando demonstrar seus conhecimentos – tem origem nas montanhas atrás do castelo. São lugares desabitados, como Dommin...

– Desabitados como Dommin? – perguntou Havien.

– Não, quero dizer... verdadeiramente desabitados. Dommin eu apenas acreditava ser desabitada antes de conhecê-la melhor.

– E essas outras montanhas que mencionou, atrás do castelo? Conhece-as bem? – insistiu Havien.

– Bem, essas... Mas que diabos, Havien! – exclamou o príncipe, impaciente.

– Muitas são as crenças, poucas as certezas.

– O que quer que eu faça? Isso foi o que me ensinaram durante toda a minha vida! Imaginei que fosse verdade...

– Não se culpe, príncipe. Todos somos como cubas d'água, com um mecanismo de entrada e saída. A água de dentro só sai quando outra água entra. O príncipe é uma cuba com água turva e não é possível purificá-la de uma só vez. Isso acontecerá conforme a água limpa for entrando. O que importa, entretanto, não é o quanto sua água é turva, mas o quão límpida é a que chega. Ainda que a água limpa se misture com a suja, ela a dilui e, no final, vence. Não sem esforço e tempo, mas vence.

– Por isso a necessidade de buscar o conhecimento... – arriscou Kedder.

– Sim. Até aqui, você não pode ser culpado, príncipe. Mas, a partir de agora, passará a ter culpa se, sabendo da necessidade de buscar o conhecimento, não o fizer. Comprometa-se a buscá-lo, do fundo do seu coração, ou a principal escassez de sua vida não será de comida...

– Eu me comprometo! – disse Kedder, altivo, em tom e posição de juramento real.

– Muito bom. Agora, de volta aos rios. Você falava de rios...

– Sim, o Rio Kahli vai desembocar em outro rio mais à frente, após cruzar a região dos campos distantes. Esse outro rio, o Rio Drahak, é produto do conjunto de nascentes das montanhas desabitadas, ou habitadas, atrás do castelo real, e segue serpenteando por toda a Sindávia.

– O "rio sem fim" – disse Havien.

– Já ouvi isso algumas vezes, mas nunca entendi a razão. Penso que o rio, ao prosseguir com seu curso, ainda que não seja em nossas terras deve terminar no mar em algum lugar. Certo?

– Errado. Por isso é o rio sem fim.

– Como assim? – perguntou Kedder, inconformado – A água simplesmente desaparece? Isso não é possível!

– Tantas coisas não são possíveis para o aprendiz de príncipe – lamentou Havien – Vejamos. O que acontece quando você joga um pouco d'água no chão? Ela sai correndo para o mar?

– Não, ela é absorvida pelo solo. Parte dela é absorvida, na verdade. Parte dela se evapora com o calor.

– “Simplesmente desaparece”, então? – retomou Havien.

– Mas é diferente. A água consegue ser absorvida pela terra e evaporar porque está em pequena quantidade.

– Errado. A água consegue ser absorvida pela terra por causa dos buracos, e consegue evaporar por causa do calor. Não tem nada a ver com a quantidade.

– Mas como é possível com tanta água? – indagou Kedder.

– Do mesmo jeito. Mais uma vez, é simples, e por isso é difícil para o príncipe entender. Mais água, mais buracos, mais calor.

– Fico tentando imaginar...

– Não é necessário. Iremos até lá. É chamado de Pulmão do Diabo, um complexo vulcânico pantanoso. Jamais se viu qualquer outro lugar como este em toda a Sindávia.

– E por que vamos a um lugar com esse nome?

– Porque esse lugar está dentro do seu reino, príncipe Kedder, futuro Rei da Sindávia.

– E, permita-me adivinhar, esse lugar, do jeito que descreveu, deve ser habitado por algum louco.

– É onde mora o povo Yavog.

– Por opção deles? – perguntou Kedder, em tom de desdém.

– Não. Por opção de vocês.

* * *

Durante vários dias, Havien e Kedder caminharam margeando o rio, que corria calmo ao longo dos campos distantes. O horizonte se ampliava no ponto onde o Kahli desaguava no Drahak. O encontro produzia reviravoltas na superfície das águas sobre as quais, logo pela manhã, alguns agitados pássaros sobrevoavam em busca de alimento. Mais distantes, com os pés dentro da calma água rasa da margem, duas garças pacientemente aguardavam a oportunidade de também obter alguma iguaria. A iminente chegada da primavera tornava o frio quase extinto e trazia mais cor e vida às florestas da Sindávia.

Algum tempo depois, o encontro das águas já havia ficado para trás. O príncipe se lembrou do que Havien falara a respeito das fronteiras e, aproveitando-se de um momento de descanso, pegou sua espada e estendeu-a horizontalmente à sua frente. Deslocada para cima ou para baixo, não causava tanto desconforto como quando se encontrava exatamente sobre a linha do horizonte. Havien estava certo em seu comentário.

– Príncipe? – chamou Havien.

Kedder movia sua espada, lentamente, para cima e para baixo.

– Príncipe?

– Ah, sim, Havien... – respondeu Kedder, guardando novamente sua espada – O que foi?

– Teremos que cruzar o rio. Mais à frente, a margem esquerda vai se estreitar. A margem direita nos permitirá continuar.

Kedder observou a largura do rio. Via a outra margem muito distante.

– Por que não fizemos isso antes da água se avolumar tanto?

– A água é a mesma.

– E em que ponto pretende atravessar?

– Aqui.

– Havien, é que... Perdoe-me, mas é que você não pode ver. A largura do rio é imensa neste ponto. Não é melhor esperar que ele esteja mais estreito para cruzarmos?

– A água é a mesma, aprendiz de príncipe. Se mais estreito, mais rápido e mais fundo.

Kedder preferiu não insistir.

– E como faremos para cruzá-lo?

– O sol é nosso grande provedor. Provê tudo de que precisamos. Faz sol, não faz?

Kedder observou que fazia um belo dia de sol. Ainda assim não entendia.

– Havien, não dispomos de uma embarcação apropriada para cruzar um rio.

– Simplifique.

"O sol, o sol..." – pensou o príncipe. "As árvores!" – concluiu animado.

– As árvores!

– O que tem as árvores?

– O sol permite o crescimento das árvores. Cortaremos as árvores e construiremos uma pequena embarcação! Uma jangada! – disse Kedder, empolgado.

– Não. Simplifique.

Kedder estava confuso.

– Não vejo como. Se não for utilizando as árvores... Árvores são tudo o que há aqui. Árvores e água.

– E sol – completou Havien.

– Sim, e sol, e sol... Ah, Havien! Você não está dizendo que o sol vai evaporar toda a água do rio, está?

– Aprendiz de príncipe tem um jeito muito estranho de simplificar...

– Não consigo ver como o sol nos ajudará a cruzar o rio.

– Para atravessarmos, não precisamos que o sol evapore toda a água do rio. Apenas uma parte dela...

Havien caminhou em direção à margem do rio, pedindo ao príncipe que o acompanhasse. Quando Kedder imaginou que ele pararia, ele continuou, dando os primeiros passos dentro d'água. E continuou.

– Espere! – gritou o príncipe – Assim vamos nos encharcar!

Havien apenas apontou para cima, em direção ao sol. Kedder, por fim, compreendeu.

– Apenas uma parte da água! A parte que molhará nossas roupas! – exultou o príncipe – Na verdade, o sol não vai nos ajudar durante a travessia, mas depois dela!

– Não, o sol ajuda durante a travessia – retificou Havien.

– Não, durante, não – contestou Kedder.

– O sol ajuda durante a travessia, príncipe. Uma travessia não é feita somente de passos, mas também de confiança. Você só inicia a travessia por saber que o sol brilha na outra margem.

Kedder pensou.

– Sim, o sol ajuda durante a travessia – concordou, por fim, o príncipe – Mas que coisa!

No transcurso do rio, Kedder percebeu que o nível da água, em momento algum, ultrapassou seu pescoço. Quase ao chegar à outra margem, comentou:

– Não imaginava que o rio era tão raso nesse ponto...

Havien esboçou um leve sorriso:

– Se mais estreito, mais rápido e mais fundo. Se mais largo, mais lent...

– E mais raso! – concluiu o príncipe com alegria.

– Sim. Perceba como a natureza é uma grande mestra e ensina através de lições simples.

Kedder estava maravilhado. Pensava sobre o quanto teria perdido se, ao contrário da recomendação de seu pai, decidisse não viajar e permanecer no castelo. Convencera-se de que jamais conheceria bem o seu reino se não o observasse atentamente.

Percebera como podia aprender com a natureza. Vivendo preso em seu castelo, essa oportunidade lhe era impossível.

– E agora – disse Kedder tirando algumas peças de roupa – descansaremos um pouco enquanto o sol evapora apenas a parte da água que queríamos.

E assim permaneceram durante boa parte da tarde. Kedder adormecera e, ao acordar, percebeu suas roupas todas secas. Percebeu também que o dia já avançara muito. O sol, após cumprir com sua função, também descansou. A noite chegaria rápido. Afastando-se um pouco mais da água, Kedder procurou uma elevação no terreno e improvisou um abrigo para que passassem a noite. A última, de fato, que passariam solitários na floresta.

* * *

Após acordarem, Kedder e Havien reuniram seus pertences e prosseguiram. Estavam cada vez mais perto do povo Yavog e, pouco antes do meio do dia, perceberam que haviam chegado perto demais.

– Havien! – gritou o príncipe.

– Barulho de flecha – exclamou Havien.

Kedder fora atingido no ombro.

– Proteja-se, Havien! – disse o príncipe, sacando sua espada.

– Príncipe, você está bem? – perguntou Havien, abaixando-se ao lado de uma árvore.

– Fui atingido! Meu ombro... Mas não consigo ver quem possa ter atirado – disse Kedder espreitando por entre as folhagens – É uma emboscada, Havien, uma emboscada!

– O barulho foi muito agudo – comentou Havien – Como é essa flecha?

– A flecha é pequena. O ferimento não é grave, não se preocupe. Ficarei bem.

– Príncipe, é melhor largar sua espada ou poderá cair em cima dela. Deite-se no chão o quanto antes.

Kedder não pôde compreender, mas nem mesmo teve tempo de discutir.

– Havien, meus olhos...

– É veneno, príncipe. Flechas pequenas... Não são para matar. Deite-se e deseje que o arqueiro tenha piedade, pois estamos à mercê dele agora.

– Não é justo – lamentou Kedder, deitando-se desorientado – Ele deveria aparecer e...

– Justo é não guerrear, príncipe. Mas esta opção não lhe foi dada. O arqueiro é nosso preboste, agora. Ele decidirá o que é justo ou não.

Havien ouvia o ruído de pessoas se aproximando. Kedder, imóvel, quase desacordado, apenas sentiu que alguém lhe tomara a espada das mãos. Nada podia fazer, tampouco podia contar com Havien. Juntos, eles eram nada mais que dois homens sem condições de lutar sendo covardemente levados à morte.

* * *

– Príncipe Kedder? – perguntou Havien.

Kedder ameaçava se mexer.

– Príncipe Kedder?

Com dificuldade, o príncipe abriu os olhos. Sua visão ainda estava confusa, mas melhorava aos poucos. Já era de noite e havia muito fogo ao redor deles.

– Estamos mortos? – perguntou Kedder.

– Certamente, não. Não ainda, ao menos.

– A floresta... está cheia de fogo. Parece que a floresta está pegando fogo, Havien!

Apurando a visão, Kedder percebeu uma grande clareira à sua frente. O local mais se assemelhava a uma praça em meio à mata. Muitas tochas estavam presas às árvores, mas não havia ninguém por perto. O príncipe olhou para cima. Suas mãos estavam amarradas a um galho por uma corda e abaixo, o mesmo acontecia com seus pés, amarrados ao tronco da árvore. Ao seu lado, Havien se encontrava na mesma situação.

– Estamos presos! – exclamou o príncipe.

– Não há dúvida disso – disse Havien – Consegue se libertar?

– Não. Toda a força que faço é inútil.

– Eu imaginei – disse Havien, pensativo – Príncipe, olhe para cima, na árvore, e me diga o que vê.

Kedder olhou para a frondosa copa acima de sua cabeça. Todo o seu corpo foi tomado de grande desânimo.

– Jamais conseguirei quebrar este galho, Havien...

– Sementes de pau-pedra em toda a árvore, certo?

– Sim. Nas duas árvores. Na sua e na minha.

– É época de elas darem sementes! – disse Havien, com algum entusiasmo.

– Será que você não parece feliz demais para quem está num altar de sacrifício, Havien? – perguntou Kedder, com impaciência – Estamos amarrados na pior árvore possível para uma fuga e você está se divertindo?

A expressão de Havien tornou-se mais séria.

– Ó, aprendiz de príncipe... Tanto ainda tem a conhecer. Em primeiro lugar, não estou me divertindo. Estou apenas contemplando a natureza através dos olhos do príncipe, já que ele não os aproveita como deveria. As sementes representam o milagre da perpetuação da vida e não me é natural estar perto de uma árvore carregada de sementes sem admirá-la. Se eu pudesse ter os seus olhos, certamente não os desperdiçaria como você faz.

– Está bem! Admire-se com sua árvore, então – disse Kedder, em tom de voz ligeiramente agressivo – Por que pensar em fugir? Vou admirá-la também. Isto! Vamos admirar esta árvore, visto que será a última!

– Em segundo lugar – continuou Havien – creio não ser a pior árvore possível, como disse o príncipe. Pelo contrário. Em se tratando de Yavogs, acredito que a árvore é uma vantagem.

Kedder não se manifestou. Inquieto, apenas olhava para todos os lados em busca de uma saída. Havien compreendia tal comportamento, mas não podia permitir que o príncipe se exaltasse naquelas circunstâncias.

– Príncipe Kedder da Sindávia, acalme-se. Um morto calmo é melhor do que um morto agitado, não concorda?

Kedder esboçou um sorriso. Por mais que estivesse em tão dramática situação, não conseguia evitar se surpreender com as curiosas observações de Havien.

– É certo que penso melhor se estiver calmo, Havien. Só não estou conseguindo ficar calmo amarrado nessa árvore, prestes a morrer. Não sei como você consegue...

– Faltam-lhe os recursos necessários, apenas isso. Foram muitos anos de treinamento diferente, você se lembra? Já conversamos sobre isso.

– Sim, eu me lembro. E é uma pena que não haverá mais tempo para que você me mostre as belezas de seu treinamento.

– Não desanime. Acredito que haverá tempo, mas não agora. Agora não temos tempo. Ouço pessoas se aproximando. Você precisa prestar muita atenção ao que vou dizer. Sua fé não pode

depender do número de inimigos. Sua fé precisa se manter sempre a mesma.

– Mas as chances mudam...

– As chances só mudam quando a fé muda. O príncipe de um povo pequeno tem a mesma autoridade do príncipe de um povo numeroso. E é você o príncipe deste povo, Kedder. Não eu.

Chegaram os primeiros homens e, atrás deles, vários outros. Não era possível saber o que diziam, pois mantinham-se a alguma distância. Em pouco tempo, dezenas de Yavogs estavam reunidos.

– Eu sou o príncipe de um povo verdadeiramente muito numeroso – sussurrou Kedder para Havien.

O tom irônico do príncipe tentava esconder seu medo. Ainda que estivesse armado e livre das cordas, seria impossível enfrentar aquela multidão. Conforme nada acontecia, a tensão aumentava. De repente, dois homens apareceram ao longe e caminharam em direção aos prisioneiros. Um deles segurava uma espécie de cetro de madeira, talentosamente trabalhado. O outro carregava um enorme arco com apenas duas flechas. A multidão estava silenciosa.

– Ora, vejam muito! – exclamou o homem do cetro com seu especial jeito de falar – O que temos aqui?

O homem contornou lentamente a árvore onde estava o príncipe. Depois, fez o mesmo com a árvore onde Havien estava amarrado. Kedder observava atentamente.

– Se não é o príncipe fraco muito!

A multidão começava a se alvoroçar. O homem do cetro era o grande Yavog, chefe do povo do pântano. Havia se tornado uma espécie de rei daquela gente após a morte de seu tio, o pioneiro Yavog, que organizara o êxodo de seu povo quando da repressão imposta pelos soldados do exército real.

– Povo, o príncipe quer namorar Yavog... Não pára de olhar Yavog muito! – comentou Yavog, em tom de escárnio.

Nesse momento, a multidão explodiu em gritos e gargalhadas.

– Perdão, alteza, sou fiel muito! – completou Yavog, fazendo sinal para que sua mulher subisse onde ele estava.

Yavog não perdia a oportunidade de exibi-la em público, talvez para tentar convencer seu povo de que ela era uma bela mulher. E, realmente, o esforço era necessário, pois ninguém mais pensava como ele. Sua esposa era, na verdade, uma das criaturas mais feias de que já se teve notícia em toda a Sindávia.

– Arqueiro! – gritou Yavog, desnecessariamente, para o imediato ao seu lado.

– Sim, senhor.

– Já sabe a tarefa. Espera o sinal.

O homem do arco cruzou toda a multidão pelo mesmo caminho que viera. Do outro lado do pátio havia uma grande árvore. Uma rede de cordas e pedaços de madeira formava uma escada que circundava seu tronco, permitindo o acesso a uma região mais alta, onde se encontrava um posto de vigia. Com grande destreza, apesar de carregar o enorme arco, o homem rapidamente subiu e lá ficou, aguardando, conforme instrução de seu líder.

No povo Yavog, além de corpulentos lenhadores, havia grandes arqueiros. Um, porém, era eleito imediato do líder Yavog e participava de sua guarda pessoal. Sempre que havia prisioneiros a serem executados, a habilidade deste arqueiro era testada. De uma grande distância, ele deveria ser capaz de atingir cada um dos prisioneiros com uma flecha fatal no centro do peito. Somente desta forma era capaz de manter seu posto. Caso falhasse, outro tentaria o feito e aquele que conseguisse assumiria sua função.

Yavog chegou bem perto de Kedder.

– Vocês acham invencíveis muito, não é? Expulsam Yavogs da casa, não é?

– Yavog, que culpa ele pode ter? O príncipe nasceu depois da expulsão dos Yavogs – lembrou Havien, buscando amenizar o conflito.

– Podia ser mudo muito em vez de cego, hein? – pilheriou Yavog.

– Deixe-o de fora disso, homem! Ele não fez mal algum a você – disse Kedder em defesa de Havien.

– Ah é? E pra você fez mal muito? Vocês matam aleijados, não é? É assim a lei! Assim matam meu pai! – urrava o homem, aproximando seu rosto do rosto do príncipe.

Kedder não respondeu. Aquele homem tinha razões muito fortes para guardar grande ódio de todos os membros da corte. Não havia possibilidade de qualquer diálogo e o fim parecia próximo.

– Antes, ah... – interrompeu Yavog – príncipe acha quanto dinheiro vendo essa espada muito?

Kedder ficou tomado de raiva. Aquela espada jamais havia saído de suas mãos desde que seu pai lhe entregara. Yavog fazia pouco caso do príncipe que, esforçando-se para seguir o conselho de Havien, tentava se manter calmo.

– Ninguém compra uma espada real – disse o príncipe – Elas não podem ser vendidas. De que serviria a uma pessoa que não fosse da corte? Estou certo de que não conseguirá uma única moeda por ela.

– Ah, é isso? Ta! Então fica aqui e assiste o dono morrer – bradou Yavog, dando um passo para trás e enterrando boa parte da lâmina no chão com um vigoroso golpe.

A multidão, ansiosa, aguardava. Yavog afastou sua mulher da árvore onde Kedder estava e levantou o braço. No alto da árvore, o arqueiro se preparou. Quando o braço fosse abaixado, estava autorizado o disparo da flecha.

Era visível a relação entre aquela afronta e o sombrio passado de lutas entre a corte e seu povo. Kedder olhou para Yavog. Seus movimentos pareciam, aos olhos do príncipe, extremamente lentos. Seu braço, alto, não se movia. Kedder olhou para Havien. Sua inexplicável expressão tranquila... Em seu isolamento, não enfrentara os problemas que os outros enfrentaram. As disputas, as brigas, a escassez de comida... Talvez fosse essa a razão de sua tranquilidade. Ou talvez não. De fato, ele enfrentara grandes desafios. Nascera cego e, ainda muito jovem, fora separado definitivamente de sua mãe. Todo o seu crescimento se deu em uma montanha gelada, e quase nenhum contato fora feito com outras pessoas. A expressão serena daquele homem estaria, certamente, apoiada em algo ainda não revelado. Kedder desejava conhecê-lo, mas suas esperanças se esvaíam. O tempo que ainda possuía se restringia ao curto intervalo do movimento de um braço que começava a descer.

De repente, ouviu-se um grande estalo de madeira rachando. Braço abaixado. Primeira flecha disparada. O príncipe, que era o primeiro alvo, não fora atingido. O galho onde estavam amarradas suas mãos, o galho de um pau-pedra, a madeira mais dura de toda a Sindávia, simplesmente se partiu sozinho, atirando o príncipe ao chão, livre da trajetória da seta. Yavog percebeu um súbito movimento de sua mulher na direção do príncipe. Ao virar-se, viu-a envolvida pelo braço de Kedder e ameaçada com a lâmina da espada em seu pescoço. Tudo acontecera rápido demais. Quando foi ao chão, Kedder, em um relance, alcançou sua espada e cortou a corda

que amarrava seus pés. Em um salto alcançou a mulher de Yavog e a fez refém, posicionando-a à sua frente. Ela, à sua frente e os dois, à frente de Havien, como um escudo humano.

– Gaya! Gaya!

Gritos vinham da multidão, que corria desesperada para todos os lados. A praça se esvaziou mais rápido do que se enchera. Em instantes, de todo o povo Yavog restavam apenas o arqueiro em seu posto, o líder Yavog paralisado e sua esposa, prestes a ser morta.

– Precisamos conversar – disse Havien, já solto de suas amarras.

Kedder, após ter cortado as cordas que prendiam Havien à árvore, olhava fixamente para Yavog e, sem se mover, sustentava a ameaça contra a mulher.

– Imploro, alteza, perdão! Imploro muito! – suplicou Yavog, ajoelhando-se e curvando-se diante do príncipe.

– Eu poderia cortar sua cabeça fora nesse instante, seu imbecil! Sua e da sua mulher! – disse Kedder, encolerizado.

– Eu disse que precisávamos conversar, não cortar as cabeças uns dos outros – insistiu Havien, aproximando-se.

– Perdão, alteza, perdão – repetia Yavog.

Kedder procurava controlar sua raiva, mas, por segurança, não soltava a mulher.

– Yavog, por favor, poderia descer desse altar e nos aguardar no centro da praça? – solicitou Havien, calmamente.

Yavog ergueu os olhos para o príncipe.

– Faça o que ele diz! – reafirmou Kedder, energicamente.

O homem, então, desceu e, dirigindo-se ao centro da praça, lá ficou. Havien trocou algumas rápidas palavras com Kedder, que libertou a mulher.

– Preciso que me guie até seu esposo, pois sou cego – disse Havien para a mulher, que assentiu com a cabeça.

– Havien! – preocupou-se Kedder.

– Você fique aqui e se acalme – instruiu Havien.

Guiado pela mulher de Yavog, Havien se dirigiu até o centro da praça.

– Quem é você? – perguntou Yavog.

– Você deveria estar mais preocupado com o galho que se partiu, não é, senhor Yavog?

– Você... Você é... Gaya? – perguntou o homem com a voz trêmula.

– Eu sou aquele que salvou a vida da sua mulher. E a sua também. Do contrário, o príncipe já teria acabado com os dois.

– Ó, Gaya, deus das florestas muito. Agradeço minha vida! – reverenciou Yavog, sendo acompanhado pela mulher em seu gesto.

Havien fez silêncio por um instante e, depois, pediu ao líder Yavog e à sua esposa que ficassem onde estavam. Percorreu lentamente a praça de volta ao altar e se dirigiu ao príncipe.

– Kedder, ficaremos com eles.

– Você está louco? Tem certeza de que alguma flecha venenosa não atingiu você também? Essas pessoas acabaram de tentar nos matar, já se esqueceu disso?!

– Aprendiz de príncipe tem mente muito curta. Eles tentaram nos matar porque não sabiam quem éramos. Agora, é diferente.

– Ah é? Diferente? Então, quem somos nós agora, para que eles tenham mudado tão rapidamente de ideia?

– Você conhece a história de Gaya? – perguntou Havien.

– A lenda, você diz?

Havien silenciou por um momento.

– Sim, a lenda...

– Conheço. É o deus guardião das florestas. Alguns dizem que é o espírito do planeta, mas não sei bem como entender isso.

– Bem, você não precisa entender. O que precisa saber é que os Yavogs mantêm profundo respeito e adoração por Gaya e que nós estamos seguros no meio deles agora.

Kedder não poderia se conter diante de tamanha revelação. Olhou por cima dos ombros de Havien e viu que Yavog e sua esposa continuavam no centro da praça, como lhes fora pedido. O príncipe, então, baixou um pouco o tom de voz.

– Havien, por favor, você não está dizendo que você é... Oh, céus... Então você existe mesmo? Não é uma lenda?

– Eu? – disse Havien, com espanto – De certo que existo, príncipe! Eu sou Havien e eu existo. Sabe, às vezes chego a me perguntar quem é o cego aqui...

– Ora, eu sei que você existe, Havien!

– Então, por que perguntou?

– Estou falando de Gaya. Você não é Gaya?

– Ó, aprendiz de príncipe... Eu sou Havien, não sou Gaya. Mas se os Yavogs pensam de outra maneira, ao menos não corremos perigo. Esqueceu-se de quantos eles são?

– Não acredito! Você mentiu para eles?

– Eu não faltei com a verdade um momento sequer.

– Mas você disse que agora eles já sabem quem nós somos!

– Sabem. E, assim como o aprendiz de príncipe em relação a tantas coisas, eles sabem errado. Mas deixemos desse jeito, por enquanto. Estão muito nervosos agora, todos, incluindo o príncipe. Quando puderem se acalmar, conversaremos mais. Quando eu quis conversar, você queria cortar cabeças. Agora, quero dormir. Amanhã conversaremos.

Dizendo estas palavras, Havien fez sinal ao príncipe para que o acompanhasse até o centro da praça. Yavog lhes ofereceria uma acomodação.

08

- CONHECENDO OS YAVOGS -

Água. Água por todos os lados. Todas as águas da Sindávia desembocavam no rio Drahak e este, quando alcançava o Pulmão do Diabo, dispersava-se formando um imenso pântano. O subsolo em intensa atividade vulcânica produzia incontáveis gêiseres que faziam tudo borbulhar o tempo todo. O calor era suportável a alguma distância, mas, devido ao vapor, a água estendia seus efeitos em todo o entorno do efervescente charco.

Para tentar evitar a umidade, os Yavogs construíram suas casas nos altos das árvores. Esse recurso fora idealizado por um homem Yavog cuja habilidade com estruturas de madeira fez dele o responsável por todas as edificações. Posteriormente, foram introduzidas passarelas que facilitaram a comunicação entre as casas. Era uma verdadeira cidade suspensa, única alternativa para que os Yavogs se estabelecessem em local tão pouco convidativo.

A praça onde a multidão se reunira no dia anterior era um dos poucos locais secos no nível do chão. Por essa razão, os Yavogs lá realizavam todos os seus eventos. E o mais importante deles exigia uma grande preparação. Era a Festa de Gaya, homenagem que os Yavogs faziam anualmente ao deus da floresta no fim da primavera para que ele não dirigisse sua ira àquela região. Eram conhecidas várias histórias a respeito do poder destruidor de Gaya.

– Príncipe?

Kedder começava a acordar. O episódio na véspera proporcionara uma tensão acima do normal, o que resultara em uma noite cheia de sonhos turbulentos. Havien o chamou mais uma vez.

– Havien... Sim... Ah... Devemos seguir viagem? – perguntou o príncipe, sonolento.

– Há muitas coisas para se aprender por aqui. Creio que será útil ficarmos por algum tempo.

– Isso até eles descobrirem que você não é Gaya... – comentou o príncipe, sentando-se na cama – Aí eu quero ver se escolherão nos dar comida e abrigo ou flechadas.

– É bom que se preocupe, pois esclarecerei o engano de Yavog assim que descermos desse lugar alto onde dormimos. O melhor do mal entendido é resolvê-lo logo – alertou Havien.

– Eu, me preocupar? É claro que me preocupo, Havien, mas o que quer que eu faça?

– Ora, você não é o Príncipe Kedder, futuro Rei da Sindávia? – lembrou Havien – Terá que dialogar com o seu povo se quiser conhecer as necessidades deles. Só assim, fará um bom governo.

– Eu dialogaria melhor com alguém que não estivesse tentando me matar...

– Ah, isso não é verdade. Ontem, depois que a situação estava controlada e favorável para o nosso lado, o que você queria fazer era cortar a cabeça do homem. Aprendiz de príncipe não pode colocar a culpa nos outros. Tem que aprender a reconhecer seus erros se quiser crescer.

– De acordo – admitiu Kedder – Eu estava tomado de raiva... Mas, mesmo agora, mais calmo, não me passa pela cabeça sequer a primeira palavra do que devo dizer a esse povo quando você revelar que não é o deus deles. Tenho medo do que possa acontecer.

– Você está com medo de lidar com um povo inteiro, mas eu, no seu lugar, teria receio de apenas um homem.

Kedder se lembrou da profecia. Havien certamente conhecia o antigo texto e talvez estivesse se referindo ao agente da revolução.

– Príncipe, seu medo é infundado – continuou Havien – Yavogs não são animais selvagens sedentos de sangue. São pessoas. Pessoas como você. Você possui seus objetivos, eles também. Ou, pelo menos, possuíam, até serem expulsos do convívio com os outros.

– Não sei qual era o objetivo deles antes. O atual, entretanto, pelo que nos aconteceu ontem, é certo. Eles queriam me matar, possivelmente para tentar conquistar o trono. Mas se pensam em fazer isso à força, estou certo que não conseguirão. Nossos homens lutarão bravamente.

– Lutar é fraqueza, príncipe. Não lutar é força. Nem seus aliados são garantia, pois os que hoje lutam lado a lado se enfrentarão amanhã. Você precisa conversar com os Yavogs. Assim, poderá saber quais são os seus problemas e dar a eles o que desejam. Forte é o que une, não o que divide.

– Havien, perdoe-me, mas o que está me pedindo é impossível. Eu não posso prometer coisas que não farei. Se tiver que entregar o reino para salvar minha vida, não estaria sendo um rei digno.

– Você e os seus impossíveis. Não lhe ocorre mais nada?

Kedder pensava. Dirigiu-se até uma pequena janela e olhou, lá embaixo, alguns homens que começavam a organizar as tarefas do dia. Tentava observá-los.

– Duas boas coisas devo reconhecer em você – disse Havien – Uma é que você não quer prometer coisas que não fará, o que mostra o seu compromisso com a verdade. A outra é que você está começando a se habituar à ideia de observar tudo com atenção quando tem um problema para resolver. Isso só trará soluções mais rapidamente. E soluções melhores.

– Ainda assim, não consigo saber o que fazer – confessou Kedder, algo receoso.

– Precisa olhar com os olhos da alma, príncipe Kedder. Está olhando demais com os olhos do corpo. Pense bem no que eles querem. Talvez o que eles queiram não seja o seu reino. Será que eles saberiam o que fazer com um reino nas mãos? Pense. Eles possuem hábitos, possuem uma cultura própria. São, contudo, marginalizados. A manutenção dessa cultura com uma reaproximação da sociedade pode bastar para fazê-los contentes. E você, como futuro rei, tem poderes para isso.

– Lembro-me do que você disse sobre os dois tipos de ladrão – disse Kedder – Acredito que os Yavogs roubam por não ter outra opção. Se vivem isolados, não podem fazer comércio para obter o que desejam. Acuados, eles se vêem forçados a roubar.

Havien aguardava a conclusão do pensamento de Kedder.

– Eles precisam ser reintegrados! Afinal, eles não foram excluídos por serem ladrões, mas se tornaram ladrões porque foram excluídos. Estou pensando certo?

– Sim.

– Então, mais uma vez, a história que eu conhecia estava errada. Cresci aprendendo que os Yavogs eram ladrões e, por causa desse comportamento, tiveram que ser expulsos.

– Os homens do poder criam a realidade necessária para no poder se manterem – alertou Havien.

– Está dizendo que meu pai inventou essa mentira? – perguntou Kedder, inconformado.

– Você estava indo bem, príncipe. Não permita que seu espírito volte a pensamentos desagregadores. Perseguir a solução é melhor que perseguir os culpados.

– Vamos descer imediatamente! – exclamou Kedder.

Havien mostrou-se satisfeito com a conduta do príncipe e assentiu com a cabeça.

– Gostaria de fazer uma última recomendação ao aprendiz de príncipe.

– Diga.

– Se vamos descer para falar com eles, é recomendável que o príncipe se vista primeiro.

Kedder sorriu. Estava tão animado com a ideia de resolver os problemas de seu povo antes mesmo de ser rei que nem percebeu suas roupas ainda penduradas ao lado da cama. Após devidamente trajado, o príncipe auxiliou Havien a descer pelas escadas da árvore até atingirem o solo novamente. Ao tocarem o chão, foram recebidos pelo líder Yavog.

– Honra muito! Preparativos para a sua festa. Vem! – disse Yavog olhando para Havien – Será especial muito! Gaya está aqui!

Os outros homens fizeram uma modesta reverência. Kedder manteve seu olhar fixo no chão.

– Venham, venham, vou mostrar! – insistia Yavog.

– Senhor Yavog, líder de seu povo...

Havien começara a falar, para o alívio de Kedder. Aquelas primeiras palavras serviriam de preparação para a conversa que o príncipe teria com os Yavogs.

– O príncipe Kedder deseja dizer a vocês que eu não sou Gaya – concluiu Havien com um leve sorriso, afastando-se do príncipe.

"Que elaborada preparação!" – pensou o príncipe. Meia dúzia de homens parou para ouvir. Yavog olhou para Kedder à espera de uma explicação. O coração do príncipe batia forte.

– Eu... Ele, na verdade...

Kedder balbuciava. Os homens se aproximaram mais e mais homens se aproximaram, adotando uma postura de alerta. Yavog olhava severamente para Kedder, franzindo as sobrancelhas.

O homem era dois palmos mais alto que o príncipe e muito mais forte. A diferença entre os dois, à distância que se encontravam um do outro, definia o resultado de uma disputa antes mesmo que ela pudesse ter início.

– Ele não sabe falar! – zombou um dos homens.

Houve algum silêncio. Havien pegou sua semente de pau-pedra e a segurou com firmeza, para que todos vissem. Os homens, temerosos de Gaya, recuaram.

– Senhor Yavog, líder de seu povo – principiou Kedder, com firmeza – sua preocupação é saber se este homem que está a meu lado é o deus que reverenciam. Digo a vocês que não é. Este homem é apenas um companheiro de viagem cujo passado foi tão difícil quanto o de vocês. Sei que a história dos Yavogs é feita de dor e sofrimento. Parentes queridos foram perdidos. Todos tiveram que deixar suas casas e fugir. Sei também que eu sou o seu príncipe e, em breve, serei seu rei. Mas eu não represento o passado, povo Yavog. Eu represento o futuro. Estou aqui para conhecer melhor o meu reino e, assim, melhor governá-lo. Eu não sou como os outros, senhores, não sou. Seu povo é tão importante para mim quanto minha própria família.

Os Yavogs relutavam em acreditar.

– Responda-me, grande Yavog – continuou o príncipe – quantos, antes de mim, vieram aqui para conhecê-los?

– Nenhum outro – respondeu Yavog.

– Nenhum outro! – exclamou Kedder – Mas, ainda assim, se acreditam que nada pode ser diferente, e se a vocês só interessa a vingança, aqui está a oportunidade! – disse Kedder em fortes palavras, desembainhado sua espada a entregando-a nas mãos de Yavog.

Os homens ficaram admirados. O príncipe acabara de anular todas as suas chances com aquela atitude.

– Mas – continuou Kedder – se o que desejam é a justiça, ó, amigos, a justiça não se faz com vingança. E a justiça não se faz com passado. A justiça será feita com o que fizermos daqui para frente. Estou aqui para conhecer seus anseios e suas necessidades. Só assim poderei ajudá-los. Meus antepassados podem ter errado, mas eles serão apenas história quando eu assumir o trono. Sei que os antepassados de vocês também cometeram muitos erros. Não estou aqui para julgá-los ou castigá-los por isso e peço que também não me julguem ou me castiguem. Estou aqui para conhecer o que o povo Yavog pretende fazer com o seu futuro. Estou aqui para saber se desejam continuar vivendo à custa de furtos e à margem da sociedade ou se desejam se unir novamente aos produtores, aos ferreiros, aos carpinteiros. Vocês são mais numerosos que eu, mas sou eu quem pode lhes assegurar esse direito. E, mesmo mais numerosos que eu, não são mais numerosos que o exército real. Jamais alcançarão seus objetivos à força. Sou sua única chance. Confio em meu povo e, por isso, lhes entreguei minha espada. Se não podem confiar em mim, que sou seu príncipe, nada, nada mais poderá ser feito e, se assim é, têm em mãos o necessário para dar fim à minha vida, e junto dela, às suas próprias esperanças.

Ninguém ousou dizer qualquer palavra após o príncipe. Todos aguardavam a manifestação de Yavog. O imenso homem segurava a espada à altura do pescoço de Kedder. Com um só golpe o príncipe estaria morto. Yavog quebrou o silêncio:

– Príncipe Kedder...

Ajoelhando-se em frente ao príncipe em posição reverencial, o homem segurou a arma com as duas palmas das mãos abertas, uma

sob o punho da espada, outra sob a lâmina, entregando-a de volta ao seu legítimo dono.

– Sua atitude mostra o seu verdadeiro caráter, Yavog. Mostra também que posso confiar em você. Eu o proclamo meu cavaleiro, responsável pela minha guarda pessoal enquanto eu estiver nestas terras!

– Aceito o comando, alteza! – disse Yavog, ainda abaixado.

Kedder embainhou sua espada e se virou buscando encontrar Havien em meio aos demais. Neste momento, Yavog, lentamente, levou a mão direita a uma pequena faca que guardava do lado de fora de sua bota. Num rápido movimento, atirou-se sobre o príncipe pelas costas, desferindo um golpe certeiro. Kedder, assustado, se virou rapidamente.

– Cobra-agulha! Pequena, mas venenosa muito. Príncipe não viu subir na roupa do príncipe – disse Yavog, sorridente, com a cobra espetada na ponta de sua faca.

– Se não puder confiar neste homem, Kedder – disse Havien – não poderá confiar em mais ninguém.

Os demais olhavam com estranheza. Vários deles jamais conheceram outro lugar em toda a Sindávia. Nasceram e cresceram no pântano e tudo o que aprenderam sobre a corte era que deveriam detestá-la.

– Meu povo – disse Yavog – este é príncipe muito! Devemos seguir e obedecer! Nossa liberdade volta!

– Seguiremos o senhor e o nosso príncipe! – disse um dos homens, confiante.

– Yavooog! – urrou o grande Yavog, como quem profere um grito de guerra.

– Yavooog! – responderam todos em coro.

Ao longo de todo aquele dia, enquanto os homens davam continuidade aos preparativos para a festa, Yavog percorreu as cercanias do Pulmão do Diabo com os dois viajantes. Atendendo ao pedido do príncipe, Yavog mostrava como era a vida de seu povo. Kedder ficou bastante interessado pela maneira como os Yavogs solucionaram alguns problemas quando se instalaram na região pantanosa do Pulmão do Diabo. O príncipe se surpreendia com a capacidade do homem de engendrar os mais diversos artifícios para garantir sua sobrevivência e seu bem estar. As dificuldades apresentadas pela natureza não eram impedimento, mas tão somente um desafio ao estabelecimento dos homens em cada lugar. Vencida a dificuldade, o homem se tornava melhor, mais desenvolvido e mais preparado para o desafio seguinte.

– Não imaginava que os Yavogs cultivassem uma única fruta sequer – sussurrou Kedder a Havien – Pensava que viviam apenas dos roubos...

Havien sorriu.

– Estas frutas eu falei! – comentou Yavog, orgulhoso, parando abruptamente na trilha e apontando para algumas árvores cujas raízes submergiam nas águas lamacentas.

– Impressionante! – admirou-se Kedder – Não existe nada que possamos cultivar em Maddaghi, ou em qualquer outro vilarejo, que resista a essa quantidade de água. Tudo aqui é inundado!

Yavog mostrou algumas outras frutas e alguns legumes cultivados por eles. Kedder não disfarçava seu entusiasmo frente à diversidade de culturas obtida naquelas condições.

– Esta aqui. O que é? – perguntou, curioso.

– Fruta-roxa! Fruta-roxa doooce – disse Yavog com ênfase, fechando os olhos e apertando os lábios um contra o outro – Come?

Kedder aceitou a oferta. Havien também experimentou. Ambos aprovaram.

– Isto é delicioso! – exclamou o príncipe – Nada que eu tenha comido até hoje no castelo se compara a este sabor. Precisamos ter dessas frutas lá.

Os olhos de Yavog brilhavam. Via nas palavras do príncipe a possibilidade de reaver uma vida livre e digna.

– Sabe, Yavog... Havien não gosta muito quando eu digo que algo é impossível, mas acredito ser bastante difícil alagar uma área tão grande quanto esta. Quero dizer, para podermos cultivar estes frutos em outros locais...

– Não dá – respondeu Yavog – Ar tem água muita também. Precisa ar aguado.

– Mas se vocês saírem daqui para morar em outro lugar, não teremos os frutos. Precisamos encontrar uma maneira de cultivá-los – disse o príncipe.

– Yavogs não querem sair outro lugar. Yavogs querem sair e voltar e viver.

Kedder percebeu, naquele momento, como era importante a liberdade para aquelas pessoas. Tão importante que eles nem tinham planos de usá-la. Já haviam se acostumado àquela região. Queriam, somente, saber que eram livres.

– Quer dizer que vocês continuariam morando aqui? – perguntou o príncipe – Nunca pretenderam tomar o trono?

– Veio para cá faz tempo muito – explicou Yavog – Já acostumou água e calor. Só queria ser gente para o rei. Leva fruta-roxa para o rei!

– Bem, então, está certo. Farei de você o chefe desta região! – disse o príncipe, magnânimo.

– Já é chefe da região – respondeu Yavog, sorridente.

Havien também sorriu.

– Será o chefe oficial, reconhecido e respeitado por todos na Sindávia. Melhor assim?

– Ah, muito bom muito! – alegrou-se Yavog.

– E vocês acreditam que poderiam produzir mais desses frutos?

– Só planta para comer aqui. Não pode fazer comércio...

– Mas se pudessem?

– Ah... dá para plantar todo esse lugar de água.

– Todas as frutas?

– Todas frutas dá na água muito.

A fertilidade da paisagem alagadiça remetia o príncipe aos problemas de seu reino. A escassez de comida poderia ser atenuada com novas fontes de alimentos. Os Yavogs seriam reintegrados sem abandonar o lugar onde viviam. Um fluxo adicional de alimentos seria criado. A reunificação do reino começava a ser desenhada.

Os três iniciaram a volta para a área das casas.

– Você disse que também há animais – lembrou Kedder, interessado.

– Tem. Tem sapo, sapo muito!

– Sapo? – perguntou o príncipe, repugnando a informação.

– É sapo! Gostoso muito. Príncipe não gostou?

– Mas eu nunca com... Ah, não me diga que eram sapos ontem!

– Ah... Yavog escolheu os mais bonitos para Gaya e príncipe muito! Ah, mas não é Gaya... Mas tá bom... – conformou-se Yavog.

– Curioso é que não parecia sapo – disse Kedder.

Yavog olhou com estranhamento.

– Já comeu sapo, aprendiz de príncipe? – perguntou Havien, sorrindo.

Kedder ficou um pouco constrangido. Pediu licença a Yavog por um momento, que se adiantou na trilha.

– Será que você poderia fazer o favor de não me chamar de "aprendiz de príncipe" na frente das outras pessoas? Em menos de um ano serei rei. É bom tentarmos mostrar seriedade a eles, não concorda?

– Concordo em mostrarmos a verdade – respondeu Havien – Se o príncipe é sério, não precisa se preocupar em mostrar seriedade, pois eles perceberão naturalmente. Se o príncipe é forte, não precisa se preocupar em mostrar força, pois eles perceberão naturalmente. Mas se o príncipe nunca comeu sapo, como poderia saber o gosto? Eles questionarão, naturalmente...

– Certo, certo, já entendi! – disse o príncipe.

– Não seja impaciente, Kedder, e não tenha vergonha de si. Melhor errar como príncipe do que errar como rei.

– É que você não comeu! Ah, só de pensar que eram sapos – lembrou Kedder com desgosto.

Os dois continuaram pela trilha até alcançarem Yavog, que os esperava com mais alguns homens à entrada da vila.

– Príncipe Kedder conheceu frutas! – exclamou Yavog, contente, para os outros homens.

– E sapos! – completou o príncipe, resignado.

Havien sorriu.

– Ver a comida, já volta. Mais sapos muito! – disse Yavog, retirando-se para inspecionar o almoço especialmente encomendado para seus hóspedes.

Um outro homem, cheio de cordas, vinha em passo muito apressado em direção ao grupo. Ao chegar, recuperou um pouco o fôlego.

– Onde estão as madeiras? – perguntou ele, ainda ofegante.

– Estão ao lado do abrigo onde Yavog prendeu Yuti – respondeu um dos homens – Yavog pediu a Yavog que colocasse a Yuti lá porque ela estava fazendo muita bagunça nos preparativos. Mas Yavog não quer a Yuti lá. Temos que tirá-la de lá quando formos guardar os vasos com o óleo. Yavog está esperando Yavog chegar hoje com o óleo para as tochas.

– Hoje? Vamos correr, então! Com licença, alteza – disse um dos homens, reunindo os outros e correndo em direção ao abrigo.

Kedder estava atônito. Olhou para Havien.

– Diga que eu não estou louco, Havien.

– Você não está louco, príncipe.

– Ah, então eles estão! O que está acontecendo? Até entendo que Yavog possa querer uma coisa e, depois, querer outra. Pode ter mudado de ideia. Mas quem está chegando com presentes? Como é que Yavog está aqui esperando ele mesmo chegar?

– Depois o aprendiz de príncipe não gosta de ser aprendiz de príncipe...

– Ora! Não posso entender o que eles falam! – retrucou Kedder – A culpa agora é minha se são todos iguais?

– Sempre que considerar iguais pessoas diferentes, a dificuldade de compreensão irá muito além dos seus nomes, príncipe.

– Bem, então me explique, porque, ao que parece, você entendeu perfeitamente.

– Claro que sim, afinal, eu sou cego.

– E o que importa isso?

– Eu dou mais valor aos meus ouvidos que você dá aos seus. Não percebeu as diferenças em cada nome?

– Não – respondeu Kedder, surpreso.

– Pois então, observe melhor da próxima vez. Espero que entenda que, neste caso, observar melhor será observar menos.

– E ouvir mais – completou Kedder.

– Aprende rápido, príncipe Kedder da Sindávia.

– Vamos lá para acompanhar os preparativos da festa? – convidou Kedder.

– Pode ir. Eu vou subir ao nosso quarto.

– Não precisa que eu o auxilie?

Uma moça vindo na direção de Havien interferiu:

– Não é necessário, alteza. Yavog pediu que mudassem o quarto de vocês para este aqui – disse ela, apontando para uma cabana térrea – Facilitará para seu amigo. E não precisam se preocupar com a umidade porque esta área, devido à proximidade da praça, é bem confortável. Vocês estarão bem acomodados.

– Agradeça a Yavog pela gentileza – solicitou Havien.

A moça consentiu. Enquanto Havien era conduzido para o novo quarto, Kedder se aproximou de alguns homens que trabalhavam construindo flechas.

– Sim, alteza?

– Permita-me apenas observar o trabalho de vocês – tranquilizou o príncipe.

– Certamente, alteza, será um prazer – respondeu o homem.

Kedder ficou sentado junto aos arqueiros durante um bom tempo. Era agradável ver como eles construíam as flechas e o cuidado que tinham nos acabamentos das extremidades. Vez por outra, o príncipe fechava os olhos. Ouvia um pouco mais atentamente e, então, abria-os em seguida.

De repente, alguém se aproximou, o que o príncipe percebeu mesmo de olhos fechados.

– Yavog, como estão as flechas? – perguntou, de pé, o homem recém-chegado.

– Estão quase prontas. Estamos trabalhando juntos e conseguindo terminar mais rápido.

O homem apontou discretamente para o príncipe estranhando vê-lo sentado de olhos fechados, aparentemente dormindo, em plena luz do dia. Os outros deram de ombros indicando que não sabiam.

– Yavog estava querendo as flechas para guardá-las nos casulos – continuou o homem – Vou avisá-lo que você levará a ele quando terminarem.

– Está certo. Aproveite e avise Yavog que Yavog vai precisar das tochas hoje para poder entregar a Yavog, que vai colocar todas elas no óleo.

– Farei isso – disse o homem, despedindo-se e voltando pelo mesmo caminho.

Os homens continuaram trabalhando nas flechas.

– Yavog – chamou Kedder, abrindo os olhos.

– Sim, alteza – respondeu um dos homens.

– Yavog – disse Kedder.

– Às suas ordens, meu príncipe – outro homem respondeu, curvando-se em reverência.

– Yavog?

– Ó, alteza, ele está lá do outro lado da praça. Quer que vá chamar?

– Não, não precisa. Obrigado. Podem voltar aos seus afazeres. Vou para o meu quarto – disse Kedder.

Os homens se entreolharam. Quando Kedder já estava a uma boa distância, um deles comentou:

– Será que o príncipe está se sentindo bem?

* * *

– Havien, Havien! – chamou o príncipe.

– Sim?

– Percebi alguma diferença!

– Viu com os ouvidos? – gracejou Havien.

– Sim – disse Kedder, sorrindo.

– Deve ter se lembrado de seu teste em Dommin e de como foi importante prescindir de algo a que você estava acostumado para ampliar ou descobrir outras capacidades.

– Sim, eu fiquei de olhos fechados. É incrível como consegui perceber, além das diferenças entre os nomes, também outros sons. Um desses sons era de uma martelada. Alguém estava trabalhando com ferro. Depois de uma sequência de batidas sem ritmo, percebi que houve uma segunda série de batidas muito bem ritmadas e firmes. Em seguida, voltaram as batidas com menos ritmo, um pouco melhores que a primeira sequência, mas não tão ritmadas e não tão firmes quanto as da segunda.

– O aprendiz tem talento. A tarefa apenas lhe parece ainda um pouco pesada – disse Havien.

– Está falando de mim? – perguntou Kedder.

– Na verdade, estou falando do aprendiz de ferreiro, o garoto que você ouvia há pouco. Mas serve para o aprendiz de príncipe também.

– Depois, quando abri os olhos – continuou Kedder – pude ver o garoto e o homem que o ensinava. Concordo com você que era tarefa pesada, pois o martelo parecia ter quase o tamanho do garoto!

– Mas o garoto crescerá, príncipe, e o martelo, não. E como o rapaz se dedica a aprender, chegará, rapidamente, o dia em que ele dominará o martelo com grande destreza. O mesmo acontecerá com o aprendiz de príncipe.

– Só que eu tenho bem menos tempo – lembrou o príncipe.

– Não importa. O tempo do aprendizado é sempre definido pelo aprendiz. E se há alguém disposto a aprender, sempre haverá alguém disposto a ensinar.

Kedder e Havien conversaram por algum tempo. O príncipe contou sobre alguns episódios de sua infância e de sua juventude. Havien falou um pouco mais sobre seu treinamento com Kahlzang, o eremita.

– Você falou sobre o teste na sua casa – disse Kedder – Queria aproveitar para perguntar uma coisa.

– Pergunte.

– Quando vendei os olhos, a sensação que tive era a de que você estava a um palmo de mim. Suas palavras tinham grande força. Acabei me assustando e tirei a venda. Você se lembra?

– Sim.

– Mas quando tirei a venda você estava longe! Queria saber por que tive essa sensação errada...

– Não sei se foi errada, príncipe. A minha voz estava, realmente, muito próxima de você.

– Mas você não saiu do lugar onde estava! Pelo menos, foi o que disse naquele dia.

– E disse a verdade.

– Um momento, Havien. Você me disse para lhe dar a minha espada. Eu ouvi sua voz muito próxima de mim. Ouvi claramente! Como foi possível que eu escutasse se você não disse nada?

– Pois eu nada disse, príncipe Kedder. Essa foi mais uma demonstração de como o pensamento cria a realidade. Você estava

com medo, pois usa a espada para se defender e a visão para orientar a espada. Sem visão, sem defesa.

– Está dizendo que eu imaginei aquilo?

– E por que pensa ter acreditado que a voz estava tão próxima?

– Por que estava dentro da minha cabeça – respondeu o príncipe, concluindo.

– Nada pode estar mais próximo, concorda?

– Força do pensamento, então? – perguntou Kedder.

Havien assentiu.

– Mas, pelo que me falou, isso não acontece apenas quando se sente medo...

– Certo que não. Acontece quando o sentimento é forte. Como o medo é um sentimento fortíssimo, ele sempre cria realidades. Mas existem muitos outros sentimentos e a força está em quem os sente. Um, por exemplo, a que as pessoas quase nunca se atêm, é a gratidão.

– Mas a gratidão é um sentimento posterior, quero dizer... É... Creio ter me expressado mal. Quero dizer que – reorientou-se o príncipe – quando você sente medo, o sentimento está relacionado a algo que está por vir. Quando sente gratidão, é sempre em relação a algo que já passou. A realidade já existia antes do sentimento.

– Isso porque você nunca imaginou sentir gratidão antes de receber a dádiva.

– Mas como poderia?

– Da maneira mais simples possível. Sinta-se grato antes de receber a dádiva.

Pelo silêncio que se seguiu, Havien percebeu que o príncipe tinha dificuldades de entender.

– Você se lembra do dia em que chegamos aqui? – perguntou Havien.

– Claro. Foi o dia em que nasci de novo. Nós dois nascemos de novo, aliás.

– E não é uma dádiva poder nascer novamente?

– Sem dúvida. Mas, e a gratidão?

– Você não se lembra de ter me repreendido porque eu estava feliz?

– Lembro... – disse Kedder, um pouco constrangido.

– Pois eu só estava me sentindo grato pela vida. E aí, o que aconteceu?

– Você viveu – concluiu Kedder, compreendendo.

– Gratidão é sentimento, Kedder. Gratidão é pensamento. Gratidão cria realidade.

Uma voz, vinda do meio da praça, invadiu o quarto.

– Yuuuti! – gritava o grande Yavog, sem efeito.

Yuti havia escapado. Um descuido de um dos homens com a porta liberou o animal, uma espécie de capivara, que saiu em disparada. Uma forte tormenta durante dois dias seguidos poderia causar sérios danos aos preparativos da festa. Relâmpagos que caíssem sobre as árvores, incendiando-as, poderiam comprometer vários dias de trabalho. Yuti correndo solta pela praça conseguia fazer tudo isso em um piscar de olhos.

– Yuuuti!

Mais uma vez, gritos em vão. Os homens se dividiam entre aqueles que tentavam agarrar o animal e aqueles que tentavam proteger seu trabalho do pequeno furacão. Kedder foi à janela e viu a agitação. Yuti, como uma faísca, pulava de um lugar a outro, derrubando tudo o que encontrava. As madeiras que estavam empilhadas, as folhas reunidas, as raízes para fazer chá, as panelas,

tudo ela derrubava. Havia alguns painéis pintados, aguardando a secagem, no alto de um pequeno balcão. Yuti preferiu ir direto às tintas! Em um só encontrão, conseguiu derrubar todos os potes de tinta, muitos deles caindo sobre a própria Yuti que, escorregadia, dificultava ainda mais sua captura. O tumulto crescia sempre que uma pessoa tentava agarrá-la. Yuti não era violenta, mas tinha um sólido tronco e, inexplicavelmente, desenvolvia uma velocidade espantosa. Alguns homens eram atirados para o alto quando se colocavam no seu caminho. Parecia que jamais teria fim a contenda quando, de repente, ela se deitou, ofegante, aos pés do líder dos Yavogs.

– Yuti! Já disse não faz bagunça muita. Vai presa muito! – disse Yavog, segurando o bicho pelas orelhas, único lugar que não parecia lambuzado de tinta, e amarrando uma corda ao seu pescoço.

A essa altura, Kedder e Havien já estavam do lado de fora do quarto observando, cada um a seu modo, as peripécias da pequena Yuti.

– Yavog – chamou Havien – Deixe-a solta.

– Yuti solta? Yuti louca muito!

– Por que vocês têm esse bicho, então? – perguntou Kedder.

O animal olhava para Yavog com um misto de inocência e ternura.

– Ahhhhh, Yuti linda muito! – disse Yavog, todo emocionado, debruçando-se sobre o animal.

Yuti, em sinal de afeto, começou a lamber o rosto de Yavog com sua enorme língua. Yavog, todo sujo de baba de Yuti e tinta de planta, se deitou de vez no chão às gargalhadas. Aquele homem enorme, aparentemente uma fortaleza, parecia ter se transformado em uma criança. Brincava e rolava agarrado ao bicho, como se travasse um combate corpo a corpo. Um combate colorido muito.

– Melhor prende Yuti, Gaya... É... Havien... Melhor prende Yuti, Havien... – disse Yavog, opondo-se ao conselho recebido – Yuti solta quebra tudo muito!

– Ela quebra tudo porque fica presa – continuou Havien – não porque fica solta. Que razão há para insurgir-se quem vive em liberdade?

Yavog pensou por um momento e replicou:

– Você não pega ela se ela quebra tudo muito!

– Pelo visto, nem ele nem ninguém – disse Kedder, sorrindo – Vamos experimentar deixá-la solta.

– Alteza quer solta muito... – rendeu-se por fim, Yavog, concordando com a sugestão do príncipe.

– Vamos guardar as frutas no alto, então – lembrou-se, a tempo, um dos homens – senão a Yuti come tudo!

09

- A FESTA -

Raro era um dia de frio no pântano mas, naquele ano, o calor havia se superado e o fim da primavera no Pulmão do Diabo mais parecia um alto verão. Todo o povo Yavog trabalhava nos preparativos da festa. Havia uma extensa estrutura de tochas embebidas em óleo. Havia os casulos, grandes bolsas feitas de resina de árvore, onde seriam colocadas flechas. Esses artefatos representavam a relação dos Yavogs com a natureza; os casulos, através da seiva, representavam as árvores e a água. As flechas simbolizavam os costumes e a coragem do povo Yavog. Durante a festa, ao retirarem as flechas dos casulos, os Yavogs estariam agradecendo à natureza por prover o necessário à sobrevivência de todos. No altar onde Kedder e Havien vivenciaram sua primeira experiência com os Yavogs estava montada uma grande árvore feita com galhos de outras árvores. Sobre ela pendia uma peça de madeira trabalhada. O entalhe mostrava um homem forte ao centro e vários pequenos abaixo. Algumas árvores estavam atrás de todos eles. Das mãos do homem central saíam raios que atingiam as cabeças dos outros menores. A ilustração mostrava Gaya lançando sua ira sobre os homens para proteger a floresta.

Na véspera da grande festa, não se falava em outra coisa e as dúvidas de Kedder se reacenderam logo pela manhã.

– Havien... Essa relação dos Yavogs com esse deus... Gaya... – disse Kedder, iniciando a conversa timidamente.

Havien se aproximou. Sabia que estava chegando o momento de revelar ao príncipe um conhecimento novo e poderoso.

– Tenho observado a dedicação com que eles trabalham para esta festa. Faz mais de dois meses que estão ocupados integralmente com isso. Talvez seja um pouco de exagero, não concorda?

– Falamos sobre gratidão, príncipe Kedder. É um sentimento muito forte. Falamos também sobre o medo, que é outro sentimento muito forte. Os Yavogs apenas estão externando esses dois sentimentos ao prepararem a festa. É algo muito importante para eles.

– Entendo a gratidão, afinal, eles sobrevivem exclusivamente daquilo que a natureza lhes proporciona.

– Em verdade, todos nós, príncipe – lembrou Havien.

Kedder pensava. De fato, a única fonte de recursos de todos os homens era a natureza. Nada provinha de outro lugar.

– Certo. Mas e o medo? Qual a razão?

– O medo deles é produto da falta de conhecimento, aliás, como ocorre quase sempre, com quase todas as pessoas – disse Havien – Há uma história muito interessante sobre os Yavogs que poderá esclarecer sua dúvida. Mas, por enquanto, conte-me a sua história, príncipe. Você falava de Gaya. Disse algo sobre uma lenda...

– Não saberia explicar. Alguns dizem que é uma lenda. Alguns dizem que é um deus, outros, que é um demônio. Eu não penso que seria um demônio, mas imagino que dizem isso porque, às vezes, quando um deus se ira, acaba parecend...

– A ira é própria dos homens, Kedder – interrompeu Havien.

– Mas, então, o que são os grandes desastres, senão a ira dos deuses? Quando as chuvas destroem as plantas, ou quando incêndios destroem vilas inteiras na época da seca...

– É apenas um equilíbrio – prosseguiu Havien – Quando você tira o peso de um dos pratos de uma balança, o outro cai rapidamente. E, garanto, não cai pela ira dos deuses.

– Por isso que a Lei do Equilíbrio é necessária? – lembrou Kedder.

– A que você se refere?

– Ora, à Lei do Equilíbrio! Já conversamos sobre isso... Algumas pessoas morrem para que outras sobrevivam, uma vez que não há comida suficiente para todos. Mesmo que seja ruim a morte de alguns, ela resulta na recuperação do equilíbrio entre o número de pessoas e a quantidade disponível de comida. Estou certo? – perguntou Kedder, orgulhoso da lógica de sua conclusão.

– Ó, aprendiz de príncipe...

– Você não me respondeu!

– Pela forma como você pensa, creio que este seja um assunto para discutirmos mais tarde – sugeriu Havien.

– Não! – refutou o príncipe com firmeza – Eu quero saber! Esse pensamento está certo ou não?

– Príncipe, entenda. Se existe uma coisa certa, é a Lei do Equilíbrio Universal. Se existe uma coisa muito diferente disso, é essa "Lei do Equilíbrio" à qual você se refere. Algo criado pelo homem pode ter qualquer nome. E esse nome pode não ter significado algum. É exatamente o que ocorre com essa sua lei.

– Mas não entendo. Parece-me o mesmo princípio. Como você diz que são coisas diferentes?

– No equilíbrio universal, acontece isso que você falou. E, aparentemente, na sua Lei do Equilíbrio também. Mas você não está levando em consideração que, no Universo, o equilíbrio se restabelece com a saída dos recursos de onde há abundância em direção a onde há escassez.

– Então! – disse Kedder – Os produtores geram a comida e, de certo, não a consomem em sua totalidade. Dos produtores, que é onde há abundância, parte a comida para o resto do reino. Até aqui, tudo certo.

– Tudo errado.

– Como assim, tudo errado, Havien?

– Você está considerando que há abundância de comida junto aos produtores? – perguntou Havien.

– Sim, pois é onde se encontram as plantações.

– Então, tudo errado, pois eles somente cultivam as plantações. Eles não as possuem. Você se esquece de um lugar onde há muito mais comida do que junto aos produtores.

– Onde? – perguntou o príncipe, espantando.

– No seu castelo – disse Havien, enfaticamente – Lembra-se de ter passado fome alguma vez, príncipe?

Kedder não se lembrou. E nem poderia. Seus momentos difíceis sempre estiveram associados a pequenas coisas, a problemas sem importância.

– Você é quem não me respondeu agora – apontou Havien.

– Não, não me lembro de ter passado fome – assentiu Kedder.

– E você nunca estranhou isso? Em uma época onde há escassez de comida, você nunca passou fome... Não é curioso que os produtores da comida passem fome e você não? Como você mesmo disse, é junto aos produtores que há abundância...

Kedder estava confuso. O que ele entendia como realidade estava se mostrando uma grande ilusão.

– O que acontece na Sindávia – Havien continuou – é o desequilíbrio, Kedder. A realidade do seu castelo não é a realidade do seu reino.

– Isso eu já percebi – assumiu Kedder, entristecido.

Havien notou que uma certa melancolia se abatera sobre o futuro rei e procurou confortá-lo.

– Culpar-se por algo que você não fez não trará benefícios, príncipe. Sua postura deve ser a daquele que pretende corrigir o que está errado.

– Confesso que, de vez em quando, penso que esta tarefa é muito pesada para mim, Havien – lamentou Kedder.

– Mas o martelo não crescerá, enquanto que o príncipe, sim – disse Havien, com alegria.

Kedder sorriu, lembrando-se do aprendiz de ferreiro:

– Só espero que eu consiga crescer o suficiente...

– Ah, príncipe vai crescer. Cresceu agora só por desejar crescer. Príncipe aprendiz de príncipe ainda. Além disso, é muito difícil desempenhar uma atividade sem o conhecimento das ferramentas apropriadas. Por isso queria conversar sobre isso depois. Mas o príncipe insistiu... Príncipe foi apresentado ao problema sem antes ser apresentado às ferramentas.

Kedder não parecia muito animado.

– Venha comigo – convidou Havien.

– Aonde vamos? – perguntou Kedder.

– Vamos em busca das ferramentas. Talvez seja bom você ouvir um pouco do que os Yavogs têm para falar sobre Gaya.

– Qual deles? – brincou Kedder, aludindo à semelhança entre os nomes.

Já na praça, Havien pediu a Kedder que escolhesse um homem para lhe contar um pouco da história. Instruiu que evitasse o líder Yavog, pois pouco tempo faltava para a grande festa e ele estaria ocupado no comando de seus homens. Kedder se lembrou do rapaz que trabalhava com as flechas e, localizando-o em meio aos muitos que transitavam pelo grande pátio, chamou-o.

– Sim, alteza.

– Gostaria que me contasse um pouco mais sobre a relação de seu povo com essa lenda de Gaya.

– Ah, alteza, não é lenda, acredite. Bem, alguns pensam assim, mas não é. Um Yavog sabe que não é invenção – disse o homem, um pouco temeroso.

– Bem, convença-me disso, então – determinou o príncipe.

– Eu lhe mostrarei. Até as crianças sabem... Venha que contarei a história para o senhor no caminho.

– Você disse que até as crianças sabem? – repetiu o príncipe.

– Bem, do jeito delas... Por exemplo, quando vemos uma folha se mexendo sozinha, acreditamos que estamos recebendo algum tipo de sinal de Gaya. As crianças costumam chamá-la de folha boba...

– Uma folha mexendo? Não seria o vento? – perguntou o príncipe.

– Ah, não, alteza. Se fosse o vento deveria mexer com todas elas, não concorda? As outras ficam paradas e, ainda que balancem um pouco, é somente um pouco e o movimento é bastante irregular. A folha boba, não. Fica se mexendo para um lado e para o outro sem parar...

Kedder e Havien acompanharam o homem através de uma trilha que se afastava da área das casas. Rapidamente o chão começou a ficar úmido e eles precisaram desviar de algumas poças que nasciam no meio do caminho. A umidade pareceu melhorar um pouco conforme o terreno se elevava, mas, em seguida, houve um acentuado desnível e a trilha se encharcou novamente. Nesse ponto, algumas passarelas de madeira ladeavam o caminho, suspensas por amarras nas árvores. Os três pegaram essa via e, assim, prosseguiram pelo resto do percurso.

– Interessante essa solução que desenvolveram – comentou o príncipe, admirando as passarelas – Deveriam fazer isso em todas as trilhas!

O homem fez que concordou com a cabeça.

– Perdoe-me – disse Kedder – eu o interrompi. Por favor, continue. Você estava contando que logo que chegaram aqui o líder de vocês...

– Sim – continuou o homem – mas não confunda este homem, o pioneiro Yavog, com Yavog, seu sobrinho e nosso atual líder, o que vocês conhecem. Foi o tio de Yavog que veio para cá, há mais de vinte anos. Quando seu irmão morreu pelas mãos dos oficiais reais, ele se revoltou e veio para cá trazendo todas as suas coisas. Toda a sua família e muitos amigos foram chamados. Muitos vieram. Mas os que ficaram para trás morreram todos. Como este homem não teve filhos, quando ele morreu, foi Yavog, seu sobrinho, que assumiu a liderança de nosso povo. E assim estamos até hoje.

– Mas o que aconteceu com o tio de Yavog? – perguntou Kedder – Conflitos com os guardas?

– Não – negou o homem com uma expressão assustada – Foi pior, bem pior.

– Mas então? – insistiu Kedder.

– Nós sempre fomos muito simples – continuou o homem – e sempre trabalhamos bastante. Mas não somos sábios e muitas coisas não conhecemos direito. Quando viemos para cá, pensávamos ser bobagem o que as pessoas falavam sobre Gaya. Apenas uma lenda, como o príncipe disse. Mas, então, o tio de Yavog morreu e temos certeza de que foi Gaya. Sabíamos que era Gaya nos castigando e, a partir daí, passamos a ter mais respeito.

– Mais respeito? Como assim? – perguntou Kedder – Vocês conhecem esse deus? Já o viram alguma vez?

– Não, nunca vimos. Mas sabemos que ele existe e sabemos que devemos respeitá-lo, senão... Temos medo de que comece a acontecer com os outros. O que mais tem por aqui é árvore e se elas começarem a tomb...

– Vamos, homem, diga logo o que aconteceu! – exclamou Kedder, impaciente.

– Está certo. Logo que nos estabelecemos aqui, a primeira coisa que fizemos foi procurar uma área para plantar. Não encontramos. Ao menos, não uma que se adequasse aos nossos conhecimentos da época. Morreríamos de fome se não fizéssemos nada e nosso líder pioneiro, o tio de Yavog, sugeriu que adotássemos uma medida extrema. Precisaríamos roubar para sobreviver. Isso seria durante pouco tempo até que conseguíssemos um meio de nos sustentar. Foram pequenos saques, normalmente à noite, nas vilas dos produtores, para obter grãos, leite, coisas assim. Nunca machucamos ninguém, mas uma ou outra vez alguém via e dava confusão. Tínhamos que sair correndo. Com o passar do tempo, ficava cada vez mais difícil. Por causa da escassez de comida, os produtores não podiam correr o risco de ter sua pouca produção roubada e, armados, vigiavam os celeiros.

– E o que fizeram? – perguntou Kedder.

– Nosso líder, o pioneiro Yavog, decidiu tomar outra atitude. Pensou que poderíamos oferecer alguma vantagem aos produtores em troca da comida. Eles precisavam de madeira, e isso é o que não falta aqui. Começamos a derrubar árvores para trocar com eles por comida. Depois, aproveitaríamos a parte desmatada para plantar e, assim, não precisaríamos mais da madeira nem dos produtores.

– Mas alguma coisa deu errado – arriscou Kedder.

– Se o líder define, senhor, nós temos que seguir. A extração da madeira era rápida e uma só tora podia ser trocada por vários dias de comida para todos. A ideia de aproveitar a área desmatada sempre ficava de lado e a extração de madeira continuava. Chegamos a encontrar algumas frutas próprias da região pantanosa, mas com as madeiras conseguíamos muito mais e não precisávamos plantar e esperar crescer. Era mais rápido e mais fácil. E, além de comida, conseguíamos outras coisas como roupas, enfeites e alguns animais.

– Aquela Yuti também? – perguntou o príncipe.

– Não, alteza, a Yuti nós encontramos aqui mesmo. Mas também não seria possível, porque ela é nova, e isso já faz muito tempo. Os animais que conseguíamos eram, na maior parte, cavalos.

– Ninguém pensou que a madeira poderia acabar um dia? – inquiriu Kedder.

– Muitos pensavam – continuava o homem – mas, como eu disse, a decisão cabia ao nosso líder. Alguns homens se reuniram para discutir a situação, mas nada mudou. Até que, um dia, um senhor muito velho contou que Gaya havia aparecido para ele dizendo que, caso não tivéssemos mais respeito pelos recursos da natureza, morreríamos aos poucos. Foi a última coisa que este homem disse na vida. Lembro-me de alguém ter avisado nosso líder sobre o sonho do velho, mas ele estava muito entusiasmado com o que conseguia através de seu comércio de madeiras e não deu importância. Chegou mesmo a rir do coitado que levava a notícia, aliás, como acontecia com qualquer pessoa que dissesse ter visto Gaya, em sonho ou não. No dia seguinte, algumas pessoas começaram a dar falta do nosso líder e organizaram uma pequena busca. Meu grupo tinha nove homens que conheciam essas matas como ninguém. Fomos nós que encontramos Yavog. Ele estava morto, esmagado embaixo de uma gigantesca árvore.

– Mas isso não significa que foi Gaya quem matou seu líder. Pode ter sido apenas um acidente. Afinal, árvores caem em toda parte – disse Kedder.

– Não esta árvore, alteza – respondeu o homem.

– Por que não? O que tem esta árvore de especial que não pode ter simplesmente caído?

– Esta, alteza – repetiu o homem, apontando para uma árvore de pé mais abaixo na trilha.

Kedder olhou para a monumental estrutura da árvore. Era difícil avistar os galhos mais altos. Um cavalo, mesmo de lado, poderia, facilmente, se esconder atrás daquele tronco.

– Mas esta árvore não caiu, homem! – exclamou o príncipe, indignado – Céus! Será que estou entendendo direito?

O homem arregalou os olhos e se dirigiu ao príncipe em tom de súplica:

– Por favor, alteza, eu sei que é difícil de acreditar. Mas não cometa o mesmo erro de outros. Não duvide, por favor, alteza...

O homem parecia implorar e a expressão em seu rosto espantou o príncipe.

– Como é possível tanto medo? Até onde pode ir o poder da crença? – perguntou o príncipe.

– Até onde pode ir o poder da descrença, aprendiz de príncipe? – disse Havien, interrompendo seu longo silêncio.

– Permita-me entender, homem... Esta árvore, esta gigantesca e sólida árvore que está de pé – disse Kedder, dramatizando – caiu?

– Só podemos pensar que sim, alteza. Quando chegamos, ela estava sobre o corpo de nosso líder, como lhe contei.

– E o que fizeram?

– Nada, a princípio. Alguém sugeriu que cortássemos o tronco para remover o corpo, mas, como estava para anoitecer, pensamos ser melhor voltar no dia seguinte, com mais homens e mais machados. Seria trabalho para um dia inteiro... Mas acabou não sendo trabalho algum! Imagine o que aconteceu quando dezenas de homens viram, novamente de pé, a árvore que encontramos caída no dia anterior?

– A julgar pelo dia em que chegamos aqui, gritaram "Gaya!" e saíram todos correndo – lembrou o príncipe.

– Todos eles – confirmou o homem – Ficaram tão apavorados que nem se lembraram do corpo a ser resgatado. Apenas nós, do grupo da véspera, ficamos. Pegamos o corpo e colocamos em uma pequena carroça, que dá para ser puxada até por um homem sozinho. Revezamos o esforço e levamos o corpo de volta à nossa vila, onde preparamos para enterrá-lo. Os outros ficaram com tanto medo que nem enterrar nosso líder queriam! Mas entre nós estava o sobrinho dele, nosso atual líder, que, bastante ressentido, tomou as providências necessárias. Era um rapaz corajoso já naquela época e não é nosso superior hoje apenas devido ao parentesco com o antigo Yavog. Nós mesmos do grupo o escolhemos! Ele é um grande homem. Tem um jeito diferente de falar, não é? Mas é um bom líder e todos se orgulham dele.

– Houve mais problemas como este depois? – perguntou Kedder.

– Nenhum. Algumas providências foram tomadas e, por isso, evitamos a ira de Gaya.

– Você está falando da festa?

– Da festa e do Dia do Renascimento. Todos os anos repetimos os dois.

– Não sabia desta outra cerimônia – disse o príncipe.

– Funciona assim. Contamos quantas crianças nascem no período de um ano entre uma festa e outra. No dia seguinte à festa,

plantamos um número de árvores igual ao de crianças que nasceram. Assim, pretendemos que possam conviver em harmonia as árvores e os Yavogs.

– E como você se sente em relação aos erros cometidos no passado? – perguntou Kedder.

– Alteza, lamento que tenham ocorrido, mas não posso fazer com que desapareçam. O fato é que só estou hoje aqui, vivo, por causa de meus antepassados. Sei que eles passaram por dificuldades e que tiveram atitudes erradas. Isso, porém, não faz de mim um culpado. Minha preocupação não é lamentar pelo que passou, mas fazer o melhor que puder de agora em diante.

– O melhor que puder de agora em diante – repetiu Havien, pensativo – E vocês, Yavogs, em algum momento disseram que não eram sábios...

O homem deu uma olhada no céu e viu que o sol brilhava alto. Pediu desculpas aos dois hóspedes e disse que teria que voltar para continuar com os preparativos. Havien e Kedder optaram por permanecer mais um pouco no local.

– É certo que sabemos voltar – garantiu o príncipe, tranquilizando o homem – Não há com que se preocupar.

O homem, então, desapareceu na trilha. Kedder recontou a história da árvore a Havien como que para tentar acreditar um pouco mais em tudo aquilo.

– Não sei, Havien. Você me pareceu tão quieto o tempo todo... Não acredita na história deste homem?

– Eu acredito em muito do que ele falou, príncipe, e chegará o momento em que você também acreditará.

Kedder aproveitou para perambular pela trilha em direção à misteriosa árvore.

– Mas o que é isso? – exclamou.

– Isto? – perguntou Havien – Isto o quê? O que está vendo?

– Um monte de objetos, moedas. Até jóias!

– Ah, devem ser os tais presentes... – disse Havien – O homem Yavog não contou a você essa parte. Há alguns dias um outro deles me contou esse detalhe. Esses são presentes que eles oferecem a Gaya. Eles os colocarão naquela árvore que vimos montada lá na praça. Depois que esta árvore caiu sobre o seu líder, eles passaram a oferecer present...

– Esplêndido! – bradou Kedder – Que deus mais interessante esse, que se vende por jóias e ouro! Então, essas foram as eficientes providências que os Yavogs tomaram?

– Eles pararam de depredar a natureza, Kedder. Essa foi a providência significativa. Assim, o equilíbrio se restabeleceu sem necessidade de sofrimento. Os outros costumes são errôneos, fruto, como dissemos antes, da falta de conhecimento das leis maiores.

– Estou vendo um objeto meu entre os presentes! – disse Kedder, surpreso – É uma medalha que ganhei quando nasci. Pensei que tivesse perdido.

– E, certamente, perdeu. Ou você se lembra de ter feito algum comércio com Yavogs? – gracejou Havien.

– Comércio? Não! – respondeu o príncipe, raivoso – Eles certamente me roubaram!

– Você nem mesmo sabe se foi um Yavog que roubou esta medalha.

– E quem poderia ter sido? Se a medalha está aqui com eles!

– Príncipe, você acredita, com absoluta certeza, no caráter de todas as pessoas que moram em seu castelo?

Kedder não respondeu.

– Muitas são as crenças, poucas são as certezas – lembrou Havien – Melhor abster-se de fazer julgamentos.

– Sim, melhor... Melhor também é irmos embora para que árvores não caiam em cima das nossas cabeças – disse Kedder.

A conversa continuou conforme os dois regressavam. Discutiam a situação dos primeiros Yavogs e de como eles, por necessidade, foram obrigados a roubar para poder sobreviver.

– Como você pôde ver – retomou Havien – nem todos os Yavogs foram oprimidos ou passaram fome. Enquanto havia aqueles realmente preocupados com a sobrevivência, alguns eram apenas muito gananciosos, muito apegados aos bens materiais. Estes começaram a roubar apenas para acumular riquezas. E isto está errado, pois o dinheiro não serve para comer. As moedas são muito duras para serem mastigadas.

Kedder assentiu suavemente com a cabeça.

– O dinheiro, aliás – continuou Havien – não serve para nada. Já parou para pensar nisso, aprendiz de príncipe? Não serve mesmo... Enquanto as coisas servem para alguma coisa, o dinheiro, não serve para coisa alguma.

– Pensando na possibilidade de comer moedas, até poderia concordar. Mas é o dinheiro que serve para conseguir as coisas, não é?

– Sim. E é por isso que ele deve ser sempre tratado como um meio, um mecanismo, ou uma ferramenta, se preferir, mas nunca como um fim em si mesmo. Há pessoas que querem o dinheiro e não as coisas que elas conseguem comprar com este dinheiro. Elas querem por querer. Essas pessoas são pessoas doentes da alma.

Kedder pensava se já teria conhecido alguém do jeito como acabara de ser descrito por Havien. Infelizmente, um ou outro nome lhe veio à mente.

– Para você ver como o dinheiro, em si, não serve para nada – continuou Havien – basta imaginar um mundo onde haja comida e água em abundância para todos, mas não haja dinheiro.

– Se houvesse recursos para todos, realmente não precisaríamos de dinheiro – concordou Kedder.

– O pior vem junto com o óbvio – alertou Havien – Imagine, agora, um mundo onde não haja coisa alguma além de dinheiro. Todos teriam todo o dinheiro que quisessem, mas apenas isso e nada mais.

– Se não se pode comer moedas...

– Não, não se pode. Seriam apenas mortos riquíssimos. Consegue ver alguma vantagem nisso, príncipe?

– Não.

– Você não consegue porque não há vantagem. A diferença entre um morto muito rico e um morto muito pobre é nenhuma. Estão ambos mortos. É por isso que quem pensa em acumular dinheiro sem redistribuí-lo a quem necessita está completamente em desarmonia com a Lei do Equilíbrio. E eu espero que você saiba a qual lei estou me referindo.

– À do Universo, não à da Sindávia.

– De onde há abundância... – sugeriu Havien.

– Para onde há escassez – completou Kedder.

– O Universo inteiro funciona dessa maneira, príncipe Kedder. Só o homem pensa poder agir de forma diferente.

O fim da tarde se aproximava quando os dois voltaram à região das casas. Passaram pela praça. Estava tudo pronto para o dia seguinte e os homens começavam a recolher suas ferramentas. Kedder caminhava à frente ao entrar em seu quarto quando parou subitamente.

– Alguém entrou aqui! – disse o príncipe, impedindo com o braço o caminho de Havien.

Olhando pela janela, Kedder viu o líder dos Yavogs passando pela praça e gritou:

– Yavog! Venha aqui! Alguém entrou no meu quarto! Creio que tentaram nos roubar!

Yavog correu ao chamado do príncipe, que observava, cauteloso.

– O que vê? – perguntou Havien.

– Algumas coisas estão espalhadas. Tem água no chão... Ah, o vaso... O vaso d'água que estava em cima da mesa caiu. Está quebrado. Por isso a ág... Minhas roupas! – exclamou Kedder quando viu algumas peças de roupas espalhadas.

– O quê? – perguntou Yavog, entrando bruscamente no quarto.

– Alguém entrou aqui! – exclamou novamente Kedder – Olha o que fizeram!

Yavog, preocupado com o transtorno causado ao príncipe, ameaçou chamar seus homens para interrogá-los. Quando se voltou para a porta, Yuti entrou rapidamente no quarto. Trazia na boca uma cueca do príncipe e pareceu se surpreender com a presença dos três homens ali. Seu rosto demonstrava culpa e uma iminente preocupação sobre o que fazer em seguida. Pensou em sair correndo, mas outros homens, a essa altura, entravam no quarto, alarmados pelo comportamento de Kedder. Yuti estava encurralada.

– Yuti! – gritou Kedder.

– Eu disse que ela come tudo! – alertou um dos homens à porta do quarto.

– Yuti é o ladrão? – perguntou Havien.

– Yuti, solta cueca muito! – ordenou Yavog.

Yuti abriu a boca de forma lenta e contrariada, deixando soltar nas mãos de Yavog a cueca do príncipe.

– É seu? – perguntou Yavog estendendo ao príncipe a mão que segurava a cueca.

Kedder, um pouco constrangido, fez que sim com a cabeça. A situação era embaraçosa e os homens olhavam fixamente para qualquer lugar, menos para o príncipe. Silêncio dos homens, silêncio da pequena Yuti.

– Perdão, alteza. Yuti louca muito! – quebrou o silêncio o líder Yavog.

– Não temos do que reclamar, pois o mal foi o menor possível – disse Havien – Afinal, para a felicidade do príncipe, trata-se de uma fruta da qual Yuti comeu apenas a casca!

Todos explodiram em risadas. Nem mesmo a presença do príncipe conseguiu coibir as gargalhadas. O próprio Kedder, a princípio acanhado, acabou por juntar-se ao coro. Todos foram embora comentando o fato e, de vez em quando, ouvia-se uma risada ao longe. Yavog auxiliou o príncipe a arrumar parte da bagunça e depois se despediu, levando Yuti para fora. A noite já se instalara e todos se preparavam para dormir.

– O que o incomoda, príncipe Kedder? – perguntou Havien, notando um silêncio acima do normal.

– Sabe, Havien – disse Kedder em tom sincero – tenho muita admiração e respeito por você, além de muita honra por contar com sua presença em minha viagem e, acredite, o que você disse há pouco não diminuiu em nada esse meu sentimento. Entendi que foi uma brincadeira e creio que os homens não me respeitarão menos por isso. O que me chamou a atenção foi que, após alguns meses de convívio com um Havien compenetrado e cheio de sabedoria, não esperava que você se comportasse assim.

– Assim...? – questionou Havien, esperando que o príncipe completasse a frase.

– Assim... Bem, como posso me expressar?... Você fez uma piada, Havien! – disse Kedder.

– Para que o mundo seja melhor, príncipe Kedder da Sindávia, os homens, em verdade, deveriam ser mais compenetrados e mais cheios de sabedoria. Mas isso não significa que sorrir seja menos importante.

10

- GAYA -

E a festa aconteceu. Aquela fora a primeira vez que contavam com a presença do príncipe e todos procuraram se esmerar em suas funções. Como todo ano, o melhor momento foi a representação artística da história dos Yavogs, uma grande teatralização que resgatava os principais acontecimentos. Vários homens representavam os diversos papéis. Havia o pioneiro Yavog e a dramatização do êxodo para o Pulmão do Diabo. Depois, no momento da queda da árvore, havia a cena dos grupos de busca. Os presentes, retirados da verdadeira árvore apenas no dia da festa, foram colocados no altar para representarem a si próprios. Logo em seguida, eram devolvidos. Os Yavogs não mais roubaram depois que conseguiram obter seus próprios meios de sobrevivência e, portanto, reutilizavam os mesmos presentes todos os anos. Até a pequena Yuti possuía seu lugar na história, representada por uma criança coberta com uma fantasia cheia de palha que imitava o pelo do animal.

Mas a grande novidade daquele ano era, realmente, a presença do príncipe. A opinião dos quinze homens Yavogs que representavam o papel dos soldados reais foi unânime: o príncipe era o melhor candidato ao papel de soldado-chefe. Após um convite oficial de Yavog, Kedder, finalmente, concordou em liderar os soldados do exército real que perseguiram e expulsaram os Yavogs. Apesar de ser apenas uma representação, o príncipe não conseguiu evitar o comentário com Havien, no dia seguinte, ao acordar.

– Aceitei o convite de Yavog para auxiliar na festa ontem, Havien, mas confesso que não me senti bem.

– Nem se sentiu bem, nem representou bem – comentou Havien.

– Verdade? Fui muito ruim? – perguntou Kedder, um pouco frustrado.

– Horrível, príncipe, se me permite dizer. Foi o que ouvi de alguns homens. Mas nada melhor do que você ter ido tão mal.

– Por quê? – perguntou Kedder, surpreso.

– Sua índole é diferente da índole daqueles que expulsaram os Yavogs. É artificial e perceptível quando uma pessoa tenta representar algo tão diferente de si. Você foi horrível, príncipe. Que bom.

Kedder esboçou um sorriso. Demonstrou uma expressão de agradecimento pelas palavras de Havien e, em seguida, observando o quarto bem arrumado, perguntou:

– Vamos prosseguir com a viagem, certo?

– É o nosso dever. Desde sua chegada a Dommin até hoje, já se passaram quase seis meses. É a metade de seu tempo. Precisamos prosseguir.

Reunindo suas coisas, Kedder observava com carinho o quarto onde permaneceu durante seu período no Pulmão do Diabo. A hospitalidade Yavog, à exceção do conturbado primeiro dia, fora inigualável. Todos possuíam seus afazeres, mas sempre dispunham de tempo para conversar, brincar com as crianças e ajudar os outros. Havien dissera que essa é uma característica daqueles que vivem como os Yavogs. "Quem vive próximo à natureza sempre possui tempo livre." – lembrava o príncipe. Fora um período curto, mas de grande aprendizado. Kedder conhecera em profundidade as características do povo Yavog, suas crenças, seus hábitos e suas razões. Mesmo a história de Gaya com todas as suas fantasias... Aquilo fazia parte do povo e, se fazia parte do povo, fazia parte do reino.

– Precisamos reintegrá-los – comentou Kedder – Eles possuem muito a contribuir.

– Certamente, príncipe. Você os deixa hoje somente para seguir viagem. Em breve, terá a oportunidade de regressar – disse Havien.

De posse de seus pertences, os dois saíram do quarto. Ao ganharem a área da praça, acenavam em despedida para os que encontravam. Homens e mulheres se despediam sorridentes, pois a eles agradava a ideia de novamente ter esperança em seu futuro rei. Algumas crianças brincavam de luta de espada com galhos secos. Kedder, ao passar, aproximou-se e corrigiu a postura delas, segurando sua própria espada e colocando-se em posição de combate. Uma das crianças pediu para segurar a espada do príncipe, que o permitiu cautelosamente. Mal a criança agarrou no punho da espada a lâmina desceu ao chão. Era muito pesada para o menino.

– É por isso que vocês precisam se concentrar na firmeza das pernas e das mãos enquanto estiverem brincando com estes gravetos – recomendou Kedder – A espada de verdade é muito mais pesada!

As crianças, animadas, voltaram a brincar. Kedder recolocou sua espada na bainha, correndo os olhos pela praça à procura de Yavog.

– Hoje é o dia de eles plantarem as mudas – relembrou Havien.

– É verdade. É a outra cerimônia... Onde será que eles estão?

Kedder localizou um homem vindo pela trilha da "Grande Árvore de Gaya" e perguntou a respeito do local onde os outros estariam plantando as árvores. Após informado, seguiu com Havien na direção indicada e, pouco tempo depois, encontrou uma grande área desmatada na floresta, herança dos antigos hábitos dos Yavogs. Ao longe podia ver alguns homens. Caminhou até eles através de

uma vegetação rasteira entre tocos de árvore dos quais saíam brotos laterais. Era a vida tentando se recuperar do impacto sofrido pela ação dos machados de outrora.

Quando Kedder já estava próximo, Yavog o viu e caminhou ao seu encontro.

– Olá, Yavog. Estamos indo embora. Preciso continuar com minha viagem de volta ao castelo.

Yavog pareceu surpreendido pela notícia. Esperava que o príncipe ficasse durante um tempo maior. Alguns homens se aproximaram e também se despediram. Kedder não deixou de manifestar sua admiração pela atitude de recuperar a área destruída da floresta. Os homens ficaram felizes com o reconhecimento e se curvaram, agradecendo. O príncipe saudou a todos e tomou o caminho de volta. Percorreu novamente a região desmatada e já estava quase fora de alcance da visão dos homens quando ouviu um chamado:

– Alteza! – gritava Yavog à distância, iniciando uma breve corrida – Alteza!

Kedder e Havien aguardaram enquanto o grande Yavog corria, desviando dos galhos com agilidade.

– Cuido do príncipe muito! – disse Yavog.

– Oh, Yavog, certamente. Agradeço por tudo o que fez. Você e seu povo foram muito bons conosco.

– Protejo o príncipe! – insistiu Yavog.

– Sim, obrigado – repetiu Kedder.

O príncipe cumprimentou o líder Yavog calorosamente, abraçando-o. Depois, afastou-se e retomou a trilha. Yavog o acompanhava tão de perto que Kedder ouvia, atrás de si, a respiração do homem como o barulho de um gêiser do pântano a expelir seus vapores.

– Creio que ele irá conosco – disse Havien, de forma simpática.

Kedder parou e se virou. Yavog também parou. O príncipe olhou fixamente para Yavog, que se curvou em reverência.

– Yavog, aonde vai? – perguntou o príncipe.

– Proteger o príncipe! Viagem perigosa muito!

Kedder olhou para Havien, que sorria discretamente.

– Yavog, obrigado, mas não há necessidade. Você precisa cuidar de seu povo aqui, não precisa?

– Alteza diz eu cavaleiro do príncipe! Alteza diz! – lembrou Yavog, orgulhoso.

Yavog poderia trazer problemas à viagem, mas triste era dispensar tamanha lealdade. O príncipe não conseguia se decidir.

– Somos responsáveis por nossas ações, príncipe – comentou Havien, fazendo uma pequena pausa para continuar em seguida – E também por nossas palavras.

– Para onde seguiremos, Havien? – perguntou Kedder.

– Para o deserto. Será uma longa viagem até Udda.

– Udda? Uddagary? – perguntou Yavog, assustado.

– Bem, pela sua cara, cavaleiro – disse Kedder, admirando a expressão de espanto de Yavog – problemas podem aparecer e não será mal contar com um reforço na guarda. Você vem conosco, então. Escolha mais dois homens para nos acompanhar e partiremos quando estiverem prontos.

Yavog, feliz pela decisão do príncipe, ameaçou iniciar uma corrida em busca dos dois companheiros quando foi interrompido por Havien:

– Espere, Yavog. Quantos caminhos há para o deserto?

– Pouco muito. Um!

– E os homens na vila saberiam nos apontar a direção?

– Sabem muito!

– Então faremos diferente, afinal, pouco se ganha agindo impulsivamente. Você precisa de tempo para terminar de plantar suas árvores. Precisa escolher um bom líder para substituí-lo, pois ficará muito tempo fora. Tome suas providências com calma. Andaremos pela trilha sem nos desviar e faremos uma parada para aguardá-lo.

Yavog olhou para o príncipe em busca de aprovação.

– Sim, faça como ele sugeriu. É uma boa ideia – disse Kedder, mesmo sem ter ideia de por que aquela era uma boa ideia.

– Sim. Yavog prepara antes muito. Depois vai.

Estando todos de acordo, o líder do povo do pântano voltou para coordenar seus homens no plantio das mudas. Kedder e Havien, então, dirigiram-se à região das casas, pegaram a indicação necessária, e seguiram pela mata.

Pouco antes do fim do dia, Kedder sugeriu que interrompessem a marcha para que pudessem avaliar o local onde passariam a noite. Munido de largas folhas, ele procurava, sob uma grande árvore, um local plano no chão que pudesse ser forrado. Desejava proporcionar um confortável pernoite ao amigo e se apressava em organizar suas coisas. Surpreendeu-se quando viu Havien se ajeitando diretamente sobre a terra, perto de uma grande raiz que lhe serviria de apoio à cabeça.

– Havien! – exclamou o príncipe – Eu estou me esforçando aqui para arrumar um bom lugar para você dormir...

– Mas este aqui é um bom lugar para eu dormir – respondeu Havien.

– Ah, Havien, por favor... – disse Kedder, um pouco chateado.

– Não se aborreça, príncipe. Considere de outra maneira. Eu vou dormir abraçando o planeta. Não é o que fazemos com aqueles que estimamos?

Kedder pensou um pouco e decidiu que não se aborreceria. Ao fazê-lo, percebeu-se capaz de transformar uma contrariedade em razão para sorrir.

– Só que eu não tenho a mesma intimidade que você tem com o planeta. Sabemos disso.

– Mas isso não é problema.

– Ah, nunca se sabe. Se vou abraçar o planeta, prefiro que ele esteja coberto! – disse Kedder, sorrindo, deitando-se sobre as folhas que utilizara para forrar o chão.

* * *

No dia seguinte, ambos voltaram a caminhar.

– Tenho uma pergunta, Havien.

– Uma só? Você deve ser muito sábio – brincou Havien.

– Ora, você sabe que não – constatou Kedder – Na verdade, tenho várias perguntas, mas preciso começar a partir de uma delas, certo?

– Certo. É que precisávamos ficar sozinhos...

– "É que precisávamos ficar sozinhos" o quê? – perguntou Kedder, sem entender.

– Perdão, príncipe. Antecipei-me e interrompi seu pensamento. Continue, por favor.

– Ontem, quando você disse a Yavog que seguiríamos na frente... Queria saber por que não podíamos ter permanecido com os outros na vila para sairmos juntos depois que os Yavogs

terminassem de... Ah, sim... Entendi... – suspirou Kedder, desapontado consigo mesmo.

– É que precisávamos ficar sozinhos – repetiu Havien.

– Sim, já entendi! – exclamou Kedder – Mas para quê?

– Ah, outra pergunta... Repare que interessante... Essa pergunta você não tinha antes, pois só quis fazê-la depois de eu ter respondido a primeira. Príncipe tinha várias perguntas. Fez uma pergunta e continuou com a mesma quantidade de perguntas! Conta estranha, não é?

Kedder se sentou em uma grande pedra à margem da trilha. Pôs as mãos na cabeça em desconsolo.

– Não desanime, príncipe. As dúvidas podem ser boas companheiras.

– Definitivamente, eu não concordo com você. E eu entendo de ter dúvidas, acredite!

– Você concorda comigo, só que ainda não sabe que concorda.

– Não, eu... – disse Kedder, interrompendo-se ao recordar da última vez, na casa de Havien, quando ele dissera aquelas mesmas palavras – Bem, explique-me, então.

– É simples. Você vai morrer hoje à noite, príncipe. Nem mesmo chegará a ser rei, pois um animal da floresta o atacará enquanto estiver dormindo. Responda-me: como você se sente?

– Bem, primeiro eu gostaria de saber como você pode ter certeza do que acabou de dizer.

– Ah, então concordamos agora, ou você vai me dizer que a dúvida não é uma excelente companhia neste caso?

– Bem sim, neste caso... Mas...

– E se tivesse certeza, príncipe? E se soubesse de fato como e quando morrerá? Como viveria com este tipo de certeza?

– Seria um grande tormento, confesso.

– É porque a dúvida pode ser uma grande aliada. É por isso. O problema é que as pessoas são muito acostumadas a ver o lado ruim de tudo. Ninguém consegue avaliar o lado bom da dúvida. Todos o apreciam, e até o conhecem por um nome. Apenas não o reconhecem em meio à dúvida.

– Nome?

– A esperança, príncipe. Só há esperança onde há dúvidas.

Kedder nada disse, mas recebeu com otimismo o comentário de Havien, que continuou:

– Como eu disse, não desanime. Imagine-se como uma escultura feita pela vida. Ela esculpiu o que você é hoje, mas, acredite, o trabalho não está completo. É como se apenas a metade estivesse pronta. A outra metade você mesmo terá que esculpir.

– E minhas dúvidas, em vez de me atrapalhar, me auxiliam neste processo? É isso que está dizendo?

– Quanto mais perguntas, melhor. Ou você pensou que teria cada vez menos dúvidas ao longo da vida?

– Era o que eu esperava! Se durante a viagem estou me esforçando para conhecer melhor todas as coisas, para me tornar mais sábio, eu deveria ter cada vez menos perguntas! Mas antes que você me corrija eu já sei que está tudo errado, Havien! Que diabos!

– Diabos? Que diabos? Você viu alguma coisa? – Havien perguntou.

– Não, Havien. Foi apenas uma expressão. O que é? Mais uma brincadeira sua?

– Não, eu não estava brincando. Mas como você disse acreditar que Gaya era um demônio...

– Espere aí! Eu não disse que acreditava nisso. Eu disse que as pessoas falavam isso e que... Ah, Havien, está bem! Diga logo o que quer dizer. Eu não vi nenhum demônio, nenhum diabo, nada.

– Nem deuses?

– Havien, o que deu em você?

– Gaya... – disse Havien, suavemente, como quem se esforça para ouvir alguma coisa.

O príncipe se levantou e decidiu continuar. Uma vez que a viagem seria longa, quanto mais rápido marchassem, melhor. Qual não foi sua surpresa quando viu Havien, com alguma dificuldade, sair da trilha em direção à mata fechada, tateando as árvores até se recostar sobre o tronco de uma delas.

– Havien, o que está fazendo?

– Ao contrário de você, aprendiz de príncipe, eu estou atento.

Sem compreender o que se passava, Kedder ficou parado de pé observando Havien imerso no verde. Adentrou um pouco em sua direção. De repente, as copas das árvores começaram a se sacudir vigorosamente. Alguns galhos rangiam. Kedder não sentia o vento, que parecia soprar apenas no alto. Olhou para Havien, que sorria. Ele sabia, certamente, o que estava acontecendo.

– Não está ventando, está, príncipe?

– Não... Quer dizer... Parece que está ventando somente nas copas das árvores. Não sinto nada aqui onde estamos!

– Não está ventando, príncipe, nem aqui embaixo, nem lá em cima – disse Havien.

– Mas as árvores estão se mexendo! – exclamou Kedder.

– Ah, isso sim! E creio que não demorará muito até que você possa...

– Havien! – interrompeu Kedder – Cuidado! Cuidado com a árvore!

A árvore onde Havien se apoiara era recoberta por várias ramas de plantas trepadeiras que começaram a se desprender, retorcendo-se e envolvendo o corpo de Havien, como que o aprisionando. Kedder puxou sua espada para liberar o amigo, mas não conseguiu desferir sequer o primeiro golpe. Outras ramas envolveram seu braço e lhe subtraíram a espada. Algumas plantas se agarraram aos pés do príncipe que, percebendo sua total impotência, desistiu de lutar. Rapidamente, os dois estavam totalmente envolvidos pelos galhos. Havien, entretanto, não parecia preocupado. Kedder conseguia vê-lo sorrir de dentro da prisão de plantas onde se encontrava.

– Príncipe Kedder, sinto que chegou o momento! – disse Havien, tomado de alguma emoção.

Andando por entre as árvores, Kedder viu um vulto que se aproximava lentamente. Parecia uma pessoa, mas seus membros se esticavam e se encolhiam conforme se aproximava das árvores. De repente, o vulto sumiu no meio das folhas e, no mesmo instante, apareceu atrás da árvore onde Havien se encontrava. Kedder, a pouca distância, via com clareza. Uma singular figura de mulher se mostrava diante dele. Seu corpo não estava nu, mas era coberto apenas por pequenos gravetos e alguma folhagem. Jamais o príncipe vira algo sequer semelhante àquilo e, sem palavras, permaneceu estático. A mulher se movia de forma sinuosa, quase mágica. Passou por entre os dois amigos e, novamente, desapareceu. Logo em seguida, o príncipe sentiu uma forte presença atrás de si. Sem condições de se virar, apenas ouviu uma voz que, docemente, lhe falava:

– Por favor, não machuque as plantas sem necessidade.

Um pouco depois, uma árvore se curvou, estendendo seu galho até quase tocar o chão. Nele estava a espada de Kedder,

apoiada sobre uma forquilha. Quando a espada tocou o chão, bem à frente de Kedder, a árvore lentamente se voltou à sua posição normal. A sensação inicial de medo era substituída por um estranho sentimento percebido por Kedder como admiração. Aos poucos, pareceu sentir a gratidão sobre a qual Havien falara. As ramas que cobriam o corpo do príncipe foram se dissipando e ele conseguiu alcançar a espada, guardando-a de volta na bainha. Apenas seus pés continuavam presos. Havien já estava livre.

– Ele está sendo preparado. Não compreende as leis maiores – disse Havien à mulher ao seu lado – Ainda não sabe como lidar com seus impulsos, mas é uma boa pessoa.

As amarras que prendiam os pés do príncipe começaram a se soltar e se afastar.

– Você conhece esta mulher? – perguntou Kedder.

– Pessoalmente, conheço-a neste momento, assim como o príncipe. A diferença é que eu acreditava nela antes mesmo de conhecê-la, e o príncipe, não. Mas esta diferença acaba de se esvair para sempre.

Kedder não movia um músculo. Seus lábios paralisaram e ele não conseguia falar. Olhou para seus pés, libertos, mas imóveis. A mulher sorria gentilmente quando ele, por fim, tentou algo como se apresentar.

– Eu sou Kedder, o príncipe... da Sindávia.. Muito prazer – disse em voz trêmula e entrecortada, estendendo a mão como quem pretende cumprimentar cordialmente uma pessoa recém conhecida.

Uma árvore se mexeu ao lado de Kedder. Seu galho se projetou em direção ao príncipe e, de forma suave, tocou a palma de sua mão, envolvendo-a inteiramente em seguida. Kedder segurou o galho.

– Eu sou Gaya e também estou contente por conhecê-lo – disse a mulher enquanto o galho da árvore se movia junto com a mão do príncipe.

Kedder ainda mostrava um ar de grande surpresa e, acreditando que apenas pensava, sussurrou:

– Uma mulher...

– Eu não me espantaria – disse Havien – Afinal, não poderíamos esperar outra coisa de alguém que supre todas as nossas necessidades, maternalmente, sem exigir nada em troca.

– É uma deusa, então, não um deus. E é belíssima! – admirava Kedder.

– Eu sou o mundo onde todos vocês vivem, príncipe. Agradeço pelo elogio – respondeu Gaya.

O galho que Kedder segurava se afastou e a árvore retornou à sua posição natural, deixando cair uma lagarta aos pés do príncipe. Kedder recolheu a lagarta com delicadeza e segurou-a em suas mãos. Havien caminhou de volta em direção à trilha aberta, passando pelo príncipe. Gaya o seguiu.

– Por que não pude conhecê-la antes? – perguntou Kedder.

Gaya se aproximou e segurou as duas mãos do príncipe, fechando-as com as dela em volta. Olhou para Kedder. O príncipe experimentava uma sensação inédita, uma grande sensação de paz. Um suave aroma de flores tomou conta do ar. Kedder percebeu uma bela flor que acabara de nascer por entre as folhas que ornavam os cabelos de Gaya.

– A natureza conhece o tempo certo de cada coisa – disse Gaya, soltando as mãos de Kedder.

O príncipe olhou para suas mãos. Abrindo-as lentamente, percebeu uma borboleta ainda com as asas úmidas. Tinha dificuldade para alçar vôo. Kedder estendeu o braço em direção a

Gaya, colocando o pequeno animal em seus cabelos. A deusa agradeceu com um sorriso:

– Há de se zelar pelos seres que chegarem ao mundo, príncipe, pois com eles vem a esperança.

Kedder concordou com um movimento de cabeça e também seguiu de volta à trilha. Gaya acompanhou os dois amigos por um bom trecho do caminho. Conforme andavam, conversavam. Kedder, sempre cheio de dúvidas, fazia muitas perguntas. Gaya as respondia com paciência e doçura.

– Então você controla tudo o que há na natureza? – perguntou o príncipe.

– Não é uma simples questão de controle. Eu sou – afirmou Gaya – tudo o que há na natureza. Deve ser um pouco difícil para você entender.

– Um pouco, sim. Mas tantas coisas têm sido... – lastimou Kedder – Sua própria história... Já ouvira tantas coisas antes. Lembro-me de quando eu era criança. Minha mãe tinha medo de nos deixar brincar muito próximo à floresta. Aliás, todas as mães tinham. Elas nos contavam histórias sobre o deus Gaya, que sumia com as crianças que entravam na floresta. Vivíamos com medo de, um dia, termos que enfrentar uma situação dessa e não podermos escapar. Por isso, nunca entrávamos na floresta. Quanta invenção!

– Diga-me, príncipe – perguntou Havien – como você sabe que deseja escapar de algo que você não sabe o que é?

– É... hoje penso que não faz sentido. Mas, na época, éramos crianças, e as nossas mães contavam isso, penso eu, para nos proteger dos perigos da floresta.

– Mães contam essas histórias para assustar as crianças e poder controlá-las – disse Gaya – As crianças morrem muito mais pelas mãos dos homens que pelos perigos da floresta.

Kedder ouvia as palavras de Gaya com atenção. Ocorreu-lhe perguntar das mortes atribuídas a ela.

– Mas e aquele homem Yavog, aquele primeiro, que veio para estes lados? Você não o matou? E as outras pessoas que morreram na floresta? – inquiria o príncipe.

– O pioneiro dos Yavogs morreu acidentalmente, de uma queda.

– Da queda de uma árvore! – exclamou o príncipe – E também houve aquele sonho... Bem, não foi sonho, certo? Oh, céus... Você realmente falou com ele, não falou? Aquele senhor Yavog que estava morrendo... Você recomendou que parassem de extrair a madeira daquele jeito ou iriam morrer aos poucos. Aquilo não foi uma ameaça?

– Não, foi um aviso. Muitos foram os que tentaram convencer o antigo líder dos Yavogs de que a atividade predatória que realizavam iria levá-los à ruína, mas ele não ouviu. Entenda, príncipe, que eu não preciso retaliar as ações erradas dos homens com toda essa fúria. Pense comigo. Se os homens decidem sobreviver exclusivamente pela venda de madeiras e acabam com todas elas... O que acontece depois?

– Deixarão de ter os meios para sobreviver.

– "Morrer aos poucos" não significa morrer um por vez, mas condenar-se lentamente. Os homens comprometem o futuro de sua própria raça a cada dia, a cada nova atitude errada, a cada insistência em permanecer errando mesmo sabendo que assim o fazem. E você pode ver que, se os homens agem assim, não preciso matá-los para que eles morram, concorda?

– Concordo. Quer dizer... E a árvore? Afinal, só você poderia ter recolocado aquela imensa árvore no lugar depois de ela ter caído.

– E recoloquei. Mas a árvore não caiu. Apenas se deitou sobre o homem já morto.

Kedder rapidamente elaborou um raciocínio antes de falar.

– Os Yavogs pensaram que foi você lançando sua ira sobre eles e decidiram parar com a extração. Você não matou o homem, apenas aproveitou para fazer com que a destruição fosse interrompida...

Gaya sorriu. O príncipe começava a se encantar por alguns dos mecanismos de funcionamento da natureza.

– Imagino que mais crenças estejam erradas – continuou o príncipe – A escassez de comida, por exemplo, é atribuída à ira de Gaya sobre a Sindávia.

– Escassez de comida? – perguntou Gaya – Creio que o príncipe teve tempo de observar a abundância de comida do povo Yavog. Coincidência não foi, posso garantir, que isso só tenha ocorrido após decidirem viver de forma honesta e responsável. Enquanto a ganância das pessoas prevalecer, quanto mais elas quiserem da natureza, menos terão.

– E quando as pragas devoram as plantações? – perguntou o príncipe, insistente.

– Príncipe Kedder, você já viu na natureza uma extensão de terra sobre a qual se distribua, exclusivamente, uma única cultura? Olhe para esta floresta ao seu redor. Dentro do seu raio de visão, mal consegue ver duas árvores da mesma espécie. Assim, mantém-se o equilíbrio. Os animais precisam se locomover para alcançar novas plantas e não há reprodução descontrolada de nenhum deles. Diga-me, o que aconteceria, nos dias de hoje, se um monte de comida fosse colocada no meio de uma praça em Maddaghi?

– Certamente, acabaria em um instante!

– Se esse é o comportamento das pessoas, príncipe, como reclamar dos gafanhotos?

O príncipe estava pensativo. O que Gaya falava denunciava a mais frequente verdade. As pessoas, muitas vezes, se comportavam como animais desesperados por sua sobrevivência.

– Mas talvez seja porque elas estejam muito famintas... – argumentou Kedder.

– Não é por terem fome, príncipe, é por estarem todas no mesmo lugar. Há oportunidade para todos neste imenso planeta. Você observou o que aconteceu com os Yavogs, contrariando qualquer expectativa de sobrevivência. O problema está nas pessoas. São elas que insistem em continuar amontoadas todas nos mesmos lugares. Isso conduz ao empobrecimento. Empobrecimento do corpo, do solo, dos hábitos e das almas.

Naquele momento, Kedder fez uma breve análise de seu reino e percebeu como era irregular a disposição das pessoas através das terras. Havia grande concentração de pessoas no castelo e em Maddaghi. Em outros vilarejos também havia muitas pessoas. Ao mesmo tempo, outras áreas não possuíam ninguém. Uma melhor distribuição das pessoas poderia gerar benefícios como o descobrimento de novas técnicas de cultivo, além da redução dos conflitos e das disputas pelo pouco que se tem disponível nos locais onde há muitas pessoas reunidas

– Parece faltar tudo às pessoas, príncipe – disse Havien – mas apenas porque elas querem assim. Como alguém consegue reclamar vivendo em um planeta como este, onde há tudo em grande variedade?

– Mas elas não conseguem perceber isso, e não o fazem porque estão presas às suas realidades – concluiu o príncipe – Elas

não sabem que existem coisas incríveis fora do ambiente ao qual estão acostumadas. Mas eu sei qual é o problema!

Gaya e Havien aguardaram ansiosos pela finalização do discurso do príncipe.

– E qual é, príncipe Kedder? – perguntou Gaya.

– Sim, diga-nos o que descobriu – complementou Havien.

– O problema está nas verdades!

Ao silêncio dos outros dois, Kedder se viu na tarefa de explicar-se melhor.

– As pessoas aprendem coisas que julgam ser verdades, afinal, aprendem de pessoas que já viveram mais tempo e que têm mais experiência. O problema, contudo, é que estas pessoas mais experientes também podem ter sido instruídas de forma errada e o que conhecem por verdade não passa de uma ilusão. Com o conhecimento falho, não conseguem jamais se libertar de suas falsas realidades.

– E sem se libertar das suas realidades, não conseguem caminhar rumo ao conhecimento verdadeiro – complementou Havien.

– Mas, então, o que fazer? – perguntou Kedder – Ficamos presos neste ciclo!

– Falta-lhe a solução – disse Havien – Mas, ao menos, a parte mais difícil já foi feita. Identificar o problema é muito mais difícil que corrigi-lo. Uma vez bem identificado, fácil será encontrar solução. Tanto é que, rapidamente, você chegará sozinho à solução para este problema. Tenho certeza.

– Sozinho? Ah, não sei... Todas as questões até agora eu só pude responder com o auxílio de alguém, quase sempre com o seu, Havien. Não fosse por essa intervenção externa, eu não teria...

Como que se terminasse sua frase mentalmente, Kedder subitamente parou de falar.

– Eu não disse que descobriria? – disse Havien, contente.

– A intervenção externa! – exclamou Kedder – Para romper o ciclo é necessária uma intervenção externa.

– Você não percebe que estava falando de si próprio o tempo todo? – perguntou Havien.

O príncipe contraiu as sobrancelhas em sinal de estranheza, mas, após breve reflexão, compreendeu o que Havien dissera. Ele mesmo, o príncipe, era uma pessoa cheia de conhecimentos falhos, conhecedor de falsas verdades e que não expandia seus conhecimentos para além das fronteiras de seu minúsculo universo.

– Você foi minha intervenção externa! – disse o príncipe, apontando para Havien – Você me mostrou vários enganos que eu cometia e me fez sair do ciclo. Gaya foi a intervenção no povo Yavog...

– Todos nós temos as nossas dificuldades, príncipe. É por isso que uma pessoa em dúvida precisa estar próxima de alguém que lhe mostre o caminho do bem – alertou Havien – porque este é um momento de muita fragilidade. Quando cheia de dúvidas, a pessoa se agarra àquilo que mais lhe parece uma certeza.

– E aí, as falsas verdades podem arruinar uma vida inteira – disse Kedder.

– Principalmente quando ainda se tem uma vida inteira para ser arruinada...

– Sim, as crianças! – concluiu Kedder, arregalando os olhos – Precisamos concentrar nossos esforços nas crianças e instruí-las para o bem!

– Está ficando mais ágil o pensamento do aprendiz de príncipe – comentou Havien – Todo o mundo de uma criança é feito

de intervenções externas porque ela precisa aprender tudo novamente para seguir em frente. Nesse momento, a pessoa que estiver ao seu lado será fundamental.

– Sim! Precisamos cuidar, então, para que as crianças não se iludam com falsas verdades. São as crianças que darão continuidade a tudo o que já foi constr...

Kedder, silenciando-se, olhou para Gaya, que sorriu para ele. O príncipe compreendeu a importância do que ouvira há pouco.

– Há de se zelar pelos seres que chegarem ao mundo, pois com eles vem a esperança! – disse Kedder, comovido, repetindo as palavras de Gaya.

– Eu não disse que ele era boa pessoa? – brincou Havien.

Os três prosseguiram pela trilha por mais algum tempo até alcançarem um ponto onde a transposição não era possível. Um deslizamento destruíra o caminho e abrira um grande buraco no chão. Gaya prontamente cuidou para que algumas raízes servissem de suporte à travessia dos dois. Havien atravessou primeiro, se apoiando em alguns cipós que desciam pela cratera. Kedder procurou por Gaya. Desejava questioná-la sobre a resistência daquela estrutura, mas não a encontrou. Após um rápido virar de cabeça, avistou-a já do outro lado da passagem. A expressão de Gaya parecia lhe confirmar a pergunta que nem sequer fora feita. O príncipe, confiante, precipitou-se sobre as raízes para cruzar a passagem auxiliando seu amigo.

– Diga-me uma coisa, Havien – sussurrou Kedder – Por que não pediu ajuda a ela quando sofremos o ataque Yavog?

– É importante não usar excessivamente um recurso disponível ou ele poderá lhe faltar no momento mais urgente.

– E aquele momento não era urgente?

– Tanto era que a ajuda veio. Mas é ela quem julga a urgência, não nós. Estamos todos submetidos às vontades da natureza. Alguns pensam o contrário, mas pensam errado.

Havien atingiu a outra borda, onde Gaya o auxiliou estendendo um galho. Kedder, logo atrás, estava prestes a também terminar a travessia quando sentiu que a raiz sob seu pé se movera. Sem o apoio, escorregou e, por pouco, não caiu no buraco. Olhou para Gaya, na outra margem.

– Foi de propósito? – perguntou Kedder.

Novamente o apoio cedeu e o príncipe só não caiu porque se pendurou pelos braços no cipó.

– Ei! Pare com isso! – gritou Kedder.

– Então, pare de reclamar – respondeu Gaya, calmamente, suspendendo os cipós e conduzindo o príncipe, sem esforço, até a outra margem.

– Estamos todos submetidos às vontades da natureza – repetiu Havien.

– Sou obrigado a concordar – disse Kedder, com um sorriso.

Pouco depois, a Lei do Equilíbrio voltou a ser discutida. Dessa vez, Kedder já não a aprovava, mas restava a questão sobre o que fazer para resolver o problema.

– Sobre viver e morrer, príncipe, há algo interessante que você poderá aprender – sugeriu Gaya.

– Sim – respondeu Kedder, interessado.

– Enquanto continuamos, peço que observe atentamente duas espécies de plantas ao longo da trilha. Esta, que se chama samya – disse a mulher, apontando para uma árvore – e esta outra, que se chama kajiva.

Gaya mostrara ao príncipe duas plantas distintas. A primeira, de folhas largas, apesar de crescer lentamente, desenvolvia um longo

tronco que lhe permitia alcançar a luz no alto e expandir sua copa. A segunda, de folhas numerosas, curtas e agudas, crescia rapidamente, mas não ganhava altura devido à fragilidade de seu sustentáculo.

Kedder se lembrou das palavras de Havien sobre a observação cuidadosa. Procurou assim proceder em relação ao pedido de Gaya e, conforme caminhava, percebeu uma importante relação entre as duas plantas. Sempre que a primeira, a das folhas largas, conseguia se desenvolver, produzia uma copa tão densa que barrava a luz abaixo dela. Dessa forma, a segunda, das folhas menores, ficava cada vez mais sem luz e acabava morrendo. Mas o contrário também acontecia. Quando a primeira estava no início de seu desenvolvimento e a outra começava a crescer ao seu lado, rapidamente os ramos desta última cobriam e asfixiavam o crescimento da outra.

– Na tentativa de sobreviver – disse Kedder a Gaya – essa planta, a kajiva, acaba por matar a outra, que não cresce tão rápido. Mas se a samya conseguir crescer antes, é a kajiva que não sobrevive, talvez por não receber luz suficiente.

– Você conseguiu concluir tudo isso? – perguntou Gaya.

– Bem, foi o que pensei... – disse Kedder, algo hesitante – Onde havia duas ou três samyas a trilha ficava muito mais escura e não havia nem sinal de kajivas por perto. Por outro lado, quando a trilha estava um pouco mais clara, eu via kajivas crescendo e, às vezes, por baixo das folhagens, via caules mais espessos que, certamente, não eram delas. Eram de samyas mortas, não eram?

– Você observou muito bem, príncipe Kedder. Estou impressionada.

Havien, que ouvia a conversa, esboçou um sorriso. Kedder, ao contrário do que costumava acontecer, não ficou contente por sua correta dedução. Parecia pensativo e um pouco triste.

– Uma só sobrevive se a outra morrer – concluiu, por fim, o príncipe.

– Mas a trilha ainda não terminou, príncipe Kedder – comentou Gaya – Você há de se surpreender com o que verá agora...

– Oh... Isso se eu conseguir enxergar alguma coisa! – exclamou Kedder, com os olhos ofuscados pela claridade que invadiu seu caminho.

A mata havia se raleado e os três adentraram uma região repleta de cristais.

– É normal algum desconforto quando se é exposto a uma luz tão intensa – disse Havien, em tom irônico.

– Seus olhos vão se acostumar, príncipe – avisou Gaya – O arkah é um cristal muito puro e essa região é uma mina a céu aberto.

– As pedras, na subida de Dommin... – relembrou Kedder.

– Sim, mas lá eram apenas incrustações do cristal em outras rochas. Aqui, eles são a maioria, como pode ver.

– Ou como não pode ver! – disse Havien, rindo.

– Queira, por favor, desculpar meu amigo, senhora Gaya. Esta sensação de igualdade parece animá-lo... – brincou Kedder com o braço inteiramente colocado sobre os olhos.

Uma leve brisa trouxe algumas nuvens e, aos poucos, as árvores mais baixas se curvaram sobre boa parte dos cristais.

– Assim está melhor? – perguntou Gaya.

– Bem melhor – respondeu o príncipe – Obrigado.

Kedder observava a região com mais facilidade. Tomado de grande surpresa, viu enormes samyas servindo de sustentação a uma intrincada rede de kajivas.

– Como é possível? – surpreendeu-se o príncipe – Por que, aqui, uma não prejudica a outra?

– Vejamos se consigo iluminar seus pensamentos – disse Gaya, expondo subitamente todos os cristais à luz direta do sol.

O príncipe soltou um grito lastimoso, cobrindo novamente os olhos com os braços.

– Não consigo enxergar nada! – exclamou.

As plantas voltaram a cobrir os cristais. O príncipe, receoso, descobriu os olhos cautelosamente. Após alguns instantes, veio com a conclusão.

– Os cristais! Eles aumentam a quantidade de luz na altura do chão!

– Se a luz não estiver disponível apenas a quem está no alto, existe esperança de crescimento igual para todos – disse Havien.

– Sim – concordou o príncipe – Aqui, as duas plantas conseguem crescer!

– Na verdade, príncipe – interveio Gaya – neste local elas se fundiram em uma só planta, se observar bem.

Kedder se aproximou e percebeu que havia um único caule e que dele brotavam duas espécies diferentes de folhas, umas parecidas com as da samya, outras parecidas com as da kajiva.

– Incrível! – exultava o príncipe.

– Na abundância de luz, elas passaram a viver juntas, em pacífica cooperação.

– E formaram uma nova planta? – perguntou Kedder.

– Samyakajiva – disse Gaya.

– A natureza tem muito a ensinar, não concorda, príncipe Kedder? – perguntou Havien – Se os homens pudessem aprender com as plantas...

– Sim, concordo. Os homens brigam demais. E, muitas vezes, por razões que desconhecem – lamentou o príncipe – Se, ao menos, eles puderem não destruir a natureza com suas tolices, Gaya já ficará satisfeita.

– E você pensa que não me atingem as tolices dos homens, príncipe? – perguntou Gaya – Se é em mim que acertam as flechas que não encontram os peitos dos seus inimigos... Se é em mim que escorre todo o sangue que não mais pulsa vida nos corpos estendidos pelo chão após uma batalha... Ah, os homens, príncipe. Conseguem encontrar em mim os elementos para satisfazer seus mais torpes desejos de destruição... Ou do que são feitas as armas e as prisões senão de fogo e terra, de ar e água? Os homens só deixarão de me ferir quando deixarem de ferir a si próprios...

– Precisava ser desse jeito – disse Kedder, apontando para a Samyakajiva à sua frente.

– E será, príncipe – disse Gaya – Mas assim como você há poucos instantes, muitos não conseguem sequer imaginar essa possibilidade.

– Mas isso é porque ainda estão muito recuados na trilha! – respondeu Kedder, tomado de súbita vivacidade – Precisamos fazê-los avançar para que a luz os esclareça!

– Príncipe Kedder da Sindávia aprende rápido – disse Gaya, sorrindo suavemente.

Kedder, surpreso, olhou para Havien, que também sorria. Quando voltou seu olhar para Gaya, ela havia desaparecido. As árvores começavam a descobrir novamente os cristais e algumas vozes eram ouvidas ao longe.

– Havien, Gaya sumiu!

– Essa é a sua opinião – disse Havien.

O ambiente já se inundara de luz quando as vozes se tornaram reconhecíveis. Era Yavog e seus dois homens que, por fim, alcançavam o príncipe na trilha.

– Yavog? – perguntou Kedder com o braço sobre os olhos.

– Alteza? Ah, alteza, não vejo nada muito! Cristal muito brilha muito!

– Vamos mais para frente – disse um dos homens – A trilha volta a se fechar e poderemos enxergar melhor.

Os cinco caminharam e, um pouco depois, já podiam se ver.

– Aqui estamos, alteza, para servi-lo – disse o outro homem Yavog.

– É bom tê-los conosco – respondeu o príncipe – Será uma longa viagem, pelo que fiquei sabendo.

– Na verdade, alteza, não sabemos onde fica o lugar que deseja visitar – disse o homem.

– Udda... – resmungou Yavog com uma expressão de medo.

– Yavog! – repreendeu o príncipe – Você não sabe onde ficam os Uddagary?

Yavog hesitou. Por fim, admitiu:

– Não. Muito.

– Mas como é que...

– Nós sabemos que os Uddagary lutaram pelo reino – esclareceu um dos homens – Quando perderam, foram embora e se tornaram um povo externo. Nem sabíamos que eles ainda existiam. Mas isso foi há muito tempo, não foi?

– Sim, foi há alguns séculos – respondeu o príncipe – Mas eu também não sei mais do que histórias. Esperava que vocês nos indicassem o caminho.

Todos ficaram em silêncio.

– Bem, então, creio que estamos perdidos – disse Kedder.

– Não estamos perdidos – corrigiu Havien – Precisamos tomar o caminho do deserto para chegar a Udda. Os Yavogs não sabem onde fica Udda, mas sabem onde fica o deserto.

– Sabe muito! – reforçou Yavog.

– Então, por enquanto, não estamos perdidos – concluiu Havien – Seguiremos o caminho que indicarem.

O líder Yavog e seus dois companheiros tomaram a frente, sendo seguidos por Havien e, ao fim da fila, Kedder. Em um arbusto, o príncipe observou uma das folhas, que se mexia, ora pra um lado, ora para o outro, em um movimento repetitivo. Lembrou-se da história que ouvira no pântano.

– Havien – sussurrou Kedder – tem uma folha ali... Está se mexend... Será que é ela?

– Ela quem?

– Ora, você sabe de quem eu estou falando...

– Ah... Este é um bom momento – disse Havien, contente – Você teve dificuldades em aceitar que a dúvida era uma boa companheira, não teve? Agora, não terá.

– Por que? O que quer dizer?

– Você está pensando se o estranho movimento da folha pode ser uma manifestação de Gaya, não está?

– Sim, estou. E você? O que me diz?

– Eu não digo nada. E assim, você fica na esperança que seja. A sua satisfação, se eu confirmasse sua expectativa, seria menor que a sua tristeza, caso eu dissipasse a sua esperança. A dúvida é ou não é uma boa companheira? – finalizou Havien, sorrindo.

Kedder retribuiu o sorriso. Pouco depois, um galho de uma alta árvore desceu suavemente atrás de Havien, interrompendo o caminhar do príncipe. Havien também parou. O galho trazia, em sua extremidade, a medalha que o príncipe perdera e que vira em meio aos presentes oferecidos pelos Yavogs a Gaya. Logo os três outros viajantes sentiram falta dos dois.

– Alteza? – veio o grito pela trilha.

– Estamos bem! – apressou-se Kedder em responder – Prossigam! Estamos logo atrás!

Kedder pegou a medalha e guardou-a em seu bolso. O galho, então, retornou à sua posição original.

– Havien, por que não contamos a eles?

– Contamos o quê?

– Sobre Gaya – sussurrou o príncipe.

– Todos os que contaram foram considerados loucos, príncipe. Você mesmo os considerava loucos, não se lembra? E mesmo que acreditassem em você... Eles possuem seus hábitos e não sei se devemos tentar alterá-los com a nossa opinião.

– Mas é diferente, Havien. Não é nossa opinião, é a verdade!

– Quantas vezes suas verdades desapareceram depois que iniciou sua viagem, príncipe Kedder? Você não pode impor a verdade às pessoas. Apenas garanta os meios pelos quais elas possam descobrir as verdades.

– Mas o que eu faço, então, com a minha verdade?

– Apenas faça com que sua verdade produza o bem aos outros. Assim, estará fazendo sua parte.

– O melhor que eu puder de agora em diante! – completou o príncipe, relembrando o simples homem Yavog.

– Sim – concordou Havien com um sorriso – E agora, sugiro continuarmos, pois Yavog, seu cavaleiro sem cavalo, não vai deixá-lo sozinho na mata por muito tempo.

– Sim, vamos lá – concordou Kedder – Ah... Havien!

– Sim?

– Gaya me devolveu a medalha. Sabe? Aquela que eu ganhei e que os Yavogs... Bem, aquela que eu havia perdido...

– Muito além de madeira a floresta tem a nos oferecer, príncipe.

11

- PÂNTANOS E DESERTOS -

Um dos Yavogs despertou cedo no dia seguinte, logo acordando o outro. O líder Yavog também se levantou. Desejando bem servir ao príncipe e não causar atrasos à viagem, arrumaram com agilidade seus pertences para prosseguir. Um deles comentou sobre os cristais.

– Ontem... Aqueles cristais... Como brilhavam, não é?

– Brilham muito! – respondeu Yavog.

– Fez me lembrar a história daquela mulher... Aquela que dizem ter nascido de uma luz, vocês se lembram? Dizem que foi uma luz muito forte, e o que penso é se há alguma luz mais forte que a de cristais de arkah expostos ao sol!

Kedder, que já acordara, mas não se movera, escutava o que conseguia da conversa. Não se via Havien por perto.

– Onde está o amigo do príncipe? – perguntou um dos homens.

Kedder, então, alerta a esse comentário, levantou-se. Os homens o saudaram.

– Onde está Havien? – perguntou o príncipe.

– Não sabemos. Acabamos de perceber que ele não está entre nós. Melhor procurarmos por ele. A floresta pode ser perigosa, ainda mais para ele – finalizou o homem, olhando para os demais.

– Ah, acreditem, a floresta não é perigosa como imaginam. E menos ainda para Havien – disse o príncipe, tentado a contar sobre Gaya – Mas... Creio ter ouvido vocês falando sobre uma história de uma forte luz...

– Ah, alteza, é apenas uma história que conhecemos.

– Como a de Gaya?

– Isso... Bem, na verdade, não. Gaya existe mesmo. Dessa outra história nunca pudemos saber de verdade. Essa, sim, seria mais como uma lenda.

– Então, conte-a para mim – solicitou Kedder.

O homem, então, começou a contar enquanto o líder Yavog e seu outro companheiro terminavam de arrumar suas coisas.

– Sabemos pouco sobre a história. Vossa alteza deve ter ouvido falar sobre a profecia, certo?

– Sobre a revolução, você diz?

– Isso mesmo. Essa história não está na profecia, mas as pessoas comentam. Dizem que esta mulher teria um filho e que esse filho teria relação com a revolução.

– Seria o agente da revolução? – questionou Kedder – O agente da revolução é mencionado na profecia...

– Então... não sabemos, alteza, mas acreditamos que sim.

– Vocês acreditam que ele poderia oferecer algum perigo para... oh céus, o que eu estou falando? – repreendeu-se Kedder.

– Continua tendo dificuldade em acreditar nas histórias contadas por aqueles que vieram antes de você, não é, aprendiz de príncipe? – disse Havien, surgindo entre as folhas.

– Confesso que sim – respondeu Kedder – Mas, supondo que essa pessoa realmente exista, é bom termos cuidado ao encontrá-la.

– Talvez não. É sempre possível errar ao definir os amigos e os inimigos.

– Mas o que você pensa dessa história? – indagou o príncipe.

Havien abaixou a cabeça e, após alguns momentos de silêncio, enigmaticamente respondeu:

– É uma bonita história. Mas existem outras mais bonitas que ainda não foram contadas.

Os dois homens Yavogs e seu líder se entreolhavam sem compreender. Já de posse de todas as coisas bem arrumadas, lançaram um olhar sobre o príncipe à espera de algum comando.

– Estamos prontos, certo? – perguntou o príncipe.

– Pronto muito – respondeu o líder Yavog.

– Então vamos!

O príncipe, como de costume, encerrava a fila junto a Havien.

– Já percebi que não adianta tentar conversar com você quando você não quer – comentou Kedder.

– Esse é um comportamento muito sábio, príncipe, o de não invadir as pessoas – disse Havien – Mas não deve se preocupar neste caso, acredite. Passei muitos anos vivendo sozinho em uma montanha. Tenha certeza de que eu sempre estarei pronto para conversarmos.

– Mas, então, por que suas respostas parecem confundir ainda mais as pessoas? Tinha que ver a cara dos Yavogs agora há pouco... Eu mesmo não entendi nada.

– Não se lembra das ervas daninhas, príncipe? É mais forte o que cresce sozinho. Além disso, perguntar é bom, mas perguntar demais pode não ser. Se você obtiver respostas prontas de alguém, não treinará sua observação e não conseguirá obter respostas por si mesmo. Deve se lembrar de que ainda lá no alto, antes de descer para cá, você bem definiu o correto caminho a seguir.

– O do conhecimento – lembrou Kedder.

– E tendo por ferramenta indispensável...

– A observação.

– Portanto, príncipe, observe. Lembre-se da Samyakajiva. Foi uma conclusão sua baseada em excelente observação. Você é capaz de repetir tal feito.

– Assim eu espero – disse o príncipe.

– Assim eu sei – disse Havien.

Vez por outra um homem Yavog diminuía o passo para verificar se tudo estava bem com o príncipe e com seu amigo. Havien aproveitou uma aproximação para perguntar.

– Acredito que não falte muito para atingirmos o grande lago, não é?

– Não, senhor. O rio que estamos margeando, na verdade, vem dele. Por isso estamos seguindo em leve subida há algum tempo. É certo que ainda hoje chegaremos ao lago.

– Obrigado – disse Havien.

O homem apressou o passo, voltando a se aproximar de seus amigos mais à frente.

– Há alguma coisa de especial nesse lago? – perguntou Kedder.

– Há alguma coisa especial em todo lugar, príncipe, pois há ensinamentos em toda parte.

– Isto significa que aqui, por exemplo, neste exato momento, eu tenho algo a aprender.

– Certamente.

O príncipe parou de caminhar e procurou observar à sua volta, buscando por algo a ser aprendido.

– Sugiro aprender a respeito do próprio caminho que estamos percorrendo – disse Havien – pois, dessa forma, o príncipe não precisa ficar parado enquanto os outros avançam.

– Certo. Vou aprender sobre o caminho enquanto o trilhamos. Alguma sugestão?

– Você nada sabe sobre este caminho, pois nunca esteve aqui. Certo?

– Certo – respondeu o príncipe.

– Agora vamos imaginar que isso pode representar uma vantagem ou uma desvantagem. Depende de você – disse Havien.

– Vantagem ou desvantagem... Espere, não responda...

– Seu desejo é uma ordem, alteza – gracejou Havien.

– A desvantagem é fácil, pois não tenho qualquer informação. Assim, acabo me inclinando a perguntar aos outros, o que pode até ajudar, mas não representa uma busca direta do conhecimento através da observação.

– Está correto – concordou Havien.

– A vantagem... – resmungou Kedder, olhando para o chão.

O príncipe pensava. Demorava um pouco para falar qualquer coisa até que Havien chamou sua atenção.

– Veja como é difícil perceber a vantagem escondida nas situações, príncipe. Talvez seja mesmo uma arte, como dizem alguns. A desvantagem você viu imediatamente. Parece-lhe impossível, porém, descobrir uma vantagem. Eu já encontrei duas.

– Ora, Havien!

– É apenas uma questão de treinamento. Você precisa encontrar e isolar os elementos simples. Lembra-se de quando cruzamos o rio? Simplifique. Comece por repetir, pausadamente, as suas condições aqui. Veja se pode ajudar.

– Certo. Eu quero conhecer mais sobre esse caminho. Eu nunca estive aqui antes e não sei nada sobre ele... Ei! Eu não sei nada sobre ele! É isso! – disse Kedder, animado.

– A resposta estava na pergunta, não é? Tantas vezes é assim e as pessoas não percebem...

– Claro! Se eu não sei nada sobre ele, não corro o risco de ter uma informação falsa que me desvie da verdade.

– Ah, sim, as falsas verdades – lembrou Havien – Perigosas, perigosas, muito mais que a floresta.

– O conhecimento que eu adquirir estará livre dos erros de todos os outros, e sujeito apenas aos meus – continuou Kedder – Quantos possíveis erros eu elimino!

– É importante lembrar que está analisando um elemento isolado. Consegue perceber isso, não é, príncipe? Que esta sua conclusão não sirva para começar a desprezar a opinião dos que vieram antes de você.

– Ah, não, isso não! Estou apenas analisando as vantagens dessa condição específica, como você recomendou. Continuo apreciando algumas respostas de vez em quando – brincou Kedder.

– Sua observação está melhorando a cada dia – disse Havien.

– Espere. Você falou que tinha encontrado duas vantagens. Então há mais uma.

– Eu encontrei duas vantagens, príncipe, mas nada impede de haver mais três ou quatro... Ou dez...

– Mas, ao menos essa outra, eu terei que descobrir!

– Uma das importâncias do aprendizado é ele acompanhar o ritmo daquele que está aprendendo. Do contrário, corre-se o risco de perder todo o trabalho. Você descobriu uma, eu falo a outra. Pode ser? – perguntou Havien, amigavelmente.

– Eu queria tentar descobrir sozinho.

– Essa é a postura correta e uma vez que você reconhece e adota a postura, não há razão para optarmos pelo caminho mais difícil. Mesmo porque, não pense que acabarão por aqui nem suas perguntas nem suas descobertas.

– Pois, então, que seja. Pode dizer.

– Não saber nada sobre este caminho permite que suas observações sejam mais generalizadas, ou seja, menos específicas. Isto permite observar características que não sejam apenas deste, mas de qualquer caminho.

– Imagino que haja várias delas – arriscou o príncipe.

– É certo que sim. Vamos nos concentrar em apenas uma, mas, antes que comece a olhar para todos os lados, desta vez, você vai enxergar sem ver.

– A exemplo do que aconteceu na praça com os Yavogs?

– De certo. Estamos no meio da floresta e há muito o que se ver. Por isso, muita distração. Assim, você terá dificuldade em isolar os elementos simples.

– Fecho os olhos, então? – perguntou Kedder.

– Feche os olhos para enxergar o que não consegue com os olhos abertos.

Instantes após ter fechado os olhos, Kedder novamente os abriu. Procurava o rio que os acompanhava, ladeando o caminho, mas que não podia ser visto do ponto onde se encontravam naquele momento. O barulho, contudo, era percebido.

– O rio – disse Kedder com pouca segurança.

– Aprende rápido, príncipe Kedder. Você tem diferentes sentidos e deve usá-los para trabalhar em conjunto, auxiliando um ao outro. Às vezes, porém, eles se atrapalham, como aconteceu agora.

– Sim. O barulho do rio estava presente o tempo todo, esteja eu com os olhos abertos ou fechados.

– Mas com os olhos fechados conseguiu enxergar o que não conseguia com os olhos abertos e, agora, você percebe o que antes não percebia. Em vez de diminuir, seu poder aumenta quando um recurso lhe é retirado. Lembra-se?

– Lembro-me com grande alegria – disse Kedder, sorrindo.

– Agora voltemos a atenção ao nosso caminho. Não é o rio que estávamos conhecendo, mas o caminho.

– O caminho acompanha o rio – respondeu o príncipe, repentinamente – Não só este, mas muitos outros caminhos. É isso!

– Isso o quê?

– Isso vale para este caminho e para os outros também. Como você disse há pouco...

– Isso vale para este e para quase todos, concorda?

– Sim – disse Kedder, pensativo – porque alguns caminhos não margeiam rios.

– E você pode sentir a diferença entre eles, não pode? Talvez nas pernas...

– A dificuldade! – Kedder concluiu com entusiasmo – Os caminhos que acompanham os rios são muito mais fáceis!

– É o que acontece quando os caminhos dos homens seguem os da natureza, príncipe Kedder.

* * *

Após algum tempo, Yavog e seus dois homens avistaram o grande lago ao longe. Yavog sugeriu uma parada para a refeição e todos concordaram. Seria bom aproveitar para descansar um pouco.

– Nós não vamos comer agora – disse Havien – Vamos admirar um pouco a paisagem antes.

Kedder estava faminto, mas não objetou. Ao menos, não enquanto ele e Havien ainda estavam próximos dos outros.

– Não poderíamos admirar a paisagem após comermos alguma coisa, Havien? – disse, por fim, ao se afastarem.

– Havien jamais poderá admirar a paisagem como o príncipe. Acredito que o príncipe possa ficar um pouco mais sem comer como Havien.

Kedder não respondeu. Apenas seguia em direção ao lago.

– Chegamos à margem – disse Kedder – Não sei o que você quer fazer... Pretende dar a volta? O lago é grande...

– Observe esse lago – instruiu Havien – O que vê?

– No lago? Bem, vejo árvores, pedras, alguns pequenos pássaros.

Kedder se lembrou de fechar os olhos, mas, dessa vez, nada foi acrescentado à sua percepção anterior.

– Concentre-se no lago apenas, príncipe, e diga-me o que vê.

– Ora... Água. Honestamente, o que vejo é água.

– Quanta água?

– Ah, não sei, mas é muita água. O lago é bem grande.

– Muita água, príncipe... Você está vendo quanta água da água do lago?

– Ora, quanta água... Não sei... Uma boa parte, eu diria. Daqui não é possível ter uma boa visão do lago.

Kedder observava ao seu redor. Havien aguardou.

– Há uma pedra proeminente sobre uma pequena elevação de terra – continuou Kedder – Acredito que permitiria uma visão total do lago.

– Então, vamos até lá.

– Quer subir a pedra? – perguntou Kedder, surpreso.

– Se você acredita que de lá é possível ver o lago inteiro, gostaria muito.

– Havien, mas você... – disse Kedder, logo interrompendo a si próprio – Está bem, vamos até lá. Mas não sei se será muito fácil.

– Todo esforço para o aprendizado é justificado – respondeu Havien.

Com alguma dificuldade, os dois conseguiram subir pelo pequeno monte. Kedder completou a subida colocando-se de pé sobre a pedra. Pediu a Havien, entretanto, que não tentasse o mesmo, pois a altura era grande e uma queda poderia ser fatal.

– Ah, eu não disse? – exclamou Kedder, admirando-se da paisagem tanto quanto de sua predição.

Após alguns momentos, Kedder desceu da pedra.

– Eu estava certo. Dali de cima dá para ver todo o lago!

– E eu é que sou o cego...

– O que quer dizer?

– Você disse que viu todo o lago? Não percebe a insignificância do que viu, aprendiz de príncipe? Quase toda a vida deste lago acontece abaixo da superfície. Abaixo da superfície...

Kedder pensava. Após breve pausa, Havien continuou:

– Você disse que viu todo o lago. Consegue perceber agora quanto do lago você não viu?

– Sim – disse Kedder – A contradição do conhecimento. Quanto mais se conhece...

– Exato. Mas o mais importante aqui é perceber o que o impediu de aprofundar seu conhecimento e tenho certeza de que você pode me dizer

– A superfície... Eu estava concentrado demais na superfície.

– Ah, como aprende rápido o príncipe! Receava porque eu não poderia ver mas eu vi mais que o aprendiz de príncipe sem nem mesmo olhar para o lago.

– Há pouco, lá na trilha à margem do rio, eu fui capaz de perceber algo além da visão. Por que não pude agora?

– Treinamento, príncipe. Você precisa treinar suas percepções. Se você se dedicar, sempre aprimorará suas habilidades. A visão sempre lhe mostrará apenas a superfície. Como aconteceu na primeira vez em que passou pela minha casa.

– Sim, mas, neste caso, não foi só isso. O garoto me disse que eu chegaria em três dias. Por isso eu...

– Talvez ele soubesse que você faz julgamento das coisas pelo seu aspecto exterior e que, no primeiro dia, passaria pela minha casa sem entrar...

Os dois iniciaram a curta descida e atingiram novamente a margem do lago.

– Importante conhecimento você acabou de adquirir, príncipe Kedder – continuou Havien – Durante toda a sua vida, você lidará com pessoas e, por essa razão, precisará de muito mais que apenas a sua visão. Você deve se lembrar de quando cruzamos o rio Drahak após o encontro das águas...

– Sim – respondeu Kedder.

– Lembra-se também do que aconteceu com a profundidade do rio quando a superfície se ampliou demais?

– A profundidade reduziu conforme a superfície se ampliou – lembrou Kedder.

– E quando era a superfície que não chamava atenção pela sua grandiosidade?

– A profundidade era bem maior.

– Que bom que se lembra, porque pessoas podem se parecer muito com rios...

* * *

Yavog e seus homens já haviam colhido algumas frutas. Quando Kedder e Havien chegaram, muitas delas estavam dispostas em um cesto. Algo tinha sido assado. Kedder esperava que fossem mais sapos e preferiu não perguntar com medo da resposta.

– Está tudo pronto muito! – disse o líder Yavog.

Kedder agradeceu. Ao seu lado, sentou-se Havien e, como de costume, serviu-se apenas das frutas e das folhas. Enquanto todos

comiam, Kedder contou o que aprendera momentos antes, ao contemplar o lago. Depois dele, foi a vez do líder Yavog compartilhar algum conhecimento. Ele havia sentido um vento frio pela manhã e disse que aquilo seria um indício de chuva forte por uns dois, talvez três dias. Todos concordaram em usar aquela tarde para preparar um abrigo mais reforçado. Kedder, preocupado com o bem-estar de seus companheiros, prestou grande auxílio na construção do abrigo, o que contrariou um pouco os Yavogs.

– Alteza descansa. Yavogs fazem abrigo muito.

Kedder olhou para os outros dois Yavogs, que pareciam concordar com a opinião de seu líder.

– Como ousam contrariar uma decisão real? – bradou o príncipe, tirando sua espada da bainha.

Os três homens ficaram imóveis. Kedder, então, arremessou sua espada contra o chão, fincando-a na terra. Tendo uma das mãos sobre os olhos, tomou um pequeno galho como espada e investiu contra os Yavogs de forma desajeitada. Os homens entenderam a brincadeira.

– Eu não preciso de espada contra vocês! Vejam! Não preciso nem mesmo de olhos. Eu posso ver além da superfície! – brincou Kedder, arriscando um ou outro golpe de graveto nas barrigas dos seus oponentes.

Havien deu uma boa risada. Os Yavogs também tomaram gravetos como espadas. Kedder espaçava os dedos sobre os olhos.

– Ele está olhando por entre os dedos – denunciou um dos homens.

– Não, não estou! – afirmava o príncipe, abrindo ainda mais os dedos – Eu posso ver além da superfície!

– Trapaceiro muito!

Todos começaram a rir. Havien se aproximou lentamente. Segurava um graveto em cuja ponta pendia uma venda. Kedder pegou a venda com a ponta do seu graveto. Olhou para os Yavogs, que balançavam suavemente a cabeça em sinal afirmativo, sugerindo que o príncipe colocasse a venda. Sem opção, Kedder colocou a venda sobre os seus olhos. Era, entretanto, uma venda de pano muito ralo e Kedder podia, ainda que mal, enxergar através dela. Os Yavogs se aproximaram do príncipe para atacá-lo.

– Vocês aí, tomem cuidado comigo! Vocês não têm a menor chance! Vejam que Gaya, o deus cego da floresta, luta a meu lado! – disse Kedder, apontando para Havien.

– Oh, não! Não!

Os Yavogs fingiram estar apavorados e largaram seus gravetos, ajoelhando-se ao chão e prestando exagerada reverência a Gaya, interpretada por Havien, e ao grande mentiroso da floresta, interpretado pelo príncipe Kedder. Todos riam bastante quando, por fim, Kedder disse, lembrando as palavras do amigo:

– Compenetrados e cheios de sabedoria. Mas que sorrir não seja menos importante!

– O contato com a natureza faz com que os homens se sintam melhor – disse Havien, esboçando um sorriso – Faz com que sejam mais amorosos. Você não me surpreende com seu comportamento, príncipe Kedder. Possam seus súditos seguir estes mesmos passos.

Um dos homens levantou levemente o pescoço para observar a cena.

– Ei, você, súdito! – disse o príncipe ao homem – Abaixe a cabeça! Não percebe que Gaya está falando? Quer que ele jogue uma árvore em cima de você?

O homem, risonho, pediu desculpas e tornou a baixar a cabeça, dando sequência à brincadeira.

Tomado de susto, Kedder tirou rapidamente a venda para ter certeza do que via. Uma grande árvore se inclinava, sugerindo uma queda iminente sobre todos. De repente, parou e recuou, sem fazer um ruído sequer. Era Gaya, que também se permitia brincar. Por trás dos Yavogs, de forma que eles não a vissem, ela apareceu brevemente e sorriu ao príncipe, como quem autoriza o divertimento. Logo em seguida, desapareceu.

– Se eu puder falar agora, príncipe Kedder da Sindávia... – disse Havien, retomando a brincadeira e adotando uma imponente postura.

– Ah, sim, claro, ó, deus Gaya! – disse o príncipe, curvando-se em reverência como os demais.

– Se queremos ser compenetrados, e cheios de sabedoria – continuou Havien – melhor se estivermos secos. Acredito que seremos mais cheios de sabedoria agora se nos dedicarmos a construir o abrigo. Eu vou mandar um montão de água sobre as nossas cabeças daqui a pouco!

– Sim, senhor Gaya! Iniciaremos de imediato! – disse Kedder, espirituosamente – Mas, antes, venham todos aqui.

Ao que os homens se reuniram, o príncipe disse:

– Quero agradecer pelos súditos que tenho. São, acima de tudo, meus amigos também. Você, Yavog, meu sublime cavaleiro, na companhia de seus homens, tornam a viagem mais segura, além de muito mais agradável.

– Também agradece alteza príncipe muito – disse Yavog em nome de todos, curvando-se e inspirando os outros à mesma atitude.

– Bem, agora – lembrou Kedder – ao trabalho!

Sob instrução do príncipe, os homens, cada um com uma atividade, rapidamente reuniram o material para a construção do abrigo. Algumas toras maiores serviam de suporte para outras, que estruturavam a cabana. Um dos homens coletava folhas largas e as colocava aos pés de Havien, que as unia, pacientemente, em um entrelaçado. Kedder se aproximou.

– Havien, não precisa de ajuda? – perguntou o príncipe – Deve ser muito trabalhoso trançar tudo isso...

– Agradeço por sua oferta, príncipe, mas não é necessário. Fica mais fácil se pensar que o castor faz o mesmo e ainda enfrenta a corrente do rio...

Conforme cada parte ficava pronta, a cabana ganhava paredes e telhado. Cedo escurece dentro da floresta e o fim do trabalho foi feito já de noite, sob a luz de algumas tochas. Ao final, todos se abraçaram admirando a construção e sentindo as primeiras gotas de chuva. Já dentro da cabana, pouco antes de se recolher para dormir, Havien comentou:

– Somos os próprios castores, príncipe. Secos e seguros aqui dentro.

– Sim... Enquanto lá fora... É só água! – completou Kedder – Teremos que nos conformar em ficar por aqui. Não há como prosseguir desse jeito...

– Parece dizer isso com algum desânimo, príncipe.

– Bem, eu não sou exatamente um castor, Havien – brincou Kedder.

– Mas pode pensar como ele. A mesma água que o atrapalha o protege de ameaças. Melhor assim?

A tempestade durou toda a noite e a chuva ainda persistiu por mais dois dias antes que o grupo pudesse continuar.

* * *

Após quase um mês de extensa jornada pela floresta, Kedder e seus companheiros estavam prestes a entrar em um lugar que os Yavogs chamavam de Vale da Borda. Era uma estreita faixa entre a floresta e o deserto onde a vegetação, mais rala, enegrecia e se retorcia, adquirindo um aspecto fantasmagórico, ainda pior que a desoladora aparência do deserto.

– Até aqui sabemos muito. Depois, não. Só areia muito!

Kedder olhava para Havien à espera de uma solução.

– Procurem por aqui uma planta de folhas largas e claras, quase brancas – solicitou Havien.

– O orelhão? – perguntou um dos homens.

– O nome da planta é "orelhão"? – perguntou Kedder.

– Sim, porque seu formato parece uma grande orelha.

– É isso, então – concluiu Havien – Tragam-me uma folha para termos certeza.

– Aqui do meu lado há uma dessas – comentou Kedder, olhando em volta – Aliás, mais para baixo há várias. Bem, acredito que sejam estas, pelo que disseram...

– É essa mesma, alteza! – confirmou um dos Yavogs.

– Ah, que bom – exclamou Havien – Precisaremos de muitas delas para as capas.

– Capas? – perguntou um Yavog

– Sim, precisamos de capas ou não suportaremos o calor.

– Pensa em evitar o sol usando essas folhas? – perguntou o príncipe, incrédulo.

– Penso em refleti-lo, príncipe – respondeu Havien – Quando algo você não puder evitar, procure refletir.

Os homens recolhiam algumas folhas do orelhão. O deserto próximo já se fazia sentir, enviando ondas de calor sobre os viajantes. As capas foram produzidas ainda sob o resguardo de algumas árvores fronteiriças. Kedder ainda não compreendia como cruzariam o deserto. O verão se instalara em definitivo e, mesmo com as capas, seria uma árdua travessia sobre a tórrida areia, sem água e sem comida.

– Sabe, pelo menos, em que direção devemos ir? – perguntou o príncipe a Havien.

– Oh, não resta dúvida. Se pretende alcançar o deserto, deverá caminhar na direção do calor! – respondeu Havien em tom jocoso.

– Teremos que estudar bem as paradas para descansar, Havien. Temos que pensar na água...

– Não se preocupe, príncipe. Descansaremos depois.

– Quando chegarmos?

– Você se lembra da travessia do rio?

– Sim.

– Também se lembra de que, após a travessia, o sol nos recompensou com sua útil serventia?

– Sim.

– Da mesma forma acontece com nossa viagem a Udda. A recompensa e o descanso virão após o esforço, não antes. E quando chegarmos lá, haverá água o suficiente.

– Mas será muito tempo sem água! – rebateu Kedder.

– Curioso, não é?

– Curioso? O que é curioso, Havien?

– Quando cruzamos o rio, havia muita água e você ansiava pelo sol ao final. Agora, há muito sol e você anseia pela água ao final. Bom para aprender, porque não será diferente no seu reinado. A solução de hoje, pode ser o problema de amanhã.

Os homens haviam descansado um pouco durante o dia para cruzar o Vale da Borda à noite. A cintilante lua conferia mais

expressão às grotescas formas do caminho. Antes do raiar do sol, os cinco viajantes estavam pisando sobre os primeiros bolsões de areia que se alternavam com o rígido solo petrificado, aos poucos deixado para trás. Na iminência de transporem um pequeno monte, próximo ao nascer do dia, Kedder teve a impressão de ver, ao longe, uma constante claridade. O sol, entretanto, começava a surgir em outra direção. O príncipe chamou a atenção de Yavog, que também se mostrou curioso. Alertaram os demais e, cautelosamente, continuaram.

Quando atingiram o topo do morro, Kedder e os Yavogs se alvoroçaram. Observavam uma estrutura de grande porte, circundada por estranhos homens. A coisa brilhava como o próprio sol e mal era possível distinguir suas formas. Um dos homens se aproximou. Os Yavogs o aguardavam de machados em punho. Kedder também chegou a levar sua mão à espada, mas preferiu adotar outra atitude.

– Guardem seus machados, senhores. Vamos ver o que esse homem deseja – disse o príncipe – Ele é um só e não está armado. Acredito que não possa nos fazer mal.

Os Yavogs atenderam a solicitação de Kedder. O homem se aproximou ainda mais e disse em tom pomposo como o de um mensageiro real:

– Senhores! Em nome de Uddagary XIII, nosso rei, eu os convido para se juntarem à nossa caravana. Conduziremos seu grupo até nosso reino.

Kedder foi o primeiro a não gostar da ideia, assim como também não gostou do modo autoritário do mensageiro. "Quem ele chama de rei? Meu pai é o rei da Sindávia!" – pensava o príncipe. O líder Yavog sussurrava, temerosamente, como que para si próprio: "Udda". Kedder, voltando seu olhar a Havien, não o encontrou.

– Onde está Havien? – perguntou Kedder a quem pudesse lhe responder.

O príncipe girou a cabeça algumas vezes para os lados até olhar novamente para a imponente estrutura metálica dos Uddagary. Era, de fato, um grande carro. E lá, à porta, estava Havien, com um leve sorriso nos lábios.

– Vamos, príncipe! Eles nos ofereceram uma oportuna condução. Chegaremos em apenas dois dias. Venham, está muito sol aí fora – disse Havien, entrando no carro em seguida.

– Ai, não... Perigoso muito! – lamentou Yavog.

– Creio não termos outra opção, amigos – disse Kedder – Se tentarmos cruzar o deserto a pé, morreremos de sede e de fome. Até agora, ainda que estranhas, as escolhas de Havien foram acertadas. Vamos nos manter unidos e nos protegeremos se algo acontecer.

– Seu amigo não unido muito! – replicou Yavog, apontando para a porta do carro.

– Bem, que seja! Vamos acabar logo com essa indecisão. Acompanhem-me. E que a sorte esteja do nosso lado – disse Kedder, firmemente.

Entraram no carro e se acomodaram em apertadas cadeiras ao fundo. À frente, vários homens. Dez estavam sentados ao centro, parados, enquanto outros vinte se posicionavam em cadeiras ao lado de complicados mecanismos que eles faziam girar com as pernas. Eram discos metálicos dentados que transformavam a força dos homens em giros de outras rodas acima de suas cabeças. Todo o conjunto, no extremo frontal do carro, se unia a um grande eixo que, por sua vez, se conectava ao eixo das rodas mais abaixo, transferindo a energia dos homens e impulsionando o veículo para frente. A velocidade não era a mesma de um cavalo em disparada, mas era constante e, certamente, bem maior que a de um homem andando a

pé, principalmente no deserto. Além disso, viajavam protegidos do sol e o carro contava com vários reservatórios de água utilizados ao longo do caminho. Kedder reconheceu que era uma invenção engenhosa e, alguns instantes após o início da viagem, comentou com Havien em baixo tom de voz:

– Estou admirado com este carro dos Uddagary. Não imaginava que algo assim fosse possível.

– Os povos externos já conviveram conosco antes – disse Havien – Mas, após o tempo em que não mantiveram contato, acabaram por desenvolver máquinas que, muitas vezes, não conseguimos sequer imaginar.

O carro tinha seis grandes rodas metálicas. Das rodas saíam lâminas que lembravam pontas de espadas. Essas lâminas, entretanto, possuíam uma curvatura que mais as fazia parecer com colheres. Esses pequenos artifícios eram vitais para que o carro não girasse em falso na areia. De tempos em tempos, os homens do centro substituíam dez dos que trabalhavam para que estes pudessem descansar. Um outro aparelho fazia uma barra metálica se chocar com um disco em intervalos repetidos, ditando o ritmo do esforço dos homens. O trabalho era ordenado e preciso, e o carro cruzava o deserto de maneira eficiente.

Quase ao final do primeiro dia, quando o sol já ameaçava desaparecer, Kedder contemplava o horizonte estéril e mutante das dunas. A areia, frequentemente, parecia desenhar feições humanas. O príncipe se lembrou de Gaya.

– Devo estar com a imagem dela em minha cabeça – comentou Kedder – Parece que a vejo em todos os lugares.

– Ela está em todos os lugares, príncipe.

– Havien... Aquele dia... Você disse que estava conhecendo Gaya no mesmo momento que eu... Mas isso não pode ser verdade, quero dizer... Não é possível que tudo o que me dizia era apenas fruto das histórias que você escutava.

– Eu podia me beneficiar do auxílio de Gaya mesmo sem jamais ter tido um contato direto como o que tivemos naquele dia. Isso era possível porque eu acreditava. Imagino que, hoje, você já compreenda um pouco melhor o poder da crença.

– Creio que sim.

– Que bom. Isso será muito importante em breve. Afinal, o futuro da Sindávia está em suas mãos.

– Não paro de pensar nisso – confessou o príncipe – Tantas pessoas sempre criticaram as minhas atitudes, algumas delas pelas minhas costas. Não acreditam que eu possa ser um bom rei. O "príncipe fraco", como dizem...

– Talvez você não precise esperar a coroa para desenhar as bases de seu reinado, príncipe. Aconselho-o a manter firmes as suas convicções, porque se o passado pertence aos que criticam, o futuro pertence aos que crêem.

Já era noite quando foi dada a ordem de interromper a viagem. Para surpresa dos convidados, um grande frio começava a se instalar. Eram os extremos do deserto. Os tripulantes saíram todos do carro para se acomodarem em improvisadas cabanas. Os cinco convidados, conforme lhes fora instruído, arranjaram-se dentro do próprio veículo, espichando-se no espaço dos corredores entre as cadeiras.

Um dos homens Uddagary se aproximou do carro pela lateral e subiu por uma pequena escada que dava acesso à parte superior do veículo. Abrindo um compartimento, introduziu ali um longo tubo flexível com o qual retirava água muito quente para encher pequenas bolsas, entregando-as, em seguida, a cada um dos homens. A água se aquecia em uma câmara metálica no topo do carro e, até a noite,

conservava este calor. Assim, além de impedir o aquecimento descontrolado do ambiente interno do veículo durante o dia, ao dormir, cada um dos viajantes estaria bem aquecido. Um sistema simples e muito funcional.

– Percebe o que temos aqui, príncipe? – perguntou Havien.

– Muito interessante! É uma maneira de aproveitar os recursos da natureza.

– Sua percepção é exata. Esta solução térmica funciona muito bem porque foi pensada em harmonia com as características da natureza. Porém, este exemplo nos dá a possibilidade de discutirmos um outro assunto, tão interessante quanto este: a importância do suporte material à energia.

– Você diz em relação ao calor que é conservado pela água?

– Esta seria uma inferência elementar. Como sempre, a boa observação nos ajuda a compreender várias coisas. O que desejo lhe mostrar é como a matéria, algo sem vida e inerte, mantém importante relação com a energia.

– Não sei se estou entendendo, Havien.

– A energia precisa da matéria para ser percebida. Somente em um estado muito avançado é possível perceber a energia através da própria energia. Seus olhos, por exemplo, captam a luz, que é energia. Os ruídos, também energia, são percebidos pelos seus ouvidos. Sem este suporte material, é como se a energia não existisse. Se não existe, não pode se manifestar.

Kedder ouvia com atenção. Havien continuou:

– Permita-me dar um exemplo. A sua espada.

– O que tem ela?

– Ela é suporte para uma energia, um sentimento que, sem ela, não poderia se manifestar.

– Entendo – respondeu Kedder – Em um combate, a energia que meus braços podem produzir só tem efeito porque a espada a transforma em algo real.

– Entende errado, príncipe. Para isso, bastariam seus braços.

– É verdade – admitiu Kedder – Mas, então, a qual energia você se refere?

– A energia da convicção. Você sempre luta com sua espada, essa que seu pai lhe deu. Acredita que lutaria melhor com outra espada que não essa?

– Melhor? Não, acredito que não. Eu e esta espada já somos como uma única coisa.

– E o que o leva a pensar assim? Creio que não poderá responder sinceramente a essa pergunta sem se envergonhar um pouco.

– Envergonhar-me? Ah... Isso não seria problema, porque já ocorreu outras vezes. O fato é que, de verdade, não sei responder à sua pergunta.

– Mas reconhece esse sentimento?

– Sim, reconheço. Não me agrada a ideia de ter que lutar sem minha espada, mesmo se houvesse outra disponível.

– Não poderíamos chamar isso de superstição? – perguntou Havien.

Kedder franziu as sobrancelhas e pensou um pouco. Por fim, assentiu:

– Você bem disse que eu me envergonharia. Mas seria mesmo uma superstição? Nunca havia pensado dessa maneira.

– Na verdade, príncipe, você não deve entender a superstição, aqui, como algo ruim. Estou apenas mostrando como que o ser humano encontra meios para, através da matéria, dar suporte à energia da qual precisa.

– Mas você ainda não disse qual é essa energia – lembrou Kedder.

– Quando você vai para uma batalha, precisa de várias coisas. Precisa de bom armamento de ataque e de defesa, precisa de um bom treinamento de combate, precisa de conhecimento do inimigo... Mas precisa, acima de tudo, de algo muito importante, sem o qual você pode colocar a perder todas as vantagens anteriores.

– E o que é?

– Você precisa acreditar que vai vencer, príncipe. Se não acreditar nisso, o combate estará perdido antes de começar.

– E a espada me dá essa segurança? É isso que está falando?

– Você usa a espada, que é um suporte material, para manifestar a energia da sua crença na vitória. Isso facilita a materialização do seu sentimento ou, se preferir, da sua intenção. É a matéria tornando possível o processo de... materialização. Percebeu a palavra?

– Sim! – disse o príncipe, entusiasmado.

Um dos Yavogs, que já começara a dormir, acordou assustado. Kedder pediu desculpas e procurou falar um pouco mais baixo.

– Dessa forma – continuou o príncipe – a superstição não é apenas um sentimento ingênuo e sem importância.

– Pode até ser considerado ingênuo, príncipe, e talvez realmente o seja. Mas sem importância, isso nunca. A concentração de uma pessoa em um item material conferindo a ele um significado superior pode fazer emergir forças poderosas à superfície. A mente passa a projetar realidades de forma mais fácil porque encontra um suporte material.

– Como a semente de pau-pedra, por exemplo?

Havien concordou com a cabeça.

– Sabe... Não via uma razão específica para guardar essa semente. Confesso que a mantive comigo por... ah, nem sei ao certo o porquê...

Havien permaneceu em silêncio.

– É verdade – admitiu Kedder – Guardei a semente por pura superstição. Mas, fico pensando... Não deveria ser apenas uma semente?

– Isso – disse Havien, retirando de seu bolso sua própria semente de pau-pedra – é qualquer coisa que você quiser que seja, príncipe. Um objeto não cria realidades. Mas você, sim.

Kedder parecia pensar em tantas coisas que nada dizia. Havien, por fim, encerrou:

– Agora, devemos dormir. Amanhã, tão logo a viagem continue, você aprenderá uma última coisa, e muito importante, sobre sua semente de pau-pedra.

* * *

Todos os homens Uddagary se levantaram e recolheram seus pertences antes mesmo do sol nascer. Esses primeiros ruídos fizeram com que os cinco convidados também se levantassem.

– Ao fim desse dia chegaremos a Udda e encontraremos Uddagary XIII, nosso rei – disse o mensageiro, que nada havia dito aos convidados durante todo o dia anterior.

O que o príncipe chamava de mensageiro era também o comandante da tripulação do carro e um dos homens de confiança de Uddagary XIII.

– Havien, você me disse que eu aprenderia uma coisa hoje quando retomássemos a viagem.

O carro começou a andar.

– Dormiu sobre seus pensamentos, príncipe? – brincou Havien, pedindo a Kedder que lhe desse sua semente de pau-pedra – Vamos aguardar até que o carro atinja uma velocidade um pouco maior.

– Por quê? Algo a ver com energia?

– Não.

Alguns momentos depois, Havien trocou de lugar com o príncipe, sentando-se ao lado de uma janela. Um pequeno raio de sol invadia o carro e atingia a semente de Kedder nas mãos de Havien.

– Agora, sim, é algo relacionado à energia! – afirmou Kedder, com convicção.

– Não – respondeu Havien – Procure prestar muita atenção.

Atento, Kedder observava. Havien, cuidadosamente, pegou a semente com uma das mãos e, estendendo seu braço para fora da janela, soltou-a.

– Você jogou fora minha semente? – admirou-se Kedder.

– Sim. Você precisa buscar o equilíbrio, príncipe Kedder. Ontem você aprendeu que a energia precisa de um suporte material para se manifestar.

– E hoje, o que aprendi? Aprendi que você prefere jogar pela janela as coisas dos outros. Por que não jogou a sua própria semente?

– Por que não faz isso você? – disse Havien, entregando ao príncipe sua semente.

Kedder não sabia o que fazer. Aquilo mais parecia um teste e ele não sabia qual atitude tomar. Podia ser algo sobre paciência ou vingança. Preferiu não fazer nada.

– Quer, por favor, me explicar?

– O que aprendeu ontem serve para compreender a importância da matéria, não para idolatrá-la. Você precisa evitar apegar-se às coisas materiais se pretende ampliar suas virtudes.

– Ah, mas você há de concordar que é bem mais fácil com as coisas dos outros, não é?

– Não por isso – disse Havien, dando à sua semente o mesmo destino da outra – O desapego às questões materiais é primordial para que uma pessoa se desenvolva. E, acredite, príncipe, precisa ser exercitado na prática. É muito difícil aceitar certas perdas, mas há coisas muito piores para se perder do que objetos.

Kedder parecia aceitar um pouco melhor a situação.

– Isso parece invalidar o que falamos ontem, sobre o suporte material para energia...

– Não invalida. Pelo contrário, complementa.

– Não vejo como.

– Ontem você viu que a matéria representa importante papel no suporte à energia. Entretanto, continua sendo matéria e não é através da matéria que você evolui, mas através da energia. Sua ligação com a matéria, portanto, deve ser apenas a necessária. Você deve possuir os objetos, e não o contrário.

– Entendo.

– Há mais uma coisa importante sobre as perdas. Por mais que não pareça, é fácil decidir perder. Algumas vezes, entretanto, não cabe a nós a decisão porque forças maiores nos impõem a perda. Nesse caso, devemos nos esforçar para perceber de que forma a perda contribui para o nosso progresso.

– Mesmo que seja uma perda contra a nossa vontade?

– Todas elas são contra a nossa vontade, príncipe. E, mesmo assim, sempre há benefícios. Permita-me contar-lhe uma breve história. Um homem do campo cuida de uma grande plantação de

trigo e de um rebanho para a produção de leite. Com isso, sustenta sua família composta por sua esposa e seus três filhos. Este homem trabalha muito para suprir sua família em suas necessidades.

– Imagino que sim – concordou o príncipe.

– Em um determinado dia – continuou Havien – uma grande praga invade a plantação e acaba com todo o trigo. Qual a primeira sensação que você tem?

– Sinto pena do homem – respondeu o príncipe – pois, afinal, se ele usava a plantação e o rebanho para sustentar a família, e dessa forma a vida já era difícil, agora será ainda mais. Eu, no lugar, dele, estaria muito preocupado, talvez desesperado.

– Sua reação é normal e é precisamente a que o homem tem. Mas aí, algo acontece. Vendo que teria que tirar todo o sustento do que lhe havia sobrado, o homem trabalha para evitar qualquer desperdício de leite. Ele sempre soube que algumas vacas produziam mais e outras, menos, mas desconhecia a razão. Na nova realidade, sem a ocupação com o trigo, pôde e precisou se dedicar mais para identificar a causa dessa diferença na produção de seu rebanho. Bem, ele identificou o problema de forma precisa...

– E aí a solução foi encontrada, pois identificar o problema é sempre a parte mais difícil – lembrou o príncipe.

– Certamente. Mas não paramos por aí. Boa parte das necessidades de sua família não era percebida pelo homem porque ele estava constantemente ocupado com seu trabalho. Os seus três filhos, ainda pequenos, comiam muito. Isto fazia o homem trabalhar ainda mais por acreditar que aquelas crianças precisavam de mais comida que o normal. Quando passou mais tempo em casa, ampliou sua observação e percebeu que suas crenças estavam erradas. Muitas das necessidades não eram materiais e ele poderia, apenas por estar mais presente, satisfazer várias delas. Poderíamos dizer que tudo isso se deveu às pragas?

– Estou certo que sim – assentiu o príncipe – Um recurso lhe foi retirado e, ao contrário do que alguns poderiam esperar, seu poder aumentou. Ele conseguiu perceber melhor sua própria condição.

– Talvez você não acredite, mas o desfecho é ainda mais surpreendente – disse Havien.

– Por favor, continue! – pediu Kedder, animado.

– Uma vez que o homem ampliou sua eficiência, sua produção superou o necessário ao consumo de sua família e ele passou a negociar o excedente de leite com pessoas de outras localidades.

– Impressionante! – disse Kedder.

– Impressionante é o que vem agora, príncipe. Você já conhece um pouco dos meios pelos quais a natureza opera. Será que é capaz de adivinhar o principal produto oferecido em troca do leite de nosso homem do campo?

– Trigo! – exultou Kedder.

Havien sorriu levemente, demonstrando apreço pela conclusão do príncipe. Do outro lado do carro um dos homens Yavogs comentou com o companheiro em baixo tom de voz:

– Eles falam, não é? Como é que conseguem ter tanto assunto?

O outro homem deu de ombros. Viajavam relativamente quietos enquanto Havien e Kedder pareciam jamais esgotar seus diálogos.

– Eu estou aprendendo muitas coisas interessantes em minha viagem – continuou Kedder – e uma delas é que se as viagens podem ser cansativas e monótonas, também podem ser muito

enriquecedoras. Sentia-me mais aborrecido até a subida de Dommin. A partir de então, como estamos sempre conversando, não me sinto mais assim.

– O mesmo não pode ser dito de seus amigos Yavogs – sussurrou Havien.

Kedder olhou discretamente na direção dos amigos. Ou cochilavam, entorpecidos pelo constante barulho das engrenagens do carro, ou alternavam o olhar entre o metal do lado de dentro e a areia do lado de fora.

– Fico pensando se você não estaria se aborrecendo com as minhas perguntas – disse Kedder, reavendo a conversa.

– De forma alguma, príncipe. Nunca conversei com príncipes antes. Mas por que esta preocupação agora?

– É porque ainda há coisas que eu não perguntei e que gostaria de saber.

– Pois comece a perguntar. Uma coisa que temos no deserto é tempo para perguntas.

– Você se lembra do primeiro dia em que nos vimos? Acabei não compreendendo suas palavras e decidi ir embora.

– Aprendiz de príncipe.

– Exato – assentiu Kedder, a contragosto – Você havia falado para eu tomar cuidado com o galho da árvore perto do riacho...

– Eu não disse isso.

– Disse, sim.

– Não, não disse.

– Você não disse?

– Não.

– Então o que você disse?

– Eu disse para tomar cuidado com a árvore que se projetava horizontalmente sobre a trilha.

– Mas não é a mesma coisa? E eu tomei cuidado, tanto que me desviei de um galho à altura da minha cabeça.

– Para, depois, tropeçar na raiz! – disse Havien.

– Sim... – compreendeu Kedder, percebendo a sutileza da recomendação de Havien – A raiz também é a árvore se projetando horizontalmente sobre a trilha. Por que é tão claro agora e, naquele momento, sequer passou pela minha cabeça?

– Acontece com muitas pessoas, príncipe. Sua mente, preocupada demais com algo que não existe, não consegue perceber o que é real.

Kedder se lembrou do acidente com o cavalo e agradeceu novamente a Havien pela ajuda.

– Não há o que agradecer. Há sim, o que aprender. Percebe como que o problema com seu cavalo o fez rever seus impulsos e seu orgulho e retornar à minha casa?

– Sim. Não poderia lidar sozinho com aquela situação.

– A adversidade, quando provocada propositalmente, separa as pessoas. Porém, como você percebeu, a adversidade acidental as une.

Apesar do muito que tinha a perguntar, assim como do grande interesse nas respostas, Kedder era forçado, vez por outra, a silenciar. Além da energia despendida no entusiasmo da conversa, o calor, especialmente naquele momento, abrasava até mesmo os pensamentos dos viajantes. No interminável período que se seguiu, o príncipe tentava se manter atento a algo diferente que pudesse observar. Nada. Por fim, o sol começou a perder força e a lua aparecia no horizonte para tomar o seu lugar.

– É só areia para todos os lados... – comentou Kedder em voz baixa.

– Já estamos chegando, pelo que posso perceber – disse Havien – Devemos ter passado pela grande pedra branca.

– O que é a grande pedra branca?

Havien admirou-se por um momento.

– Ora, príncipe, que espécie de pergunta é essa? É uma pedra, que é muito grande e branca. Uma grande pedra branca. Você não a viu?

– Sim, eu vi, mas... Ah, Havien... É estranha a maneira como você se refere às coisas...

– O melhor nome é aquele que melhor descreve as coisas. A grande pedra branca tem esse nome porque, assim, facilmente é identificada.

– Entendo, mas você fala de uma pedra branca e grande... Pode haver várias pedras brancas... e grande é um conceito relativo. É um nome pouco preciso, não concorda?

– Não, porque somente uma pedra grande e branca chamou a atenção do príncipe e, por isso, não só é suficiente como é bastante preciso chamar de grande pedra branca a grande pedra branca. As coisas não precisam de títulos especiais se conseguem se destacar pelo simples fato de existirem, ó, digníssima alteza, nobre e ilustre príncipe-rei da Sindávia!

Kedder percebeu a comparação. Percebeu também que, desde que se conheceram, Havien jamais reclamara qualquer título a si próprio. Queria ser chamado apenas pelo seu nome.

– Estava pensando... – disse o príncipe, iniciando outro assunto – Faz muito tempo que os Uddagary tentaram tomar o poder e não conseguiram. Não é curioso viverem como se fossem reis também?

– Você diz isso por causa do nome que adotam? – perguntou Havien.

– Sim. Udda é o nome do povo deles. Ou da cidade onde vivem, se estou certo... Pelo que conheço da história, a grande batalha se deu entre os Sindagary, povo que deu origem à atual família real, e os Uddagary. Os Sindagary, ao vencer, constituíram o reino da Sindávia. Certo até aqui?

– Certíssimo, príncipe.

– Bem, se somos nós os reis, nós é que deveríamos manter a terminação "gary", indicando a linhagem real. Mas isso não foi feito. Ninguém menciona este nome no castelo. E, o que é pior... Esse povo de Udda continua a se chamar assim, de Uddagary... Não entendo.

– Essa batalha pelo poder foi há muito tempo e é mais fácil mudar o que está presente do que algo que ficou perdido no passado. Os Uddagary não foram necessariamente vencidos em combate. Eles se retiraram e não consideraram uma derrota permanente. Por isso jamais deixaram de se considerar reis. Foi mais fácil à sua família abolir o uso dessa terminação e, assim, não reconhecer uma possível legitimidade do povo de Udda perante o trono.

– Bem, eles podem não ter sido vencidos em combate, mas, se bateram em retirada, perderam a guerra, certo?

– Eu não diria isso, príncipe. Eles se retiraram jurando que voltariam um dia para tomar o reino em definitivo.

– Mas isso foi há mais de trezentos anos, Havien! E, nesse período, jamais retaliaram uma única vez!

– Pode levar algum tempo para que um plano seja levado a cabo, príncipe.

– Algum tempo?! Trezentos anos? Ah, não... É difícil de acreditar.

– Bem, então, talvez seja difícil também de acreditar no que o príncipe verá por aqui.

O carro parou.
– Chegamos.

12

- PROBLEMAS EM UDDA -

Na descida do carro, Kedder avistou, sob a fraca luz de tochas, o que parecia ser um grande muro. Havia chegado a Udda. Percebeu também que o solo já se alterava um pouco a partir dali, tornando-se novamente mais rígido, apesar de ainda bastante seco. Era uma razão pela qual o carro, preparado para andar sobre a areia fofa, não avançava mais. Caminharam até alcançarem um grande pórtico pelo qual passaram para terem acesso ao interior da cidade. Antes de chegarem às construções, os homens tinham que atravessar um extenso pátio. Kedder se lembrou da disposição das casas Yavogs. Udda era, porém, incomparavelmente maior.

Logo que cruzaram o imenso portão, uma comitiva os aguardava. Lá estavam Uddagary XIII, sua esposa e alguns súditos. Coordenados pelo mensageiro, os convidados foram apresentados aos seus anfitriões.

– Ó, Rei Uddagary XIII, glorioso e único rei de toda esta terra! Apresento-lhe nossos convidados. Este é o príncipe Kedder, seu amigo Havien e três homens do povo Yavog – disse o mensageiro, voltando-se, em seguida, para os viajantes – Saúdem nossa majestade curvando-se em reverência!

Os três homens Yavogs olharam uns para os outros e, depois, para o príncipe em busca de instruções. Havien principiou um movimento descendente no sentido de curvar-se, mas foi impedido por Kedder.

– Um momento... Glorioso e único rei? – disse Kedder, olhando para Uddagary – Soriom, meu pai, ele é o único rei da Sindávia e é a ele que devem se curvar. Você não deve passar de um barão ou talvez nem isso.

Havien se afastou um pouco e, livre do braço do príncipe, retomou a reverência que intencionava prestar, curvando-se ao chão.

– Seu amigo é, no mínimo, mais esperto que você – disse o rei Uddagary, retirando da cintura uma das duas imensas espadas que carregava.

Kedder imediatamente sacou também de sua espada. Os Yavogs pegaram seus machados e se aproximaram do príncipe na tentativa de constituir um grupo coeso. Uddagary aproximou-se lentamente, com os olhos tomados de raiva. Sua espada, empunhada à frente de seu corpo, abria caminho para o seu lento caminhar. Kedder adotou a mesma postura e as pontas das espadas se encontraram, mantendo os dois homens a certa distância um do outro. Mas Uddagary não interrompeu seus passos e as espadas, inclinando-se para cima, começaram a se encostar pela parte central da lâmina. Os Yavogs apertaram cada um de seus dedos contra o cabo de seus machados, reforçando a empunhadura. Parecia que o pior estava prestes a acontecer. Uma disputa ali certamente terminaria em morte dos visitantes, em menor número e dentro de uma cidade inimiga e desconhecida.

– Suas leis não têm lugar aqui, príncipe fraco! – gritou Uddagary, levando sua espada à altura da cabeça e desferindo um fortíssimo golpe contra a espada do príncipe, que se partiu.

Kedder, imóvel, via seu próprio reflexo na larga e curvilínea espada Uddagary. Yavog e seus dois homens estavam igualmente paralisados.

– Nem suas leis nem suas armas! – continuou Uddagary.

Yavog olhou para o príncipe. Os três machados foram colocados ao chão. O mensageiro recolheu cada um deles, entregando-os a outro homem.

– Senhor? – disse Havien, ainda com a cabeça baixa.

– Sim – respondeu Uddagary, aproximando-se – Você parece o único sensato aqui. O que deseja?

– O senhor pretende matar estes homens?

– Eles e todos os malditos Sindagary! – respondeu.

– Senhor – continuou Havien – eu preferi saudá-lo em vez de confrontá-lo, pois acredito que o senhor tenha também força com palavras e não só com a espada. Poderíamos conversar antes para ter certeza de que fará a coisa certa?

– Mas não tenho dúvidas de que esta é a coisa certa!

– Bem, acredito que o rei Uddagary não teria conseguido tudo o que tem se não fosse um homem razoável. E um homem razoável sabe que, caso mude de opinião, não pode ressuscitar estes homens após tê-los matado.

– E por que eu mudaria minha opinião?

– Porque trago notícias de outros lugares. Notícias que o senhor desconhece e que podem auxiliá-lo em seu objetivo.

Uddagary olhou para os homens, olhou mais uma vez para Havien e disse:

– Você demonstrou sabedoria logo ao chegar, com sua atitude. Não será um grande atraso ouvir o que tem a dizer.

– Agradeço por sua compreensão, majestade – respondeu Havien.

"Majestade?" – pensou Kedder.

– E, também... – continuou Uddagary, pensativo – muitas pessoas estão dormindo agora. Para que elas possam vê-los morrer, é melhor que esteja de dia. Esses homens ficarão presos até amanhã de manhã.

Com essas palavras, Uddagary ordenou a prisão dos outros quatro. Alguns homens se aproximaram cautelosamente dos

visitantes e os levaram para uma casa fortalecida por grades e vigiada por guardas.

– Eles morrem amanhã e todos os outros Sindagary até o fim do inverno! – disse Uddagary em tom profético.

As pessoas que ainda estavam no pátio começaram a se retirar para suas casas.

– Você vem comigo. Vamos conversar – disse Uddagary a Havien, em tom de ironia, enquanto observava a lâmina de sua espada.

Ainda na mesma noite, algum tempo depois, a porta da prisão se abriu. O mensageiro aparecia de pé à frente da porta:

– Uddagary os libertou. Essas mulheres indicarão quartos para vocês.

Kedder olhou para as três mulheres. Duas eram mais velhas e uma bastante jovem. Os quatro homens foram conduzidos aos quartos onde deveriam dormir. Havia um para Yavog e seus dois companheiros e outro para Kedder. No quarto do príncipe havia mais uma cama. Pouco tempo depois, Havien apareceu.

– Estou um pouco decepcionado – adiantou-se Kedder enquanto Havien calmamente se sentava.

– Desejava o príncipe morrer e eu atrapalhei seus planos?

– Você chamou Uddagary de "majestade", ou eu ouvi mal? Ao que me pareceu, é a ele que você confere o poder de rei da Sindávia!

– Poder, príncipe? Não percebe que o poder é como a maré? Hoje você está em cima; amanhã, estará embaixo. Você se lembra de quando os Yavogs nos encontraram e nos amarraram nas árvores? Eles detinham o controle, eles detinham o poder. De repente, não mais eles, mas você tinha o poder, segurando sua espada contra o pescoço daquela mulher. A qualquer momento, seriam eles de novo e, assim, sucessivamente. Não é melhor parar de tentar deter o poder e começar a conviver igualitariamente? Quem muito tem, muito tem a proteger, príncipe.

– Eu poderia conviver igualitariamente se ele tivesse a mesma vontade, mas não parece ser o caso.

– É fácil o jeito como o príncipe pensa, pois a culpa será sempre do outro. Não espere que todos sobrevenham com ideais pacíficos ao mesmo tempo, Kedder. O esforço inicial precisa partir de alguém.

– Mas o que você fez? – perguntou o príncipe, curioso.

– Fiz o que você não fez, que foi manter a ordem. Grande rei da Sindávia você será se continuar agindo daquela maneira – disse Havien, não detalhando o exato conteúdo da conversa que tivera com Uddagary.

– Mas aquela sua majestade ia nos matar! – disse o príncipe com escárnio.

– A hierarquia é algo que existe em toda parte. Não é um mal respeitá-la. E, além disso, em nenhum momento a ameaça se dirigiu a mim. Vocês é que foram presos.

– Ah, Havien, você terá que me desculpar, mas eu não iria me curvar a um homem que se diz rei no lugar de meu pai.

– Pois são dos arcos que mais se curvam as flechas que voam por mais tempo.

– Mas o que você disse a ele? – insistiu Kedder.

– Uddagary planeja um assalto sobre o seu castelo. Pela força, tomará o poder de qualquer maneira, seja no reinado de seu pai, seja no seu.

– Pela força? Havien, a situação de hoje foi bastante particular. Estávamos em menor número e desarmados. No castelo

contamos com um grande exército. São soldados bem treinados que, até hoje, contornaram todos os problemas que tivemos.

– Problemas, príncipe? – ressaltou Havien – Pequenas rebeliões de pessoas famintas, que mal conseguem segurar uma colher, muito menos uma espada. Estes foram os problemas que tiveram?

Kedder não respondeu.

– Creio que é melhor dormirmos agora e, amanhã, você pensa melhor sobre o seu conceito de problema. Assim, não precisarei convencê-lo.

* * *

No dia seguinte, alguém bateu à porta do quarto do príncipe. Traziam comida e água. Após terem fechado novamente a porta, Kedder comentou:

– Quem será essa moça? Parece ser uma criada, pois está cuidando de nos trazer comida.

– Respostas nas perguntas – lembrou Havien.

– Bem, vamos comer. Neste lugar a gente nunca sabe se vai morrer no dia seguinte.

– Neste e em qualquer outro lugar, príncipe.

Enquanto comiam, Havien e Kedder ouviram ruídos de pessoas se aproximando. De repente, a porta se abriu. Era o mensageiro. Dizia que, quando terminassem de comer, deveriam se apresentar ao pátio para que Uddagary os encontrasse. Disse apenas isso e saiu.

– Havien, estava aqui pensando. Esse... rei Uddagary – disse Kedder, um pouco contrariado – Ele falou que nós morreríamos hoje e que todos os outros morreriam até o fim do inverno.

– E qual das duas coisas mais o preocupa?

– Bem, até ontem, a primeira. Mas depois que você conversou com ele parece que ele não tem mais esta intenção. Aí voltei a me perguntar sobre a segunda. Será mesmo que eles pensam em guerrear contra nós?

– Isso não é mais uma dúvida, príncipe.

– Mas, então, pelo que ele disse, avançarão sobre o castelo daqui a alguns meses. Ele disse até o fim do inverno! A guerra está para começar.

– Quem sabe se, na opinião de nosso anfitrião, ela não apenas já começou como dura mais de trezentos anos? Vê até que ponto pode chegar o ódio entre os homens, príncipe?

Kedder ouvia com atenção. Havien continuou:

– Já ouviu falar da profecia, certamente, não ouviu?

– Sim.

– Você nunca leu a profecia, leu?

– Como assim? O texto escrito? Não... Disseram que o original, escrito por um ancião há muito tempo, também há muito se perdeu. Apenas ouvi a história. Nossos antepassados vieram contando para as gerações seguintes...

– Pois a profecia escrita existe, príncipe. E contém uma informação muito importante que você parece desconhecer.

– Qual?

– A data.

– Está dizendo que... Um momento! O que isso tem a ver com os Uddagary? Como eles poderiam saber? – espantou-se Kedder.

– A escritura foi perdida há muito tempo. Não é esta a história que você conhece?

– Sim, o papel não existe mais.

– Talvez não seja bem assim, príncipe. O que é perdido pode ser perdido para alguém, concorda?

– Os Uddagary? Eles têm a profecia?

– É possível que tenham ficado com o documento na disputa que travaram com seus antepassados.

– E onde será que eles guardam? – perguntou Kedder, curioso.

– Difícil saber. E eu não recomendo ao príncipe se arriscar a procurá-la. Por outro lado, Uddagary me disse que carregava o texto junto dele o tempo todo, como uma espécie de amuleto, para dar sorte.

– Uma cópia, talvez?

– Imagino que sim...

– Ei, Havien, espere! São eles! São eles os agentes da revolução! – interrompeu o príncipe, nervosamente – Oh, céus... A data é até o fim do próximo inverno? Mas eu tomo posse até o fim do inverno! Precisamos avisar o castelo. Temos que partir, Havien!

– Muitas são as crenças, poucas as certezas. Pare de se exaltar e vamos, por enquanto, atender o pedido que nos fizeram.

Dizendo essas palavras, Havien se levantou para sair do quarto, sendo seguido pelo príncipe. Na porta havia um guarda armado que os fitou com cara de náusea, deixando-os, porém, seguir adiante. Ao ganhar o pátio externo, Kedder mal conseguia enxergar. A forte luz coloria tudo de um amarelado quase branco. Kedder cobria os olhos com o braço.

O rei Uddagary conduziu o príncipe e seu amigo por algumas instalações onde se produziam as armas. Tomaram, então, um estreito caminho entre o grande muro e as construções, como quem deseja contornar a cidade. Após algum tempo caminhando em leve descida, foram instruídos a sair por uma abertura. Em uma grande área plana, cercada por montanhas, treinava o exército Uddagary. A visão era aterradora. Milhares de homens em formação luziam prateados pelo metal que recobria seus corpos em coletes, malhas e capacetes. Cada soldado possuía duas grandes espadas curvas como as de seu líder e, em determinados momentos, sacavam ambas e as seguravam unidas pelos cabos, formando a letra "U". E, então, gritavam: "Uddagary!". Kedder, paralisado, não conseguia esconder seu espanto. Uddagary ria um pouco por fora, mas muito por dentro. Ver o príncipe assustado daquele jeito era quase tão bom quanto ganhar a guerra contra ele.

– Seu exército é impressionante, senhor Uddagary – comentou o príncipe para quebrar o incômodo silêncio.

Uddagary nada disse. Nesse momento, um soldado se aproximou e comentou algo que o príncipe não conseguiu escutar.

– Voltarei daqui a pouco. Vocês... fiquem à vontade. Não imagino que representem riscos ao exército. Ha!

Com essa súbita e seca risada, Uddagary se foi em companhia do soldado que lhe trouxera o recado, deixando Havien e Kedder sozinhos.

– Alguma alteração no seu conceito de problema, príncipe?

– Estou realmente impressionado – confessou Kedder, encostando-se no muro da cidade – E temeroso também. Eles podem até não conseguir entrar no castelo, mas teremos que viver eternamente lá, pois jamais venceríamos um exército como este em campo aberto.

– Eles entrariam no castelo, certamente. Seus muros podem dificultar a entrada dos homens inicialmente, mas eles possuem máquinas para auxiliar o ataque.

– Como foi possível a eles tamanha superioridade? E minha espada, ontem? Ela se partiu ao meio, Havien!

– Foi bom ter treinado antes com a semente de pau-pedra, não foi?

– Essa espada Uddagary... – pensava o príncipe – Seria feita de algum metal mágico?

– Não há nada de mágico, príncipe. Há, sim, muita determinação e muito conhecimento. Quando essas duas coisas estão juntas...

Kedder observava o exército, admirado.

– Após a grande disputa entre os Sindagary e os Uddagary – continuou Havien – aconteceu a estes últimos algo parecido com o que ocorreu aos Yavogs. Eles foram expulsos, e para ainda mais longe, como você pode ver. Por quanto tempo não tivemos que andar para alcançar estas terras?

– Muito tempo – respondeu o príncipe – Aliás, isso me lembra que se eles querem chegar ao castelo real até o fim do inverno, melhor começarem a marchar já. Precisarão percorrer toda a Sindávia.

– Na verdade, não, príncipe.

– Como assim? Não terão que fazer de volta o caminho que fizemos para vir?

– Não.

– Explique.

– Eu falei sobre determinação e conhecimento. A determinação é deles, mas o conhecimento é de um outro povo, chamado Kamahkam.

– E onde vive esse povo?

– Onde você disse não morar ninguém.

– Nas montanhas intransponíveis?

– Melhor começar a rever esse conceito também, pois, definitivamente, existem civilizações que habitam lugares que nós julgamos serem desabitados.

– E como eles podem ajudar? Ainda que tenham bastante conhecimento, isso não diminui a distância entre Udda e o Castelo Real.

– Não? – espantou-se Havien – Você conhece uma ferradura, não conhece?

– De certo que sim, Havien!

– E sabe por que ela é o símbolo da Sindávia?

– Conta a história que a batalha com os Uddagary foi vencida por apenas um cavalo de vantagem. A ferradura é o símbolo da vitória. Bem, esta é uma razão. Existe outra, mas não sei se acredito muito, que é a da união da Sindávia. A ferradura mais se parece com a letra "U". "U" de "União".

– "U" de Uddagary, príncipe.

– Uddagary?

– Ainda bem que não acredita muito nesta segunda razão, pois ela não existe. Foi mais um artifício dos Sindagary para retirar da realeza qualquer herança deixada pelos Uddagary. Aliás, só um louco poderia chamar de união a atual situação da Sindávia. E quanto à primeira razão que apontou, também é falsa. É possível que a batalha tenha sido vencida por apenas um cavalo de diferença, mas a história da ferradura é outra.

Kedder aguardava que Havien continuasse.

– Todo o reino da Sindávia possui a forma de uma ferradura. Foram os Uddagary os primeiros a observar isto. No que seria uma das pontas está localizado o seu castelo. Na outra, está a cidade de Udda. Consegue perceber como é longo o caminho que vai de uma extremidade à outra passando por toda a ferradura?

– Foi o que fizemos, até agora?

– Sim, foi o que fizemos – confirmou Havien – Mas percebe o quanto é curto o caminho que liga uma extremidade à outra em linha reta?

– As montanhas intransponíveis...

– Não há nada de instransponível nelas para os Kamahkam, que sempre viveram nos desfiladeiros. Um antigo ancestral desse povo, um grande mestre arquiteto, foi o responsável pela adaptação das residências dos Kamahkam às ravinas. Ninguém sabia da existência desse povo até que os Uddagary foram expulsos.

– Mas como eles se conheceram, então?

– Os Uddagary vieram para cá pelo caminho tradicional, ou seja, pela ferradura. Mas, como percebe, a proximidade fez com que, em algum momento, os dois povos se encontrassem. Logo que chegaram aqui, os Uddagary encontraram grandes minas de ferro sob a areia do deserto e se dedicaram à mineração. Com a ajuda dos Kamahkam, desenvolveram ainda mais esse ofício e hoje possuem metais compostos que dão maior dureza às suas armas. Aos Uddagary era interessante obter uma passagem melhor para atingir o castelo e os Kamahkam, seduzidos pela ideia do poder, auxiliaram os Uddagary no desenvolvimento de suas armas e de um caminho pelas montanhas.

– Eles chegarão pelas montanhas, então? Exatamente onde não há defesa!

– Proveitoso, não é? – disse Havien.

– Para eles, sim, muito proveitoso! E o que nós podemos fazer para evitar isso?

– Por meio da força, nada.

Kedder não sabia como resolver o impasse e pareceu se satisfazer afastando-se do problema.

– Espere... Se a profecia estiver certa – arriscou Kedder – o agente da revolução deveria ser um único homem. E cem mil guerreiros não são um único homem...

– Isso não impede o ataque, príncipe. Você é quem disse que eles são o agente da revolução. O ataque Uddagary pode não ter relação alguma com a profecia, o que não altera a catastrófica desvantagem na qual o exército real se encontra.

– Continuamos sem solução – lamentou Kedder.

– Mire-se no seu próprio exemplo, príncipe. Há alguns meses, você foi quase morto pelos Yavogs e, ontem, eles estavam dispostos a dar a própria vida para defendê-lo. Suas atitudes perante seu povo lhe restabeleceram a legitimidade de sua posição.

– Então, espero poder fazer melhor dessa vez. Tenho menos tempo – constatou Kedder, olhando para os soldados – e cem mil a mais para convencer...

Ao que pareceu um comando militar, o exército inteiro marchou em retirada, desocupando totalmente a área de treinamento. Kedder e Havien se aproximaram um pouco mais do local. Viram diversas marcações no chão.

– É assustador o que os homens são capazes de fazer para atingir seus objetivos – disse a suave e conhecida voz por trás dos dois.

Kedder se virou. A aparência de Gaya era bastante diferente. Todo o seu corpo tinha uma única cor, o tom amarelado que dominava a paisagem desde a chegada a Udda.

– Percebem como é difícil domar a ambição dos homens? – continuou Gaya – Estas pessoas estão vivendo em condições desconfortáveis durante séculos e todo o esforço que realizaram foi com o intento de se armar para a guerra. Não há o que os faça desistir. Tempestades de areia, seca prolongada, o sol, impiedoso,

sobre suas cabeças... Eles sempre encontram um jeito de prosseguir com sua interminável sede de vingança.

Kedder observava atentamente. A feição de Gaya parecia mais triste e preocupada. Sem querer perguntar demais, Kedder mencionou apenas a diferença de suas vestes.

– São diferentes as estações do ano, príncipe Kedder... – respondeu ela, fazendo uma breve pausa – Diferentes também são as emoções do homem. Espero que as suas possam divergir destas que vejo aqui. Os homens agem como se o mundo fosse acabar junto com a sua geração. Eu preciso cuidar de todas as gerações. A mim cabe tentar corrigir os erros de todos. Sou eu que lavo o sangue derramado, e o faço sem comprometer a saúde das águas. Já pensou como seria viver na Sindávia se todo o sangue de seus antepassados ainda estivesse sobre o solo?

– É um grande desrespeito a tudo o que a natureza nos oferece. Esta é a verdade – concluiu, amargamente, o príncipe.

– A verdade é que existem limites, príncipe. Quando o homem se excede, a natureza responde para alertá-lo de que estes limites estão sendo ultrapassados. É opção do homem considerar o aviso ou ignorá-lo. Opção e responsabilidade.

Uma voz chamou. Kedder olhou em direção à passagem no muro por onde saíra. Um guarda pedia aos dois que regressassem ao interior da cidade. Kedder acenou, demonstrando consentimento. Em seguida, rapidamente olhou em busca de Gaya, mas não a encontrou. Apenas Havien estava a seu lado.

– Será que o guarda a viu? – perguntou Kedder em suave tom de voz.

– De certo que não. Pessoas com tal instinto beligerante não conseguem ter olhos para a natureza, príncipe.

* * *

Kedder, Havien e os Yavogs permaneceram em Udda até o meio do outono. Os dias pareciam iguais; o príncipe, não. Conforme o tempo passava, Kedder se mostrava mais inquieto. Certa vez, à noite, quando se preparavam para dormir, ele professou suas incertezas a Havien.

– Não consigo lidar com minhas indecisões, Havien. Sei que não deveria, mas estou ficando muito nervoso. Como posso ter certeza de que minha decisão será correta? Desejo fazer uma coisa, mas as pessoas esperam que eu faça outra. Quero muito acreditar nas minhas convicções, mas temo pelas consequências de meus atos.

– A transformação só ocorre quando a crença nas convicções supera o medo das consequências, príncipe. Nada muda até esse dia.

– É como aconteceu em Maddaghi. Eu não soube o que fazer quando sua mãe me recomendou que subisse a montanha. Foi difícil tomar a decisão.

– Você não acreditava, príncipe, apenas isso. Era algo desconhecido demais e você preferiu se fiar às certezas que tinha.

– O problema é que eu não tinha nenhuma! – exclamou Kedder.

– Talvez por isso tenha, por fim, decidido subir. Mas a decisão é sempre sua. Só saber da existência de alguém nas alturas não basta. É preciso buscá-lo ativamente.

O príncipe ficou quieto após ter ouvido um ruído nos corredores. Quando a porta do quarto ameaçou se abrir, Kedder ajeitou-se na cama. Como de costume, a criada Uddagary trouxe comida e água para os dois e, depois, se retirou.

– Príncipe... – chamou Havien, retomando a conversa.

– Sim?

– Estas suas inquietações não têm qualquer relação com matar o seu pai ou assumir o trono, não é?

– E com o que teriam relação? De certo que é isso... Tenho receio... Tenho receio que...

Kedder percebeu que era mais difícil mentir para um cego do que para uma pessoa com a qual se confronta olhos nos olhos. Havien perguntava para ouvir, não para saber.

– Bem, na verdade – continuou Kedder – não têm relação. Não posso dizer que esses problemas desapareceram. Acontece que algo novo surgiu.

– Qual o problema com essa moça Uddagary? – perguntou Havien.

– Gostaria que houvesse, Havien! Essa é a questão; não há nenhum! Desde o primeiro dia em que a vi senti algo diferente. Pude conversar com ela várias vezes enquanto estivemos aqui. Seu nome é Sarina. Bonito nome, não é? Ela também é bonita... Mas não é uma questão de beleza, apenas, acredite.

– Eu não me preocuparia se sua dúvida fosse apenas essa, príncipe. Mas sei que não é. Eu estaria feliz se você estivesse apenas atraído por esta moça.

– Bem, então... Fique feliz! – brincou o príncipe.

Havien sorriu serenamente. Ainda que temeroso pelo sentimento do príncipe, não conseguia deixar de admirar, em meio a tanta hostilidade, a possibilidade de duas pessoas gostarem uma da outra.

– Sua dúvida não é o que fazer, mas como fazer, não é? – perguntou Havien.

– É. Quero levá-la comigo.

– Realmente, príncipe, você estava certo. Outro problema surgiu.

– Senhor Havien! – disse Kedder com ar de autoridade – Está chamando a princesa Sarina de "um problema que surgiu"?

Kedder não podia conter seu humor. Seus olhos brilhavam e sua felicidade parecia suplantar todos os problemas que enfrentaria.

– Tento imaginar o que acontecerá se você resolver colocar em prática seu plano, príncipe. Bem, você ainda nem tem um plano, pelo que estou percebendo...

– Oh, não vai me dizer que teme pelas consequências! – rebateu Kedder – Onde está sua crença na convicção?

Havien sorriu. Em seguida, retomando uma postura séria, levantou-se e pediu que o príncipe fizesse o mesmo.

– Príncipe Kedder da Sindávia, não sei o quanto você conhece do amor, mas é o mais forte dos sentimentos e não pode ser vencido por nada. Se for realmente uma convicção, você saberá e não temerá qualquer consequência. Pense bem a respeito e avise-me somente quando estiver certo de que sua dúvida se transformou em uma convicção. Vou chamar nossos amigos Yavogs e informá-los do que está acontecendo. É possível que tenhamos alguma dificuldade.

Havien se dirigiu à porta do quarto e pediu ao guarda que o levasse até o quarto onde dormiam os Yavogs.

– Havien! – chamou o príncipe antes que o amigo saísse por completo.

– Sim.

– Você pediu que eu o avisasse somente quando tivesse certeza...

– Sim, pedi.

– Bem, pois, então... Eu o estou avisando! – disse Kedder, radiante.

Alguns instantes depois Havien regressava acompanhado dos três homens Yavogs. Kedder explicou a situação aos amigos.

– Desconfiava muito! – disse Yavog, recebendo como resposta um sorriso amável de Kedder.

Apesar do entusiasmo do príncipe, Havien o lembrou de que aquela era uma situação perigosa. Uma vez que o príncipe estava determinado, precisava agir com cautela ou colocaria não só o seu plano como a vida de todos em risco.

Neste momento, a porta do quarto se abriu lentamente. Era a rainha Uddagary com uma dúzia de guardas.

– Prendam todos estes homens! – ordenou a rainha.

Os guardas entraram no quarto e, com muita firmeza, seguraram os homens. Os Yavogs relutaram um pouco, mas foram contidos por um gesto de cabeça do príncipe. Tendo as mãos amarradas atrás das costas e sendo enfileirados um após o outro, os cinco foram conduzidos à prisão. Após alguns momentos sozinhos na cela, foram surpreendidos por uma visita da própria rainha Uddagary.

– Obrigado – disse ela ao guarda, entrando na cela dos prisioneiros e fechando a porta atrás de si – Tranque esta porta e volte ao seu posto. Eu o chamarei para abrir a cela quando terminar de interrogá-los.

– A senhora tem certeza, senhora? – perguntou o guarda – Não prefere esperar pelo rei?

– Não, já disse. Agora vá!

O guarda deixou a cela e voltou para a entrada da prisão. A rainha Uddagary encarou cada um dos prisioneiros com ar de desaprovação. Depois, espiou furtivamente o corredor para verificar se o guarda estava longe o suficiente. Então, veio a surpresa.

– Príncipe Kedder, tenho observado há vários dias seu comportamento em relação à Sarina, minha criada. A história que um guarda me contou hoje só confirmou o que eu já sabia: vocês estão apaixonados. Sei que não deixarão de fazer nada para viver esse amor, mesmo que arrisquem suas próprias vidas. Quero poupá-los deste sacrifício, entretanto. Muito sangue já se viu e ninguém sabe quanto ainda veremos. O grande dia se aproxima e Uddagary insiste em... Bem, você viu o exército. Não há quem possa convencê-lo do contrário. Eu mesma já tentei inúmeras vezes. Por isso que, desta vez, resolvi agir de forma diferente. Vou ajudá-los, mas não podemos correr riscos. Vocês terão que partir esta noite, enquanto Uddagary ainda não voltou, e seguir para as montanhas.

– Partir? Você diz fugir? – perguntou o príncipe.

– Dê o nome que quiser, mas terá que ser esta noite – respondeu a mulher – Uddagary retornará amanhã pela manhã. A primeira notícia que receberá dos guardas é a do novo romance do príncipe Kedder e, certamente, não receberá muito bem. Você tinha que se apaixonar justo por Sarina, Kedder...

– O que tem ela? – perguntou o príncipe, tão eufórico quanto curioso.

– É uma longa história e não temos tempo agora. Vocês precisam saber exatamente o que fazer ou colocarão tudo a perder.

A rainha Uddagary expôs sua estratégia aos prisioneiros. Ela provocaria um pequeno incêndio em seu aposento e pediria auxílio ao guarda da prisão. Quando ele estivesse fora do posto, os prisioneiros poderiam sair da cela e fugir.

– Só há um problema – continuou a mulher – A entrada de Udda é constantemente vigiada. A única maneira de conseguirem sair será pelo corredor subterrâneo que liga nossa casa ao exterior da cidade.

– Mas como entraremos na sua casa com o guarda lá? – perguntou Kedder – Você não vai chamá-lo por causa do fogo?

– O fogo estará no segundo andar. Quando o guarda subir as escadas, vocês entram e se escondem. Quando ele sair, mostrarei a passagem a vocês.

– E Sarina? – perguntou o príncipe.

– Sarina já estará lá.

– Eu não irei – disse Havien.

– O quê? – perguntou Kedder – Como assim, não irá?

– Príncipe, esse é um plano cheio de detalhes. Qualquer risco desnecessário deve ser evitado. Minha deficiência de visão tornaria tudo mais lento e atrapalharia o grupo. Serei mais útil aqui.

– O que está dizendo, Havien? Se Uddagary encontrar você aqui irá matá-lo!

– Talvez não. Não sou eu que estou apaixonado pela moça...

– Havien está certo, Kedder – disse a rainha Uddagary – Vocês não podem se arriscar agora. Tome. A cópia da chave desta cela. Assim que virem o guarda se afastar, já sabem o que fazer.

– Sim – respondeu o príncipe.

O guarda foi chamado e abriu a porta da cela para a rainha Uddagary.

– Serão todos apresentados ao rei amanhã de manhã – disse ela ao guarda – Agora, vou dormir.

– Sim, senhora – respondeu o homem, fechando a cela.

O guarda acompanhou o trajeto da rainha até seus aposentos. Viu quando ela fechou a porta e as luzes do primeiro andar se apagaram. Pouco depois, lá vinha ela, correndo.

– Guarda, ajude-me! Há fogo em minha casa, venha! – disse a mulher puxando o guarda pelo braço a ponto de quase arrastá-lo.

– Agora foge muito! – disse Yavog, observando a cena.

O príncipe abriu a cela e os Yavogs saíram. Havien permaneceu sentado. Kedder olhou para o amigo e, por um momento, hesitou.

– Crença nas convicções sem medo das consequências, príncipe. Não era isso que dizia sentir?

Kedder concordou.

– Então vá. E não se esqueça de trancar a cela ao sair.

Os Yavogs já aguardavam à entrada da prisão. Kedder trancou a cela e se despediu do amigo, juntando-se aos outros. Contornaram o prédio conforme instruídos e atingiram a casa da rainha pela lateral. Viram quando ela lhes fez um sinal pela janela de seu quarto, no segundo andar, e entraram na casa, escondendo-se em um canto da sala.

– Ah, você não consegue apagar isso sozinho? Está todo atrapalhado! – disse a rainha ao guarda – Vá buscar ajuda!

– Sim, senhora – disse o guarda, descendo as escadas e saindo pela porta em disparada.

A rainha, então, localizou os quatro prisioneiros e mostrou a eles o caminho.

– Vocês precisam correr. Sabem que não há volta. Essa casa estará cheia de guardas em instantes.

– Sim, senhora – agradeceu um dos Yavogs.

Os quatro seguiram pela empoeirada passagem segurando pequenas tochas que parcamente iluminavam o túnel. Sobre suas cabeças ouviam apressados passos dos guardas correndo para acudir a rainha. Prosseguiram até atingir as bases do muro da cidade, percorrendo um longo trecho pelo interior da muralha e alcançando uma outra passagem, onde Sarina os aguardava.

– Sarina – exclamou o príncipe com alegria!

– Kedder, estou com medo – disse a moça.

– Não fique! Estamos juntos agora. Vou levá-la para casa.

Cruzando a passagem e ganhando o exterior da muralha, Kedder, Sarina e os três Yavogs encontraram alguma comida, água e uma indicação do caminho a seguir. Caminharam pelo resto da noite e, quando o dia estava para amanhecer, Udda, apesar de visível ao longe, era algo que fazia parte do passado.

* * *

O incêndio nos aposentos da rainha fora rapidamente controlado. O guarda, cansado, retornou ao seu posto e logo adormeceu. Foi acordado por um raio de sol que acertava seu olho esquerdo e viu quando o rei Uddagary se aproximou com mais dois homens. Acabavam de chegar de viagem e já haviam sido informados do romance entre Kedder e Sarina. O guarda, assustado, arrumou-se e adotou uma postura respeitosa.

– Estão aqui? – perguntou Uddagary, furioso.

– Sim, senhor – disse o guarda, afastando-se para que o rei entrasse.

Uddagary voltou.

– Onde estão os outros?

– Estão todos juntos, senhor!

Uddagary pegou o homem pela roupa e arrastou-o para frente da cela.

– Você parece mais cego que esse aí! – disse Uddagary ao guarda – Onde estão os outros?

– Mas, senhor – disse o homem, amedrontado – Estavam todos aí ontem à noite! Posso jurar!

Uddagary observou a fechadura da cela. Estava intacta. As barras de ferro também.

– Você! – disse Uddagary a Havien – Para onde foram os outros?

– O senhor acredita se eu disser que não vi? – respondeu Havien.

– Eles fugiram, que diabos! – gritou Uddagary – Onde está Sarina?

– Não a encontro em lugar algum – disse a rainha Uddagary, chegando naquele instante à prisão.

– O desgraçado fugiu e levou minha criada! Maldito! Tem mesmo que morrer! Vasculhem essa cidade. Procurem em todos os lugares, eles não podem ter saído daqui!

Os guardas rapidamente se organizaram e iniciaram as buscas.

– Senhor rei Uddagary XIII? – chamou, timidamente, Havien.

– O que é? – respondeu Uddagary, raivoso.

– Creio ser o momento de conversarmos...

Havien argumentava em favor do príncipe. Sabia que Kedder não teria qualquer chance se Uddagary resolvesse caçá-lo com seus homens.

– Por fim – Havien completou, após longo discurso – insisto que o senhor está irritado porque perdeu algo a que, em verdade, nunca deu valor. Não pode culpar o príncipe por experimentar um sentimento desconhecido para o senhor. Um dia não haverá mais lugar para armas e o rei Uddagary deveria ser esperto o suficiente para escolher desde já de que lado quer ficar.

Alguns soldados chegaram com o parecer indesejado. Os prisioneiros não haviam sido encontrados. De alguma forma, deveriam ter conseguido sair da cidade. Uddagary, encolerizado,

ordenou a formação de um grupo de perseguição para saírem o quanto antes. Os guardas se retiraram novamente, apressados.

– Venha – disse Uddagary a Havien, abrindo a porta da cela – Você virá comigo. Vou mostrar a você que quem possui as armas não precisa escolher de que lado quer ficar.

– Quem possui as armas certas talvez não precise – contestou Havien, afastando sua capa à altura do ombro – Desejaria o rei Uddagary ouvir a história até o final?

* * *

Dois grupos foram constituídos e, antes do meio do dia, já estavam no portão principal da cidade. Um, utilizando o carro, percorreria o deserto. Outro, liderado pelo próprio Uddagary, caminharia em direção a Kamahkam.

– Se encontrarem alguém por lá, certamente estará morto – disse Uddagary ao grupo do deserto – Mas, mesmo assim, quero ter certeza. Agora vão!

Com esse comando, os dois grupos se separaram. Uddagary e seus homens marchavam contornando o grande muro. Após algum tempo, chegaram ao local onde emergia a passagem subterrânea por onde o príncipe havia escapado. Uddagary olhou para o local da passagem, mas, não querendo despertar a atenção dos demais, prosseguiu. A partir daquele ponto, já estavam trilhando sobre os passos de Kedder.

* * *

A noite não tardou a chegar e os soldados se prepararam para acampar. Ao que alguns se afastaram um pouco, Uddagary sussurrou a Havien:

– Aquela do incêndio, hein?

– Foi ideia da sua esposa – respondeu Havien.

– Ha! – exaltou-se Uddagary, com sua risada seca – Fico imaginando o coitado do guarda tentando apagar o fogo. Que bagunça!

– Sua viagem também contribuiu – comentou Havien – Do contrário, haveria mais guardas e não creio que o resto do plano teria funcionado.

– É... – resmungou Uddagary, enrijecendo o semblante – Resta saber se o resto da sua ideia também dará certo, não é, Havien? Você me garantiu que o príncipe confia em você!

– Sim, ele confia. Mas não se trata de uma ideia apenas, Uddagary, e muito menos de uma ideia minha. Trata-se do que realmente acontecerá. Não se lembra do que está escrito na profecia?

Uddagary concordou com a cabeça. Depois, sugeriu:

– Não seria melhor reduzirmos um pouco a marcha para não alcançá-los tão cedo?

– Não. Acredito que devemos acelerar e encontrá-los o quanto antes.

– Mas, por quê? – perguntou Uddagary.

– Imagino que precisarão da sua ajuda.

13

- MORTE -

– Imagina que conseguiremos manter a vantagem, alteza? – perguntou um dos Yavogs.

– Não sei. Temos que manter ao menos o ritmo – respondeu o príncipe, apertando o passo.

Kedder percebia a mudança na vegetação. O solo rígido e sem vida das imediações da cidade dera lugar, inicialmente, a uma paisagem muito parecida com a do Vale da Borda, com suas árvores pequenas e retorcidas. Alguns dias depois, no entanto, já estavam todos envolvidos pelas árvores. O terreno se tornava cada vez mais acidentado, denunciando a aproximação dos penhascos. O líder Yavog ia à frente com Sarina e um de seus homens. O outro, mais atrás, seguia o príncipe. Em um ponto mais sinuoso da trilha, Kedder teve a impressão de ver um vulto na mata. Quando pensou em alertar o homem que o acompanhava, este já se lançava sobre o corpo do príncipe, derrubando-o ao chão:

– Cuidado, alteza!

– Sarina! – exclamou o príncipe, tentando se levantar.

– Não, alteza, fique abaixado. Verei como estão os outros – disse ele, avançando sorrateiramente pela trilha até encontrar o restante do grupo, pouco mais à frente.

Kedder, abaixado, procurava identificar o vulto visto momentos antes.

– Malditos Uddagary – resmungou ele, batendo no chão com a mão fechada – Conseguiram nos alcançar!

– Creio não terem sido eles, príncipe – disse Havien, aparecendo subitamente.

– Havien? Como é que... O que você está fazendo aqui?!

– Príncipe Kedder me pediu, lá no alto, que o acompanhasse em sua viagem – disse Havien, abaixando-se, calmamente, à altura do príncipe – Sua viagem ainda não terminou...

– Mas como veio para cá sozinho?

– Não vim sozinho. Vim com os Uddagary.

– Então, foram eles que nos atacaram!

– Nada ganham os Uddagary precipitando um ataque que não os leva a alcançar o seu objetivo. Ainda que tivessem conseguido matá-lo, príncipe Kedder, isso não faz do seu amigo barão o rei da Sindávia. Não foram eles.

– Mas você os trouxe até nós, Havien!

– Príncipe, se eu sou cego, é mais provável que eles tenham me trazido até vocês...

– Bem, se você diz que não foram os Uddagary, onde eles estão? Não vejo ninguém com você.

– Nós nos separamos há pouco. Não devem estar longe.

Outra flecha.

– Havien, esconda-se. Se não são os Uddagary que estão nos atacando, vou descobrir quem é – disse Kedder, deixando silenciosamente o local e esquivando-se pela mata.

* * *

– Olhe lá, aquele homem cego... Ele está aqui – disse um dos Yavogs a seu líder.

– Amigo do príncipe! Proteger muito! Fica com moça – disse Yavog, separando-se do grupo para socorrer Havien.

*

Kedder avistou o vulto se esgueirando por trás de uma árvore. Não era possível identificá-lo, mas a ponta do arco acima de sua cabeça o denunciava. O arqueiro percebeu a presença do príncipe e lançou uma flecha em sua direção. Kedder, tropeçando em uma raiz, foi ao chão, ferindo levemente o braço em um arbusto repleto de espinhos. Acabou por se livrar da trajetória da flecha e constatou, então, o óbvio. Ele não tinha armas nem mesmo para um combate corpo a corpo. Naquelas condições, tentar alcançar um inimigo armado de arco e flecha seria declarar a própria morte. O arqueiro fugiu.

*

Uddagary pediu atenção redobrada a seus homens. Era certo que mais alguém estava na mata.

*

– Havien, vem! – disse Yavog, chegando para resgatá-lo – Onde está príncipe?

– O príncipe foi tentar alcançar o inimigo – respondeu Havien.

– Sem arma?! Perigoso muito! – disse Yavog, tomando Havien pelo braço e conduzindo-o pela trilha em direção ao restante do grupo.

*

Do alto de um promontório, um arqueiro preparou um disparo. Ao ouvir um barulho na mata, olhou rapidamente para o lado. Era uma pedra rolando morro abaixo.

*

Enquanto Sarina se esforçava para procurar o príncipe por entre as folhas das árvores, os dois Yavogs se esforçavam para mantê-la com a cabeça abaixada. Um deles se alarmou ao perceber um vulto se aproximando, mas se acalmou quando reconheceu seu líder, que trazia consigo o amigo do príncipe.

*

Um dos soldados viu um homem lançar uma flecha e, junto dos outros, partiu em sua perseguição. Uddagary não os acompanhou, seguindo por uma trilha diferente, morro acima. Do alto, viu quando Yavog deixou Havien ao chão, correndo em direção a Sarina. Uddagary atirou uma pedra morro abaixo.

*

Kedder viu alguns soldados Uddagary. Pensou em correr para se juntar a eles, mas, de repente, um forte grito, agudo e apavorado, tomou conta da floresta. O príncipe decidiu voltar.

*

Os dois Yavogs procuraram auxiliar Havien, que fora deixado ao chão. Sarina lançou um olhar amedrontado para o líder Yavog, que corria em sua direção.

*

O grupo dos soldados corria atrás do arqueiro. Viram a flecha recém-disparada presa ao tronco de uma árvore em cuja base havia um arbusto repleto de espinhos. Kedder podia ser visto ao longe, voltando em direção ao restante do grupo.

*

Uddagary viu um arqueiro preparando um disparo do alto de um promontório. Lançou uma pedra para tentar distraí-lo, mas ele apenas olhou rapidamente para o lado. Uddagary, então, começou a correr em direção ao arqueiro que, disparando a flecha, fugiu em seguida.

*

O grupo dos soldados Uddagary parecia ter perdido o inimigo de vista. Após uma última verificação, retornaram cautelosamente para se juntarem aos demais.

*

Yavog abandonou subitamente Havien ao chão quando viu um arqueiro, do alto de um promontório, preparar um disparo na direção de Sarina, que lançou um olhar amedrontado para Yavog.

*

Os dois arqueiros chegaram a se ver, mas cada um, fugindo de um inimigo diferente, correu em uma direção.

*

Daquela posição, um lançamento de machado seria certeiro, mas Yavog não o encontrou quando levou a mão à cintura. Os Uddagary haviam ficado com as armas. Nada podia ser feito. O arqueiro apontou para Sarina e retesou o arco. Ouviu um barulho na mata, olhando, rapidamente, para o lado. Era uma pedra rolando morro abaixo. Voltou a mirar, disparou a flecha e fugiu.

*

Kedder começou a correr de volta ao grupo. O grito era de Sarina. Assustou-se quando um homem passou por ele com um arco na mão. Era outro arqueiro. O homem, habilmente, desviou-se do príncipe e tomou um caminho não aberto pela mata. Uddagary, perseguindo-o logo atrás, só teve tempo de desviar a espada, atingindo com seu corpo o príncipe, que caiu desorientado. Uddagary não parou.

*

Yavog alcançou Sarina no exato momento em que a flecha abandonava o arco. Não houve tempo de defendê-la a não ser protegendo-a com seu próprio corpo. Yavog, atingido no pescoço, caiu, sangrando, sobre a moça. Sarina soltou um forte grito, agudo e apavorado.

*

Kedder não demorou a se levantar. Olhou para trás, mas não viu nem o arqueiro, nem Uddagary. Ainda cambaleando, continuou seu caminho de volta.

*

Yavog estava ferido mortalmente. Sarina, sentada aos pés de uma grande árvore, procurava cuidar do ferimento. Os dois Yavogs logo se abaixaram temendo novos ataques. Receosa de mexer na flecha, Sarina não conseguia estancar o sangramento no pescoço de Yavog.

*

Uddagary, em um salto, lançou-se sobre o arqueiro em fuga e acertou-lhe as costas com a ponta de sua espada, abrindo um grande rasgo na pele do homem, que, desequilibrado e quase morto, caiu ao chão.

* * *

Yavog já havia perdido bastante sangue quando o príncipe chegou. Um dos homens narrou rapidamente o que ocorrera. Kedder se aproximou de Yavog, que estava deitado com a cabeça recostada sobre a raiz de uma grande árvore.

– Alteza... – dizia ele, com alguma dificuldade – Perdão, alteza...

O príncipe se abaixou e segurou, firmemente, a mão de Yavog.

– Mas por quê, Yavog? Perdão por quê? Você agiu como um grande cavaleiro! Salvou sua rainha!

– Malditos Uddagary! – disse um dos homens.

– Não foram eles, não foram os Uddagary! – disse Kedder – Acredito que estavam nos ajudando!

– Ah... Não importa... Muito... – disse Yavog, entrecortadamente – Vai morrer...

Yavog apertava a mão do príncipe com a pouca força que ainda lhe restava. Tentou dizer qualquer coisa, mas sua voz estava muito fraca. Apesar da dor que sentia, o semblante de Yavog denotava grande tranquilidade.

– Eu vi... É mulher... não é homem... – disse Yavog – Bonita muito...

– E não é brava? – comentou o príncipe, sorrindo para o amigo ferido.

– Não... Ela avisou... arqueiro...

Kedder olhou para a relva onde Yavog estava deitado. Levantou um pouco mais a cabeça já sabendo a imagem que encontraria. Tão perto e tão imperceptível. Gaya, tomando a forma da própria árvore, tinha Yavog nas mãos como também o fazia o príncipe.

– Yavog, veja... – sussurrou Kedder próximo ao ouvido do amigo.

Yavog virou levemente a cabeça. O sereno olhar de Gaya lhe diminuíra a dor. O grande líder dos Yavogs pediu perdão pelas suas atitudes do passado e, a cada fôlego, perdia sua cor avermelhada para um tom pálido. Uma lágrima caiu do rosto de Kedder.

– Yavog... salvou... rainha...

Gaya sorriu e olhou para o príncipe.

– Plantar... as árvores... e cuidar... muito... – pediu Yavog ao príncipe.

– Sim, meu amigo – disse Kedder, chorando – Farei isso! Farei isso por você!

– Não... Yavog não... Yavog já vai... Pelos outros... que não... que não sabem ela... – disse Yavog, apontando para Gaya e exalando uma última respiração para fechar seus olhos para sempre.

Kedder olhou para Gaya, cuja imagem vagarosamente perdia sua intensidade. Um barulho na mata fez o príncipe desviar seu olhar. Era Uddagary, trazendo um homem morto debruçado às suas costas.

– Tome o seu arqueiro! – disse ele, nervoso, atirando o homem ao chão.

– Meu arqueiro? – exclamou o príncipe, com espanto.

– Seu sim! – gritou Uddagary, jogando para o príncipe um pedaço da roupa do arqueiro que se rasgara.

– É uma insígnia – observou o príncipe – Uma insígnia real. Esse homem é um cavaleiro?

– Como é que eu vou saber? – respondeu Uddagary – Veja você. Você que conhece a sua gente!

Uddagary virou com o pé o corpo do homem para que seu rosto aparecesse. Kedder não conseguiu disfarçar seu espanto.

– Quem é esse? – perguntou um dos Yavogs.

O príncipe colocou as mãos na cabeça.

– Vamos, príncipe, responda! – exigiu Uddagary, impaciente.

– Não consigo compreender... – disse Kedder, confuso – Como ele podia estar aqui? E por que estava tentando nos matar?

– Ih, amigo, pode esquecer – disse Uddagary ao homem Yavog – Você faz uma pergunta ao príncipe, ele devolve duas...

– Este homem – continuou Kedder – faz parte do exército. É filho de Aytilla, um dos principais capitães do exército real... Esperem... Esse não é o homem que tentou me matar. O capuz era diferente.

Nesse momento, chegavam os soldados de Uddagary.

– Não conseguimos alcançar o outro, senhor – disseram eles – Estava muito distante e fugiu pela mata fechada.

– Eram dois homens, então – concluiu Kedder – Mas é certo que este não foi quem atirou contra mim.

– Mas é certo que este foi quem atirou contra sua namorada! – disse Uddagary, desdenhosamente, pegando as flechas do homem e comparando-as com a flecha que atingira Yavog.

– Uddagary, por favor – disse Havien, tentando evitar discórdias.

– Estamos no meio de um impasse aqui – disse o príncipe – Não faço ideia de quem possa ser o outro homem e este, cuja identidade conhecemos, está morto e não pode nos ajudar. Sugiro seguirmos viagem para chegarmos o mais rápido possível ao castelo. Lá descobriremos o que aconteceu aqui. Meu pai deverá saber. Provavelmente, uma traição.

– Concluindo, já, príncipe? – perguntou Havien.

– Não – respondeu Kedder, olhando para o corpo de seu amigo Yavog – concluindo apenas que essa matança já passou dos limites. Precisamos esclarecer o que está acontecendo se quisermos acabar com estas mortes. E se ninguém mais se importa, eu me importo. Eu vou encontrar um jeito de acabar com esse barbarismo!

– Príncipe Kedder – chamou Uddagary, pegando a espada de um dos soldados – Se você conseguir segurá-la, é melhor ficar com ela. Um príncipe fraco pode ter uma espada fraca, mas um príncipe forte precisa de uma espada forte.

Kedder olhou com alguma desconfiança. O mesmo fizeram os soldados. Uddagary segurava a espada inofensivamente e, por fim, o príncipe aceitou a oferta. Os Yavogs receberam de volta seus machados.

– Uma espada não substitui seu consentimento, senhor Uddagary – alertou Havien – A espada serve para as disputas, enquanto seu consentimento, para interrompê-las.

Uddagary olhava para o príncipe sem nada dizer.

– Consentimento? – perguntou Kedder.

– Conte a ele, Uddagary – insistiu Havien.

O rei Uddagary hesitou um pouco e disse:

– Sarina é minha filha, príncipe.

– O quê? – admirou-se Kedder – Sua filha? Sua filha é sua serviçal?

Kedder aguardava o momento em que Uddagary daria uma boa risada e confirmaria que tudo não passava de uma brincadeira. Esse momento, entretanto, demorava demais a chegar. A expressão no rosto de Sarina denunciava que a notícia era novidade mesmo para ela.

– Uddagary! Você está louco? Não está falando sério, está? Como é isto? Explique-se!

– Ei, garoto, não é assim que se trata o sogro... – disse Uddagary, em tom de leve brincadeira.

Sarina era filha de Uddagary, mas não de sua esposa, a rainha de Udda. Certa vez, Uddagary se enamorara de uma serva, sendo esta a verdadeira mãe de Sarina. Complicações no parto levaram à

morte da mulher e a rainha, não admitindo a moça como filha, concordou que ela fosse mantida como serva. Uddagary não teve melhor opção. Dessa forma, sua traição se manteria em segredo e o povo desconheceria o comportamento promíscuo de seu rei.

– Quer dizer que... – concluía Kedder, aos poucos – Por isso a rainha nos ajudou com a fuga. Foi um jeito de ela se livrar de Sarina.

– Creio que sim – continuou Uddagary – Um dos meus guardas já me prevenira sobre um possível romance entre vocês dois, mas não pensei que poderia ser uma oportunidade para minha mulher aparecer com essa ideia da fuga. Engenhosa ela, não é mesmo?

– Elas sempre são – comentou Havien.

Sarina, imóvel, ouvia a história. Kedder se aproximou e abraçou-a. Uddagary continuou:

– Por fim, e parece que isso é o que mais importa... A pedido de seu amigo aqui, estou consentindo nessa união. Não imagino que isso mudará em nada o destino de qualquer um de nós aqui, exceto pelo de Sarina, de forma que não há por que tentar impedi-los. Da minha parte, estão livres para partir.

Sarina e Kedder se entreolharam com ternura. Era um alívio saber que, ao menos nos próximos dias até o retorno ao castelo, não precisariam viver em constante apreensão.

– Venham conosco, então! – disse o príncipe em um tom estranhamente convidativo – Em muito breve serei proclamado rei da Sindávia. E sua filha, nossa rainha!

– Príncipe – alertou Uddagary – a presença de qualquer um de nós próximo ao seu castelo poderia causar enorme transtorno à sua sucessão. Eu apenas dei o meu consentimento à sua união com Sarina, mas meu exército continua forte e treinado, pronto para a batalha, como você mesmo viu em Udda. Não sei o que aconteceria com sua Sindávia se estivéssemos lá. Os problemas entre nossos povos ocorreram há muito tempo, mas as pessoas não se esquecem das coisas tão facilmente. Seria inevitável um confronto armado. Tem certeza de que deseja manter seu convite?

– Não é inevitável, senhor Uddagary. A lei, apesar de não obrigar, concede a todo cidadão da Sindávia o direito de assistir à solenidade de posse. E vocês são cidadãos da Sindávia, mesmo que não concordem. Além disso, na semana da posse, o exército real só pode guerrear em defesa. Se não houver ofensiva da parte de vocês, não há porque temer confrontos armados.

Uddagary olhou para seus homens. Como bons guerreiros, seus semblantes não demonstravam sentimento algum e estavam ali prontos para o comando de seu chefe. Mesmo assim, apesar de serem valentes soldados, eram apenas seis e, nessas condições, jamais poderiam se defender de um ataque do exército real. Os povos já haviam guerreado antes e muito rancor havia sido guardado. Era impossível prever no que poderia resultar uma reaproximação.

– Todo cidadão da Sindávia pode assistir, é isso? – disse Uddagary.

– Sim, é um direito assegurado – respondeu Kedder, seriamente.

– Então, homens! – conclamou Uddagary – Temos uma festa para ir!

Kedder sorriu. Os soldados se permitiram sorrir também, embora ainda estivessem inseguros quanto à rápida aceitação do convite por parte de Uddagary.

– Bem, se não restam dúvidas, o que precisamos fazer agora é marchar! – bradou Kedder, convidando todos a seguir viagem –

Sua presença aqui nos ajudará, senhor Uddagary. Precisamos chegar a Kamahkam.

– Sim, alteza – disse Uddagary, jocosamente – Eu os levarei até lá.

– Agradecemos. Mas, antes... Preciso honrar meu bravo e destemido cavaleiro. Yavog foi um amigo fiel e um grande companheiro durante o pouco tempo em que estivemos juntos. Sua morte é a clara representação do que ainda resta de ódio entre os homens. Isso precisa e vai mudar. Agora, porém, precisamos dar ao nosso amigo um funeral digno de um cavaleiro.

As pessoas olhavam para o príncipe. Em verdade, apenas ele sabia como era um funeral digno de um cavaleiro.

– Devemos lembrar também que os Yavogs perderam seu líder e precisam de outro. Você – disse Kedder apontando para um dos homens – passa a ser o novo líder de seu povo. Lá, no Pulmão do Diabo, não se sabe da morte de Yavog e, até que possamos reencontrá-los para contar-lhes o que ocorreu, você representará seu povo com a minha autorização.

– Mas, alteza... – hesitou o homem, sem saber ao certo o que fazer.

– Sei o que sente, amigo. Acredite, sei exatamente o que está sentindo.

– Bem, alteza, se é sua vontade...

– Certamente. Você era o arqueiro imediato do líder Yavog. Fazia parte de sua guarda pessoal. Tenho certeza de que saberá desempenhar a função de meu real cavaleiro a partir de agora.

– Muito me honra, alteza.

– Vou ensiná-lo a realizar o funeral de um cavaleiro e, como não temos tudo o que precisamos aqui, faremos o que pudermos. Os Yavogs bem sabem trabalhar com os recursos que têm nas mãos, não sabem?

– Sabemos “muito” – disse o homem com grande emoção.

O grupo precisaria acampar naquele local. Enquanto Kedder, com a ajuda do novo líder Yavog, providenciava o necessário para o funeral, Uddagary e seus homens preparavam o acampamento. À noite, quando todos estavam reunidos, uma fogueira foi acesa. Uma insígnia para o cavaleiro morto fora confeccionada em madeira e colocada sobre seu peito. O corpo de Yavog permaneceu durante algum tempo ao lado da fogueira, circundado por flores silvestres. Uma cova havia sido feita e, antes que o dia escurecesse por completo, o corpo de Yavog se uniu, definitivamente, ao da floresta que ele tanto se preocupou em preservar.

* * *

A temperatura, que já começava a baixar devido à proximidade do inverno, era ainda menor no seio da mata. O fogo que fora útil para a homenagem ao cavaleiro também servia aos homens que ali passariam a noite. O mais novo e controverso romance da Sindávia também encontrava alento na bruxuleante luz das chamas.

– Deixe-me ver – pediu Sarina, referindo-se ao ferimento de Kedder no braço.

– Ah, não é nada, não se preocupe – respondeu o príncipe, valente.

Sarina cuidou do ferimento de Kedder com uma mistura de ervas e seiva de árvore feita por um dos Yavogs. O inchaço começou a ceder e o corte mostrava sinais de rápida cicatrização. Havien vinha em direção aos dois.

– Ele que é o seu amigo, não é? – perguntou a moça – Jamais vi alguém assim antes.

– Nem eu, Sarina, nem eu – respondeu o príncipe, rapidamente reavivando em suas lembranças os últimos meses vividos na companhia de Havien.

– Depois você me conta melhor a respeito dele. Vocês devem ter bastante o que conversar. Vou deixá-los sozinhos enquanto pego um pouco de água.

Kedder acompanhava cada passo de sua linda princesa que se afastava. Havien, ao passar por ela, baixou a cabeça em sinal de reverência. A moça sorriu. Havien se aproximou do príncipe e sentou-se ao seu lado.

– Eu estou apaixonado, Havien. Sarina é... Ah, nem sei como descrevê-la... – murmurava o príncipe – Repare no que ela acabou de me dizer. Disse que me deixaria a sós com você para conversarmos melhor. Que delicadeza, não é?

– Sarina faz exatamente o que é necessário, príncipe. Faz tudo que é necessário e não faz nada que não o seja. É nesta estreita linha que mora a delicadeza. Nada a menos. Nada a mais.

– E de pensar que eu a conheceria de maneira tão inesperada...

– É, príncipe... Você pode dizer o que quiser sobre sua vida, menos que ela é entediante...

Kedder sorriu. Após a longa viagem, sentia-se cansado, física e psicologicamente, mas concordava com o amigo que, em tão pouco tempo, as mais variadas situações haviam sido vividas. Aquele último ano oferecera experiências demais para um jovem príncipe.

– Ah, você pensa assim? – perguntou Havien – Pensa que foram muitas experiências para um jovem príncipe?

– E você não concorda?

– Sim, concordo. Só espero que não esteja pensando que elas chegaram ao fim – alertou Havien.

– De certo que não. O mais importante ainda está para acont...

– Príncipe Kedder – interrompeu Havien – você se lembra da raiz em que tropeçou, não se lembra?

– Sim.

– Espero que se lembre do que aprendeu com isso...

– Eu me lembro. Falhei por estar pensando demais em algo quando, na verdade, havia outra coisa à qual eu deveria ter prestado atenção.

– Que bom que se lembra. Porque acredito que você está dando demasiada atenção à cerimônia de sua posse. Recomendo que procure não cometer os mesmos erros de antes. A atenção excessiva a um item pode cegá-lo para os demais.

– A que se refere, especificamente?

– A nada, príncipe. Refiro-me a tudo.

– Pretende que eu entenda isso? – perguntou Kedder, intrigado.

– Especificamente, a nada me refiro, príncipe. Refiro-me a tudo. Essa ideia o incomoda desde pequeno e, por causa dela, muito da vida você não conseguiu observar. Em menos de um ano, durante sua viagem, você só aprendeu o que aprendeu porque aprendeu também a observar. Você pouco citava a solenidade e quase sempre era eu quem o lembrava deste dia. Com a mente desimpedida, você cresceu.

– É verdade. Mas falta pouco agora, Havien. Estamos quase chegando. Creio que a proximidade da data esteja me incomodando. Algumas semanas, apenas! Só faltam algumas semanas!

– Muito aconteceu neste último ano que não nos outros vinte e seis da sua vida. Muito poderá acontecer em algumas semanas que não tenha acontecido neste último ano...

– E eu acabei envolvendo você nessa história toda, não é?

– Por que diz isso? – inquiriu Havien.

– Fui eu quem o convidou para a viagem. Bem, pode-se mesmo dizer que eu o forcei a vir.

– Não existe apenas o seu planejamento, príncipe, e o fato de eu fazer parte dele não significa que não possa também fazer parte de outro. Você não me obrigou a nada, acredite. Eu o acompanhei em sua viagem porque precisava ser assim.

A luz da fogueira havia diminuído um pouco. Kedder observava os delicados movimentos de Sarina, que auxiliava os homens com seus pertences enquanto aguardava a fervura da água para o preparo de um chá. Sua pequena panela, pendurada sobre alguns gravetos, dividia espaço no fogo com um animal que fora caçado e, àquele momento, já estava quase pronto.

Um dos soldados de Uddagary se aproximou para bisbilhotar o assado e, sem querer, esbarrou na estrutura de gravetos que sustentava a panela com a água de Sarina, derrubando-a ao chão. O grande homem ficou sem jeito. Sarina se aproximou dele, olhando para a panela tombada sobre a fogueira. Em seguida, apontou para os fortes braços do homem e, afastando-se um pouco, ergueu seus próprios braços em posição de exibição de força. Pegou o guarda pela mão e o conduziu para longe da fogueira, recomendando que assim ele se mantivesse até tudo estar pronto. Ambos riam bastante. Ao conduzir o soldado, Sarina cruzou com Uddagary. Era visível a dificuldade com que o homem encarava a moça depois de ter revelado sua relação com ela. Após aquietar o estabanado, Sarina se aproximou do pai e sentou-se ao seu lado. Em pouco tempo a tensão no rosto de Uddagary dava lugar a uma expressão leve. Algo que conversavam fazia o homem se sentir, talvez, menos culpado. Sarina sorria o tempo todo.

– Essa mulher... Que grande rainha será! – comentou Kedder com Havien, retomando a conversa – Você viu o que ela fez quando... Ah, perdoe-me, Havien.

– Seja meus olhos, príncipe, como eu tenho sido os seus.

– O jeito como ela lida com as pessoas... – continuou Kedder – O soldado Uddagary derrubou a panela dela tentando beliscar um pedaço do assado. Qualquer um ficaria bravo, principalmente pela razão que levou o homem até a fogueira. Ela, além de não se aborrecer, ainda fez com que o homem se afastasse do assado sem pegar nenhum pedaço. E sorrindo!

– Esta moça é especial, príncipe. Não me admiro de você ter se apaixonado por ela, uma pessoa tão doce que suas repreensões são facilmente confundíveis com elogios.

– Gostaria de lidar tão bem com os meus problemas quanto ela com os dela. Por falar nisso, qual sua avaliação, Havien?

– Não entendi sua pergunta, príncipe.

– Queria saber de uma avaliação sua a respeito do meu desempenho até aqui.

– Você mesmo é capaz de fazer uma correta avaliação de seu desempenho. Você, mais que ninguém, conhece suas forças e suas fraquezas.

– Às vezes, penso que você conhece minhas forças e minhas fraquezas melhor do que eu mesmo.

– Isto não é verdade. Eu nada lhe apresentei de novo sobre você mesmo. Tudo o que fiz foi lembrá-lo de que todas as suas forças e suas fraquezas estão aí e que o príncipe precisa lidar com elas para poder crescer.

– Ainda assim, não me sinto preparado, Havien.

– Você não é o mesmo de ontem, e não será o mesmo amanhã. Sua obrigação é estar preparado para assumir o comando de seu reino quando o momento chegar. Sua obrigação nunca foi ter nascido pronto para isso.

– Então eu terei que correr muito nas próximas semanas – disse Kedder, bem humorado.

– Você tem feito boas alianças. Por que não dizer boas amizades? Amizades sempre ajudam. Elas o ajudarão na sua tarefa.

– Eu confio nos Yavogs, mas tenho receios quanto aos Uddagary. Acredito que eles só estão esperando uma oportunidade para... Ah, não sei. Não gosto do jeito deles.

– O mesmo aconteceu com os Yavogs, não se lembra? – recordou Havien – Muito receio no início. Depois foi possível perceber o que havia neles de valoroso e, com isso, veio a amizade. Talvez você esteja apenas cometendo o mesmo erro agora, príncipe, ao analisar o valor do quadro apenas pela aparência da moldura.

– É possível. Mas não consigo saber quais são as reais intenções deles. O próprio convite que fiz... Não estava muito seguro quando os convidei para nos acompanhar ao castelo.

– É possível que todos tenham percebido isso – comentou Havien.

– Sinceramente, só os convidei porque são poucos e, mesmo sabendo de suas superiores habilidades de guerra, imagino que sete homens não podem representar grande ameaça ao exército real, concorda?

– No formato que apresenta, sim, concordo. Mas, independente dos seus sentimentos em relação a eles, você agiu com diplomacia. Desempenhou a função do príncipe e manteve a ordem. Boa foi também a conduta com os Yavogs. A perda de seu antigo líder seria um abalo maior se você não tivesse participado da nomeação de um novo.

– Ah sim – disse Kedder, orgulhoso de si próprio – Isso aprendi na cavalaria. Alguns homens precisam de um líder. Um líder não serve apenas para mandar. Através do líder você cria esperanças que, sozinho, talvez não conseguisse alimentar. Com o líder você divide o peso das responsabilidades que, sozinho, talvez não pudesse suportar.

– Você disse que alguns homens precisam de um líder – frisou Havien.

– Sim, não concorda?

– Não, não concordo. Todos os homens precisam de um líder, Kedder, e não apenas alguns. Ou através de quem o líder vai alimentar as suas esperanças? Ou com quem vai dividir as suas responsabilidades? A diferença é que o líder do líder é algo maior e mais forte do que um cargo ou uma patente.

– E quem seria?

– Seus valores, príncipe, suas virtudes, seus conceitos. Estes precisam ser muito fortes. Daí vem a força do líder, e a força do líder é a força de seus liderados. Se um homem qualquer deve ser liderado por seu líder, um líder deve ser liderado por seus próprios valores.

– Isso coloca o líder em uma posição, digamos...

– Mais importante, você quer dizer? – antecipou Havien.

– Tentava não usar essa palavra, mas foi isso que pensei – admitiu Kedder.

– Tentou não usar porque já tem dentro de si o conceito correto, apesar de não saber expressá-lo. Nem todos são líderes, nem todos são liderados. Mas ambos têm suas funções e ambos são importantes. Já imaginou a confusão em um mundo só de liderados sem um líder? Ou, o que é igualmente trágico, um mundo só de

líderes sem liderados? O importante é que o conjunto, líderes e liderados, sempre busque o melhor para o próprio conjunto, em vez de benefícios isolados.

– Faz muito sentido o que está falando, Havien. Todos temos nossas funções. Nossos postos não fazem de nós pessoas melhores ou piores.

– Como as coisas que acontecem a você. Nem boas, nem ruins...

– Apenas necessárias! – lembrou o príncipe, com entusiasmo.

Sarina chamava os homens, um a um, para se reunirem próximos à fogueira.

– Parece que o jantar está pronto – suspeitou Kedder – Cada um que fala com Sarina salta e rapidamente se dirige à fogueira. Vamos lá?

Sarina chegava neste momento com o convite para o jantar.

– Temos um excelente assado e uma deliciosa sopa ao aguardo dos senhores. O que me dizem? Vamos? – disse ela, com a expressão de um anjo.

– Claro, vamos sim! – respondeu o príncipe – Havien, você não vem?

– Meu problema é com os olhos, príncipe, não com o estômago...

Todos riram.

– Ah... – lembrou-se Sarina, tirando do bolso um artefato de madeira e entregando-o a Kedder – Fiz isso para você.

– O que é isso?

– É um colar. Tem este pequeno tubo de madeira. Queria fazer um bem bonito para você, igual ao do rei Uddag... igual ao do meu pai. Mas aqui não tenho como trabalhar o metal... Então, fiz com madeira mesmo. Serve para dar sorte! – disse ela, com entusiasmo.

Kedder olhou para Havien e, depois para os outros homens reunidos em torno do assado. O colar de Uddagary reluzia.

– Kedder? – chamou a moça.

– Ah, sim, Sarina, desculpe-me. Muito obrigado pelo colar – agradeceu Kedder.

Todos se sentaram em torno do fogo.

– Ela disse que é para dar sorte? – murmurou Havien.

Kedder olhou mais uma vez para o pequeno tubo metálico pendendo no pescoço de Uddagary.

– Sim, foi o que ela disse. E creio que ela está certa.

14

- A PROFECIA -

“Não a um ou a outro, mas a todos. Àqueles que viram o sol nascer e morrer tantas vezes, àqueles que já se foram e àqueles que ainda virão, minhas palavras são para todos. Em mil anos, inevitável é a revolução. Quando insuportável é a dúvida, a revolução traz a certeza. Grande é o dia e estrondoso é o impacto quando a escuridão se coloca à frente da luz.

A comida falta. Maior é a sede daquele que mais água possui. O infinito escolhe o agente da revolução e nele deixa a marca de sua infinita força. O grande eleito vê com diferentes olhos e persevera. Está perto da morte por três vezes e não morre. No grande dia, todos veem o sinal de sua predestinação e nenhum poder resiste. A ele todos se curvam e a seu favor todas as forças conspiram. O agente da revolução destrói um reinado para edificar outro. Ninguém pode contê-lo nem à sua infinita força. Reina sobre todos os homens e a uma nova era dá início.”

15

- UMA HISTÓRIA DE AMOR -

Desejar vida melhor não poderia. Borghus, o jovem príncipe, tinha fartura de alimentos e de roupas, poucas obrigações e muitas pretendentes a escolher. Ao ser coroado rei, adicionaria poder a todos os privilégios de que já desfrutava. Aqueles eram tempos de excitação e deslumbramento, de descobertas, de experiências. Dois anos mais tarde, quando completasse vinte e cinco anos, Borghus assumiria o trono, depondo seu próprio pai, como regiam as leis da Sindávia. Mas, até lá, o príncipe viveria a plenitude de sua juventude. Estas eram, ao menos, suas pretensões.

Toda a corte real estava também animada, mas por outra razão. Naquele ano, seria comemorado o aniversário de trezentos anos da Batalha de Unuts, a mais famosa disputa do reino, e que definira a vitória dos Sindagary sobre os Uddagary. Uma grande festa seria montada na praça da coroação, em frente do castelo, como acontecia a cada dez anos. O rei não havia poupado esforços nem moedas para garantir uma belíssima cerimônia, pois aproveitaria a dramatização da batalha para promover a imagem de Borghus, seu filho, colocando-o para representar um importante cavaleiro Sindagary da época.

* * *

O combate se dera ao longo de um mês de ininterruptos ataques de ambos os lados. Os Uddagary pareciam ter conseguido importante vantagem após o rapto de um garoto Sindagary. Amarrando o garoto em um cavalo, ameaçavam arrastá-lo. Um dos imediatos do líder Uddagary apresentou-se no campo de Unuts ao

lado do cavalo. Em uma das mãos, trazia o bicho por uma corda e, na outra, um chicote. O cavalo andava mansamente e o garoto, amarrado por um dos pés ao traseiro do animal, acompanhava-o temeroso de que o soldado golpeasse o cavalo a qualquer momento. Os Sindagary tinham razões de sobra para se preocupar: o garoto era filho do rei. Tudo tendia a uma negociação que colocaria fim ao conflito, possivelmente com perda para os Sindagary, mas o desfecho foi outro. Em um gesto mais do que corajoso, o pequeno garoto se atirou sobre o corpo do soldado Uddagary, derrubando-o ao chão e roubando-lhe a espada. O cavalo, naturalmente assustado, principiou a disparada de volta ao acampamento, arrastando o garoto. Quando o animal se deparou com o líder Uddagary, virou-se para se desviar. O garoto, que não largou a pesada espada por um único instante, foi projetado na direção do homem, penetrando-o com a espada de forma aterradora e inexplicável. O cavalo, logo em seguida, suavizou a corrida até parar. O garoto, com vários ossos quebrados e a face desfigurada pelo arrasto, estava morto. Acostumados às mortes nos campos de batalha, aquilo fora assustador até mesmo para os mais bravos soldados. O exército Uddagary, ao ver seu líder morto, agrupou-se em defensiva. Do outro lado, observando, ao longe, o corpo de seu filho estendido no chão, o rei Sindagary ameaçou correr em direção ao garoto, sendo, porém, contido. Enfurecido, puxou sua espada e voltou-se contra seus próprios cavaleiros, ameaçando de morte quem tentasse impedi-lo. Os cavaleiros, temendo o pior e vendo que a situação era inevitável, rapidamente se organizaram e, acompanhando o rei, partiram contra os Uddagary, formando um grupo especial que ia à frente dos demais soldados. O imediato do líder Uddagary, sabendo que se encontravam em desvantagem havia alguns dias e vendo a marcha dos furiosos soldados Sindagary, ordenou retirada. Todo o exército fugiu sob vaias e gritos. “Covardes!” – gritavam os Sindagary – “Lutem até a morte!”.

Em meio à poeira levantada pela agitação de homens e animais, o imediato ainda teve tempo de responder à ofensa:

– Um dia, senhores, um dia! Lutaremos até a morte, sim, mas será a morte de todos vocês! – gritou o homem para, depois, juntar-se aos outros em fuga.

Do lado dos Sindagary, um soldado teve a desafortunada ideia de comentar que a guerra teria sido ganha por causa de um cavalo. Mal terminou de dizer suas palavras e a espada do rei já lhe atravessava o pescoço, cortando-lhe a cabeça com um só golpe. O rei, proibindo a realização de um funeral para o homem, mandou que o atirassem na selva para os bichos comerem, enquanto seu filho, o garoto morto, foi reverenciado e condecorado como o mais bravo cavaleiro do reino. Novas leis foram criadas, novos cargos foram instituídos e até um novo calendário, a partir do ano da batalha, foi estabelecido. Ao expulsar de vez a ameaça Uddagary, os Sindagary passaram a deter total controle sobre a Sindávia.

* * *

– Borghus, você está pronto? – perguntava a rainha.

– Estou indo, minha mãe!

– Veja, meu filho... Estão todos à sua espera.

Borghus olhou pela janela de seu quarto. Era possível avistar, ao longe, a multidão reunida na praça.

– Um bom rei começa cedo a se preocupar com o seu povo – continuou a rainha.

– Já disse que estou indo, minha mãe! – respondeu o príncipe, impaciente – Pronto, vamos!

Algum receio tomava conta do príncipe. Seria o seu primeiro evento público e logo um de tão grande proporção. Assim que saiu pelo portão do castelo, a multidão aclamava o nome Sindagary, fazendo reverências ao jovem príncipe, à rainha e ao rei. Borghus experimentava, a cada dia, o sabor do poder, imaginando o quão mais saboroso seria quando estivesse ocupando, definitivamente, a cadeira de seu pai. No entendimento do príncipe, a única força acima dele era o rei.

A praça, repleta de súditos, aturdia a todos com seus gritos. A comitiva real passou por um comprido e largo corredor entre as pessoas. O olhar de uma jovem incomodou o príncipe Borghus. Ele a acompanhou com os olhos, virando a cabeça para não perdê-la, mas não obteve sucesso, pois muitos eram os que compunham a grande massa e logo aquela imagem se fundiu com a dos outros, tornando-se invisível. Quando o carro se instalou no local apropriado, cada um foi para o seu lugar, tendo início a representação.

Assim como no dia da batalha, o sol brilhava forte, alto, no meio do céu. Os dois lados se confrontariam simbolicamente no centro do corredor. Do lado oeste, um homem representava o rei Uddagary. O príncipe Borghus, no oriente, era o cavaleiro Sindagary que viria a se tornar o primeiro rei da Sindávia após a batalha de Unuts, uma vez que o antigo rei, após a morte de seu filho, não tivera outro herdeiro direto.

Na representação, contudo, o garoto herói não morria. Conseguia perfurar o ventre do inimigo e soltar-se das amarras do cavalo. Após tão grande façanha, seu pai o abraçava, exaltando-o perante todos do exército. A encenação prosseguia até que o garoto crescia e era, por fim, coroado rei. O cavaleiro representado por Borghus realizava apenas uma participação secundária, auxiliando na educação do príncipe. Toda a encenação aconteceu rapidamente para que longa fosse a continuação da festa, com comida e bebida à vontade para todos.

Após retornar para junto do rei, Borghus não conteve sua inquietação e, em baixo tom de voz, arriscou perguntar ao pai:

– Meu pai... Isto não está... O garoto não...

O rei olhou severamente para o príncipe, interrompendo-o e, ao mesmo tempo, tentando explicar-se apenas com o olhar. Um súdito se aproximou e prestou reverência. O rei acenou e sorriu suavemente. Vendo que a dúvida parecia persistir, aproximou-se do ouvido de Borghus e sussurrou:

– As pessoas ficam mais felizes com este final. É importante que elas fiquem felizes, entendeu? Aprenda desde já. Por isso também tem toda essa comida depois...

– Mas, meu pai – insistiu Borghus – a história que está sendo contada não corresponde ao que realmente ocorreu...

– E qual o problema? – exaltou-se o rei – Imagine, então, que esta é uma peça de teatro que eu escrevi, se serve para acalmá-lo. Afinal, eu sou o Rei da Sindávia! Quem vai me impedir de escrever uma peça de teatro?

Borghus se sentiu levemente advertido e não deu continuidade à discussão. Preferiu voltar sua atenção à busca da moça que olhara em seus olhos momentos antes. Durante algum tempo procurou sem êxito, mas, após algumas pessoas terem se espalhado pela praça, Borghus pôde novamente localizá-la. Estava acompanhada por um senhor mais velho, um homem corpulento e muito mais alto que ela. Não se afastaram um do outro por todo o período que o príncipe os observou. Borghus foi cauteloso em chamar um jovem oficial real e questioná-lo sobre o homem.

– Ei, você! Está vendo aquele senhor ao lado daquela moça? – disse o príncipe, apontando discretamente.

– Sim, alteza.

– Quero que descubra quem ele é e onde mora – instruiu o príncipe.

– Ele é um produtor de Maddaghi, alteza.

– Tem certeza?

– Ah, alteza... Um homem deste tamanho é certo que não se esquece quando se vê uma vez.

– Mas Maddaghi é muito grande, não concorda? – rebateu o príncipe.

– Certamente, alteza – respondeu o homem ao perceber a imprecisão de sua resposta – Descobrirei exatamente onde ele mora.

O homem se preparava para atender ao pedido do príncipe quando foi interrompido.

– Mais uma coisa, agora, em particular... Você deveria aproveitar e pedir a ele que lhe ensine algo sobre como conseguir uma namorada como a dele. Tenho visto você com uma moça por aí que, se eu posso ser sincero... – finalizou habilmente Borghus em tom de provocação.

– Ó, alteza, aquela moça não é a namorada dele, é sua filha. O nome dela é Leynah. E, se a alteza permite, digo que seria em verdade uma grande sorte se um homem como eu tivesse uma namorada assim. Ela é realmente muito bonita.

Por alguns instantes ficaram os dois a olhar para Leynah, contemplando suas delicadas feições e o dourado ondulado de seus cabelos. Borghus, então, dando-se conta da situação, despertou o guarda de seus devaneios:

– Pois vá, então, ora!

– Sim, alteza, sim! – disse o homem, tomado de algum susto.

Ao final da tarde, algumas pessoas já haviam voltado às suas casas, mas muitos ainda estavam na praça ou em suas imediações quando tomou conta do horizonte uma forte luz, de intensidade menor que a de um relâmpago, mas de maior duração. A luz permaneceu por alguns momentos, abrandando-se gradativamente até se extinguir por completo. O dia, porém, estava claro e não havia qualquer sinal de chuva. Nem mesmo nuvens eram vistas no céu. O clarão viera da direção de Maddaghi. Alguns homens, principalmente produtores preocupados, resolveram se certificar. Leynah e seu pai, junto com eles, já estavam a caminho de casa antes que o oficial pudesse saber o que o príncipe lhe perguntara. Borghus acompanhava a cena à distância e viu quando o oficial, sem saber o que fazer, voltou seu olhar em busca de instruções. O príncipe fez um enérgico sinal com o dedo indicando que o homem os seguisse até Maddaghi e retornasse com a informação.

* * *

Na manhã seguinte, Borghus cedo se colocou às portas do castelo, montado impaciente em seu cavalo. Ao longe, viu o oficial e cavalgou ao seu encontro.

– Por Deus, se eu tivesse enviado uma tartaruga! – exclamou Borghus.

– Perdão, alteza – dizia o homem – foi uma grande confusão, ontem, em Maddaghi. As pessoas saíram correndo e, depois...

– Guarda! – interrompeu o príncipe – Pretende perder mais tempo com tanta informação que eu não pedi?

– Ó, não, alteza, perdão... Já sei onde moram...

De posse do que desejava saber, Borghus seguiu para Maddaghi no mesmo instante. Acabou por não avisar onde estaria e, depois de algum tempo, alguns membros da corte começaram a se preocupar. A ordem do rei foi que esperassem até a noite. Antes do

dia escurecer por completo, Borghus voltou. Ao encontrar-se com o pai, pareceu tenso, apesar de falante.

– O que foi fazer em Maddaghi, Borghus? – perguntou o rei – Não avisou ninguém!

O príncipe já havia ensaiado uma resposta.

– Viu aquela confusão ontem, meu pai?

– O que tem?

– Ora, as pessoas não podem agir daquela maneira! Estamos no meio de uma celebração e elas devem respeito a nós, não é mesmo? Devem respeito ao senhor, meu pai!

O rei, cujo ego facilmente se inflava, não teve como discordar e aguardou pela continuação.

– Meu pai, as pessoas não podem simplesmente sair correndo atrás de seus interesses quando estão em uma cerimônia real!

– Isso você já disse, Borghus.

– Sim, claro. Bem, eu fui lá para saber o que as fez agir daquela maneira.

– E o que descobriu?

Borghus falou a única coisa que sabia:

– Parece que houve uma luz...

– E você ficou um dia inteiro em Maddaghi para me dizer o que eu já tinha visto ontem daqui mesmo? Sua eficiência me assusta, filho...

– Não, meu pai... O que eu sei, com certeza, até agora, é isso. Existem algumas coisas que são apenas conjecturas, mas que descobrirei, certamente. Algumas histórias são verdadeiros absurdos...

– Está pensando em voltar lá, então?

– Bem, se o senhor não se opõe...

– Eu? – perguntou o rei, surpreso – De certo que não me oponho. Você será rei em dois anos e eu vou impedi-lo de ir a um vilarejo aqui do lado? Pode ir, à vontade. Ao menos você parece saber diferenciar informações de opiniões. Isso já é um bom sinal. Só, por favor, não me venha contando coisas que eu já sei. E, da próxima vez, avise quando for sair.

– Sim, senhor – disse Borghus, despedindo-se e retirando-se para seu quarto.

A rainha, que observou toda a conversa, nada disse. A Borghus incomodava esse comportamento. Sentia-se terrivelmente exposto quanto mais quisesse esconder qualquer coisa de sua mãe. Nesta noite, o príncipe não conseguiu dormir.

* * *

Nos dias que se seguiram, as idas a Maddaghi foram frequentes. Borghus, vez por outra, trazia ao seu pai algumas informações, no sentido de conferir utilidade às suas viagens. Quase sempre as ideias visavam implementar alguma medida que, apesar de não trazer prejuízo, também não acrescentava vantagem em relação à produção de alimentos, aos impostos, ou a qualquer outro assunto. Borghus tentava, dessa forma, manter tudo como estava para evitar que desconfiassem de seu romance com a filha do produtor. O príncipe fora verdadeiramente um artista para conduzir a situação por quase um ano. Muitos eram os comentários entre as pessoas da corte. “Acredito que o príncipe está pensando em se transformar em agricultor...” – dizia um alto membro da corte em tom de escárnio. Por vezes, a nobre moça da corte prometida a Borghus mal obtinha atenção durante toda uma semana. “Ele não parece se interessar muito pelo amor, não é? Interessa-se mais pelos

assuntos do reino. Bem, há de ser um bom rei...” – comentava a mãe da moça com a rainha. O último de todos os comentários, entretanto, foi fatal às aspirações de Borghus.

Depois de tanto tempo preocupado até mesmo com a sanidade de seu filho, o rei decidiu colocar um guarda para vigiá-lo em segredo. Como o príncipe era muito astuto, durante alguns meses o guarda só conseguia vê-lo no caminho até Maddaghi, mas não o encontrava em meio as muitas casas que o vilarejo possuía. O local onde o príncipe costumava se encontrar com Leynah era a clareira de um pequeno bosque mais afastado. Para chegar até lá, Borghus se disfarçava com roupas sujas e um chapéu emprestados de um morador cujo silêncio era constantemente remunerado. A estrutura montada pelo príncipe tornava quase impossível a um guarda descobrir onde ele estava. Como a instrução do rei era a de vigilância silenciosa, tudo que o guarda conseguia ver era o que Borghus queria que ele visse. De repente, do meio do nada, Borghus aparecia com suas próprias vestes, discorrendo com dois ou três moradores sobre o sistema de plantio e sobre como eles poderiam fazer tudo aquilo de forma mais eficiente. E o príncipe, ainda que não fizesse qualquer progresso na implantação de suas ideias, estava sempre muito feliz.

Vários meses se passaram até que, afrouxando a atenção às suas próprias dissimulações, Borghus se permitiu ser identificado usando o disfarce de produtor. Daí em diante, não demorou muito até que toda a história fosse descoberta. A vida do príncipe seria transformada e sua relação com a jovem Leynah dos cabelos dourados mudaria para sempre.

16

- O CASAMENTO DE BORGHUS -

O indesejável dia havia chegado.

– Borghus, meu filho – chamou a rainha em uma ensolarada manhã.

– Sim, minha mãe.

– Há algum tempo venho querendo conversar com você.

Borghus se enregelou. Chegou a pensar que obtivera êxito em manter sua história em segredo. Mas, como sempre, sua mãe parecia ter outros sentidos e, pelo tom com que iniciava a conversa, certamente já teria desconfiado.

– Desconfiada eu estive por todo este tempo, Borghus. Mas agora é diferente. Agora eu sei – dizia a rainha ao príncipe.

– Mas, minha mãe, um rei não pode tudo?

– Não é dessa forma, Borghus. O poder parece encher a vida de possibilidades, mas creio que um trabalhador dos campos seja mais livre que um rei. Veja seu próprio exemplo.

– Como assim?

– Esta moça por quem se apaixonou... Ela pode se casar com quem quiser. Você, não. Quem é mais livre?

Borghus não respondeu. Estava pensativo. O irrestrito poder que sempre almejou lhe pareceu, por um instante, mais sedutor que verdadeiro.

– Entenda que o poder do rei, assim como qualquer poder, vem acompanhado de responsabilidades, Borghus. E quanto maior o poder, maiores são as responsabilidades.

– Mas que tipo de responsabilidade é essa? – indignou-se Borghus – Vou ser rei e não posso escolher com quem vou me casar? Então, não quero mais ser rei!

Neste momento, o rei entrou na sala. Estava furioso. Borghus percebeu que não era somente sua mãe quem tinha conhecimento de seu segredo.

– Aí está o namorador! – maldisse o rei – Então não quer mais ser rei?

– Acredito que não, meu pai. Nunca concordei com o formato de nossa sucessão. E as coisas só parecem estar piorando.

– Piorando? Certamente estão, mas por culpa sua! – acusou o rei.

– Tenha calma com ele, é só um garoto – disse a rainha.

– Um garoto que será rei em breve! E que, desde já, está fazendo tudo errado – disse o rei – Terei calma com ele quando demonstrar alguma inteligência!

O rei pediu para ficar a sós com Borghus. A rainha consentiu, saindo da sala e fechando a porta.

– Borghus, meu filho. Se você me permitir, vou pedir ao médico do castelo que abra a sua cabeça. Estou desconfiado que não há miolos aí dentro.

– Meu pai...

– Meu pai? – retrucou o rei – O que pensa que está fazendo, filho? Você tem uma bonita pretendente, uma moça nobre, da corte... Ó, céus... Mal tenho conseguido olhar a mãe da moça nos corredores, porque você parece simplesmente não existir. A moça fica aí, sozinha no castelo o dia inteiro. E você mal conversa com ela...

– Mas, meu pai, de que serve me casar com ela se não a amo?

– De que serve? Serve para manter o reino nas suas mãos. Senão, algum primo seu herdará a coroa. Não estou dizendo que você não possa se sentir atraído por outra mulher. Ah, a filha de um produtor, Borghus? – disse o rei com desdém – Bem, que seja. Cada um pensa de um jeito. Mas dizer que isso é amor, filho, ah, não...

– Então, o que é?

– E eu sei? Você e essa sua cabeça! Se ao menos fingisse que gosta da sua noiva, seria mais fácil...

– Noiva? – surpreendeu-se o príncipe.

– Ora, como eu deveria chamá-la? A moça que se casará com você, suponho que seja sua noiva, certo?

– Meu pai, eu não quero me casar com ela. Por que eu não posso me casar com Leynah?

– Ela não é uma nobre, Borghus, entenda de uma vez por todas.

– Pense comigo, meu pai. Maddaghi é o local onde se produz a maior parte de nosso alimento. Sua terra é abençoada e os frutos que de lá saem, os mais apreciáveis.

– Lá vem você falar dos alimentos novamente. O que isso tem a ver com a questão?

– Ora, Leynah é um fruto de Maddaghi!

O rei não conseguiu conter uma nervosa risada.

– Seus argumentos são fantásticos, filho, mas a corte não verá muita graça neles.

– Tem que haver um jeito.

– Claro que há, e é simples. Chama-se escolha. Se você quiser ser príncipe desta vila abençoada, então, que seja. Príncipe de Maddaghi! Que grande honra, hein? Pode pegar suas coisas e se mudar para lá. E não esqueça de pagar em dia os seus impostos – disse o rei, fazendo pilhéria da condição do filho – No entanto, se quiser ser rei de toda a Sindávia, terá que abandonar essa ideia louca e seguir as tradições.

– O que acontece, exatamente, se eu me casar com uma moça que não seja nobre? – perguntou Borghus.

– Seu casamento produzirá filhos ilegítimos que não poderão herdar a coroa. A primeira coisa que pensarão em fazer será matar o Rei Borghus para disputarem a sucessão. E, ainda que não aconteça, o grande conselho poderá votar pela sua abdicação. É isso que deseja?

Borghus não respondeu.

– E tem mais – continuou o rei – Você vai casar logo. Não quero essa ideia estúpida rondando a sua cabeça por muito mais tempo. Vamos acertar tudo para o começo do ano. Você precisa crescer, Borghus! Vou falar com sua mãe. Um novo ano, um novo príncipe.

– Não, meu pai...

– Vamos também dar a alguém aquela sua coleção de contas, não é? Alguma mulher há de se interessar... Onde já se viu? Um homem! Colecionando bolinhas? Ah, Borghus, você precisa crescer...

– Mas...

– Já disse! Um novo ano, um novo príncipe! – bradou o rei, apontando o dedo na direção de Borghus – Trate de se desfazer dessa moça do jeito que for possível, contanto que seja rápido. Se tiver dificuldades em fazer isso, certamente não será tarefa difícil para um dos soldados. Pense bem.

Com estas rudes palavras, o rei saiu do quarto, deixando Borghus sozinho. Do lado de fora o rei encontrou a rainha, que aguardava como lhe fora solicitado.

– Ele é muito novo ainda – disse o rei, em uma tentativa de justificar seu comportamento – Não sabe o que é melhor para ele.

O silêncio da rainha parecia o mais poderoso argumento contrário. O rei se sentia na obrigação de continuar com suas justificativas quando lhe veio à cabeça o que ele julgou ser o melhor argumento:

– Diga-me, mulher, e se fosse eu? Se na época em que você era a minha pretendente eu a desprezasse e depois resolvesse abandoná-la para me casar com uma qualquer. Você não ficaria descontente e amargurada com essa atitude irresponsável?

– É possível que sim.

– Então! – entusiasmou-se o rei pensando ter, finalmente, convencido sua esposa.

– Mas eu falo com a voz da pretendente – continuou a rainha – Se eu fosse aquela que você chama de qualquer, essa atitude irresponsável me deixaria muito feliz.

O rei retomou seu ar de desânimo. Tinha nas mãos uma situação realmente perigosa para a coroa e a única maneira de contorná-la era tirando de seu filho algo que este tinha como o que de mais importante havia em sua vida.

– O tempo cura tudo – pensou o rei em voz alta – Ele vai deixar essa moça e se casar com a outra. Depois de um tempo, nem vai mais se lembrar de nada disso.

– Bem, você é o rei e a decisão cabe ao rei. Lembre-se apenas de que está, com sua decisão, contrariando o que parece ser um verdadeiro amor. Talvez não fosse tão desastroso contrariar um inimigo armado – disse a rainha – Espero que saiba o que está fazendo e que as consequências para a Sindávia, como diz, sejam mesmo as melhores possíveis.

Tendo dito isso, a rainha se afastou até alcançar uma porta que dava para o jardim do castelo, deixando o rei a ponderar suas palavras. O príncipe Borghus, sozinho em seu quarto, vivia os piores

dias de sua vida. Queria manter seu amor sem renunciar seu direito ao trono. Pensava, inutilmente, em uma solução conciliatória, mesmo sabendo que não a encontraria. Igualmente angustiante seria, dali em diante, ver o belo sorriso de Leynah sem ter razões para sorrir de volta.

* * *

– O que há de errado com você, Borghus? – perguntou Leynah.

– Não me sinto muito bem, só isso. É possível que eu tenha comido alguma coisa que...

– Há mais de um mês, então, você vem comendo essas coisas? – perguntou Leynah, ironicamente – Você não tem vindo mais com frequência a Maddaghi e, quando vem, mais se parece com um trabalhador que não descansa há dias. Algo está acontecendo. Por que não fala para mim?

– É... Por que não fala para ela? – disse o rei, aparecendo na clareira do bosque após contornar uma grande árvore.

– Meu pai, o que está fazendo aqui? – perguntou Borghus, surpreso.

– Majestade... – reverenciou Leynah com temor, baixando levemente a cabeça.

Outros dois soldados também se aproximaram. Borghus jamais se sentira tão incomodado em toda a sua vida.

– Borghus – chamou o rei – a garota lhe fez uma pergunta. Por que não a responde?

Borghus não sabia o que dizer. Fitava os olhos de Leynah com vergonha. Queria não ter que fazer tão dura escolha, mas a posição em que seu pai lhe colocara não lhe permitia isso.

– Eu explico, então, ó, jovem moça – adiantou-se o rei, caminhando em direção ao casal – Esse seu namorado, como você bem sabe, é o príncipe. Ele já tem vinte e três anos e deverá, em breve, se tornar rei. Ser rei já é um grande desafio, acredite, e quanto menos problemas ele tiver, melhor. Casando-se com uma nobre moça da corte, ele poderá manter seu direito à coroa.

Leynah olhava para Borghus, que não conseguia encará-la. O rei, de forma cruel, fez nascer na jovem o sentimento necessário para separá-la definitivamente do príncipe.

– A questão é que você era apenas uma diversão para ele, Leynah. Uma bonita diversão, temos que admitir – disse o rei, grosseiramente, buscando o aval dos dois guardas.

Borghus tinha uma carta no bolso onde se despediria de forma mais branda. Não queria que as coisas acontecessem daquela forma. Leynah, triste, procurava conter-se para não chorar. Borghus arriscava um olhar, mas baixava a cabeça sempre que ela olhava para ele.

– Majestade, o senhor estava preocupado que ele poderia estar ficando louco, lembra-se? – disse um dos soldados, visivelmente instruído.

– Sim, e só fiquei mais calmo quando ele me garantiu que o que tinham era apenas algo temporário, que não afetaria os planos do casamento com a moça da corte. Aliás, o casamento será no começo do ano se a senhorita desejar comparecer... – disse o rei, mordaz, direcionando novamente suas palavras para Leynah.

– Temporário? – espantou-se Leynah, raivosamente – Onde está o príncipe que disse me amar até a eternidade?

Borghus não respondeu. Leynah se aproximou da árvore em cujo tronco o príncipe entalhara um coração com as iniciais do nome de cada um.

– E isto, o que significa? Nada, pelo jeito, não é? – questionou a moça, apontando para o sinal na árvore.

– Perdoe-me, meu amor – disse Borghus, após longo silêncio.

– Meu amor? Quantos amores você não deve ter, príncipe?

O rei discretamente se afastou para que os dois conversassem. Poucas foram, porém, as palavras.

– Você só vai me dizer uma coisa, Borghus, e eu farei a sua vontade. Sairei de sua vida para que possa usufruir de sua pretendente não temporária. Olhe para mim! Olhe para mim, seu príncipe covarde!

O rei e os soldados se entreolharam. O rei, suspendendo as sobrancelhas e afastando o queixo para frente, mostrava uma fingida admiração pela audaz postura da jovem moça.

Borghus levantou vagarosamente o olhar em direção a Leynah que o afrontou por alguns instantes, olhos nos olhos.

– Diga-me Borghus, diga-me que é isso o que você quer. Diga-me que não há enganos no que acabo de ouvir e que todas as suas palavras e promessas anteriores de nada valem. Diga-me isso e eu vou embora.

Borghus tirou a carta de seu bolso e estendeu-a vagarosamente a Leynah:

– Não era para ser assim, meu amor. Perdoe-me. Eu havia escrito esta carta para você...

– Carta! – gritou Leynah arrancando das mãos do príncipe o papel enrolado e atirando-o no meio das árvores – Eu não quero uma carta, Borghus. Quero que você me diga! Diga que é verdade! Diga que é isso que você quer e eu irei embora!

Borghus hesitou. Procurou imaginar seu futuro em ambas as situações. Se escolhesse pelo poder, sua vida pouco mudaria. Se escolhesse Leynah, teria que abandonar tudo e fugir com ela para evitar a morte de sua amada e talvez a sua própria. Olhou rapidamente para seu pai. Olhou novamente para os olhos de Leynah e tomou sua decisão.

– Que seja assim, então, príncipe – disse Leynah, com lágrimas que começavam a cair de seus olhos – Desejo que jamais se arrependa de sua decisão como eu jamais me arrependerei da minha. Vou embora para sempre e você nunca mais voltará a me ver.

Leynah virou-se e, correndo, rapidamente desapareceu dos olhos do príncipe. Um dos guardas questionou, com um gesto, se deveria seguir a moça, mas o rei respondeu negativamente. Borghus não se movia. Lentamente, o rei se aproximou dele e buscou conduzi-lo de volta a Maddaghi, juntamente com os dois soldados. Ao passar pelo vilarejo, o príncipe avistou a rua onde Leynah morava, onde se encontraram pela primeira vez e onde, pela primeira vez, se beijaram. Nada daquilo voltaria. Nunca mais.

* * *

– Como o tempo passa rápido, não é, filho? – dizia o rei – Seu casamento é em menos de um mês. Como se sente?

– Sinto-me bem, meu pai. Farei o que precisa ser feito. Não é esta a tarefa de um rei?

– Ah, esse é meu filho Borghus! Será um grande rei, possivelmente o maior da Sindávia. O maior de todos os tempos! Já estamos providenciando os cartazes. Espalharemos por todo o reino anunciando seu casamento!

Borghus ouvia com disfarçado desânimo. Começava a acreditar nas palavras que Leynah lhe dissera, pois não mais a vira desde o dia em que se separaram. Também não conseguia obter qualquer informação. Ninguém sabia da moça. Cada vez que se

encontrava com o príncipe, o pai de Leynah mostrava uma expressão como que de uma raiva contida. Concedia respeito à nobreza somente para evitar problemas. Seus sentimentos, contudo, eram ruins. Ele era outro que desconhecia o paradeiro da filha e culpava o príncipe por isso.

* * *

Certo dia, tendo acordado cedo, Borghus pareceu renovado. Sua mãe percebeu que ele aparentava um diferente aspecto.

– O dia parece estar diferente hoje, meu filho – comentou.

– Ah, mãe... Cansei-me de viver no passado. Preciso esquecer tudo. Meu sonho já não posso mais ter. Preciso pensar no futuro.

– Sei que você não está se casando com quem gostaria, Borghus, mas assim são as coisas na corte. A manutenção do poder parece ser tudo o que realmente importa.

– Não é difícil perceber isso. Essa minha... noiva... Que criatura mais abominável! Ela só se interessa pelo dinheiro e pelas regalias que sua posição lhe oferece. Conforme a data do casamento se aproxima, ela briga cada vez mais com as suas amigas. Pensa que já é a rainha antes mesmo de ser! E que rainha insuportável, aqui entre nós!

– Se um rei tem que lidar com difíceis assuntos de seu reino, esse parece que será um deles, então – disse a rainha, em tom de brincadeira.

– Parece que sim, mas não me importo. Depois de tudo o que aconteceu com Leynah, e depois de todo esse tempo, cheguei a uma conclusão sobre do que a Sindávia precisa. Ela precisa é de um grande rei, não de um grande marido. Minha noiva terá as coisas que ela quer, não terá? Pois bem, ela que se contente. Minha única preocupação será fazer do meu reinado um grande reinado – disse Borghus com altivez.

– Apenas não se esqueça de seus filhos, Borghus.

– O que quer dizer?

– Se não houver interesse da sua parte em se dedicar como marido, o mesmo não deve valer para a sua dedicação como pai. Não se esqueça de que os filhos não podem ser responsáveis pelos ônus contraídos por seus antepassados.

– Sim, minha mãe, não me esquecerei disso. Mas, até lá, como a única coisa valiosa que eu possuía se foi para sempre, todo o meu esforço será para o sucesso de meu governo.

– Torço para que consiga, meu filho. Você abriu mão de um grande tesouro para administrar outro. Espero que os valores lhe sejam equivalentes.

* * *

A cerimônia era dividida em duas partes. Os convidados da corte assistiam à parte interna, dentro do castelo. A validade da união estava atrelada apenas a esta parte. Em seguida, os noivos saíam e, como se estivessem se casando novamente, permitiam a todos os interessados assistir à celebração. Este era um recurso para dar visibilidade ao ritual.

O rei não via felicidade em seu filho, e nem poderia. Sabia que aquilo estava sendo feito contra a sua vontade, mas sabia também que era o necessário para que tudo se mantivesse sob controle.

– Foi o melhor para você, meu filho. Para você e para a Sindávia – murmurou o rei inclinando-se na direção do filho.

Borghus não respondeu. De fato, mal prestou atenção às palavras do pai. Por mais que quisesse, Borghus não conseguia se conter. Durante toda a cerimônia externa, ele procurava rever aqueles olhos que, um dia, o enfeitiçaram irremediavelmente. Procurou por entre as pessoas, mas nada encontrou. Neste dia, Borghus prometeu a si mesmo que jamais pensaria em Leynah outra vez. O passo seguinte seria assumir a coroa, um ano mais tarde, naquela mesma praça.

* * *

Fazia exatamente um ano que Borghus havia se casado. O desafio agora era outro e, se as pessoas julgavam ser o maior de todos, o príncipe não sentia dessa maneira. A difícil tarefa de matar seu próprio pai para assumir o trono lhe parecia difícil, porém não mais que a de ter abandonado o grande amor de sua vida. Todo o último ano ao lado de sua esposa, a futura rainha da Sindávia, fora mais que entediante. As esperanças de Borghus que ela pudesse se tornar uma boa companhia se esvaíam a cada novo nascer do sol. Ao fim do primeiro ano, a frustração do iminente rei era tanta que ele vivia autômato. Cumpria com suas obrigações reais e se retirava para seus aposentos. Ficava a ler e a escrever por longos períodos, o que lhe renderia, no futuro, a alcunha de Borghus, o Estudioso.

Mas o presente momento era de ação e não mais de reflexão. Todos olhavam para o jovem príncipe em seu manto real. Seu capuz estava prestes a ser retirado. A cabeça do príncipe fora raspada, como era de costume, para que ele pudesse receber dos céus a purificação e a inspiração necessárias ao governo de um bom monarca. Seu pai, o rei, deitado sobre a rocha real, uma pequena elevação no centro da praça, aguardava o momento em que se reuniria aos seus ancestrais. A partir dali, suas obrigações eram transferidas para seu filho. Sua vida, como rei e como homem, estaria terminada em mais alguns momentos.

– Sonho com ela todas as noites – murmurou Borghus a seu pai, ainda com o capuz sobre a cabeça.

– Não é o momento para isso, filho. As pessoas estão olhando – disse o rei, entre dentes – Faça o que tem que fazer!

– O senhor está sempre tão preocupado com as pessoas, meu pai... – comentou Borghus em tom de lamentação – O senhor vai morrer, meu pai, vai morrer! Vai morrer e sua preocupação continua sendo o que as pessoas vão pensar!

Por causa do capuz, as palavras de Borghus não eram percebidas pela multidão. Apenas o rei as ouvia. O príncipe continuou:

– Sonho com ela todas as noites, meu pai, e creio que assim será por toda a minha vida. O que o senhor me obrigou a fazer? O que me obrigou a fazer!

Um secretário estranhou quando percebeu o que parecia ser uma conversa entre os dois. Qualquer diálogo entre o rei e o príncipe deveria ter encerrado na véspera da posse.

– Sei que deve ter sentido raiva de mim, Borghus, e não o culpo – continuou o rei – Passei por uma situação semelhante em minha juventude e meu pai agiu da mesma forma. Aprendi muito com ele e hoje eu o agradeço pelo que fez. Tudo o que fiz foi pelo seu bem.

– Para o meu bem... – repetiu Borghus – Como sabe o que é o melhor para mim, meu pai? Um rei também possui o poder de sentir no lugar dos outros?

– Talvez, meu filho... E o que mais me incomoda neste momento é partir sabendo que meu filho sente raiva de mim...

O secretário se levantou. Estava convicto que os dois realmente conversavam. Borghus olhou rapidamente para o secretário, reforçou a empunhadura e voltou-se para o pai.

– Pois devia ter pensado nisso antes! – disse Borghus, impetuosamente, retirando o capuz e cravando o longo punhal no peito de seu pai.

A multidão estrondou. O secretário, mais tranquilo, sentou-se. Então percebeu que todos haviam se levantado e voltou a ficar de pé para fazer coro com os demais.

A morte de seu pai fazia de Borghus o novo rei da Sindávia. A tradição fora respeitada. Dois anos antes, o amor se fez presente na vida do jovem príncipe. A partir daquele momento, muitos outros sentimentos adviriam, em grande parte, em consequência da infeliz escolha que definiu o casamento de Borghus. O casamento de Borghus com o poder.

17

- O MASCATE -

A corte comentava a chegada do novo príncipe. A jovem rainha estava grávida havia alguns meses e o rei Borghus logo teria um herdeiro.

– Como sabem que é um menino? – perguntava à rainha uma de suas amigas.

– Não sabemos, na verdade. Borghus acredita que seja... – respondeu ela com o desinteresse de sempre.

Passado algum tempo desde seu rompimento com Leynah, Borghus parecia não lamentar tanto por aquela com quem não se casou, mas por aquela com quem foi obrigado a se casar. Sua esposa, devido a suas futilidades, era causa de constante decepção. A expectativa pela chegada de um filho, contudo, trazia algumas esperanças ao coração do jovem rei. Imaginava que o instinto materno pudesse tornar a rainha menos desprezível. Esperava que o filho pudesse trazer ao casamento ao menos uma convivência mais interessante.

– Todos nós cometemos alguns erros na vida, filho, uns mais, outros menos... Mas não posso aceitar que você está pensando em acreditar nesta ilusão.

– Que ilusão, minha mãe? – perguntou Borghus.

– A de pensar que, se um casamento é ruim, caberá a um filho salvá-lo. Pense na criança, Borghus! Tão pequena e você já está lhe atribuindo tamanho desafio? Coloque-a para lutar à frente do exército e a tarefa não será tão difícil...

– E o que faço? – perguntava o jovem rei, consternado.

– Não há o que fazer, Borghus. A realidade de um rei é muito peculiar. Tanto já não conversamos sobre esse assunto? O poder é

aparente, a liberdade, quase irreal. Mais livre é o homem quanto mais longe está do poder. Você tem obrig...

– Pois estou farto disso! – disse Borghus, rispidamente, interrompendo sua mãe – Esta mulher, esta...

Borghus levantou-se e fechou a porta para, então, continuar:

– Será que a sorte, que tanto dinheiro deu ao pai dela, quis lhe pregar uma peça concedendo-lhe uma filha tão estúpida?

– Não foi a sorte a responsável por essas coisas, filho. Foram as escolhas do homem. Sobre escolhas você deve entender um pouco, certo?

– Sobre escolhas e sobre arrepender-me delas – lamentou.

– Se lhe serve de consolo, Borghus, apesar de seu filho dificilmente lhe trazer uma melhor relação com sua esposa, vai auxiliá-lo fazendo-o pensar menos no assunto. Isso pode ser algum alívio, ainda que pequeno.

– Ainda que pequeno? – repetiu Borghus – Qualquer alívio, garanto, minha mãe, seria enorme!

– Vamos, Borghus, anime-se! Em breve seu filho estará em seus braços e, se toda a Sindávia espera que você seja um bom rei, esta criança não deseja nada além de um bom pai. É sempre o momento de se fazer escolhas e, se as do passado não foram bem feitas, há, continuamente, novas oportunidades no presente.

O jovem rei lembrava todos os bons momentos junto a Leynah. Sua resignação era apenas aparente. Não revelados, o rei ainda possuía profundos sentimentos por aquela que ele fora forçado a abandonar, sentimentos tão fortes quanto os de antes. Três anos se passaram sem qualquer contato, mas, internamente, não havia um dia em que Borghus não alimentasse a esperança de reencontrar sua amada.

– Sei que não pode esquecê-la, meu filho, mas um homem não consegue viver apenas de um pensamento. Lembre-se do que acabo de dizer. Você tem escolhas a fazer e uma delas se aproxima. Terá que escolher se deseja ser um bom pai ou um pai como foi o de sua esposa.

– Esteja certa de que cumprirei com esta função como cumpri com todas as outras – finalizou Borghus – Mas, mudando um pouco de assunto... Lembra-se de que uma vez tivemos a visita de um mascate aqui no castelo? Aquele dos tapetes...

– Sim, eu me lembro. Seu pai até me comprou um, belíssimo, para nosso quarto.

– Pois parece que ele virá aqui amanhã e quero que você esteja à vontade. Qualquer tapete que quiser, pegue. Ele é seu.

– Ó, Borghus, não há necessidade disso.

– De certo que há. Sei que aquela lá vai querer um, senão vários tapetes – disse Borghus, referindo-se à própria esposa – Por que não posso dar um também à minha mãe?

– Eu agradeço, filho, mas...

– É uma ordem do rei, senhora – brincou Borghus.

– Bem, majestade – disse a mulher, curvando-se em bem humorada reverência – se assim é, acatar é tudo o que me resta.

O rei sorriu.

– Agora, filho, se me permite, preciso verificar um pequeno problema.

– Que problema?

– Ah, Borghus... Há todo o tipo de desocupado neste castelo. Você acredita que um membro da corte está sugerindo que façamos uma representação da batalha de Unuts todos os anos?

– Não é com o dinheiro dele... – comentou Borghus.

– O pior não é isso. Antes mesmo de a ideia ser discutida, ele já definiu qual papel o filho dele vai representar. E já conseguiu arrumar confusão com um outro homem que também queria o mesmo papel para o filho dele.

– Quanta discussão importante, não é, minha mãe? – ironizou o rei.

– Ah, nem me fale, Borghus. Por causa de um teatro?

– E que papel o desocupado está reclamando para o filho dele?

– O mesmo que você representou, está lembrado? O do cavaleiro do rei. Não o do lado Uddagary, certamente, mas o do nosso lado.

– Então, está decidido. Diga a ele que eu concedo a autorização para a realização da festa não todos os anos, mas todos os meses, se o filho dele conseguir representar o papel dos dois cavaleiros ao mesmo tempo! – disse Borghus, sorrindo maliciosamente.

O rei permaneceu no quarto após a saída de sua mãe. Ouvia um grande alarde vindo dos corredores. Eram as vozes de sua esposa com as amigas. Só sabiam falar de tapetes.

* * *

– Onde ele está? – perguntava a mulher, ansiosa.

– Avisaram-me que ele passou pelo portão. Estou certo de que estará aqui em breve, se souber esperar – respondeu Borghus, um tanto irritado.

A jovem rainha, pouco sensível à repreensão, rapidamente retomou sua excitação e sua conversa com as amigas da corte. A mãe de Borghus a olhava com pesar.

– Majestade, ele está aqui – anunciou um guarda.

– Pois mande-o entrar!

A porta se abriu. Do lado de fora do salão estava o mercador de tapetes, que não ousou entrar sem que lhe fosse expressamente permitido. Outro homem aguardava ao seu lado. Aparentava ser um ajudante.

– O que estão esperando, homens? – disse o rei em voz mais elevada.

Os guardas fizeram sinal e os dois homens entraram. Não traziam, a princípio, quaisquer tapetes, para a surpresa do rei. De repente, um pequeno carro de madeira, como uma carroça, abarrotado de tapetes, apareceu à porta. Os olhos de Borghus se arregalaram. Eram tantos tapetes que as mulheres até se calaram por uns momentos. Breves momentos.

– Majestade – disse o mascate, caminhando até o rei e curvando-se com um pequenino tapete nas mãos – Ouvi dizer que um novo príncipe está a caminho. Queira receber este modesto presente.

– Muito nobre da sua parte – respondeu o rei – Aceito-o com satisfação.

– Peço perdão pelo atraso, majestade, mas foi penoso subir até aqui com todos estes tapetes. E ainda há outros lá embaixo... Foi preciso o auxílio deste transporte improvisado.

– Foi o que me espantou – respondeu Borghus – Da outra vez que veio não trouxe tantos assim!

– Bem, o reino está crescendo, majestade. Imaginei que mais pessoas desejariam tapetes.

O rei olhou para as mulheres extasiadas.

– Bem, parece que você acertou. Olhe só para elas!

O mascate estava feliz. Talvez vendesse muitos tapetes naquela manhã e, possivelmente, alguns dos mais caros. Os exemplares começaram a ser espalhados pelo grande salão. Quando todo o chão e quase toda a mobília estavam cobertos por tapetes, o rei olhou de relance para o carro. Pelo menos metade de seu conteúdo ainda não havia sido retirado.

– Mas você tem belíssimos tapetes aqui! – exclamou Borghus, preparando um plano para se livrar da situação – Como são muitos, creio que as mulheres não se contentarão em escolher sem analisar muito bem cada um deles.

A jovem rainha concordou com a observação de Borghus, tendo a imediata aprovação das amigas.

– Sendo assim – continuou o rei – creio ser melhor que escolham com calma. Cuidarei de alguns assuntos enquanto passam o dia aqui. Isto tomará toda a tarde e eu não quero que se apressem.

– Eu escolho um para você! – disse a jovem rainha, bastante entusiasmada.

Borghus concordou com a cabeça e, antes de sair do salão, aproximou-se de sua mãe, murmurando ao seu ouvido.

– Minha mãe, não esqueça de escolher o seu também. E rápido, pois a concorrência aqui é desleal...

A velha rainha sorriu docemente. Borghus saiu do atapetado salão para se recolher a seus aposentos. Passou o resto da tarde a escrever uma longa carta até que um dos guardas veio à sua porta, batendo com exaltada força.

– Mas o que é? – disse o rei, impaciente, ao abrir a porta.

– O mascate, senhor! O mascate está morto!

Borghus apressou-se para chegar ao salão. Tudo parecia normal.

– Elas não sabem ainda, senhor – alertou o guarda – O mascate foi encontrado morto lá embaixo. Disse que iria trazer alguns tapetes especiais que tinha reservado para o final. O homem estava demorando muito e estranhamos. Quando descemos para procurá-lo, ele estava caído ao lado dos tapetes.

– E onde está aquele outro homem? – perguntou o rei – O ajudante, não sei... Aquele outro que estava junto... Onde está ele?

Os guardas o prenderam, senhor. O mascate tinha terminado uma refeição quando chegamos. O outro homem está preso lá embaixo. Acabou de acontecer, senhor! Não dissemos nada para as senhoras para que não ficassem assustadas.

– Fizeram bem. Mas agora é necessário descobrir o que aconteceu. Se tivermos um assassino no castelo, precisamos... Bem, ao menos ele já está preso. Tem certeza de que ele está preso, não tem?

– Absoluta certeza, senhor. Eu mesmo o prendi.

– Então, vá lá. Preciso que examinem o mascate e tragam notícias. Eu ficarei aqui no salão.

O homem fez uma reverência e se virou quando foi novamente chamado pelo rei:

– Mais uma coisa. Peça a alguém que traga os outros tapetes e vamos acabar logo com isso.

– Sim, senhor.

Borghus entrou no salão. Sua mãe percebeu a tensa expressão em seu rosto. As outras apenas para os tapetes tinham olhos. Borghus se sentou.

– Senhoras e senhoritas, peço, gentilmente, que se apressem. Temos um problema e precisamos finalizar esta exposição. Escolham rapidamente um tapete, cada uma de vocês, e poderão considerar como um presente do rei.

Neste momento, chegava a última remessa de tapetes, trazida por um dos guardas. Grande algazarra tomou conta das mulheres, que levantavam e abaixavam pontas de tapetes na intenção de escolher o melhor que pudessem. Muito tempo se passava, poucos tapetes eram escolhidos.

– Eu disse que tinha que ser rápido! Vocês não têm ouvidos? – disse o rei, irritado – Decidam-se logo e avisem os guardas para que levem os tapetes aos quartos de vocês. Vamos!

Uma das moças parecia não saber escolher.

– Tome, fique com este – disse o rei, apontando-lhe o tapete – Agora vá!

– Borghus, por que está tratando minhas amigas assim?

– Talvez você não saiba que ser rei é mais do que ficar vendo tapetes. O mascate está morto, mulher! Acredita ser um problema mais importante que os seus malditos tapetes? – esbraveceu o rei.

A moça indecisa saía do salão com seu tapete e pôde ouvir, assustada, a declaração do rei.

– Borghus, por favor – disse a velha rainha, como quem pede calma.

– Por favor? Não é uma questão de favor, minha mãe! Veja se não temos uma real preocupação aqui! E eu lá tenho cabeça para pensar nos pobrezinhos dos tapetes? – disse Borghus em tom de escárnio.

A jovem rainha principiava a chorar, mas, ao receber um prudente olhar da mãe de Borghus, conteve-se. O guarda retornou, encontrando o rei acompanhado apenas de sua esposa e de sua mãe.

– Elas já estão sabendo – tranquilizou o rei – O que descobriram?

– Veneno, majestade. A comida do mascate estava cheia de veneno.

– O outro homem, está morto também? – perguntou o rei.

O guarda olhou com receio antes de responder:

– Não, senhor, mas talvez esteja em breve. Sua comida está intacta. Nenhum veneno. Acreditamos que foi ele, senhor. Para ficar com o lucro das vendas.

– É o que parece – disse o rei.

– Cedo para concluir, meu filho – disse a velha rainha.

– Ele se diz inocente – complementou o guarda.

– E alguém, por acaso, se diz culpado? – retorquiu o rei – Precisamos interrogar este ajudante severamente.

– Sim, senhor, mas há um outro problema.

– Mais um? Fantástico! E qual é?

– Uma criança, senhor. Quando fomos recolher os últimos tapetes, encontramos uma criança entre os rolos.

– Um raptor! Este ajudante está me parecendo mais esperto do que imaginávamos. E de quem é a criança? Quem tem filhos pequenos em nossa corte? – perguntou o rei, como que para si mesmo.

– Este é o problema, senhor. Já verificamos e todos estão bem. A criança... parece que...

– Parece o quê, homem? Diga!

– Parece que é filho do próprio mascate, senhor.

Borghus fez silêncio logo após receber a notícia. Depois, pediu que o homem se explicasse.

– O outro homem, senhor, o ajudante, disse que o menino é filho do mascate. O garoto estava escondido nos tapetes para que não descobríssemos. Pelo que entendi, o mascate não tinha com quem deixar o filho e, como partiriam hoje mesmo, depois que vendessem os tap...

– E o que o ajudante diz sobre a comida?

– Nada, senhor. Ele diz que os dois se sentaram para comer e que, pouco depois, o mascate começou a passar mal, derrubando sua comida no chão. Em seguida, nós chegamos. Mas o homem já estava morto.

– Onde está essa criança agora?

– Está lá embaixo também. Uma criada está cuidando dela. O que devemos fazer?

– Quanto ao homem, a decisão não cabe a mim. O conselho julgará se ele é ou não culpado e, se for, certamente morrerá. Quanto à criança, bem... não há o que julgar, pois não há crime.

– Podemos levá-la a algum vilarejo, senhor. Alguém talvez queira criá-la.

Borghus olhou para a mãe, cuja expressão em nada lhe ajudava a tomar uma decisão. Sua esposa parecia concordar com o guarda. De súbito, uma criada entra pelo salão, seguida por dois guardas que tentavam alcançá-la.

– Majestade, eu... – disse a moça, tentando recuperar o ar.

Dois guardas finalmente a agarraram pelos braços, tentando conduzi-la para fora do salão.

– Esperem! – disse o rei – Soltem essa mulher.

– Senhor, disseram que vão matá-lo. Os guardas disseram que vão matar os dois, o homem e a criança.

– E por que você se importa com isso, senhora? – perguntou o rei.

– Meu filho morreu há alguns dias, majestade. Era meu único filho! Por favor, permita que eu fique com o garoto. Não o matem. Ele não tem culpa de nada. Eu não posso mais ter filhos! Por favor, majestade, por favor, eu lhe imploro – disse a mulher, ajoelhando-se aos pés do rei.

– Não me disseram que matariam a criança – repreendeu o rei, olhando para o guarda.

– Senhor, talvez eles considerem que será a mesma coisa. Se a deixarão em alguma vila... Uma criança pequena assim... É provável que não consig...

– Preste muita atenção, soldado – disse o rei em tom respeitoso – Está vendo aquela mulher ali? Ela é a minha esposa, sua rainha, e espera um filho meu que, caso você viva até lá, um dia será o seu rei e rei dos seus filhos. Convença-me de que criá-lo e matá-lo é a mesma coisa!

O guarda não teve palavras. Ajoelhou-se e pediu perdão ao rei. Borghus olhou para a criada que invadira o salão desesperadamente e voltou-se para o guarda.

– Levante-se, homem. Uma vida está a caminho – disse Borghus, apontando novamente para a rainha – Se para cada vida que surgir decidirmos acabar com outra, a Sindávia jamais crescerá ou prosperará. Você dizia que levariam a criança para ser criada por alguém. Pois já encontramos uma pessoa interessada em fazê-lo. Do que mais precisamos?

– Creio que de nada mais, senhor. O problema da criança acaba de ser resolvido pelo senhor. Com brilhantismo, se posso dizer.

– Ah, não me venha com bajulações agora. Desça e comunique minha decisão aos demais. E, depois, traga a criança até aqui.

– Sim, senhor – disse o guarda, saindo do salão.

O rei se sentou. Parecia um pouco aliviado. Percebeu que a criada ainda estava ali, de pé ao seu lado.

– Muito obrigada, majestade! Do fundo do coração, eu agradeço – disse ela.

– Não há o que agradecer. A senhora nos poupou de um grande transtorno – ponderou o rei – Diga-me: que nome dará ao menino?

– Ah, não, majestade. O homem que foi preso falou que ele já tem nome. E tem mesmo. Tinha uma fita na roupa dele. É Anthgon.

18

- SORIOM E ANTHGON -

– Soriom. Príncipe Soriom! Soa bem, não soa?

Borghus estava feliz. O que sua mãe lhe dissera transformara-se em verdade. A iminente chegada do filho trazia vida nova ao próprio rei. Dias antes do nascimento ele ainda analisava como reagiam os ouvidos a uma infinidade de diferentes nomes. Por fim, havia se decidido. Soriom pareceu-lhe o melhor nome.

Um período conturbado estava se iniciando. Apesar da euforia e do contentamento pelo nascimento de seu filho, Borghus veria nascer também alguns problemas. Durante vários anos, a Sindávia gozava de estabilidade na produção de alimentos, de praticamente total ausência de conflitos armados e de um bom recolhimento dos impostos. Tudo parecia bem, mas a estabilidade não era algo que agradava a Borghus. Nas palavras de seu pai, "O declínio começa com a estabilidade! É preciso crescer sempre!". A natural inércia de Borghus, um governante infeliz por outras razões, não lhe permitia conceber ações para o desenvolvimento de seu reino. Sua personalidade introspectiva preocupava algumas pessoas da corte e o advento de um filho acentuara o distanciamento das questões administrativas.

* * *

Conforme passava o tempo, Soriom crescia e começava a se interessar pelas atividades do pai. Talvez somente por esta razão, Borghus se tornara mais participativo como rei. O bom exemplo que desejava dar ao filho era mais forte que suas decepções do passado ou do presente. Frequentemente, os dois caminhavam juntos pelos jardins do castelo e assistiam a treinamentos do exército. O pequeno

Soriom, com apenas nove anos, parecia compreender com surpreendente clareza algumas das questões do reino. Certa vez, ao arremessar várias vezes uma pedra, o pequeno Soriom observou qual inclinação levaria a pedra mais longe. Borghus ficou orgulhoso. O espanto, contudo, veio quando Soriom comparou a trajetória da pedra à situação do reino.

– Não é lá em cima que é a estabilidade, pai? – perguntou o garoto.

Borghus se surpreendeu com tal comentário. Não se lembrava de ter discutido com o filho sobre aquela questão. "Como ele poderia ter pensado isso?" – Borghus se perguntava. O fato era que Soriom se mostrava um garoto precoce e isso requereria algumas medidas. Naquela mesma tarde, o rei decidiu conversar com sua mãe.

– Acredito que não há nada de mais, filho. Ele é apenas uma criança muito inteligente. Você deveria estar feliz por isso, não deveria?

– Mas eu estou, minha mãe. Não é isso. Apenas fico pensando que...

– O que realmente o incomoda, Borghus? Diga-me.

– Ora, que tipo de rei eu sou? Não, não, permita-me – disse Borghus, sem dar tempo à mãe para uma resposta – Você jamais falaria. Permita que eu responda. Que tipo de rei eu sou? Eu sou um rei inútil. A senhora já parou para pensar nisso?

– Borghus...

– E não sou? Se eu deixar de existir neste exato momento, minha mãe, nem sei se alguma falta farei. Minhas atividades são todas voltadas aos meus próprios interesses. Leio e estudo muito, mas as providências em relação à Sindávia são todas tomadas pelos outros. Quando trazem um assunto para a minha apreciação, ele já está praticamente decidido, apenas me faltando dizer se concordo ou não com a decisão. Foi aí que me ocorreu: como posso reclamar do comportamento de minha esposa se eu pareço estar fazendo o mesmo?

– Ó, Borghus, definitivamente, vocês não se ocupam das mesmas coisas.

– Mas, para mim, a sensação é a mesma. Parece-me uma grande inutilidade. Hoje pela manhã, sabe o que Soriom me disse?

A velha rainha apenas continuou olhando à espera de que Borghus prosseguisse.

– Ele comparou a trajetória parabólica de uma pedra às questões da Sindávia. O garoto tem apenas nove anos, mãe. E parece estar mais preparado para ser rei do que eu!

– Ou, apenas, mais preocupado, Borghus. Sei que está apenas desabafando, mas sei também que não concorda com o que acabou de dizer. Seu filho, Soriom, deverá ser um bom rei, mas é evidente que ainda não está preparado. Ele somente desperta nossa atenção pela sua inteligência com tão pouca idade. Disso podemos concluir que teremos, certamente, um rei inteligente. Mas a inteligência não é tudo, meu filho. A inteligência pode se afeiçoar ao mal. São necessárias, da mesma forma, outras qualidades no caráter de um rei e, certamente, muitas delas seu filho poderá aprender com você.

– Confesso que, às vezes, sinto-me envergonhado – disse o rei – Vejo uma pessoa trabalhando no campo... Ela se dedica tanto, sofre, sua, priva-se de prazeres. Eu fico aqui estudando... Eu gosto de estudar, mas, qual a real utilidade disso? Posso ser uma boa referência como estudioso. Mas, e como rei? Você me diz que meu filho poderá ser um bom rei mirando-se em mim, mas, responda-me: estaria eu cumprindo bem a minha função?

– Como pode se envergonhar do que faz? Você nem mesmo sabe qual é a sua função, Borghus. E se a função de uma pessoa for a de preparar a seguinte? Não há demérito algum nisso. Soriom não é seu filho por engano ou por acaso. Ele é o jovem príncipe que será rei um dia. Com todo o seu estudo, você tem condições de prepará-lo para ser um excelente rei, melhor que você, que seu pai, ou que qualquer outro.

– Nove anos, minha mãe, ele só tem nove anos!

– Pois se pensa que é cedo para começar a instruí-lo, saiba que está nove anos atrasado...

Borghus foi tomado de uma súbita motivação. Ocorreu-lhe que seu filho, sendo o futuro rei, poderia se beneficiar de todo aquele conhecimento. Isso conferia algum sentido ao longo tempo que Borghus se dedicara aos estudos.

– Você está certa, minha mãe. Farei o possível para ensinar a ele tudo o que um bom rei precisa saber. Vamos tentar aprimorar essa linhagem! – disse Borghus, espirituoso.

No dia seguinte, logo que Soriom e Borghus saíram para seu habitual passeio matinal, depararam-se com uma inesperada cena. Uma roda de soldados do exército cercava algo em seu interior, mas não era possível ver do que se tratava. O pequeno Soriom conseguiu ver, por entre as pernas de alguns cavaleiros, dois garotos que brigavam.

– Eles estão brigando, pai – comentou.

– Eles quem?

– Não sei, não consigo ver.

– Venha aqui – disse o rei, pegando o garoto no colo.

Borghus se aproximou lentamente para que os guardas não o percebessem. Viu, então, os dois garotos se atracando. Um deles, de treze anos, corpo mais desenvolvido, era filho de um barão da corte. O outro, de onze, franzino, não se sabia de onde tinha surgido. Pelas roupas simples, assemelhava-se ao filho de um servo. O curioso era que o garoto menor estava ganhando a briga. O rei, fazendo-se notar em meio aos soldados, não permitiu que o confronto se prolongasse por muito tempo.

– Majestade? Ó, majestade... Soldados! – gritou um deles ao perceber a presença do rei.

Os homens se alinharam em direção ao rei, desfazendo o círculo. Os garotos também se ajeitaram.

– Bem se vê que não há um chefe do exército aqui, ou essa bagunça não estaria acontecendo – comentou Borghus, dirigindo-se aos soldados – Quanto a vocês dois... O que pensam que estão fazendo?

Os garotos não responderam.

– Seu pai sabe que você está aqui? – perguntou Borghus ao filho do barão – Sabe o que você está fazendo?

O garoto respondeu que não com a cabeça.

– Vá se limpar e avisar seu pai que eu quero falar com ele. E fique grato por eu ter impedido que tomasse uma surra aqui.

– Senhor, eu não ia tomar uma surra, eu ia ganhar – disse, prepotente, o filho do barão.

Alguns dos soldados riram. O garoto estava com o rosto todo sujo de terra e algum sangue saía de sua boca.

– Está certo – disse o rei – Você não ia tomar uma surra aqui... Espero que também não tome uma de seu pai. Agora vá.

O garoto saiu, de cabeça baixa, ao som de algumas vaias dos soldados.

– E você, quem é? – disse Borghus, abaixando-se à altura do outro garoto.

– Sou Anthgon, senhor.

Borghus se lembrou do dia em que vira aquela criança pela primeira vez. Também fora a última. Os servos tinham instalações separadas e seus filhos jamais habitavam as áreas da corte. Aquele, portanto, era um acontecimento inédito.

– Eu me lembro de você, garoto... Você deve ter... uns dez anos já, não tem? – perguntou o rei.

– Onze, majestade.

– Conte para mim, o que aconteceu?

– Aquele menino vive dizendo que eu sou pobre e que sou filho de uma serva. Eu nunca liguei, é verdade mesmo. Aí hoje ele disse que, se ele quisesse, poderia bater em mim que ninguém faria nada com ele.

– E você, o que disse? – perguntou o rei.

– Eu não disse nada – respondeu Anthgon – Aí, ele ficou bravo e veio para cima de mim.

– Vi que ele é maior que você, mas ele é quem parecia estar em desvantagem. Você nem parece que foi atingido.

– Eu não fui, majestade. Ele estava com muita raiva... Não sei nem por que ele estava com raiva, mas estava. Aí veio para cima de mim. A única coisa que eu fiz foi fazer ele cair no chão sempre que vinha para cima de mim. Eu não bati nele nenhuma vez. Foi a raiva dele que fez aquilo com a cara dele. Ele estava com muita raiva... Você viu o que fez? Digo, perdão, o senhor... O senhor viu?

– Se eu vi? Claro que vi! – respondeu o rei – Onde aprendeu a lutar desse jeito?

– É só ver os soldados, senhor. Aquele que está confiante demais... Se o outro usar a força dele contra ele mesmo... É nisso que dá... Foi assim que eu atingi ele.

– Foi assim que eu o atingi – corrigiu o rei.

– Perdão, majestade. Isso mesmo. Eu o atingi – repetiu Anthgon.

– Não importa, atingiu muito bem! – disse o rei, seguido de risadas de alguns soldados.

Borghus deixou seu filho ao chão e se dirigiu a um dos soldados. Soriom e Anthgon se encararam.

– Mas, majestade, treiná-lo? – questionava o soldado.

– Qual o problema?

– Bem, majestade, ele não é filho de uma serva?

– Bem, soldado, ele não é um bom soldado? – rebateu o rei.

– Parece que sim, senhor, mas a lei não proíbe que os filhos dos servos sejam...

– Você bem sabe que ele não é filho da serva. Não se lembra do mascate?

– O que veio há alguns dias aqui no castelo?

– Não, seu desmemoriado. Estou falando do mascate que morreu aqui quando visitava o castelo, faz uns dez anos. Ele vendia tapetes, não se lembra? Foi você que me trouxe a notícia da criança. Não é possível que não se lembre, homem!

– Ó, como não, majestade? É certo que me lembro! Está dizendo que é este garoto aí?

– Sim, é este. Anthgon é o nome dele. E, você sabe tanto quanto eu que ele não é filho daquela serva, mas do mascate. Assim, vamos considerá-lo como um estrangeiro. Estrangeiros podem lutar no exército como força auxiliar. Ou estou errado? – perguntou o rei, enfaticamente.

– Não senhor, o senhor está certo. O que devemos fazer, então?

– Sempre que forem treinar os jovens, coloquem este garoto junto. Quero que o tratem com igualdade, como se ele fosse um dos aspirantes. E cuidado com ele... – pilheriou o rei.

Os soldados riram. Borghus voltou seu olhar para o garoto, que conversava com Soriom.

– Este menino tem mais cabeça do que músculos, algo bastante proveitoso para nosso exército atualmente – disse o rei, deixando os soldados um pouco constrangidos – Bem, já sabem o que fazer. Agora tenho que ir.

Borghus caminhou até os garotos, abaixou-se e disse a Anthgon que ele seria treinado junto dos outros jovens tão logo alcançasse a idade. O pequeno pareceu animado.

– Tempos difíceis estão por vir, meninos. Lembrem-se disso, vocês dois – disse o rei – É bom que estejam preparados para o futuro.

O rei se levantou e foi embora levando seu filho.

– Soriom, meu filho, sobre o que vocês conversavam enquanto eu falava com os soldados?

– Ah, pai, nada demais. Só achei que deveria ser amigo dele. Viu o que ele fez com aquele garoto que é maior que ele? Imagina o que faria comigo, que sou dois anos mais novo...

– Um rei muito prudente, no mínimo, você será, fazendo alianças desde cedo! – disse Borghus com humor e certo orgulho – Está certo, meu filho, você está certo. Mantenha-se próximo daqueles que se destacam e faça deles seus aliados. Assim, seu reinado será tranquilo.

Seguindo a recomendação de seu pai, Soriom manteve estreitas relações com Anthgon a partir daquele dia. A afinidade dos dois se ampliava incessantemente, alimentando uma amizade que seguiria inabalável durante anos. Mas nada há, entre as coisas dos homens, que seja eterno.

* * *

– Anthgon, é com ela que quero me casar!

– Você? Olha a sua idade, Soriom, você só tem quatorze anos. Nem está em idade de casar ainda – disse Anthgon, com ar de desaprovação.

– Não estou hoje, mas, quando estiver, já sei com quem será! – finalizou Soriom.

Anthgon pareceu um pouco aborrecido. O tempo havia passado e os dois garotos, cada vez mais amigos, dividiam tudo. Soriom parecia ter se desenvolvido mais e, apesar da diferença de idade, tinha quase a mesma altura de Anthgon. A destreza do filho do mascate foi, aos poucos, assimilada por Soriom e a competição entre os dois era sempre motivo de grande expectativa por parte dos soldados. Até mesmo apostas eram feitas. Anthgon costumava ganhar no arco e flecha. Sua visão era um verdadeiro prodígio e ele acertava alvos muito distantes. Soriom, por sua vez, desenvolvia-se melhor nos jogos de tabuleiro. E assim viviam, entre arremessos de pedras, corrida de cavalos, subidas em árvores... Competiam em tudo o que podiam e, não importasse quem era o vencedor, estavam sempre lado a lado, como grandes amigos. Algumas coisas, porém, jamais poderiam dividir. A Soriom, e apenas a ele, caberia tornar-se rei, casar-se com uma bela moça da corte e fazer dela sua rainha. Anthgon, apesar de suas incríveis habilidades e de sua influência na vida do jovem Soriom, não podia impedir as mudanças.

– Soriom, deixe isso para depois! Vamos lá! Os cavaleiros vão treinar com os cavalos hoje! Disseram que a gente pode participar!

Soriom parecia nem mesmo ouvir o que o amigo dizia. Estava à espreita para ver se conseguia, ainda que por um só instante, observar a garota de seus sonhos por uma fresta da janela. Anthgon logo percebeu que as diferenças entre os dois, que antes pareciam não existir, começariam a se fazer cada vez mais presentes.

– É... Ah, vamos sim, vamos! – disse Soriom, fingindo empolgação – Aonde nós vamos?

– Com os cavaleiros – respondeu Anthgon.

– Ah, sim, vamos lá. Quem chegar por último limpa a merda do cavalo!

Os dois saíram em disparada.

* * *

Anthgon se sentia cada vez mais deprimido com a constante ausência do amigo. As medalhas que ganhara nas competições, a liberdade para circular nos corredores do castelo, nada parecia ter tanta importância. Sentia falta mesmo era da companhia de Soriom. Com vinte e quatro anos, Anthgon era um enigma para a corte. O título de "amigo do príncipe" era o máximo que podiam fazer para descrever aquela estranha presença. Um jovem sem origem nobre, sem pai, filho de um mascate criado por uma serva e, no entanto, a pessoa mais próxima do príncipe e, portanto, e em breve, do rei. Um grande cavaleiro, habilidoso com a espada e, acima de tudo, com as palavras. Não obstante todas as suas desvantagens, Anthgon mantinha o respeito das pessoas pelo seu hábil discurso. "Grande orador poderia ser" – dizia um. "Pena não ser nobre" – comentava outro, veladamente. Apesar de sua extraordinária sorte, Anthgon não se atinha ao quanto já obtivera através de sua amizade com Soriom. Sua preocupação era somente com o quanto perdia, a cada dia, conforme seu inseparável amigo seguia o natural caminho dos monarcas enquanto ele, um qualquer, restava à margem dos acontecimentos.

Um dia, como uma espada que lhe atravessava o peito, veio a pior das notícias.

– Anthgon, meu pai consentiu! Meu pai consentiu! Vou me casar ainda este ano! – disse Soriom, com grande exaltação – Eu não disse que seria com ela?

Não houve resposta e, pela primeira vez, Soriom percebeu que algo realmente não estava bem com a amizade dos dois.

– O que acontece, Anthgon? Não está feliz? Deveria estar, por mim... – lamentou Soriom.

– Estou feliz por você, Soriom.

– Então, por que essa cara?

– Apenas sinto que não somos próximos como éramos antes.

– O que está dizendo, Anthgon? – espantou-se Soriom – Ei! Sou eu! Soriom! Lembra-se da promessa que fizemos? Juntos até o fim!

– Não parece, Soriom. Tudo que você faz tem por objetivo agradar a Mailyah. Em breve, serão as preocupações com o trono. Não podemos mais fazer o que fazíamos antes. Sei que devo aceitar isso, mas é difícil para mim. Nunca tive nada em minha vida e, quando enfim consigo, perco.

– Mas você não está perdendo nada, amigo! Estou apenas cuidando de assuntos que precisam de atenção. Isso não muda nada entre nós. E, para ser sincero, se você estivesse em meu lugar, eu não ficaria triste.

– Como pode saber?

– Simplesmente não ficaria, Anthgon. Eu estou cumprindo com minhas obrigações. Em breve, estarei casado com Mailyah. Futuramente, serei rei da Sindávia. É natural. Mas você não deve se esquecer que nossa amizade vem bem antes disso.

– Em tempo ou em importância?

– Ah, Anthgon, o que é isso? Em importância? Não podemos comparar estas coisas! Como príncipe, preciso me preparar para ser coroado. Como rei, precisarei de um herdeiro. Mailyah me concederá um. São coisas que não podemos fazer juntos, amigo. Mas tantas outras há que podemos e não deixaremos de fazê-las!

Anthgon não se convencia, mas também não queria entristecer o amigo. Como se tivesse se conformado, preferiu aproveitar o que ainda lhe restava. Em breve, Soriom seria rei e sua disponibilidade diminuiria ainda mais.

– Não sou eu quem vai ficar triste se meu amigo está tão feliz! – disse Anthgon, mudando repentinamente de postura – Sei que é importante para você, amigo, então... Que seja! Torcerei pela felicidade de vocês!

– Assim está bem melhor! Fico feliz por tê-lo ao meu lado. Faremos de meu reinado o mais importante de toda a Sindávia! Confie em mim, Anthgon. Garanto a você que estaremos sempre juntos! – disse Soriom, abraçando ternamente o amigo.

Anthgon, resignado, correspondeu ao abraço.

* * *

Normalmente, o casamento de um príncipe ocorria próximo ao momento de sua coroação, aos vinte e cinco anos. Uma vez que Soriom desejou antecipar seu casamento com Mailyah, o rei viu necessidade de também antecipar o último e mais importante treinamento de um príncipe, período conhecido como "As Preparações". Durante um ano, ele se concentraria nas ocupações do rei para melhor aprendê-las.

– Não é muito cedo, ainda, Borghus? – dizia a rainha.

O tempo havia abrandado um pouco o relacionamento entre Borghus e sua esposa.

– Não, creio que não. Devemos nos lembrar da profecia. Está começando a haver falta de comida em algumas regiões da Sindávia... Não sabemos quando a rev... Não sabemos quando pode acontecer. É melhor que Soriom esteja preparado o quanto antes.

* * *

Anthgon estava sozinho no jardim, sentado sob uma frondosa árvore. Seus pensamentos eram conflitantes. Gostava da vida no castelo e, acima de tudo, gostava de Soriom. Mas estava em dúvida. Temia que a coroação do príncipe fosse uma ameaça à amizade dos dois. Anthgon não queria voltar a ser um servo ou apenas um soldado igual aos outros. Se isso tivesse que acontecer, ele deixaria o castelo.

– Ei! – chamou Soriom, que se aproximava com uma pequena caixa nas mãos – Não quero que fique decepcionado comigo e preparei um presente para você.

– Não precisa me presentear, Soriom.

– Ora, mas eu quero – disse o príncipe, retirando da caixa um artefato de madeira – Pedi a um artesão que fizesse esse entalhe para simbolizar a nossa amizade. Foi uma ideia que tive.

Anthgon ficou surpreso. O trabalho era de extrema beleza.

– E o que significa? – perguntou.

– A cruz significa a morte e a flor significa a vida. O círculo em volta é a nossa amizade. Não se lembra do pacto da nossa amizade? Acima da vida e da morte, para sempre!

– É muito bonito, Soriom. Obrigado.

– Tem um grampo atrás para que você possa prendê-lo ao seu cavalo, se quiser. Será o único cavaleiro da Sindávia que possui essa insígnia – disse Soriom, jubilosamente.

– Acima da vida e da morte, para sempre? – disse Anthgon, buscando confirmação.

– Acima da vida e da morte, para sempre! – respondeu Soriom.

* * *

Antecipar as preparações foi uma decisão que afastou Soriom definitivamente de sua vida costumeira. Pouco disponível até mesmo para Mailyah, Soriom tampouco podia interagir constantemente com o filho do mascate. Alguns procedimentos eram vetados ao amigo do príncipe e Anthgon se sentia muito mal quando via portas se fechando à sua frente. Um dia, cansado da exclusão que sua condição lhe impunha, ele saiu do castelo montado em seu cavalo, sem rumo. Naquela tarde, um curioso encontro alteraria o destino de Anthgon.

19

- CURIOSO ENCONTRO -

Intimamente, Anthgon sabia que a situação era irreversível. As palavras de seu amigo de nada adiantavam e a solidão de um passeio a cavalo lhe pareceu, naquele momento, a melhor das companhias. Com vinte e quatro anos, Anthgon possuía habilidade e autorização para cavalgar sozinho pelo reino. Era o melhor cavaleiro da sua idade, melhor até que o príncipe Soriom, embora ninguém ousasse admitir. Juntos, os dois haviam percorrido inúmeras vezes toda a área ao redor do castelo, que se estendia por algumas campinas e alguns vilarejos. Conheciam esta região como ninguém. Conheciam também seus limites. Sem um grupo de cavaleiros da guarda, não deveriam avançar além dessas áreas.

No caminho, não tendo com quem conversar, Anthgon se perdeu em pensamentos e, quando percebeu, havia adentrado um bosque desconhecido. Subitamente, parou. Olhou para trás e reconheceu, ao longe, um posto de guarda. Não havia se afastado muito e ainda era tempo de voltar. Puxando as rédeas de seu cavalo, deu meia volta. Então, parou novamente. Ele já se considerava suficientemente capaz de explorar novas áreas sem necessidade de guardas. Sozinho no bosque, sem ninguém para adverti-lo, decidiu continuar.

O amigo do príncipe era um rapaz prodigioso. Já havia vencido três competições de cavaleiros, feito raramente alcançado por alguém antes dos vinte e cinco anos. Em combate simulado, derrotara alguns dos soldados mais experientes da guarda. Apesar de sua constituição física esguia, venceu homens mais fortes e conseguiu ascender a postos mais altos dentro da cavalaria. Ninguém possuía a sua habilidade. Ninguém era capaz de fazer o inimigo se desorientar com tamanha destreza. O oponente, cedo ou tarde, perdia

a atenção e, então, quando isso acontecia, Anthgon o derrotava com um misto de força, velocidade e surpresa. Ninguém combinava esses três elementos como ele. Ninguém, portanto, em sua opinião, representaria perigo para ele em seu passeio a cavalo por um inocente bosque.

E realmente não houve perigo, mesmo porque, após ter cavalgado bastante, nada havia por ali além de árvores. Não era, contudo, um bosque totalmente desabitado, pois clara era a trilha por onde Anthgon passava com seu cavalo. Ansioso para ver até que ponto aquele caminho o levaria, prosseguiu.

Não demorou muito para surgir uma clareira na qual se encontrava uma espécie de cabana, muito mal construída e já bastante tomada pela vegetação. Não era uma construção recente, mas tampouco parecia abandonada. Anthgon observou alguns utensílios de cozinha pendurados em uma viga de madeira, bem como algumas cinzas junto a um canto no chão. A cabana era habitada. O cavaleiro levantou discretamente os olhos para o andar superior na intenção de ver alguém. Nada. Caminhou um pouco mais em volta da cabana e percebeu que a trilha continuava. De repente, ouviu um ruído. Afastou-se com seu cavalo mata adentro e se escondeu.

Da outra parte da trilha vinha uma mulher. Usava um colar com pequenas lascas de pedra, muito finas e que, ao bater umas contra as outras, produziam um som agudo e muito singular. Com alguma dificuldade, carregava uma ânfora, visivelmente cheia, trazendo água para sua cabana.

A mulher tinha uma estranha aparência. Anthgon se lembrou, por um instante, das conversas com Soriom a respeito de ladrões, bruxas, deuses e lendas. Se as bruxas realmente existissem, a mulher que vinha pela trilha se parecia muito com uma. Seus cabelos secos e maltratados, repartidos ao meio sem cuidado, se assemelhavam a um tufo de palha e, aliados ao aspecto de seu rosto, todo enrugado, conferiam-lhe uma desagradável fisionomia.

De onde estava, Anthgon apurou os ouvidos. Percebia, ao longe, um murmúrio de água corrente. Deveria ser um pequeno riacho ali perto. Provavelmente, aquela mulher seria a moradora da cabana e usava o córrego como uma fonte de água.

De repente, a mulher parou. Observava as marcas dos cascos do cavalo. “Um cavalo real, certamente. As marcas são inconfundíveis. Mas apenas um?” – pensou ela.

Era imprudente arriscar-se sozinho por uma floresta cheia de perigos. Ninguém da corte se aventurava por aquela região a não ser que estivesse perseguindo algum ladrão. E, mesmo assim, jamais o faria sozinho por trilhas tão estreitas.

Desconfiada, ela caminhou devagar. Anthgon observava cada movimento em silêncio. Imaginou se já teria visto aquela mulher antes, mas não se lembrava. Seu cavalo, imóvel ao comando do dono, também não fazia qualquer ruído. A mulher passou próximo de onde Anthgon se escondia, mas não o viu. Passo após passo ela se afastava dele e se aproximava da casa. Tirou da cintura uma faca. A tensão aumentou. O barulho do riacho parecia ter desaparecido. Mais alguns passos da mulher. O cavalo, imóvel. Nem um suspiro de Anthgon. Abaixando-se, a mulher pareceu recolher alguma coisa do chão e, então, sua expressão se transformou por completo.

– Anthgon? – chamou ela, com uma voz arranhada.

Anthgon olhou para o cavalo, como que para verificar se ele não o havia denunciado fazendo algum movimento. Nada.

– Anthgon! – chamou a mulher ainda mais alto que da primeira vez.

Deixando a faca sobre uma mesa e sentando-se no chão, a mulher disse que não faria qualquer mal a Anthgon e que ele poderia sair do lugar onde estivesse escondido. Daquele jeito, desarmada e sentada, a mulher não oferecia qualquer ameaça. Anthgon, grande cavaleiro, não tinha razão para duvidar de sua superioridade em um possível confronto com aquela senhora. Mas difícil é ponderar as próprias chances contra o desconhecido, e a situação era muito incomum. Receoso, ele fez com que seu cavalo fosse primeiro. O animal andou lentamente em direção à cabana e parou a alguns passos da mulher.

– Ora se não é o seu cavalo, Anthgon! – disse ela, acariciando o animal.

O bicho bufou.

– Quer mesmo que eu acredite que seu cavalo veio sozinho até aqui? Apareça! Não vou lhe fazer mal.

A mulher, então, recolocou sobre a sela do cavalo a medalha que pagara do chão. Foi quando Anthgon percebeu como havia sido reconhecido. Era uma medalha que ele ganhara na última competição de cavaleiros, a primeira realizada fora das muralhas para que o povo pudesse assistir e torcer pelos seus favoritos. Era perfeitamente possível àquela mulher conhecê-lo ainda que, para ele, ela fosse uma completa estranha.

Afastando-se do cavalo e entrando na casa, a mulher deu a Anthgon a chance de que ele precisava. Temeroso de uma emboscada, aproximou-se da trilha como um felino à espreita de sua presa. Quando percebeu livre o caminho, correu em direção ao cavalo, saltou sobre ele e fugiu a galope.

Tão rápido fora o retorno que em pouco tempo Anthgon estava de volta à entrada do bosque, no exato ponto onde, ao longe, era possível ver o posto de guarda. Sentindo-se mais seguro, optou por parar um pouco e dar água ao cavalo. Ficou aliviado por estar a salvo. Se algo tivesse acontecido, ele teria que se explicar para os superiores oficiais do exército. E, devido à inveja de alguns, era possível que desejassem humilhá-lo obrigando-o a se explicar também para o conselho, para o grande sacerdote e até mesmo para o próprio rei.

Anthgon deixou seu cavalo se refrescar com a água que corria na mata. Antes de montá-lo para retornar ao castelo, certificou-se de amarrar muito bem a medalha ao bicho para que não caísse novamente. Foi quando viu, amarrado ao cordão da medalha, um bilhete, escrito em um pedaço de couro bem fino:

"Volte, Anthgon. É chegada a época. Você precisa tomar o trono do rei."

Neste momento, cavaleiros preocupados se aproximaram da entrada do bosque. Da margem do riacho, Anthgon percebeu se tratar do grupo que ele costumava liderar. Imediatamente escondeu o bilhete.

– Senhor Anthgon? – disse um dos cavaleiros, procurando ver melhor entre as folhagens.

– Sim, estou aqui, Aytilla!

Aytilla era um jovem de dezenove anos, porém promissor soldado. Anthgon era a sua referência em tudo, especialmente nos assuntos de cavalaria.

– O rei estava preocupado com o senhor. Há pouco, quando percebeu que o senhor não retornava, reuniu o grupo e ordenou uma busca – disse Aytilla, um tanto nervoso, um tanto aliviado – Sorte termos encontrado o senhor, pois já ameaça escurecer e a busca teria que ser interrompida. O senhor esteve no bosque?

Imaginando as possíveis consequências de um deslize, Anthgon rapidamente respondeu:

– Não, de certo que não estive! Resolvi parar para dar água ao cavalo. Acabei recostando naquele tronco e adormeci um pouco. Talvez eu estivesse muito cansado.

Os homens se entreolharam. Anthgon se apressou em continuar:

– Creio que nem escoltado pelos senhores eu teria coragem de entrar nesses bosques. Dizem que é muito perigoso. Uma tocaia a cada curva. Mas deste riacho não preciso ter medo, preciso?

Os cavaleiros riram.

– Agradeço pelo esforço de todos – completou Anthgon – mas não há com o que se preocupar agora. Estou bem. Foi somente uma distração. Podemos voltar?

– Sim, senhor – concordou o líder do grupo – Creio não haver necessidade, mas se o senhor quiser que nós o acompanhemos de volta...

– Certamente! É sempre um prazer estar entre cavaleiros tão leais!

Anthgon percebera algo estranho quando os cavaleiros se entreolharam. Eles poderiam ter passado por aquele ponto antes e, por isso, preferiu não detalhar por quanto tempo estivera cochilando. Como aqueles homens eram seus liderados, a evocação indireta à lealdade dos cavaleiros terminou de contornar a situação. Sutil, como diferente não seria, vindo de Anthgon.

Perto das muralhas, Anthgon fez um sinal aos homens e acelerou a marcha, seguindo bem à frente deles. Uma mesma ideia ecoava na mente dos cavaleiros, mas eles nada diziam. Todos sabiam que Anthgon jamais teria dormido no bosque. Isso era coisa para poetas e apaixonados. Não para Anthgon, tão hábil e atento cavaleiro.

Inconformado com todo aquele silêncio, Aytilla se virou para o líder do grupo de busca, mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, teve sua pergunta reprimida:

– Rapaz – disse o cavaleiro – caso você tenha questionamentos, deve direcioná-los ao seu superior, que é o senhor Anthgon. É essa a lealdade que ele espera de todos nós. Se você não se sente à vontade para fazer sua pergunta diretamente a ele, não espere que eu vá ter a resposta.

O jovem cavaleiro começou, naquele instante, a entender que as relações entre os homens transcendiam a verdade e a mentira, pois, muito acima destas, estavam os interesses e os medos particulares de cada um.

20

- SUCESSÃO REAL -

Nada mais havia a ser ensinado. As preparações foram antecipadas e Soriom tivera um bom tempo para aprimorar seus conhecimentos. Ser coroado era tudo o que faltava ao príncipe. Para o rei, entretanto, havia ainda um grande esforço a ser feito: convencer o filho.

– Você se preparou bastante, meu filho. Deveria saber que são passos necessários...

– Não entendo – questionou Soriom – Estudamos tanto a ponto de alguns de nós se tornarem verdadeiros sábios e, ainda assim, permanecem os costumes mais estúpidos... Por que estudou tanto, pai? Para morrer assim?

– Estudei para crescer, filho, para me tornar um mestre. Um mestre para toda a vida, isso sim, pode haver e esse era o meu objetivo. Mas um rei? Eterno? Ah, isso não... O rei perderá sua coroa em algum momento. Melhor, então, que seja para o seu filho.

– Mas a opção escolhida para essa transferência é que...

– Não se trata de opção, Soriom – interrompeu Borghus – É uma necessidade. Todos antes de você procederam dessa maneira. Eu mesmo fui um deles. Não pense que foi agradável, mas eu tive que fazer, assim como você também terá.

– Diga-me, pai, que sentido há nesse argumento? "Sempre foi feito dessa maneira". Por isso, tenho eu também que fazer? Em tantos anos, as coisas não podem mudar?

– Algumas coisas mudam, filho, conforme o tempo passa. Mas outras... – suspirou Borghus, lembrando-se de seu sentimento por Leynah – outras parecem que nunca mudarão.

– Pois reluto em aceitar que esta seja uma das que não mudam. Não há outro meio de demonstrar força e coragem?

– Claro que há. Pensa que somente o seu ofício é desafiador? Submeter-se a ser morto por um punhal não é tarefa das mais fáceis, acredite – respondeu o rei.

O semblante de Soriom foi tomado de uma expressão reveladora de genuína surpresa. Durante todo aquele tempo, tomado de seus pensamentos e de suas dúvidas a respeito da tradição, Soriom analisava o problema apenas sob a ótica do príncipe, mas não do rei. Parecia sem palavras quando Borghus continuou:

– Bem, pelo seu olhar, imagino que ainda não tivesse pensado muito sobre isso. Mas não se preocupe. Quando era eu quem estava em seu lugar, só tinha pensamentos acerca da necessidade de matar o meu pai. Não havia espaço para perceber que, um dia, viria a morrer da mesma maneira. Ser rei é ter responsabilidades que jamais se comparam às de uma pessoa comum, Soriom. Jamais.

– Mas também é ter um poder que jamais se compara ao de uma pessoa comum. O poder, por exemplo, de mudar uma prática tão estúpida quanto esta. Não seria mais útil se você continuasse vivo para dar conselhos e me ajudar a governar? Não seria o melhor para a Sindávia?

– O que é melhor para as pessoas nem sempre é o que elas pensam ser melhor para si próprias. Você sabe disso. Uma criança precisa estudar, mesmo que só deseje brincar. Pergunte a ela o que ela acredita ser melhor...

– Brincar, ela dirá, certamente – completou Soriom.

– Exato. Mas, quando adulta, ela agradecerá aos pais que a fizeram estudar em vez de lhe permitir brincar todo o tempo.

– Sim, mas isso parece ser o contrário do que acabamos de dizer. Se o povo é a criança e não tem condição de saber o que é melhor para si, aí está mais uma razão para mostrarmos a ele, alterando a tradição! – concluiu Soriom, empolgado.

– Há uma pequena diferença, filho, pois, neste caso, são as crianças que mandam nos pais. Aí tudo fica mais difícil.

– Como assim? Está dizendo que o povo manda no rei? Será que eu passei pelas mais longas preparações da história para ainda assim não entender as relações de um rei com o seu povo?

– Soriom, você está pensando que um rei manda e as pessoas obedecem. Não é assim. Em nenhuma situação uma pessoa pode vencer milhares de outras. Se ela não possuir uma quantidade suficiente de aliados, será sempre derrotada.

– Por isso existe o exército real. No caso de algum atrevido...

– Não estamos falando de algum atrevido, Soriom. Estamos falando da massa insatisfeita. Você não sabe o poder contido em uma massa insatisfeita. Você tem o exército em mãos. Mas o exército em si é uma massa. Se ele não estiver de acordo com as ideias do rei, já imaginou o tamanho do problema que pode acontecer?

– O exército se virar contra o rei? – perguntou Soriom, assustado.

– E acredita que isto é pouco?

– De certo que não, pai.

– Pois não pense que não pode acontecer – preveniu Borghus – Um único soldado dificilmente poderia conspirar contra o rei sem que outros descobrissem e o denunciassem. Talvez matassem o homem antes mesmo que o rei viesse a saber do ultraje. Mas se um rei é desprezado por todos, a situação se inverte. O homem que tentar auxiliá-lo é que talvez morra antes de conseguir impedir os conspiradores.

– Dentro do exército eu posso compreender, pai, mas em relação ao restante do povo... Como poderia voltar-se contra as forças reais?

– Soriom, duas coisas são veneradas pelo poder, duas coisas fortemente relacionadas entre si: a manutenção e o controle. Qualquer um que se veja perdendo o controle sentirá seu poder ameaçado e fará qualquer coisa para assegurar a sua manutenção. Se a massa se revoltar, ainda que não atinja diretamente o rei, poderá influenciar uma classe intermediária. Essa classe, se acreditar ser capaz de tirar proveito da situação, pode ladear a massa em oposição ao rei e tomar-lhe o poder!

– Então, mato o meu pai para agradar a massa, ou a qualquer um que seja. Ótimo! Amanhã eles desejarão que eu mesmo me jogue da torre para demonstrar coragem. Aí me jogo também? Isto me parece loucura muito mais que habilidade política – protestou Soriom.

– Não é o caso, filho. As pessoas sabem o que podem e o que não podem conseguir antes mesmo de pedir. Tendo a tradição por base, elas sabem que podem exigir de um rei que apenas a cumpra. Estarão tão certos disso que se revoltarão, unidos, e com extrema força, contra qualquer postura diferente daquela pela qual anseiam. A ideia da tradição é mais do que aceita; é esperada.

– Compreendo o que está dizendo, pai... Sustento, contudo, que não concordo com tamanho absurdo. Farei o que tiver que ser feito para me tornar rei, o que inclui buscar, até o último momento, um meio de impedir que isto aconteça.

– Por favor, não pense assim – pediu o rei – Será um dia tenso para você. Não faça com que também seja frustrante. Não há o que possa ser feito, filho.

– Bem, você ainda está vivo, certo? – perguntou o príncipe, relutando em aceitar a situação.

– Imagino que sim! – respondeu Borghus sem entender a pergunta do filho.

– E temos uma data marcada?

– Sim. Daqui a dois meses é a solenidade de posse.

– Então eu tenho dois meses. Se, até lá, nada conseguir, farei o que me pede.

– Filho, entenda, não sou eu quem pede ou não pede. Quem dera eu pudesse escolher...

– Não se justifique, pai. Estamos acertados. Dois meses. Agora, se me permite, tenho muito a pensar – disse Soriom, retirando-se para o seu quarto.

– Soriom, antes que se vá – chamou a velha rainha, que presenciava a conversa.

– Sim, minha avó.

– Você está em dúvida agora e situações como esta serão constantes ao longo de sua vida. Meu conselho é que você esteja sempre atento.

– Atento a quê? – perguntou o príncipe.

– A dúvida é o momento em que uma pessoa fica mais suscetível à influência do mal. Qualquer que seja a solução às suas dúvidas, atente para não ser enganado por pessoas ou por seus próprios sentimentos. Se a sua dúvida lhe parecer um grande problema, acredite, a escolha virtuosa o auxiliará a evitar problemas ainda maiores.

– Sim, minha avó, eu vou me lembrar desse conselho. Obrigado – disse Soriom, saindo definitivamente da sala.

– Minha mãe, acredita que ele conseguirá? – perguntou Borghus.

– Tenho tantas dúvidas quanto esse rapaz. Soriom é uma boa pessoa, Borghus. Deve ser muito difícil para ele aceitar. Você mesmo questionou a tradição quando era jovem, não se lembra? Tenho certeza de que Soriom não vai descansar enquanto não encontrar um jeito de evitar isso.

– Mas ele não pode, minha mãe! Soriom não terá capacidade para se impor a todo um reino após ter quebrado a tradição. Ele terá muitos problemas.

– Concordo com você, meu filho. Mas, como ele mesmo disse, e neste ponto temos que acatar, ainda faltam dois meses. Ele não está, oficialmente, fazendo nada de errado.

– Sim, mas tenho medo do que ele possa pensar em fazer – confessou Borghus.

– Não tenha. Ele se comprometeu a cumprir com a tradição se não conseguisse nada. Vamos ver o que vai acontecer.

* * *

Passaram-se os dois meses. Na véspera do grande dia, era o rei quem estava inquieto enquanto Soriom mantinha uma serenidade tão inalterável quanto assustadora. A revolta do príncipe cedera lugar a uma súbita e estranha aceitação. Ele dizia, e insistia por fazê-lo publicamente, que apenas estivera passando por um difícil período naqueles dois últimos meses, mas que sentia vergonha de sua hesitação. Conforme rezava a tradição, faria o que era esperado.

No quarto, a rainha se ocupava em ajeitar os detalhes da roupa e do cabelo do príncipe.

– Céus, por que tanta preocupação com isso! – disse Borghus, pegando sua esposa pelo braço e afastando-a para um canto da sala – Não percebe o que está acontecendo aqui?

– Sim – respondeu a rainha – Você deve estar com medo porque terá que morrer amanhã e por isso está nervoso.

Borghus entristeceu-se. Quisera, ao menos por uma só vez, poder admirar sua rainha, mas, naquele momento, nem isso mais almejava. Sua própria morte parecia ser, aos olhos da esposa, um mero acontecimento sem importância. E se o tempo havia abrandado as discussões entre os dois, em nada alterara as rasas preocupações da rainha.

– Que diabos, não é disso que estou falando! – continuou Borghus – Esse garoto passou os dois últimos meses dizendo que descobriria um jeito de alterar a tradição e agora, na véspera da solenidade, diz que aceita tudo e que fará o que esperam dele! Você não consegue perceber que há algo errado?

– Qual o problema? Ele deve ter pensado melhor... Ainda acho que você está nervoso, Borghus. Bem, eu também estaria se soubesse que morreria no dia seguinte.

Borghus não insistiu.

– Agora, se me permite, majestade – disse a rainha em tom sarcástico – vou voltar lá e ajudar meu filho a se preparar para amanhã.

– Isso, vá lá! Vá, sim! Arrume bem o cabelo do nosso filho. Amanhã a cabeça dele será totalmente raspada para a solenidade e você a se preocupar com o cabelo dele! Excelente! – exaltou-se o rei, com visível impaciência, afastando-se de sua mulher.

A velha rainha, que chegava na sala, alarmou-se com o estado alterado de Borghus e se aproximou dele, procurando acalmá-lo. Depois, perguntou sobre Soriom:

– O que deu nele, filho?

– Não sei, minha mãe. Nem parece a mesma pessoa...

– De certo que não! Estou muito preocupada. Ele mudou muito, e muito de repente.

– Concordo, minha mãe, mas o que posso fazer? Ao menos, se ele finalmente se convenceu, qualquer que tenha sido o motivo, teremos um problema a menos.

– Ou um a mais, Borghus! Convencida estou eu de que ele não está convencido é de nada! Não sei, meu filho, não sei... Mas quando tudo está certo demais, algo pode estar muito errado...

Borghus, assim como sua mãe, permanecia na incerteza a respeito da convicção de Soriom. O dia seguinte, contudo, mostraria um príncipe definitivamente determinado e convicto. Apenas duas exigências foram feitas por ele. Queria passar aquela última noite à sós com seu pai e queria uma maior distância das pessoas durante a cerimônia, no dia seguinte. Uma vez não havendo razões para o contrário, ambas as exigências foram satisfeitas.

* * *

Na última noite que passaram juntos, Borghus e Soriom conversaram durante toda a madrugada.

– Você tem certeza, Soriom? Tem certeza de que quer fazer isso? – perguntou Borghus.

– Sim, pai. Estou absolutamente certo.

* * *

Na manhã seguinte, pouco antes da cerimônia, um médico entrou no quarto da velha rainha trazendo a notícia.

– O rei parece estar muito doente, senhora. Está desacordado e parece que teve um desmaio durante a noite.

– Permita-me vê-lo, então! – disse ela, arrumando-se para sair de seu quarto.

– Não há necessidade, minha avó – disse Soriom, entrando de súbito no quarto – Mesmo porque, ele vai morrer daqui a pouco. Por que a preocupação com a saúde dele agora?

– Soriom! Em que você se transformou? Não o reconheço! – espantou-se a velha rainha.

– Apenas estou encarando a realidade, minha avó. O fato é que...

– Pois adie essa sua maldita realidade! Eu quero ver o meu filho!

– Não, não adiarei. Tanto insistiram para que eu fizesse isso e hoje é o dia.

– Mas você esteve com ele à noite. O que aconteceu?

– Não sei. Até o momento em que estávamos juntos, ele parecia bem.

– Ora, Soriom, saia da frente! Deixe-me ver o meu filho!

A um comando de Soriom, dois guardas entraram no quarto da velha rainha.

– Minha avó, não quero que as coisas fiquem mais difíceis do que já estão. Estes dois guardas ficarão aqui, assegurando que a senhora não deixe seu quarto até o momento da solenidade. Agora, se me permite, vou me preparar – disse Soriom, deixando o quarto de sua avó.

A velha rainha olhou fixamente nos olhos do médico que lhe dera a notícia. O homem pareceu estremecer-se e, desviando o olhar, saiu também do quarto em passo apressado. Somente momentos antes da cerimônia a avó de Soriom foi autorizada a deixar seu aposento, sempre em companhia dos guardas. Quando chegou à praça, seu lugar já estava reservado. Um dos mais distantes.

* * *

Exceto pelo imprevisto com a saúde do rei na noite da véspera, a solenidade de posse ocorrera normalmente. O rei fora trazido desacordado para o centro da praça e Soriom, como rezava a tradição, matou-o perante todos, sendo coroado rei em seguida. O procedimento fora realizado por completo e um médico apenas constatou oficialmente o que todos podiam ver. O corpo de Borghus, coberto de sangue, fora enrolado em uma série de panos e colocado em uma urna real. Usualmente, o funeral do rei era uma cerimônia restrita, feita dentro do castelo no dia seguinte à solenidade de posse. Pela primeira vez, o funeral seria público. A velha rainha quis se levantar e foi impedida pelos guardas. Não conseguia chorar. Algo parecia estar errado. Imediatamente após coroado, Soriom liderou um cortejo que conduziu a urna de seu pai ao local onde repousaria em definitivo.

– Todos têm o direito de prestar reverência ao seu rei no último dia de seu reinado! De hoje em diante, declaro que esta cerimônia deverá ser pública! Direitos iguais a todos! – bradou Soriom, recém-coroado, sendo amplamente aclamado.

Soriom aprendera a mais importante lição acerca das massas: tê-las como aliadas. Após o rápido funeral, o jovem rei retornou para o interior do castelo. Queria estar descansado para, na manhã seguinte, cumprir com sua primeira atividade do dia. Soriom finalizaria, com genialidade, o maior embuste jamais realizado por um rei na história da Sindávia.

* * *

– Esse prisioneiro está livre – disse Soriom ao carcereiro, logo pela manhã.

– Mas, majestade, ele...

A um olhar severo de Soriom, o carcereiro abriu a cela onde o prisioneiro se encontrava.

– Eu mesmo o acompanho. Obrigado – disse o novo rei.

Soriom conduziu o prisioneiro por um corredor e desapareceu da visão do guarda. Através de um caminho oculto conhecido durante o período das preparações, Soriom o levou até um quarto secreto.

– Não posso ficar aqui mais do que essa noite, meu filho. Alguém descobrirá.

– Mas para onde irá, meu pai?

– Vou para as montanhas. Lá há uma série de cavernas onde poderei me abrigar. Se alguém souber que estou vivo, poderá contestar sua legitimidade como rei e o inferno será pouco perto do que teremos por aqui. Vá me visitar de vez em quando.

– De certo que sim, pai! Como poderia não fazê-lo?

– Agora deixe-me sozinho. Eu não corro perigo. Mas é provável que sintam a falta do rei em seu primeiro dia de reinado.

– Sim, meu pai, farei isso. Céus, eu sou rei mesmo, não sou?

Borghus olhou para o filho com orgulho, sorrindo-lhe:

– É o que parece, não?

Soriom sorriu em resposta. Levantou-se e preparou-se para sair do quarto.

– Até o fim do dia trarei alguns mantimentos e algumas roupas – disse Soriom – Acredita que seu cavalo consegue passar por aqui?

– Sim, mas você terá que fazer isso pessoalmente. Somente você e Anthgon seriam capazes de manobrá-lo por esses corredores, mas já disse que não quero ninguém envolvido nisso.

– Pode confiar, pai. Se nem a vovó ficou sabendo...

– Digo isso apenas porque sei que você é muito amigo dele, Soriom, e poderá ficar tentado a lhe contar. Não quero que se arrisque mais por minha causa.

– Não. Já disse. Anthgon não saberá de nada, prometo. Eu trago o cavalo. Já o montei muitas vezes. Sei que conseguirei.

– Pois, então, está bem. Ah, mais uma coisa. Você se lembra daquela caixa que pedi que não mexesse quando era criança?

– Sim.

– Lembra mesmo?

– Sim, uma caixa vermelha.

– Isto. Quero que a traga para mim. Ela está dentro de um armário, embaixo de outras caixas. A chave deste armário fica dentro de um vaso, aquele que está perto da janela.

– Agora não sou mais criança, sou o rei. Posso mexer na caixa! – brincou Soriom.

– Ainda que seja a privacidade de um prisioneiro, Soriom, o rei não tem o direito de invadi-la.

– Perdão, meu pai, estava apenas brincando. É claro que trarei a caixa sem abri-la. E vou já, para que não percebam minha ausência. Até mais tarde...

Borghus assentiu com a cabeça. A porta se fechou. Soriom, ganhando os corredores do castelo, passou por uma sala onde Anthgon estava sentado, lendo um livro.

– Ei, você, súdito! – disse Soriom.

Anthgon sorriu sem se levantar.

– Ora, o que é isso? Venha cá e me dê um abraço! – insistiu o rei.

Anthgon se levantou vagarosamente.

– Então... Agora meu amigo é o rei da Sindávia. Ficou mais importante... – disse Anthgon, abraçando o rei.

– Sim, mas me falta uma coisa. Sei que não foi fácil o período das preparações, Anthgon, mas cá estamos nós, juntos novamente! E, para provar meus sentimentos em relação a você, quero dizer-lhe uma coisa.

– Pois aqui estou para ouvi-la.

– Não, não quero que seja aqui. Venha comigo.

Anthgon acompanhou o rei até a grande sala onde o conselho se reunia. No dia seguinte à solenidade de posse, como era costume, todo o conselho estava reunido para saudar o novo rei e ouvir suas primeiras considerações.

Soriom entrou na sala e foi imediatamente reverenciado por todos. O conselho era composto pelos mais experientes nos assuntos do reino. Alguns de seus membros estavam lá desde antes do reinado de Borghus. Anthgon, que permaneceu parado de pé à entrada do salão, foi recebido com alguma estranheza. O guarda hesitou em fechar a porta, aguardando pela instrução do rei. Acreditando que o amigo estivesse logo atrás, Soriom olhou surpreso e, vendo-o à porta, instruiu-o para que entrasse e se sentasse em uma cadeira ao seu lado.

– Como todos aqui sabem, as reuniões do rei com o conselho não são abertas a demais pessoas e, antes de pensarem que transgrido qualquer regra, esclarecerei. É do conhecimento de todos que há uma pessoa que participa das reuniões mesmo sem ser membro do conselho. Essa pessoa é o cavaleiro particular do rei, responsável por sua guarda pessoal. Bem, senhores... Apresento,

neste momento, meu cavaleiro particular. Desnecessário é dizer que se trata do mais habilidoso cavaleiro que conhecemos. Senhor Anthgon, por favor, fique de pé.

O gesto de Soriom foi uma surpresa para o conselho e mesmo para Anthgon. O cavaleiro particular do rei era o seu homem de maior confiança, responsável por sua sobrevivência em todas as circunstâncias, desde simples expedições até conflitos armados. O exército real possuía alguns bravos e experientes cavaleiros que se adequariam ao posto, mas nenhum membro do conselho ousou sugerir outra opção. A decisão do rei era soberana e Anthgon foi proclamado seu cavaleiro particular.

Preocupado em prover seu pai dos víveres, Soriom fez da reunião a mais breve possível, dando ordem para continuá-la na manhã seguinte. Dispersos pelo castelo, alguns dos membros comentavam a precipitada nomeação de Anthgon. Não que ele fosse incapaz de preencher as qualificações requeridas pela função, mas a verdade é que Soriom se baseava em razões emocionais ao nomear o amigo. Um erro. Um erro no qual incorrem todos aqueles de bom coração e que, cedo ou tarde, traz penosas consequências.

Após a saída dos membros do conselho, Soriom ficou sozinho na sala com Anthgon.

– Eu disse que daria um jeito de estarmos sempre juntos, lembra? – disse Soriom – Agora você tem livre acesso a todas as dependências do castelo. Ninguém mais fechará a porta à sua frente, meu amigo. Ou devo dizer meu Cavaleiro Particular?

– Você é um grande amigo, Soriom. O melhor. Obrigado pelo que fez por mim. Espero atendê-lo dignamente como seu cavaleiro – disse Anthgon, curvando-se aos pés de Soriom em tradicional cumprimento.

– Sei que o fará – disse Soriom, altivamente.

O jovem rei, satisfeito por retomar a amizade com Anthgon, apressou-se em cuidar secretamente da fuga de seu pai para as cavernas. Anthgon, apesar de contente pela honraria, pouca importância deu à amizade revigorada por aquela atitude. O cavaleiro do rei não mais queria a amizade. Queria a cadeira central na sala do trono.

21

- SEGREDOS -

Impostos. Se as dificuldades aumentam, eles também. Soriom era rei havia dois anos e, apesar dos esforços que engendrava para contornar os obstáculos, muitas eram as frentes. Problemas nas plantações diminuíam ocasionalmente a oferta de grãos, aumentando a discórdia entre os homens. Alguns novos impostos haviam sido implantados. O povo não reagira bem.

– Desde que começou a governar, Soriom... – principiou Mailyah, preparando-se para dormir.

– O que quer dizer?

– Não sei... Parece que os problemas não param de acontecer.

Soriom baixou a cabeça, frustrado. A rainha, ao perceber, procurou contornar a situação.

– Ó, querido, perdoe-me. Não foi isso que eu quis dizer...

– Então, o que foi, Mailyah? – perguntou Soriom, ligeiramente magoado.

– Apenas citei a sua posse. Não quis dizer que você é a causa dos problemas, Soriom.

– Essa maldita tradição... Não é possível...

– Não é possível o quê? – perguntou a rainha, sem entender.

Soriom, secretamente, imaginava se o fato de não ter cumprido a tradição poderia estar influenciando os problemas da Sindávia. Seu pai lhe alertara sobre essa possibilidade.

– Nada, não é nada – disfarçou Soriom – é que são muitas as coisas que o rei tem que fazer em nome da tradição e isso, em minha opinião, pode fazê-lo desviar sua atenção dos problemas principais. Essa roupa, por exemplo! Por que diabos eu tenho que usar isso?

Soriom remediara bem a situação. Referindo-se à roupa que experimentava para uma festa, afastou a possibilidade de seu comentário ser relacionado à solenidade de posse.

– Ah, não seja bobo. Você está muito elegante e charmoso – disse Mailyah, tentando também atenuar o seu deslize – Seremos o casal mais bonito do baile!

Alguém bate à porta. Mailyah, em roupas íntimas, escondeu-se para não ser vista. Soriom abre a porta.

– Olá, Anthgon.

– Olá, majestade – cumprimentou o cavaleiro sem entrar no quarto – Perdoe-me a intrusão. Já está de noite e, como penso em sair amanhã cedo, precisava falar-lhe agora. Gostaria de saber se precisará de mim amanhã.

– Não, Anthgon, não será necessário. Amanhã eu também vou sa...

Anthgon olhou assustado. Soriom não podia mais desdizer o que havia dito.

– Mas, senhor! Então eu ficarei para acompanhá-lo! – disse Anthgon.

– Sei o que está pensando, meu nobre cavaleiro, mas não há com que se preocupar. Serão apenas algumas voltas pelas redondezas, somente lugares conhecidos e todos sob a proteção dos guardas nos postos de vigilância. Fique à vontade para seguir com o que havia planejado.

– Majestade, o senhor tem certeza?

– É uma ordem, cavaleiro! – disse Soriom, esboçando um sorriso que denunciava a amizade dos dois.

– Se assim é a vontade do rei, assim será! – concluiu Anthgon, retirando-se do quarto cordialmente.

Soriom fechou a porta. A rainha arriscava um olhar por detrás do anteparo.

– Ele já foi? – perguntou Mailyah.

– Já, já foi. Pode sair.

– Ah, sei que Anthgon é seu amigo, Soriom, mas não gosto do jeito dele. Nunca gostei.

– Isso é coisa do passado, minha querida. Pouco antes de nosso casamento, Anthgon perdeu muito de minha atenção. Costumávamos estar sempre juntos. Estou certo de que ele não tem nada contra você. Aconteceu o mesmo na época das Preparações, lembra? Além disso, ele não veio aqui hoje como amigo, mas como cavaleiro, para me comunicar de sua ausência amanhã.

Mailyah não pareceu muito convencida. Soriom insistiu:

– Seja sincera. Como um cavaleiro, que é a função dele, Anthgon deixa a desejar de alguma maneira?

– Não, Soriom, é certo que não. Ele é muito dedicado a você.

– Então...

– A questão é que as pessoas não são apenas as suas funções, mas as suas almas. E, já que pediu minha sinceridade, considero Anthgon dedicado demais. É impossível saber o que se passa na cabeça dele. Tenho medo.

– Suas preocupações são desnecessárias, Mailyah. Você é a rainha e pode fazer o que quiser. Se Anthgon, algum dia, representar um sério incômodo a você, simplesmente tome a providência que julgar necessária. Anthgon pode ser meu amigo e mesmo meu cavaleiro, mas, entre ele e a minha rainha, se eu tiver que escolher...

Mailyah olhou enternecida para Soriom. Mesmo não se sentindo bem na presença de Anthgon, ela jamais gostaria de interferir nas amizades do rei. Os dois se abraçaram e se beijaram. De repente, um ruído do lado de fora despertou a atenção dos dois.

Com um sinal de cabeça, Mailyah pediu a Soriom que verificasse. Ele se dirigiu até a porta e a abriu, mas nada havia lá. Anthgon, mantendo-se junto à porta por alguns instantes após despedir-se do rei, escutou partes da conversa. Ao ouvir o mesmo ruído, entretanto, rapidamente se retirou e, dessa forma, não foi visto.

* * *

– Tem certeza de que ninguém o seguiu, Soriom? – perguntou Borghus, preocupado.

– Pai, já faz dois anos que venho aqui. Se alguém soubesse de algo, certamente já teria dito.

– E Anthgon? Você disse que ontem...

– Ah, não é possível! O senhor também, pai?

– Eu também o quê? – perguntou Borghus, espantado.

– Ontem foi Mailyah a desconfiar de Anthgon e, agora, o senhor. Anthgon é meu amigo, pai, meu melhor amigo. Por causa das preparações tivemos que nos afastar um pouco mas, agora, temos nossa amizade solidamente estabelecida. Não vejo razão para desconfiar de Anthgon!

– Os momentos mais perigosos são estes, filho, em que acreditamos estar totalmente certos. Lembre-se de que eu mesmo livrei seu amigo da morte quando ainda era um bebê. Não que eu o esteja condenando agora, mas... Ele teve uma infância difícil, sempre discriminado pelos filhos dos membros da corte. Você deve se lembrar.

– Sim, eu me lembro.

– Sua avó, certa vez, me disse que a inteligência não é tudo, pois ela pode gostar também do mal. E Anthgon é muito inteligente. Peço apenas que haja com cautela, filho.

– Pai, eu...

– Bem, deixemos isso de lado. Torço pelo seu bem, você sabe disso, e espero que nada de mal lhe aconteça. Diga-me, como estão as coisas por lá? – disse Borghus, alterando subitamente sua preocupada expressão para não entristecer o filho.

– Ah, pai, as coisas têm piorado muito. Problemas sucessivos em Maddaghi e em outros vilarejos fazem com que a comida continue ficando cada vez mais escassa.

– Que tipo de problemas?

– De todos os tipos. Entre os problemas humanos, temos homens se desentendendo e, muitas vezes, brigando severamente. Já tivemos algumas mortes por conta disso. Quanto aos problemas naturais, às vezes temos secas prolongadas e, em outros casos, muita água. As produções ficaram compromet...

– Nunca deveríamos ter feito o que fizemos, Soriom – interrompeu Borghus – Eu sabia, eu sabia! Contrariar a tradição foi um erro. E dos mais graves!

– Pai, acredita mesmo que há alguma relação?

– É certo que há relação, filho. Ao questionar a tradição, estamos obrigatoriamente sujeitos às consequências de nossa atitude.

– Bem, pois se assim decidimos, então, enfrentaremos as consequências. O senhor me ajudará a...

– Filho, como eu poderia? Você é o rei agora. Você vem aqui menos do que uma vez por mês e, não me entenda mal, eu não estou pedindo que venha mais. Seria arriscado e você poderia ser visto. Mas temos que encarar a realidade. Nessas condições, eu pouco posso fazer para ajudá-lo. E, sinceramente, mesmo que estivesse lá com você... Ainda acredito que todo esse mal se deu porque agimos de forma errada. Isso só terminará, se terminar, quando seu filho

retomar a tradição. Será o único modo de restauramos a prosperidade na Sindávia.

– Pai, isso está tão distante. Temos que tomar alguma providência agora.

– Não importa o quão distante esteja. É nossa única salvação. Até lá, você terá que governar da melhor maneira que conseguir e sei que enfrentará problemas ainda maiores do que estes de agora. Mas prometa-me, Soriom, prometa-me não permitir que seu filho cometa o mesmo erro que você cometeu. Um rei não pode ser tão covarde quanto eu fui.

– O senhor não foi cov...

– Prometa, Soriom! Prometa que fará todo o esforço possível para que seu filho retome a tradição!

Soriom hesitou por alguns instantes, mas, como rei, havia aprendido a colocar os interesses do reino acima dos seus próprios. Por fim, prometeu o que o pai lhe pedia.

– Assim está bem melhor. E, por falar em filho... – continuou Borghus, fazendo alusão com um gesto de mãos às relações amorosas entre Soriom e a rainha.

– Ah, pai, não estávamos com muita pressa até o momento...

– Pois deveriam estar! Têm, ao menos, treinado, não têm? – brincou Borghus.

Soriom riu, concordando com a cabeça.

– Ah, bom. Era só o que me faltava. Já temos problemas demais e a falta de um herdeiro só pioraria nossa situação.

– Não se preocupe, pois eu sei fazer herdeiros, pai – disse Soriom, para, logo em seguida, explodir em uma descontraída gargalhada.

– Você gosta muito de sua mulher, não gosta, filho?

– Ah, sim! Não podia haver melhor pretendente que Mailyah. Desde a primeira vez que a vi...

– Sim, eu me lembro. Você tinha quatorze anos e já dizia que se casaria com ela. As pessoas riam de você...

– Bem, hoje, eu dou mais risadas que eles – concluiu Soriom.

Borghus pareceu ser tomado de alguma tristeza sem poder disfarçá-la. Não havia um dia em que não pensasse em seu grande amor. A felicidade de Soriom era algo que o enchia de alegria, mas, ao mesmo tempo, lembrava-o de sua própria desventura.

– O que acontece, pai? Sempre que falamos de Mailyah o senhor se mostra tão animado e, em seguida, parece ficar triste.

– Ó, filho, perdão. Por favor, não se sinta mal. Não se trata de nenhum sentimento ruim em relação à sua esposa.

– Imagino que não. Mas alguma coisa há. Por que não me conta?

Borghus não se sentia bem em compartilhar com o próprio filho as histórias de seu amor com outra mulher. Mas, consumido pela solidão de sua isolada vida nas cavernas, ainda que temendo pela reação de Soriom, contou-lhe tudo. Por fim, confessou.

– Não me dá vontade de continuar vivendo, filho.

– Como assim, meu pai? Que bobagem! Se tudo o que fizemos foi para salvá-lo!

– Mas, filho... Nunca mais, desde o dia em que nos separamos, consegui vê-la novamente.

– Posso ordenar uma busca em todo o reino para encontrá-la! Se ela estiver viva...

– E de que adiantaria, Soriom? Eu só existo para mim e para você. As pessoas me dão como morto. Jamais poderei reaparecer. Além disso, você disse bem. Se ela estiver viva... E se não estiver? Talvez tenha chegado o momento de eu descobrir o que há depois

dessa vida. Eu contrariei uma vez o que pensava ser correto e pago caro por isso até hoje... Nunca mais voltei a ver aquela que verdadeiramente amei. E se ela estiver morta? Bom mesmo é não saber ou eu abreviaria minha vida para encontrá-la!

Após um longo e emocionado abraço entre os dois, Borghus se afastou para pegar a caixa que pedira ao filho no dia de sua secreta fuga.

– Você chegou a vê-las? – perguntou Borghus, abrindo a tampa da caixa.

– Ainda que seja a privacidade de um prisioneiro, pai, o rei não tem o direito de invadi-la.

Borghus sorriu e, sentando-se novamente em frente ao filho, abriu lentamente a tampa da caixa.

– O que é isso? Parecem cartas...

– Sim, filho.

– Cartas que você recebeu? Dessa moça que você diz que... Como é mesmo o nome dela?

– Leynah – respondeu Borghus – Mas não, filho, estas não são cartas dela. São cartas que eu escrevi. Cartas que escrevi e que jamais foram entregues por não saber para onde enviá-las! Cada carta aqui é um pedaço do meu coração que eu gostaria que estivesse junto dela, mas não... Estão todas aqui, dentro desta caixa. Diga-me como é possível viver com o coração aos pedaços dentro de uma caixa?

Soriom não tinha palavras. Via seu pai chorar pela primeira vez e não era um choro brando. Uma vida inteira de arrependimento irrompia por aquelas lágrimas. Soriom não conseguia imaginar o tamanho da dor de seu pai e na tentativa de consolá-lo, ofereceu-se novamente para empreender uma busca por Leynah em todo o reino.

– Não, filho. Insisto que não faça isso. Já se passaram tantos anos... Vocês estariam procurando por alguém cujo rosto nem mesmo conhecem. Seria inútil. É certo que se a mim fosse concedido um último pedido em vida, certamente seria vê-la. Ah, como eu gostaria! Mas não... Isso que você tem em mente seria muito dispendioso e, certamente, não traria frutos. O que está feito está feito.

Soriom atentou para a inclinação do sol. Era o horário limite para que ele retornasse ao reino ainda de dia.

– Sei o que está pensando, filho, e concordo que deve partir. Alarmar seus guardas não é atitude prudente.

– Não suporto isso, meu pai! Não posso sequer passar um dia inteiro com meu próprio pai. Tenho que voltar correndo, como um fugitivo. Eu sou o rei! Por que tenho que ir embora e abandonar meu pai?

– Para ser rei eu também tive que deixar alguém que eu amava – comparou Borghus – E ser rei é algo que tantos desejam, não é?

– Porque não sabem do que se trata! – respondeu Soriom, com rancor.

– Não fique assim, filho. Cada um tem a sua função nesse mundo. Vá e cumpra a sua. Ainda há muito pela frente. Vá agora, pois já está tarde.

Soriom, atendendo ao pedido de seu pai, levantou-se. Já havia passado do horário de retornar e uma rápida marcha deveria ser imposta ao cavalo de forma a compensar o atraso.

– Eu voltarei, pai – disse Soriom, despedindo-se.

– Tenho certeza disso, filho.

Montando em seu cavalo, Soriom o conduziu com cuidado pela saída da caverna e, depois, a toda velocidade, cavalgou de volta

ao castelo, sem saber que aquela seria uma derradeira e definitiva despedida.

* * *

– Estou cansado disto! – bradou Anthgon – Há cinco anos venho aqui e você me dá estes conselhos! Qual a razão de tudo isto?

– Ora, Anthgon... Para que você possa tomar o trono!

– E você, o que ganha com isso?

– Ah, você faz perguntas demais, meu jovem rapaz.

– Perguntas demais? E não deveria? Não sei nem quem você é, ou de onde veio... Não sei nada sobre você!

– Eu já disse, Anthgon. Meu nome é Nakita...

– Pro diabo! Isto eu já sei!

Anthgon estava impaciente. Desde o primeiro contato com a mulher pouco progresso houvera.

– Não vou continuar vindo aqui se você não responder às minhas perguntas – exigiu Anthgon.

– Tenho certeza que vai – respondeu a mulher.

– Não, não vou! – gritou Anthgon, impaciente – Não enquanto não souber de onde você é e o que quer de mim.

– Já conversamos sobre isso, Anthgon. Já lhe contei tudo o que você pode e precisa saber.

– Pois eu não concordo. Por exemplo, por que mora aqui nesta casa caindo aos pedaços?

– As pessoas não querem proximidade de alguém como eu, Anthgon. Você gostaria de morar perto de uma bruxa? Não demoraria muito para que me agredissem. Esta aqui é a opção que eu tenho. Por isso, moro aqui. Mas você... Ah, você tem opções...

– Bruxa? Ah, essa é boa! Você faz feitiços, então? Por que não faz uma bruxaria para dar um jeito nessa casa? – perguntou Anthgon, pilheriando.

– Não é dessa forma que as coisas funcionam, Anthgon, mas este não é o momento de você as compreender. O momento agora é de você seguir meus conselhos. Só assim poderei ajudá-lo.

– Ajudar-me a quê?

– Você sabe que pode ser rei, se quiser... Você é melhor que Soriom... É só seguir meus cons...

– E se eu não quiser? Existe outra razão pela qual eu deva continuar vindo aqui? Diga de uma vez para que eu possa ir embora.

A bruxa fechou seu semblante. Depois, voltou-se para Anthgon e disse:

– Não, Anthgon, não existe. Se você não se interessa pelo poder, não precisa nunca mais voltar. É lamentável ver alguém desperdiçar as oportunidades que a vida oferece, mas, se esta é a sua escolha...

– Que oportunidades, Nakita? Do que está falando? Ainda que eu quisesse, como imagina ser possível uma ideia dess...

– Pare com isso, Anthgon. Você pensa que pode mentir para mim? “Ainda que eu quisesse, ainda que eu quisesse”... Ah, não seja hipócrita. Você tanto quer o poder que continuará vindo aqui, tenho certeza. E quanto às oportunidades, um homem esperto, se não consegue tê-las, deveria conseguir criá-las. Você tem tudo em suas mãos.

– Sejamos práticos, então. Que oportunidades estamos criando? Seus conselhos em nada mudaram minha vida. Pior, eu pareço cada vez mais submisso a todos.

– Anthgon, você já viu alguém conseguir alguma coisa sem paciência? Você se tornou cavaleiro particular do rei porque

suportou, com paciência, todo o período em que ele esteve ausente com as tais preparações e com a mulherzinha dele. Não foi isso que me contou? Agora, diga-me. Se você tivesse se descontrolado e tido um ataque, acredita que teria a confiança do rei para ser o seu cavaleiro? Ou a aprovação do conselho? E ainda pensa que não conquistou nada até agora?

Anthgon não respondeu.

– Ah, parece que eu tenho um pouco de razão, não é? – completou a bruxa – É muito importante saber lidar com o tempo, Anthgon. Precisa tê-lo como seu aliado, não como seu inimigo. O que acontece no momento certo tem sua força ampliada.

– Posso, ao menos, saber qual é esse momento certo?

– O tempo está chegando, Anthgon. Você conhece a profecia...

– Conheço, mas este é um problema para o rei.

– Ó, rapaz! Problema para o rei, oportunidade para alguém! Lembre-se de que o agente da revolução reinará sobre todos os homens... Não percebe aí uma oportunidade?

Anthgon jamais pensara desta maneira.

– Não se preocupe, rapaz – continuou a mulher – tudo lhe será revelado aos poucos. É grande o desafio que tem pela frente, Anthgon, mas grande também será a sua glória!

– Ontem eu ouvi Soriom dizer que se tivesse que escolher entre mim e a rainha...

– Ah, agora está vendo, não está? Todos neste mundo desejam apenas defender seus próprios interesses, Anthgon. Acredita que Soriom se importa com você? Pois saiba que não.

– Depois de tudo o que vivemos juntos... – lamentou Anthgon – É por isso que, às vezes, sinto raiva dele...

– Não seja estúpido, rapaz. Quer por tudo a perder? A raiva não é uma aliada. Você não pode se dar ao luxo de ter esses sentimentos. Precisa ter frieza, Anthgon, precisa agir como sempre agiu antes de seu amigo se tornar rei. Não permita que as emoções o atrapalhem. Soriom precisa tê-lo na mais alta confiança ou jamais você alcançará seu objetivo.

– Meu objetivo? Como se o objetivo fosse meu...

– Ah, chega! – disse a bruxa rispidamente – Vá embora! Nada mais tenho a tratar com você!

Anthgon se levantou e começou a reunir suas coisas. O momento em que a mulher perdeu a paciência lhe pareceu muito saboroso. Mesmo em desvantagem, era agradável poder manipular as pessoas com suas palavras. Sem nada dizer, Anthgon deixou a cabana da mulher.

* * *

Às portas do castelo, uma cena imprevista. Anthgon e Soriom chegavam ao mesmo tempo, cada um com o seu cavalo, cada um vindo de uma direção.

– Ó, majestade! De onde vem? – perguntou Anthgon, tomando a iniciativa.

– Certamente de lugar diferente do seu – respondeu Soriom, com habilidade – Mas saiba que senti sua falta, meu nobre cavaleiro. Por que amanhã não saímos juntos? Como nos velhos tempos!

Anthgon não percebia sinceridade nas palavras de Soriom, mas tampouco eram sinceras as suas próprias.

– Será um prazer acompanhá-lo, majestade.

Juntos, os dois passaram pelo portão do castelo.

No dia seguinte, enquanto cavalgavam, Anthgon sugeriu algumas ideias que lhes permitiriam saber dos problemas com antecedência, como a designação de grupos de guardas mantendo constante vigilância nos povoados. Soriom pareceu gostar da sugestão, dando ao próprio Anthgon a função de organizar as divisões e destiná-las aos vilarejos, atividade que talvez coubesse a alguns dos experientes generais que estavam em seus postos desde o reinado anterior. Soriom, pensando no futuro, desejava inserir força nova no exército. Tudo o que Anthgon poderia desejar.

22

- A ASCENSÃO DE AYTILLA -

Certo de que seria nomeado no futuro, Aytilla teve uma desagradável surpresa. Anthgon assumiria o comando do exército. Um ano antes, Anthgon havia liderado expedições aos vilarejos e o sistema de informações do rei havia melhorado incrivelmente. Estas providências trouxeram alguma luz aos problemas, o que proporcionou certo alívio para o rei. Apesar da admiração que sentira por Anthgon durante toda a vida, passados alguns anos Aytilla começou a aspirar postos mais elevados dentro do exército. O próprio general-chefe acreditava que o nome de Aytilla era o mais indicado para dar continuidade ao comando do exército. Porém, o êxito de Anthgon e sua proximidade junto ao rei colocavam em risco quaisquer previsões. Quando boatos começaram a surgir de que Soriom considerava seu cavaleiro particular para o posto máximo do exército, Aytilla tentou impedi-lo como pôde. Mas se o soldado bem sabia manobrar armas, Anthgon, melhor ainda, sabia manobrar situações.

* * *

"O agente da revolução destrói um reinado para edificar outro... A uma nova era dá início."

Após sua última conversa com a bruxa, Anthgon fez para si próprio uma cópia da profecia a partir de anotações encontradas em um antigo diário real. Era o registro mais antigo do documento verdadeiro, que fora perdido. Vez por outra, Anthgon relia o texto. Aquilo parecia alimentar seus planos. A cada nova leitura, ele se convencia de que aquilo havia sido escrito especificamente para ele.

“Aquela roupa...” – pensava ele, olhando para o rei em trajes oficiais – “...deveria estar sobre meu corpo. E estará, em breve...”.

Depois de um longo tempo sem contato, Anthgon decidiu ver a misteriosa mulher novamente. Não acreditava que precisasse dela, mas era a única pessoa com quem ele podia partilhar suas ambições.

– Olha quem voltou! Eu disse que voltaria!

Anthgon já imaginava uma recepção como esta e não ofereceu resistência.

– Pois aqui estou – respondeu ele – e tenho novidades...

– Eu também. E as minhas são fantásticas! Mas, primeiro, conte-me as suas.

Anthgon comentou sobre o êxito de sua ideia e de como conquistara uma maior confiança de Soriom. Mencionou também a possibilidade de liderar o exército.

– Excelente! – disse a bruxa – Você está agindo bem. Em breve, nenhum obstáculo será grande o suficiente.

– Por falar em obstáculo... Existe um homem, o líder religioso da Sindávia...

– Tchi-tah – completou a mulher.

– Sim, Tchi-tah. Esse homem tem um grande poder. Dentro do exército eu consigo justificar minha autoridade por ser cavaleiro particular do rei e pelos êxitos anteriores. Mas na religião? – indagou-se Anthgon, pensativo – Nunca me importei com este assunto e não vejo meios de justificar qualquer interferência da minha parte.

– Pois trate de encontrar! Seu desejo deve ser nada menos que o topo. Você mesmo disse que ele tem poder e não é à toa.

– Mas as pessoas demonstram forte crença no discurso de Tchi-tah. Não será fácil.

– Anthgon, pense comigo. Se todas as crenças fossem corretas, elas seriam uma só. Várias são as crenças porque ninguém, de fato, conhece a verdade. Uma religião pode ser um instrumento de controle. Faça com que seus homens tenham uma forte crença e lidere-os não só nas armas, mas também em suas crenças. Seu poder será ilimitado.

– Está dizendo criar uma nova religião?

– Por que não? Você não pode confrontar um inimigo tão grande como Tchi-tah, mas pode enfraquecê-lo. Assim, ele terá pouca interferência no exército.

– Hoje é exatamente o oposto – discordou Anthgon.

– Mas você é capaz de alterar essa realidade. Como chefe do exército, é você quem estará em contato com seus homens, e não Tchi-tah. Comece por eles. Faça-os acreditar em você. Um ou outro membro da corte haverá de aderir às suas ideias também, nem que seja por bajulação. É assim que começa. Quando você menos perceber, terá força suficiente para acabar de vez com o poder de Tchi-tah.

– Pensarei no assunto. Mas, você também disse que tinha novidades. Do que se trata?

– Eu já desconfiava de uma coisa, mas, agora, tenho certeza. E tenho como provar. Você mesmo poderá ver.

– Ver o quê?

– Soriom não poderia estar no trono neste momento.

– Não entendo.

– O rei está vivo, Anthgon.

– Soriom?

– Não, o outro! Borghus! E se ele está vivo, é porque Soriom não o matou e, se não o matou, não poderia ter sido coroado.

– Do que está falando? Você ficou louca? Eu estava lá! Assisti pessoalmente à cerimônia. Soriom matou e enterrou o pai publicamente.

– Soriom foi tão habilidoso que enganou até você... Não se lembra do caso de um homem que se fez passar por Borghus, autorizando a transferência de umas terras ou algo assim? Ele foi preso quando descobriram a farsa.

– Sim, eu me lembro.

– Não é muita coincidência Soriom ter libertado esse prisioneiro no dia seguinte à sua posse?

– Penso, sinceramente, que não faz a menor diferença.

– Faz toda a diferença, Anthgon, porque o prisioneiro, na verdade, era Borghus. De alguma forma, Soriom trocou os dois. Há, portanto, um túmulo real contendo um impostor, um homem comum da Sindávia, e não um rei.

– Bem, você disse que poderia provar... Será muito bom que o faça, porque esta me parece ser a maior fantasia que já escutei.

– Pense bem... Após estar em liberdade, não é estranho que o prisioneiro tenha desaparecido? Um homem tão parecido com o rei Borghus, uma vez solto, nunca mais foi visto!

– Realmente, é suspeito – concordou Anthgon.

– É porque não era o impostor, mas o próprio rei!

– Até aqui, não provou nada...

– Mas saber onde Borghus se esconde provaria, não provaria? – perguntou a bruxa, sorrindo.

Anthgon olhou atentamente para ela por alguns instantes. A mulher não parecia estar mentindo. Se fosse verdade o que ele estava ouvindo, seu poder sobre Soriom aumentaria e talvez ele pudesse antecipar a tomada do trono, denunciando a farsa e depondo o rei.

– Você comprovará com seus próprios olhos, Anthgon. Mas não queira acelerar as coisas. Você ainda não é tão forte e não tem tantos aliados.

– Mas onde ele está? Onde Borghus está escondido?

– Você terá que ser cauteloso. Há um grupo de cavernas nas montanhas intransponíveis. Imagino que haja trilha a partir do castelo... Não sei dizer. Mas por aqui, se você contornar algumas colinas, chegará até lá. Foi o que eu fiz.

– Você foi até lá? – perguntou Anthgon, espantado.

– Sim. Por que o susto? Preciso evitar a exposição nas cidades e a floresta é o que me sobra. Há quase um ano você não aparecia... Imaginei que tivesse desistido e resolvi explorar alguns lugares mais distantes. Até que...

– E ele viu você?

– Não. Na verdade, eu apenas ouvi barulhos, inicialmente. Vi quando ele passou ao longe por uma trilha...

A mulher estava mentindo.

– Ao longe? – questionou Anthgon.

– Sei que ainda não acredita, mas, como eu disse, poderá ver por si mesmo.

– É certo que o farei! A que distância fica?

– Por aqui você precisará de um dia para ir e um para voltar.

– Imaginarei uma justificativa para me ausentar por dois dias. Não haverá problema. Farei com que pensem que fui inspecionar os produtores.

Anthgon se apressou em partir de volta ao castelo. Estava eufórico e precisava colocar rapidamente suas ideias em ação para não perder esta que seria, talvez, a maior oportunidade de sua vida. Se a história fosse verdadeira, ele teria Soriom em suas mãos.

* * *

– Aytilla, onde está Anthgon? – perguntou o rei.

– Não o vi, majestade. Talvez Anthgon esteja se ausentando demais. Ele é o cavaleiro particular do senhor e...

Soriom olhou estranhamente para Aytilla, que parou de falar.

– Você tem algum problema com Anthgon, soldado? – perguntou Soriom.

– Não, senhor, não tenho.

– Então seria prudente conter suas palavras.

– Sim, senhor.

Soriom olhava para os lados imaginando por onde começaria a procurar seu cavaleiro quando Aytilla apontou em uma direção:

– Senhor, veja – disse o soldado.

– Ah, sim, finalmente! – disse Soriom.

O rei dispensou a presença de Aytilla e aguardou a chegada de seu cavaleiro.

– Anthgon...

– Majestade...

– Procurava-o por toda parte. Onde esteve?

– Nas cercanias do castelo, senhor – respondeu Anthgon, prontamente.

– Preciso falar com você – disse Soriom, olhando para certificar que não estavam sendo ouvidos – Desejo fazer uma viagem de dois dias, mas não desejo alarmar os soldados ou a corte.

– Quer que eu o acompanhe?

– Não, não há necessidade, mas quero que diga que me acompanhou, para que não fiquem preocupados. Todos estão o tempo todo muito preocupados comigo. Não aguento mais isso! – exclamou o rei.

– Bem, neste caso, terei eu que sair também, para que a história se dê, senhor – disse Anthgon, que acabara de encontrar, oportunamente, uma justificativa para a sua própria ausência – Aproveitarei para passar por alguns vilarejos e inspecionar o trabalho dos guardas.

– Excelente – disse Soriom – Ótima ideia.

– Quando o senhor pretende partir?

– Anthgon!

– O que foi, senhor?

– Pare de me chamar de senhor!

– Estamos no pátio público, Soriom, pensei que...

– Ninguém está nos ouvindo, não se preocupe!

– Certo – disse Anthgon, simulando descontração – Quando você pretende partir, então?

– Amanhã haverá um torneio de caça com alguns membros da corte. Distração mais insuportável não sei se pode haver, mas tenho que marcar presença.

Anthgon sorriu. Soriom continuou:

– Não há como escapar, amigo. Sou o rei e tenho dessas obrigações. Sendo assim, minha partida seria depois de amanhã. O que me diz?

– Está combinado – respondeu Anthgon – Apenas gostaria de pedir uma coisa.

Soriom concordou com a cabeça, sugerindo ao amigo que continuasse.

– A não ser que queira minha presença na caça, eu poderia sair amanhã mesmo, de forma a ganhar tempo, pois são muitos vilarejos para percorrer. Como é uma tradição passar por todos os postos de guarda quando se faz uma inspeção, não quero deixar nenhum de fora. Contrariar a tradição é algo que só costuma trazer

problemas – finalizou Anthgon com maestria, fazendo uma breve interrupção para observar a singular expressão de Soriom ao ouvir aquelas palavras.

O rei ficara nitidamente afetado pelo comentário, mas, tentando não deixar transparecer, manteve sua atenção à conversa.

– E, então – continuou Anthgon – você pode dizer a todos que me encontrará no dia seguinte em algum vilarejo. Mas, veja bem, Soriom, se quiser que eu esteja presente na caça, eu posso...

– Não, não, não precisa! Está bem assim – disse Soriom, um pouco alterado – Faça dessa forma. Direi isso mesmo a eles, que encontrarei você amanhã em algum vil... Precisamos definir qual vilarejo!

– É depois de amanhã, Soriom, não amanhã...

– Sim, isso, depois de amanhã. Amanhã é a caça. Ahh... Está vendo como esse negócio me perturba? Estou até confundindo o dia. Ô, coisa entediante ficar esperando aqueles bichos... Isso se resolverem aparecer, o que não é certeza! Bom, está certo, então.

Soriom, irrequieto, ameaçou deixar o pátio.

– Soriom! – chamou Anthgon.

– Sim.

– O vilarejo. Temos que definir.

– Ah, sim, claro. Hum... Maddaghi?

– Maddaghi é muito visado. Se dissermos que fomos para lá e ninguém tiver visto qualquer um de nós...

– Hoshorn? – sugeriu o rei.

– Ah, sim, bem melhor, além de mais distante um pouco – disse Anthgon em sussurros para, em seguida, elevar o tom de voz – Sim, majestade! Depois de amanhã nos encontraremos em Hoshorn!

Soriom sorriu, entendendo o gesto, e despediu-se. Logo em seguida, Anthgon se virou, olhou fixo na direção de uma porta e caminhou até ela. Abrindo-a de súbito, quase derrubou Aytilla ao chão.

– Venha cá, você!

Aytilla era quase arrastado por Anthgon. Chegou a ter parte da roupa danificada enquanto era conduzido à despensa da cozinha. Os ruídos encobririam a conversa.

– Foi promovido agora a oficial abelhudo do exército, Aytilla? – interrogou Anthgon.

– Como, senhor? Não...

– Não minta para mim, seu moleque. Estava espionando minha conversa com o rei!

– Senhor, não deu para ouvir nada, eu juro!

Anthgon sorriu. Aytilla acabara de se entregar.

– Ah, Aytilla, você tem muito o que aprender. Não é um mau soldado, nem um mau cavaleiro, mas seu estilo é deprimente. Suas ideias estão atrapalhando o seu desenvolvimento. Você viu o poder e quer chegar até lá, mas o caminho que está tomando não o levará a lugar algum.

– Perdão, senhor, mas se até o general concorda que eu seja um bom nome para substituí-lo no futuro, seria injusto dizer que foi errado tudo o que estive fazendo...

Aquele foi um importante momento. Ao mesmo tempo em que Anthgon sentia desprezo pela inépcia de Aytilla, percebeu nele coragem para argumentar contra um superior, o que era encontrado em poucos soldados. Além disso, o argumento, apesar de inútil, tinha forte lógica. Aytilla, se bem instruído, poderia ser um grande aliado e Anthgon precisava de um. Era o momento de transformar essa possibilidade em certeza.

– Sim, soldado, não foi errado tudo o que fez, exceto por uma coisa. Quem manda em tudo isso aqui é o rei, e não o general do

exército. Você escolheu se aproximar de uma pessoa e eu, de outra. Perceba a diferença.

– Eu não tive as mesmas chances que o senhor, senhor Anthgon...

– Que impertinência! Como ousa?

Anthgon repreendeu Aytilla, mas regozijava-se internamente. Aquele soldado era um verdadeiro espelho de sua personalidade.

– Você não conheceu seus pais, não é isso? – perguntou Anthgon, sem dar tempo para a resposta – Pois eu também não conheci os meus. Você foi criado sei lá como por alguém que, logo cedo, colocou-o no exército. Eu fui criado por uma serva, o que dá na mesma. Você desenvolveu boas habilidades, assim como eu, e ambos nos destacamos. E vem me dizer que não tivemos as mesmas chances? Ora, soldado...

Aytilla permanecia em silêncio. O discurso de Anthgon não deixava brechas.

– A única diferença – continuou o cavaleiro do rei – é o que fizemos com as chances que tivemos. Você só tem cinco anos menos que eu, Aytilla. Três a menos que o rei! Poderia ter se aproximado de Soriom quando ele ainda era príncipe. Foi o que eu fiz, mas você, não. Agora, é tarde. Sua vida estará condenada à insignificância para sempre. Excelente escolha.

– Senhor...

– Nem mais uma palavra, Aytilla! Você pensa que eu não sei o que anda fazendo? Pensa que eu não sei dos seus comentários? Eu precisaria ser surdo para não conhecer as opiniões que você insiste em dar a todos os que passam na sua frente!

– Peço perdão, senhor – disse Aytilla, curvando-se, arrasado.

– Como? Pensa que me sinto pior por causa do que fez? Sua inveja me inspira e nutre meus sonhos, Aytilla. Desgraçado é o invejoso, não o invejado...

O apresto fora feito. Uma vez arruinada a dignidade de Aytilla, Anthgon podia se apresentar como o grande salvador.

– Permita-me perguntar uma coisa, soldado. Não passou pela sua cabeça, em nenhum momento que, em vez de tentarmos disputar o mesmo posto, poderíamos desfrutá-lo juntos?

Aytilla ergueu levemente a cabeça. Parecia interessado, apesar de não compreender. Anthgon prosseguiu:

– É certo, é mais do que certo que eu o derrotaria em uma disputa pelo posto de chefe do exército. Uma vez que isto está definido, seus pensamentos deveriam se voltar à melhor maneira de se beneficiar. Eu serei seu superior, Aytilla, e eu sei ser generoso com os meus aliados. Diga-me, de que adiantou toda a sua abnegação para com o general? Você está sendo eliminado do jogo porque o rei pensa em outro nome para o posto. Outro nome que, através de um simples comando do rei, invalidará toda a tarefa à qual você, durante anos, se dedicou pensando estar construindo seu futuro...

Um momento de silêncio.

– Mas eu posso mudar isso – arrematou Anthgon.

– De que forma, senhor? – perguntou o soldado.

– Não há tempo para cuidar de todas as coisas, Aytilla. Eu terei que contar com o auxílio de um imediato mais do que leal e não vejo nome melhor do que o seu. Para os soldados, para a corte e para todo o reino, eu serei seu superior. Mas nós dois sabemos que seremos um só.

– Ó, senhor Anthgon...

– Sim, Aytilla. E provarei isso a você. Quando estivermos sozinhos, não é necessário que me chame de senhor. Quero que você seja meu amigo, pois é disso que preciso.

As palavras de Anthgon soaram tentadoras. O cavaleiro do rei já havia acumulado poder o suficiente para estabelecer uma infinita distância de qualquer oponente. O melhor, na visão de Aytilla, seria aceitar a oferta. Foi o que ele fez:

– Certamente, senhor! O senhor tem a minha palavra!

– Você vai me auxiliar no que eu pedir e vamos conquistar o que quisermos. Se eu subo, você sobe junto. Temos um acordo aqui?

– Sim, senhor, mas, apenas uma coisa, senhor...

– O que é?

– Há mais gente querendo o posto de chefe do exército. Imaginei que o senhor deveria saber, já que seremos aliados.

– Do que está falando?

– Tem um soldado, um Yavog, aquele do narigão, sabe?

– Ah, sim... – lembrou Anthgon, com expressão de desprezo.

– Ele é muito forte, Anthgon.

– E daí que ele é forte, soldado? Ele é uma besta, isso sim! Não sei onde Borghus estava com a cabeça quando admitiu esses ignorantes no exército. Eles lutam com machados! O que são? Cavaleiros ou lenhadores? – disse Anthgon com desdém.

– Mas eles são aceitos legitimamente, senhor. Não se lembra de quando o rei conferiu o título de realeza às armas dos cavaleiros Yavogs?

– Não se preocupe, Aytilla. Não podemos e não precisamos apressar as coisas. Os Yavogs não são um problema para nós. Vamos expulsá-los no momento certo. Agora, não. Quando a oportunidade surgir, avisarei você.

Aytilla concordou com a cabeça, ao que Anthgon continuou:

– E que esta conversa fique entre nós, soldado, ou outros desejarão ter os mesmos privilégios que você. Eu só preciso de um imediato de minha confiança no exército. Gostaria de repartir o posto com outros?

– De forma alguma, senhor.

– Então é isto. Agora, vamos sair desta maldita despensa.

Anthgon abriu a porta que dava para o interior da cozinha. Algo havia queimado e uma grande fumaça pairava no ar. Um dos cozinheiros se surpreendeu ao ver a porta se abrir. Conforme a fumaça se dispersava, as duas figuras foram distinguidas. Aytilla arrumava sua roupa. Os cozinheiros observaram, um tanto espantados, um tanto curiosos. Anthgon se apressou em sair da cozinha enquanto Aytilla encarava os cozinheiros. Por fim, imitando o gesto de seu superior, saiu sem também dizer qualquer palavra.

– Ei – disse em voz baixa um velho cozinheiro – não disse para você?

– Disse o quê? – respondeu o outro.

– Esse aí, ó... – referindo-se a Anthgon – Só não sabia do outro...

– Sabia o quê, homem? Fale direito!

O homem fechou a porta da cozinha.

– Estou dizendo, esse sujeito aí, o filho da serva, quer dizer, ele é filho de um mascate...

– Sim, isso já sabemos!

– Então... Eu sempre disse, mas vocês não me davam ouvidos. Aquela amizade estranha com o príncipe...

– Ei, o príncipe é nosso rei agora! – disse uma das cozinheiras, entrando na conversa – E é casado, ora! Com uma mulher!

– Mas até agora não teve filhos – um outro comentou.

– Bem, não sei do rei, mas esse filho de mascate... Vai saber o que ele estava mascando aí nesta despensa!

Todos explodiram em risadas.

– Só não se esqueça que o filho do mascate é praticamente um segundo rei. Eu achava bom vocês ficarem quietos – disse a temerosa cozinheira.

De repente, um barulho e todos, assustados, disfarçaram seus modos. Uma corrente de vento fizera tremer a porta da cozinha.

– Ah, que homens corajosos vocês são, não é mesmo? – zombou a mulher – Ficam falando mal dos outros e se assustam com um ventinho?

* * *

– Veja estas roupas, que coisa ridícula! – dizia o rei à sua esposa – Olhe esta calça! Nós vamos caçar ou nos juntar a algum corpo de bailarinos?

– Querido, você não gosta de caçar. Por que não deixa isso para lá? – perguntou Mailyah – Você sempre fica assim. Diga aos outros que você não gosta e, se eles quiserem a sua companhia, que inventem outra coisa para fazer...

– Não há como, querida. Esses barões adoram este tipo de coisa e estar perto deles agora pode significar estar perto deles em futuras decisões. Mas tudo bem, é somente uma tarde. O que me espanta é termos que usar esse ridículo traje de caça... Ah, não... Isso não é o que mais me espanta – disse Soriom, sorrindo.

– Ah, não? E o que é mais espantoso, então, caçador? – perguntou Mailyah, fingindo estar como uma ave na mira de sua flecha imaginária.

– É que eles pensam que estão lindos, todos eles! – disse Soriom, gargalhando.

– Ah, para mim, você está lindo! – disse a rainha, em doces palavras.

– Bem, isso, então, definitivamente é o mais espantoso de tudo! Minha esposa é cega e eu não consegui perceber durante todo esse tempo!

Mailyah também deu boas risadas.

– Como você disse – lembrou ela, após recuperar parte do fôlego – é só uma tarde. À noite você estará de volta e poderá se ocupar de alguma outra atividade mais interessante...

Soriom, em resposta à provocação de Mailyah, lançou-lhe um apaixonado olhar. Finalmente pronto e vestido como um idiota, o rei se despediu para se juntar aos outros.

* * *

Anthgon cavalgara velozmente. Sua expectativa era de que a bruxa não estaria mentindo e, naquela tarde, enquanto o rei estivesse atrás de codornas, ele estaria atrás de verdades.

– Você nunca veio até aqui dois dias seguidos! – exclamou a mulher.

– Tão breve quanto a minha chegada será a minha saída – respondeu Anthgon, friamente – Você disse que o caminho é longo...

– Ah, sim, é longo. Principalmente porque você terá que ir à pé. Pela trilha que vai nesta direção – disse ela, apontando para a mata – seu cavalo não passa. E é por ela que você terá que seguir.

– Que seja – respondeu Anthgon – Mais uma razão para eu me apressar.

– Preste atenção. Você andará o dia todo e passará por pequenos riachos. São vários, mas poderá cruzá-los com facilidade, pois são rasos. Ao cair da tarde você deverá alcançar as formações

das cavernas. Sugiro que durma logo na primeira que encontrar, pois, perto desta, fica a outra, onde Borghus está. Só não recomendo chegar lá à noite, pois ele talvez consiga vê-lo antes que você o veja. No dia seguinte, com a luz do dia, será melhor.

– Mas assim não conseguirei retornar no tempo planejado!

– Como não? Ou você está pensando em passar uma agradável tarde com o rei defunto? Não seja tolo! Você está indo lá apenas para confirmar minha história. Assim que tiver sua certeza, volte imediatamente. Não se arrisque. A volta será mais rápida, pois você já terá conhecido o caminho. Amanhã, ao fim do dia, você já poderá estar de volta ao castelo.

– Por falar em castelo – disse Anthgon, esboçando um sorriso – ontem aconteceu algo interessante.

Anthgon contou sobre a reação do rei no pátio.

– Viu? – exclamou a bruxa – Eu disse que era verdade e amanhã você verá com seus próprios olhos! Mas não vá revelar seu segredo a Soriom!

– De certo que não! Vou me aproveitar da fraqueza dele. Há muito o que aproveitar...

– Você precisa continuar agindo assim, Anthgon, e Soriom lhe dará cada vez mais poder. Até o dia que...

– Sim, eu sei – interrompeu Anthgon – Agora, devo ir. Depois conversaremos.

Enquanto via Anthgon desaparecer pela mata, a mulher amarrou o cavalo a uma árvore. Era uma longa corda, dando ao animal certa liberdade, apesar do pequeno espaço que circundava a cabana.

Anthgon caminhou durante todo o dia. O sol já se escondia atrás de algumas rochas quando, ao atingir as primeiras cavernas, Anthgon preparou um pequeno acampamento para passar a noite. No dia seguinte, tão logo prosseguiu com a marcha, sua dúvida se desfez por completo. Era Borghus, caminhando em direção a um riacho para pegar água. A história estava, por fim, confirmada. Sabendo que Borghus vivia, Anthgon poderia ampliar seu poder sobre Soriom. Ninguém poderia saber que o rei havia forjado a solenidade de posse ou a coroa estaria ameaçada. Quando chegasse o momento, Soriom teria que se submeter ao seu cavaleiro ou teria seu segredo revelado. As perspectivas pareciam boas para Anthgon, mas, então, ele teve uma ideia ainda melhor. Tão logo Borghus se distanciou o bastante, Anthgon adentrou silenciosamente a caverna.

* * *

Soriom regressara de sua viagem antes do previsto, no meio da noite, e sem a companhia de Anthgon. Ninguém conseguia entender, mas o rei não dava explicações. Simplesmente entrou em um dos quartos do castelo e se trancou, sozinho, permanecendo lá durante toda a noite.

Ao retornar do esconderijo de Borghus, Anthgon não fora a Hoshorn porque sabia que não encontraria o rei, dirigindo-se diretamente ao castelo, onde chegou pela manhã.

– Onde você estava? – perguntou Mailyah, assim que o viu.

– Soriom está aqui? – disse Anthgon, devolvendo a pergunta – Onde ele está?

– Ele está no quarto, lá em cima! Está trancado e não abre para ninguém! O que aconteceu, Anthgon? Não era para vocês se encontrarem hoje e voltarem juntos amanhã?

– Preciso falar com ele – disse Anthgon, seriamente.

– Anthgon, responda-me! – irritou-se Mailyah.

– Perdão, minha rainha, responderei. Mas primeiro preciso falar com o rei – disse Anthgon, dando as costas à rainha e subindo as escadas.

Chegando à porta do quarto onde Soriom estava, Anthgon o chamou sem, no entanto, obter resposta. As pessoas começaram a ficar preocupadas e alguns suspeitaram que o rei poderia estar morto dentro do quarto. A questão precisava ser resolvida rapidamente. Anthgon seria considerado suspeito, até culpado, se algo tivesse acontecido ao rei. Pegando um pedaço de papel, escreveu um bilhete e colocou-o sob a porta.

– Assunto de soberania real, majestade! – gritou Anthgon – Por favor, dê atenção!

Do outro lado da porta, ouviu-se algum barulho. O rei não estava morto. Aproximou-se e pegou o bilhete. A frase dita por Anthgon era um código combinado com o rei para tratar de qualquer assunto que comprometesse sua permanência no trono. Soriom leu o bilhete:

"Soriom, as pessoas estão preocupadas. Estão falando em derrubar esta porta. Pensam que você pode estar morto aí dentro. Lembre-se de que você não tem herdeiros e que é tempo de revolução. Temo pelo pior. Precisamos definir o que dizer sobre ontem, ou nossas histórias serão diferentes. Abra a porta para mim e não permitirei que ninguém mais entre. Estou aqui para ajudá-lo. Seu amigo, Anthgon."

Mais um barulho e, finalmente, um sinal expressivo. A porta se abriu vagarosamente e, pelo estreito espaço, Anthgon entrou. Soriom fechou a porta novamente.

O rei enxugava lágrimas de seus olhos e a expressão em seu rosto denunciava que havia chorado, talvez, durante toda a noite. Por alguns momentos, Anthgon não ousou dizer nada. Soriom também estava quieto. Por fim, o rei quebrou o silêncio.

– Diga-me, o que tem em mente?

– Ó, Soriom, meu amigo, o que aconteceu? Preciso que me diga para que possamos encontrar uma saída...

Soriom estava relutante em dizer. Prometera ao pai guardar o segredo, mas, a partir dali, não sabia se faria diferença. Angustiado por não poder compartilhar a razão de seu sofrimento com ninguém, Soriom decidiu confiar a Anthgon sua história e lhe contou todo o ocorrido, desde a troca de prisioneiros até a última visão de seu pai no dia anterior, quando o encontrara morto.

– Não há porque temer, Soriom. Nenhum cidadão da Sindávia conhecerá esta história. Jamais! Seu segredo está seguro comigo.

– Apenas não entendo, Anthgon. Tanto foi o esforço para evitarmos a morte dele... Por que haveria de se matar agora?

– Acredita mesmo que ele se matou? – perguntou Anthgon.

– Se acredito? Não há outra explicação. Ninguém sabia que ele estava lá, Anthgon. Nem mesmo minha mãe ou Mailyah. Ele estava segurando uma faca enterrada em sua própria barriga! Por que ele fez isso?

– Talvez a vida nas cavernas, Soriom. Sozinho... Deve ter sido difícil de suportar.

– É verdade que ele não parecia muito bem ultimamente – divagou Soriom – Mas a este ponto...

– O que quer dizer?

– Há alguns meses ele vinha se comportando de forma estranha. Aquela moça, a namorada que ele teve... Já contei a você sobre isso?

– Receio que não.

– Meu pai amou uma mulher com quem não pôde se casar. Ele jamais se esqueceu dela e, vez por outra, falava a respeito. Insistia na ideia que, se não mais podia vê-la em vida, a encontraria no céu, quando morresse. Da última vez que nos falamos, ele estava mais estranho que o normal. Era uma afetação diferente. Ele parecia extasiado. Não falava muito, apenas perambulava pela caverna. Tive a oportunidade de me aproximar do local onde ele costumava escrever. Ele mantinha um diário no qual boa parte dos escritos eram cartas onde ele declarava seu amor ou pedia perdão a essa moça por quem se apaixonou. Havia várias cartas que ele escrevia para ela.

– Bem, mas, pelo que me disse – atentou Anthgon – se ele sempre fazia isso, porque lhe pareceu diferente da última vez?

– Então, é o que eu estou dizendo. Eu fui até o local onde ele escrevia as cartas, peguei um papel e comecei a ler um trecho. Foi aí que realmente me assustei. Acredito que meu pai tenha ficado louco.

– Por quê?

– Ele narrava como seria seu reencontro com ela, descrevendo-a em detalhes. Falava dos cabelos, do olhar... Ah, coitado de meu pai, Anthgon – disse Soriom, ameaçando chorar novamente – Ele ficou condenado a uma vida desgraçada, como um selvagem, sozinho em uma caverna. Isso é destino que um rei mereça, amigo? Responda-me, isto é digno?

– De certo que não, Soriom. Seu pai foi um grande homem e um grande rei – consolou Anthgon.

Soriom parou por uns instantes, como se recordasse algo. Então, acompanhado de um soco na mesa, disse:

– Maldita caça! Maldita caça! Eu poderia ter evitado!

– O que foi, Soriom?

– É tudo culpa daquela maldita sessão de caça. Quando cheguei, o corpo de meu pai ainda estava quente. Se eu tivesse me encontrado com ele na véspera, poderíamos ter conversado e... Não sei, talvez eu pudesse ter evitado.

– Soriom, você não pode se culpar. Você pensa que seu pai voltaria atrás?

– Eu poderia ter tentado.

– Isso se você soubesse, Soriom! Mesmo que você ainda o encontrasse vivo, ele jamais comentaria sobre esta intenção. A coisa ia acontecer de qualquer jeito.

– Eu não mereço ser rei, Anthgon, não mereço. Não depois do que eu fiz.

Anthgon não imaginava ouvir tais palavras, mas o fez com grande prazer. Ainda não era, entretanto, o momento certo de agir.

– Não diga uma bobagem dessas, Soriom! Você é um grande rei! – bradou Anthgon para, em seguida, diminuir o tom de voz e continuar – Se você está preocupado por não ter matado seu pai, ele está morto agora. Ninguém jamais saberá. Tudo pode continuar como sempre foi.

– Não, Anthgon, não pode. Minha falha não pode ser anulada. Meu pai vivia uma vida muito triste. Essa é a verdade. Da última vez que o vi, ele estava verdadeiramente enlouquecido por causa da tal moça. Falava sobre morrer para encontrá-la nos céus. E, então, chego lá e encontro esta carta – disse Soriom, retirando do bolso um papel dobrado – Eu deveria ter desconfiado!

Alguém bateu na porta. Era Mailyah, tentando saber o que se passava no interior do quarto. Soriom recolocou a carta no bolso.

– Peço perdão, Soriom, mas precisamos nos preocupar agora com nosso álibi. Dissemos às pessoas que nos encontraríamos em Hoshorn para regressarmos juntos hoje. Seu retorno antecipado comprometeu nossa história.

– O que sugere? – perguntou o rei.

– Não há problemas quanto a isso. Poderemos dizer que nos encontramos ontem mesmo, à tarde, a caminho de Maddaghi ou mesmo de Hoshorn. O que não dá para explicar é o seu estado. Temos que pensar em algo.

– Direi a verdade, Anthgon. Agora, meu pai está morto mesmo. Que diferença faz?

– Está louco? – espantou-se Anthgon – Seu pai está morto, sim, mas não foi você quem o matou! Isso, na opinião de muitos, invalidará o seu reinado. Na opinião de todos, talvez. É capaz de tentarem prendê-lo e matá-lo, Soriom.

– Então, o que diremos?

Bateram na porta outra vez. Anthgon respondeu que o rei estava bem e que queria descansar um pouco. As insistentes batidas cessaram por um tempo.

– Imagino que o melhor seja dizer que você teve uma visão e ficou apavorado.

– Visão, Anthgon? Vou dizer que me assustei com fantasmas? Que coisa mais ridícula!

– Pode ser ridículo, Soriom, mas é o ridículo que desvia a atenção das pessoas para longe da verdade. E não diremos isso a todos. Creio ser interessante que você permaneça isolado por um tempo. Podemos dizer que você está doente e combinaremos com um médico para confirmar esta história. Para a sua esposa, porém, você deverá dizer que caiu do seu cavalo e, enquanto estava adormecido, teve a visão de toda essa história que me contou.

– Se vou mentir para ela, por que não sustentar também a história de que estou doente?

– Você dorme com ela, Soriom, e, dormindo, as pessoas falam. Melhor que explique tudo antes para que ela não estranhe quando você começar a contar aos poucos, enquanto dorme. Além disso, tenho certeza de que ela saberá como confortá-lo e, depois de algum tempo, você poderá voltar a público dizendo que está curado. Não será mau um pequeno descanso após seus três primeiros anos de reinado.

– É, é um bom plano – admitiu Soriom.

– É um excelente plano. Seu reinado estará plenamente assegurado.

– Não sei até que ponto, Anthgon. Eu não tenho herdeiros. Se eu permanecer doente por muito tempo, alguns podem pensar que não sobreviverei. Longe da corte, eu não poderei saber o que está acontecendo.

– Ei, esqueceu-se de seu amigo aqui?

Soriom sorriu levemente. Percebeu que Anthgon poderia ser um grande reforço durante aquele período.

– É verdade, amigo, desculpe-me. Mas você terá que ser meus olhos e meus ouvidos. Preciso saber de qualquer tentativa de sublevação.

– Não permitirei que aconteça! Dentro do que estiver ao meu alcance, impedirei qualquer tentativa de conspiração contra o rei, nem que precise defender a coroa à força.

– Mas, Anthgon, cuidado para não atritar com os generais do exérc... Ah, que diabos! Espere um momento.

Soriom se levantou e foi até uma escrivaninha. Tinha à sua disposição uma folha onde escreveu uma declaração nomeando Anthgon chefe do exército.

– Pronto! Agora você tem poderes para impedir conspirações de qualquer natureza – disse o rei, entregando a nomeação nas mãos de Anthgon.

– Ó, majestade, quanto me honra! – saudou Anthgon, reverenciando formalmente o amigo – Farei o melhor que puder, meu rei!

– Sei que fará. Agora vá. Ah, e entregue uma encomenda minha ao general, por favor. Sei que ele será surpreendido pela destituição de seu cargo. Espero que se surpreenda também com esta compensação – disse Soriom, entregando um saco cheio de moedas de ouro a Anthgon – Agora vá e só permita a entrada da rainha. Contarei a história a ela, conforme você sugeriu. Apenas esteja aqui de volta até o começo da tarde para que possa lhe dar algumas autorizações.

– Voltarei, majestade, voltarei – disse Anthgon, saindo do quarto.

Mailyah aguardava ansiosa do lado de fora junto a alguns guardas.

– O rei disse que só deseja ver sua esposa no momento – disse Anthgon – Minha rainha, por favor, queira entr...

Mailyah mal esperou Anthgon finalizar suas palavras. A porta do quarto se fechou novamente logo após sua entrada. Anthgon fez um gesto cortês saudando os demais membros da corte que estavam à beira da porta. Descendo as escadas, encontrou Aytilla e, com a cabeça, pediu que o soldado o acompanhasse até a biblioteca.

– Os planos começam a tomar forma, Aytilla. Veja o que tenho aqui – disse Anthgon, mostrando a carta de nomeação.

Aytilla não disfarçou seu entusiasmo. Era esperado que Anthgon viesse a liderar o exército somente alguns anos mais tarde, mas não... Lá estava a carta. E se Anthgon subia, Aytilla subia também. Esse era o combinado. E Anthgon cumpriu:

– Amanhã mesmo, você assume o meu cargo. Será nomeado primeiro-oficial do exército.

Estavam definidas as bases para a notável e sanguinária carreira militar de Aytilla.

23

- HAVIEN -

Imersos em noite esplendorosamente iluminada pela luz das estrelas, um grupo de viajantes se prepara para dormir em um acampamento construído em meio às plantações. O chefe do acampamento havia acolhido uma mulher em momento e condições muito especiais. Havien nasceu.

24

- AINDA É POUCO -

A liderança do exército era um posto mais do que respeitado. Nos dois últimos anos, gostassem os soldados ou não, deviam obediência a Anthgon e, em sua ausência, a Aytilla. E as ausências de Anthgon eram muitas. Após a secreta e verdadeira morte de seu pai, Soriom vivera períodos conturbados. Abalado, destinava muitas de suas atribuições ao amigo, mesmo aquelas que não correspondiam às funções do cavaleiro.

Uma pressão adicional era imposta ao monarca: ele não tinha herdeiros. Isso causava uma série de adicionais transtornos. Um deles se apoiava na dúvida quanto à virilidade do rei. Apesar de superficial e pouco pertinente, esse velado questionamento incomodava a autoridade real e a colocava em perigo. Outra possibilidade seria a de que o rei pudesse querer se manter no poder até morrer naturalmente, o que não era bem visto pelos membros da corte. Já se contavam cinco anos desde que Soriom fora coroado e era necessário um filho.

Aytilla, por outro lado, tinha tudo o que queria. Aproveitando-se das constantes ausências de Anthgon, era ele quem comandava o exército na maior parte do tempo. Maior rigidez fora imposta aos soldados e Aytilla talvez se sentisse superior ao próprio rei. Aquela era uma posição que sempre desejou, porém obtida em tempo muito menor que o esperado. Certa vez, no entanto, Aytilla cometeu um deslize e sentiu, enfim, o que significava não ser o titular, mas apenas um substituto.

Em um dia de costumeiro treinamento, Anthgon fora visitar os homens. Aytilla, algo surpreso, algo orgulhoso, comandava as formações dos soldados, exibindo-os. Anthgon os observava com expressão de satisfação. O exército estava sendo muito bem treinado.

Uma divisão se aproximou e ficou a postos. Não estivessem tão próximos, o erro de Aytilla não teria sido tão grave.

– Devo cumprimentá-lo, Aytilla. Os homens parecem muito bem treinados – disse Anthgon.

– Obrigado, senhor. Todos aqui estão trabalhando para alcançar o melhor, senhor.

– Pois que continuem assim e a segurança da Sindávia estará garantida.

O grupamento permanecia no local, mas Anthgon se preparava para ir embora. A ambição de Aytilla, não satisfeita com o elogio recebido, precisava de mais. O ego do jovem soldado parecia querer de Anthgon uma declaração pública e exacerbada de admiração, algo que jamais aconteceria. Ao ver Anthgon deixar o local, Aytilla o chamou novamente para lhe mostrar um grupo especial de soldados que estava sendo constituído.

– Anthgon, não vá! Você precisa ver o...

Aytilla percebeu o erro que havia cometido. A intimidade com que se relacionavam em particular não deveria ser exposta, mas o jovem soldado se esquecera por um instante. Um único instante, mas que o chefe do exército não poderia desconsiderar. O agravo se deu quando Anthgon percebeu a alteração no semblante de um dos soldados, que estranhou o tratamento. Tendo conseguido tanto em tão pouco tempo, Anthgon não correria o risco de perder nada. Sua autoridade não poderia ser questionada e, se um subordinado erra, precisa ser punido.

– Você – disse Anthgon firmemente ao homem cujo semblante havia se alterado – dê um passo à frente.

O homem obedeceu, não sem temor. Imaginou que seria punido por seu comportamento, mas Anthgon, engenhoso, sempre surpreendia. A maneira que encontrou de reforçar seu poder foi outra.

– Prenda este homem! – disse Anthgon, apontando para Aytilla.

Por um momento, o soldado hesitou. Aytilla olhava com espanto para Anthgon. Não acreditava no que estava acontecendo.

– Perdão, senhor, eu não quis... – disse Aytilla, tentando remediar o problema.

– Onde há perdão não há competência, senhor oficial. No exército não há espaço para perdão e sim para normas e para punições quando as normas não são observadas – disse Anthgon, voltando-se novamente para o soldado e despertando-o da inércia com grande ímpeto – Soldado! Está surdo?

Desnorteado, mas atendendo ao comando, o soldado procedeu à prisão de Aytilla, que, agitando-se, reagiu em protesto, ora dirigindo a palavra ao soldado que o prendia, ora ao próprio chefe do exército. Anthgon meneou com a cabeça em sinal de reprovação. Aytilla precisava ser recolocado nos eixos ou sua exaltação poderia comprometer o restante do plano.

– Soldado! – disse Anthgon ao homem que levava Aytilla – Qual o tratamento que damos a prisioneiros rebeldes?

O homem hesitou mais um pouco, olhando nos olhos de Aytilla. Por fim, respondeu:

– Rebeldia com rebeldia, senhor.

– Que este caso não seja diferente, então! – disse Anthgon, deixando o local.

A instrução de Anthgon significava dar tratamento de prisioneiro rebelde a Aytilla, o que incluía privação de comida e tortura leve. Sabendo que o chefe do exército faria inspeção em breve para ver se suas ordens haviam sido cumpridas, o soldado não

demorou em reunir outros para o espancamento. A cena era grotesca e inimaginável. Os soldados estavam agredindo o seu próprio superior. Mas, se o faziam, era por medo de alguém ainda mais alto que aquele em quem batiam.

* * *

– Olá, Anthgon. Ficou um tempo sem aparecer...

– Muitas são as obrigações agora – justificou Anthgon – Soriom está cada vez mais alheio aos problemas do reino para se dedicar aos seus próprios. Isto está me tomando muito tempo.

– Mas, então, é uma ótima notícia! – disse a bruxa – Se continuar assim, muito em breve...

– Sim... Creio que as coisas estão se acelerando. Como chefe do exército eu... é que ainda não tenho um exército forte o suficiente.

– Forte o suficiente para quê, Anthgon? – perguntou a mulher.

– Como assim, para quê? Soriom está enfraquecido, eu sou chefe do exército...

– Não precipite as coisas, rapaz. Você sabe que Soriom está enfraquecido, mas o resto do castelo, não. Você é chefe do exército, mas Soriom é seu chefe e os soldados sabem disso. Não conseguirá nada enquanto não tiver tudo em suas mãos.

– Aquele idiota do Aytilla – comentou Anthgon.

– Quem é esse?

– É um soldado muito habilidoso com as armas, mas pouco com as palavras. Ele é meu imediato no exército e é com quem conto para o grande dia. O problema é que ele ainda é muito inexperiente. Tive que puni-lo ontem pelo seu comportamento. Isso vai atrasar o plano.

– Insisto, Anthgon, não se precipite. O exército é só o começo. Esqueceu-se de que, mesmo sendo chefe do exército, a corte ainda o vê como filho de um mascate? Depois ainda tem a rainha, que não morre de amores por você, e Tchi-tah...

– Só me sinto pesaroso porque esta seria uma excelente oportunidade...

– Nenhuma oportunidade que conduz ao fracasso pode ser boa, Anthgon. O que você tem ainda é pouco... Reúna esforços e prepare-se. O grande dia chegará.

* * *

De volta ao castelo, Anthgon foi ver Aytilla. Havia secretamente solicitado a um dos soldados que não o agredisse muito. Ao chegar à cela, constatou que sua instrução fora muito bem observada. Aytilla estava cheio de marcas por todo o corpo e mal se mexia por causa da dor, mas não havia nenhum osso quebrado e seu rosto estava intacto. Os guardas da prisão se retiraram para que os dois pudessem conversar a sós.

– Como você está? – perguntou Anthgon.

Aytilla não respondeu.

– Saiba que você apanhou por causa do rei, não por minha causa. Se eu fosse o rei, as coisas seriam diferentes. Mas se é assim que vivemos, é assim que vivemos...

Aytilla continuava sem nada dizer.

– Escute uma coisa, Aytilla. De nada adianta você guardar rancores. Você sabe que eu o poupei. Muitos desses guardas desejam o seu posto e poderiam tê-lo matado.

– Sim, mas isso apenas porque você os mandou me açoitar – respondeu Aytilla, contrariado.

– Sim, mas isso apenas porque você não sabe manter a ordem na frente de seus homens! O que tinha na cabeça? Pensa que pode me tratar daquela maneira?

– Sei que não, Anthgon, sei que não. Mas foi só um descuido, só um descuido! Pelos deuses, precisava de tudo isso?

– Não há espaços para descuidos, soldado! Nosso plano é ambicioso demais para permitir esses deslizes. E, sim, precisava de tudo isso. Não pelos deuses, mas pelo nosso futuro.

– Mas que futuro é esse? E que plano é esse? Você sempre fala de um grande plano que eu não sei qual é!

– Pelo seu comportamento, bem se vê que não está pronto. Você precisa se preparar, Aytilla, é só o que eu digo. Preciso de um exército forte e bem liderado. Isso você parece saber fazer. Mas preciso de homens que estejam do nosso lado incondicionalmente. Isso você ainda não consegue fazer. Viu o que aconteceu ontem, não viu?

– O quê?

– Você acreditava ter controle sobre seus homens. Isso até eu lhes dizer para prendê-lo. Então percebeu que só tem autoridade até alguém mais forte aparecer e dizer o contrário.

– E o que isto tem a ver com este plano sobre o qual você fala?

– Para que haja controle total, não pode haver uma autoridade superior – disse Anthgon.

– Ah, Anthgon, do que você tem a reclamar? Você é o chefe do exército. Somente o rei pod...

Aytilla começava a entender a intenção de Anthgon.

– Não me diga que você pretende...

Anthgon fez sinal para que Aytilla se calasse. Em seguida, verificou nos corredores se havia a presença de qualquer guarda.

– Por enquanto, o que tenho a dizer é que você precisa crescer. Você teve uma importante lição ontem: a incompetência é punida com fracasso e dor. Espero que a tenha aprendido. Você será deixado aí mais uns dois dias. Depois eu o chamarei e o recolocarei em sua função. Os homens devem pensar que eu sou um exímio seguidor das normas, não um tirano. Assim, aumentará o meu prestígio entre eles. Quanto a você, trate de fazer a sua parte, que não é difícil – disse Anthgon, com desdém.

– Sim, senhor – respondeu Aytilla, enfatizando o tratamento.

Anthgon recuou e, inclinando-se para trás, deu mais uma espiada nos corredores. Quando voltou, sussurrava:

– Aytilla, não permita à sua mente se esquecer nem por um momento que nossos objetivos são grandiosos. Você deve estar o tempo todo concentrado nisso. É assim que se vence. Veja o exemplo de Soriom. Ele tem um grande problema nas mãos mas não está concentrado em resolvê-lo. Estão todos na expectativa de que ele tenha um filho, mas ele mesmo parece não se preocupar muito com isso. Já estão começando a falar...

– Tenho ouvido a respeito – disse Aytilla, principiando uma leve risada – Parece que a espada do rei não está muito afiada...

– Pois então! E eu ainda desconfio que o problema seja com a rainha. Eu, se estivesse no lugar de Soriom, já teria tratado de resolver essa questão. Falei para ele! Ele poderia ir nem que fosse a um abrigo qualquer e se envolver com uma mulher que lhe desse um filho! Afinal, alguém é melhor do que ninguém. Seria um príncipe do abrigo, certamente, mas ninguém precisaria saber. Enfiava essa mulher no castelo até que tivesse a criança e depois dizia que o filho era da rainha. Tão simples! Mas, não. Soriom é muito certinho e, o que é pior, continua despreocupado. Pois que seja assim. Se ele não

se preocupa com quem continuará no poder depois dele, existem dois que se preocupam bastante, não concorda?

Aytilla sorriu ardilosamente.

– Continuo contando com você, primeiro-oficial e amigo? – perguntou Anthgon, para finalizar a conversa.

– De certo que sim. Confesso que foi duro, mas entendi e aprendi minha lição. Estou pronto para retomar minhas atividades. Para retomar nosso plano!

– Muito bom. Agora, devo ir. Até que você seja solto, demonstre bom comportamento para que possamos justificar sua rápida libertação.

Anthgon se preparava para deixar a cela quando foi chamado por Aytilla.

– Ei, agora não estamos na presença de outros, certo?

– Sim, por quê?

– Ora... Amigos não se abraçam?

– Oh, sim, de certo que sim – concordou Anthgon, com um velado desprezo, indo ao encontro de Aytilla.

Já era noite quando Anthgon deixou a masmorra e voltou para seu quarto.

* * *

Era necessário monitorar os homens. A atitude imprudente de Aytilla apenas era uma das muitas que denunciavam a desastrosa inabilidade de alguns soldados e Anthgon, incessantemente, saía sozinho com seu cavalo para identificar qualquer inobservância dos comandos por parte de seus subordinados.

Em geral, em razão do medo que os soldados sentiam, tudo estava sempre em ordem e, por isso, estas incursões de Anthgon se tornavam cada vez menos proveitosas. Em uma das vezes, porém, o que ele viu foi mais significativo que surpreender um soldado em descumprimento.

Ao transitar pelas ruas de Maddaghi em uma tarde de outono, observou pequenas crianças brincando sobre um amontoado de palha. Uma, em especial, chamou atenção do chefe do exército. Ela estava sozinha, afastada das demais, e não demonstrava interesse em brincar. Antes que Anthgon pudesse se aproximar, uma mulher, que parecia ser a mãe do garoto, pegou-o rapidamente no colo e entrou para sua casa. Aquele repentino comportamento deu origem a suspeitas que, mais tarde, seriam confirmadas.

* * *

Soriom, confortável com a administração de seu fiel cavaleiro, acostumara-se à ideia de a ele delegar todo tipo de responsabilidade. Com isso, os poderes de seu cavaleiro cresciam. O que ainda lhe faltava era uma voz forte no conselho, do qual apenas participava como ouvinte. Além disso, a eterna interferência do comando espiritual de Tchi-tah, o supremo líder religioso da Sindávia, incomodava sobremaneira. Quanto ao conselho, Anthgon teria que esperar. O desinteresse do rei nos últimos tempos não permitia novas nomeações. A estrutura do conselho estava imóvel. Não desejando perder tempo enquanto aguardava, Anthgon começou a atacar a outra frente.

Logo após o retorno de Aytilla ao exército, Anthgon o instruiu a cultivar e disseminar costumes espirituais diferenciados. Ele próprio, Anthgon, adotaria alguns desses costumes e se deixaria ser visto pelos guardas ao realizar tais práticas. Aos poucos, os soldados, talvez para garantir boa relação com seus superiores,

começaram a imitá-los e, posteriormente, a se interessar abertamente. Em pouco tempo, já eram rituais com periodicidade determinada. Anthgon, se não podia ser líder religioso de todo o reino, ao menos parecia conseguir sê-lo dentro do exército. Uma vez que já era o líder natural dos soldados, as coisas acabavam se confundindo e ele era, sem esforço, visto também como uma autoridade espiritual pelos seus liderados. As reuniões secretas faziam os soldados se sentirem ainda mais importantes e o culto a uma nova ordem religiosa nascia. O choque com Tchi-tah seria inevitável, mas não seria breve. Anthgon precisava, primeiramente, que todo o exército estivesse coeso dentro do novo conjunto de crenças. O passo seguinte seria os soldados levarem às suas residências as novas ideias, influenciando as famílias. As mulheres conversariam entre si, levando as ideias a outras famílias e as crianças, desde cedo instruídas, não trariam problemas mais tarde. Era um plano audacioso e longo, mas, se tudo funcionasse conforme o previsto, Anthgon poderia lançar decisiva ofensiva contra Tchi-tah.

* * *

– Veja, meu filho. Todos estes homens são soldados do rei, igual ao papai – disse Yavog.

O garoto ouvia com atenção.

– Um dia – continuou – você também poderá ser um soldado do rei. O que me diz?

O pequeno Yavog olhava espantado para a formação dos soldados. Pouco depois, alguns cavaleiros da guarda se aproximaram, montados em seus magníficos animais. Yavog percebeu a admiração do filho.

– O quê? Gostou dos cavalos?

A criança respondeu que sim com a cabeça.

– Será que vai querer ser um cavaleiro da guarda, então? – perguntou ao filho – O que me diz, soldado ou cavaleiro da guarda?

– Cavaleiro muito!

Yavog mal teve tempo de sorrir para seu filho quando um leve golpe lhe atingiu a nuca.

– Quem lhe deu ordens, soldado? – perguntou Aytilla.

A criança olhou assustada ao ver o homem falar daquela forma com o seu pai.

– Perdão, oficial, estava apenas mostrando o treinamento dos homens ao meu filh...

– E esta é sua função? Você é a ama do exército?

– Não, senhor.

– Você não sabe que as crianças não podem entrar aqui, soldado?

– Sim, senhor. Peço que me perdoe.

– Eu? Perdoar? Certamente! – disse Aytilla, em tom de zombaria – Quem não perdoa são os esgotos do castelo. Ah, eles são muito cruéis... E você vai passar a próxima semana inteira limpando todos eles.

– Mas, senhor...

– Está questionando o meu comando, narigudo?

– Não, senhor – disse o grande homem Yavog, baixando a cabeça.

– Que bom. Troque essa maldita criança por um escovão e volte aqui. E rápido! Vou chamar um guarda para inspecionar sua missão subterrânea – disse Aytilla, rindo.

* * *

– Está tudo dando certo – dizia Anthgon, com animação.

– Eu não falei que daria certo se você agisse com calma e soubesse esperar? – relembrou a mulher – Muito em breve você será o homem mais poderoso de toda a Sindávia. Isto, sim! Isto é que deve ser!

– Você fala de um jeito como se...

– Como se o quê? – perguntou a bruxa, curiosa.

– Não sei... Como se soubesse de algo, mas... Bem, não vou insistir nisso novamente. As coisas estão dando certo para mim e quem é você ou de onde você veio ou qual é o seu interesse nisso tudo são coisas que não me importam mais.

– Mas você não é a melhor pessoa para me acusar de ocultar informações...

O cavaleiro ficou pensativo por uns instantes. Perguntava-se sobre o que aquela mulher poderia estar falando.

– Silêncio, rapaz? Seu silêncio me diz muito...

– Do que está falando? – perguntou Anthgon.

– Entendo que Soriom não tenha percebido. O coitado deve ter ficado mesmo muito abalado. Eu mesma só percebi há pouco tempo. Foi uma falha sua, não foi?

– Percebeu o quê? Que falha?

Anthgon começava a se agitar.

– Não se preocupe, rapaz. Seus segredos estão seguros. Afinal, para quem e com que intenção eu haveria de contá-los?

– Não vou entrar no seu jogo desta vez – disse Anthgon, defensivamente – Se você quiser me dizer do que se trata, estou ouvindo. Se não, vou-me embora.

– Claro que digo, afinal, estava só esperando você aparecer para lhe perguntar. Borghus não se matou, estou certa?

Anthgon ficou paralisado. Sua reação reforçou a certeza da mulher.

– Como eu disse, não há por que temer. Eu sei como funcionam as questões do poder. Só queria ouvir de você se era verdade. E pela expressão em seu rosto...

– Por que está dizendo isso? – perguntou Anthgon.

– Anthgon, você disse que Borghus escreveu um bilhete a Soriom onde se despedia. Um bilhete típico de um suicida. Você me contou que Soriom leu o bilhete para você, não se lembra?

– Sim, e o que há de estranho nisso?

– Nisso? Nada. Mas um bilhete incompleto de um suicida? Isso faz algum sentido para você? Algum suicida deixaria um bilhete incompleto?

Anthgon viu quando a mulher retirou de dentro de uma bolsa um conjunto de cartas.

– Encontrei essa bolsa esses dias em um vão sob o telhado de minha cabana. Imagino que você a tenha escondido aqui...

– Pensei que seria um lugar seguro para guardá-la – disse Anthgon.

– Há uma informação importante nas cartas – sugeriu a mulher – Uma informação que não está nas palavras...

Anthgon, sem responder, parecia concordar.

– O tal bilhete não era bilhete algum, não é? Aquilo era o diário de Borghus. Você só pegou um trecho bastante conveniente. Provavelmente, este trecho aqui, que está faltando... – disse a bruxa, mostrando um pedaço faltante da página – Foi você, não foi, Anthgon? Você matou Borghus!

– Mas que diabos! Que diferença faz? Era para ele estar morto mesmo! Borghus colocaria tudo a perder! – confessou Anthgon – A tal solução que ele disse ter encontrado, que ele

mencionou na carta a Soriom, quer dizer, no diário... Sabe o que era? Era retornar à Sindávia e esclarecer tudo a todos. Ele me disse! A mais corajosa viagem de sua vida era voltar a Sindávia e reaparecer depois de considerado morto! Ele acreditava que a verdade traria a solução para os problemas.

– Mas então você falou com ele? – perguntou a mulher, curiosa.

– Sim, falei. Quando nos encontramos ele disse que imaginava ser descoberto um dia. Minha presença lá o fez ter certeza de suas convicções sobre retornar. Ele disse que a verdade precisaria ser contada e que só ela seria o caminho correto. Ele voltaria para auxiliar Soriom com os problemas do reino! Borghus parecia ter se tornado mais forte com o isolamento. E se já está sendo difícil agir contra um rei, imagine contra dois!

– Foi engenhoso da sua parte, tenho que admitir... Adquiriu uma grande vantagem e deverá usá-la contra Soriom.

– Já tenho feito isso, e está sendo ótimo. Era certo que a morte do pai o abalaria e que ele ficaria incapacitado de governar por um tempo. Com a morte de Borghus, sou a única pessoa a quem Soriom confia os assuntos do reino. Além disso, ele se sentia em dívida comigo desde a época das preparações. Imaginei que ele transferiria algumas responsabilidades para mim, principalmente em relação aos assuntos de que menos gostava. E um deles era o exército. Creio nunca ter estado tão certo. Foi a primeira função que ele passou para as minhas mãos! – congratulou-se Anthgon para, depois, voltar a se justificar – Mas Borghus era para estar morto! Eu apenas fiz o que Soriom não fez.

– Genial, Anthgon, genial. Não precisa se explicar. É isso mesmo... Você fez o que devia ser feito. Mas, então... Então foi você mesmo, hein? Por isso estava tão estranho quando voltou. Você parecia muito nervoso...

– Eu já havia colocado o corpo de Borghus em uma posição que sugerisse um suicídio, segurando o punhal próximo à barriga. Mas, ao ler trechos do diário, surgiu a ideia de reforçar a cena com o bilhete. Tudo aconteceu exatamente no tempo certo, pois logo após eu ter colocado o bilhete nas mãos dele, vi uma figura ao longe. Era o cavalo de Soriom. Eu havia feito uma fogueira para destruir o resto do diário, mas não houve tempo. Peguei o que ainda restava dele, guardei nesta bolsa e fui embora antes que Soriom pudesse me ver.

– O poder e a morte se relacionam como machos e fêmeas, Anthgon, constantemente a copular para garantir seus descendentes. Se você pretende ampliar seu poder, terá que se acostumar à presença da morte.

– Borghus deveria morrer de qualquer forma. Ele já deveria estar morto! – ratificou Anthgon.

– Há muitas formas de morrer, Anthgon. Essa é apenas uma delas.

25

- ANTHGON ENDURECE -

Isento de qualquer mácula, Anthgon prosseguiu por mais seis anos. Seu poder cresceu na mesma proporção dos problemas da Sindávia mas, com grande habilidade, Anthgon fizera com que nada parecesse culpa sua. A comida era cada vez mais escassa e as disputas se intensificavam. Algumas mortes nos campos de plantações começaram a ser registradas, sempre como resultado de brigas, às vezes com guardas, às vezes entre os próprios produtores. Aos poucos, o reino sentia a força daquela que seria a mais violenta e duradoura crise de todos os tempos.

– O que podemos estar fazendo de errado, Soriom? – perguntou Anthgon em conversa reservada com o rei.

– Não sei, Anthgon, não sei. Mais parece uma guerra. Os problemas só aumentam! Nada melhora, já percebeu? Nada melhora...

– Se você acreditar que possa ser algo que eu esteja fazendo, Soriom, alguma coisa errada, por favor, avis...

– De forma alguma, meu caro! – interrompeu o rei, amavelmente – Sabemos que você administra os assuntos do reino com competência ímpar. Estou certo de que não há nada de errado nas suas atuais condutas.

– Agradeço por sua confiança, meu amigo. Tenho medo de decepcioná-lo por não conseguir identificar as causas de nossos problemas. Poderia ser algo que fizemos no passado?

Soriom parou por um momento. Lembrou-se de seu pai. Sempre que vislumbrava uma chance, Anthgon usava deste recurso para manter a mente do rei em eterno estado de culpa.

– Você diz em relação a... – insinuou Soriom.

– Oh não, Soriom! Perdão, não quis dizer isso. Você sabe que este assunto está encerrado! Penso se não pode ter havido qualquer outra coisa...

– Também penso nisso, mas não consigo encontrar qualquer explicação... Ah, não é possível! – enfureceu-se o rei – Há alguma maldição sobre a Sindávia. Não é possível! Só pode ser isso!

Alguém bateu à porta. Era a rainha.

– Oh, Soriom, você está aqui – comenta Mailyah.

– O que foi? Algum problema? – perguntou o rei.

– Majestade, permita-me deixá-los a sós – interrompeu Anthgon, polidamente, retirando-se.

Mailyah fechou a porta e se aproximou de Soriom. A rainha não tinha o melhor dos semblantes em seu rosto.

– O que foi, querida?

– Soriom, vou perguntar uma coisa, mas não quero que fique bravo. Já falamos sobre isso outras vezes. Quero que entenda que eu estou tentando ajudar.

– Você vai falar de Anthgon... – disse o rei, contrariado.

– Querido, escute. Não vejo sua presença nos assuntos do reino. Você está a par do que acontece, é verdade, mas sempre pelas informações que Anthgon lhe traz. Ele é quem parece ser o rei. Vejo as pessoas reverenciando este homem mais do que a você. Não lhe preocupa uma situação como esta?

– Com o quê, exatamente, eu deveria me preocupar, Mailyah? Anthgon esteve do nosso lado em todos os momentos difíceis. Desde a infância ele é meu amigo. Meu próprio pai recomendou nossa aproximação. Desde que fui coroado, há onze anos, ele é meu cavaleiro particular... Nunca tive qualquer problema com Anthgon... Onde estaria o mal?

– Se as pessoas soubessem onde o mal está, Soriom, jamais teriam que enfrentá-lo. Bastaria evitá-lo. Mas, uma vez que não sabemos, isso me preocupa. Anthgon parece ter um coração de pedra por trás dessa imagem de prestativo cavaleiro e amigo que você vê. Não gosto do modo como ele me olha às vezes.

– O modo como ele olha para você? O que quer dizer? – perguntou Soriom, aparentemente enciumado.

– Não, querido, não deste jeito. Seria conveniente mentir para você apenas para que se afastasse dele, mas não é minha intenção me apoiar em mentiras. Anthgon jamais foi desrespeitoso comigo. Ele é respeitoso até demais.

– Não seria essa distância cordial que ele mantém de você que está lhe causando esta impressão?

– Não sei dizer, Soriom. Apenas penso que você poderia considerar a possibilidade de estar mais presente.

– Posso considerar, Mailyah, mas ainda há o problema de não termos um filho. Creio que eu esteja um pouco desacreditado perante todos na corte.

– Se pensa que esse é o problema, Soriom, pode procurar outra mulher, então – disse Mailyah com tristeza.

– Minha querida, não diga uma bobagem dessas. Como saber se o problema não é comigo? Aliás, isto é o que pensam as pessoas.

– Sim, mas o problema pode ser comigo! – disse Mailyah, começando a chorar – Eu não queria falhar com você, meu amor, mas não sei mais o que fazer.

– Fique calma, querida. Vamos pensar em uma maneira. Enquanto isso – disse Soriom, tentando melhorar o humor da rainha – por que não nos empenhamos em tentar com, digamos, um pouco mais de requinte? Pensei em algo especial para nós esta noite...

Mailyah enxugou algumas poucas lágrimas. Era muito feliz ao lado de Soriom, que sempre se empenhava em fazê-la sorrir.

– Esta noite? – perguntou ela, curiosa – Mas o que é?

– Hum... Não posso falar.

– Ah, por que não pode? Vai falar sim! – disse Mailyah, começando a fazer cócegas em Soriom.

O rei segurou os dois pulsos da rainha, interrompendo as cócegas.

– Pare com isso, Mailyah. Ou você espera pacientemente até a noite para saber, ou não poderei soltar você.

– Gostei mais da segunda opção – disse ela, maliciosamente.

Soriom sorriu, soltando, com receio, os braços de Mailyah. Ela ainda investiu contra Soriom mais uma vez, mas ele, cauteloso, colocara-se de pé e procurava mantê-la afastada.

– Será possível que precisarei chamar os guardas para fazê-la parar? – disse o rei, em tom de brincadeira.

– Agora, não. Mais à noite, talvez...

* * *

Anthgon relia sua cópia da profecia quando Aytilla chegou.

– Olá, soldado, que bom que veio. Está sozinho?

– Sim, senhor – respondeu Aytilla.

– Feche a porta.

Aytilla obedeceu à instrução e aproximou-se de Anthgon, percebendo que ele segurava um pedaço de papel nas mãos.

– O que foi? – perguntou Aytilla.

– Estou pensando sobre o que fazer com aquele garoto – respondeu Anthgon – precisamos dar um jeito nisso.

– Mas de novo esse garoto, Anthgon! Por que você se incomoda tanto com ele? Que mal pode haver?

– Não podemos correr riscos, Aytilla. É a nossa salvação que está em questão...

– Você realmente encarnou essa de líder espiritual, não é, Anthgon? Não precisa imitar o velho Tchi-tah para mim, amigo...

– E quem está imitando alguma coisa aqui, ora? – exclamou Anthgon, nervoso – Estou falando do sinal do garoto. Ele tem o sinal!

– Mas que sinal? – perguntou Aytilla.

– Você já deve ter ouvido falar da profecia, mas talvez não a tenha lido...

– Sim, já ouvi falar, mas pensei que fosse apenas uma história. Não sabia que havia algo escrito a respeito da profecia.

– Não é exatamente a respeito da profecia – corrigiu Anthgon – é a própria profecia.

O rosto de Aytilla empalideceu. Olhava fixamente para o papel nas mãos de Anthgon.

– Bem, permita-me esclarecer. O que tenho em mãos não é um papel com vários séculos de idade, se é o que está pensando. O original sempre ficou em poder do rei, mas isto também já faz tempo. Sabe-se lá onde possa estar hoje. Isto aqui é uma cópia apenas, que consegui fazer certa vez a partir de anotações de um antigo diário ao qual ninguém nunca deu muita atenção – disse Anthgon, estendendo o papel às mãos do soldado – Quer ler?

Aytilla não hesitou.

"A comida falta. Maior é a sede daquele que mais água possui. O infinito escolhe o agente da revolução e nele deixa a marca de sua infinita força. O grande eleito vê com diferentes olhos e persevera. Está perto da morte por três vezes e não morre. No grande

dia, todos veem o sinal de sua predestinação e nenhum poder resiste. A ele todos se curvam e a seu favor todas as forças conspiram. O agente da revolução destrói um reinado para edificar outro. Ninguém pode contê-lo nem à sua infinita força. Reina sobre todos os homens e a uma nova era dá início."

– Como devo entender isso? – perguntou Aytilla, confuso.

– Ora, você não percebe? A revolução é inevitável. Veja o que temos na Sindávia! A escassez de alimentos é visível. Há algumas coisas que você ainda não sabe – preveniu Anthgon – mas elas apenas confirmam o que está escrito na profecia.

– Aqui diz "sinal da predestinação". É isso que o preocupa em relação ao tal garoto?

– Isso e também as outras coisas. A verdade é que, por enquanto, não temos como resolver o problema do garoto. Mas, em breve, teremos. Já pensei em uma medida para que todas as soluções estejam em nossas mãos.

– E o que sugere?

– Bem, no momento, precisamos resolver uma coisa de cada vez. Temos que nos proteger contra a escassez de água e de comida. Construiremos um silo para armazenar grãos e outro para água. Faça cálculos para dois anos e determine os tamanhos.

– Mas para quantas pessoas?

– Duas somente. Apenas nós dois.

– Mas Anthgon! Como vamos manter em segredo algo desse porte? Se os outros soldados souberem que há comida escondida... Sabe como é, quando a fome aperta...

– É por isso que não saberão. Eu tenho uma ideia. Existe um antigo armazém, próximo ao castelo, há muito abandonado. Faremos nossos silos lá. Apenas me permita convencer o rei de uma outra questão e, aí, começaremos a trabalhar nos silos.

– Que outra questão?

– A maior de todas as manobras, soldado. Construiremos um hospital naquele lugar.

– Hospital? E que vantagem isso poderia adicion...

– Explicarei mais tarde a você. Preciso de tempo para estabelecer alguns pontos importantes antes dessa construção.

– E quando será isso?

– Em um mês. Haverá uma reunião do conselho para discutir a escassez de comida. Há outros problemas também, como a coleta de impostos. Ouvi dizer que Heriátoles, aquele idiota, tem algumas ideias sobre como resolver o problema. Pelo pouco que soube, suas ideias são verdadeiros desastres. Assim que forem instauradas, causarão transtorno tão grande que o exército terá que ser chamado em uma semana ou duas. Quando Soriom vier buscar ajuda, teremos a liberação para construir nosso hospital. Entende o que estamos fazendo, Aytilla? Estamos criamos a dependência para nela apoiarmos nossas realizações.

– Como pode estar tão certo de que conseguirá construir o hospital?

– Porque não é no hospital que estou me concentrando, mas nas oportunidades que nos são oferecidas de tempos em tempos. O tempo é o que mais importa, Aytilla, e tolo é quem deseja ser o senhor das coisas. Poderoso é quem controla o tempo. As coisas, se perdidas, podem ser recuperadas. O tempo, não.

Anthgon se lembrava do período em que desfrutava de vida tranquila e feliz ao lado de Soriom nos anos de sua juventude.

– É verdade – disse Aytilla.

– É verdade o quê?

– O que acabou de dizer! Sobre o tempo...

– Mas é claro que é verdade! – reforçou Anthgon, disfarçando sua distração – Não pense que a força bruta é o único valor dentro do exército. Você deveria estudar um pouco mais. O que eu disse não é novidade alguma. Apenas aprendi com os que vieram antes de mim, o que, por sua vez, é uma estratégia simples e das mais inteligentes.

Aytilla desviou a atenção para olhar pela janela e sorriu acidamente para Anthgon:

– Viu quem está por aqui?

Anthgon se aproximou. No pátio, em companhia de alguns membros do conselho, estava Tchi-tah. Fazia o que qualquer homem precisa fazer para se manter no poder, mais do que estabelecer regras ou punir culpados: buscava aliados.

– Não posso perder essa oportunidade, Aytilla. Depois nos falamos – disse Anthgon, saindo da sala.

No pátio, Tchi-tah falava sobre a preocupação espiritual.

– Mas não pensem que isto se restringe ao rei, senhores! – dizia o líder religioso da Sindávia – Todos os senhores, e principalmente os senhores, devem sempre tomar suas decisões com base nos preceitos sagrados. Se estiverem com dúvidas, venham a mim e eu os esclarecerei sobre o caminho a tomar!

"Uma religião pode ser um instrumento de controle. Faça com que seus homens tenham uma forte crença e lidere-os não só nas armas, mas também em suas crenças. Seu poder será ilimitado."

Anthgon lembrava as palavras da bruxa e constatava sua veracidade ali mesmo, no pátio do castelo, através da astuciosa conduta de Tchi-tah.

– Eu, senhor Tchi-tah! Eu tenho algumas dúvidas! – disse Anthgon, em alta voz para que todos ouvissem – Gostaria do auxílio do senhor.

Todos ali sabiam que Anthgon não reconhecia autoridade em Tchi-tah, além de disseminar diferentes ideias junto a seus homens. Aquela manifestação era, portanto, bastante inusitada. Anthgon continuou:

– Há muito aprendi que as pessoas erram, senhores, todas elas. Não podemos dividir os homens entre os que erram e os que não erram, pois não haveria divisão. Podemos dividi-los, isto sim, entre aqueles que desejam corrigir os seus erros e aqueles que insistem em perpetuá-los. E eu desejo corrigir os meus!

Anthgon, como sempre, retorcia as palavras. E, assim, ganhava a confiança de alguns dos presentes. Tchi-tah, sabendo com quem lidava, não se deixou convencer. Sabia que Anthgon não era sincero em suas palavras, mas não queria, ao confrontá-lo, correr o risco de se expor perante os membros do conselho. Preferiu adotar uma postura mais conservadora.

– Meu filho, por que não conversamos, então? Amanhã pela manhã poderei recebê-lo com enorme prazer em meu gabinete. Considere-se especialmente convidado.

– Ó, senhor Tchi-tah, agradeço por sua bondade e disponibilidade. Espere por mim amanhã – disse Anthgon, cumprimentando com a cabeça os demais e retirando-se do pátio.

No dia seguinte, Tchi-tah esperou por toda a manhã, mas Anthgon não apareceu. Em vez disso, um criado bateu à porta de Tchi-tah.

– Senhor, o senhor espera um homem esta manhã. Ele lhe mandou entregar isto – disse o criado, entregando uma carta e partindo.

Tchi-tah, de pé à porta, abriu o selo que fechava a carta.

"Ao supremo líder religioso da Sindávia, peço o meu perdão. Atividades pertinentes à minha função e minhas obrigações para

com o rei me impuseram esta falta. Não poderei comparecer ao seu gabinete, mas certo estou de que não faltarão meios ou oportunidades para reatarmos este compromisso. Sinceramente, Anthgon."

Ao acabar de ler, Tchi-tah tentou fechar a porta, que parecia emperrar em algo. Ao abri-la novamente, lá estava Anthgon, parado. Ele mesmo fechou a porta atrás de si após entrar, grosseiramente, no gabinete de Tchi-tah.

– Suas medidas não parecem muito espertas, Tchi-tah. Enquanto perdeu toda a manhã tentando arrebanhar uma única ovelha, eu fiz o mesmo a pelo menos cem delas dentro do exército... – disse Anthgon, veladamente, em tom de provocação.

– Saia daqui, seu miserável! – gritou Tchi-tah – Você quer brincar com a divindade? Pois que vá fazer isso lá fora. Isto aqui é um local sagrado!

– Sagrado? O gabinete de um homem que não trabalha, não faz nada e vive às custas do rei? Isso é um local sagrado? Você é um vagabundo, Tchi-tah e em muito breve perderá o seu posto. Já são muitos os que estão aderindo às minhas ideias.

– Você é amaldiçoado, Anthgon. Soriom não pode admitir sua presença nesta corte. Vou comandar a sua expulsão deste castelo.

– Você vai comandar é um grande silêncio nesta sua grande boca, isto sim! – disse Anthgon, sacando um punhal – Entenda bem uma coisa, Tchi-tah. Não sou desses idiotas que acreditam em tudo o que ouvem. Não penso que o demônio virá me pegar e me lançar nas chamas como você tanto insiste em dizer. Se você comanda a religião, eu comando o exército. Pense bem... Eu não preciso do seu apoio, pois você não pode me fazer nada. Mas você, ah... Você depende muito do meu, porque esta faca bem enfiada nas suas tripas fará as chamas do inferno arderem dentro de você enquanto ainda estiver vivo!

Assustado, Tchi-tah recuou, em silêncio. Anthgon guardou seu punhal.

– E digo mais. Você é tão imprestável que eu mesmo vou fazer a sua parte e adiantar sua acusação. Alguém vai falar que eu vim até aqui ameaçá-lo, não se preocupe. Mesmo porque, se tem uma coisa que as pessoas adoram fazer neste castelo é intriga com a vida dos outros. Para Soriom, será a minha palavra contra a de um instigador. Já sabemos no que vai dar. Além disso, estou coberto pela conversa de ontem no pátio, lembra-se? Eu sou a ovelha arrependida... Oh...

Rindo sarcasticamente, Anthgon deixou o gabinete de Tchi-tah.

* * *

Alguns dias se passaram e a reunião do conselho fora antecipada, pois os problemas eram graves e demandavam decisões de máxima urgência. Todos estavam presentes e as discussões duraram o dia inteiro.

– Majestade, o problema é sério. Muito sério – disse um secretário – Estamos começando a perder receita de impostos. A perda desta receita não pode ser simplesmente tolerada, pois refletirá em reduções nos gastos de todos da corte.

– E o que sugere? – perguntou Soriom.

– Até que encontremos outro meio, precisamos aumentar os impostos para compensar aqueles que não estão pagando.

Anthgon baixou a cabeça, em sinal de desaprovação.

– Parece que Anthgon não gostou muito da ideia – comentou alguém.

– Anthgon... – solicitou o rei.

– Perdão, senhores, mas já existe algum descontentamento do povo. Se não houver meios de eles viverem pagando os impostos, só existirão duas alternativas: uma tentativa de golpe no poder ou uma retirada em massa.

– E tem medo de um golpe, senhor Anthgon? O senhor é o chefe do exército e deve poder nos dizer em que situação está a segurança da Sindávia – disse o secretário, tentando envergonhar Anthgon.

– Se este é seu temor, senhor, é uma exclusividade de seus sentimentos. Nenhum soldado compartilha tal receio – respondeu Anthgon – E, se eu bem me lembro, falei sobre duas alternativas, e não apenas sobre esta. O mais provável é que se retirem para outros lugares, talvez outros reinos. Se eles se organizarem em outro lugar, ou se a notícia de que a Sindávia está carente de recursos chegar a locais muito distantes, aí sim, senhor secretário, mesmo de posse do comando do exército, eu nada tenho a garantir aos senhores.

– Então, o que fazer? – perguntou o rei – Não podemos deixá-los ir embora. Temos que resolver o problema aqui mesmo.

– Concordo – disse um dos homens, adulando o rei.

– Multas? – sugeriu um dos membros, um pouco inseguro e imediatamente descrente de sua própria ideia.

– O mesmo problema – respondeu outro – Se não possuem dinheiro para os impostos, multá-los será inútil.

– Majestade, tomo parte deste colóquio, se assim apraz à maioria – disse Heriátoles, o líder do conselho, em seu habitual e irritante discurso.

Anthgon ajeitou-se em sua cadeira. Não se lembrava de ter desejado tanto o sucesso de alguém como, naquele momento, desejava o de Heriátoles.

– Diga, Heriátoles – pronunciou-se o rei.

– Digo, majestade. Esta corporação concluiu uma axiomática conjuntura. Escasseiam os víveres dos mais diversos gêneros. Negados já foram muitos dos sortimentos coletados pelo rei sob a forma de impostos. Aplicadas foram as Punições de Multa, todavia, como bem perscrutado por um dos dignos colegas desta câmara, sem sucesso. Afinal, se comida não há, antes o dinheiro há muito visita não faz aos povoados.

Alguns membros do conselho lutavam para não dormir enquanto Heriátoles falava. E ele continuou:

– Verdade é que moedas não possuem. Mas, penso eu, e comigo rogo que também o façam os senhores: se eles se avezarem a não acatar uma punição, perderá o rei o domínio da turba. Somente uma atitude mais vigorosa manterá a ordem. Decretar Punições de Morte para aqueles que não pagarem as Punições de Multa é em que consiste a minha proposição.

Qualquer ameaça de sono rapidamente se extinguiu com aquela surpreendente declaração. Heriátoles, durante toda a sua permanência no conselho, agira como um intelectual. Sua sugestão era tão intensa quanto inesperada.

– Punições de Morte, senhor? – perguntou um dos membros.

– Sim – respondeu Heriátoles – Universal é o medo da morte. Se vigiadas forem as linhas com as adjacências, o êxodo assinalado pelo senhor Anthgon não será possível. A eles terá que bastar o penoso labor, pois, morrer, ninguém deseja. Mais labor, mais substâncias, certamente, e mais impostos. Alguns morrerão, de certo, mas poucos serão os sacrificados. Quando todos discernirem a

gravidade, acolherão, sem melindres, um ritmo mais acelerado e, abh-rugha, problema resolvido. O êxito alcançamos.

– Abh-rugha? – repetiu um dos homens, em tom de zombaria, sem compreender.

– Ah, perdão, homem. É uma expressão antiga sem tradução conhecida. Pode o senhor ter entendido como gabolice de minha parte, mas, não, em verdade afirmo que não. É apenas uma interjeição. Não sei se o senhor sabe o que é uma interj...

O homem, irritado, levantou-se da cadeira, sendo contido pelo outro imediatamente ao seu lado.

– Senhores, por favor, acalmem-se – disse o rei – ou as Punições de Morte começarão aqui nesta sala. Vamos discutir a ideia que nos foi proposta.

Anthgon ficou o tempo todo em silêncio. Essa posição incomodava o rei, que sempre aguardava por um parecer de seu cavaleiro. Por fim, como qualquer outra sugestão não surgira e tendo a reunião se prolongado demasiadamente, o rei determinou:

– Parece não haver um consenso aqui, mas, na falta de qualquer outra ideia, vamos adotar a de Heriátoles. Sabemos o quanto parece errado aos olhos do povo, mas o quanto é certo aos olhos da administração de um reino o sacrifício de alguns em nome do restante. Anthgon definirá os batalhões que vigiarão as fronteiras. Manteremos os homens pressionados para que a produção aconteça. Quero ser informado de todos os detalhes, todos os dias.

Ao fim da tarde, um documento oficial estava nas mãos de todos os coletores reais, autorizando-os a aplicar Punições de Morte em caso de não cumprimento dos pagamentos dos impostos e de outras determinações reais. A violência começaria a ser usada como meio de manutenção da ordem, um contrassenso que rapidamente criaria tanto distúrbios a Soriom quanto possibilidades a Anthgon.

A reunião se encerrou e os membros se despediram, um a um, deixando o recinto. Anthgon, por sua função de cavaleiro, era sempre o último a deixar a sala. Aproveitando-se dessa oportunidade, Soriom lhe falou em particular.

– Anthgon, estou com receio de que esta não seja uma boa ideia. Acredita que funcionará? E se não funcionar?

– Como sempre, majestade, estou aqui para ajudá-lo. Não sei quanto a esta ideia, mas, se ela falhar, eu lhe trarei uma que não falhará.

Anthgon já havia concebido a solução que lhe traria benefícios particulares revestidos com a aparência de benefícios públicos. Era apenas uma questão de tempo, e de pouco tempo. Assim agia o cavaleiro do rei. Esperava por uma ideia infeliz e não a contrariava de imediato. Aguardava que os resultados fossem os piores possíveis para, em seguida, ampliar ainda mais o brilho de seu sucesso. Conseguia, com isso, duas vitórias ao mesmo tempo: desacreditava um rival e acumulava prestígio para si próprio.

* * *

Com a execução da desastrosa ideia de Heriátoles, alguns foram, efetivamente, mortos. Entretanto, nenhuma subordinação adveio, visto que, sem excedente de produção e famintas, as pessoas que de qualquer forma pereceriam por falta de alimento preferiam morrer lutando por ele a entregá-lo aos coletores reais. Após duas semanas, o rei percebeu que as punições, em vez de garantirem a provisão de alimentos, acabariam por dizimar a classe dos produtores. A situação, que já não era boa, pioraria e o sistema entraria em colapso.

– Soriom, não é necessário se desesperar.

– Não sei como consegue se manter calmo frente a uma situação dessas, Anthgon! – dizia o rei – Nós já temos problemas demais e, quando uma solução parece surgir, ela não é nada além de mais um problema. Que maldição!

– Não se trata de maldição, meu nobre rei e amigo. Trata-se de pouco pensar. Peço perdão pelo que vou dizer, mas Heriátoles é um artista das palavras. A solução que propôs não tem aplicação prática.

– Mas isso todos nós estamos vendo!

– Sim, Soriom, mas eu já havia previsto desde que ele veio com a ideia...

– E por que não disse nada?

– Não adiantaria. Alguns ali idolatram esse homem, talvez por ser líder do conselho, talvez por outras razões. O certo é que não discordariam dele para me apoiar, certamente. Eu estaria sozinho contra todos e minhas ideias não teriam validade.

– Mas quais são as suas ideias, afinal?

– Você precisa entender uma coisa, Soriom. Se estamos vivendo uma crise, só poderemos enfrentá-la com medidas drásticas.

– Imagino que você tenha algum plano – arriscou o rei.

– Sim, e este plano tem um nome. Chama-se Lei do Equilíbrio. Adianto que não lhe parecerá agradável, mas, lembre-se, estamos vivendo o início de uma grave crise que ameaça todo o reino. Se não tomarmos uma decisão correta agora...

– Mas diga logo! Do que se trata?

– Nosso problema é simples, e nossa solução também precisa ser. O problema é a falta de comida. Ou aumentamos a quantidade de comida, ou diminuímos o número de bocas para alimentar. Temos tentado, sem sucesso, aumentar a quantidade de comida...

Soriom ouvia as palavras de Anthgon com seriedade.

– As pessoas doentes e as inválidas – continuou Anthgon – aquelas que nada produzem, oneram o sistema, pois se alimentam da mesma maneira que as pessoas produtivas. A comida, portanto, é gasta sem expectativa de retorno. Em outras palavras, essa comida é desperdiçada.

– Um momento, Anthgon. Você está sugerindo que essas pessoas parem de comer?

– De uma certa forma, sim.

– Você pretende matá-las de fome, então. Essa é a sua ideia?

– Não precisaremos matá-las de fome. Existem meios mais rápidos que não as farão sofrer sem necessid...

– Mas, por Deus, estará matando as pessoas! – disse Soriom irritado.

Anthgon sabia que não seria fácil, mas os argumentos estavam todos preparados.

– O objetivo não é matar as pessoas improdutivas, Soriom, mas salvar as que produzem. Do contrário, todos morrerão. Pense nisso, meu rei, pense nisso. Se a comida faltar a todos, todos morrerão! Mas se controlarmos os suprimentos, poderemos salvar muitas vidas. Pode parecer loucura, mas...

– E é loucura! – interrompeu Soriom – Isso é um absurdo! Mesmo que eu concordasse, uma ideia como esta jamais seria aprovada pelo conselho. É impossível justificar tal ato perante qualquer homem de bem da Sindávia.

– Permita-me discordar, meu rei. Há uma maneira pela qual não só poderemos justificar como também evitar muitas mortes.

– Estou ansioso para ouvir qual é a mágica – disse Soriom, impaciente.

– Não se trata de mágica, meu amigo. Preste atenção. Aquele antigo paiol... Transformaremos aquele lugar em um hospital. Os

doentes e os inválidos serão levados para lá, onde procuraremos curá-los. Caso não seja possível... Bem, acabamos de falar sobre isso... Eles terão que ser mortos, ou continuarão gerando despesas. Em um hospital, porém, é mais natural a ideia de pessoas morrerem devido a doenças. Sei que é difícil, Soriom, mas pense que a crise poderá dizimar a todos. Como rei você sabe que o sacrifício de alguns, por vezes, é necessário para o bem geral.

– Sim, eu sei.

– Mas não pense que tudo é tragédia, meu amigo. Não se esqueça de que, sendo ou não um subterfúgio para nossa estratégia, ainda é um hospital. Vidas poderão ser salvas lá dentro.

– É nisso que estava pensando agora. Se melhorarmos as condições de nossos médicos, poderemos aumentar as chances das pessoas se recuperarem, em vez de terem que enfrentar a morte. Precisamos de mais médicos, então. E rápido. Os atuais terão que treinar novos e assim por diante até termos um bom número.

– Não há nada tão bom quanto debater com o melhor rei que a Sindávia já conheceu – disse Anthgon, sorrindo ao amigo – E creio que ficará feliz com a notícia que darei agora. Sei onde estão os homens de que você precisa. Temos alguns excelentes no exército.

– Como assim? Soldados candidatos a médicos? – perguntou Soriom.

– Não, candidatos, não. Médicos de verdade. O exército pode produzir verdadeiras maravilhas, Soriom. As situações que vivemos em batalha não nos permitem luxos. Os homens precisam aprender a se virar sozinhos. Muitos ali, com poucas instruções médicas que aprenderam em treinamento, se tornaram verdadeiros gênios em campo. Muitas vidas foram salvas graças a esses homens.

Era mentira.

– E você acredita que eles são em número suficiente?

– Enquanto não estivermos em guerra, poderão ser todos disponibilizados para essa função.

– Bem... Se essa é nossa realidade... Não há tempo a perder! – disse Soriom, levantando-se subitamente – Faremos uma nova reunião do conselho para apresentar a ideia.

– Ainda receio pela aprovação, Soriom – comentou Anthgon – Se disser que foi ideia minha, voltaremos ao princípio. Heriátoles vai querer dissuad...

– Heriátoles teve a sua chance – interrompeu Soriom – A Sindávia precisa de soluções, não de mais problemas. Acredite em mim, a ideia será aprovada. Esteja preparado para apresentá-la depois de amanhã.

– Depois de amanhã?

– Sim. Eu faria a reunião amanhã mesmo, mas alguns só estarão no castelo à noite e quero a presença de todos. Para depois de amanhã, então, convocarei uma reunião de emergência. Esse assunto precisa ser tratado com a máxima rapidez, ou teremos uma revolta armada muito em breve. Não que eu tema por nossa segurança, pois sei que o exército está em boas mãos. Temos até médicos! – disse Soriom, sorrindo para o amigo.

– Agradeço por seu reconhecimento, Soriom.

– Guarde sua gratidão para depois de amanhã – disse o rei, despedindo-se.

Anthgon, após o desfecho da conversa, evitou demonstrar a euforia que tomava conta de seus pensamentos. Todo o plano corria absolutamente conforme o esperado. Desejoso de compartilhar suas conquistas, mas também receoso de expor-se demais a Aytilla, Anthgon decidiu fazer algo que há algum tempo não fazia. No dia seguinte, véspera da reunião do conselho, faria uma visita à bruxa.

* * *

Anthgon chegou um pouco assustado à cabana da mulher.

– O que foi? – perguntou ela – Parece que viu fantasmas...

– Talvez tenha mesmo visto – disse Anthgon, seriamente.

– Ora, Anthgon, eu que sou uma bruxa sei que estas coisas não existem. O que deu em você?

– Não sei. No caminho para cá... As árvores se agitavam de um jeito estranho.

– Vento?

– Ah, e você pensa que eu não sei quando está ventando, ora? Estou dizendo que não era normal. Sentia como se estivesse sendo seguido o tempo todo. Mas não havia ninguém.

– Talvez houvesse... Gaya... O guardião das florestas... Uuuhh... – zombou a mulher, explodindo em gargalhadas.

Anthgon ficou quieto por alguns instantes. Observava as árvores ao redor da cabana. A mulher continuou:

– Bem, imagino que não tenha vindo para conversarmos sobre lendas. Você vem tão pouco aqui. Deve ter algo para falar.

– Amanhã teremos uma reunião no conselho. Soriom irá aprovar uma lei minha. Será a primeira vez.

– Ah, muito bom. E que lei é essa?

– Vamos construir um hospital para cuidar dos doentes – respondeu Anthgon.

– Cuidar dos doentes? – disse a mulher, espantada – Anthgon, o que acontece com você? Está vendo fantasmas, agora quer cuidar dos doentes. Veja se não vai terminar como cozinheiro do castelo, hein?

– Claro que não! Tudo faz parte do plano. A Lei do Equilíbrio vai restabelecer provisões suficientes de comida para a Sindávia.

Mesmo à mulher, Anthgon não revelava totalmente sua malignidade. Parecia-lhe mais interessante a ideia de ela lhe revelar segredos do que o inverso.

– O que você quer é glória, isso sim – disse a mulher – Mas eu não o condeno... Como poderia? É um ótimo caminho para o poder.

– Acredito que tudo estará pronto em no máximo um ano.

– Lembre-se de não apressar as coisas, Anthgon. Lembre-se do que eu lhe disse sobre colocar tudo a perder por causa da impaciência.

– Mas não sou eu quem está apressando as coisas. São as próprias coisas! Parece que tudo está conspirando a meu favor. Se por um lado você me alerta para não me apressar, por outro eu penso que não devemos desperdiçar boas oportunidades.

A mulher, pedindo a Anthgon que aguardasse, virou-se e caminhou até um quarto da cabana. Quando retornou, tinha algo nas mãos.

– Precisamos comemorar. Aceite isto como um presente meu a você – disse a bruxa, entregando a Anthgon um pano enrolado que recobria uma joia.

– O que é isso?

– Isso? Isso é o próprio Anthgon! – disse ela.

– Alguma brincadeira? – perguntou Anthgon, aborrecido – Isso não seria algo para mulheres?

– É uma serpente de bronze, cavaleiro. A serpente não é conhecida pela força física, mas porque é ágil e sinuosa. O bronze, frio e duro, representa a força resultante de sua astúcia.

Anthgon esboçou um sorriso. Gostara da comparação feita pela mulher e aceitou de bom grado o presente.

* * *

– Que todos se levantem! – disse o rei Soriom, abrindo a reunião do conselho.

Feito o juramento, todos se sentaram novamente. Após rápidas palavras justificando tal convocação, Soriom convidou Anthgon a explicar a ideia a ser discutida. Nenhuma surpresa houve quando as pessoas começaram a expressar descontentamento em relação ao proposto. Surpresa mesmo se deu quando, após a explicação, Soriom comunicou:

– Antes que comecem a deliberar, quero fazer dois comentários. O primeiro é que precisamos de rapidez nessa decisão, pois, como é do conhecimento de todos, a Sindávia está passando por uma grave crise. O segundo é que, até o fim desta reunião, este conselho terá um novo líder, o senhor Anthgon de Abargar.

Soriom pediu licença e disse que voltaria em instantes. Os homens permaneceram em absoluto silêncio. A nomeação surpreendeu até o próprio Anthgon. Heriátoles o olhava com desprezo. Inicialmente, também o faziam outros membros, mas, após alguns murmúrios, a situação ia se alterando. As regras estavam mudadas a partir daquele ponto e o centro do conselho fora deslocado. Temerosos por suas posições, alguns membros rapidamente passaram a discutir a ideia de Anthgon com otimismo, chegando mesmo a um declarado entusiasmo. Tudo para granjear a admiração de seu novo líder.

Anthgon, apesar do espanto, ficou menos surpreso com a nomeação do que com a capacidade inventiva de Soriom. Percebeu, então, por que o rei, na antevéspera, havia lhe assegurado que a lei seria aprovada. Fora uma belíssima estratégia e Anthgon desejou que aquela tivesse sido uma exceção no comportamento de Soriom, já que, após a morte de Borghus e durante os oito anos seguintes, o rei se mostrara distante, transferindo seus encargos ao seu cavaleiro. A recente nomeação consolidava a maior concentração de poder jamais vista na Sindávia. Nunca alguém havia sido cavaleiro particular do rei, chefe do exército e líder do conselho ao mesmo tempo. Anthgon ainda aspirava por mais ao construir lentos, porém sólidos alicerces para se tornar também um líder religioso.

O rei estava de volta à sala. A medida foi rapidamente votada, com a esperada aprovação. Ao final da reunião, o diadema de líder do conselho foi transferido de Heriátoles para Anthgon, que recebeu poderes e verbas para a execução de seu plano. Seu oficial imediato, o soldado Aytilla, auxiliaria no comando da construção do hospital.

* * *

Anthgon inspecionava a construção todos os dias. Os quartos dos enfermos, que se transformariam em verdadeiros matadouros, eram cuidadosamente projetados, com largas paredes e portas com pesadas trancas. Muitos deles ficavam no subsolo. Uma câmara de incineração fora construída para queimar roupas e corpos de pessoas com doenças contagiosas. Muitos passariam por aquela câmara, portadores ou não de doenças graves. Através da eliminação dos não-produtivos, Anthgon, mesmo através da crise, manteria com sucesso a provisão de insumos para o castelo, satisfazendo o rei e encobrindo a verdade. Conservando um exército forte sob seu

comando, possuía todos os elementos de que precisava. O golpe era iminente.

* * *

Parados de pé frente ao hospital terminado, dois meses depois, conversavam a sós os dois homens fortes do exército real. A noite, nublada, enegrecia ainda mais o sombrio prédio do antigo paiol.

– O que me diz, Aytilla? – perguntou Anthgon, orgulhoso de seu próprio sucesso.

– Está perfeito, Anthgon. Você fez tudo o que disse que faria.

– Obrigado. Quero saber se você também fez tudo o que deveria ter feito. A seleção dos soldados que pedi...

– Sim, Anthgon, reuni uma equipe de vinte soldados.

– Eles são leais?

– Absolutamente leais! Mas não são todos médicos. Somente três deles possuem algum conhecimento nessa área.

– Não se preocupe quanto a isso. O importante é que sejam leais e saibam guardar nossos segredos. Nossa escola é baseada na lealdade aos comandos e não em práticas cirúrgicas. Sangue há, de qualquer modo, em ambos os casos. Não faz diferença...

Aytilla sorriu.

– Uma coisa ainda me preocupa – confessou Anthgon – Mesmo tamanha lealdade pode ser colocada à prova quando a fome aparece. Os homens que construíram o silo no subterrâneo podem nos causar problemas se resolverem falar alguma coisa.

– Não falarão nada, posso garantir.

– Tanta certeza está baseada em quê? – perguntou Anthgon, desconfiado.

– Digamos que eles tenham se acidentado ao final da construção – respondeu Aytilla, sorrindo maliciosamente.

Anthgon sorriu também e, naquele momento, percebeu que não havia errado quando, anos antes, vira em Aytilla um possível aliado. Mente e coração daquele jovem soldado pertenciam a Anthgon.

Com entusiasmo, Aytilla se lembrou do garoto cego:

– Estava pensando naquele garoto, Anthgon. Agora, com o hospital...

– Você é bem inteligente, Aytilla – disse Anthgon, com alguma ironia – A diferença entre nós dois é que eu não precisei ver o hospital pronto para concluir isso. Você precisa aprender a se antecipar, soldado. Grandes homens são os que constroem o futuro em vez de aguardar pela sua chegada. De certo que agora temos meios para justificar a eliminação do garoto. Tudo graças à Lei do Equilíbrio. Não só esse garoto, mas qualquer um que se colocar em nosso caminho poderá ser eliminado. Basta que fique um pouco doente. Nossos médicos cuid...

De repente, um barulho. Anthgon olhava na direção do ruído, mas não via ninguém. Aytilla se abaixou e, contornando silenciosamente a área, procurou alcançar o local de onde o barulho viera. Ao chegar perto, correu e saltou subitamente sobre a folhagem, chocando-se com um homem que os espreitava. Era um criado do castelo. Anthgon, lentamente, se dirigiu aos dois.

– O que você fazia aí?

– Nada, nada, senhor – respondeu o criado, amedrontado.

– E o seu serviço é fazer nada, homem?

Não houve resposta.

– Você ouviu o que conversávamos? – perguntou Aytilla.

– Não, senhor, não ouvi nada...

– Você está mentindo! – disse Aytilla, exaltando-se.

– Não, senhor, é verdade – defendeu-se o criado.

– Venha até aqui, rapaz – chamou Anthgon.

O criado caminhou alguns passos e parou de frente para o hospital. Anthgon se colocou atrás dele e perguntou:

– Você sabe o que é isso?

– É o antigo paiol, não é, senhor? Disseram que agora vão transformar em um hospital para cuidar dos doentes...

Anthgon puxou um punhal e desferiu um extenso golpe na garganta do criado, cortando-a de uma extremidade à outra. O homem, instantaneamente, caiu ao chão, morto.

– Que doença terrível é a mentira, não é oficial? – perguntou Anthgon a Aytilla.

– Sim, senhor, terrível. E que fim trágico ela proporciona!

– Você estava em dúvidas a respeito da câmara de incineração... – lembrou Anthgon – Poderá testá-la amanhã. Nosso primeiro paciente, infelizmente, não conseguiu sobreviver e a doença dele me parece muito contagiosa...

* * *

O rei estava em seu quarto. Suas apreensões, agora, eram outras. Assim como a ideia de Heriátoles não fora bem sucedida, temia que o mesmo acontecesse com a de Anthgon. Se algo desse errado, não saberia o que fazer. Anthgon era sua última esperança.

– Soriom? – chamou Mailyah sorridente, entrando no quarto – Você está aqui?

– Sim, querida, estou.

A rainha entrou e fechou a porta. Tinha um sorriso tão radiante em seu rosto que foi impossível a Soriom não notá-lo.

– O que aconteceu? – perguntou o rei – Coisa ruim não é, certamente!

– De certo que não – respondeu ela, graciosamente – Você se lembra de que, há alguns meses, eu vim lhe pedir algo?

Soriom tentava se lembrar, mas não conseguia. Mailyah continuou:

– Quando falávamos sobre Anthgon... Eu disse que possuía receios e pedi que você fosse mais presente...

– Sim, eu me lembro.

– Bem, imaginei que você ficaria feliz em saber que agora seremos dois a nos orgulharmos de ver um rei mais presente. Será um orgulho como esposo e um orgulho como pai – disse a rainha, passando suavemente a mão pela própria barriga.

Soriom arregalou os olhos. Estava paralisado. Era possível que Mailyah tivesse dito algo em seguida, mas ele não conseguia ouvir. Não ouvia nada além daquelas últimas palavras ecoando em sua cabeça. Após esse longo momento de torpor, o rei se levantou e caminhou em direção à esposa. Vagarosamente, aproximou sua mão de Mailyah. Seus lábios gemeram algum som destituído de qualquer sentido, mas repleto de significado. Depois de vários anos de espera, o rei, finalmente, teria um herdeiro.

– Teremos um filho, então? – disse ele.

– Com tanto requinte como o daquela noite, Soriom – disse Mailyah, sorrindo – o que você esperava?

26

- O NASCIMENTO DE KEDDER -

Sem imaginar que tanto sucesso decorreria de sua ideia, Anthgon finalmente consolidou seu poder ao se tornar líder do conselho. O exército, treinado e coeso, estava pronto. Tchi-tah parecia não estar suportando a pressão e gradativamente perdia o controle sobre muitos de seus sectários. Todas as condições se reuniam e o momento era mais do que propício. Em sua mente, Anthgon tomaria o poder em breve. Ele apenas não sabia que um acontecimento forçaria seu plano a uma hibernação durante mais algum tempo. Uma criança, apenas, uma frágil criança. Mas uma criança que transformaria a Sindávia, radicalmente, e para sempre.

– Não sei o que está acontecendo... Soriom resolveu se meter em tudo agora! – resmungava Anthgon – Temos que tomar cuidados redobrados.

– Sim, ainda mais agora com os problemas do hospital – disse Aytilla.

– Que problemas do hospital? – perguntou Anthgon, surpreso.

– Em verdade, é o que já conversamos antes... Existem reclamações em relação ao hospital. Os parentes dos doentes contestam os procedimentos. Uma vez que o rei está mais interessado em tudo, maiores são as chances de ele ficar sabendo dessas questões...

– Não podemos permitir isso!

– Mas não é possível impedir o rei de ir lá se ele quiser – lembrou Aytilla.

– Não, mas podemos desviar a atenção, tanto dele quanto do povo descontente. E é isso que faremos.

– De que forma?

– Você se lembra do que discutimos há algum tempo sobre os Yavogs? Você queria confrontá-los a qualquer custo. Eu disse que ainda não era o momento e que eu o avisaria quando a oportunidade surgisse...

– Sim, eu me lembro – disse Aytilla.

– Pois a oportunidade surgiu. Agora, sim, temos não só uma, mas duas razões para expulsar de vez esses Yavogs daqui – disse Anthgon, enfurecido – A presença deles dentro do exército vai acabar dificultando nossos planos. Aquela simplicidade deles chega mesmo a me irritar!

– E qual a outra razão? – perguntou Aytilla.

– Mas não acabamos de falar sobre isso? – espantou-se Anthgon – Precisamos desviar a atenção para longe do hospital. As pessoas estão perdendo muitos de seus parentes por causa das doenças. Precisamos arranjar alguma história para entretê-los.

– Você sabe, Anthgon, que eu nunca gostei desse Yavog do nariz grande. Ele sempre quis tomar o meu posto como primeiro-oficial. Eu já havia falado a você antes, mas você disse que...

– Eu disse que avisaria quando a oportunidade surgisse e é o que estou fazendo. Pare com essa sua implicância. Estou falando dos Yavogs como um todo, e não apenas desse seu desafeto em particular – repreendeu Anthgon.

– Todos eles?

– Sim. Se fizermos tudo bem feito, todos os Yavogs dentro e fora do exército estarão em nossas mãos.

– Mas o que vamos fazer?

– Reunirei uma série de objetos de algum valor com os quais ninguém da corte se preocupa muito. Quando tivermos tudo reunido, colocaremos um pouco na cabana do narigão e o resto nas cabanas dos outros Yavogs. Vamos dizer que eles estavam roubando há muito tempo e que vendiam os itens para obter dinheiro.

– Excelente ideia – elogiou Aytilla.

– Excelente, não, essa é apenas uma boa ideia. Excelente é colocar, além dos pertences reais, alguns artefatos de produtores e outras pessoas simples do reino. Estou certo de que os objetos serão reconhecidos pelos seus proprietários quando fizermos uma exposição pública. O povo se esquecerá de suas reclamações e passará a apoiar o exército que expulsou os ladrões Yavogs, mantendo a segurança da Sindávia. Bonito isso, não é?

– Muito bom.

– Você é capaz de reunir os objetos do povo?

– De quantos e para quando você precisa?

– Pelo menos uma centena de coisas, para causarmos grande estardalhaço. Uma semana?

– Espalharei alguns dos nossos médicos pelos vilarejos – disse Aytilla – Com o pretexto de examinar as famílias, eles se encarregarão de pegar uma ou outra coisa e, ao final de uma semana, acredito que teremos o que você pediu.

– Pois, então, não perca seu tempo – alertou Anthgon – Eu já tenho algumas coisas reunidas e consigo o resto facilmente em dois dias. Se tivermos logo as suas em número suficiente, podemos antecipar o plano.

– Sim, Anthgon. Vou neste instante chamar alguns homens e faremos inspeções nos vilarejos.

– Ah, não se esqueça de verificar como está aquele garoto. De repente, até descobre que ele já morreu e nos poupa o trabalho...

– E caso ele esteja vivo, quer que o traga de uma vez?

– Você perdeu o juízo, Aytilla? Estamos tentando contornar a imagem negativa do hospital e você vai me trazer uma criança para

morrer? Só disse para você verificar a situação. Concentre-se na questão dos Yavog. É disso que precisamos agora. Diremos às pessoas que seus parentes no hospital parecem estar em melhor estado de saúde e que deverão estar curados em breve.

– Esteja certo de que faremos isso, senhor – disse Aytilla, alterando o tratamento conforme percebera a aproximação de um soldado – Reunirei os homens imediatamente.

Momentos depois, Aytilla estava no hospital em busca de seus médicos. Surpreendeu, no caminho, uma dupla de soldados discutindo instruções que haviam recebido e se manteve atrás de uma folhagem com a intenção de espionar a conversa.

– Estou ouvindo direito? – perguntou Aytilla, revelando-se.

Os soldados empalideceram. Sabiam que deviam lealdade irrestrita aos superiores e o caso ali era gravíssimo. Contestavam ordens vindas diretamente de Anthgon.

– Senhor Aytilla, senhor primeiro-oficial, perdoe-nos. Por favor, falávamos por falar. Não tínhamos qualquer intenção de prejudicar ou ofender nossos superiores – suplicou um deles, o mais prudente.

– Estavam cheios de coragem para maldizer um superior e agora estão aí, mijando nas calças! – bradou Aytilla.

O outro homem ficou quieto. Este outro era daqueles impulsivos que, sempre que se lembrava, procurava ficar quieto, pois, do contrário, acabava falando algo de que se arrependia pouco depois. E, devido à pressão de Aytilla, foi o que novamente aconteceu. Só que pela última vez.

– E você homem? O que tem a dizer? Ouvi claramente a voz dos dois! – insistiu Aytilla.

– Senhor, é que... – hesitou o homem.

– Diga, soldado! Está com medo? Você tem uma opinião, não tem? Eu ouvi. Quero que a repita para mim! Seu amigo aí tem o direito de conhecê-la enquanto eu não? Se você pode revela-la a ele, também pode fazê-lo a mim ou ao próprio senhor Anthgon, não pode?

– Senhor, direi ao senhor, se me pede. Mas não diga nada ao senhor Anthgon, por favor, ou ele...

O outro soldado fez um sinal negativo com a cabeça. O imprudente continuou com sua fala final:

– Sinceramente, já que o senhor deseja saber sobre o que falávamos, a verdade é que não sei por que Anthgon é líder de nosso exército. Não vemos nem mesmo ele lutando! Tantos aqui vêm de gerações de bravos guerreiros, aprendendo desde cedo a combater os inimigos. Pelos deuses, Anthgon é o filho abandonado de um mascate! O que ele poderia sab...

Aytilla sacou de sua espada e a dirigiu contra o soldado.

– Agora sei por que não vai contar sua história a Anthgon, soldado – disse Aytilla, enfiando a lâmina da espada na barriga do homem, que caiu ao chão, vertendo sangue até a morte – Deve ser difícil falar no estado em que está!

O outro soldado, sob comando de Aytilla, conduziu o corpo do colega ao hospital para ser colocado na câmara de incineração. Ninguém jamais conheceria a verdadeira natureza do episódio e o soldado sobrevivente havia aprendido a importância de não contrariar o poder. O rebelde homem morto teria apenas contraído alguma doença incurável. Qualquer outra opinião não existia.

Aytilla reuniu alguns dos médicos e transmitiu a eles o plano de Anthgon, incluindo uma detalhada explicação sobre a vantagem que teriam com o êxito da ação. Não foi difícil conseguir o entusiasmo dos soldados, acostumados que estavam a trabalhar com

a mente voltada às recompensas. Costumavam receber presentes e bonificações conforme auxiliassem a ludibriar os enfermos sobre os tratamentos que adotariam, mantendo-os doentes e dependentes em vez de curá-los. Desta vez, o engodo teria apenas uma outra face. A essência, contudo, era a mesma.

* * *

Três dias depois, Aytilla se encontrou com Anthgon. Conseguira uma verdadeira façanha. Mais de duzentos objetos, dos mais variados tipos, desde pequenos anéis e colares até utensílios domésticos.

– E então? – perguntou Aytilla, ansioso por aprovação.

– Você se saiu melhor do que o esperado, Aytilla. E não foi sem utilidade seu esforço extra. Penso que amanhã mesmo teremos nossa oportunidade.

Aytilla estava orgulhoso de si próprio e contente com o reconhecimento.

– Existe algo que não comentei com você – continuou Anthgon – Somente ontem fiquei sabendo, e por acaso. Descobri por que o rei anda tão animado e interessado pelos assuntos do reino. Arrisca um palpite?

– Não – respondeu Aytilla – Eu percebi mesmo, aliás, todos perceberam. Ele está mais animado. Mas não saberia dizer a razão.

– Mailyah finalmente vai dar um filho a Soriom. Um príncipe está a caminho – resmungou Anthgon.

– Ah, finalmente, não é? – comentou Aytilla, jocosamente – Faz tempo já... Quanto tempo faz?

– Eu apenas me pergunto: por que justo agora? Nos últimos doze anos, Soriom vem conduzindo seu reinado como um jumento empacado e, agora, quando temos tudo preparado, ele recebe esta notícia e se anima novamente. Até que esta euforia passe, precisaremos rever nossos planos. Mas está bem. É assim que acontece no jogo que jogamos. Tivemos muita sorte durante um bom tempo. Agora foi a vez de Soriom. Foi a mercê dos deuses que produziu esse príncipe. Mas nossa sorte voltará, em breve, Aytilla.

– E nós estaremos juntos durante todo o tempo! – completou Aytilla em seu pegajoso discurso que tanto irritava Anthgon.

– Vamos – finalizou o chefe do exército – temos que nos preparar para amanhã. Ainda de madrugada invadiremos as cabanas dos Yavogs para prendê-los. Quero que eles estejam amarrados na praça logo pela manhã. Será um espetáculo inesquecível.

* * *

Algumas pessoas paravam para olhar, tentando imaginar o que estaria acontecendo. Três soldados do exército real estavam presos. Três soldados Yavogs. Aos poucos, mais gente ia chegando. Durante a madrugada, alguns soldados haviam passado nos vilarejos próximos e alertado as pessoas dos roubos praticados pelos Yavogs. Acordaram a todos no meio da noite pedindo que conferissem seus objetos. Caso algo estivesse faltando, deveriam se dirigir à Praça Real pela manhã. Muitos o fizeram, mesmo aqueles que de nada tinham dado falta. Ao momento que o sol pairava alto no céu, a imagem da praça mais se parecia com a de um formigueiro perturbado por um graveto.

Uma delegação de soldados chefiados por Aytilla chegou trazendo uma pequena carroça coberta. Pouco depois, Anthgon apareceu.

– Povo da Sindávia! – bradou o chefe do exército, iniciando o discurso – Estamos aqui hoje para testemunhar a distorção dos sentimentos dos homens. É triste ver que a ambição pode superar a cordialidade e a cooperação. Porém, mais triste ainda seria ver este crime ocorrer sem punição. O exército existe para proteger o povo, mas o inimigo, algumas vezes, está entre nós.

A multidão se agitava. Enquanto Anthgon falava, alguns soldados aproximaram a carroça do tablado onde se encontravam os prisioneiros. Um verdadeiro teatro.

– Estes homens que estão vendo – continuou Anthgon – subtraíram objetos de posse alheia. Vendiam esses objetos para obter dinheiro. Pode-se compreender... Vejam bem, eu disse compreender, não aceitar! Pode-se compreender que os valiosos pertences de alguns membros da corte, e mesmo do rei, fossem cobiçados. Mas eu lhes mostrarei até onde pode chegar a ambição! Cidadãos da Sindávia, dentre os objetos resgatados, há alguns que, estou certo, serão reconhecidos por vocês, pessoas que lutam com dificuldade para garantir sua sobrevivência e pagar seus impostos. Vivemos uma crise e alguns encontram o fácil caminho do furto enquanto tantos trabalham com suor e sacrifício. Como chefe do exército, venho aqui, hoje, orgulhoso pelo sucesso de meus homens na recuperação dos objetos dos senhores e na punição dos culpados!

Alguns aplaudiam. Anthgon pediu a Aytilla que se aproximasse e falou-lhe veladamente:

– Vê? A opinião de alguns homens pode ter tanta firmeza quanto o pano de uma bandeira ao vento. Há dias, condenavam-nos; agora, aplaudem. Assim é o povo. Sempre há os que aplaudem.

Aytilla controlou-se para não demonstrar contentamento. Sua vontade, entretanto, era a de sorrir.

– Matem eles! – alguém gritou.

Anthgon percebeu imensa oportunidade de ampliar o efeito de seu plano e não a desperdiçou:

– É importante deixar claro que o exército está aqui para fazer cumprir a lei e para defender a justiça, senhores, não para derramar sangue em nome do mórbido prazer de alguns. Estes homens estão sobrevivendo às expensas do esforço das pessoas honestas de nosso reino e serão punidos com a expulsão permanente. Não precisamos matá-los. Não se esqueçam da justiça, senhores. Justiça!

As pessoas aclamavam. Sentiam-se seguras com a prisão dos Yavogs e, ao mesmo tempo, viam em Anthgon um líder piedoso.

– Os soldados passarão por vocês mostrando os objetos que conseguimos recuperar. Peço que, de forma organizada, procurem identificar os seus pertences em meio aos que serão mostrados.

Após finalizar o discurso, Anthgon se dirigiu à carroça para examinar os itens antes de liberá-los para a exposição. Separando alguns entre os muitos objetos, disse a Aytilla:

– Estes quero para mim. O resto podem ensacar e começar a distribuição. Não preciso dizer que encontrarão pelo menos cinco donos para cada objeto, preciso?

Alguns soldados sorriram. Anthgon se despediu e deixou a cargo dos soldados a confusa e turbulenta restituição dos pertences.

Culpados, ali, não eram os três que estavam no tablado, pois nada haviam roubado, mas muitos dos que ansiosamente aguardavam pela tal justiça, após a qual poderiam tentar obter para si ao menos um dos muitos artigos expostos naquela carroça. Homens com suas famílias estavam sendo expulsos definitivamente de seus lares, mas a preocupação da maioria sempre é a de obter vantagem, qualquer que seja a situação. Nenhum objeto passava mais que duas vezes pelo avaro e atento olhar dos abutres. Quando um objeto não

era reclamado da primeira vez, talvez porque seu dono não estivesse presente para reivindicá-lo, na segunda oportunidade apareciam dezenas de proprietários. “Eu não vi da primeira vez!” – era o que mais se ouvia. O exército teve que lidar com muitas disputas nascidas de infundadas discussões sobre a posse de cada objeto. Apenas quando um dos confrontos terminou com a morte de um homem é que a confusão foi interrompida. A restituição dos bens foi suspensa e a multidão, sem qualquer outra razão para ali estar, dispersou-se.

Os guardas, antes companheiros dos Yavogs no exército, agora eram os que os prendiam. Preparavam-se para levá-los à prisão do castelo, mas Anthgon os desviou para o hospital. O líder fora colocado isolado em um quarto e preso fortemente.

– Vocês não podem me tratar dessa forma. Sou um cavaleiro do rei! Nenhum Yavog será expulso! – gritou o homem, sozinho em seu quarto.

– Se continuar com essa sua ideia reacionária, Yavog, todos serão mortos – disse Anthgon, entrando no quarto – Minha compaixão é tão grande que eu estou lhe dando a opção de continuar vivendo, contanto que seja longe daqui. Prefere sacrificar esse direito em nome de sua honra estúpida?

Aytilla entrou no quarto.

– O que você pensa que está fazendo, Aytilla? – perguntou o prisioneiro, inflamando-se novamente – Por que não me solta e lutamos homem a homem? Você sabe que não conseguiria, não é? Seu desgraçado!

Aytilla não respondeu. Exibia um sórdido sorriso estampado em seu rosto. Havia alcançado seu objetivo e regozijava-se. Quando chegou ao hospital, não perdeu a oportunidade para lançar palavras ofensivas ao líder Yavog e a seus companheiros presos. Anthgon havia negado a Aytilla a permissão para matá-los. Temia que todo o esforço para conquistar o apoio do povo se perdesse por uma rivalidade fútil. Aytilla tinham em mente um plano que conjugava ambas as intenções, tanto a sua própria, sanguinária, quanto a de Anthgon, política.

– Assim não corremos riscos – dizia Aytilla, já fora do quarto – Nós os levamos até seus familiares para que sejam reunidos e expulsos. Quando já tiverem partido, pegamos o narigão!

– Essa sua vingança pessoal não nos traz qualquer vantagem, Aytilla – repreendeu Anthgon – Já temos em mãos o necessário. Faça apenas o que lhe disse para fazer. Leve-os até seus familiares, reúna-os e expulse-os publicamente. As pessoas estão esperando que isto seja feito. E logo, pois o povo rapidamente se esquece de tudo!

– Sim, agora mesmo – disse Aytilla, acatando a ordem.

Os Yavogs foram levados por todos os vilarejos onde possuíam parentes. Todos foram chamados a abandonar suas casas e prosseguir com o grupo. Aqueles que se revoltavam eram mortos. O líder Yavog recomendou que ficassem unidos e pacíficos ou todos acabariam morrendo. Assim, reunidos, conduzidos pelos guardas como animais de um rebanho, mais de quatrocentos Yavogs foram expulsos. Ao chegarem a uma distante área já no meio da floresta, Aytilla ordenou que o grupo continuasse a marcha enquanto o líder Yavog seria retido para um interrogatório final. Um dos soldados permaneceu, a pedido de Aytilla. Quando o grupo já se distanciava no horizonte, Aytilla, sem nada dizer, atravessou o peito de Yavog com sua espada.

– Se alguém perguntar, você dirá que ele tentou me atacar – instruiu ao soldado.

O jovem Yavog, filho do líder Yavog, havia retardado a marcha, colocando-se escondido na mata em um local do qual

pudesse observar os guardas. Viu quando seu pai foi friamente morto pela espada de Aytilla. Naquele instante, um de seus tios o encontrou e o abraçou, reconduzindo-o para junto do grupo.

– Vamos, garoto. Não há nada o que fazer agora. Vamos tratar de salvar o que resta de nosso povo.

Distantes na floresta, após terem caminhado sem pausas durante quase todo o dia, os Yavogs montaram um precário acampamento. O irmão do líder morto, assumindo o comando do grupo, prometeu retaliação.

– Eles disseram que somos ladrões, não somos? Pois, então, roubaremos tudo até que eles fiquem sem nada! – disse o homem Yavog, enfurecido, invocando a ira dos demais.

* * *

De volta ao castelo, Aytilla foi surpreendido com a presença de Anthgon à sua espera.

– E aí, soldado, matou o nariz?

Não era possível que alguém tivesse contado. Aytilla era o primeiro do grupo a retornar ao castelo.

– Seu silêncio me faz crer que sim – concluiu Anthgon, gravemente – Mas não se preocupe, soldado. Não vou puni-lo. Sei que isto é algo que você desejava fazer há muito tempo. Eu não sou perverso; não desejaria tirar da sua boca este gosto.

– Mas, como soube? – perguntou Aytilla, hesitante.

– Você concordou rápido demais quando eu disse que não era para matar o homem, Aytilla. A pronta obediência é um terreno fértil onde a mentira germina.

* * *

– E, então, como se sente? – perguntou Soriom, ao acordar, passando a mão suavemente sobre a barriga de Mailyah.

– Estou bem, Soriom. Não precisa se preocupar.

– Como não? Olha o tamanho da sua barriga! – exclamou o rei – Você não pode se descuidar. Sabemos que a criança pode nascer a qualquer momento!

Soriom estava preocupado, pois, na véspera, Mailyah se sentira mal e quase fora ao chão em um desmaio. Uma criada, que estava ao lado dela no momento, amparou-a, evitando a queda.

– Não quero mais que você saia desta cama até que o príncipe nasça – ordenou Soriom.

– O príncipe? Como sabe que não será uma princesa? – perguntou a rainha.

– É... Não sei – respondeu o rei, desajeitado – Príncipe ou princesa, você não sai desta cama até que...

– Ah, é? E o que vai fazer se eu desobedecer à ordem, ó, poderoso rei Soriom? Vai me prender na masmorra? – respondeu Mailyah, em tom de brincadeira – Fique tranquilo, querido, estou bem. Estamos bem.

As expectativas de Soriom quanto ao nascimento de um filho não estavam erradas. Antes da manhã do dia seguinte, nasceu o príncipe Kedder.

* * *

– Você vai a Maddaghi agora? – perguntou Aytilla.

– Não posso esperar, Aytilla – respondeu Anthgon – Sei que preciso fazer isso logo.

– Eu venho dizendo para acabarmos logo com este garoto e você me impediu todas as vezes. Agora diz que precisa ir até lá no meio da noite, Anthgon?

– Temo perdermos a oportunidade. Recebi um sinal...

– Um sinal? Anthgon, do que está falando?

– Tive um sonho onde o garoto já era crescido. Ele saía do meio da floresta e entrava no castelo, sem armas, como se ninguém pudesse confrontá-lo. Você não vai acreditar, Aytilla... Havia um momento em que eu entrava no salão real e o encontrava sentado no trono!

– Mas isto foi apenas um sonho...

– Um sonho que não pode se tornar real, Aytilla. Não podemos deixar esse garoto crescer!

– É só um garoto, Anthgon. Não está se preocupando demais?

– Ora, você viu o sinal no ombro dele, Aytilla! Não quer que eu me preocupe?

– Bem, de fato eu não vi sinal algum. Você é quem disse ter visto este sinal quando esteve em Maddaghi aquela vez.

– Sim, sim, está certo. Você não viu. Mas acredite em mim, estava lá. Ele tem a marca conforme está escrito na profecia.

– Anthgon, pense bem... O filho de Soriom nasceu estes dias. O rei dará uma enorme festa amanhã e sei que sua presença será importante para ele. Se você não estiver por aqui...

– Por isto estou saindo agora. Amanhã mesmo voltarei, ao fim do dia.

– Não prefere que eu faça isso?

– Não. Preciso fazer eu mesmo. Levarei alguns homens comigo para amanhã cedo fazermos uma inspeção de surpresa. Vou pedir aos soldados que causem um grande distúrbio na vizinhança enquanto eu entro na casa e dou fim ao garoto.

* * *

– É hoje! A festa será hoje à noite! – exclamava Soriom, tomado de grande alegria.

Kedder nascera. O rei possuía um herdeiro e era mais do que um bom motivo para festejar, pois ele reouvera o respeito dos membros da corte e as coisas pareciam ir bem. Soriom se lembrou de que ainda não havia conversado com Anthgon sobre a festa. Procurando-o logo cedo pelo castelo, contudo, não o encontrou. Dirigindo-se até o pátio de treinamento, perguntou aos soldados sobre o paradeiro do chefe do exército, mas nenhum deles sabia informar.

– Aytilla! – chamou Soriom ao ver o oficial ao longe – Aytilla, venha cá!

– Sim, majestade. Em que posso servi-lo?

– Onde está Anthgon? Não o vejo em lugar algum do castelo.

– Senhor, creio que Anthgon esteja em Maddaghi – disse o oficial, temeroso por uma reação qualquer do rei.

– Em Maddaghi? Mas o que ele foi fazer lá? Eu disse para ele que meu filho estava prestes a nascer!

– Creio que foi fazer inspeções, senhor, pois estava acompanhado de um grupo de soldados. Anthgon não pára de trabalhar pela Sindávia, majestade – disse Aytilla.

– Mas, por Deus, no dia da festa pelo nascimento do meu filho? Por que ele não veio me consultar? – perguntou Soriom, indignado.

– Não creio que vossa majestade deva se preocupar. É provável que ele esteja de volta hoje à tarde.

– É bom que esteja, pois a festa é à noite!

– Sei que estará, majestade. Se o senhor quiser que eu vá até lá para avis...

– Mas é certo que não – interrompeu Soriom – ou você também não voltaria a tempo.

– Ó, senhor, não sabia que eu estava convidado também – disse Aytilla, com fingida humildade.

– Pois está. Será uma grande festa e quero que todos do castelo participem.

– Será uma honra para mim, majestade.

– Espero que seja para Anthgon também.

– Será, majestade, será. Ele chegará a tempo, tenho certeza.

Anthgon realmente chegara a tempo, mas não fora bem recebido por Soriom, que se incomodou com aquela atitude. Constrangido pela súbita e inexplicável ausência, tratou de manter estáveis suas relações com o rei dando de presente ao pequeno príncipe recém-nascido a medalha que ganhara na última competição de cavaleiros da qual participou, ainda jovem, havia mais de quinze anos. Na frente dos convidados, Anthgon retirou a medalha de seu bolso para entregá-la ao bebê príncipe. Todos se admiraram. A famosa medalha conquistada pela terceira vitória seguida na competição de cavaleiros, a primeira e única em toda a Sindávia, era algo que Anthgon estimava e que guardava com muito apreço.

O artifício pareceu funcionar. Soriom ficou impressionado com o gesto e orgulhoso de seu cavaleiro. Tudo parecia bem até Anthgon perceber que havia sangue sobre a medalha. Era o resultado de mais um objetivo alcançado. Tão rápida quanto a surpresa foi a brilhante solução. Anthgon recolheu a medalha novamente e virou-se, caminhando como quem vai embora, saboreando o espanto de todos. Quando alcançou a porta, colocou-se de pé ao lado de uma de suas invenções. Um grande vaso de pedra sustentado por uma coluna e contendo água fora colocado em cada porta de todos os cômodos do castelo. Anthgon instituiu tal medida para que os ambientes ficassem, em suas próprias palavras, protegidos dos maus espíritos. Era apenas mais uma das diversas providências tomadas para desestabilizar o controle religioso de Tchi-tah. Ao mergulhar a medalha na água, Anthgon pareceu absorto em sensações que só podiam ser percebidas por ele. Enquanto as pessoas admiravam o nobre gesto de cuidado e preocupação com uma criança, o sangue de outra era lavado. Presentear com a medalha, por si, teria sido excelente. Após a encenação, fora perfeito.

* * *

Sakhris, extenuada, havia deitado seu corpo sobre uma rocha. Tinha a visão prejudicada pelo cansaço, mas teve a impressão de ver um velho homem se aproximando, não de baixo, como viriam os guardas, mas do alto da montanha. Sem forças para continuar com a fuga, apenas abraçou seu filho.

Após conversarem por breves momentos, o velho homem convenceu a mulher.

– Seu filho estará seguro comigo. Lá no alto só há lugar para os de bom coração. Aquele cujo coração é mau sofrerá tanto quanto mais alto tentar subir. Por isso, você não deve temer, Sakhris.

– Veja meu filho, senhor. Ele tem esse problema nos olhos. Se o senhor diz que não devo subir a montanha... Ele nunca conseguirá descer sozinho. Temo jamais poder vê-lo novamente – disse Sakhris, em lágrimas.

– Mas seu filho não ficará aqui para sempre. Um dia ele estará em meio aos outros. Aguarde por esse dia e não se arrependerá, senhora. Ele ainda se sentará gloriosamente no castelo real, que é o seu lugar, e sua cabeça será belamente adornada.

Sakhris abraçou o filho pela última vez.

– Agora temos que ir – interrompeu o velho homem – Soldados podem estar a caminho.

E assim, o eremita se despediu, subindo a montanha na companhia do pequeno Havien.

27

- O PRATO FRIO -

Entre ambições e concessões, êxitos e fracassos, vinte e cinco anos se passaram. Após o nascimento de Kedder, Soriom havia se fortalecido emocionalmente e as consequências desse fortalecimento eram visíveis em suas relações políticas. Com a presença constante do rei, as oportunidades de um golpe diminuíram e Anthgon precisou se contentar com o que tinha. Os encontros com a misteriosa mulher da floresta haviam se tornados infrequentes e, depois de algum tempo, cessaram por completo. Durante toda a sua vida, Anthgon não havia se relacionado com qualquer mulher, sendo, portanto, um sexagenário sem filhos e, àquela altura, com mais lembranças do que planos. Sua habilidade política, porém, lhe permitia manter todos os cargos e honras e ele continuava a ter a preferência de Soriom nos assuntos do reino. Mesmo com a perpetuação da crise na Sindávia durante o último quarto de século, o controle de população secretamente realizado em seu hospital mantivera as provisões de alimentos suficientes para abastecer o castelo real sem alterações significativas. Desta forma, o engenhoso Anthgon havia conseguido menos do que um dia desejou, mas, certamente, muito mais do que o filho de qualquer mascate poderia sequer imaginar.

Certo dia, cavalgando lentamente pela praça real, Anthgon fora abordado por um moleque. Freou o cavalo para dar atenção ao garoto e este lhe entregou um pequeno pedaço de papel enrolado. Tratava-se de um bilhete.

– Quem lhe deu isto, garoto? – perguntou Anthgon, antes mesmo de ler o que estava escrito.

O garoto nada respondeu, correndo em disparada para longe do cavalo. Anthgon pensou em persegui-lo, desistindo em seguida. Abriu o bilhete e, logo que o viu, reconheceu quem o enviara:

"Anthgon, estou morrendo e só tenho a você. Por favor, volte."

Era a mesma letra do primeiro bilhete que recebera muitos anos antes. Anthgon imaginava que a mulher já estivesse morta e a notícia o instigou a visitá-la. Triste foi o que encontrou.

Chegando ao local da cabana, quase não a viu. Grande quantidade de vegetação tomara conta das paredes e do telhado. Até entrar na casa, Anthgon pensou que o bilhete poderia ter chegado tarde demais. O pequeno pátio havia se confundido com o mato dos arredores. Mal se via a trilha que dava acesso ao curso d'água. A mulher, já muito velha, contraíra alguma estranha doença e, por isso, não conseguia mais, há pelo menos um ano, ter forças para cuidar de sua casa.

Anthgon entrou em um quarto. A umidade da floresta há muito invadira completamente os cômodos da casa. A mulher tossia constantemente.

– Oh... Você veio... – disse ela.

– O que aconteceu? O que houve aqui? – perguntou Anthgon.

A mulher falava entre lúgubres acessos de tosse.

– Estou morrendo, Anthgon.

– Por que esperou tanto tempo para mandar um bilhete?

– Mandei vários, mas você nunca mais voltou – disse ela.

– Mas só recebi este, hoje pela manhã.

– Meu último mensageiro era um trapaceiro. Dei sorte de descobrir antes de morrer e, em troca de algumas moedas de ouro, este outro concordou em lhe entregar isto – disse a mulher, apontando para o bilhete que Anthgon tinha nas mãos.

– E o que quer de mim?

– Primeiro, leia o que tenho aqui. Vai me poupar algumas palavras – disse ela.

Anthgon pegou das mãos da mulher uma pequena carta, desenrolando-a com extrema cautela para que não se rasgasse.

"Minha querida Leynah. O que temos, senão o maior amor do mundo? O que temos, senão a grande desventura de um amor que não pode ser amado, uma revelação que não pode ser revelada? Desventura maior é a minha, a quem cabe interromper no início um amor que, estou certo, ultrapassaria os limites da eternidade. Desventura maior é ter nascido para ser rei, quando meu desejo era o de nascer para ser seu. De ter nascido para pensar em todos, quando queria apenas pensar em você. Um rei deve fazer o que deve fazer. Como gostaria de não ser eu neste momento! Mas minha existência deve transcender meus interesses pessoais. Esta é a expectativa de todos e contrariá-la seria um grande egoísmo, além de um gesto insensato. Bem sabemos, eu e você, como a vida tem mais graça em seus momentos de insensatez. Porém, desta vez, falamos sobre algo maior, sobre uma responsabilidade excelsa: a responsabilidade sobre a vida de cada cidadão de nosso reino. Obrigá-los à aceitação de nosso amor seria autorizá-los a uma postura de desrespeito a quaisquer regras, visto que nós mesmos seríamos vivo exemplo de tal conduta. Incitaríamos revoltas e ameaças. Colocaríamos em risco nossa sobrevivência e meus temores seriam ainda maiores que os de agora, pois se hoje sofro perdê-la para a vida, mais sofrimento seria perdê-la para a morte. Por esta razão, e com a mais terrível angústia, sou obrigado a dizer essas palavras. Para que possamos nos proteger, precisamos nos separar. Veremos um ao outro durante toda a vida, porquanto isto é o que desejamos. Nossos sentimentos jamais morrerão. Se puder me compreender, peço que continue me amando

como sempre. Mas se eu não puder ter a sua compreensão, que ao menos o perdão você possa me conceder. Serei um rei sem desejar sê-lo e me afastarei de você para que possamos estar sempre próximos. O infinito é o meu amor por você. Borghus."

– Então esta é a mulher sobre a qual Soriom me contou – concluiu Anthgon – Borghus nunca se esquecera da mulher pela qual havia se apaixonado.

– Sim, é esta mulher – disse Leynah, retirando de seu pescoço o colar de lascas de pedra.

Anthgon examinou o colar e viu os nomes gravados na parte de trás de uma das pedras: Leynah e Borghus. Seu rosto foi tomado de grande espanto.

– Você?

Leynah sorriu.

– Você é Leynah? – perguntou Anthgon.

– Sim...

– Leynah... – repetiu Anthgon, incrédulo.

– Eu sempre pensei que seria um belo nome para uma rainha... Mas ele... Ele não quis... – disse Leynah com a voz enfraquecida e lágrimas que escorriam de seus olhos.

– Mas você e Borghus nunca mais se viram?

– No dia em que ele me entregou esta carta eu o alertei que, se me deixasse, nunca mais nos veríamos novamente – disse ela, ajeitando-se na cama – Eu estava com tanta raiva que atirei a carta no meio do mato. Mas, depois, voltei lá para recolhê-la.

– Espere! – reagiu Anthgon, subitamente, enquanto uma profusão de ideias lhe assaltava o pensamento – Você descobriu onde ele estava, nas cavernas. Ele chegou a vê-la?

– Sim – respondeu ela – Não contei toda a verdade a você sobre este encontro. Eu entrei na caverna, curiosa para observar quem poderia estar morando ali. Quando vi que Borghus se aproximava, já não havia mais o que fazer. Não me lembro de ter sentido um aperto tão grande no peito quanto neste dia. Nem mesmo no dia em que ele me entregou esta carta.

– E ele?

– A solidão da vida naquela caverna deve tê-lo deixado perturbado. Quando me viu, parecia que tentava falar alguma coisa, mas as palavras não saíam da sua boca. Deu três ou quatro passos na minha direção e estendeu-me o braço, como que para me tocar. Eu não consegui dizer nada. Quando seus dedos tocaram suavemente o meu rosto, ele, perdendo por completo as forças, caiu desmaiado. Julguei ser o melhor momento para sair da caverna e não retornei mais àquele lugar.

– Mas então, ele não estava louco! – concluiu Anthgon – Borghus contou a Soriom sobre esse encontro. Soriom pensava que seu pai estivesse devaneando. Mas não... Aconteceu, então!

– Sim, Anthgon, aconteceu.

– É isso... Quando eu o encontrei nas cavernas, ele estava com planos de regressar ao castelo. Agora entendo. Ele foi alimentado pela sua aparição. Recobrou as esperanças de encontrá-la. Por isso queria voltar.

O rosto de Anthgon se empalideceu quando ele se lembrou de ter tirado a vida de Borghus.

– Sei o que deve estar pensando – disse Leynah – mas não me importo. Quando Borghus me deixou, eu sabia que seria para sempre. Naquele dia ele já havia morrido para mim. Há muitas formas de morrer, Anthgon.

– Mas você guardou esta carta. E o colar... – contestou Anthgon.

– São as coisas que tenho para me lembrar de uma época em que eu era muito feliz. Não me sobrou mais nada.

Anthgon se levantou e perambulou pelo quarto. Refletia sobre o que acabara de ouvir.

– Devo admitir que, depois da história de que Borghus vivia escondido em uma caverna, esta foi a notícia mais surpreendente que você já me deu.

– Creio que não, Anthgon.

– Como não?

Leynah olhou para o colar nas mãos de Anthgon.

– Você não deve se lembrar... Do colar... Você gostava desse barulhinho...

Anthgon, atônito, sacudiu levemente o colar. Estranhas lembranças surgiam aos poucos. Levantou-se repentinamente e se dirigiu à janela do quarto. Tateou com as mãos a parte superior do madeiramento, exatamente como sua mãe costumava fazer e, ao encontrar uma saliência, pendurou ali o colar. A suave brisa que adentrava o quarto tornava permanente o saudoso tilintar. Anthgon baixou suavemente a cabeça.

– Você era tão pequeno... – exclamou Leynah – Eu não imaginava que seria capaz de se lembrar...

Anthgon caminhou lentamente até a cama e novamente se sentou. O estado de Leynah parecia piorar.

– Fico tão feliz que tenha vindo, filho. Temia morrer e não conseguir lhe contar.

– O mascate... – lembrou-se Anthgon – você se casou com ele?

– Não... Não chegamos a nos casar...

– Nunca souberam me explicar por que meu pai estava comigo naquele dia no castelo, mas não minha mãe.

– Eu apenas precisava de alguém que tivesse acesso ao castelo. Queria dar a você o que você merecia, Anthgon, e só encontrei essa saída. Escrevi seu nome em uma pequena tira de pano por dentro de sua roupa. Tinha o pressentimento de que alguém cuidaria de você...

– Mas como podia saber que eu seria deixado? Só fiquei lá por que meu pai morr...

As ideias se clareavam no rápido raciocínio de Anthgon.

– O veneno... foi você, então? Não foi o outro homem, foi você... Você envenenou o meu pai!

– Logo que nos conhecemos, percebi que esse aí, que você chama de pai, gostava tanto de mim quanto de mais outras cinco ou seis mulheres. Ele teve o que mereceu...

– Esse que eu chamo de pai? – espantou-se Anthgon – Esta foi, durante toda a minha vida, a única referência que tive de meus antepassados. Como pode dizer isso?

– Este homem era um safado, isso sim, e foi por isso que consegui me envolver rapidamente com ele. O mascate não é seu pai, Anthgon. Mas eu jamais pude revelar a verdade, com medo de que atentassem contra a sua vida. Se a corte viesse a saber que o príncipe Borghus teria seu primeiro filho comigo, você jamais teria visto a luz do dia...

Anthgon estava assombrado.

– Você deveria ser o príncipe herdeiro, meu filho. Príncipe Anthgon da Sindávia! – exclamou Leynah.

– Mas, Leyn... Eu...

– Você pode me chamar de mãe, se quiser – disse Leynah.

Anthgon percebeu uma lágrima escorrer de seu rosto. Isso jamais havia acontecido.

– Eu matei o meu pai...

– É mais fácil quando o príncipe é outra pessoa, não é, filho? Você falava de Soriom como se ele fosse um covarde. Mesmo com os ambiciosos objetivos que você sempre teve, não sei se teria conseguido fazer o que fez se soubesse que Borg...

– Meus objetivos? Foi você quem me incitou a isso, desde o dia em que me enviou aquele bilhete! Ficou insistindo nesta ideia por anos!

– Você fez o que fez porque assim queria, Anthgon. Nunca o obriguei. Se você não desejasse o poder, não teria feito nada. Eu sempre imaginei que você não conseguiria... Conhece a profecia. Não se lembra? Somente aquele que tiver o sinal...

– Pois isso muda agora! – disse Anthgon, com surpreendente transformação de semblante, pegando uma faca e cortando sua pele, à altura do ombro.

Anthgon desenhara em seu braço, sulcando sua própria pele com a faca, o símbolo do infinito, da mesma forma que o vira, muitos anos antes, no garoto de Maddaghi e no homem que aparecera em seus sonhos. O instinto maligno de Anthgon, levemente abrandando pelo insucesso de seu plano ao longo do tempo, estava de volta.

– Eu sou o primogênito! Eu deveria ser o rei! Por que não me contou antes?

– De que adiantará isso agora? – perguntou Leynah, olhando para o filho com ternura.

– Não importa! – continuou Anthgon – Farei o que tinha que ser feito há muito tempo. Você me enganou, Leynah, me enganou! Você ficava sempre me atrasando, pedindo que eu aguardasse o momento certo. Este momento jamais chegaria, não é? Tanto que não chegou! Se não acreditava que eu conseguiria, por que insistia em falar sobre isso?

– Por que eu sabia que você queria, Anthgon. Era a única forma de manter algum contato com você. No começo eu quis me vingar de Borghus. Confesso que quis. Demorei muito para perceber que este não era o caminho...

– Mas você não parecia ter desistido dessa ideia! – acusou Anthgon.

– Sei que você não daria importância para uma velha bruxa da floresta se ela não pudesse contribuir de alguma forma com seus planos, Anthgon. Eu só queria poder falar com você de vez em quando, filho. Você é a única coisa que eu tenho...

– Mas por pouco tempo, certamente... Você parece não estar muito bem para me acompanhar daqui para frente – disse Anthgon, com profundo rancor.

– Não fale assim, Anthgon. Eu sou sua mãe. Queria poder estar com você, só isso...

– Pois você conseguiu o que queria. Agora, eu é que vou conseguir o que eu quero.

– Abandone essa ideia, Anthgon. Você é um grande comendador do rei. É respeitado... Esqueça esse propósito de tomar o poder. Se você não o fez quando era novo...

– Por culpa sua! Eu tive diversas oportunidades, mas, após o nascimento de Kedder, Soriom se impôs novamente. Nunca houve outra chance como as daquela época. Mas a maior delas é a que surge agora. Kedder está com vinte e cinco anos e parece longe de estar preparado. Já não tem mais tempo e terá que revelar sua fraqueza a todos em breve. Não pude depor Soriom, mas este garoto... Caso ele consiga matar o pai, ficará sozinho, pois ninguém lhe dá crédito algum. Será tudo tão fácil que, ao fim da solenidade de posse, já serei eu a ocupar o trono.

– Anthgon, deixe eu lhe dizer uma coisa. Você pode passar a vida inteira pensando assim, como está pensando agora, mas, acredite, a morte... A morte é igual para todos. Sei o que estou falando porque estou morrendo. Ah, a morte, filho... Quando você a vir rondar sua cama, vai saber. Ao mesmo tempo em que nada se altera para o resto do mundo, tudo é diferente para você. Verá que muitas coisas não mereciam sua atenção e sacrifício, enquanto que com outras, essas sim, fundamentais, você não se importou. Esqueça esta vingança, Anthgon. Eu fiz a opção de vingar-me e perdi tudo o que tinha. Se tivesse esquecido e perdoado... Como não poderia ter sido a minha vida? Jamais saberei! Jamais saberei e, agora, não há mais volta. Esqueça sua vingança, Anthgon, você, que ainda tem alguma vida pela frente. Você deveria ter sido o rei, mas não foi. Eu também não fui rainha. E todos, nobres e pobres, seremos cadáveres muito em breve. Viva sua vida com dignidade para que não se arrependa ao final. Ou depois dela.

Anthgon não mais se importava com o que ouvia a partir daquele momento. Seu desejo fora reacendido e intensificado com as notícias que recebera. Até a posse de Kedder todas as suas atenções estariam voltadas ao grande plano de sua vida. O jovial entusiasmo de outrora tomou conta de seu corpo. Sentia-se vivo novamente.

– Durma, minha mãe, durma agora. Você está muito cansada...

Exausta, Leynah se recostou e adormeceu. Naquele mesmo instante, Anthgon se foi. Naquela mesma noite, Leynah morreu.

* * *

Anthgon ouviu o plano de Soriom para o príncipe.

– Diga-me, Anthgon, qual a sua opinião?

– Eu não havia pensado nisto, Soriom, mas não tenho como criticar sua ideia. Parece-me algo bom. Vai atrasar em mais um ano, porém, a sucessão.

– Não me importo. Se Kedder ficar aqui, vai continuar indeciso, talvez por tempo ainda maior. Façamos assim. Vamos fixar uma data para a sucessão e mandá-lo à viagem. Só quero que retorne quando a data estiver próxima. Quero que volte renovado, encorajado. Ele precisa conhecer os problemas de perto para perceber que seus interesses não podem estar acima dos interesses da Sindávia.

* * *

– Não sei, Anthgon. Penso que este momento já passou...

– Ei, você sempre foi meu companheiro. Não pretende desistir agora, pretende?

– Você não pensa que estamos muito velhos? – perguntou Aytilla.

– Se estamos velhos? Não sei dizer. O que sei é que não estamos mortos. Esta é a maior oportunidade que já tivemos. O príncipe fraco não é só fraco. Ele é uma besta! Um frouxo! Quando Soriom estiver morto, Kedder será uma presa fácil. Mesmo os que hoje apoiam o rei também não acreditam que o príncipe conseguirá governar com essas ideias.

– Bem, isto é verdade. Ele não parece ter aliados.

– Não parece porque não tem! – afirmou Anthgon – E essa é a nossa vantagem. Mas não agora! Ah, agora não... Soriom poderia atrapalhar. Vamos aguardar até a sucessão.

28

- KAMAHKAM -

– Reli umas três vezes aquele papel e não encontrei data alguma! – sussurrou Kedder a Havien no dia seguinte.

– Do que está falando, príncipe?

– O colar de Uddagary! Você não disse que ele andava com a profecia? Então, ele guarda a cópia da profecia enrolada dentro do colar. Ontem, depois que comemos o assado, ele foi dormir. Mas hoje cedo, quando ele estava se banhando...

– Você pegou o colar?

– E o que eu deveria fazer?

– Apenas perguntei, príncipe – disse Havien – Não encontrou o que procurava?

– Não! Você disse que haveria mais informações. É verdade. Mas não há data. Você disse que haveria menção a uma data, não disse?

– Talvez não no formato que você gostaria...

– Depois conversamos – interrompeu Kedder, sinalizando a iminente aproximação de Uddagary.

O homem vinha com alguns soldados.

– E então, príncipe, vamos prosseguir? – perguntou Uddagary – Na velocidade em que marcha, vamos perder sua festa. Ha!

Preferindo ignorar a provocação, Kedder concordou em seguir adiante. A partir daquele ponto, não havia mesmo muito tempo a perder.

– Um momento, Uddagary – disse o príncipe – Você tinha seis soldados com você. Só vejo quatro. Onde estão os outros dois?

– Pedi a eles que não viessem conosco – respondeu Uddagary – Estou com meus melhores homens aqui. Não quero arriscar a vida de todos. Não sei o que nos espera quando chegarmos ao seu castelo.

– Você não confia na salvaguarda que eu lhe concedi? Se não é capaz de confiar em mim, talvez todos devessem ficar – disse Kedder.

– Príncipe, você eu conheço um pouco. Até posso pensar em confiar em você. Parece boa gente... Mas não conheço o seu povo. Ou diria que conheço até demais? Não posso me arriscar com os Sindagary.

De fato, o príncipe sentia algum alívio. Dois soldados a menos representariam menor possibilidade de problemas.

* * *

Durante três dias, o grupo seguiu por montanhas íngremes e trilhas tortuosas. O caminho não permitia um avanço muito rápido, pois muitos eram os impedimentos que encontravam. Havia momentos em que somente um de cada vez conseguia transpor algumas estreitas passagens entre grandes paredes de pedra de um lado e colossais abismos do outro.

Em um dia, pela manhã, logo que retomaram a caminhada, ouviu-se um ruído na mata. A última emboscada, que culminara com a morte de Yavog, ainda estava vívida na mente dos homens e todos se colocaram em alerta. Uddagary e Kedder rapidamente sacaram suas espadas. Um homem, vindo tranquilamente em sentido contrário na trilha, não pôde acreditar no que via. Mal vislumbrou a imagem do príncipe e se embrenhou no mato.

– Kopfah? – chamou Uddagary, falando em direção às árvores.

Nenhuma resposta. O mestre Kamahkam sabia de muitas coisas, mas não sabia confrontar um homem armado, muito menos um príncipe que empunhasse uma espada Uddagary. Algo parecia estar errado. O plano de Uddagary não era aquele. Kopfah estava temeroso e respirava vagarosamente com medo de se denunciar.

– Kopfah! Se for você, pode vir! Não há perigo. O príncipe está comigo!

A voz de Uddagary parecia confiante. Kopfah imaginou que pudesse se aproximar, mas não o fez sem reservas. Vagarosamente contornou o grupo, afastando-se do príncipe. Todos olhavam para a mata tentando ver o homem, mas apenas ouviam o barulho das folhagens se mexendo por onde ele passava. Quando Kopfah apareceu, sua desconfiança era nítida.

– Kopfah, meu amigo! Não há o que temer. Sei que pode parecer loucura o que está vendo aqui, mas há uma explicação – disse Uddagary, tentando aproximar o amigo dos outros.

O mestre Kamahkam andava a passos curtos e, com um discreto sorriso, acenava para os demais.

– Estávamos a caminho de encontrá-los – continuou Uddagary – mas foi bom você ter aparecido por aqui. O príncipe Kedder nos deu a honra de uma visita a Udda, mas agora precisa voltar ao seu castelo. O rapaz será rei em breve!

Kopfah olhava atentamente. A situação era bastante inusitada. Durante anos os Uddagary e os Kamahkam estudavam meios para a invasão do castelo e agora, sem aviso, Uddagary apresentava ao príncipe o caminho pelo qual seria atacado em segredo.

– Bem, não se preocupe – resumiu, por fim, Uddagary – Apenas leve-nos ao seu povo que lá, com calma, explicarei melhor. Estamos apenas de passagem para o castelo real da Sindávia!

Kedder não gostava do tom que Uddagary usava em suas palavras. Parecia excessivamente sarcástico. O príncipe procurava alguma correlação entre Havien e aquele estranho comportamento. Não acreditava que, depois das experiências que viveram juntos, o amigo pudesse ter sido seduzido pelo discurso de Uddagary, mas também não conseguia encontrar explicação para a súbita mudança de atitude do chefe de Udda.

A viagem continuou, liderada por Kopfah. O grupo já estava muito perto de Kamahkam e não demorou até o fim do dia para que alcançassem as primeiras pontes. Formidáveis passagens sobre os penhascos encurtavam o caminho. Após a terceira delas, já podiam avistar as primeiras casas suspensas.

O hábito de encerrar a fila dava a Kedder, vez por outra, a oportunidade de conversar com Havien.

– Acredito que ninguém no castelo conhece esse povo, os Kamahkam – admirou-se o príncipe – Eles possuem uma poderosa técnica na construção de pontes. Vivem neste local como se ele fosse uma planície. Há aqui somente pedras e praticamente tudo é inclinado. As projeções sobre os desfiladeiros criam planos onde eles construíram uma verdadeira cidade. Não posso aceitar que as pessoas continuem não sabendo da existência desse povo!

– A maioria não os conhece, pois, em geral, as pessoas não se importam com os que possuem bastante conhecimento – comentou Havien – Por outro lado, perceba como é frequente o interesse por aqueles que discutem, que se exibem, que matam ou que morrem. Enquanto isso, o conhecimento vai sendo ignorado.

– Mas seria interessante se pudéssemos mostrar às pessoas esses conhecimentos, não seria?

– Seria, príncipe, mas, esse não é o problema. Ainda que alguns poucos procurem manter o conhecimento reservado somente a eles mesmos, a grande maioria não tem acesso ao conhecimento porque simplesmente não o deseja. Afinal, não há quase nada que não possamos obter se desejarmos com afinco.

– Mas por que elas não desejariam o conhecimento, se ele nos fornece tantas vantagens?

– Um pouco por excesso de languidez, príncipe, pois o conhecimento é desafiador e exige grande tenacidade para ser conquistado. E um pouco também pela própria ignorância. Você pensa que o conhecimento lhe fornece vantagens. Acredita que todos pensam assim?

– É... – disse o príncipe, pensativo – Creio que não.

– De certo que não. E pior. Não é apenas uma questão de obter meras vantagens. Quem detém verdadeiros conhecimentos molda seu próprio futuro.

– Não poderia imaginar melhor exemplo do que os próprios Kamahkam – sugeriu Kedder – Olha o que fizeram com esse terreno praticamente inabitável. A trilha que utiliza as pontes é um caminho largo e bem definido.

– O caminho a ser percorrido muitas vezes não é tão manifesto e, por falta de observação, os homens podem sofrer desnecessariamente – disse Havien – Isto vale tanto para o retorno do príncipe ao seu castelo quanto para as trilhas de Dommin.

– Sim. Estive em dúvida muitas vezes durante a subida e a sensação era de que todos os caminhos pareciam errados.

– Foram caminhos feitos pelos outros, príncipe. Um caminho aberto lhe dá tanto a vantagem de acertar sobre um anterior êxito como a desvantagem de errar sobre um anterior fracasso.

– Mas eu teria que contar apenas com meu instinto ou minha intuição para definir outro caminho que não aquele já percorrido

anteriormente – observou Kedder – A questão é: quando seguir pela trilha e quando confiar no instinto?

– A natureza, príncipe, a natureza – respondeu Havien – A ela pertencem todos os caminhos. O instinto é tão impreciso quanto uma trilha percorrida apenas por outros. Uma constante postura de respeito à natureza vai lhe indicar o correto caminho a seguir.

O grupo já passara pelas primeiras casas. Kedder continuava pensativo. Lembrava-se de Gaya e dos Yavogs. Lembrava de como as coisas pareciam funcionar quando em harmonia umas com as outras. Enquanto as disputas geravam perdas para todos os lados, o trabalho em conjunto só gerava ganhos, até mesmo àqueles cujo objetivo não era dos mais nobres, como no caso dos Uddagary e dos Kamahkam. A covardia de Kopfah demonstrava que eles jamais pensariam na ideia de tomar o poder pelo combate armado. O que eles tinham era inteligência, e não força ou coragem. Os Uddagary, por sua vez, representavam a força em sua máxima expressão, embora jamais conseguissem fazer seus carros atravessarem as estreitas passagens dos desfiladeiros. Pelo deserto, e depois seguindo vagarosamente pelas margens dos grandes rios, os Uddagary estariam muito expostos e, certamente, perderiam muito de sua vantagem ao longo do caminho com pequenos conflitos. A passagem pelas montanhas intransponíveis era crucial para o sucesso de seu plano e foi somente quando um povo se aproximou do outro, cada um contribuindo com sua própria vantagem, que um imenso e audacioso plano começou a tomar forma. Se a competição realmente é capaz de criar o progresso, a cooperação, por sua vez, cria o inimaginável.

De repente, Kedder viu alguém muito familiar. Pensou estar enganado, mas logo percebeu que não. As circunstâncias nas quais se dera o primeiro encontro foram muito particulares para que ele se esquecesse. O homem da porca estava conversando com um morador de Kamahkam.

– Havien, eu conheço aquele homem! Ele estava em Dommin quando eu... Mas, como é possível? Você disse que ninguém conhecia os Kamahkam.

– Você quem disse que ninguém conhecia os Kamahkam – corrigiu Havien – Eu disse que a maioria das pessoas não os conhece, o que, obviamente, não se aplica a este senhor.

– Mas o que ele faz aqui?

– Ele é um dos que buscam conhecimento. Foi ele quem construiu as escadas que usamos para descer Dommin pela face sul. Se não somos os Kamahkam, podemos aprender com eles. Há lugares em Dommin onde seriam úteis algumas pontes...

– Estou impressionado...

– Mas por que o espanto?

– Não sei... O jeito como ele falava... Parecia não conseguir construir uma frase... Quem diria uma ponte!

– Não o que aparenta ter conhecimento, mas aquele que o persegue, este é o homem sábio, príncipe. Você teve uma ideia errada do homem porque não aprofundou suas impressões sobre ele, contentando-se com a impressão que a superfície lhe causou. Lembra-se do lago?

– Sim.

– Estou certo de que está colecionando muitas experiências com superfícies em sua viagem...

– Colecionando e aprendendo, eu espero – disse Kedder.

– Conhecimento, príncipe. Importante é buscá-lo constantemente. Quem quer, aprende a cada nova respiração.

Kopfah instruiu a uma parada e pediu atenção. Os viajantes estavam na parte central da vila. O mestre Kamahkam apresentava as

construções e falava um pouco sobre cada uma delas. Uddagary, apesar de já as conhecer, também ouvia. Kedder observava atentamente o comportamento de Kopfah. O homem, mais desenvolto e confiante, exibia, com orgulho, as belezas de suas construções.

– Havien – sussurrou Kedder – repare como o homem está diferente. Fala com extrema determinação e todos ouvem quietos. Ele é a segurança em pessoa! Nem se parece com aquele que encontramos na mata.

– Fácil é mostrar força quando se está dentro de seus limites, príncipe. O desafio é encontrá-la quando se está além deles.

Enquanto o grupo continuava atento às explicações de Kopfah, alguns moradores se aproximavam para comprovar a ilustre e estranha presença do príncipe naquela região.

– É possível que não tenham percebido algo – disse Kopfah – talvez porque toda essa área é muito cheia de casas ou porque a luz do dia já não está tão forte... Mas percebam que estão pisando sobre madeiras, não sobre o chão firme. Vejam através dos furos.

Os viajantes olharam para baixo, localizando os furos. Eram vários nas tábuas que cobriam todo o chão. Kedder não escondeu seu espanto quando observou mais atentamente por um dos pequenos buracos. Através dele, o príncipe via um curso d'água muito distante. Levantou-se, olhou para Kopfah com ar de questionamento e deu dois ou três pulos, como quem deseja fazer barulho com os pés. Procurava verificar o que lhe parecia inacreditável. O mestre Kamahkam assentiu:

– Sim, príncipe, toda a cidade é suspensa!

– Impressionante! – disse Kedder em voz alta – Vocês terão muito a ensinar quando eu me tornar rei. Façamos deste contato o primeiro de vários outros que virão em um futuro breve.

Kopfah olhou para Uddagary, que fez um sinal com a cabeça para que o homem concordasse.

– Ó, príncipe, será uma honra para todos nós! – disse o mestre Kamahkam.

O grupo fora conduzido por algumas pequenas vielas. Kopfah mostrava, a cada um, as casas que deveriam usar como aposentos. Em uma das casas ficaram os quatro soldados. Uma outra foi separada para Kedder, Havien e os dois Yavogs. Uddagary, como de costume, tinha seu quarto já reservado.

– Kedder, tudo bem? – perguntou Sarina.

– De certo que sim, querida. Não há problema – respondeu Kedder, amorosamente – Fique com ele enquanto estivermos aqui.

– Não estou certa sobre o futuro após chegarmos ao castelo – justificou Sarina, temerosa pela reação do príncipe – Tem certeza que não há problema?

– Já disse que não – reafirmou Kedder, com um sorriso – A notícia que Uddagary nos deu certamente é muito mais significativa para você do que para mim. Tenho certeza de que precisam de alguns momentos a sós para conversar. Fique tranquila e aproveite o tempo que puder com ele.

Sarina deu um beijo em Kedder e acompanhou Uddagary até seu quarto.

* * *

As atividades começavam cedo em Kamahkam. Apesar do frio, antes mesmo do sol nascer muitos já estavam despertos com seus afazeres, dando início a mais um dia de trabalho. Aos primeiros raios de luz, todos, exceto as crianças, já estavam acordados.

– Esse barulho... Ah, não é possível dormir com esse barulho – resmungou Kedder, referindo-se a algumas marteladas que escutava logo pela manhã.

Havien já estava acordado e, de pé no canto do quarto, sorria para o príncipe. Kedder esfregou os olhos e observou uma alça a contornar toda a cabeça de Havien, com uma almofada em cada ponta, bem sobre cada uma das orelhas.

– O que é isso? – perguntou o príncipe.

Havien continuava sorrindo. Kedder se levantou, aproximou-se do amigo e, retirando o objeto de suas orelhas, refez a pergunta.

– Ah, isso? Muito útil, não é? Encontrei aqui neste cesto – disse Havien, apontando para um balaio ao seu lado.

– Bom seria se tivéssemos reparado neste cesto antes de irmos dormir – lamentou Kedder.

– Mas você reparou, tenho certeza – disse Havien.

– Sim, mas... É que eu não estava com tanto frio assim nas orelhas! – disse Kedder, espirituoso.

– Agora sabemos que não são para o frio! – finalizou Havien, sorrindo.

No andar de baixo, os dois homens Yavogs, acostumados ao calor do Pulmão do Diabo, sentiam mais frio que os outros e pareciam não se importar com o barulho. Como pedras em um rio, era possível que ficassem ali eternamente se ninguém os movesse.

– Devemos chamá-los? – perguntou Kedder ao passar pela porta do quarto dos Yavogs.

– Não vejo razão. Eles tiveram uma importante perda e um deles ainda carrega o peso de substituir seu líder. Deixemos que descansem – recomendou Havien.

– O que fazemos, então?

– Visto que ficaremos tão pouco tempo aqui, sugiro que conheçamos um pouco mais desse povo. Você parece ter gostado muito do que viu ontem.

– De acordo. Vamos dar umas voltas por aí.

Os visitantes não estavam sozinhos na casa. Ocuparam um dos quartos mais altos enquanto os moradores permaneciam nos quartos de baixo. A casa, apesar de ocupar uma área bastante pequena, se erguia por sete andares. Quase todas as casas de Kamahkam possuíam essa característica, imposta pelas condições do terreno. Qualquer construção encontrava mais facilidade em se ampliar para cima do que para os lados. Um antigo provérbio Kamahkam já dizia: mais fácil se chega ao céu do que ao seu vizinho.

– Bom dia, !M! senhores. !M! Vejo que levan !M! levantaram cedo! – dizia a voz da gentil senhora Kamahkam, na cozinha, disputando com sonoros golpes de martelo ao fundo.

– Bom !M! dia, senh !M! Bom dia, senh !M! senh !M! senhora! – respondeu Kedder, tentando se fazer ouvir.

Havien apenas acenou com a cabeça, sorrindo. A mulher mostrou pães e frutas dispostos sobre a mesa. Havien e Kedder se sentaram. Após algumas bocadas, Kedder pegou mais duas frutas e decidiu terminar a refeição em outro lugar.

– Venha !M! Havien, vamos !M! termi !M! terminar !M! !M! !M! Ahhh – reclamou Kedder, impaciente, puxando Havien pelo braço – Vamos! !M!

Descendo mais um andar, os dois amigos atingiram a porta de entrada da casa. Kedder observou que um homem trabalhava externamente no reparo de uma parede, precisamente no andar da cozinha.

– Ah, é isso! – exclamou o príncipe, olhando para o homem que, ao ser notado, acenou gentilmente.

Impossibilitado de ser ouvido, Kedder se afastou do local em silêncio antes de tentar qualquer diálogo com Havien. Após contornar uma viela, o som do martelo já em muito reduzira sua intensidade.

– Mas que coisa! – exclamou o príncipe. – É impossível convers... Ah, vou falar que é impossível só desta vez, posso? É impossível conversar com aquele barulho!

– Você estava tão admirado com a tecnologia dos Kamahkam, príncipe. O que aconteceu? – perguntou Havien, em tom de brincadeira.

– Ah, o que é aquilo, Havien? Será que são todos surdos? Não percebem que esse barulho todo pode incomodar?

– É por isso que são chamados de inteligentes, e não de sábios. À inteligência falta, com frequência, a sensibilidade.

– Meus ouvidos que o digam!

– Há ainda o agravante da condição em que vivem, o que torna tudo mais difícil – lembrou Havien.

– O terreno acidentado? – perguntou Kedder.

– Não, príncipe, o isolamento. O isolamento perpétuo pode representar um grande mal. Aqueles que vivem continuamente isolados não conseguem lidar com a diferença entre as pessoas. E saber lidar com essa diferença é tesouro dos mais valiosos. O homem é um ser social e é através das relações sociais que aprende, desenvolve-se e evolui.

Kedder olhou de um jeito estranho para Havien. Percebendo o silêncio, Havien se adiantou:

– Sei que pode parecer estranho, vindo de mim...

– Era o que eu ia falar – disse Kedder, interrompendo – Você mesmo não viveu isolado durante todo este tempo?

– Meu isolamento tinha um objetivo, que era a preservação da minha própria vida. O isolamento não deve ser um objetivo em si, mas apenas um meio de se atingir um objetivo. E para que eu atingisse o meu, precisava manter-me sozinho.

– Por isso não ofereceu resistência quando lhe fiz o convite para me acompanhar na viagem... – comentou Kedder.

– Nem poderia. Como dizíamos, o homem é um ser social. Para manter a mente sadia, é importante trocar experiências com os outros, sejam estes mais ou menos capazes que você. Sempre podemos aprender algo com as pessoas. Com todas elas, sem exceção.

Kopfah apareceu ao longe. Vendo os dois hóspedes caminhando pela cidade, aproximou-se.

– Olá, príncipe. Uddagary me disse sobre sua urgência.

– Que urgência? – perguntou Kedder.

– Seu prazo para chegar ao castelo. Parece que você tem pouco tempo.

– Sim, tenho. Mas ele me disse que passando por aqui eu encurtaria o caminho e chegaria a tempo.

– E chegará a tempo, se partir a tempo. Amanhã, no máximo, eu diria.

– Uddagary deu a entender que levaríamos somente alguns dias para alcançar o castelo.

– Isso aconteceria se alguém os guiasse, porque o caminho é muito cheio de bifurcações.

– Mas Uddagary não virá junto?

– Não. Uddagary parece não se sentir muito bem. Está com grande inchaço na perna devido a um ferimento. Terá que repousar por alguns dias.

– E não podemos esperar?

– Não adiantaria esperar, príncipe.

– Está dizendo que Uddagary corre risco de morrer?

– Sinceramente, isto eu não sei. Mas não é por essa razão. Mesmo que Uddagary estivesse perfeitamente são, de nada serviria sua companhia. Ele só conhece o caminho até aqui. Somente eu conheço o trecho até o castelo e, por segurança, decidi que seria melhor se continuasse assim até que...

Kopfah parou subitamente. Kedder completou em seu lugar:

– ...até que chegasse o grande dia, certo? Até que os carros metálicos cruzassem as pontes rumo ao castelo...

O mestre Kamahkam baixou a cabeça, ligeiramente envergonhado. Tinha dificuldades de olhar nos olhos de Kedder.

– Escute, Kopfah – retomou o príncipe – esqueça sobre o ataque. Só quero saber uma coisa. Pelo que está dizendo, você também não nos acompanhará.

– Tenho que fazer uma viagem inevitável de alguns dias e não poderei acompanhá-los, alteza. Espero que compreenda.

– Bem, você tem a sua urgência, eu tenho a minha – lembrou Kedder, desdenhoso – Se ninguém indicará o caminho, como saberemos?

– Farei um mapa para vocês. Há uma grande e confusa malha de pontes pelas montanhas, mas o caminho para seu castelo é um só. O mapa indicará as pontes certas. No total, serão dez pontes até alcançarem a trilha que leva ao castelo.

– Será de muita utilidade – conformou-se o príncipe.

– Sem dúvida. Agora, peço licença para tomar algumas providências. Partirei amanhã também e não posso me atrasar. Fiquem à vontade para conhecer nossa cidade. Se desejarem percorrer as trilhas pela floresta, tomem este lado, pois não há bifurcações por aqui – disse o homem, apontando em uma direção.

– Sim, obrigado – respondeu Kedder.

Kopfah saiu apressado. O príncipe, ainda ouvindo os distantes golpes do martelo, decidiu acatar a sugestão do mestre Kamahkam.

– É isso, Havien... Vamos conhecer um pouco das trilhas nessa direção. É a direção oposta ao martelo!

Havien sorriu. Os dois caminharam juntos e se distanciaram das últimas casas. Não mais viam pessoas e somente uma ou outra, de vez em quando, aparecia no sentido contrário, dirigindo-se à vila. Após algum tempo dentro da mata, o caminho parecia ligeiramente sem uso, visto que alguma vegetação já tomara conta da trilha aberta. Logo em seguida, Kedder percebeu uma bifurcação para a direita em direção ao precipício que os acompanhava.

– E ele disse que não haveria bifurcações!

Ao analisar com mais atenção, Kedder imaginou que a trilha à esquerda, bem mais fechada, seria um antigo caminho. Realmente não lhe agradava a ideia de andar rumo ao precipício.

– Havien, espere um pouco aqui – alertou – Ao que parece, essa trilha dá direto no buraco. Verei primeiro se é seguro.

– Ao seu comando, alteza – disse Havien, espirituoso.

O príncipe prosseguiu por mais alguns passos tomando a trilha do penhasco. Contornando algumas árvores, deparou-se com uma estonteante cena. Uma ponte, não uma ponte qualquer, mas uma muito alta sobre um pequeno riacho que lá embaixo corria silenciosamente. Uma longa fenda nas montanhas produzia o imenso

vão sobre o qual a ponte se deitava. O difícil acesso às margens e o perigo de trabalhar em tais condições faziam daquela construção algo ainda mais admirável. O príncipe voltou.

– Havien, venha! Há uma ponte mais adiante.

Kedder estava entusiasmado. Não parava de falar sobre a ponte enquanto guiava Havien pelo estreito caminho.

– É por isso que as montanhas não são problemas para eles! – continuou Kedder, manifestando sua admiração – Eles conseguem atravessá-las facilmente porque possuem fantásticas pontes!

– O conhecimento, mais uma vez, é o segredo, príncipe. É ele quem enfrenta e transpõe o penhasco. Afinal, pontes não se constroem sozinhas.

– Certamente... Acredito que estou apenas um pouco admirado demais. As pontes são tão belas para mim.

– E, de certa forma, não passa de um monte de madeira empilhada, não concorda? – disse Havien.

– Realmente, é incrível – reforçou Kedder. Não é a matéria, em si, mas a disposição e a combinação. A beleza é um mistério, não é?

– Deus criou todas as coisas, príncipe, mas reservou aos valores espirituais a grande magnificência do universo. Estes são os valores eternos. Os valores de menor mérito foram direcionados às transitórias questões materiais. A beleza foi um meio de colocar um valor celestial entre os materiais para que os homens pudessem ter uma vida mais agradável. E assim vivemos, a contemplar a ilimitada beleza das plantas, dos animais, das paisagens e dos astros, sem saber que isto, de uma ilimitada dimensão, é apenas uma pequena amostra que nos foi concedida. E que, no caso do príncipe, inclui as pontes também – inteirou Havien.

– Ah, sim... Não consigo ver uma ponte sem me admirar. Por que será que sinto isso?

– Talvez pelo que elas representem, príncipe. Os obstáculos não possuem outra função no universo senão a de mostrar a nossa capacidade de superá-los.

– E a ponte representa essa capacidade! – concluiu Kedder, radiante.

– É agradável percebê-lo tão contente – disse Havien – Posso imaginar o que se passa em sua cabeça neste momento...

– Muitas coisas, Havien. Pense no quanto a Sindávia pode prosperar se reunirmos as especialidades de cada povo e as disponibilizarmos a todos? Os Yavogs, com seu conhecimento, ajudariam com o problema da escassez de alimentos. E agora, essas pontes... Quanto não poderíamos diminuir a distância entre as pessoas!

– Se for física a distância a que se refere... – lembrou Havien.

– E os equipamentos dos Uddagary? Ah, se conseguíssemos...

– Um mundo de possibilidades, não é, príncipe? Quando todos trabalham por todos...

– A reunião das pessoas e de suas diferentes habilidades pode fazer muito mais por todos do que a disputa pelo controle de uma ou duas dessas habilidades – continuou o príncipe – Consegue perceber quanto a Sindávia pode evoluir se nos organizarmos dessa maneira?

– É certo que consigo – respondeu Havien.

– A questão será fazer com que todos pensem do mesmo modo para atingirmos esse objetivo. Assim obteremos sucesso.

– Pensamento cria realidade, príncipe.

– Sim, eu me lembro – respondeu Kedder – Apenas ainda temo por algumas coisas. Os Uddagary, por exemplo. Até que ponto

o pensamento conseguirá criar a realidade para eles? Não consigo deixar de pensar nisso. Estamos conhecendo todos os envolvidos no plano de ataque ao castelo, além dos caminhos que os levariam, ou levarão, até lá... E, como que por um milagre, durante esse período, exceto pelo episódio com nosso amigo Yavog, nada de ruim está acontecendo. Nenhuma ameaça está sendo feita a nós... É tudo muito estranho.

– Tão estranho quanto chegarmos à ponte e não a atravessarmos – disse Havien.

O príncipe, então, percebeu que haviam parado antes do início da ponte sem avançar sobre seu madeiramento.

– Certamente – disse Kedder, esboçando um sorriso – Vamos cruzá-la!

A ponte, muito firme, nem mesmo rangia sob o pisar dos dois. Pouco antes do meio da travessia, entretanto, o vento começou a soprar com muita força. Era única a sensação de se encontrar exatamente naquele lugar e naquele instante. Abaixo, a grande fenda parecia a garganta de um animal faminto. A ponte, então, rangeu uma ou duas vezes. O príncipe, apoiando-se receosamente no mainel, olhou para baixo. Uma queda ali seria fatal.

– Além de bela – disse Havien – devemos supor que a ponte tenha uma robusta estrutura.

– Espero que sim – respondeu Kedder – mas podemos discutir sobre isso em outro lugar, certo?

Havien assentiu e os dois, com alguma dificuldade, terminaram a travessia. O vento continuava a soprar vigorosamente e sacudia as folhas das árvores. Os dois se abaixaram e se protegeram encostando-se em um espesso tronco.

– Havien, eu estava pensando... Seria bom que voltássemos. Se vamos partir amanhã, teremos oportunidade para admirar as pontes dos Kamahkam em situações mais confortáveis. Quer dizer, eu espero... De qualquer forma, penso que é melhor voltarmos para avisar os outros sobre a viagem.

– Razoáveis são os seus argumentos, príncipe, e concordo com eles. Resta-me, porém, uma dúvida.

Kedder não podia acreditar. Havien tinha uma dúvida. E parecia que caberia ao príncipe esclarecê-la. Havien continuou:

– Se estávamos antes do meio da ponte e você julgou ser prudente deixarmos aquele local por questões de segurança, por que seguimos em frente, pelo caminho mais longo, em vez de recuarmos, pelo mais curto?

Kedder não respondeu de imediato. Procurava encontrar a resposta certa, alguma resposta inteligente que agradasse ao seu amigo.

– Agrada-me a verdade, príncipe, caso esteja com dificuldade para nortear seus pensamentos – antecipou-se Havien.

– Não sei, Havien. Acredito que desejava ter certeza da minha capacidade de cruzar a ponte desafiando o vento e a altura – respondeu o príncipe, ligeiramente envergonhado – Será que isso é ruim?

– Ruim? – repetiu Havien – Para um ser racional, isto não foi apenas ruim, príncipe. Foi péssimo.

– Então devo concluir que foi uma atitude errada?

– Bem, esta já é uma outra conversa. Se você acredita que os homens são feitos apenas de razão... – disse Havien, sorrindo.

– De certo que não! Emoção e razão precisam estar juntas...

– ...em um belo equilíbrio que mantém a ordem entre todos os seres do universo – completou Havien.

Os dois iniciaram a travessia de volta. Desta vez, nem mesmo uma mínima brisa era sentida e assim foi até que chegaram ao outro

lado. Mas o vento parecia ter parado apenas durante o transcurso da ponte. Quando tocaram novamente o solo com os pés, o príncipe teve uma peculiar sensação já experimentada anteriormente. Olhou para trás e lá estava ela, no meio da ponte, como jamais se mostrara em outra ocasião. Gaya, sorrindo para o príncipe, flutuava como o próprio ar, levemente azulada. De repente, uma lufada de vento dissolveu a imagem em minúsculos e incontáveis grânulos que seguiram o caminho do vento pela vastidão do penhasco. E, então, voltou a ventar violentamente.

– Tivemos nossa passagem de volta facilitada. Posso sentir isso – disse Kedder.

– A natureza sabe prover exatamente o necessário ao nosso desenvolvimento, príncipe. O homem precisa de desafios, não de sofrimento.

O caminho de volta, já conhecido, foi mais rápido. Kedder, ao avistar as primeiras casas, apressou o passo. Queria avisar os Yavogs sobre a partida antecipada, na manhã do dia seguinte. Procurou também por Sarina, que foi encontrada junto a seu pai, aos pés da cama onde ele permanecia deitado. Kedder bateu à porta.

– Entre! – disse a voz encorpada de Uddagary.

Sarina mostrou um grande e belo sorriso quando viu o príncipe. Seus olhos brilhavam. Uddagary esforçava-se para levantar a cabeça.

– Ah, entre, príncipe Kedder. Estávamos aqui conversando, eu e sua namorada.

– O senhor e sua filha – lembrou o príncipe, polidamente, com um sorriso.

– Sim, sim... – disse o homem, voltando o olhar para Sarina e acariciando seus cabelos.

– Olá, alteza! – disse Sarina em gentil e sorridente saudação.

– Olá, princesa – respondeu Kedder à altura – Trago algumas notícias. Deveremos partir amanhã cedo.

Sarina surpreendeu-se ainda mais ao saber que seu pai não os acompanharia até o castelo. Kedder procurou explicar a razão da urgência e Uddagary o ajudou a convencê-la, dizendo que, assim que melhorasse, seguiria o mesmo caminho. Garantiu que se veriam na solenidade de posse.

– Nem que eu tenha que ser carregado. Ha! – finalizou Uddagary, com sua típica risada.

– Bem, agora peço que me dêem licença. Ainda tenho que pegar... Ainda tenho que preparar as minhas coisas – disse Kedder, receando falar sobre o mapa.

Sarina levantou-se e despediu-se de Kedder com um breve e delicado beijo.

– Amanhã nos vemos então – disse ela – Estarei pronta bem cedo para partirmos.

Kedder deixou o quarto, voltando para se reunir com Havien e os dois Yavogs. Ao retornar para a casa onde estava hospedado, encontrou a gentil e talvez surda senhora.

– Olá, senhora – arriscou o príncipe – Sabe se o senhor Kopfah deixou algo para mim?

– Não deixou nada, príncipe. Comigo, não deixou.

A senhora não era surda. Talvez só fosse milagrosamente acostumada ao insuportável barulho das marteladas.

Até o fim do dia, nenhuma informação sobre o mapa chegara e, o que era mais inquietante, alguns diziam que Kopfah já havia deixado o vilarejo. A partida de Kedder estava definida para o dia seguinte e todos já haviam sido avisados. Pouco antes de dormir, o príncipe comentou com Havien sobre sua apreensão.

– Vocês dois tinham um combinado – lembrou Havien – Você partiria amanhã e Kopfah lhe daria um mapa. Está ansioso demais para que Kopfah cumpra a parte dele. Procure se esforçar apenas em cumprir bem a sua e, assim, evite sofrimentos desnecessários.

Alguém bateu à porta. Era o dono da casa trazendo um recado. E segurando um martelo.

– Alteza, um rapaz acaba de deixar algo lá embaixo a pedido de Kopfah. Ele disse que o príncipe precisará amanhã na viagem.

Kedder agradeceu o homem, que deixou o quarto.

– São sete andares e teremos que descê-los amanhã de qualquer jeito – disse o príncipe, ajeitando-se para dormir – Então, amanhã pegamos o mapa. Pode ser?

Havien permanecia imóvel.

– Está certo, está certo... – reconheceu Kedder – Posso ter me preocupado demais. Eu admito. Mas tem uma outra coisa me incomodando...

– O que é? – perguntou Havien, desfazendo sua estática posição.

– Já é de noite, Havien, e o homem veio nos dar o recado segurando aquele maldito martelo! Será que ele não larga esse martelo nunca?

Havien esboçou um sorriso.

– Ah, já sei... – continuou Kedder – Você percebeu que esse casal não possui filhos? Ao menos, filhos que morem aqui com eles...

– É o que parece – disse Havien.

– Sendo assim, de posse de meu ampliado poder de observação, eu concluo – proferiu Kedder, em tom sarcástico – Este senhor adotou o martelo como filho dele!

Havien abaixou a cabeça como quem desaprova, mas que, ao mesmo tempo, deseja rir. Kedder, por sua vez, ria sem qualquer pudor.

Passada a brincadeira, serenaram-se os ânimos e os dois puderam, enfim, dormir.

* * *

– Uma corda? – exclamou Kedder, inconformado.

Ansioso por analisar o mapa, o príncipe acordara cedo e descera os andares até a cozinha. Encontrou a gentil senhora novamente preparando algumas frutas. Logo que o viu, a mulher apontou na direção de um grande saco de pano deixado por Kopfah. Em seu interior havia uma extensa corda. Kedder questionou a mulher.

– Sim, alteza, foi isso que deixaram. Essa corda e esse pedaço de papel – respondeu a senhora.

O homem do martelo havia chegado a ponto de ainda ver a expressão de surpresa do príncipe.

– Uma corda? Mas que diabos! – repetia Kedder em voz alta.

O homem olhou para a esposa e ambos deram de ombros. Alguns passos foram ouvidos. Havien descia as escadas:

– Vejo que o príncipe busca chamar mais atenção do que o martelo esta manhã...

– Havien, Kopfah nos deixou uma corda. Fantástico, não é? Uma corda! – bradava o príncipe – Que interessante... Uma corda!

– Creio que toda a Kamahkam já saiba que você recebeu uma corda, príncipe. Agora sugiro que pare de ficar repetindo isso e comece a pensar o que fazer com ela.

– Isso mesmo. Vou pensar. Pensamento cria realidade, não é? Então vou pensar até que apareça um mapa – disse Kedder, algo contrariado, subindo para seu quarto.

Havien sentou-se à mesa e fez uma leve refeição matinal. Comeu algumas frutas e, enquanto digeria seu alimento, permitia ao príncipe digerir suas ideias. O tempo passava e Kedder não descia. O líder Yavog apareceu na cozinha.

– Olá, Havien. O príncipe está por aqui?

– O príncipe está se preparando. Teve um pequeno contratempo pela manhã, mas acredito que está para ser resolvido.

Pela janela, Yavog avistou seu companheiro, que fora buscar Sarina em seu aposento.

– Sarina está vindo aí – comentou.

– Creio que estamos quase todos prontos – disse Havien, levantando-se – Aguarde com ela e seu amigo enquanto eu falo com o príncipe.

Havien subiu lentamente as escadas até chegar ao quarto. Kedder tinha a grande corda nas mãos e, aparentemente, nenhuma solução.

– E então, príncipe? Como andam seus pensamentos?

– Devem estar criando outras coisas... – lamentou Kedder.

– Estão criando confusão, isto sim – repreendeu Havien – Os sentimentos ruins são pedras que o príncipe coloca em seu próprio caminho. Precisa se afastar deles se deseja prosseguir. Seja um príncipe adepto da solução. Não da reclamação.

– Consigo compreender a necessidade disso, Havien, mas me desagrada a maneira como as pessoas agem. Tudo parece tão obscuro. Quando Kopfah diz que vai nos deixar um mapa, porque ele não deixa, simplesmente, um mapa?

– Nem sempre as respostas aos nossos questionamentos vêm no formato que desejamos, príncipe. A revelação do caminho não é perceptível aos olhos de todos. Aqueles, entretanto, que insistem na busca, alcançarão a luz. E agastar-se não tornará o processo mais fácil.

– Sim, eu sei – resmungou Kedder – Meu comportamento foi inadequado. É possível até que tenha alarmado as pessoas.

– Seu comportamento é inadequado menos por isso e mais porque não o leva à solução para o seu problema.

– Bem, vamos pensar na solução, então – disse o príncipe para si mesmo.

– Isso, vamos pensar na solução – repetiu Havien – Pensamento cria realidade. O que você tem aí em suas mãos?

– Uma corda – respondeu Kedder, seguido de uma risada – Está bem, vamos lá... Uma corda fina, porém muito comprida.

– Não, príncipe, você pode estar vendo uma corda, mas deve ter um mapa em suas mãos. Kopfah disse que deixaria a você um mapa, não uma corda. A não ser que o homem seja completamente louco, o que você tem em suas mãos não é uma corda. É um mapa.

– Eu não penso que seja louca uma pessoa que constrói pontes como este homem – comentou Kedder.

– Concordamos até aqui. Vamos em frente. Nossa anfitriã disse que havia um pedaço de papel. Você só falou da corda até agora. E o papel?

– Estava dentro do saco junto com a corda, mas também não entendi. Só tem alguns números.

– Números? – admirou-se Havien – E você os despreza?

– Bem... Sinceramente, eu até pensei que o papel estivesse dentro do saco por engano.

– Desprezar os números é um erro – advertiu Havien – Se não consegue encontrar uma razão para que eles estejam onde estão, não significa que não tenham importância. Talvez, no fim de tudo, eles sejam o que mais importa.

Kedder olhava para o papel e para a corda em suas mãos. Veio a primeira conclusão. Correta.

– O mapa não é a corda, Havien, e nem o papel. O mapa são os dois. Senão, não haveria razão para estarem juntos.

– Muito aceitável a sua ponderação. Pensar que Kopfah teme pela vida do príncipe nos penhascos e o queira bem amarrado é, em minha opinião, desviar-se da real utilidade desta corda – disse Havien, espirituosamente.

Kedder sorriu duas vezes. A primeira, pela graça de Havien. A segunda, pelo que pareceu ser uma constatação definitiva de como o mecanismo operava. Levantou-se e deu uma ponta da corda para Havien.

– Manuseie esta corda e você perceberá algo interessante, Havien. Uma pessoa como você não demorará a perceber...

– De certo, o príncipe já sabe de algo que eu ainda não sei – comentou Havien, fazendo a corda passar por uma de suas mãos com o auxílio da outra.

Kedder observava como Havien, calmamente, sentia com as mãos a textura da corda. Depois de alguns momentos, Havien parou.

– Até aqui, parece-me uma corda normal – disse Havien – Imagino que não seja, ou o príncipe não estaria me pedindo para senti-la.

– Ah, você precisa ampliar suas percepções, Havien – disse Kedder, sorrindo – Continue até que eu peça a você que pare.

Havien continuou a passar a corda pelas mãos até que encontrou uma pequena saliência. O rosto de Kedder se iluminou. Havien continuou até chegar à saliência seguinte e até a terceira. Kedder, então, pediu ao amigo que parasse.

– E então? – perguntou Kedder, entusiasmado.

– Os intervalos... – comentou Havien.

– Não precisaríamos deles se a corda fosse apenas para me amarrar no penhasco, não é mesmo? – brincou Kedder.

– Quantas são essas saliências até o fim da corda? – perguntou Havien.

– Dez.

– Que grande régua você tem nas mãos, príncipe! – exclamou Havien.

– É isso! Foi o que pensei! – exultou Kedder – Se os números forem medidas, nosso mapa começa a fazer sentido.

– Bastante sentido, principalmente porque nossos amigos estão nos esperando para partirmos. Se demorarmos mais, subirão até aqui e, creio eu, ficarão bastante preocupados se nos virem brincando de corda.

– É verdade – assentiu Kedder, sorridente – Vamos partir!

Quando os dois desceram, o grupo ficou, por fim, completo. Ao alcançarem o pátio externo, seguiram na direção oposta àquela pela qual chegaram a Kamahkam. O frio parecia ter se acentuado naquela manhã e todos prosseguiam em silêncio.

* * *

Já fazia algum tempo que o grupo deixara as últimas casas. Kedder, ao caminhar pela trilha extremamente larga, lembrava-se dos carros de Uddagary. Os Kamahkam haviam construído uma verdadeira estrada por entre as montanhas e o príncipe não podia deixar de pensar no propósito de todo aquele esforço. Sua

preocupação imediata, entretanto, era outra. Enquanto que, para os demais, o silêncio era apenas uma outra face do frio, para Kedder era uma forma de pensar sobre como utilizar apropriadamente o mapa que tinha em mãos. Desta vez, Kopfah tinha feito a parte dele e era o príncipe quem ainda não fizera a sua. E então, como quem ensaia algumas vezes antes de falar, Havien fez a pergunta que pareceu ainda pior que o silêncio:

– E o que vamos medir, príncipe?

Kedder parou de súbito. Aguardou um pouco para que os outros se distanciassem.

– Eu não sei! – exclamou, sussurrando – Esse é o problema. É nisso que tenho pensado desde que saímos e só espero chegar a alguma conclusão antes que comecem as bifurcações.

– Precisamos encontrar uma forma de usar esse seu mapa – alertou Havien.

– Estou tentando me lembrar de algo mais que Kopfah possa ter dito sobre o mapa, mas não me lembro... – divagou Kedder – Ele só falou das bifurcações e das pontes. Havien!

– O que é?

– As pontes!

– As pontes?

– Sim, as pontes! – reafirmou Kedder – Ele disse que seriam dez pontes até o castelo. A corda tem dez marcações! Espere... não faz sentido.

– Não faz sentido – confirmou Havien – As marcações só podem servir para medir. Não há como servirem para identificar as pontes se os intervalos da corda são iguais.

– Os números, então! Os números são diferentes. Eles devem dizer quais são as pontes. Com a corda, mediremos as pontes para sabermos o caminho a seguir.

– Se você estiver certo sobre os números, no papel deve hav...

– Dez! É isso mesmo. São dez algarismos, exatamente! – interrompeu Kedder – E é certo que não haverá qualquer identificação com números antes de cada ponte...

– Por isso precisamos da corda – completou Havien.

– Mediremos o comprimento de cada ponte para saber se é a correta ou não – concluiu Kedder.

– Isso nos obrigará a voltar algumas vezes...

– Agora entendo por que Kopfah nos recomendou brevidade na partida – lembrou Kedder.

– Sim, pois cada vez que errarmos o palpite, teremos que voltar e tomar a outra alternativa. A menos que a intuição do príncipe fosse muito boa para bifurcações... Mas desde Dommin sabemos que não é – disse Havien com algum humor.

– Não importa, porque agora sabemos o que fazer. Quando o grupo atingir a bifurcação, eu e um dos Yavogs partiremos em uma das direções enquanto vocês esperam. Se a ponte atender à medida do mapa, um dos dois volta para buscar o grupo. Se não atender, voltamos os dois e seguimos pelo outro caminho. Assim, economizamos esforços.

– Acredito ser uma boa solução para o problema, príncipe.

Mais confiante, Kedder contou aos demais como procederiam ao longo da viagem para identificar as pontes corretas. Os viajantes pareciam animados e o príncipe, mais do que todos. E, então, veio a primeira bifurcação.

– Vou adotar o critério “esquerda primeiro” – disse o príncipe – Assim, estabelecemos um padrão. Yavog?

– Sim, alteza, vamos.

Os outros, conforme instruídos, permaneceram onde estavam. Após um bom tempo, Kedder e Yavog retornaram. O príncipe parecia desapontado.

– O que houve, Kedder? – perguntou Sarina.

– A ponte não corresponde à medida do mapa. E nem poderia. Acredito que o nosso sistema está errado.

– Como assim, não poderia? – perguntou o líder Yavog.

– Dois são os problemas. O menor deles é que o primeiro número é nove e, a medir pelos intervalos da corda, isso resultaria em uma ponte muito comprida.

– Bem, alteza, não podemos duvidar da capacidade dos Kamahkam no que se refere à construção de pontes – arriscou Yavog – Pode ser pouco provável, mas é possível.

– Sim – continuou Kedder – é possível. E, como eu disse, esse é o menor dos problemas.

– Qual é a sequência de números, príncipe? – perguntou Havien.

– Então, meu amigo... – disse Kedder em tom de lamúria – Sinto-me envergonhado por não ter percebido antes. Só reparei quando já estava lá na ponte. Os números são: nove, sete, dois, três, um, zero, cinco, três, seis e cinco.

– Zero? – perguntou Havien, surpreso – Ponte de comprimento zero?

Todos se entreolharam com estranheza.

– Por isso penso que o sistema de medição está errado – lamentou Kedder.

– Talvez não esteja totalmente errado, Kedder – disse Sarina.

– Como assim?

– Se o comprimento não corresponde aos números que você tem aí, o que mais resta para medir?

Kedder olhou para a comprida corda em suas mãos e concluiu:

– A altura.

– Melhor que Sarina vá medir as pontes da próxima vez – brincou Havien, seguido de boas risadas do grupo.

– Mas, alteza – indagou o homem Yavog – também não vejo sentido em uma ponte de altura zero.

Os olhares se voltaram para o príncipe. Depois, para Havien. E, finalmente, para Sarina, dona da primeira solução. A moça, apesar de um pouco constrangida, rapidamente teorizou:

– Bem, senhores, uma ponte de comprimento zero é inadmissível, enquanto que, mesmo sem muito sentido, uma ponte de altura zero é, ao menos, possível. O tipo de solo pode justificar a construção de uma passarela.

O grupo pareceu receber bem a teoria.

– Definitivamente, Sarina não só deve medir as pontes como liderar a todos nós – finalizou Havien, procurando deixar a moça novamente à vontade.

– Bem, nesse caso, nem precisamos voltar. Era impossível aquela ponte ter nove destas marcas de altura. Concorda? – perguntou Kedder ao Yavog que o acompanhou.

– Concordo, alteza. Se a sua unidade é o espaço entre duas marcas da corda, aquela ponte não tinha mais do que três ou quatro de altura.

– Então, amigos, sigamos nesta outra direção – convocou o príncipe – Se a nossa futura rainha estiver certa, nossa primeira ponte será logo a mais alta de todas. E essa corda é muito comprida, acreditem.

O líder Yavog pareceu um pouco desconfortável com a nova regra do mapa. Não era um homem que gostasse de tão elevadas

altitudes. Pediu licença ao príncipe para uma rápida verificação e, enquanto Kedder desenrolava a corda aos poucos, Yavog se distanciou segurando uma das pontas da corda em suas mãos. Quando a primeira marcação passou pelas mãos do príncipe, este avisou Yavog, que parou de se afastar. Os dois se viam à distância. A corda, que estava retesada a princípio, de repente se afrouxou. Yavog regressou e se dirigiu ao príncipe.

– Alteza, isso é um "um"?

– Parece que sim, Yavog.

– Uma ponte de nove, então...

– Tem quase a altura dessa corda inteira – concluiu o príncipe, olhando discretamente para os demais, que continham suas risadas.

– Ah... – suspirou Yavog.

– Não se preocupe, amigo – disse Havien, fingindo seriedade – Cordas também servem para amarrar.

– É verdade, cavaleiro Yavog. Primeiro nós medimos a ponte. Depois, amarramos você! – brincou o príncipe.

O líder Yavog olhou para seu companheiro, que ria.

– Ei, você eu posso castigar, Yavog! – disse ele, autoritariamente, para, em seguida, sorrir e abraçar o companheiro de longa data.

– Bem, homens, a Sindávia nos aguarda! – disse Kedder, heroicamente.

Sarina, cruzando os braços e levantando levemente a cabeça, fitou o príncipe com ar de fingida desaprovação.

– ...e mulheres – corrigiu, a tempo, o príncipe, recebendo um sorriso em retribuição – Homens e mulheres, a Sindávia nos aguarda!

Adotando o novo método de medição, os viajantes prosseguiram.

* * *

– Quatro filhos, Kedder?

O caminho cheio de pontes dos Kamahkam levaria dias para ser percorrido, o que obrigava o grupo a pernoitar várias vezes no meio da floresta.

– Por que não? – perguntou o príncipe.

– Bem, se quiser, podemos combinar que dois saiam de você e dois de mim – respondeu Sarina – Dessa forma, eu concordo.

Kedder sorriu prazerosamente. Olhou ao redor. Todos já haviam se recolhido.

– Sarina, sabemos que isso não é possível.

– Então está certo. Os quatro saem de você! – brincou ela.

– Ah, pare com graça. Não gostaria?

– Quatro, Kedder? Não está bom um ou dois? – perguntou a moça.

– Ignuss, Sollum, Breth e Nautiah...

– O quê? – perguntou Sarina.

– Os nomes...

– Ah, você já escolheu os nomes? Então deve estar levando mesmo a sério a ideia de eles serem somente seus, não é? – disse ela, graciosamente.

Kedder não respondeu. Tinha os olhos voltados para o alto e resmungava, como quem pensa alto:

– Imagine depois, num brasão da nossa família... Vai ficar bem bonito...

– Kedder?

– Colocaremos algum símbolo ilustre no centro... as iniciais deles nas bordas... Uma árvore... Hum... Ficaria bom uma árvore no brasão, não ficaria? E as iniciais dos nomes deles...

– Kedder!

– Hã? Ah, sim, diga – recompôs-se o príncipe.

– Está um pouco cedo para pensarmos nisso, não está?

– É... está... Sim, você está certa. O estágio em que nos encontramos agora é outro... – disse Kedder, sorrindo maliciosamente enquanto abraçava Sarina mais calorosamente.

A moça, receosa de que alguém pudesse notá-los, afastou as mãos do príncipe, olhando para os lados:

– O estágio em que nos encontramos agora é outro, sim, Kedder. Chama-se: deitar e dormir. Boa noite.

* * *

O grupo continuou por muitos dias até cruzarem a última ponte. O caminho, a partir dali, abandonava as montanhas através de longas linhas que cortavam uma região de terreno menos acidentado. Kedder já podia sentir familiaridade no ar que respirava. Quando a mata apresentou as primeiras clareiras, apesar de bem distante, já se podia ver a torre do castelo, esfumaçada no horizonte, quase imperceptível. Mais dois dias e Kedder estaria de volta, finalmente. Apenas uma semana antes do dia de sua posse.

– Estamos quase chegando ao fim da viagem, Havien.

– Fim? – indagou Havien – Não há fim, príncipe. São apenas etapas, lembra-se? Apenas etapas.

– Bem, então, estamos chegando ao fim de mais uma etapa. Assim está melhor?

– Melhor, como melhor está o príncipe. Seu progresso foi surpreendente, Kedder – felicitou Havien – Muitos foram os desafios que você superou e estou certo de que representaram uma grande preparação para o que virá.

– O maior de todos os desafios – completou Kedder, pensativo.

– E como se sente? – perguntou Havien – Acredita que está pronto?

– Hoje compreendo que as coisas não são boas nem ruins, mas apenas necessárias. Se é necessário, então, eu o farei.

– E a resposta à minha pergunta? – insistiu Havien.

– Sim, sim... Eu me sinto preparado – respondeu Kedder, levemente hesitante.

– Bem, príncipe, você pode até mentir para mim, se quiser. Mas jamais conseguirá mentir para si próprio.

– Ora! – exaltou-se Kedder – Minha certeza é que, se estou pronto ou não, terá que ser feito!

– Ah, as certezas da mente... – comentou Havien, introspectivo – Melhor ter especial cuidado com elas nos próximos dias. Sugiro que amplie ainda mais sua percepção se quiser encontrar a verdade, príncipe, pois muitas são as ferramentas a serviço da mentira.

* * *

Uddagary, deitado na cama, pediu informações sobre a partida dos visitantes.

– Já foram todos, senhor – respondeu um homem.

– Ah, sim... Então precisamos preparar os carros. Você sabe onde estão?

– Sim, senhor, no terceiro armazém.

– Estão todos lá?

– Todos eles, senhor.

– Então, avise os homens de Kopfah e peça a eles que me encontrem no armazém. Temos que nos apressar. Assim que meus soldados chegarem, partiremos.

– Sim, senhor – disse o homem, saindo do quarto.

Uddagary retirou as faixas de sua perna. Jamais houvera qualquer ferimento.

29

- ALVOROÇO NA CORTE -

Restava pouco para que o grupo deixasse por completo a floresta. A paisagem era magnífica. O castelo, distante, parecia uma pequenina casa e, ao fundo, após a depressão que conduzia aos férteis vales de Maddaghi, erguia-se, monumental, a cordilheira de Dommin. Fosse pela distância a que se encontrava dos viajantes, fosse por seu porte colossal, a montanha era a expressão do poder absoluto e eterno da natureza, contra o qual nenhum homem jamais poderia fazer qualquer ameaça.

– Estamos quase chegando! – disse o príncipe ao avistar, pela primeira vez em um ano, um lugar conhecido.

– Admita, príncipe – disse Havien.

– Admitir o quê?

– Admita que, se estamos aqui, é por causa dela – disse Havien, referindo-se a Sarina.

Kedder se lembrou das pontes. Os dois homens Yavogs se entreolharam. O príncipe os fitou e eles, rapidamente, baixaram a cabeça. Sarina, com um gesto, demonstrou ser desnecessário tal reconhecimento.

– Havien está certo. Os números eram um enigma e indicavam um caminho a seguir, mas nos faltava a chave para desvendá-los. Devo admitir que foi Sarina, nossa rainha, quem encontrou a solução para que estivéssemos aqui neste momento.

– Não sou rainha, Kedder – disse a moça, com suavidade.

– Mas será em breve! – emendou Kedder.

– Não diga isso. Você não sabe ainda se as pessoas aceitarão.

Kedder percebeu o receio de Sarina e a confortou:

– Você não entende, Sarina. Serei rei somente se você for a rainha.

A moça sorriu amavelmente.

Os dois Yavogs se emocionaram. Chegaram a fazer qualquer ruído com a boca e bater palmas. Havien lembrou, em tempo:

– A Sindávia precisa mesmo de uma rainha que preveja passarelas por cima das águas enquanto quatro homens de mente limitada discutem sobre a misteriosa ponte de altura zero...

Todos riram.

* * *

Durante um breve passeio pela manhã, Anthgon e Aytilla conversavam. Seus cavalos andavam tranquilamente pelas campinas atrás do castelo.

– E o nosso amigo, hein? Tchi-tah ficou quieto mesmo, não é? Para quem se dizia um grande mestre iluminado... – comentou Aytilla em tom de escárnio.

– Particularmente, gosto de oponentes assim, que sabem perder. Ele que fique onde está. Melhor para nós...

Aytilla percebeu que Anthgon esboçava um sorriso.

– Rindo de quê, Anthgon?

– Estava pensando... Você me parece bem animado, Aytilla. Nada como ver a data se aproximando, não é? Para quem queria desistir de tudo...

– Não que eu quisesse desistir, Anthgon...

– Ah, não? Então sua memória não está muito boa... Há cerca de um ano, lembra-se? Antes do príncipe sair em viagem: "Você não pensa que estamos muito velhos?". Não se lembra disso, oficial?

Aytilla, levemente desconfortável, não respondeu.

– Esqueça – continuou Anthgon – Prefiro você animado do jeito que está. A posse é daqui a uma semana.

– E o que pretende? Deixamos o moleque sentar na cadeira ou nem isso? – perguntou Aytilla, recobrando o sorriso que estampava em seu rosto momentos antes.

– Bem, primeiro temos que ver se ele voltará. Já era tempo de Kedder estar de volta e eu estou começando a pens...

Anthgon parou de falar. Subitamente, o rosto de Aytilla tornou-se pálido e assustado. Seu olhar, fixo em um ponto distante, denunciava que ele não dava atenção ao que ouvia. Anthgon, então, ao voltar-se na direção do olhar de Aytilla, viu a razão de seu espanto.

Um grupo de pessoas surgia nos campos, saindo do meio da mata. De um lugar onde ninguém morava ninguém poderia sair, exceto cavaleiros em vigilância. Não havia, porém, nenhum cavaleiro entre as pessoas do grupo e o único identificado foi, com alguma surpresa, o príncipe Kedder.

– Permita-me atualizar o que acabei de dizer, Aytilla – disse Anthgon, quebrando o silêncio – Não mais temos que esperar. Lá está o príncipe frac... Ah, não acredito no que estou vendo!

Anthgon apertou os olhos. Teve a impressão de ver um homem segurando um grande machado. Um machado Yavog.

– São Yavogs, Aytilla! Não acredito que o príncipe se afeiçoou a esses selvagens. Onde é que foi encontrar esses dois?

– Tem uma mulher no meio? – perguntou Aytilla.

– Parece que sim, mas esta eu não faço ideia de quem seja – respondeu Anthgon.

– E quem será o outro homem?

– Ora, Aytilla, não vê o machado? É outro Yavog. Miserável!

– Não – disse Aytilla – Refiro-me àquele outro que está mais atrás...

Anthgon relutou em acreditar. Uma terrível lembrança lhe assaltou os pensamentos. O sonho que tivera, e que jamais esquecera, tornava-se real, ali, vívido, bem à sua frente.

– Impossível! – exclamou.

– O quê? – perguntou Aytilla.

– Não é possível que seja ele, não é possível! – continuou Anthgon – Este desgraçado era para estar morto! Eu devo estar sonhando de novo!

Aytilla viu a venda sobre os olhos de Havien.

– O garoto... Aquele do seu sonho, não é? Eu me lembro – comentou Aytilla – Mas, Anthgon, no dia do nascimento do príncipe... Você chegou atrasado... Não disse que tinha...

– Eu nunca vi tamanha incompetência! – bradou Anthgon – Naquele dia, eu e os soldados fomos surpreendidos por um incidente na casa vizinha. Uma louca atacou um dos guardas e eu tive que apressar as coisas. O filho dela não parava de berrar e eu precisei silenciá-lo. Tive que contornar o problema rapidamente ou perderíamos a chance.

– Mas o que aconteceu?

– Pedi a um guarda que entrasse na tal casa e desse fim ao garoto. Idiota! Eu o avisei sobre a marca e ele tinha sangue nas mãos quando voltou. Ele não pode ter mentido. Ele matou a criança!

– Deve ter matado outra criança, então...

– Como? Não havia outra criança! A mulher só tinha um filho! – disse Anthgon, levando a mão ao punho de sua espada.

– Ei, Anthgon! O que pensa em fazer? Teremos oportunidades melhores para corrigir esse erro.

Anthgon retirou sua mão da espada vagarosamente.

Os dois Yavogs foram os primeiros a avistar os cavaleiros do exército e diminuíram a marcha. Kedder se antecipou e, reconhecendo a imagem de Aytilla, rapidamente sacou de sua espada e correu em direção a ele.

– Seu filho tentou me matar! – disse Kedder, encarando Aytilla em cima do cavalo.

– Acalme-se, Kedder – disse Anthgon – você acaba de chegar.

Anthgon desceu de seu cavalo e fez sinal para que Aytilla permanecesse sobre o seu. Não reconhecia a espada de Kedder.

– Anthgon, o filho desse homem... – acusou o príncipe.

– Kedder! – interrompeu Anthgon, bruscamente – acalme-se. Você está empunhando uma espada contra o primeiro-oficial do exército. Poderá acusá-lo, se quiser, mas não seja estúpido.

– Prenda-o! – comandou Kedder.

– Meu caro príncipe – disse Anthgon – você não é o rei ainda.

– Mas o príncipe tem o benefício da dúvida – contestou Kedder – Até sabermos se ele é uma ameaça ao reino ou não, prenda-o. Meu pai decidirá o que fazer depois.

Kedder estava certo. Temeroso de que pudesse ser também incriminado, mais uma vez Anthgon se utilizou de Aytilla como escudo.

– Sinto muito, soldado, o príncipe tem razão. Desça de seu cavalo – disse Anthgon, empunhando sua própria espada contra Aytilla.

As mãos de Aytilla foram amarradas, primeiro, uma contra a outra e, depois, ambas à cela de seu cavalo por uma extensa corda.

– Isto é humilhante! – exclamou Aytilla.

– Alteza, eu o levarei até o posto de guarda mais próximo – disse Anthgon, simulando reconhecer autoridade no comando de Kedder.

– Iremos com vocês até lá – disse o príncipe.

– Naturalmente. Mas antes, diga-me: quem são estes que o acompanham? – solicitou Anthgon.

– Estes dois são amigos que fiz na viagem – respondeu Kedder – Este outro é Havien. E esta é sua irmã, Sarina. Agora vamos.

– Príncipe, não sei quanto a essa moça. Ela não me parece representar problemas. Mas os outros três... Seus dois amigos me parecem ser Yavogs e o outro, se eu não estiver errado, é cego. Como você pensa em justificar a presença deles aqui? Os Yavogs foram expulsos e você bem sabe a razão. Quanto aos aleijados... Bem, você conhece a lei. Não está contrariando coisas demais para quem acabou de chegar? Digo isto para seu bem, Kedder. Sua posse é daqui a uma semana. Você deveria evitar todo o tipo de prob...

– Eles não trarão problemas, posso garantir.

– Ah, eles talvez não. Mas a corte, sim. Muitos problemas – respondeu Anthgon – Você pode ser acusado de traidor do reino.

– Traidor? Traidor é esse aí e o filho dele! – disse Kedder, raivosamente.

– Príncipe, meça suas palavras. Aytilla já está sendo preso, conforme sugeriu, mas peço que se contenha. Você está acusando um homem que nada fez a você.

– Ele está certo, Kedder – disse Havien, surpreendendo a todos – Não se pode culpar um homem pelo gesto de um familiar.

– Eu dispenso os seus comentários, senhor Havien. Este é um assunto real – disse Anthgon, impositivo.

Havien silenciou.

– De acordo, então – acatou Kedder – retiro minhas palavras.

– Mais uma coisa peço, príncipe, e não há motivos para se opor. Se pretende que seus amigos adentrem os domínios do castelo, deverão me entregar suas armas.

Os homens Yavogs se entreolharam. Kedder concordou com a solicitação e pediu os machados, arcos e flechas aos Yavogs. As armas foram reunidas e colocadas sobre o cavalo de Aytilla.

O grupo, silencioso, acompanhou os cavaleiros até o posto de guarda. Havien se distanciou um pouco e, ao aproximar-se do príncipe, disse-lhe em baixo tom de voz:

– Príncipe, Sarina não é minha irmã.

– Eu sei, Havien! Ora, você queria que eu dissesse quem ela é de verdade?

– Sim.

– Como? Imagine como eles poderiam reagir!

– Faltando somente uma semana para a sua coroação, não compreendo como poderá estar preparado se não consegue confrontar-se com a verdade. Resta pouco tempo, príncipe, e quem não possui mais tanto tempo deveria praticar a virtude com ânsia ainda maior. A verdade é uma luz e você precisa ser um grande mestre da verdade. Não da mentira.

– Bem... Agora eu já falei – disse Kedder tentando esquivar-se da responsabilidade.

– Pois corrija. Não é em sempre acertar, mas em sempre aperfeiçoar que consiste a grandiosidade do espírito. E aperfeiçoar é corrigir.

– Mas, Havien...

– Kedder, escute com atenção. Nada mudará enquanto você não se acostumar à verdade. Lembre-se, os problemas não estão lá fora. Estão aí, dentro de você. A aceitação da mentira é um pesado grilhão imposto unicamente por você mesmo. É, portanto, um

grilhão do qual só você pode se libertar. A mentira é um grande atraso na sua jornada, príncipe. Ela pode disfarçar-se de fuga, mas é, em verdade, o próprio cárcere.

Kedder pensou por alguns momentos e disse:

– Imaginei ser apenas um meio de evitar problemas maiores, Havien. Não tive a intenção de prejudicar ninguém.

– Evitar problemas? Acredita mesmo que uma vida pode ser vivida sem problemas? A grande questão não é essa, príncipe. Responda-me, com sinceridade: você acredita que os problemas por agir de acordo com a verdade são maiores do que os problemas que lhe acarreta a mentira?

– Não sei dizer, Havien. Sinceramente, não sei.

– Pois pode acreditar que não e, se não acredita, experimente. Lá está Anthgon. Conte a ele.

Kedder avançou alguns passos e, aproximando-se de Anthgon, revelou a verdadeira identidade de Sarina, as circunstâncias em que se conheceram e como estavam se relacionando desde então. Anthgon interrompeu brevemente a caminhada e olhou para Sarina. Olhou de novo para Kedder. Apenas fez um gesto qualquer com a cabeça e retomou a marcha. Para quem esperava uma reação enérgica, Kedder se surpreendeu com a postura pouco preocupada de Anthgon.

Voltando a caminhar em passos mais lentos, após algum tempo Kedder estava novamente próximo de Havien.

– Problemas com a verdade, príncipe?

– Não houve – respondeu Kedder, resignado.

– Se deseja ascender em sua trajetória, jamais a abandone outra vez.

O grupo chegou até o posto de guarda e dois soldados foram instruídos a levar Aytilla até a masmorra. Antes que o restante alcançasse, de fato, o interior do castelo, a notícia do regresso de Kedder já corria pelas bocas e o rei, assim que soube, colocou-se à beira da janela. Reconhecendo imediatamente o filho à distância, avisou a rainha e se arrumou para recebê-lo.

Ao descer as escadas, não foi sem espanto que Soriom viu dois homens Yavogs e um outro, que parecia não enxergar, na companhia de seu filho. Havia também uma mulher entre eles.

– Fico feliz que esteja de volta, Kedder – disse o rei.

– Eu também, pai. Minha viagem foi mais do que importante, foi extraordinária. Agradeço por ter me dado essa sugestão um dia. Mas, ainda que tenha sido uma fantástica viagem, é sempre bom regressar.

– Bom e a tempo. Estávamos preocupados... Bem, não estamos mais. Vamos subir?

– Vamos, vamos subir. Permita que meus amigos subam comigo. Anthgon já lhes retirou as armas e eles não oferecem ameaça.

– Sim, meu filho. Se são seus convidados, ainda que haja controvérsias, discutiremos a situação deles após estarem confortavelmente instalados. Subamos todos.

* * *

Em Udda, dois soldados Uddagary haviam voltado apressadamente, sozinhos, há alguns dias. Traziam um recado do rei Uddagary. Todo o exército deveria se reunir e marchar. Quando o príncipe Kedder chegasse em seu castelo, cem mil soldados Uddagary estariam cruzando as pontes de Kamahkam.

* * *

– Se eu vou atacar o meu genro? É, vou! Ha! – disse o líder Uddagary, seguido da característica risada – Não fazia parte do plano atacar o meu genro. Ele se tornou meu genro depois do plano! Ha!

– Uddagary, pense bem – alertou Kopfah – Pense bem sobre este ataque. Já faz tanto tempo... Alguns homens do seu povo nasceram e morreram preparando o exército para este dia. Não tiveram outra vida senão pensar nesta guerra. Além disso, este príncipe parece ser uma boa pessoa. Estou certo de que ele pretende a reconciliação de antigas desavenças.

– Reconciliação? Não há reconciliação, Kopfah. Há revolução! Você não viu o cara cego, o tal Havien?

– Sim, o que tem ele?

– Ele tem o sinal no ombro! Ele mesmo me mostrou. Não se lembra da profecia?

– Sim, me lembro. E me lembro também que ninguém pode contê-lo. Não é isso que diz o texto? – lembrou Kopfah – Como pretende se dar bem, Uddagary? Ou você tem algum sinal também?

– Não, Kopfah, claro que não. Mas é por isso que estamos indo. Estamos pisando sobre os passos de Havien. Quando estávamos vindo para cá, antes de chegarmos a Kamahkam, ele me garantiu que teremos lugar no exército real após o grande dia. Já que não podemos confrontá-lo, podemos nos aliar a ele, não é? Somos nós, amigo... Os Uddagary de volta ao poder!

Kopfah olhou com ar preocupado. Queria que seus antepassados não tivessem feito qualquer acordo com aquela gente, pois, assim, ele não precisaria fazer parte disso. Kopfah não partilhava da sede de poder de seus ascendentes. O acordo fora mais conveniente para os Uddagary que, beneficiando-se da tecnologia dos Kamahkam, desenvolveram seus carros metálicos e, com isso, uma incrível superioridade militar. Para os Kamahkam, no entanto, Kopfah não via vantagem. Viviam bem onde estavam. Mas, àquela altura, era tarde. Estava tudo pronto e nada deteria um povo que durante mais de trezentos anos se preparara para uma única batalha.

– Ouça! Ouça! Posso escutá-los – disse Uddagary ao perceber, vindo do meio da mata, o ritmo marcado pelo líder do primeiro grupamento – Meus homens estão chegando, Kopfah! Vamos! Não quero que percam um dia sequer aqui. Vamos seguir direto para o castelo! Estou morrendo de saudades do meu genro!

* * *

– Filho, agora que estão todos bem acomodados...

– Pai, muito tenho a lhe contar. Se estiver disposto, terá que ouvir por um dia inteiro ou mais. Lembre-se, foi um ano que passei viajando. Muitas coisas aconteceram.

– É certo que estou disposto, filho, e ainda que eu não desejasse, teria que ouvi-lo. Maior contradição não pode haver! Temos um homem cego hospedado em nosso castelo. Com tamanha escassez, a única coisa que nos manteve vivos até hoje foi a Lei do Equilíbrio e nós... Bem, estamos sustentando um homem que não tem utilidade. Já imaginou o impacto que isso teria na sua imagem como futuro rei?

– Impacto já teve, pai. Todos já o viram quando ele entrou. Quanto a isso, não me preocupo.

– Ah, não se preocupa? Então talvez se preocupe com os dois homens Yavogs que estão dormindo no quarto ao lado. Que ideia foi essa, Kedder? Se eles foram expulsos há tanto tempo! Você resolveu contrariar tudo o que ensinamos a você? Não sabe que não podemos

admitir deficientes no reino? Não sabe os problemas que os Yavogs causaram com os roubos? Tudo isso não foi contado a você? E essa moça, então? Como você aparece aqui às vésperas de sua posse com uma mulher que ninguém conhece? Sua pretendente esteve aqui esperando por você durante todo esse tempo. Se tivesse me dito, poderíamos escolher outra moça da corte. Essa que você trouxe... Ninguém sabe quem ela é ou de onde ela veio!

– Pai, se me permite, sem ofendê-lo, queria fazer um breve comentário...

– Sim, pode dizer – concordou o rei, afoito.

– Para quem deseja tanto saber o que está acontecendo, só você fala. Deveria ouvir um pouco... Eu tenho um ano inteiro de coisas para lhe contar...

O rei assentiu. Percebia maior maturidade nas palavras do filho e isso o agradava. Sentou-se para ouvi-lo de forma confortável. Sabia que a história seria longa. Durante toda a noite, pai e filho conversaram sobre quase todos os assuntos possíveis. Desde o encontro com Havien até a passagem por Kamahkam, Kedder contou a Soriom o que lhe foi possível antes de ter suas forças se extinguindo pela manhã.

– Filho, você precisa descansar. O dia já está clareando. Você passou a noite inteira acordado desde que chegou – alertou Soriom – Conversaremos mais depois.

– Emita a salvaguarda antes, pai, por favor.

– Kedder, você não confia em mim?

– Claro que sim, pai. Mas, depois de tudo o que vivi e ouvi, não sei se posso confiar em algumas pessoas do reino. Emita a salvaguarda enquanto ainda estou acordado e dormirei mais tranquilo. É só uma salvaguarda. Quero apenas que meus amigos estejam em segurança até que possamos conversar sobre eles.

Soriom consentiu e, imediatamente, lavrou a mais insólita salvaguarda de sua vida, protegendo dois ladrões expulsos do reino, um homem cego de nascença e a herdeira bastarda do líder Uddagary XIII. Com uma cópia do documento em suas mãos, Kedder se levantou para dirigir-se ao seu quarto, onde Sarina já o aguardava.

– Kedder, uma última coisa...

– Sim? – atendeu o príncipe, sonolento.

– Quanto a Sarina, esta moça... Não seria melhor alojá-la em outro aposento? Tradicionalmente, até que se casem, vocês deveriam...

– Pai, façamos assim. Eu só vou me esforçar para manter uma tradição. Você escolhe qual delas...

– Ah, não, isto de novo, não! Faça o que quiser com ela, então!

Kedder sorriu, deixando o quarto aos primeiros raios de sol. Momentos depois, Anthgon chegou, encontrando Soriom ainda desperto.

– Soriom, precisamos conversar. Eu acredito que Kedder ficou louco. Estão todos comentando. O que seu filho tem em mente é um suicídio estratégico! Daqui a uma semana ele vai ser rei e veja os planos dele! Pretende reinserir em nosso convívio um bando de ladrões que com muito custo conseguimos expulsar no passado. Disse que quer distribuir quantidades iguais de comida entre todos. Como se não bastasse, o moleque não conseguiu ver uma boa pretendente em nenhuma moça da corte! Nossa rainha será uma Uddagary? Ó, Soriom, você está sabendo disso? Não sei se ele contou a você...

– Que precisamos conversar, não resta dúvida, Anthgon. Quanto a eu permanecer acordado enquanto você continua a falar qualquer coisa, também não resta dúvida!

– Soriom, este é um assunto de máxima importância. Temos que definir o que será feito.

– Está aqui o que precisa ser feito – interrompeu Soriom, entregando a Anthgon a salvaguarda dos hóspedes – faça com que todos a conheçam e a respeitem. Decidiremos o que fazer depois. Passei a noite acordado conversando com Kedder. Agora, preciso dormir. Pensarei com mais clareza quando acordar.

Seis dias faltavam.

30

- SONHOS SE REALIZAM -

Após curto sono, Kedder despertou. Sua ansiedade não o permitira dormir por mais tempo. Seus convidados, já acordados, estavam reunidos em uma sala onde lhes era servido um desjejum. O príncipe ficou feliz em vê-los bem. O rei mantivera sua palavra.

– Bom dia a todos – cumprimentou o príncipe, recebendo a mesma saudação de seus convidados – Estão sendo bem tratados?

– Ah, sim, alteza, muito bem – respondeu um homem Yavog, sendo acompanhado pelos outros com gestos de cabeça.

Kedder se sentou à mesa e comeu com os demais. Terminada a refeição, deixou-os à vontade e pediu a Havien que o acompanhasse.

– Você me recebeu com muita hospitalidade em sua casa quando lá estive, Havien. Permita-me apresentar-lhe a minha.

– Ó, príncipe, sua casa é bem maior que a minha! – exclamou Havien.

– Honestamente, eu nem sei se a conheço direito – lamentou o príncipe – Enquanto você conhecia a sua de olhos fechados!

Havien sorriu com a brincadeira.

– Bem, mostre-me o que você conhece da sua casa, então...

E assim passaram por várias salas, corredores e quartos. Kedder mostrou a Havien o salão onde se reunia o conselho, uma sala para jogos de mesa, um salão de bailes. Havien tocava alguns objetos para conhecê-los, como grandes mesas ou batentes de portas adornados com entalhes na madeira. Por toda a manhã, ambos passaram por vários cômodos do castelo até, finalmente, adentrarem a sala do trono. Aquele era o lugar onde o rei recebia os visitantes oficiais, mercadores e artistas. Um amplo salão, adornado com esculturas em tamanho real de ilustres personalidades da Sindávia,

alguns guerreiros e deuses, além dos bustos de cada um dos reis anteriores.

– São várias esculturas, todas em tamanho real – explicava Kedder.

– É uma bela homenagem – comentou Havien.

– Bem, esta, especificamente, penso em trocar assim que possível. Nós dois sabemos que está errada – disse o príncipe, aproximando as mãos de Havien de uma escultura.

– Errada? – perguntou Havien enquanto tateava a estrutura – Então por que está aqui?

– Esta é a escultura do deus Gaya, Havien.

Havien direcionou sua mão suavemente para entre as pernas da estátua, retirando-a com brevidade, logo em seguida.

– Entendo quando diz que está errada, príncipe – disse Havien, sorrindo.

Kedder devolveu o sorriso. Desde o início da viagem sentia saudades de casa e era uma dupla satisfação, tanto poder a ela retornar, quanto poder fazê-lo em companhia de seu grande amigo.

– Cuidado agora, por favor – disse Kedder, interrompendo o trajeto de Havien e indicando-lhe que se abaixasse.

– Esta escultura é pequena – comentou Havien, percebendo-a com as mãos.

– É de um garoto. Você conhece a história da grande batalha com os Uddagary. O garoto que colocou fim à guerra sacrificando a própria vid...

– Hakkah Dosh – completou Havien.

Kedder leu o que estava escrito na base da escultura. Aquele era o nome do garoto.

– Bem, você conhece a história – continuou Kedder – Até hoje, este é o mais impressionante relato de um guerreiro que a Sindávia já conheceu. Foi o único caso de um menino proclamado cavaleiro, além do único caso onde o título foi dado após a morte do cavaleiro. Uma bela história.

– Tão bela quanto desnecessária – comentou Havien.

– O que quer dizer?

– Se não houvesse, previamente, o conflito... Qual a necessidade do garoto morrer?

Kedder lamentou a verdade que acabara de ouvir. Algumas ideias brotavam em sua mente. Observou, atenciosamente, toda a extensão da sala.

– Quantas homenagens a guerreiros! – exclamou o príncipe.

– Diga-me, Kedder. Como é que desejam evitar as guerras aqueles que dão tanto valor a tal aptidão?

Kedder não teve resposta. Uma atitude lhe pareceu mais útil.

– Havien, quando for coroado, retirarei daqui todas estas esculturas de guerreiros. Você está certo. Não são exemplos a serem seguidos. Nem mesmo o do garoto.

– Você falou do garoto... – divagou Havien – Todos os guerreiros já foram garotos um dia. E, quando garotos, eram contra a guerra. Interessante, não é?

– Mais do que interessante, é intrigante – comentou o príncipe.

– Está se perguntando por que uma coisa se transforma em outra, não é, príncipe Kedder?

– Sim. Nunca havia reparado. É isso mesmo. Todos os guerreiros foram garotos e, quando garotos, eram contrários à guerra. Viam seus pais morrendo e seus lares se desfazendo. Tenho certeza de que eles odiavam a guerra! Em que momento esse repúdio se transforma em tamanha idolatria?

– Não é em um momento, príncipe, mas durante um período. Ao longo de vários anos, a difusão de sentimentos como o ódio, o egoísmo e a vingança podem transformar mesmo a mais tenra criança em um adulto monstruoso. Por isso, sua atitude ao retirar as esculturas daqui é mais do que louvável. É uma atitude transformadora.

– Mas, penso eu, trará resultados efetivos? – questionava-se o príncipe – É apenas uma mudança na decoração deste salão. E quanto ao restante do reino?

– Não se trata apenas de um salão, Kedder. É o seu coração que está mudando.

– Mas é uma ação muito pequena se pensarmos em todo o reino, Havien.

– Todo fim grandioso tem um início pequenino. Veja as sementes...

Soriom apareceu à porta do salão. Chamava por Kedder. A presença do príncipe era necessária a alguma tarefa e ele teria que se ausentar. Havien garantiu que ficaria bem. Já possuía bom conhecimento dos corredores e dos salões. Uma vez que a salvaguarda fora exarada, Kedder não teria motivos para se preocupar. Qualquer ameaça aos hóspedes seria um crime contra o rei. Ninguém ousaria. Ainda assim, o príncipe receava.

– Insisto, Kedder. Vá cumprir com seus deveres. Estarei bem aqui – tranquilizou Havien – Ainda restam muitas esculturas para conhecer. É provável que eu ainda esteja aqui quando você voltar.

O príncipe, por fim, consentiu e deixou o salão, acompanhando seu pai.

Havien perambulou entre as esculturas, tateando-as cautelosamente. Em um dado momento, desejou sentar e, atravessando todo o salão, encontrou várias cadeiras dispostas sobre uma pequena elevação de três degraus. Logo que se sentou, ouviu um ruído, como o trinco de uma porta se fechando. Em seguida, um barulho de passos extremamente suave, como quem anda sem querer ser percebido e, novamente, outro trinco. Uma a uma, as sete portas do salão foram fechadas por dentro. Havien permaneceu onde estava. Silêncio.

Parado, de pé, Anthgon não dizia uma palavra. Apenas vinha em sua mente o erro que cometera no passado, quando designou a um soldado uma simples missão que não fora cumprida. O resultado desta falha estava ali, bem à sua frente, sentado, imóvel, silente e indefeso. A imagem era idêntica a que Anthgon vira em seu sonho.

– Anthgon, não é? – perguntou Havien.

Anthgon não respondeu. Olhou em volta. Não havia mais ninguém no salão. Havien chamou mais uma vez. Anthgon, novamente, nada disse.

– Um cego e um mudo no mesmo salão! – exclamou Havien – Essa Lei do Equilíbrio não está sendo mesmo muito respeitada...

Anthgon, desconfortável com a brincadeira, aproximou-se.

– Agrada-lhe o local onde está, majestade? O trono do rei? – pilheriou Anthgon – Para um cego, até que soube chegar muito bem até esta cadeira. É onde pretende ficar, não é? Para isso que veio até aqui.

– E ao senhor, senhor Anthgon, agrada-lhe o local onde está, três degraus abaixo? – perguntou Havien.

Anthgon, irritado, subiu a pequena elevação em um só passo e, retirando sua espada da bainha, colocou-se bem à frente de Havien:

– Eu devia tê-lo matado quando tive a chance!

– O senhor tem certeza de que não está me confundindo com outra pessoa, senhor Anthgon? Não me lembro de ter feito mal algum ao senhor para que deseje minha morte.

– Ó, não sou eu, homem. É a Lei. Ela determina que sejam eliminados os improdutivos.

Anthgon encostou a espada delicadamente no pescoço de Havien e, retesando a lâmina contra o tecido de sua roupa, cortou-a, expondo parcialmente o ombro do homem e o símbolo do infinito marcado em sua pele.

– Sabia que era você! – exultou Anthgon – Mas o erro que um dia cometi será corrigido neste instante!

– O senhor não vai me matar, Anthgon. Não pode.

– Ah, não posso? É verdade, não posso porque o rei está dizendo que eu não posso. Não é mesmo, majestade? Tão rápido se acostumou ao trono que já está dando ordens.

– Não, senhor. Muitas são as razões, mas esta não é uma delas.

– E uma delas, qual seria, então?

– "Está perto da morte por três vezes e não morre." – lembrou Havien – Não conseguiu me matar uma vez, não conseguirá novamente.

Anthgon freou seus movimentos por um instante. Havien continuou:

– Fico, em verdade, bastante curioso para saber o que aconteceria. É isso, senhor Anthgon... Desfira o golpe. O que poderia acontecer? Será que a lâmina vai resvalar no meu pescoço sem o cortar, como se ele fosse uma rocha? Ou seu braço, ganhando vida própria, vai interromper o movimento no meio do percurso, sem que a espada possa me atingir? Como estou curioso para saber!

– Você não me confunde com suas palavras tolas, seu inválido. Pode ter feito a cabeça do príncipe, mas não pense que vai conseguir o mesmo comigo.

– Jamais teria tal pretensão. Estou apenas tentando pensar sob a sua lógica, senhor. Se eu sou o agente da revolução, e o agente não morre, como pensa em matar-me?

– E se não for? E se a profecia não estiver correta? Por que eu correria o risco?

– Neste caso, não sei por que se preocupar tanto comigo.

– É verdade, não é? Estou me preocupando demais. O funcionamento da espada é tão simples... É só cortar, e pronto.

– E pronto – repetiu Havien – Mas eu não recomendo. O príncipe me considera um amigo e a cabeça dele possui muitas dúvidas neste momento. Um homem em dúvida pode tomar qualquer direção, senhor Anthgon. Se me matar, o príncipe...

– Mas ele não vai saber, não se preocupe... Agora, quem está preocupado é você. O príncipe está lá fora... Estamos sozinhos aqui. Ah, sim, perdão. Você não pode ver que estamos sozinhos aqui – disse Anthgon, seguido de uma grande risada.

– Talvez o senhor é quem não esteja vendo bem. Há vitrais no alto das paredes, não há? Alguém poderia estar nos observando...

– Alguém que, certamente, estaria do meu lado, e não do seu.

– Eu não estaria tão certo disso, senhor Anthgon. Se a rede de informações do senhor é grande, o senhor, que enxerga perfeitamente... Imagine o quão grande precisa ser a minha...

– E você pensa que poderia me vencer dentro deste castelo?

– O senhor possui um séquito de subordinados, funcionários e servos. Eu tenho amigos. Amigos não são subordinados. O senhor não tem amigos e deseja travar combate com um inimigo que possui armas cujo funcionamento o senhor desconhece. Pouco prudente.

– Está dizendo que há homens seus dentro do castelo? Como ousa? – disse Anthgon, olhando assustado para os vitrais.

– Não estou dizendo nada disso. Apenas acredito que o meu modo de conversar com os soldados é mais eficiente.

– Conversar com os soldados? – espantou-se Anthgon – O que conversou com eles?

– Ah, devo confessar que fico um pouco envergonhado de lhe revelar – respondeu Havien, com um leve sorriso nos lábios.

– Ao menos, ainda está vivo para se sentir envergonhado – ameaçou Anthgon.

– Sabe o que é, senhor Anthgon? É que esta manhã eu estava sentindo uma coceira bastante inconveniente.

– E o que eu tenho a ver com isso, seu sarnento? Ah, sim, entendo. Você se sente doente! Quer que eu o leve ao hospital? – perguntou Anthgon, mordaz.

– Logo pela manhã – continuou Havien – ao sair do meu quarto, passei pelos guardas que estavam à nossa porta. Na tentativa de me aliviar, coçava insistentemente o braço e creio ter deixado à mostra este sinal que tenho no ombro...

– E os guardas repararam no sinal, é isso?

– Bem, sou honesto em dizer, senhor Anthgon: eu não vi.

– Ah, para o inferno, seu cego miserável! – gritou Anthgon.

– É um convite?

Anthgon estava perturbado. A serenidade de Havien ao falar o irritava ainda mais.

– Não me preocupo com isso, cego. Sei quem são os dois guardas. Não teremos problemas.

– Não se esqueça dos outros para quem eles devem ter contado. A troca do turno foi hoje cedo, logo depois que eu saí. Neste momento, deve haver muitos deles interessados no tal sinal...

– Sei o que está tentando fazer, seu inútil, mas não vai conseguir. Estes homens são meus subordinados. Alguns me conhecem desde que nasceram, enquanto você não passa de um estranho. Não vai conseguir influenciá-los.

– O senhor tem tantas certezas, senhor Anthgon. Bem se vê que o príncipe Kedder foi treinado pelo senhor. Ele aprendeu a não saber nada acreditando que sabia tudo. Diga-me. Em tempos de revolução, quem estes jovens soldados desejarão como aliado? Um velho chefe de exército em declínio ou alguém que tem um sinal tão inusitado?

– Declínio? – ofendeu-se Anthgon – Pode ser a sua opinião, senhor Havien, não a de meus soldados. Mas, se acredita que eles preferem dar ouvidos a um estranho. E, o que é pior, estranho e contraventor...

– Contraventor? Qual a acusação, senhor general?

– O senhor sabe bem que a Lei do Equilíbrio não lhe permite viver. Ela determina a eliminação de todos os improdutivos.

– Senhor, eu não sou um contraventor. Essa sua imperfeita lei, como imperfeitas são todas as leis dos homens, não obriga ninguém a se matar. Ela determina que os soldados eliminem os improdutivos. Veja, eu estou aqui. Quem não me eliminou? Aquele que não me eliminou, esse sim, é um contraventor, certamente. Este sim, transgrediu a lei...

– Eu decido quem transgrediu ou não as minhas própr...

– Céus! – disse Havien, com a voz afetada, interrompendo as palavras de Anthgon – Isso faz do senhor um contraventor, senhor Anthgon. Não me eliminou quando teve a chance, transferiu a responsabilidade para alguém que também não o fez e ninguém foi punido... Pode ser considerado um conluio, se estou certo. Se isso se tornasse público, não seria bom para o senhor.

– Sabe que, pensando bem, foi bom que você não morreu antes. Nunca ouvi tantas anedotas juntas. E como são engraçadas! É uma pena que o autor não terá oportunidade para contá-las a mais ninguém – disse Anthgon, reforçando a empunhadura da espada.

– Vai resvalar, é o meu palpite – disse Havien – Se ainda fosse uma espada Uddagary, poderia arranhar um pouco. O senhor viu a do príncipe Kedder, que bonita? Bonita e forte. Mas essa sua aí...

Anthgon parou mais uma vez.

– O senhor poderia pedir aos Uddagary uma dessas espadas – prosseguiu Havien – Eles devem estar chegando por essas bandas. De certo não perderão a mais importante coroação da história.

– A sua coroação, não é? – satirizou Anthgon.

– Veja que curioso, senhor Anthgon. Uddagary XIII também acreditava que ele era o agente da revolução.

– Também? Você disse "também"? Então está confirmando sua própria crença!

– Refiro-me ao senhor, não a mim.

– Eu? – espantou-se Anthgon – Não estou aqui para atacar, mas para proteger o castelo, seu infame. Protegê-lo de pessoas como você.

– A quem pensa enganar, senhor Anthgon? O que tem a dizer sobre o símbolo em seu braço?

Anthgon se alarmou. Havien não poderia saber do símbolo.

– Você sabe coisas demais, é verdade – admitiu Anthgon – mas meus soldados não. Eles não sabem que meu sinal não é de nascença e não terão dúvidas quando virem o símbolo.

– Símbolo que o senhor mesmo fez – censurou Havien.

– E que eles não sabem! Que diabos, é surdo também, além de cego?

– O mentiroso acredita que, se ninguém conhecer sua mentira, ela se transformará em verdade. Acostumado que está à imperfeição de suas leis, não concebe a perfeição de quaisquer outras – disse Havien, levantando-se.

– Aonde vai?

– Vou abrir os trincos das portas.

– Vai fugir?

– Não. Vou abrir os trincos das portas. E eu fui chamado de surdo...

Vagarosamente, Havien se dirigiu a cada uma das portas, abrindo suavemente os trincos. Depois, voltou ao alçado onde se encontravam as cadeiras. Desta vez, sentou-se em uma diferente.

– Desistindo de seu plano, Havien? – perguntou Anthgon.

– O plano não é meu, Anthgon. E, ao contrário do que pensa, estou absolutamente certo de que conseguiremos.

– Conseguiremos? – disse Anthgon – Mas quem, além de... Os Uddagary?! É por isso que você está tão convicto. Vocês estão tramando algo juntos! Pois saibam que jamais entrarão pelos portões deste castelo.

– Bem, eu já entrei.

– Sim, entrou. Resta saber se a sua situação no castelo continuará a mesma após o rei saber de suas ideias.

– Erra aquele que com a palavra denigre a imagem de um semelhante, senhor Anthgon.

– Ah, agora parece que alguém está com medo! Não espera de mim que fique quieto, espera?

– Tantas oportunidades tive para dizer contra os seus atos, senhor Anthgon, e jamais o fiz. Aconselho fazer o mesmo e não dizer nada a meu respeito. Ao menos, entre tantos outros, por este crime o senhor não poderá ser considerado culpado.

– E é você, imagino, quem vai conduzir meu julgamento, majestade... É você quem vai sugerir este crime contra mim?

– Não, vou sugerir que o senhor vá embora.

– Embora? O quê? Pretende me expulsar do reino?

– Não, sugeri que o senhor fosse embora agora, deste salão. Abri as portas para que ninguém estranhasse. Se o príncipe voltar aqui e perceber qualquer atitude suspeita... Lembre-se do que ele falou sobre o filho de Aytilla. Kedder pode estar desconfiado também do senhor...

Anthgon, furioso, não podia negar que aquela era a melhor providência a tomar. A ponderação de Havien fora inteligente. Se o príncipe desconfiasse de Anthgon, tanto iria se prevenir que poderia colocar tudo a perder. Afastar-se, naquele momento, ainda que significasse aceitar a sugestão de Havien, era o melhor a fazer. Um recuo estratégico para o posterior ataque.

– Senhor Anthgon? – chamou Havien.

Anthgon parou de pé, à porta, virando apenas a cabeça.

– Lembre-se de que as ervas daninhas são mais fortes porque crescem sem serem plantadas.

Anthgon não respondeu, virando-se novamente e deixando o salão.

* * *

– Quantos dias, Kopfah? Quantos dias até o castelo?

– Acalme-se, Uddagary. Chegaremos a tempo.

31

- A VÉSPERA -

Depois de muito argumentar, Anthgon teve seu discurso fortalecido por um acontecimento que convenceu o rei terminantemente. Junto com o sol, na véspera do grande dia, chegavam cem mil soldados Uddagary com seus carros, espadas e armaduras metálicas. A legião Uddagary era um único bloco prateado que rugia ao despontar no horizonte. O chão tremia ao pisar dos homens. No último dia de seu reinado, Soriom vivia a maior apreensão de sua vida. A morte o aguardava no dia seguinte e, depois, nada era possível prever. A corte, receosa pela futura administração de Kedder, ficou apavorada quando da chegada dos Uddagary. Verdadeiro pânico tomou conta do castelo.

– O que está acontecendo? – perguntou Kedder, abrindo ferozmente as portas do gabinete de seu pai – Um guarda me disse que Havien foi preso! Quem descumpriu sua ordem, meu pai?

– Eu mesmo ordenei a prisão, filho. E, por respeito a você, respeito este que não sei se deveria ter, sua noiva não foi junto. Já olhou pela janela hoje de manhã?

Kedder prostrou-se sobre o parapeito da grande janela. Mal acreditava no que via. O exército Uddagary, visto do alto do castelo, parecia muito maior. Todo ele, em formação, aguardava instruções de seu líder, que se dirigia lentamente ao portão principal do castelo.

– Preciso falar com ele! Isto não está certo. Ele nos ajudou na floresta. Foi Uddagary quem salvou minha vida, pai. Ele aprovou meu casamento com Sarina. Não estou entendendo.

– O que você não está entendendo é que este homem usou você, Kedder!

– Não, pai, ele não me usou. O plano já existia antes mesmo de eu chegar a Udda. O caminho pelo qual voltei ao castelo fora

aberto pelos Kamahkam para uso dos Uddagary. Chega através das montanhas pela retaguarda das nossas muralhas, onde não há defesa – explicou o príncipe – Bem, o plano existia, em verdade, há mais de trezentos anos...

– Por Deus, Kedder! Eles podem me ver trocando de roupa de tão perto que estão! E nem podemos rechaçá-los. É a semana da coroação. Se eles quiserem dormir encostados nas paredes do castelo, nada podemos fazer.

– E Havien? O que ele fez para estar preso?

– O que ele fez? Anthgon não conversou com você? Havien é quem articulou a vinda dos Uddagary.

– Havien? Só pode ser uma brincadeira, pai. Eu disse que o caminho já estava aberto. Qual ameaça Havien oferece ao reino?

– Qual ameaça? Você viveu com ele durante todo o último ano. Deveria conhecê-lo mais do que eu.

– E certamente o conheço! E o conheço mais do que Anthgon também!

– Então deve saber do ombro dele? – perguntou Soriom.

– Ombro? Sei que ele tem problema nos olhos. Do ombro eu não sei.

– Veja se isto não te diz nada: "O infinito escolhe o agente da revolução e nele deixa a marca de sua infinita força.".

– Do que está falando, pai? – perguntou Kedder, aflito.

– O sinal, meu filho, o sinal. Temíamos por uma revolução vinda de fora e nem podíamos imaginar que ela esteve dormindo dentro do castelo nos últimos dias.

– Não é possível – recusou Kedder – Havien não é o que estão pensando, pai, tenho certeza!

– "Vê com diferentes olhos e persevera." – lembrou Soriom – O que pensa disso?

Kedder não queria acreditar. Depois de um ano convivendo com Havien todos os dias, não podia admitir a possibilidade de seu amigo ser um traidor.

– Filho, escute. Eu me esforcei muito para que tivéssemos uma transição serena. Sei que as circunstâncias da posse não lhe agradam, como não agradaram a nenhum dos príncipes antes de você. Mas eu tentei, por todos os meios, fazer dele o único desconforto pelo qual você teria que passar. Tudo o mais seria tranquilo. O óbvio é o que está vendo: eu não consegui. Não sei o que fez nessa sua viagem, mas, como rei, você aprenderá que de nada adianta lamentar pelo passado. Os problemas estão aí e a única postura adequada é tentar resolvê-los.

– Não, meu pai, a postura adequada não é tentar resolvê-los; é resolvê-los! – disse o príncipe, firmemente – Falaremos sobre Havien depois. Agora vou falar com Uddagary XIII.

Kedder deixou o gabinete de seu pai e desceu as escadas. Anthgon coordenava um grupo de soldados à beira do portão do castelo e, ao ver o príncipe, voltou em sua direção:

– Príncipe Kedder, estamos na iminência de sofrer um ataq...

– Abram o portão! – ordenou Kedder.

O soldado responsável hesitou. Olhou para Anthgon, que fez sinal de desaprovação com a cabeça. Olhou, então, para o príncipe. Kedder olhou para Anthgon. Anthgon olhou para o soldado, que olhou para o chão.

– Abram o portão para que eu possa passar – reforçou Kedder.

O soldado olhou novamente para Anthgon que, desta vez, mostrava ar de indiferença. Temendo desacatar o príncipe, o soldado abriu uma pequena parte do portão, apenas suficiente para que Kedder ganhasse o exterior do castelo.

Do alto de sua janela, na companhia de Mailyah, Soriom observava, temeroso, o caminho de Kedder em direção a Uddagary XIII. Era impossível, àquela distância, precisar o conteúdo da conversa, mas os dois não pareciam se indispor. Rapidamente, cessou-se o diálogo e cada um voltou para o local de onde tinha vindo. Antes que Kedder retornasse, Soriom observou o que parecia ser um recuo do exército Uddagary. Não se tratava de uma retirada, mas os soldados estavam, sem dúvida, se afastando.

– Eles só desejam ver a cerimônia, pai, como é direito de todo cidadão da Sindávia – disse Kedder, ao voltar.

– E você acreditou nisso? – perguntou Soriom.

– Não faz diferença em que acredito, pai. E também não temos muita opção, concorda? Veremos amanhã se falam a verdade ou não. Por enquanto, pedi a eles que demonstrassem a veracidade de sua intenção afastando-se do castelo. O resultado, o senhor mesmo pode ver.

Soriom admitiu que estava um pouco mais aliviado. Seu filho parecia ter demonstrado alguma habilidade política. Restava ainda outra questão.

– Kedder, já que você está aqui, queria conversar sobre Sarina.

– O que há com ela? – perguntou Kedder.

– É o que eu pergunto. O que há com ela que não há com outra moça da corte? Você tinha tantas opções! Lembre-se do que aconteceu com Borghus, seu avô. Já falamos sobre isso.

– É exatamente por conhecer essa história que não cometerei o mesmo erro. Meu avô fez uma escolha errada e se arrependeu pelo resto da vida. Eu não gosto dessas moças da corte e temo pelo que pode acontecer ao futuro se eu ceder a esse arranjo. Seriam meus filhos amados por minha esposa se eu mesmo não a amar? O senhor se lembra da vovó, não se lembra, pai?

Soriom não respondeu. As palavras de Kedder eram precisas e, acima de tudo, verdadeiras. Soriom jamais sentira um verdadeiro carinho materno. As preocupações de sua mãe estavam sempre voltadas aos seus relacionamentos com a corte.

– O exército Uddagary... – continuou Soriom – Você não acredita que eles possam ter vindo por causa desse seu amor por Sarina?

– Pai, cem mil homens armados devem ter uma razão maior para atacar um castelo do que resgatar a filha do chefe, não concorda? E nós sabemos qual é a razão...

– Existem os estopins, Kedder. As guerras começam por razões de pouca importância. O ódio acumulado não é o problema. O problema é quando surge uma justificativa para liberá-lo.

– Acredite, pai, não se trata deste caso. Passamos por Udda e lá ficamos por várias semanas. O exército inteiro treinava, todos os dias, sob um sol escaldante. E eles vêm fazendo isso há gerações. Alguns dos que se prepararam durante toda a vida não vieram simplesmente porque há muito já morreram. É incrível, não é? Dedicaram-se ferrenhamente a uma guerra que jamais travariam.

– E por que não considera Sarina uma ótima razão para precipitarem o ataque?

– Por dois motivos. Uddagary, quando nem mesmo sabia de minha relação com Sarina, falava todo o tempo que atacaria o castelo em breve, pois o grande dia estava chegando...

– E o outro motivo? – perguntou o rei.

– A profecia... Uddagary acredita fortemente que vai tomar o poder e isso nada tem a ver com Sarina. Parece que ele acredita ser o tal agente da revolução.

– Bem, quanto a isso, já sabemos que ele está errado.

– Pai, sobre Havien...

– Melhor você conversar com Anthgon – interrompeu Soriom – Foi ele quem descobriu os planos de Havien e o sinal...

– Falarei com Anthgon, sim. Mas falarei com Havien antes – disse o príncipe, rapidamente alcançando os corredores e, em seguida, as escadas do castelo que levavam à masmorra.

Atrás de fortes barras de ferro cravadas nas paredes de pedra estava Havien. Como de costume, parecia muito sereno. Parecia, até mesmo, confortável. Kedder, inquieto, pediu ao carcereiro que abrisse a cela.

– Vim aqui pessoalmente porque não consigo aceitar, Havien. É impossível que, depois de tudo o que passamos...

– O príncipe e seus impossíveis...

– Ah, que diabos, Havien! Você ainda não se deu conta da situação? Estou falando sério!

– E eu, tanto quanto você. A diferença é que você está se concentrando demais nos detalhes e se esquecendo do principal.

– Este não é o momento para falar em círculos, Havien!

– Círculos são tudo o que existe, príncipe. O resto é nada.

– É inacreditável! – exclamou Kedder – Você está preso e não me parece um mínimo preocupado com sua situação.

– Não pareço porque não estou. Por que deveria me preocupar? Quem tem que se preocupar com a solenidade é o príncipe, não o prisioneiro.

– Então pretende ficar trancado aí?

– Se eu precisasse sair, certamente conseguiria. Este local é subterrâneo, não é? Deve haver muitas raízes próximas aos vãos das paredes. Já viu o que as raízes são capazes de fazer, príncipe?

Kedder balançava a cabeça negativamente. Olhava para Havien procurando razões para desfazer as suspeitas levantadas, mas tudo que encontrava reforçava seus temores. Lembrou-se da profecia.

– No dia em que sua mãe o salvou dos guardas, morrendo o outro garoto no seu lugar, e no dia em que fomos presos pelos Yavogs, quando o galho da árvore se quebrou misteriosamente... – divagou Kedder.

– Do que está falando, príncipe?

– Das vezes em que você esteve perto da morte, mas não morreu – respondeu Kedder.

O carcereiro chamou o príncipe. Era Sarina quem desejava vê-lo urgentemente. Kedder foi encontrá-la. Antes de fechar a porta da cela, o carcereiro entregou a Havien um prato com alguma comida e uma vasilha com água:

– Aqui está a sua comida.

– Obrigado.

– Não coma essa comida, senhor – sussurrou o carcereiro ao ouvido de Havien, fechando, em seguida, a pesada porta da cela.

* * *

– O que foi? – perguntou Kedder – Você queria falar comigo?

– Ah, Kedder. Há tão pouco tempo nos conhecemos... Não queria me intrometer em seus assuntos. Já era para eu ter dito antes, mas...

– Pode dizer...

– Quando estávamos em Kamahkam, ouvi Uddagary dizendo que o plano daria certo e que o grande dia se aproximava. Falou algo

sobre aproveitar da fraqueza do príncipe. Não acredito que eles só queiram assistir à solenidade.

– E resta alguma dúvida que sejam traidores? Olhe para isso! – disse Kedder, apontando, pela janela, para o exército no horizonte.

– Não é esse o problema, Kedder. O problema é que Uddagary falava com Havien quando eu cheguei.

Kedder mostrou um semblante assustado. Sarina continuou:

– Eu ouvi quando Havien disse a Uddagary que era para não interferirem, que era para deixarem você matar o seu pai na cerimônia, conforme todos estão esperando. Se assim procedessem, Havien garantiria um futuro promissor para o povo Uddagary no novo reinado. Ele disse assim: novo reinado! Acredito que esperarão pela sua posse e farão algum mal a você. Estou com medo, Kedder. Por isso, quando soube que estava lá sozinho falando com Havien, pedi que o chamassem. Não sei se fiz mal.

– Não, não fez mal. Você só estava tentando me proteger e eu teria feito o mesmo no seu lugar – tranquilizou Kedder, levantando-se – Mas não se preocupe.

– Aonde vai? – perguntou Sarina.

– Ainda não terminei minha conversa com Havien.

– Por favor, tenha cuidado – advertiu Sarina – Converse com ele pelo lado de fora da cela, Kedder.

– Não há necessidade disso, Sarina. Fique calma.

– Não custa nada, Kedder. E também não altera a sua conversa. É apenas uma precaução a mais. Está difícil de saber em quem acreditar.

– Farei isso, então, se a deixa mais contente. Ficarei do lado de fora – disse Kedder, despedindo-se.

No caminho de volta à masmorra, Kedder parou de súbito. Vagarosamente recuou até a janela e observou com mais cuidado. Havia tempo que ela não aparecia. Após olhar em volta, o príncipe cruzou uma porta que dava acesso ao jardim, caminhando por entre as árvores.

– Você pode ouvir, mas talvez não seja bom falar, ou pensarão que é um louco – disse Gaya, recostada sobre o tronco de uma árvore.

Algumas pessoas circulavam pelos corredores e, principalmente por causa da solenidade do dia seguinte, os olhares de todos frequentemente se voltavam para o futuro rei.

"Mas se eu apenas pensar, você ouve, não ouve?" – pensou Kedder.

Gaya não respondeu. Kedder se aproximou, sentando-se atrás da árvore, onde não poderiam vê-lo mexer os lábios.

– Há algum tempo não a vejo – comentou.

– Você é quem esteve distante, príncipe. Sabe que não é prudente ignorar os sinais da natureza.

Gaya desapareceu. Kedder, não podendo encontrá-la, ameaçou voltar ao caminho pavimentado do jardim quando percebeu seu pé enroscado em uma raiz. Lembrou-se de quando tentou se desvencilhar do entrave causado pelas ramas da floresta em seu primeiro contato com Gaya. Olhou ao redor novamente.

– Sim, príncipe, se você apenas pensar eu consigo ouvir.

Kedder não conseguiu localizar de onde vinha a voz. Buscou por toda a extensão do jardim sem sucesso. A raiz naturalmente cedeu e o pé do príncipe estava livre para continuar seu caminho.

* * *

– De volta tão rápido...

– Ficou faltando uma coisa. Quero que você me mostre.

– Mostrar o quê?

– Seu ombro. Quero ver se é verdade o que falaram.

– O que você se tornou agora, príncipe? Um inspetor inquisidor?

– Apenas desejo saber a verdade.

– É o que todos desejam, príncipe. Mas, lembre-se... Muitas são as ferramentas a serviço da mentira. Se deseja encontrar a verdade, deve ampliar sua percepção.

– Devo concluir que, se você não quer atender a esse meu simples pedido, é porque deve ser culpado. Do contrário, por que esconderia?

– Nada tenho a esconder, alteza – disse Havien, expondo o sinal em seu ombro.

– Mais perto – solicitou Kedder.

– Não vai entrar dessa vez? – disse Havien, caminhando lentamente até a porta da cela – Aqui está suficiente?

– Sim, está bem – disse Kedder, observando o símbolo na pele de Havien.

– Está se concentrando demais nos detalhes, príncipe, e se esquecendo do principal. Mas, na verdade, ainda não está consciente do principal...

– Se estiver se referindo ao seu plano com Uddagary...

– Plano? Eu não tenho plano algum com Uddagary – respondeu Havien.

– Faz mais sentido para mim agora – lembrou o príncipe – Quando chegamos a Udda... Você falou ao barão Uddagary que trazia notícias, notícias que auxiliariam na conquista de seu objetivo. Esta era a grande notícia, então! Você tinha um mágico sinal no ombro e abriria as portas para que ele entrasse com todo o seu exército.

– Kedder, você está enganado em relação a mim. Eu não o culpo, já que constantemente estamos enganados em relação aos outros. Verdade é que não podemos mesmo tecer julgamentos, pois apenas fazemos vaga ideia das pessoas, sem jamais conhecê-las por inteiro.

– Mas se elas mentem, tudo se torna mais difícil, concorda? – acusou o príncipe.

– Concordo. Mas se elas falam a verdade e você pensa que elas mentem, tudo se torna ainda mais difícil. Concorda?

Kedder não respondeu. Receava que, de alguma forma, Havien estivesse tentando manipulá-lo.

– Há uma pergunta que desejo fazer – continuou Havien – E se a revolução for algo bom?

Kedder explodiu em gargalhadas:

– Esta é a sua saída, então, amigo? Ah, Havien, por favor! Você já teve melhores tiradas...

– Não é uma tirada. É uma pergunta. E é uma pergunta que você não sabe responder porque ainda não havia pensado dessa forma.

– Se você estivesse no meu lugar, não consideraria bom algo que destrói o seu reinado.

– O que destrói uma coisa pode estar salvando outra, príncipe.

Kedder ouviu um barulho vindo de dentro da cela. Alguns ratos devoravam a comida que fora trazida para Havien.

– Recomendo não comer sua comida – alertou o príncipe – Dois ratos estão se fartando no seu prato. Providenciarei que mandem outra refeição.

– Não há necessidade, alteza. Não pretendia mesmo comer esta comida. Mas não por causa dos ratos.

– E por que, então?

Havien, erguendo sua mão, fez sinal para que o príncipe aguardasse e observasse. Instantes depois, um dos ratos se afastou do prato. Tentando andar com dificuldade, caía várias vezes e retomava o movimento. Por fim, deitou-se definitivamente, morto. Com o outro, pouco depois, aconteceu o mesmo.

– Quem esteve aqui? – perguntou Kedder para o corredor vazio, fazendo ecoar sua voz – Carcereiro!

O carcereiro chegou. Ninguém estivera na cela. A comida viera direto da cozinha.

– Quem fez isto está tentando passar por cima da lei! – gritou Kedder com o carcereiro.

– Eu juro que não sei, alteza – respondeu o homem.

– Vou descobrir! – disse Kedder, principiando deixar o corredor que ladeava as celas.

– Príncipe Kedder – chamou Havien.

Kedder voltou.

– O que é?

– Você pode adicionar mais um número à sua conta.

– Que conta?

– O veneno na comida... Agora são três as vezes em que estive perto da morte mas não morri.

Kedder olhou espantado.

– Boa solenidade de posse amanhã – disse Havien, por fim, afastando-se da porta e sentando-se em sua cama.

* * *

– O senhor o prendeu, não foi? Meu pai disse que o senhor descobriu o sinal e os planos dele. O que sabe sobre Havien, tio? – perguntou Kedder.

– O que sei é o que você sabe e é também o que todos sabem, só de olhar. A simples existência desse homem é um crime contra o reino, uma vez que desrespeita uma lei que, nos últimos vinte e seis anos, foi a única coisa capaz de estabelecer alguma ordem na Sindávia. Agravando a condição de seu amigo, está o fato de que ele possui um sinal muito peculiar na pele. Segundo crêem muitos, um antigo documento disse que teria o sinal aquele que destruiria o reinado existente. Aí está a segunda ameaça contra o reino, esta, então, seguramente mais significativa que a primeira. É isso o que sei sobre ele.

– Fico pensando... – disse Kedder – Passei muitos anos com o senhor, tio, e aprendi muitas coisas nesse período. Eu ficaria muito surpreso, além de profundamente infeliz, se descobrisse que de nada valeram seus conselhos, pois tudo não passou de um grande disfarce.

– Está me acusando de alguma coisa, garoto? – perguntou Anthgon, ressabiado.

– Não, tio, não o acuso de nada. Estava apenas comparando. Refiro-me, na verdade, a Havien. Durante o tempo que passei com ele, julguei serem sábias suas palavras e sábios seus conselhos. Aprendi muito ao longo desta viagem. Mas, agora, vejo-me nesta situação. Como posso desprezar o conhecimento que adquiri se o considerei apropriado?

– Estão tentando confundi-lo, Kedder. Talvez você tenha aprendido muitas coisas nessa sua viagem, mas uma que não aprendeu, certamente, foi em quem confiar. Acabou se envolvendo com essa gent...

Kedder franziu as sobrancelhas.

– Estava falando somente de Havien, tio Anthgon, mas, pelo modo como fala, o senhor estende sua opinião aos demais. O que quer dizer?

– Kedder, você há de compreender que suas atitudes não foram muito prudentes. Você já parou para pensar em quem trouxe para dentro do castelo? Quero dizer... Você viu o que aconteceu com Havien. Imaginava que seria desse jeito? Agora, pergunto: o que sabe sobre esta moça? Eu sei que ela pertence aos piores inimigos que esse reino já teve.

– O senhor já gostou de alguém, tio? – interpelou o príncipe.

– Que importa isso agora, garoto? – defendeu-se Anthgon – Estou falando de seus convidados! E aqueles dois, lá? Malditos comedores de fruta-roxa. Ladrões que tiveram de ser expulsos do exército. Como você pode garantir o que acontecerá com eles aqui dentro? Veja a surpresa que nos trouxe seu amigo cego...

Kedder não teve resposta. As palavras de Anthgon faziam sentido. Os sentimentos do príncipe por Sarina eram intensos e inquestionáveis. Era verdade, porém, que pouco se conheciam. Os dois amigos Yavogs, no princípio, tentaram matá-lo. O atual líder fora o arqueiro que disparou a flecha contra o peito do príncipe. Kedder se via mais seguro em meio aos membros da corte, com quem jamais tivera qualquer contato adverso. E isso ampliava sua confiança em Anthgon.

– Sei que devo acreditar no que diz, tio, mas há uma questão mal resolvida. Preciso de sua ajuda.

– Pois diga o que é.

– É Aytilla, tio. O filho dele armou uma tocaia na floresta, junto com outro soldado que tentou me matar.

– Não sei dizer, Kedder, mas pense comigo. Se eles se deparam com um cego, um homem adulto... Qualquer guarda lhe tiraria a vida, afinal, estaria cumprindo a lei. Quanto aos outros, se, de alguma forma, fossem identificados como membros do povo Uddagary... Nem preciso continuar, não é? Acredito que o comportamento dos guardas foi natural.

– Ainda não estou satisfeito com essa história e vou investigá-la. Acredito que Aytilla tem algo a esconder.

– Bem, isso você poderá fazer a partir de amanhã, ou depois, quando for rei...

– Não. Farei isso já. Vou agora mesmo interrogar Aytilla.

Anthgon se enregelou. Aytilla sempre fora de falar mais do que deveria e, sob um interrogatório, poderia colocar todo o plano do dia seguinte a perder. A única saída de Anthgon para adiar o interrogatório foi incriminar Aytilla de uma vez por todas. Somente esta manobra poderia manter sua imagem intacta aos olhos do príncipe.

– Seu interrogatório será uma perda de tempo. Eu sei o que aconteceu.

Kedder permaneceu ao aguardo de uma explicação. Anthgon continuou:

– Aytilla é um traidor do reino. Ele pretendia matar não os seus amigos, mas você, Kedder, para tentar empossar o filho dele.

– E o que fazia você com ele quando chegamos?

– Não está desconfiando de mim, príncipe, está?

– Estou perguntando. E o senhor não está respondendo.

– Cuidado com suas palavras, garoto. Não acuse sem provas. Eu só descobri ontem o que estou lhe contando. No dia em que você retornou, eu não sabia de nada. Assim como você, eu também estranhei estar o filho de Aytilla envolvido no atentado e, quando você me pediu para prendê-lo, usei desse artifício para pressionar alguns soldados dizendo que Aytilla era um traidor do reino. Se

alguém tinha alguma informação, falou. Juntando os pedaços, não foi difícil de concluir a história. Aytilla mesmo confirmou depois quando eu o interroguei na prisão. Ele está preso e eu aguardo, tão logo o príncipe seja coroado, autorização para matá-lo por crime contra o rei.

As palavras de Anthgon acalmaram o príncipe, que pareceu desistir da ideia de falar com Aytilla. O precioso conselho de Anthgon, ao final, terminou por convencê-lo.

– Você poderia aproveitar o resto do dia para ficar com o seu pai, não concorda? Está querendo resolver coisas demais como rei, mas, lembre-se, você ainda é um príncipe. E só tem mais este dia para desfrutar dessa condição.

– É verdade – assentiu Kedder – Vou ficar com o meu pai.

O semblante de Anthgon se aliviou.

– Mas antes – retomou o príncipe – gostaria de saber como conhece a fruta-roxa...

– Bem, você mesmo não foi conhecer o seu reinado? É importante conhecermos tudo, não é?

– Mas como o senhor poderia saber? Os Yavogs disseram que não podem fazer comércio. O senhor disse que nunca esteve com eles no Pulmão do Diabo. Como é que conhece uma fruta de terreno alagadiço que não nasce em nenhum outro lugar da Sindávia se o senhor mesmo nunca esteve lá?

Anthgon ficou ligeiramente desconfortável.

– Ah, são histórias que a gente ouve, Kedder. Não me amole! Você volta louco da sua viagem e eu é que sou suspeito? Amanhã você terá que ser rei. Espero que esteja preparado. Só isso tenho a dizer – exaltou-se Anthgon, levantando-se e antecipando sua saída.

* * *

A porta da cela de Havien se abriu e um homem entrou silenciosamente.

– Olá, senhor Havien. Meu nome é Tchi-tah...

– Olá, senhor.

– Não temos muito tempo, Havien. Preciso falar a você sobre Anthgon... – disse Tchi-tah, olhando para os lados e baixando o tom de sua voz – Anthgon vai causar problemas...

– Problemas... – repetiu Havien.

– Sim, eu vi! Eu tive uma visão e agora sei que o momento chegou. Quero ajudá-lo, Havien, quero estar a seu lado!

– O que mais viu?

– Eu vi Anthgon e o exército. A revolução... O próprio Anthgon... – disse Tchi-tah, novamente olhando para os lados, receoso de que alguém pudesse escutá-lo – Temos que impedi-lo! Confesso que já menti antes em minha vida, mas não estou mentindo agora.

– Senhor Tchi-tah, sei quando uma pessoa diz a verdade e quando não o faz. E sei que o senhor está com a verdade agora. Mas não se preocupe quanto às suas visões.

– E como não me preocupar? Se isto realmente acontecer...

– O senhor viu as intenções das pessoas, e não o futuro. Intenções podem ou não acontecer.

– Mas como saber? É melhor estarmos preparados.

– A primeira preparação é a verdade, senhor. É ela que nos salva dos males maiores.

– E o que devo fazer?

– Sabe por que a rama de uma trepadeira se agarra ao tronco da árvore, senhor Tchi-tah? Porque ela sabe que a árvore é firme e não a decepcionará. Agarre-se à verdade da mesma forma. Não

tenha medo. O senhor disse que já mentiu outras vezes, mas é sempre o momento de corrigir erros do passado. Se o senhor acredita que cometeu algum, estou certo de que também acredita ser capaz de repará-lo.

Tchi-tah pensou rapidamente sobre as palavras de Havien.

– Já sei o que farei. Sei o que farei para contribuir com o plano! – disse Tchi-tah, saindo apressadamente da cela.

* * *

– O que é isto? – perguntou Kedder.

– É um colar que fiz para você, meu filho, para usar amanhã – respondeu a rainha.

– Isso é arkah? – perguntou o príncipe, referindo-se à pedra que pendia no cordão.

– Sim. Seu pai pediu que fossem instaladas na praça algumas colunas e que, sobre elas, colocassem cristais de arkah. Elas ladeiam todo o caminho até a rocha real. Seu pai disse que era para iluminá-lo – comentou Mailyah, procurando encorajar o filho – De uma pequena pedra fiz este colar para você.

– Obrigado, mãe. Não esquecerei de colocá-lo. E meu pai, onde está?

– Ele desceu para ver o prision... Aquele seu amigo...

– E o que ele foi fazer lá?

– Parece que Tchi-tah estava lá embaixo conversando com ele. Um guarda veio avisar.

– É incrível, não é? Descobriram que o homem tem um sinal e, então, todos querem a sua amizade. Todos querem o poder, isto sim! – disse Kedder.

* * *

– Lotakam, o príncipe diz uma coisa, mas sei que pensa outra. Não está de todo convencido. Passou muito tempo fora e está cheio de dúvidas. É impossível prever o que acontecerá amanhã. Você sabe o que fazer, não sabe?

– De certo que sim, senhor Anthgon. Os homens estarão a postos. Ficarei aguardando o sinal do senhor, conforme combinamos.

– Ah, finalmente! – exultou Anthgon – Finalmente, o grande dia chegou. Será amanhã, Lotakam, amanhã!

* * *

– Pai?

– Sim, filho – respondeu Soriom, saindo da masmorra.

– Ouvi dizer que Tchi-tah estava aqui embaixo conversando com Havien.

– É verdade, ele esteve aqui. Quando cheguei, porém, já havia saído.

– E você falou com Havien?

– Não sei se quero falar com este seu amigo no momento.

– Mas precisamos saber o que conversaram, pai! E se Tchi-tah estiver envolvido? Sabemos o quanto ele perdeu em autoridade e prestígio por causa de seus conflitos com Anthgon. É conveniente para ele se aproxim...

– Pode ser, filho, pode ser... Mas isto será tarefa para o novo rei. Estou um pouco cansado de tudo isso. Venha, vamos subir.

* * *

Já era de noite quando Anthgon fez uma visita à cela de Aytilla. Conversaram rapidamente sobre a desconfiança de Kedder e sobre os planos para o dia seguinte.

– E o que faremos, Anthgon?

– Não se preocupe. Tudo vai bem. Quero saber se está tudo em ordem com a sua parte.

– Sim, está tudo em ordem. Guardas posicionados em todas as portas, nas passarelas e nas torres.

– O silo, como está? O controle da água será fundamental para mantê-los sob nosso domínio.

– Planejamos durante tanto tempo, Anthgon. Está tudo em perfeita ordem, como sempre esteve. O que me preocupa é morrer em meio aos prisioneiros. Estarei preso no momento mais crítico! – exclamou Aytilla.

– Já disse para não se preocupar. Eu mesmo me encarregarei de posicionar os prisioneiros para testemunhar a solenidade. Quando chegar a sua vez, deixarei seus grilhões destravados. Não da primeira vez, pois sei que alguém virá inspecioná-los antes da posse. Libertarei você apenas depois, quando eu voltar à ala dos prisioneiros.

– Estou preocupado com o que disse a Kedder, Anthgon, sobre meu filho e o atentado. É crime contra o rei. Se eles pensarem que eu tinha alguma intenção... Anthgon, eles vão me matar!

– Não terão tempo – respondeu Anthgon, brevemente – Já é noite agora. Amanhã, tudo correrá por conta da solenidade de posse. Não haverá mais Soriom e o novo rei será aquele que promoverá o oficial Aytilla a novo chefe do exército. Amanhã à tarde, você já poderá ocupar a minha cadeira enquanto eu ocupo a de Soriom.

– E Lotakam? Você havia prometido a ele o posto de chefe do exército.

– Não há dois lugares para o chefe do exército, Aytilla. Se você estará no posto, Lotakam não estará.

O general Lotakam, que entrara na masmorra para inspecionar os prisioneiros, ouviu a conversa entre Anthgon e Aytilla. Momentos antes, Lotakam havia mostrado sua lealdade a Anthgon. O que acabara de ouvir lhe trouxe algumas dúvidas. O general, pensativo, se escondeu atrás de uma coluna. Anthgon não se demorou a ir embora. Somente quando teve certeza de não poder ser visto, Lotakam deixou seu esconderijo e se dirigiu à saída. Antes de cruzar a porta, parou em frente à cela de Havien. O prisioneiro estava sentado serenamente, com a cabeça voltada em direção a uma minúscula janela por onde o frio ar da noite entrava na cela. Lotakam o encarou. Tentava imaginar como alguém com tamanha limitação poderia ser, como diziam, o agente da revolução.

– O homem quer o poder – disse Havien, sem se virar – e cedo percebe que, sozinho, não conseguirá alcançar seu objetivo. Decide, então, aliar-se a pessoas que podem levá-lo ao poder. E é este o momento em que ele se alia às pessoas erradas, general Lotakam.

– Imagino que o ideal seria me aliar a você! – disse Lotakam em tom de zombaria – É isso que sugere? Que grande utilidade teria esta aliança!

– Confiar em um traidor é condenar-se, mais cedo ou mais tarde, ao fracasso, general Lotakam. A melhor aliança não é feita com quem detém o poder, mas com quem não é capaz de trair.

32

- O GRANDE DIA -

Amanheceu. Kedder, ao acordar, percebeu-se deitado em um campo. Não sabia como chegara ali. Não sentia nenhuma dor, mas não conseguia mexer seu corpo. Deitado sobre uma pequena elevação de terra em meio a uma extensa área de cultivo, Kedder observava a vasta plantação. O lugar parecia familiar, mas o príncipe não o identificava. Um forte vento começou a soprar e Kedder, pouco depois, ouviu o barulho de uma típica crepitação. Ao longe, no horizonte, uma cor alaranjada tomou conta do céu e, conforme o vento se acentuava, imensas labaredas consumiam a plantação. O fogo se alastrava rapidamente na direção do príncipe, que continuava imóvel. O calor se acentuou até o limite do suportável. Kedder, envolto pelas chamas, via a morte se aproximar quando seus pensamentos buscaram a imagem da deusa que ele aprendera a respeitar tão profundamente. De forma incompreensível, a paisagem se alterou e o campo, como se já houvesse sido completamente devastado pelas chamas, tornou-se uma imensa área fria e escura, repleta de cinzas. Finalmente, com algum esforço, Kedder conseguiu se colocar sentado. A paisagem era a mesma em todas as direções. A conhecida voz de Gaya encerrou aquela visão espetacular:

– Uma cultura inteira pode ser destruída por um único agente, príncipe.

Kedder acordou. Olhava ao redor. Seu quarto, as paredes, sua cama, tudo parecia igual. O sol ensaiava nascer por trás de um monte. Sarina dormia placidamente ao seu lado. Toda aquela angústia fora um terrível sonho. Por outro lado, o que ele desejava ser um sonho, entretanto, não era. O grande dia havia, finalmente, chegado.

* * *

Na masmorra, os guardas amarraram as mãos de cada prisioneiro atrás das costas. Enfileirados, foram conduzidos um a um aos seus lugares. Após serem posicionados, os prisioneiros tiveram seus pés agrilhoados a pesadas bolas de ferro, o que inibia qualquer pensamento de fuga. Uma cadeira fora deixada vazia ao lado de Havien.

* * *

Kedder fora conduzido a um quarto por um criado. Era deste criado a função de raspar os cabelos do príncipe, banhá-lo e, por fim, vesti-lo apropriadamente para a cerimônia. Sua tarefa, no entanto, não foi completa. Quando o príncipe se preparava para entrar em uma banheira, o criado prestou reverência de forma estranha e exagerada. Kedder não compreendeu. O criado não lhe respondia, apenas mantendo-se de cabeça abaixada. Quando o príncipe tocou seu braço, o homem se afastou e, atabalhoado, saiu correndo do quarto. Transtornado pela responsabilidade do momento, Kedder não se deu ao trabalho de ir atrás do rapaz, terminando, por si mesmo, os procedimentos. Vestiu o longo manto aveludado, cobrindo-se com seu capuz, sentou e aguardou. Em alguns momentos, Tchi-tah apareceria para levá-lo à praça.

* * *

– Majestade – chamou o general Lotakam.

– Sim, Lotakam.

– O chefe dos Uddagary, senhor. Ele não aceita nos entregar as suas espadas e nós não podemos obrigá-lo.

– O que sugere?

– O setor dos prisioneiros, senhor. Haverá dezenas de guardas armados lá. Selecionei uma cadeira ao lado de Havien para Uddagary XIII.

– Ao lado de Havien? – perguntou Soriom, engasgando-se com um pouco d'água.

– Sim, senhor. Não sabemos o que pode acontecer, mas julguei ser melhor que os dois fiquem lá, juntos. Uddagary XIII é pai da noiva do príncipe, o que lhe dá direito a uma cadeira. Temo se ele permanecer armado em outro lugar onde não haja guardas, senhor.

Soriom pensou brevemente e concordou com a ideia de Lotakam, que voltou aos seus afazeres.

* * *

– Você entendeu bem o que eu disse, não é? – perguntou Uddagary ao seu soldado – Não podemos precipitar o ataque.

O soldado concordou com a cabeça.

– Então, fique atento ao meu comando. Não faremos nada antes da indicação de Havien.

* * *

– Não sei o que fazer com meu dia, Mailyah – lamentou o rei – Tantos gostariam de saber o dia em que vão morrer! Você não sabe o quanto eu desejaria desconhecer o meu. Nosso último dia juntos...

– Não diga isso, Soriom...

– E estou errado? – retrucou o rei – Você não pode negar, querida. Por mais triste que seja, não podemos negar. Esta é a realidade! O que me consola é estarmos fazendo isso pelo bem da Sindávia. E pelo futuro de nosso filho! Sabemos o que acontece quando as leis não são respeitadas...

– Leis? – resmungou Mailyah – Leis feitas pelos homens! Eu gostaria muito de saber quais leis respeitar! As leis de hoje vieram para mudar as de ontem, Soriom. Como pode ter tanta certeza do amanhã?

Soriom silenciou-se. Anthgon chegava para conduzi-lo à praça.

* * *

Tchi-tah não bateu à porta. Kedder já o percebera dentro do quarto quando se virou.

– Ah, aí está você. O que estava fazendo ontem na cela de Havien?

– Príncipe, escute. Tenho algo importante a lhe falar – disse Tchi-tah, seriamente – Temos pouco tempo e eu preciso lhe contar o que aconteceu ontem.

O velho líder religioso contou sobre a visão que tivera. Nada disse, entretanto, a respeito de Anthgon. Havien o alertara sobre o mal de se preocupar em denunciar outro homem mais do que em corrigir os próprios erros. Tchi-tah, munido deste conselho, assim o fez, apenas falando sobre si mesmo.

– Mas por que me conta tudo isso agora? – perguntou o príncipe, surpreso.

– Porque não é mais tempo para mentiras, príncipe Kedder. Passei muitos anos de minha vida ludibriando pessoas, controlando-as através da fraqueza de suas convicções religiosas. Quantas regras não criei, quantos rituais não instaurei? Eu nem mesmo sabia o que estava fazendo! Ninguém sabe! Afinal, como saber o que Deus quer? Ninguém sabe! Tudo o que fiz foi manter um gigantesco rebanho sob a submissão do meu cajado. E essas pessoas? Cresceram espiritualmente? É certo que não, mas, enquanto isso, elas pagavam seus tributos, justos ou injustos, com muitas dificuldades só por acreditar que a ira dos deuses se abateria sobre elas caso não o fizessem. Impostos pagos, rei contente. Mas a que preço, príncipe, diga-me, a que preço? Quantos não passaram necessidades por conta disso? Quantas famílias não se desfizeram? Príncipe Kedder, carrego uma culpa imensa e descobri ser incapaz de me desfazer dela. Parar de acumulá-la, contudo, é uma opção que tenho em mãos e acredito que seja um excelente começo.

– Será difícil manter-se em seu cargo após tudo o que disse – comentou Kedder.

– Mas eu não desejo me manter em meu cargo! Estou envergonhado por ter sido o que fui e somente ainda tenho coragem de lhe dirigir a palavra para pedir seu perdão. O verdadeiro arrependimento é uma grande libertação, príncipe, e eu pude sentir essa força – disse Tchi-tah, com algum entusiasmo – Ontem foi como se eu tivesse visto toda a minha vida passar diante dos meus olhos. Senti um forte desprezo por mim mesmo. Meu desejo foi o de abdicar de meu posto imediatamente, mas não o fiz. Queria conduzi-lo na solenidade e cabe ao líder religioso fazê-lo. Outra besteira, outra regra sem razão! Qualquer um poderia conduzi-lo e muitos, certamente, são mais puros e mais merecedores que eu. Se, no entanto, eu tivesse abandonado meu cargo ontem, causaria transtornos ao príncipe e eu não desejaria isso. Mas, após sua

coroação, alteza, não mais estarei nesta posição. Passei a vida sem saber de um grande segredo que, agora, conheço bem.

– E qual é? – perguntou Kedder.

– Há sempre tempo para se corrigir os erros do passado – disse Tchi-tah – O importante é querer com força suficiente.

* * *

A praça se enchia de gente. Nunca antes uma coroação reunira tantas pessoas, e jamais tantas de tão diferentes origens. Muitos não acreditavam na capacidade do príncipe, incluindo boa parte da corte. Além destes, membros do exército real também tinham dúvidas e estavam apreensivos pela coroação do novo rei. A inusitada presença do numeroso exército Uddagary adicionava uma estranha excentricidade à cena. Com eles, muitos dos Kamahkam também vieram. Os Yavogs, acampados há alguns dias nas cercanias, acabavam de se aproximar. Também se juntavam aos muitos produtores de Maddaghi, Hoshorn e outros vilarejos, que deixaram seus afazeres naquele dia para assistir à solenidade. Um sem número de artesãos, cavaleiros, ferreiros, construtores, mulheres, crianças e servos perfaziam o restante da grande multidão.

O sol já estava alto quando, ao som de algumas trombetas, todos viram chegar o carro do rei precedido por alguns cavaleiros e seguido por outros. Quando o carro parou, Anthgon saiu, sendo saudado por seus homens. Em seguida, desceu o rei, vestido em um belíssimo manto. Os cavaleiros também o saudaram. A um comando de Anthgon, todos na praça se curvaram em reverência. O trono do rei, como era o costume, fora transportado para a praça. Soriom foi conduzido respeitosamente para ocupá-lo pela última vez. Ao seu lado, estava a rainha.

Os olhos de todos se voltaram novamente para a curta estrada que ligava a praça ao castelo, de onde veio outro carro que parou ao lado do primeiro. Dele saíram Tchi-tah e Kedder. O príncipe fora também conduzido à sua cadeira. Neste trajeto, lançou um olhar para a seção dos prisioneiros, atendo-se a um deles entre os demais. A expressão no rosto de Havien era serena; serena como a expressão de quem nada teme; serena como a expressão de quem possui alguma forte e inabalável certeza. O único desejo de Kedder, naquele momento, era conseguir se sentir da mesma forma "Como consegue se manter tão calmo frente às adversidades?" – pensava o príncipe. Quando Kedder finalmente se sentou, queria permanecer naquela cadeira por toda a eternidade. Observava a simplicidade da vida das outras pessoas. Ali estavam servos, que só faziam levar e trazer coisas. Ali estavam artesãos e produtores que, mesmo vivendo com dificuldade, gozavam de uma liberdade especial pouco familiar ao príncipe.

Ouviu-se novo tocar de trombetas. Soriom se levantou. De pé, o rei divisava, a alguma distância, a rocha real onde, entregando seu posto ao filho, entregaria também sua vida. Lembrou-se de que ele, naquele mesmo local, teve também que enfrentar o desafio de matar seu pai. Sentiu-se covarde. Quando a pressão dessa responsabilidade recaíra sobre seus ombros, Soriom não foi capaz de suportá-la e forjou a morte do pai trocando-o por um prisioneiro. Não conseguira dispor da coragem que, naquele momento, ele exigia do próprio filho. Preocupado, o rei procurou desviar sua atenção desses pensamentos. Tinha medo de comprometer o andamento da solenidade. Sabia que, ao menor sinal de fraqueza da sua parte, Kedder poderia hesitar em cumprir com sua obrigação, o que seria uma grande tragédia para a Sindávia. A ordem precisava ser restabelecida e os sacrifícios necessários seriam realizados. Soriom

despediu-se de sua amada rainha e, com firmeza, seguiu até a rocha real pelo iluminado caminho entre as colunas. A manhã era fria, mas o céu sem nuvens fazia o sol brilhar intensamente e a esplendorosa luz do índigo se ampliava nos cristais. Soriom se recostou e aguardou.

Kedder mantinha-se imóvel. O entendimento do príncipe crescia conforme ele se dedicava à observação das pessoas. A rainha se aproximou, procurando transmitir-lhe confiança:

– Vá, meu filho. Há força em você e este é o momento de manifestá-la.

O príncipe se colocou de pé. Deveria prosseguir até a metade do caminho e parar. A preparação para a posse consistia em várias etapas e a última era a reflexão que o futuro rei fazia no caminho para a coroação. Naquele decisivo momento, Kedder procurou relembrar todos os conselhos que tivera ao longo de sua vida. Lembrou-se de sua infância e das instruções de seu pai e de sua mãe. Lembrou-se de Anthgon e de seus ensinamentos na arte da cavalaria. Deteve-se por mais tempo ao se lembrar de sua grande viagem. O início solitário onde, ansioso e confuso, buscava o correto caminho a seguir. Depois, as experiências e os ensinamentos. As pessoas que conheceu... Seu encontro com Havien, com os Yavogs, a viagem até Udda, as pontes dos Kamahkam. A lenda de Gaya... Kedder caminhara até a metade do caminho e, faltando tão pouco para completar sua missão, não se sentia bem. Acreditava que de nada valeria todo o conhecimento adquirido se mantivesse a tradição como todos os que vieram antes dele. Este conhecimento, entretanto, tivera origem em um homem do qual o príncipe passara a duvidar. Havien, que se mostrara um grande amigo desde o início da viagem, transformara-se em um pesadelo. O grande inimigo do reino, o inimigo oculto, que assombrou o pensamento de todos os governantes da Sindávia, ali estava. O agente da revolução, aguardado com temor. E, estranhamente, era um homem cego, pacífico, que tinha profunda relação com a natureza e grande percepção do mundo e das relações entre os homens. O agente da revolução, a bem da verdade, não parecia ser capaz de promover revolução alguma.

Aos poucos, a luz do dia começou a se enfraquecer. Os cristais sobre as colunas não reluziam tanto. Alguns olharam para o céu e logo vieram os braços a apontar para o sol, que se escondia gradativamente sob a lua. Houve algum alvoroço. Kedder, ignorando o fenômeno, prosseguiu em direção ao pai. Algumas árvores sacudiam suas copas. O príncipe se lembrou de Gaya e da última vez que se encontraram, no jardim do castelo. Ansiava por uma mágica solução que o livrasse de toda aquela angústia. Tinha a esperança de estar ainda sonhando, como acontecera na noite anterior. Esperava, ao menos, que algum esclarecimento sobreviesse para lhe dar qualquer certeza. Mas não havia esclarecimentos. Ao contrário; ainda mais dúvidas.

Kedder olhou novamente para os prisioneiros e percebeu uma exaltação por parte de Uddagary. Ele e Havien pareciam conversar. Havien mantinha-se calmo enquanto Uddagary gesticulava e se mexia em sua cadeira, olhando para todos os lados. Olhou para o seu exército e para o exército real. Parecia estar medindo forças. Kedder ficou apreensivo. Uddagary ergueu os dois grandes braços, impacientemente. Ameaçou levantar-se da cadeira. Pouco depois, serenou-se e, apoiando os cotovelos sobre os joelhos, colocou as duas mãos sobre o rosto, meneando a cabeça negativamente. O príncipe estava quase no fim do percurso quando viu Uddagary se levantar bruscamente e fazer um sinal com a mão direita a um de seus soldados. Kedder apressou o ritmo de seus passos e, sob os

atentos olhares da multidão, alcançou, finalmente, a rocha real, colocando-se ao lado de seu pai. Sem se demorar, segurou firmemente o funesto punhal e, retirando o capuz que cobria sua cabeça, preparou-se para cumprir com a mais desafiadora tarefa de sua vida. A multidão se calou.

*

– Lá vai ele. Está no meio do caminho – comentou Uddagary. E, então? Quando será?

– Quando será o quê? – perguntou Havien.

– Como, o quê? A revolução! – respondeu Uddagary, exaltando-se em sua cadeira.

– Já está acontecendo...

– Mas você não está fazendo nada! – disse Uddagary, impaciente.

– Eu não tenho parte alguma nisso, Uddagary.

– E como é que está acontecendo uma revolução se você não faz parte dela?

– Respostas nas perguntas...

– Ora, Havien, pare com isso. Sei que podemos vencê-los – comentou Uddagary, olhando para seu exército e, em seguida, para o exército real, como que medindo forças.

– Não há mais tempo ou espaço para guerras, Uddagary. Você precisa se ajustar a essa ideia.

– Você só pode estar louco, Havien! O que pensa que está fazendo?

– Nada.

– Mas, e o sinal? Você me mostrou, quando ainda estávamos em Udda! – exaltou-se Uddagary, agitado, erguendo os dois grandes braços impacientemente.

– Esse sinal nada significa. Foi um acidente quando eu era pequeno. Uma queimadura, que deixou esta marca.

A expressão no rosto de Uddagary se transformou. Apesar de sentir-se preparado para um confronto armado direto com o exército real, Uddagary acreditou que Havien, através de algum secreto poder, possibilitaria a conquista do reino sem a necessidade da batalha. O grande líder do povo de Udda apoiou os cotovelos sobre os joelhos, levou as mãos ao rosto, meneando a cabeça negativamente, e resmungou:

– Não acredito...

– O real segredo foi muito bem guardado por um sublime cavaleiro – revelou Havien – Este segredo foi tão bem guardado que nem mesmo o próprio cavaleiro sabia que o guardava. Mas isto, somente até este momento.

– Que segredo é esse, Havien? – perguntou Uddagary, desanimado.

– Ele apenas não aparenta, mas possui uma força maior do que todas as outras. O amor é uma força invencível, Uddagary, e o príncipe Kedder está prestes a descobrir isso. Ele traz consigo um pouco do infinito.

Uddagary se levantou rapidamente e fez um sinal a um de seus soldados pedindo a ele que se aproximasse. O sol fora totalmente encoberto e o dia atingiu seu momento de mínima luminosidade.

– Havien, se você pensa que Kedder simplesmente será rei e eu vou ficar aqui olhando, sem fazer nada, está enganado.

– Não, Uddagary, não estou. Você não pode vencê-lo. Nem sequer vai lutar contra ele.

Kedder alcançou a rocha real e retirou seu capuz. A multidão se calou. Claramente se via um enorme sinal na parte posterior da cabeça do príncipe. O sinal da revolução, o símbolo do infinito.

Uddagary, estupefato, mal podia acreditar no que via. Lembrou-se das palavras da profecia. A luz do dia, o sinal, a dúvida se transformando em certeza...

– Você sabia? – perguntou Uddagary a Havien – Como, se não pode ver?

– Ninguém podia, Uddagary, porque os homens só sabem ver com os olhos...

– Mas ele é um Sindagary! Não posso estar do lado do príncipe!

– Você sempre esteve – alertou Havien – Apenas não sabia. É ele, Uddagary. É ele... Todos nós fomos apenas auxiliares no processo de sua descoberta. E, a partir de agora, não existem mais lados. Todos estão do mesmo lado. De agora em diante, ninguém contrário a um sentimento tão poderoso como o amor poderá perseverar. Ajuste-se enquanto ainda tem a chance. Nem todos acordarão a tempo.

– Não posso.

– Não pode? O que o impede?

– Passei uma vida inteira pensando e agindo contra esse povo. É tarde demais! Impossível!

– Essa palavra... Como gostam dela os homens de pouca fé.

– Existem cem mil soldados sedentos por vingança aqui – justificou Uddagary – Como acredita que eu possa me aliar ao príncipe agora?

– Você ainda não tentou o mais fácil, Uddagary.

– O quê?

– Experimente querer!

A força das palavras de Havien despertou em Uddagary uma irrefreável convicção.

– Senhor? – perguntava o soldado – Senhor Uddagary? O senhor me chamou?

– Sim! – respondeu o chefe Uddagary após breve hesitação – Corra, soldado! Diga a todos que estamos do lado do príncipe Kedder. Isto é uma ordem. Corra!

Havien sorriu. O soldado trilhou o caminho de volta apressadamente. Ouviu-se o som de tambores e cornetas. O momento chegara.

*

Kedder, de costas para a multidão, levantou o braço para desferir o golpe e fechou os olhos. Lembrou-se de Gaya e desejou que as forças da natureza o ajudassem naquele momento. Desejou ver as coisas da exata forma que Havien as via. Desejou ver além da matéria. Desejou profundamente e, porque assim o fez, e porque seu desejo não visava o mal, foi atendido. Durante o tempo de um único instante, Kedder teve acesso ao infinito e viu tudo o que jamais vira. Percebeu-se saindo de seu próprio corpo e percorreu toda a multidão, vendo a todos, mas não sendo visto por ninguém. O tempo estava paralisado. Viu a si próprio elevando o punhal com o qual desfecharia o mortal golpe em seu pai. Em meio à multidão, chamou-lhe a atenção alguém olhando em outra direção. Kedder a reconheceu. Era Sakhris, tendo em suas mãos uma semente de pau-pedra. Buscava com os olhos alcançar seu filho e abriu um grande sorriso quando o encontrou. O príncipe experimentava um pouco do

infinito, conforme aquela simples mulher lhe demonstrara logo ao começo da viagem. Kedder, então, voltou seu olhar para Havien, que o encarou. Era o único capaz de ver o príncipe no estranho plano em que ele se encontrava. Sua imagem parecia muito próxima e, cruzando os braços sobre o peito, Havien formou o símbolo do infinito. O príncipe sorriu. Havien sorriu de volta. Os cristais de arkah pouco brilhavam sobre as colunas, mas a pequena pedra no colar de Kedder jorrava intensa luz sobre todas as pessoas. Kedder viu as esperanças de cada coração da Sindávia. Viu o sofrimento dos produtores que, trabalhando incansavelmente, ainda assim não tinham o que precisavam para sobreviver. Ampliou sua percepção e viu o futuro: plantações verdejantes e celeiros abarrotados de grãos. Havia comida para todos e a escassez era uma esmaecida lembrança do passado. Viu armas sendo deixadas ao chão. Viu crianças sem medo, felizes em seus lares. O conhecimento que já possuía e o que ainda não possuía, toda a dimensão dos conflitos entre os homens, todas as causas e todas as consequências, tudo o que desejou ver durante toda a sua vida estava ali, naquele momento, diante de seus olhos. Toda a verdade se apresentou a ele na imensurável duração de um único instante. E tudo seguia, harmoniosamente, em direção ao infinito, em direção ao amor eterno e incondicional entre todos os homens.

*

Então, a realidade fora recuperada. Kedder estava de volta à praça. Ele havia desejado fortemente e viu, e sabia que era possível. A morte e a violência não seriam mais aceitas. Seu punho desferiu um preciso golpe, cravando o punhal com extraordinária força não em seu pai, mas na rocha sobre a qual ele estava deitado. A longa lâmina, de forma inexplicável, adentrou vigorosamente a pedra, fundindo-se com ela em um só corpo. Um ruído ensurdecedor, à semelhança de um grande trovão, tomou conta de toda a Sindávia. Kedder estendeu a mão para Soriom, levantando-o. A multidão, atônita, extasiou-se com a cena.

– Ninguém pode contê-lo! – gritava Uddagary, levantando o braço com o punho cerrado – Ele reinará sobre todos os homens!

Aytilla se levantou da cadeira, desfazendo-se de seus grilhões, mas foi imediatamente contido por um dos guardas. Anthgon, vendo o controle escapar de suas mãos, ordenou a Lotakam que mobilizasse o exército. A alternativa precisava ser utilizada.

Rapidamente, Lotakam e centenas de soldados do exército real atravessaram o caminho até o centro da praça de espadas em punho. O dia já recuperara parte de sua luz e os cristais resplandeciam novamente. O grande general chegou até o príncipe e olhou-o nos olhos. A força que emanava do olhar de Kedder era insuperável. Lotakam atirou sua espada ao chão, curvando-se em reverência e sendo seguido pelos demais soldados. O general se voltou, então, a Soriom e, em um respeitoso gesto, retirou de sua cabeça a coroa, colocando-a sobre a cabeça do príncipe. Era empossado o Rei Kedder da Sindávia.

– O que vocês estão esperando? – gritou Uddagary, eufórico – Saudemos o rei!

A conclamação de Uddagary acabara de definir a multidão. Todos exultavam e vociferavam saudações.

– E viva a força de Kedder!

– Viva!

O príncipe fraco se tornara o mais forte dos reis. A luz retomara sua intensidade e o dia brilhava em esplendor. Um grande

espetáculo de cores tomou conta do céu. Todos festejavam a coroação do novo rei e Kedder, em lágrimas, tinha dificuldade de acreditar no que via. A força de seu sentimento havia prevalecido contra todas as demais forças. A doce voz de Gaya ecoava em sua mente: “Uma cultura inteira pode ser destruída por um único agente.”.

Anthgon buscou alguns dos soldados que lhe eram mais fiéis. Estes, em menor número àquela altura, não poderiam apoiá-lo sem arriscar a própria vida e, temerosos, nada fizeram.

Uma divisão liderada por Lotakam deslocou-se até a seção de prisioneiros. Anthgon desaparecera. Lotakam olhou gravemente para Aytilla.

– Sei onde Anthgon está – disse Aytilla, timidamente – Sei, aliás, de muitas coisas, e os senhores poderão contar com a minha colaboração se puderem poupar minha vida. Por favor, eu lhes imploro.

– Não há necessidade de implorar, Aytilla – disse o rei Kedder, que, junto de Soriom, abria caminho em meio aos soldados – Não queremos e não teremos mais mortes desnecessárias. Precisamos de ordem aqui, não de terror. Você está preso por conspirar contra o rei, e assim permanecerá. Guardas, levem-no até sua cela e iniciem a busca por Anthgon.

– E este, senhor? – disse um dos soldados, apontando para Uddagary.

– Este homem nada fez contra o reino, senhores. Ele é pai de nossa futura rainha Sarina e, certamente, um aliado.

– Sim, majestade! Pela Sindávia! – bradou Uddagary, sacando suas duas enormes espadas e segurando-as unidas pelos cabos a formar a letra “S”, em vez do tradicional “U”.

O gesto assustou alguns dos guardas, que sacaram também suas armas.

– Oh, desculpe – retratou-se Uddagary, guardando suas espadas e moderando o tom de voz – Pela Sindávia...

– Quanto a este homem – disse Kedder, apontando para Havien – libertem-no imediatamente e acomodem-no na sala do trono.

– Majestade – chamou Aytilla, ainda presente – Majestade, perdão... Permita-me... Precisam cercar o hospital. Anthgon tent...

– Não podemos confiar neste sujeito, majestade! – interrompeu Lotakam – Ele é um traidor.

– Talvez não pudéssemos em outra época, general, mas, seja por covardia ou por arrependimento, ele diz a verdade agora. Selecione alguns de seus soldados e dirijam-se ao hospital.

– Mas não entrem! – alertou Aytilla – Há armas lá dentro e não sei se Anthgon está acompanhado de mais homens.

Lotakam olhou para o rei buscando seu comando final.

– Lotakam, tenha cuidado. Vá e comande um cerco à distância.

– Sim, senhor – respondeu o general, partindo para cumprir as ordens do rei.

– Majestade, precisa acreditar em mim – disse Aytilla – Eu quero acabar com isto. Não me importo de ser preso, mas não podem deixar que Anthgon escape.

– Já ordenei que cercassem o hospital, Aytilla – respondeu Kedder.

– Não é suficiente, senhor. Isto apenas servirá para impedi-lo de sair pela frente. Mas, se não agirmos rapidamente, ele conseguirá escapar por outro lugar. Há uma passagem subterrânea até a ala dos servos, senhor. Esta ala fica na borda do castelo e, de lá, facilmente

se pode escapar sem que ninguém veja. Estou certo de que o cerco no hospital fará com que Anthgon se utilize da passagem. Nós a construímos exatamente para isto.

Aytilla fez uma breve pausa e, então, continuou:

– Perdão, senhor, sei que é vergonhoso, mas esta é a verdade e preciso confessá-la. Temos que ir até a passagem e aguardar por Anthgon. É lá que precisam estar se desejam pegá-lo.

Kedder pensou rapidamente. Se Aytilla estivesse tramando uma emboscada, muitas vidas poderiam estar em risco. Desta vez, porém, procurou também sentir o que Aytilla dizia em vez de apenas raciocinar sobre suas palavras.

– Está certo, Aytilla. Vamos até o local. Você nos acompanhará sob a vigilância dos soldados.

– Como desejar, majestade.

– Lembre-se, contudo – advertiu o rei – que eu garanti sua sobrevivência por não ver razão para a sua morte. Mas não tente fugir ou este benefício estará sujeito ao julgamento dos soldados que o perseguirão.

– Sim, senhor. O senhor tem a minha palavra de que não tentarei fugir.

E realmente não tentou. Aytilla acompanhou o grupo de soldados até a ala dos servos e, descendo a um porão, mostrou-lhes a passagem. Era uma porta que não se podia acessar por aquele lado. Os soldados bloquearam as entradas de luz e se esconderam atrás de cestos de roupas e pilhas de madeira. Pouco precisaram aguardar até ouvirem um ruído. Conforme Aytilla previra, Anthgon se utilizara da passagem para escapar do cerco. Devido a um grande saco que carregava com dificuldade, Anthgon caminhava lentamente. Após se afastar o suficiente da porta, os soldados se revelaram e o prenderam. No saco havia várias jóias e muitos outros objetos feitos de metais preciosos.

– O senhor terá tempo para pensar melhor em suas prioridades na masmorra, senhor Anthgon – disse Kedder para, depois, ordenar a prisão aos guardas – Prendam este homem com tudo o que ele roubou.

– "Acima da vida e da morte, para sempre..." – relembrou Soriom, desiludido, olhando fixamente nos olhos de Anthgon, que nada ousou dizer.

* * *

Aytilla e Anthgon foram encarcerados em celas separadas, porém vizinhas. Logo após a prisão, no interrogatório conduzido pelo próprio rei, Aytilla confessou todos os crimes que havia cometido e detalhou os ambiciosos planos de Anthgon. Falou sobre a tentativa de matar Havien no dia do nascimento de Kedder, sobre a ideia do hospital e sobre a Lei do Equilíbrio. Falou sobre os grãos e a água estocados nos silos e de como seriam usados para controlar a corte após a tomada do poder. Anthgon ouviu toda a confissão.

– Os crimes de Anthgon contaram todos com a sua ajuda, Aytilla, direta ou indiretamente – observou Kedder – Você sabe que jamais sairá desta cela novamente.

– Sim, majestade, eu sei, mas não me importo. Vi o que o senhor fez na praça... Aquilo, sim, é poder! Aquilo é a verdadeira liberdade, senhor. Liberdade não é apenas sair de trás dessas grades. Tudo o que estive escondendo até hoje, todas as mentiras... Não pode haver maior prisão, majestade. Não sabe o alívio que é poder retirar tudo isso de mim. Sei que, ao morrer, terei que prestar contas

de tudo o que fiz. Mas sei também que, durante um único dia de minha vida, ao menos, terei feito o que é certo. E este dia é hoje.

Como era usual, Kedder precisava se reunir com algumas pessoas na sala do trono após sua coroação. Tendo isto em mente, interrompeu o interrogatório.

– Conversaremos depois, Aytilla.

– Como quiser, majestade. Apenas uma última coisa gostaria de dizer.

– Sim – atendeu Kedder.

– Gostaria de agradecê-lo pelo que fez. A Sindávia precisava de uma solução e não sabia onde consegui-la. O senhor nos mostrou o caminho através de sua força, da força de seus nobres sentimentos. É uma força que poucos conhecem, mas sei que isto mudará. Eu, que já sou um homem velho e errei demais, não tenho mais muito tempo. Mas o quanto ainda me restar, será diferente.

Kedder assentiu com a cabeça, deixando a masmorra do castelo.

* * *

– Onde ele está? – perguntou Mailyah.

– Estou certo de que está a caminho. Vamos aguardar – disse Soriom, sentando-se no trono que fora trazido naquele instante de volta ao salão.

– O que está fazendo, Soriom? Saia já daí antes que Kedder chegue – disse Mailyah, repreendendo o esposo.

– Oh, céus... Ai, que vergonha... – disse Soriom, saltando do trono e sentando-se em uma cadeira ao lado.

– Isso, assim está melhor – assentiu Mailyah.

– É... Agora há pouco você tinha lágrimas nos olhos por minha causa. É isso que dá não morrer. As pessoas perdem o respeito pela gente... – brincou Soriom com a esposa, recebendo dela um discreto beijo.

Outros chegavam para ocupar seus lugares. Tchi-tah, sentado em uma das cadeiras, viu o general Lotakam adentrar o salão com alguns soldados. A pedido de Kedder, estavam presentes todos os que ele havia conhecido durante sua viagem. Sarina, a futura rainha, era presença inquestionável. Os dois Yavogs, Uddagary XIII e Kopfah também tiveram suas cadeiras reservadas. Uma delas, a de Havien, estava vazia quando Kedder chegou. O recém-coroado rei da Sindávia caminhou lentamente até o trono, sorrindo a todos os presentes. Sentado, percebeu rapidamente a falta do amigo. Antes, entretanto, que pudesse interpelar um guarda a respeito, Havien entrou no salão acompanhado de sua mãe. O rei se levantou e caminhou até a porta para recebê-los.

– Há quanto tempo não a vejo, Sakhris – disse Kedder, abraçando-a.

– Há quanto tempo eu também não a vejo! – emendou Havien, com humor.

– Sabe, senhora Sakhris... – continuou Kedder – ...eu teria minha semente de pau-pedra até hoje, não fosse pelo fato de seu filho tê-la atirado, propositalmente, de um carro em movimento no meio do deserto.

– Havien, não foi isso que eu lhe ensinei! – disse Sakhris, contendo-se para não rir.

– Ó, senhora, não se preocupe – tranquilizou Kedder – Trata-se de uma pobre criança abandonada. Não pôde ser educada apropriadamente...

Os três riram. Sakhris retirou uma semente de seu bolso, entregando-a ao rei. Outra cadeira foi acrescentada ao lado do lugar reservado a Havien.

Sentado novamente em seu trono, Kedder deu início ao seu primeiro discurso real.

– Tenho hoje uma rara oportunidade, jamais experimentada por qualquer outro rei. Não pretendo, portanto, desperdiçá-la – disse Kedder, voltando seu olhar a Soriom – Pai, a gente começa falando o quê?

As pessoas riram. Kedder iniciara seu discurso no tom que caracterizaria todo o seu governo: a alegria. Era um desdobramento natural do amor que sentia por todos os habitantes do reino. Após suas breves palavras iniciais, começaram as nomeações.

– Talvez vocês não o conheçam, mas eu pude conhecê-lo um pouco. E, melhor ainda, conheci o seu trabalho. Kopfah, por favor, queira se levantar.

Kopfah, acanhado, levantou-se.

– Se vocês vissem o que este homem é capaz de fazer em penhascos, ficariam, assim como eu, entusiasmados só de imaginar o que ele não conseguiria em campo aberto.

As pessoas se viraram para melhor observar o homem citado por Kedder.

– Kopfah – continuou o rei – você não viverá mais isolado. Este reino é todo seu, pois, a partir de hoje, você é o Chefe dos Construtores da Sindávia. Todas as obras passarão pela sua apreciação antes de serem executadas.

Todos aplaudiram. O velho mestre Kamahkam, lisonjeado, emocionou-se e, a pedido do rei, caminhou até as cadeiras especialmente reservadas ao lado do trono de Kedder, sentando-se na mais distante delas.

– Lotakam, levante-se.

O general atendeu.

– O exército, a partir de hoje, está extinto.

Lotakam relutou para não demonstrar sua surpresa.

– Extinto, ao menos, do modo como vocês o conhecem – continuou Kedder – Durante a semana da coroação, a lei diz que o exército só pode guerrear em defesa. Corrija-me se eu estiver errado.

– Não posso, majestade. Está correto – respondeu Lotakam.

– Pois a regra que vale para esta semana, a partir de hoje, vale para sempre. Não é sensato imaginar que outros povos desistirão de seus ideais beligerantes e, por isso, devemos manter as forças prontas. Precisamos nos assegurar de que a nova condição alcançada pela Sindávia não será ameaçada pela sede de poder de outros. Nós, no entanto, jamais atacaremos novamente. Sendo assim, General Lotakam, por suas ações do passado, você está destituído de seu cargo como general do exército...

Lotakam resignou-se, baixando levemente a cabeça.

– ...e, como consequência de suas ações no presente, nomeio-o Chefe do Exército de Deterrência da Sindávia! – finalizou o rei.

Mais aplausos. Lotakam, seguindo o mesmo caminho de Kopfah, ocupou a cadeira ao seu lado.

– Uddagary! – chamou o rei – O exército real precisa de soldados e você parece ter alguns a mais que nós.

– Uns cinco ou seis a mais, majestade! – gracejou Uddagary, levantando-se.

– Seu lugar, portanto, é ao lado de Lotakam, auxiliando na defesa de nosso reino.

Uddagary ocupou seu lugar.

– Yavog!

Um dos Yavogs se levantou.

– Ó, céus... – lastimou Kedder – Perdão, amigo. Referia-me ao outro... Queira se sentar, por favor.

O outro Yavog se colocou de pé.

– Não há, em toda a Sindávia, pessoas mais aptas que as de seu povo para lidar com o problema da escassez de alimentos. Vi o que fizeram em sua terra. Sobra comida por aquelas bandas! – disse Kedder a todos, sendo seguido de algum burburinho – Yavog, você é o novo Chefe das Plantações.

– Obrigado, majestade. Estou muito honrado – disse Yavog, caminhando em direção às cadeiras onde estavam os outros nomeados.

– Ah, e mais uma coisa, Yavog! – interrompeu o rei.

– Sim, senhor.

– Não prenda mais a Yuti, por favor, para o bem de toda a Sindávia.

O homem sorriu em concórdia e se sentou. Kedder voltou a falar.

– Agora, ouviremos uma história bastante interessante. Tchi-tah, levante-se e conte o que revelou a mim hoje pela manhã.

Tchi-tah, apesar da inicial hesitação, atendeu à solicitação do rei. Alguns dos presentes se espantaram com as declarações. Ao final, o rei continuou:

Este homem, cuja história acabaram de ouvir, confessou-me hoje pela manhã seu sincero arrependimento. Minha busca pela verdade ganhou enorme força com as revelações que este homem me fez. Podemos culpá-lo pelo seu passado, mas a verdade é que ninguém poderia ter ocupado seu lugar. Não há pessoa capaz de reclamar para si a responsabilidade de tamanha representação.

As pessoas recebiam as palavras de Kedder com aprovação.

– O cargo está, portanto, extinto; mas a história, não. Tchi-tah é o exemplo de uma pessoa que, por sua própria vontade, rejeitou tudo o que vivera em sua vida porque decidiu não mais aceitar a mentira. E este exemplo deveria ser atenciosamente observado por cada um de nós. Observado e, mais do que isso, seguido. Há sempre tempo para se corrigir os erros do passado e o importante é querer com força suficiente – finalizou o rei, com total acolhimento dos presentes.

– Agradeço por suas palavras, majestade – disse Tchi-tah, respeitosamente.

– As palavras são suas, e não minhas! – lembrou o rei, sorrindo.

Tchi-tah correspondeu ao gesto e voltou a se sentar.

Antes de chamar outra pessoa, Kedder fez um sinal para que um dos guardas se aproximasse e lhe falou algo no ouvido. Após ter se afastado, o guarda rapidamente voltou com mais uma cadeira, colocando-a junto à linha que ladeava o trono do rei.

– Há sempre tempo para se corrigir os erros do passado, não é? – disse o rei, espirituosamente.

Um agradável ambiente era sentido em todo o salão. As pessoas estavam verdadeiramente inspiradas pelas diretrizes estabelecidas por Kedder logo em seu primeiro dia como rei. E ele continuou:

– Ainda sobre erros do passado... Creio que todos aqui conhecem o nosso hospital e, ao mesmo tempo, imagino que ninguém o conheça de verdade. Essa é uma outra história que deverá ser ouvida com bastante atenção e, por ser tão triste, será reservada para outro momento. Afinal, perseguir a solução é melhor que perseguir os culpados.

Havien sorriu.

– Sakhris, por favor, levante-se – continuou o rei.

Surpresa, a mulher se levantou.

– Se estamos aqui hoje, alimentando perspectivas de um futuro pacífico e abundante para todos, isto se deve também a esta mulher. Seu desvelo na criação e proteção de seu filho, e a privação a que se sujeitou, durante tantos anos, para que ele pudesse permanecer em segurança, fizeram com que minha viagem fosse repleta de significado, um significado que somente hoje se completou. Estou certo de que nosso hospital nunca conheceu alguém com tamanha dedicação. E nem seria possível, visto que outros eram os objetivos daquela instalação. No entanto, em nosso novo hospital, precisaremos de pessoas capazes de direcionar seus enfermos para a verdadeira cura. E a esta função não vejo pessoa mais adequada que Sakhris. Acima de todas as qualidades, trata-se de uma excelente mãe e isto, isoladamente, já demonstra incomparável esforço e denota, portanto, enorme feito. Há os que podem considerá-lo algo trivial, mas a estes a memória aplicou dois golpes. O primeiro, quando esquecem que já foram filhos pequenos um dia. E o segundo, quando esquecem que as mães, ao encaminharem seus filhos para o bem, estão criando as bases necessárias a qualquer realização futura, seja ela pequenina ou gigantesca. Qualquer outro caminho é tão doloroso quanto ineficaz. Ao proteger o que seu instinto lhe solicita, toda mãe estará sempre agindo em consonância com o destino do mundo, que é evoluir eternamente. E mais expressiva do que esta responsabilidade, creio não haver.

Após certa comoção por parte dos presentes, o rei solicitou palmas não apenas para Sakhris, mas para as mães de toda a Sindávia pelo esforço empregado na criação de seus filhos. Um ruidoso aplauso foi concedido por todos, de pé. Kedder olhou rapidamente para sua mãe, que lhe mandou um beijo entre algumas lágrimas. Sakhris curvou-se para também beijar seu filho e caminhou para se juntar aos outros líderes. Entre eles, restava apenas uma cadeira desocupada.

* * *

– Você não consegue perceber que não há mais nada a ser feito, Anthgon? – disse Aytilla através da grade que separava uma cela da outra – Veja tudo o que fizemos. Para quê? O que conseguimos? Vamos morrer aqui!

– Posso não ter conseguido o que queria, mas não vou morrer nesta cela. Eu tenho amigos na corte e no exército. Vou dar um jeito de fugir! – respondeu Anthgon.

– Fugir? Pretende fugir para onde? E até quando? – perguntou Aytilla – Chegará o momento em que não poderá mais fugir, e você sabe do que estou falando...

– Ah, não me venha com discursos, agora, Aytilla. Você dizia esse tipo de coisa para roubarmos fiéis de Tchi-tah, mas eu não imaginava que seria capaz de acreditar nas suas próprias mentiras! É muita estupidez!

– Pense como quiser, Anthgon. Eu fiz a minha parte. Muito tarde, mas fiz.

– Fez mal feita a sua parte, isto sim! – condenou Anthgon.

– Meu julgamento não pertence a você, meu caro. Fique aí com seus planos de fuga. Eu vou dormir – disse Aytilla, virando-se para o lado.

– Você sempre foi um derrotado mesmo, Aytilla. Era de se esperar que acabasse morrendo em uma cela. Mas eu, não. Eu, não morrerei aqui dentro! – gritou Anthgon.

* * *

Kedder desceu os três degraus que o separavam do plano onde se encontravam os demais.

– Sei que foram poucas as pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com este homem, sendo eu um destes afortunados. Vivi, durante o último ano, o que mais pareceu uma vida inteira. Suas sábias palavras, seus judiciosos conselhos... Havien sempre esteve ao meu lado. Ensinou-me, nas mais variadas circunstâncias, preciosas lições. Como uma amarga retribuição, concedi a ele apenas minha dúvida, minha desconfiança, e, com isso, permiti que fosse preso e humilhado. Hoje corrijo minha postura, não somente perante Havien ou perante meu próprio arrependimento, mas perante a Sindávia. Um homem como este, cuja sensibilidade transcende tudo o que conhecemos, precisa estar à frente das decisões que o futuro nos forçará a tomar e, sendo assim, Havien, nomeio-o Líder do Conselho Real. Que nossos filhos e os filhos deles possam herdar a simplicidade de sua tão preciosa sabedoria.

Havien se dirigiu ao encontro dos demais, recebendo aplausos de todos. O tradicional diadema do líder do conselho lhe foi colocado sobre a cabeça.

– Como última determinação do dia, direi algo que talvez não seja do agrado. Estive pensando sobre a festa que temos por hábito organizar após a coroação. Creio ser comida demais para os que muito já possuem. É certo que não temos para alimentar todas as bocas do reino, mas isto não é razão para desperdiçarmos com nós mesmos, que já temos tanto. Até atingirmos uma sólida e abundante produção de alimentos, procuraremos outro meio para celebrar. Busquemos o equilíbrio, meus amigos, o verdadeiro equilíbrio, e conquistaremos o futuro.

Ouviu-se um último aplauso e uma saudação antes da finalização de Kedder.

– Agora, permitam-me encerrar esta reunião. Há muito o que fazer. Preciso escrever ainda hoje a Carta Primeira do Trono e entregá-la aos amanuenses. Amanhã, teremos cópias sendo espalhadas por toda a Sindávia. Quanto a vocês, recomendo que renovem seus ânimos, pois, se o dia de hoje foi cheio, certamente estamos só começando. E viva a Sindávia!

– Viva! – repetiram todos em coro.

As pessoas deixaram o salão, regressando aos seus aposentos. Kedder, tocando ligeiramente o ombro de Havien, indicou a ele que permanecesse sentado. Um último soldado fora instruído a fechar as portas e deixá-los a sós. Kedder olhava diretamente para Havien.

– Acredita que consigo voltar lá? – perguntou o rei.

– Lá? Você quer dizer aqui? – perguntou Havien.

– Quando estávamos na praça, Havien, estive em outro lugar. Era como se fosse lá, mas não era. Tudo era diferente, as cores, as luzes. O tempo era diferente. Era como se não passasse. Você sorriu para mim... Parecia estar lá também...

– Era sua percepção ampliada, Kedder. E não existe um "lá". É aqui. É dentro de você.

Kedder fechou os olhos e imediatamente se viu em outra realidade. Era o mesmo salão, mas com um aspecto diverso.

– O que é isto, Havien?

– Um pouco do infinito, majestade. É assim que vêem os que enxergam com diferentes olhos.

– É assim que você vê?

– Sim.

– O tempo todo?

– Bem, não o tempo todo, mas com alguma frequência. Lembre-se de que eu não tenho olhos como os seus para ver de outra maneira...

– Mas não precisa! Não há nada que se compare a isto! – admirou-se Kedder.

– Para ser sincero, Kedder, não percebo tudo o que você está vendo. É você quem está vendo. É você quem está criando.

– Está dizendo que não estamos vendo a mesma coisa?

– Podemos compartilhar, pois aqui tudo é compartilhado. Mas, para não haver interferência, você só percebe o que deseja perceber. Eu, por exemplo, gosto muito de música. Ouço-a constantemente. Está ouvindo?

– Música? Não, não estou.

– Gostaria?

Kedder nem chegou a expressar seu desejo em palavras. Uma linda música se espalhou pelo ambiente.

– Incrível! – exclamou Kedder – O que mais?

– O que você quiser. O infinito é, digamos... infinito! Tudo está à sua disposição, majestade. Beba aqui e jamais sentirá sede.

Kedder olhava o salão à sua volta. Algumas pessoas começaram a aparecer. "Bonito muito!" – ele ouviu. Virou-se rapidamente e lá estava ele. O gigante Yavog, cuja vida fora ceifada pelo arqueiro na mata, segurava um grande machado de luz. Kedder sorriu para ele e, acreditando que logo o perderia de vista, assim aconteceu. Pensou em Gaya e ela se fez visível. Ao olhar profundamente em seus olhos, Kedder sorriu. Seu sorriso ocultava um íntimo desejo de vê-la nas diferentes formas conhecidas no decurso de sua viagem. E assim foi. Sua imagem se desdobrava em extraordinárias variações.

– Ao mesmo tempo, Havien! Eu estou vendo todas ao mesmo tempo!

– Não há limites para o infinito, majestade. Não há limites.

Kedder permaneceu por alguns momentos admirando a beleza de sua recém-descoberta sala do trono.

– Jamais poderia imaginar, Havien. A revolução... Sempre esperamos por algo que viesse de fora.

– Não há revolução que não comece antes dentro de nós mesmos – disse Havien.

– Eu não tinha certeza alguma. Nada! Até o momento final, eu não tinha certeza de nada! Estava indo em uma direção porque me diziam ser a correta, mas não havia convicção.

– Foram caminhos feitos pelos outros... Era esperado que você seguisse a tradição, mas você a contrariou. Seguiu seu próprio caminho e venceu.

– E você não fez nada! – recordou Kedder – Quero dizer... Não me leve a mal, mas, se já sabia de tudo... Você permitiu que o prendessem e nem sequer tentou se defender. Podia, ao menos, ter me alertado, seu... seu aprendiz de agente de revolução! – exaltou-se o rei, jocosamente.

– O príncipe precisava estar totalmente sozinho para decidir – explicou Havien – Todos esperam que o príncipe mate o seu pai, mas ele faz o contrário. O príncipe decide sozinho! O amor não é menor que nada em todo o universo. Nenhuma recomendação, minha ou de qualquer pessoa, mudaria a força desse sentimento. E a maior prova de que seu amor é intenso e verdadeiro é que, assim como o próprio amor, você provou ser maior do que todos, maior que as palavras e maior que os números, maior que o tempo e maior que o espaço. Você provou amar de verdade, Kedder. Provou antes a si mesmo para, então, mostrar a todos os homens de seu reino.

Irrompendo, assim, sozinho, de dentro do coração, o amor é invencível. E nesse momento é possível ter certeza de que se alcançou o infinito.

– Meu pai poderia tê-lo feito... – divagou Kedder – Talvez você não saiba... Bem, talvez saiba... Meu pai também não seguiu a tradição, mas o fez veladamente. Através de um disfarce, conseguiu seu objetivo sem que os outros conhecessem seu segredo.

– Ele não buscou consertar a embarcação, Kedder. Apenas retirou a incômoda água de seu interior.

– Sempre pensei que ele era muito mais capaz do que eu...

– No plantio, semear é tão importante quanto molhar. Mas não podemos esquecer que, antes mesmo de semear, a terra precisa ser preparada. Seu pai já demonstrava o que alguns chamavam de fraqueza e que, mais tarde, acentuada no príncipe Kedder, seria revelada como verdadeira grande força. Em Soriom o processo se iniciou. Ele mesmo não foi capaz de matar seu próprio pai. Porém não havia, em seu coração, a convicção necessária a uma revolução feita pelo amor. Hoje você sabe que é necessária muita convicção para isto. Mas Soriom teve a sua função e, como a de todos os seres, foi muito importante. Suas dúvidas lhe permitiram compreender as de seu filho e, apesar de acreditar que a tradição deveria ser mantida, a sua amorosa postura como pai permitiu despertar no filho os elementos necessários para que a revolução fosse realizada. Ele sofreu por você, Kedder, e é por isso que devemos ser gratos pelos esforços de nossos pais.

– Mas por que não poderia ter sido você? – perguntou Kedder – Por que não você, se conhecia tudo isso há tanto tempo?

– O amor se torna mais forte quanto maiores forem os desafios, Kedder. E os seus desafios eram bem maiores que os meus. Por isso, você foi escolhido.

– Mas... escolhido? Escolhido por quem?

– Por quem? – admirou-se Havien – Escolhido pelo próprio amor, Kedder, que está acima de todos nós! O maravilhoso, o conselheiro, o poderoso Deus! O pai eterno, o príncipe da paz!

– É uma enorme responsabilidade... – comentou Kedder.

– Viver é uma enorme responsabilidade...

– E cometemos tantos erros... – lastimou Kedder.

– O que importa não é o quanto sua água é turva, mas o quão límpida é a que chega...

– ...porque ainda que a água limpa se misture com a suja, ela a dilui e, no final, vence – completou Kedder.

– Não sem esforço e tempo, mas vence – concluiu Havien.

– Oh, Havien, preciso lhe pedir perdão. Minhas dúvidas acabaram por fazê-lo sofrer.

– Há sempre algum sofrimento permeando as mais sublimes conquistas. Não se culpe, Kedder.

– Mas eu disse algumas coisas a você. Coisas horríveis...

– Horríveis? Não, não penso assim. Tudo faz parte de um plano maior. Tudo o que precisava acontecer somente aconteceu porque toda a preparação foi feita. Você não disse coisas boas ou ruins a mim. Não existem coisas boas ou ruins...

– Apenas necessárias – completou Kedder, sorrindo – E como foram necessárias! Quantas coisas aprendi! Tanto devo a você, meu amigo...

– Eu nada lhe ensinei, aprendiz de rei. Todos os valores que hoje habitam sua alma nela já se encontravam quando você nasceu. Eu só cuidei de abrir as trancas que as pessoas colocaram sobre eles ao longo de sua vida.

Kedder sorriu levemente, como quem relembra um momento específico.

– Sabe... Não mais me causaria embaraço o "aprendiz de príncipe" – confessou Kedder – Estimo e, mais do que isto, assumo com sinceridade a permanente condição de aprendiz.

– É quando o homem, então, se torna o verdadeiro mestre! – observou Havien.

O rei silenciou por alguns momentos. Parecia pensativo.

– Fico pensando em tudo o que descobri... Algumas pessoas simplesmente não conseguem perceber...

– Refere-se a Anthgon...

– Sim! – confirmou Kedder, veementemente – Como é possível, Havien? Como é possível existirem pessoas assim? Parecem caminhar em direção totalmente oposta!

– Elas vivem confusas, Kedder, e precisam de auxílio. Não conhecem o verdadeiro caminho e, por isso, mesmo que possuam muitas coisas, sempre desejarão mais.

– É isso que não compreendo – disse Kedder – Anthgon praticamente governava nosso reino. Meu próprio pai admitiu isso para mim algumas vezes. Era Anthgon quem estava à frente de todos os assuntos. Ele governava mais do que o próprio rei. O que mais lhe faltava? Um título? Um manto? Uma coroa real sobre sua cabeça?

– Ainda que pareça um absurdo, creio que sim – lamentou Havien – Como eu disse, elas estão confusas.

– E o auxílio seria tentar esclarecê-las?

– Dentro do possível, sim. E o quanto antes... Diga-me, Kedder. Não é triste que tantas pessoas vivenciem a totalidade de suas existências acreditando em uma mentira, acreditando que os bens materiais, o dinheiro e o poder, lhe trarão a felicidade para, no fim da vida, descobrirem que estavam erradas o tempo todo?

– Sim – concordou o rei.

– Mas há algo ainda mais entristecedor – continuou Havien – Mesmo que haja uma descoberta tardia, terá sido uma descoberta. E, depois de tantos anos vivendo em ilusão, quando essas pessoas finalmente encontram o rumo, no tempo que ainda lhes restar viverão a espalhar o tesouro de seu achado com todos aqueles que encontrarem pela frente.

– E o que há de triste nisso?

– Nisso? Nada – respondeu Havien – Tristes são aqueles a quem as descobertas serão reveladas, mas que, por uma misteriosa razão, preferirão incorrer nos mesmos erros de sempre.

– Você está com a verdade, Havien, mais uma vez. Falta a muitos a crença de que serão recompensados por se manterem fiéis à virtude. Sempre temem ficar desamparados pela sorte.

– Talvez você fique surpreso com o que vou dizer agora, mas Anthgon, mais que seu pai, poderia ter sido o agente da revolução. Ele também tinha o sinal.

– Anthgon? – exclamou Kedder, espantado.

– Sim, Kedder, Anthgon também tinha o sinal. Um sinal verdadeiro, de nascença, bem no alto da cabeça, como o seu. Mas isto não basta. A qualidade da intenção de cada um é determinadora do sucesso ou do fracasso de seus planos. Vários nascem marcados. Transcende a matéria quem consegue e, acima de tudo, quem quer.

– Se o infinito está à disposição de todos... – lembrou o rei.

– Sim, mas muitos ainda não se conscientizaram. Estou certo de que julgam serem belas as palavras, mas não crêem, convictamente, em uma realidade como esta. E, dessa forma, por não acreditarem, nada fazem e, por nada fazerem, são eles mesmos, e mais ninguém, os culpados pela sua própria condição infeliz.

– Sei que, nesse exato momento, há quem se envergonhe de admitir o amor, ou mesmo duvide que ele possa prevalecer entre os

homens – disse Kedder – Mas há também aqueles que acreditam! E aqui neste salão há dois deles!

– E a estes – completou Havien – pertence o futuro!

– Sim! Um futuro feliz porque todos os povos foram unidos em um só reino!

– E mais ainda será quando todos os reinos se unirem em um só povo – finalizou Havien.

A evocação do futuro lembrou o rei de suas obrigações. A sua habitual percepção da realidade fora tomando conta do alterado cenário onde ele e Havien se encontravam.

– Oh, Havien... Não podia ter me demorado tanto em nossa conversa. Preciso escrever a carta!

– Não se esqueça de que sua percepção agora é diferente, assim como sua capacidade. Para os outros, não deve ter passado tempo algum.

Kedder, curioso, dirigiu-se à porta e, abrindo-a, encontrou o último guarda que deixara o salão.

– Guarda, a quanto tempo deixou o salão?

O homem, com estranha expressão no olhar, respondeu ao rei:

– Mas, majestade, acabo de sair. Fechei a porta neste instante. O senhor pediu que o deixasse a sós com o senhor Havien.

Kedder agradeceu ao guarda e, voltando-se novamente para Havien, despediu-se:

– Bem, amigo... Preciso ir. Você me mostrou outra forma de ver o mundo. Agora, há muito o que fazer!

– O bom observador vê a pedra preciosa onde o mau observador vê apenas terra – disse Havien – Mas ele precisa, de qualquer forma, trabalhar aquela pedra para que ela amplie o seu valor. A boa observação é um importante passo. Porém importante também é o trabalho que se segue. Espelhe o infinito e seja rei, Kedder. Com bondade e esforço, seja um grande rei!

Kedder sorriu e deixou o salão, dirigindo-se a um outro aposento para redigir sua primeira carta como rei da Sindávia. Suas palavras refletiam seus ideais, e suas atitudes, suas palavras. O reinado de Kedder, o Grande Reinado, como ficou conhecido, trouxe profunda transformação à Sindávia. E seus habitantes, compreendendo a transitoriedade da matéria perante a eternidade divinal, esforçaram-se para cultivar os mais excelsos valores, semeando-os generosamente em todo o tipo de solo, pois que a tristeza de ver perdidas inúmeras tentativas jamais se iguala à alegria de ver nascer um único broto.

33

- INÍCIO -

Sindávia, primeiro dia do primeiro ano da Era do Amor,

Estimado habitante da Sindávia,

Outros, antes de mim, preferiram utilizar este comunicado oficial para estabelecer novas leis e alterar as antigas. Se, porém, esses homens obtiveram algum sucesso, foi passageiro. Penso que não é impondo leis, mas respeitando a maior delas, que contribuirei com nosso contínuo progresso. Prefiro me utilizar desta carta, portanto, para compartilhar minhas esperanças, pois, sem o seu auxílio, não conseguirei realizar mais do que já foi realizado. Minha tarefa está cumprida apenas em parte. Fundamental é a sua força e, por isso, esta carta é para você.

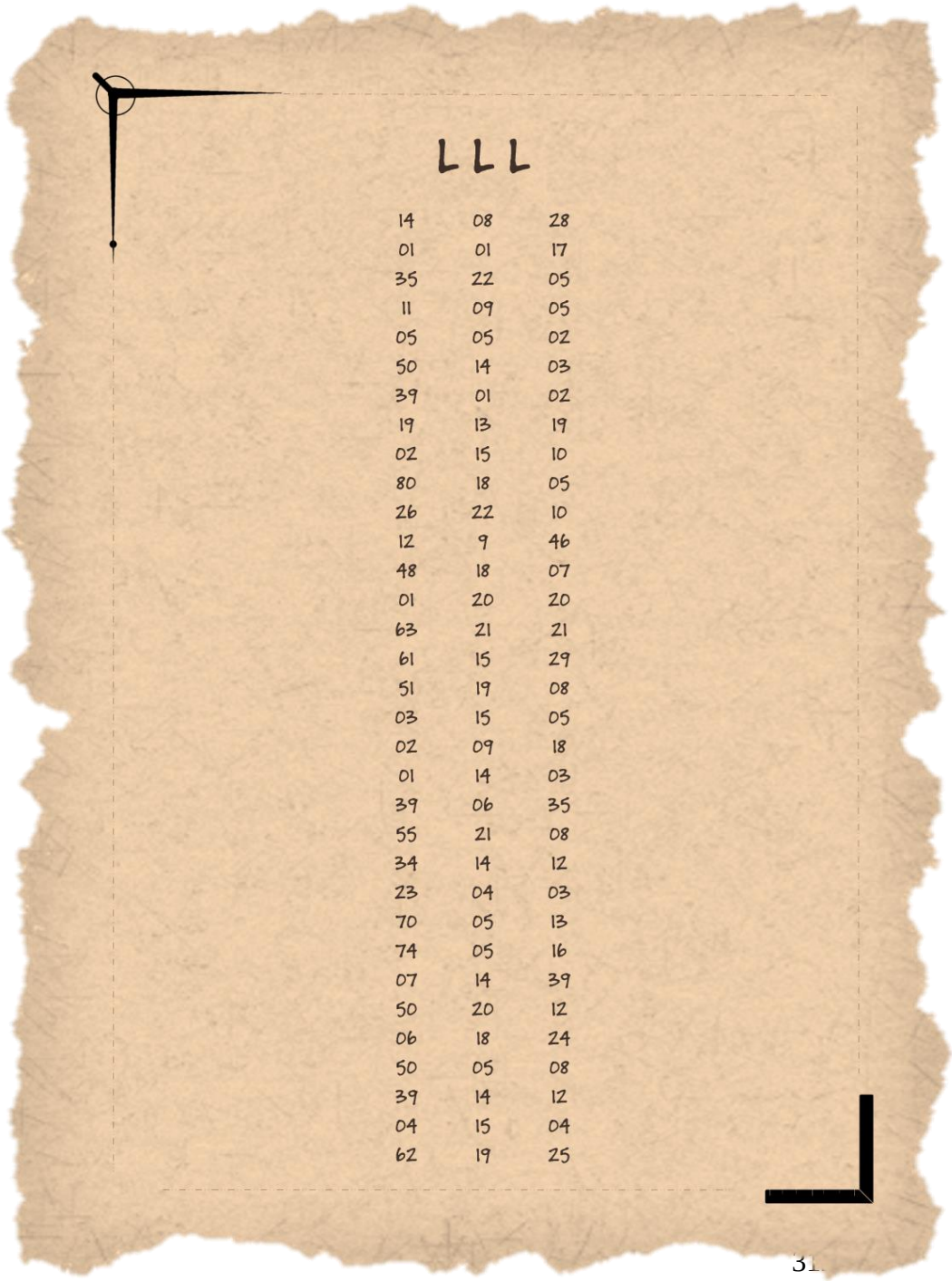
Para fazer valer aquilo em que acreditava, precisei enfrentar muitas pessoas e muitos desafios. Não é fácil quando se está sozinho. O que importa, contudo, não é ser fácil, mas ser correto. Por saber que assim procedia, superei as adversidades e venci. Mas é necessário querer e agir. Se o desejo é de mudança, deverá haver resoluto abandono de antigos valores. Negar a prática coletiva será desafiador, mas não se preocupe. Mesmo que haja receio durante todo o tempo, um único momento de coragem lhe será suficiente para alterar sua realidade. Você não deve duvidar de sua capacidade. Quando me convenci da minha, fui capaz de transformar o mundo e hoje sei que a dor da transformação é menor que a da aceitação.

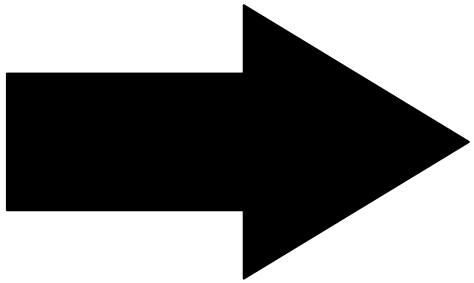
Querer e agir! Sou um homem como qualquer outro e o que fiz qualquer um poderia ter feito. Mas eu fiz! Fazer é importante e é possível a todos. A fraqueza se transforma em força quando o homem age de acordo com os verdadeiros princípios. E este é o

homem feliz. Ele não necessita de inspetores ou de punições porque seu caminho é traçado por sua consciência. Seu caráter lhe dá as ordens e é o grande inspetor de sua própria vida. Você está recebendo um importante chamado para se juntar aos que estão construindo este novo mundo. E não importa o que os outros estejam fazendo, pois, neste momento, é você quem recebe o chamado. Não se exima de sua responsabilidade. Como culpar qualquer pessoa se você mesmo não estiver fazendo a sua parte?

Uma vez decidido, siga atento. A atenção é necessária não quando o caminho é reto, mas quando a bifurcação aparece. Se inclinado a seguir pela direção errada, por mais numerosas que sejam as recompensas, não o faça. Todos se encontram ao final e, sabemos, lá está a maior das recompensas. Com a mente voltada a este grandioso destino, e não às efemeridades do percurso, você deverá prosseguir.

E se o passado não lhe confere muitos méritos, certamente lhe concede muita sabedoria. Pense em ser o melhor que puder de agora em diante, afinal, o responsável pelo futuro não é quem escreve essas palavras, mas quem as lê. Você é quem tem o poder em suas mãos. Pois se a todos minhas palavras não alcançarem, as suas alcançarão. E se os obstáculos minhas forças não excederem, as suas excederão. Não termina aqui. A revolução não termina com o que fiz. Na realidade, este é o instante em que ela começa. Começa com o que você fará.





Mensagem diretamente da cabana do escritor:

No mercado editorial brasileiro, cerca de **90% da receita** de um livro impresso são divididos entre editora, distribuidora e livraria, cabendo somente o restante ao autor.

A distribuição gratuita de HAVIEN tem por objetivo não impor barreiras financeiras à leitura da história, livrando você, leitor, de todos esses custos.

O autor deste livro gratuito, porém, tem as mesmas manias que os autores dos livros consagrados, como alimentar-se, vestir-se, instruir-se... E todas essas coisas custam.

Portanto, **se você gostou do livro** e sente que deve reconhecer o trabalho do autor – bem como estimulá-lo a prosseguir com a escrita – pode definir um valor e entrar em contato para obter informações de como enviá-lo:

alvaro@amplitudo.com.br

Obs.: Se no momento em que você lê esta mensagem esse e-mail não mais estiver disponível, saiba que eu provavelmente continuo me alimentando e me vestindo em algum lugar, tendo apenas deixado de usar o e-mail por uma razão qualquer. Você, no entanto, certamente poderá obter informações atualizadas aqui:
www.amplitudo.com.br/havien